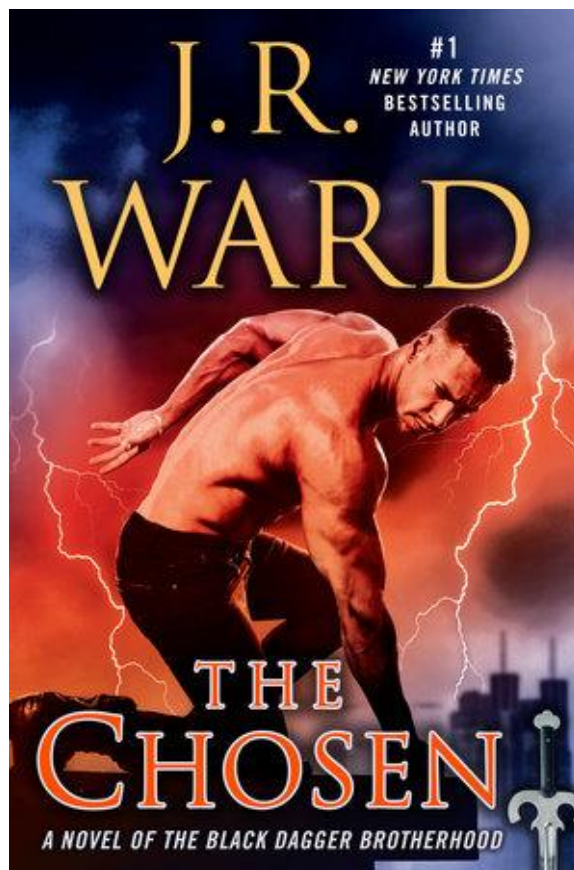


J.R. WARD



A Escolhida

The Black Dagger Brotherhood 15

Projeto Revisoras
Traduções





Um amor proibido escaldante ameaça dividir a Irmandade da Adaga Negra.

Xcor, líder do Bando de Bastados, condenado por traição contra o Rei Cego, está enfrentando um brutal interrogatório e morte torturante nas mãos da Irmandade da Adaga Negra. No entanto, após uma vida marcada por crueldade e maldades, ele aceita o destino de seus soldados, seu único pesar é a perda de uma fêmea sagrada que nunca foi sua: a Escolhida Layla.

Só Layla sabe a verdade que salvará a vida de Xcor. Mas revelar o sacrifício dele e sua herança escondida vai expor a ambos e destruir tudo que Layla mais preza — até mesmo seu papel de mãe para seus preciosos filhos. Dividida entre o amor e a lealdade, ela deve arrumar a coragem para se levantar contra a única família que tem, para o único homem que ela algum dia vai amar. No entanto, mesmo que de alguma forma seja concedido um indulto a Xcor, ele e Layla teriam que enfrentar um desafio mais grave: atravessar o abismo que divide seus mundos sem pavimentar o caminho para um futuro ainda maior de guerra, desolação e morte.

Quando um perigoso velho inimigo retorna a Caldwell, e a identidade de uma nova divindade é revelada, nada é certo ou seguro no mundo da Irmandade da Adaga Negra, nem mesmo o verdadeiro amor... Ou destinos que por muito tempo pareciam gravados em pedra.

Para você:

Depois de todo este tempo,

você foi escolhida.

Bem-vinda ao lar.



Glossário de Termos e Nomes Próprios

Ahstrux Nohtrum (n.) Guarda particular com licença para matar, cujo posto é concedido a ele ou ela pelo Rei.

Ahvenge (v.) Cometer um ato de retribuição mortal, realizado geralmente por um homem amado.

Irmandade da Adaga Negra (pr. n.) Guerreiros vampiros altamente treinados que protegem sua espécie contra a Sociedade *Lesser*. Como resultado da seleção genética de sua raça, os Irmãos possuem uma imensa força física e mental, assim como uma rápida capacidade de se curar. A maior parte deles não são irmãos de sangue, e são introduzidos na Irmandade por nomeação pelos Irmãos. Agressivos, autossuficientes e reservados por natureza, vivem separados do resto dos civis, mantendo pouco contato com os membros de outras classes, exceto quando precisam se alimentar. Eles são temas de lendas e objeto de reverência dentro do mundo dos vampiros. Podem ser mortos apenas pela mais séria das feridas, por exemplo, um disparo ou punhalada no coração, etc.

Escravo de sangue (n.) Macho ou fêmea vampiro que foi subjugado para cobrir as necessidades de sangue de outro vampiro. A prática de manter escravos de sangue foi recentemente declarada ilegal.

As Escolhidas (pr. n.) Fêmeas vampiras que foram criadas para servir a Virgem Escriba. São consideradas membros da aristocracia, embora sejam um tanto mais espiritualmente do que temporalmente focadas. Têm pouca ou nenhuma interação com os machos, porém podem se emparelhar com Irmãos por ordem da Virgem Escriba para propagar sua classe. Algumas possuem o dom de prever o futuro. No passado, eram usadas para cobrir as necessidades de sangue dos membros não emparelhados da Irmandade, e essa prática foi reinstalada pelos Irmãos.

Chrih (n.) Símbolo de morte honrosa na Antiga Língua.

Cohntehst (n.) Conflito entre dois machos competindo pelo direito de ser o companheiro de uma fêmea.

Dhunhd (pr. n.) Inferno.

Doggen (n.) Membros da classe servente do mundo vampírico. Os *Doggens* têm antigas e conservadoras tradições sobre como servir a seus superiores, segundo um código formal de vestimenta e comportamento. Eles são capazes de sair durante o dia, mas envelhecem relativamente rápido. A expectativa de vida é de aproximadamente quinhentos anos.

Ehros (pr. s.) Uma *Escolhida* treinada nos assuntos das artes sexuais.

Exhile Dhoble (pr. n.) O gêmeo malvado ou amaldiçoado, aquele nasce em segundo lugar.

O Fade (n.) Reino atemporal onde os mortos se reúnem com seus entes queridos e passam a eternidade.

Primeira Família (n.) O rei e a rainha dos vampiros, e quaisquer filhos que possam ter.

Ghardian (n.) Guardiã de um indivíduo. Há vários níveis de *ghardians*, com o mais poderoso sendo uma fêmea *sehcluded*.

Hyslop (n. Ou v.) Termo que se refere a um lapso de julgamento, tipicamente resultando no comprometimento das operações mecânicas de um veículo ou transporte motorizado de algum tipo. Por exemplo, deixando as chaves no carro enquanto está estacionado fora da casa da família durante a noite.

Glymera (n.) O núcleo social da aristocracia, aproximadamente o equivalente a corte no período da regência na Inglaterra.

Hellren (n.) Vampiro macho que se emparelhou com uma fêmea. Os machos podem ter mais de uma fêmea como companheira.

Leahdyre (n.) Uma pessoa de poder e influência.

Leelan (n.) Um termo carinhoso livremente traduzido como “querido (a)”.

Sociedade Lesser (pr. n.) Ordem de assassinos reunidos pelo Ômega com o propósito de erradicar a espécie dos vampiros.

Lesser (n.) Humanos sem alma que se dedicam a exterminar vampiros, como membros da *Sociedade Lessening*. Os *Lessers* devem ser transpassados por uma punhalada no peito para serem mortos. Não comem ou bebem e são impotentes. Com o passar do tempo, seus cabelos, pele e íris perdem a pigmentação até que se tornam loiros pálidos e com os olhos claros. Cheiram a talco de bebê. Introduzidos na Sociedade pelo Ômega, eles retêm um jarro de cerâmica onde consequentemente seu coração é colocado depois de ser removido.

Lewlhen (n.) Dom.

Lheage (n.) Um termo de respeito utilizado por um submisso sexual para se referir a sua dominante.

Lhenihan (pr.n) Uma fera mística famosa por suas proezas sexuais. Na gíria moderna, refere-se ao macho de tamanho sobrenatural e vigor sexual.

Lys (n.) Ferramenta de tortura usada para remover os olhos.

Mahmen (n.) Mãe. Usado tanto como um identificador quanto um termo de afeição.

Mhis (n.) O disfarce de um dado ambiente físico; a criação de um campo de ilusão.

Nalla (n., f.) ou Nallum (n., m.) Amada (o).

Período de necessidade (n.) Período de fertilidade das fêmeas vampiras, geralmente com duração de dois dias e acompanhado de um forte e ardente desejo sexual. Acontece aproximadamente cinco anos após a transição de uma fêmea e, posteriormente, uma vez a cada dez anos. Todos os machos respondem em algum grau se estiverem perto de uma fêmea em seu período. Pode ser um momento perigoso com conflitos e brigas surgindo entre machos competindo, particularmente se a fêmea não é acasalada.

Newling (n.) Uma virgem.

Ômega (Pr. n.) Ser místico e malévolo que quer exterminar a raça vampírica devido ao ressentimento que tem em relação à Virgem Escriba. Existe em um reino atemporal e possui extensivos poderes, embora não o poder de criação.

Phearsom (adj.) Termo referente a potência dos órgãos sexuais masculinos. A tradução literal seria algo como “digno de penetrar uma mulher”.

Princeps (n.) O mais alto nível da aristocracia vampírica, superado apenas pelos membros da Primeira Família ou pelas *Escolhidas* da Virgem Escriba. É um título que se deve ter por nascimento, não pode ser concedido.

Pyrocant (n.) Refere-se a uma fraqueza crítica em um indivíduo. A fraqueza pode ser interna, como um vício, ou externa, como um amante.

Rahlman (n.) Salvador.

Rythe (n.) Forma ritual de lavar a honra, oferecida pelo ofensor ao ofendido. Se aceito, o ofendido escolhe uma arma e ataca o ofensor, que se apresenta perante ele sem se defender do ataque.

A Virgem Escriba (pr.n) Força mística quem foi conselheira do rei como guardiã dos registros vampíricos e dispensadora de privilégios. Existe em um reino atemporal e possui grandes poderes. Capaz de um único ato de criação, que usou para trazer os vampiros à existência.

Sehclusion (n.) Status conferido pelo rei a uma fêmea da aristocracia como resultado de uma petição pela família desta. Coloca a fêmea debaixo da autoridade exclusiva de seu *ghardian*, tipicamente o macho mais velho da família. Seu *ghardian* tem então o direito legal de determinar toda sua forma de vida, restringindo à vontade qualquer e toda interação que ela tenha com o mundo.

Shellan (n.) Vampira que se emparelhou com um macho. Fêmeas geralmente não tomam mais de um companheiro devido à natureza altamente territorial dos machos vinculados.

Symphath (n.) Subespécie do mundo vampírico caracterizada pela habilidade e desejo de manipular as emoções dos demais (com o propósito de uma troca de energia), entre outras peculiaridades. Historicamente, tem sido discriminados e durante certas épocas, caçados pelos vampiros. Eles estão próximos à extinção.

A Tumba (Pr. N.) Cripta sagrada da Irmandade da Adaga Negra. Utilizada como local cerimonial, assim como instalação de armazenamento para os jarros dos *lessers*. As cerimônias realizadas ali incluem: iniciações, funerais e ações disciplinares contra os Irmãos. Ninguém pode entrar, exceto os membros da Irmandade, a Virgem Escriba ou os candidatos à iniciação.

Trahyner (n.) Palavra usada entre machos de mútuo respeito e afeição. Traduzido livremente como “querido amigo”.

Transição (n.) Momento crítico na vida dos vampiros quando ele ou ela se transforma em adulto. A partir daí, ele ou ela precisa beber sangue do sexo oposto para sobreviver e incapaz de suportar a luz do sol. Geralmente, ocorre por volta dos vinte e cinco anos. Alguns vampiros não sobrevivem à transição, machos em particular. Antes da mudança, os vampiros são fisicamente frágeis, inaptos ou indiferentes ao sexo e incapazes de se desmaterializar.

Vampiro (n.) Membro de uma espécie distinta da *Homo sapiens*. Vampiros devem beber sangue do sexo oposto para sobreviver. O sangue humano os mantém vivos, embora a força não dure muito tempo. Depois de suas transições, o que ocorre entre os vinte e trinta anos, eles são incapazes de se expor a luz do sol e devem se alimentar diretamente da veia regularmente. Os vampiros não podem “converter” humanos através de uma mordida ou transfusão de sangue, embora em raras ocasiões possam se reproduzir com

membros de outras espécies. Podem desmaterializar-se à vontade, porém devem se acalmar e se concentrar para fazê-lo, e não podem carregar nada pesado com eles. São capazes de extrair as lembranças de um humano, contanto que tais lembranças sejam de curto prazo. Alguns vampiros são capazes de ler mentes. A estimativa de vida é superior a mil anos, ou em alguns casos ainda maior.

Wahlker (n.) Um indivíduo que morreu e voltou à vida do *Fade*. A eles é concedido um grande respeito e são reverenciados por suas tribulações.

Whard (n.) Equivalente a padrinho ou madrinha de um indivíduo.

PRÓLOGO
VELHO PAÍS, 1731

A luz do fogo lançada de um poço raso arranhava através das paredes úmidas da caverna, a superfície da rocha áspera sangrando. Lá fora do ventre de terra, uma grande tempestade de neve rugia, uivos do vento implacável ecoando na garganta do abrigo se juntando aos gritos da fêmea sobre o catre de parto.

— É um jovem macho — ela ofegou um pouco enquanto tinha uma contração. — Um macho!

Sobre o corpo dela reclinado e esticado, agigantando-se como uma maldição sobre ela, o Irmão da Adaga Negra, Hharm, não ligava nada para sua dor.

— Vamos saber em breve.

— Você vai me fazer sua companheira. Você prometeu...

Suas palavras sufocaram e seu rosto se contraiu em feiura quando suas entranhas se contorceram para expulsar seu progênito, e enquanto ele testemunhava, Hharm refletiu o quão pouco atraente esta aristocrata estava em seu trabalho de parto. Ela não era assim quando ele a conheceu e seduziu. Então ela tinha sido adequada e de pele acetinada, um recipiente apropriado para seu legado com pele perfumada e viçosa, cabelos brilhantes. Agora? Ela não passava de um animal suado e pegajoso, e por que isso demorava tanto? Ele estava tão entediado com o processo, ofendido que tivesse que atender a ela. Este era o trabalho para as fêmeas, não um guerreiro como ele.

Mas não iria se acasalar com ela a menos que tivesse que fazê-lo.

Se este era o filho pelo qual ele rezara? Então sim, ele legitimaria o bebê através de uma cerimônia apropriada e daria a essa fêmea o status que ela estava clamando o direito. Se não? Ele se afastaria e ela não diria nada, porque aos olhos de sua classe, ela tinha ficado suja, sua pureza perdida quando tinha feito sexo.

Na verdade, Hharm decidiu que estava na hora de se estabelecer. Depois de séculos de libertinagem e depravação, sua idade estava avançando e ele estava pensando sobre o legado que ele deixaria para trás. Na atualidade, bastardos abundavam, frutos de sua pélvis que ele não conhecia, não se importava, nunca se relacionaria, e por tanto tempo isso tinha sido um subproduto aceitável dele ser responsável perante nada e ninguém.

Agora, porém... ele se encontrava querendo uma árvore genealógica apropriada. E havia também a questão de um número de dívidas de apostas, algo que o pai desta fêmea poderia prontamente liberar para ele, embora de novo, se este não fosse um filho, não acasalaria. Ele não estava louco, nem disposto a se prostituir por dinheiro.

Além disso, havia inúmeras mulheres da glymera que cobiçava o status que vinha do acasalamento com um membro da Irmandade da Adaga Negra.

Hharm não se comprometeria até que tivesse um macho descendente para criar adequadamente a partir desta noite.

— Oh, componha-se — ele estalou enquanto ela gritava de novo e seus ouvidos zumbiam. — Fique em silêncio.

Contudo, mesmo com isso acontecendo, ela o desafiou.

— Está vindo...! Seu filho está chegando!

A roupa que ela estava usando foi arrastada até a base de seus seios distendidos por suas mãos torcidas em punhos, sua barriga esticada e arredondada colocada em uma exibição desavergonhada, suas coxas magras e pálidas espalhadas de lado. O que transparecia em seu núcleo era nojento, o que deveria ter sido uma delicada e adorável entrada para aceitar a excitação de um macho, vazando todo o tipo de fluído e despejo, a carne inchada e distorcida.

Não, ele nunca mais penetraria aquilo novamente. Filho ou Nada, acasalando ou não, a depravação diante de seus olhos agora era nada que ele poderia presenciar.

Felizmente, acasalamentos de conveniência eram comuns entre os aristocratas, não que ele teria se importado se não fossem. As necessidades dela não era o que importava.

— Ele está vindo para você! — ela gritou enquanto sua cabeça caía para trás e seus dedos arranharam a terra debaixo dela. — Seu filho... ele está vindo para você!

Hharm franziu o cenho e então arregalou seu olhar e sua postura. Ela não calculou mal. Na verdade, havia uma coisa que emergia de seu interior... era ...

Uma abominação. Uma terrível deformidade...

Um pé. Era um pé?

— Tire seu filho do meu corpo — ela ordenou entre ofegos. — Tire-o de mim e segure-o contra os batimentos de seu coração, saiba que ele é carne de sua carne!

Com suas armas e seu equipamento de batalha preso nele, Hharm abaixou de joelhos quando um segundo pé emergiu.

— Puxe-o! Puxe-o! — O sangue saiu e a fêmea gritou novamente, e a criança não mudou sua posição. — Ajude-me! Ele está asfixiado!

Hharm se afastou dessa confusão complicada e se perguntou quantas das fêmeas que ele tinha engravidado tinham passado por isso. Era sempre tão desagradável, ou ela era apenas fraca?

Na verdade, ele deveria tê-la deixado fazer isso sozinha, mas não confiava nela. A única maneira que ele poderia ter certeza de que seu bebê era macho era estar na cama de parto. Caso contrário, ele não teria passado por ela para trocar uma filha muito menos desejável pela cobiçada prole masculina... da genitália de outros.

Esta era, afinal de contas, uma transação negociada e ele sabia muito bem como tais coisas eram prontamente adulteradas.

O som que surgiu no fundo da garganta aberta da fêmea foi de tal volume e duração que parou seus pensamentos. Então veio o grunhir, as mãos sujas e ensanguentadas da mulher segurando o interior de suas coxas, e puxando para cima e para fora, alargando a abertura em seu ápice. E justo quando ele pensou que com certeza que ela estava morrendo, quando ele debatia se teria de enterrar os dois — e ele prontamente decidiu que não, já que as criaturas da floresta iriam consumir os restos prontamente — o bebê avançou uma distância, limpando algum obstáculo interno.

E lá estava.

Hharm se lançou para frente.

— Meu filho!

Sem outro pensamento, ele estendeu suas mãos e agarrou os tornozelos escorregadios. Estava vivo, o bebê estava chutando com força, lutando contra o confinamento do canal de parto.

— Venha para mim, meu filho — ordenou Hharm enquanto puxava.

A fêmea se contorceu em agonia, mas ele não pensou nela. As mãos — minúsculas e perfeitamente formadas — apareceram em seguida, junto com a barriga arredondada e o tórax que, em sua forma nascente, prometia uma grande largura.

— Um guerreiro! É um guerreiro! — O coração de Hharm batia acelerado, seu triunfo trovejando em seus ouvidos. — Meu filho deve levar adiante o meu nome! Ele será conhecido como Hharm como eu fui antes dele!

A fêmea levantou a cabeça, as veias em seu pescoço como cordas grosseiras debaixo de sua pele muito pálida.

— Você deve se acasalar comigo — ela falou com a voz áspera. — Jure... jure por sua honra ou vou segurá-lo dentro de mim até que ele fique azul e entre no Fade.

Hharm sorriu friamente, mostrando as presas. E então desembainhou uma de suas adagas negras de seu peito. Angulou a ponta afiada para baixo, colocou-a sobre a parte mais baixa da barriga dela.

— Eu vou estripar você como um cervo para livrá-la disso mais facilmente, nalla.

— E quem alimentaria seu precioso filho? Sua semente não sobreviveria sem mim para socorrê-lo.

Hharm pensou sobre a tempestade furiosa lá fora. Como estavam longe dos assentamentos de vampiros.

— Você vai se acasalar comigo como prometeu — ela gemeu. — Jure!

Os olhos dela estavam injetados de sangue e enlouquecidos, seus cabelos longos emaranhados e suados, seu corpo nada que ele jamais pudesse ficar duro de novo. Mas sua lógica o prendeu. Perder o que ele queria em face exatamente do que estava preparado para fazer simplesmente por que ela estava apresentando isso como seu desejo, não era um curso sábio.

— Eu juro — murmurou ele.

Com isso, ela deitou a cabeça novamente. E sim, agora ele a ajudaria, puxando no ritmo dos empurrões dela.

— Ele está vindo... ele está...

O bebê saiu dela numa investida, fluído estourando com ele, e quando Hharm pegou seu filho em suas palmas, conheceu uma inesperada alegria que era tão ressonante...

Seus olhos se estreitaram enquanto lançava sua visão sobre o rosto. Pensando que havia uma membrana ou similar mascarando o bebê, ele desceu sua mão pelas feições do que era uma mistura sua com a da fêmea.

Lamentavelmente... nada mudou.

— Que maldição é essa? — Ele exigiu. — Que maldição... é essa!

MONTANHAS DE CALDWELL, NOVA YORK, DIAS ATUAIS

A Irmandade da Adaga Negra estava mantendo-o vivo para que pudessem matá-lo.

Devido à soma dos feitos de Xcor, que tinham sido no seu melhor violentas, e no seu pior, totalmente depravadas, esse parecia um fim justo para ele.

Ele nasceu em uma noite de inverno durante uma histórica nevasca. No fundo de uma caverna suja e úmida, enquanto as rajadas geladas destruíam o Velho País, a fêmea que o havia carregado gritava e sangrava para entregar ao Guerreiro da Adaga Negra Hharm, o filho que ele havia exigido dela.

Ele havia sido desesperadamente desejado.

Até ele nascer completamente.

E esse foi o começo de sua história... a qual o tinha trazido até aqui.

Em outra caverna. Em outra noite de Dezembro. E assim como no seu nascimento, o vento uivou para cumprimentá-lo, apesar de que desta vez era um retorno à consciência, ao contrário do expelir dentro da vida, independente de quem o trouxe a ela.

Assim como um recém-nascido, ele tinha pouco controle sobre seu corpo. Estava incapacitado e isso teria sido verdade, mesmo sem as correntes de aço e barras que estavam cruzadas sobre seu peito, seus quadris e suas coxas. Máquinas, em contraste com o lugar rústico, bipavam atrás da sua cabeça, monitorando sua respiração, ritmo cardíaco e pressão sanguínea.

Com toda a facilidade de uma engrenagem não lubrificada, seu cérebro começou a funcionar propriamente debaixo de seu crânio, e quando pensamentos finalmente aglutinaram e formaram sequências racionais, lembrou-se da série de eventos que tinha resultado nisso, o líder do Bando de Bastardos caindo em custódia dos que foram seus inimigos: um ataque pelas costas, uma queda impactante, um derrame ou algum golpe que o tinha colocado nos aparelhos de suporte de vida.

Para a misericórdia não existente dos Irmãos.

Ele tinha acordado uma ou duas vezes durante seu cativeiro, gravando seus captores e seus arredores nesse corredor de terra batida que tinha inexplicáveis prateleiras com jarros de todos os tipos. O retorno à consciência nunca durava muito, entretanto a conectividade em sua arena mental era insustentável por qualquer período de tempo.

No entanto, essa emergência era diferente. Ele podia sentir a mudança em sua mente. O que quer que tenha sido machucado havia finalmente sido curado, e estava de volta do campo nebuloso do nem-vida-nem-morte, e permanecendo no lado vital.

—... realmente se preocupar é Tohr.

O final da frase dita por um macho entrou nos ouvidos de Xcor como uma série de vibrações, a tradução estava atrasada, e enquanto as palavras capturavam as sílabas, ele moveu seus olhos naquela direção. Duas figuras pesadamente armadas de preto estavam de costas para ele e tornou a fechar os olhos, não querendo revelar a mudança na sua situação. As identidades deles, no entanto, tinham sido devidamente anotadas.

— Não, ele está de boa — houve um leve som de raspar e ele sentiu o rico cheio de tabaco. — E se ele tiver uma recaída, eu estarei lá.

A voz grave que tinha falado primeiro tornou-se seca.

— Para acorrentar nosso irmão de volta na linha ou para ajudar a assassinar esse pedaço de carne?

O Irmão Vishous riu como um serial killer.

— Que visão mais fodida você tem de mim.

É de se espantar que não estejamos melhor alinhados, pensou Xcor. Esses machos tinham tanta sede de sangue quanto ele.

No entanto, tal aliança nunca aconteceria. A Irmandade e os Bastardos estiveram sempre em lados opostos a monarquia de Wrath, a linha divisória marcada pelo caminho da bala que Xcor tinha colocado na garganta daquele leal líder da raça vampírica.

E o preço da sua traição seria exigido aqui e logo sobre ele.

Claro, a ironia era que uma força contrária tinha intercedido sobre seu destino e levado sua ambição e foco para bem distante do trono. Não que a Irmandade soubesse disso e nem ligariam. Em adição a compartilharem um apetite pela Guerra, ele e os Irmãos tinham em comum outro traço fundamental: perdão era para os fracos, perdoar um ato patético, pena capacidade possuída por fêmeas, nunca por guerreiros.

Mesmo que eles se tornassem cientes que ele não sentia mais qualquer agressão em relação à Wrath, eles não o libertariam por conta do que ele tão merecidamente tinha ganhado. E dado tudo que havia transpirado, ele não estava amargo ou com raiva sobre o que estava vindo em seu caminho. Era a natureza do conflito.

Porém, ele se encontrava entristecido, algo que não era familiar em sua constituição.

Em sua memória, uma imagem veio à mente e tomou seu ar. Era de uma fêmea alta, magra em um manto branco de Escolhida sagrada da Virgem Escriba. Seus cabelos loiros desciam em ondas sobre os ombros até os quadris e esvoaçavam na brisa suave, e seus olhos eram da cor de jade, seu sorriso uma benção que ele não tinha feito nada por merecer.

A Escolhida Layla foi o que mudou tudo pra ele, lançando a Irmandade de alvo para tolerável, de inimigos para locatários coexistentes no mundo.

No ano e meio que Xcor a tinha conhecido, ela teve mais efeito sobre sua alma negra do que qualquer um que veio antes, fazendo com que ele evoluísse uma maior distância em muito menos tempo do que ele jamais pensou ser possível.

O *Dhestroyer*, amigo do irmão Vishous, falou de novo.

— Na verdade, eu concordo com Tohr em fazer esse fodido em pedaços. Ele merece o direito.

O Irmão Vishous amaldiçoou.

— Nós todos merecemos. Será difícil nos certificarmos de que reste coisa alguma no final para ele dar conta.

E aqui estava o dilema, Xcor pensou por trás das suas pálpebras fechadas. O único modo possível de sair desse cenário mortal era revelar o amor que ele tinha encontrado por uma fêmea que não era dele, nunca tinha sido, e nunca seria.

Mas ele não sacrificaria a Escolhida Layla por nada ou ninguém.

Nem mesmo para se salvar.

Enquanto Tohr andava através da floresta de pinheiros da montanha da Irmandade, suas botas de combate amassavam o chão congelado e um vento forte o acertava direto no rosto. Em seu caminho, tão perto de seus calcanhares quanto sua sombra, ele podia sentir suas perdas seguindo com ele, numa formação sombria, triste, tão tangível como correntes.

A sensação de que estava sendo perseguido pelos seus mortos o fez pensar sobre todos aqueles programas paranormais de TV, aqueles que tentavam identificar se fantasmas realmente existiam. Que monte de merda que aquilo era. A histeria humana ao redor das supostas entidades místicas flutuando nas escadarias, e fazendo a casa ranger com pegadas desencarnadas era tão característico daquela espécie egoísta criadora de dramas e de lessers. Era mais uma coisa que Tohr odiava sobre eles.

E como de costume, eles não entendiam.

Os mortos absolutamente assombravam você, correndo seus dedos gelados como a dizer “lembre-se de mim” sobre a sua nuca até que você não conseguisse decidir se queria gritar de saudades... ou queria ser deixado em paz.

Eles perseguiam suas noites e seus dias, deixando um campo minado com gatilhos de tristeza em seu caminho.

Eles eram seu primeiro e último pensamento, o filtro que você tentava afastar, a barreira invisível entre você e qualquer outra pessoa.

Às vezes, eles eram mais parte de você do que as pessoas em sua vida que você podia realmente tocar e abraçar.

Então, sim, ninguém precisava de um programa de TV idiota para provar o que ele já sabia: mesmo Tohr tendo encontrado amor com outra fêmea, sua primeira *shellan*, Wellsie, e o filho não nascido que ela estava carregando quando foi morta pela Sociedade Lesser, nunca estavam mais longe dele do que sua própria pele.

E agora tinha acontecido outra morte na Mansão da Irmandade.

A companheira de Trez, Selena, tinha ido para o Fade a meros meses atrás, falecendo de uma doença para a qual não havia cura nem alívio, e nenhum entendimento.

Tohr não tinha dormido de verdade desde então.

Focando novamente nas sempre-vivas ao seu redor, ele se abaixou e empurrou o galho para longe do seu caminho e então andou para o lado, passando pelo tronco caído. Ele podia ter desmaterializado até seu destino, mas seu cérebro estava se chocando tão violentamente contra a prisão do seu crânio que duvidava que pudesse se concentrar o bastante para virar fantasma.

A morte de Selenia tinha sido um dos fodidos gatilhos pra ele, um evento afetando terceiros que tinha não menos que pegado seu globo de neve e sacudido tão forte que seus flocos de neve internos estavam flutuando ao redor e se recusando a repousar.

Ele estava lá embaixo no centro de treinamento quando ela tinha sido chamada para o Fade, e o momento da sua morte não tinha sido silenciosa. Tinha sido marcada pelo som da alma de Trez se rasgando, o áudio equivalente de uma lápide — e Tohr conhecia aquilo muito bem. Ele mesmo havia feito isso quando contaram sobre a morte da sua própria fêmea.

Então, sim, nas asas da agonia do seu amor, Selenia tinha sido carregada da terra até o Fade...

Arrastar-se para fora desse ciclo cognitivo era como tentar puxar um carro de um barranco, o esforço exigido era tremendo, o progresso feito milímetro a milímetro.

Porém, mais adiante através da floresta, através dos bosques, através da noite de inverno, esmagando o que estava sob os pés, com aqueles seus fantasmas sussurrando atrás dele.

A Tumba era o *sanctum sanctorum* da Irmandade da Adaga Negra, aquele lugar escondido onde as iniciações ocorriam, reuniões secretas eram sediadas, e os jarros dos *lessers* eram guardados. Localizado fundo na terra em um labirinto criado pela natureza, tradicionalmente era um lugar fora dos limites para qualquer um que não tinha passado pela cerimônia e marcado como um irmão.

Essa regra tinha sido mudada, no entanto, ao menos no que dizia respeito a sua entrada a um quarto de milha.

Enquanto se aproximava do sistema de entrada discreto da caverna, ele parou de chofre e sentiu sua raiva surgir.

Pela primeira vez em seu mandato como um irmão, ele não era bem-vindo.

Tudo por causa de um traidor.

O corpo de Xcor estava lá no interior mais distante dos portões, a meio caminho descendo o corredor de prateleiras deitado em uma maca, sua força vital monitorada e mantida por máquinas.

Até que o bastardo acordasse e pudesse ser interrogado, Tohr não era permitido entrar.

E seus irmãos estavam certos em não confiar nele.

Quando ele fechava os olhos, via seu Rei atingido por uma bala na garganta, revivia o momento quando a vida de Wrath estava escapando junto com seu sangue vermelho, reformulava aquela cena quando Tohr teve que salvar o último vampiro de raça pura no planeta cortando um buraco na frente da sua garganta e enfiando um canudo da sua garrafa Camelbak em seu esôfago.

Xcor tinha ordenado o assassinato. Xcor tinha dito a um de seus guerreiros para colocar uma bala através da carne daquele macho de valor, tinha feito um complô com a *Glymera* para destronar o governante de direito, mas o filho da puta tinha falhado. Wrath tinha vivido apesar das probabilidades, e na primeira eleição democrática da história da raça, tinha sido apontado o líder de todos os vampiros, uma posição que agora ele mantinha por consenso ao contrário da linha de sangue.

Então foda-se, muito obrigado, seu filho da puta.

Fechando suas mãos em punhos, Tohr facilmente ignorou o estalar das suas luvas de couro e a contração ao longo do topo das articulações dos dedos. Tudo que ele conhecia era um ódio tão profundo que era uma doença mortal.

O destino tinha achado justo tirar três, dele e dos seus: o Destino tinha roubado dele sua *shellan* e seu filho, e tomado o amor de Trez. Você quer falar sobre equilíbrio do universo? Ótimo. Ele queria seu equilíbrio, e isso só iria chegar quando ele quebrasse o pescoço do Xcor e arrancasse o fodido coração quente entre suas costelas.

Já estava na hora de uma fonte do mal sair de circulação e seria ele quem iria igualar o placar.

E a espera agora havia acabado. Por mais que ele respeitasse seus irmãos, tinha cansado de esfriar a cabeça. Essa noite era um aniversário triste pra ele e daria ao seu luto um presentinho especial.

Hora da festa.

DOIS

A cuba de cristal era tão limpa, tão livre das bolhas de sabão, pó e detritos que seu corpo era como se feito de ar e água juntos: totalmente invisível.

Meio cheia, a Escolhida Layla se perguntou, ou meio vazia?

Sentada num banquinho acolchoado entre duas pias com entalhes dourados diante de um grande espelho folheado a ouro que refletia a profunda banheira atrás dela, então olhou fixamente a superfície do líquido. O menisco era côncavo, a água tocando ligeiramente as bordas internas do vidro como se suas moléculas mais ousadas buscassem fugir de seu confinamento.

Ela respeitava o esforço enquanto lamentava sua futilidade. Ela sabia bem o que era querer ser livre daquilo em que você havia sido colocado contra sua própria vontade.

Por séculos ela havia sido a água no vidro, derramada involuntariamente por virtude unicamente de seu nascimento, a serviço da Virgem Escriba. Assim como suas irmãs, por muito tempo ela havia cumprido os deveres sagrados das Escolhidas no Santuário, adorando a mãe da raça, registrando os eventos na Terra para a posteridade da raça vampírica, esperando um novo Primale ser designado e assim poder engravidar e dar a luz mais Escolhidas e mais Irmãos.

Mas tudo estava feito e acabado agora.

Inclinando-se sobre o vidro, ela olhou a água de perto. Havia sido treinada como *ehros* e não escriba, mas conhecia bem a prática de perscrutar a vidência nas tigelas e testemunhar a história. Dentro do Templo das Escribas, as Escolhidas eram encarregadas de registrar a história das linhagens da raça e se sentavam por horas e horas, assistindo nascimentos e mortes, amores e acasalamentos, guerras e tempos de paz, mãos esbeltas com penas sagradas pondo detalhes no pergaminho, mantendo um rastro de tudo isso.

Não havia imagens para ela ver. Não aqui na Terra.

E não havia mais testemunhas lá em cima.

Um novo Primale havia chegado, mas ao invés de se deitar com muitas fêmeas e continuar o programa de procriação da Virgem Escriba, ele deu um passo sem precedente de libertar todas elas. O Irmão da Adaga Negra Phury quebrou as tradições, os laços, os moldes, e ao fazer isso as Escolhidas que estavam presas desde seu nascimento planejado abraçaram sua libertação. Não sendo mais as vivas representações das rígidas tradições, elas se tornaram indivíduos, desenvolvendo seus próprios gostos e repulsas, mergulhando os pés em águas da realidade terrena, buscando e encontrando destinos ao redor de si mesmas, não de servir.

E ao fazer isso, ele pôs em movimento o fim do imortal.

A Virgem Escriba não existia mais.

O filho dela, o Irmão da Adaga Negra Vishous, procurou-a no Santuário lá em cima apenas para descobrir que ela havia partido, deixando uma última mensagem escrita no vento apenas para seus olhos.

Ela disse que tinha um sucessor em mente.

Ninguém sabia quem era.

Sentando-se novamente, Layla reparou na túnica branca que usava. Não era o tipo sagrado que ela usara durante todos aqueles anos. Não, esta aqui era de um lugar chamado Pottery Barn, e Quinn havia lhe comprado ainda na semana passada. Com o inverno chegando pesado, ele estava preocupado com a mãe de seus filhos se manter aquecida, sempre se preocupando com seu bem estar.

A mão de Layla foi para seu estômago agora plano. Depois de carregar sua filha Lyric, e seu filho Rhampage, dentro do corpo por tantos meses, era tanto estranho quanto familiar não ter nada dentro de seu útero...

Vozes murmuradas, altas e baixas, entraram por baixo da porta que ela havia fechado.

Ela veio de seu quarto para o banheiro usar o sanitário.

Ficou ali de pé após lavar suas mãos.

Quinn e Blay, como sempre, estavam com as crianças. Abraçando-os. Conversando com eles.

A cada noite ela tinha que se preparar para testemunhar o amor, não entre eles e as crianças... mas entre os dois machos. De fato, os pais exibiam uma ressonante e resplandecente conexão um com o outro, e embora fosse bonito, seu esplendor fazia com que ela sentisse ainda mais o frio vazio dentro de sua própria existência.

Afastando uma lágrima, ela se forçou a recompor. Não podia voltar ao quarto com olhos muito brilhantes, um nariz vermelho e a bochechas inchadas. Deveria ser um momento feliz para sua família de cinco pessoas. Agora, com os gêmeos tendo sobrevivido ao parto de emergência e Layla estando bem, era pra todos estarem aliviados e felizes que todos estavam sãos e salvos.

Era uma vida feliz para ser vivida.

Ao invés disso, ela era ainda a água triste no vidro invisível, clamando para se libertar.

Dessa vez, porém, tinha feito sua própria prisão ao invés de ter dado azar na piscina genética.

A definição de traição, pelo menos de acordo com o dicionário, era “a ação de trair alguém ou alguma coisa”...

O bater na porta foi suave.

— Layla? — Ela fungou e abriu uma das torneiras.

— Oi!

A voz de Blay era suave, como era de seu feitio.

— Está tudo bem aí?

— Sim, claro. Decidi dar a mim mesma um momento de tratamento facial. Estou saindo.

Ficando em pé, curvando-se e molhando suas bochechas, ela esfregou uma toalha pela testa e queixo de modo que o rubor ficasse mais uniformemente espalhado em sua pele. Apertando a faixa da túnica, ela endireitou os ombros e foi para a porta, rezando para poder manter a compostura tempo suficiente para que saíssem para a Última Refeição.

Mas ela teve um adiamento.

Quando abriu a porta, Blay e Quinn não estavam nem sequer olhando em sua direção, estavam curvados sobre o berço de Lyric.

—... olhos da Layla — disse Blay enquanto esticava a mão e deixava a menina agarrar seu dedo. — Definitivamente.

— Ela vai ter o cabelo da *mahmen* dela também, veja esse loiro aparecendo. — O amor pela pequena era incandescente, brilhando em seus rostos, aquecendo suas vozes, afinando seus movimentos de forma que tudo que eles faziam era com cuidado. E ainda assim, não era isso o que Layla notava.

Seu olhar fixo trancou na palma da mão larga de Quinn subindo e descendo pelas costas de Blay. A carícia da conexão era inconsciente de ambos os lados, o oferecimento e a aceitação de ambos não era nada e era tudo que importava. E conforme testemunhava isso do outro lado do quarto, teve que piscar novamente.

Às vezes gentileza e amor eram tão difíceis de testemunhar quanto a violência. Às vezes, quando você está vendo de fora duas pessoas em sincronia era o mesmo que um filme de terror, o tipo de coisa que você quer virar o rosto, esquecer, banir da memória, especialmente quando você está a ponto de ir para a cama encerrando o dia, e encarar horas e horas de estar sozinha no escuro.

Saber que você nunca terá esse tipo de amor especial com ninguém era...

Quinn olhou de relance do outro lado do quarto para ela:

— Oh, oi.

Ele se endireitou e sorriu, mas Layla não era tola. Seus olhos a observavam como se a analisassem, ainda que não fosse exatamente o caso. Talvez fosse só sua paranoia falando.

Ela estava tão cansada de viver uma vida dupla. E ainda assim, numa espécie de cruel ironia do destino, o preço de aliviar sua consciência viria ao custo de sua própria existência.

E como ela poderia deixar seus filhos para trás?

—... ok, Layla?

Quando Quinn a olhou, Layla se sacudiu interiormente e sorriu.

— Oh, estou muito bem — assumindo que ele estava perguntando sobre seu bem estar. — Bastante bem, na verdade.

Buscando provar a mentira, ela se aproximou dos berços. Rhampage, ou Rhamp, como era chamado, estava lutando com o sono e enquanto sua irmã fazia um som de arrulhar do outro lado, ele virou sua cabeça e estendeu a mão em sua direção.

Engraçado, mesmo tão novinho ele parecia reconhecê-la e protegê-la.

Era a genética. Quinn, um membro da aristocracia, foi o resultado de gerações de emparelhamentos selecionados e mesmo com seu “defeito” de ter um olho azul e outro verde que o fez ser desprezado em sua família e pela *glymera*, a natureza venerável de sua linhagem de sangue não podia ser negada. E nem o impacto de sua presença física. Com mais de 1,98m de altura, seu corpo moldado com dezenas de músculos, sua carne trabalhada tanto pelo treino quanto pela guerra, tão mortal quanto as armas e adagas que portava no campo de batalha. O primeiro membro da Irmandade da Adaga Negra admitido com base no mérito e não na linhagem, ele não desapontou a grande tradição. Ele nunca desapontava ninguém.

De fato, Qhuinn era um macho muito bonito de uma maneira crua: seu rosto anguloso, seu corpo sem gordura e aqueles olhos díspares encarando sob sobrançelas escuras. Seu cabelo preto havia sido cortado curto recentemente, quase todo raspado fora a parte de cima, como resultado seu pescoço parecia supergrosso. Com os piercings prateados nas orelhas e debaixo do olho a tatuagem de lágrima de *ahstrux nohtrum* por ter servido de protetor a John Matthew, ele chamava atenção por onde passava.

Talvez porque as pessoas, tanto humanos quanto vampiros, se amedrontavam do que ele poderia ser capaz.

Blay, por outro lado, era o oposto, tão acessível quanto Qhuinn deveria ser evitado num beco escuro.

Blaylock, filho de Rocke, tinha cabelos vermelhos, com uma pele de um tom levemente mais brilhante do que a maioria das espécies. Ele era grande, mas quando se estava por perto dele a primeira impressão que passava era amigável e inteligente no lugar de força. Ainda assim, ninguém discutia o quanto ele era impressionante no campo de batalha. Layla ouviu as histórias, ainda que nunca dele, ele nunca se gabava, criava drama desnecessário ou chamava atenção para si mesmo.

Ela amava os dois de todo o coração.

E a separação que sentia de ambos vinha toda do seu lado.

— Olhe pra isso — Qhuinn disse apontando para o bebê — nós temos duas criaturas especiais aqui. Bem... uma e meia.

Enquanto ele sorria, Layla não se deixava enganar. Seus olhos continuavam em seu rosto, procurando sinais do que exatamente ela tentava esconder. Para deixar isso mais difícil, ela recuou.

— Eles dormem bem, graças à Virgem Escriba... er, aos Destinos.

— Você vai vir conosco pra Última Refeição esta noite? — Ele perguntou num tom leve.

Blay assentiu.

— Fritz falou que vai cozinhar qualquer coisa que você quiser.

— Ele é sempre tão gentil — ela disse, enquanto caminhava de volta para sua cama e se deitava sobre os travesseiros. — Na verdade tive fome por volta das 2h e desci pra cozinha para comer torradas, café, suco de laranja, quase um almoço de café da manhã, de fato. Você sabe, algumas vezes uma pessoa se sente como se quisesse recomeçar a noite de novo a partir do meio.

Pena que isso só podia acontecer de maneira metafórica.

Apesar... ela teria escolhido nunca conhecer Xcor?

Sim, ela pensou. Preferia nunca ter conhecido sua existência.

O amor de sua vida, seu Blay, seu par de coração e alma... era um traidor. E suas emoções para com o macho a deixavam exposta para a bactéria da traição se espalhar.

E agora aqui estava ela, numa prisão feita por si própria, torturada pelo fato de ter se apaixonado pelo inimigo; primeiro porque fora enganada, e então porque ansiava pela presença de Xcor.

Embora eles tivessem rompido de uma forma ruim, com ele pondo um fim em seus encontros clandestinos quando ela o forçou a reconhecer seus sentimentos. E as coisas passaram de tristes para trágicas quando ele foi capturado e colocado sob custódia da Irmandade.

A princípio ela tinha sido incapaz de conseguir informações de sua condição. Mas então havia viajado ao modo das Escolhidas, podendo chegar a ele e testemunhar sua condição à beira da morte num corredor de pedra cheio de jarros de várias cores e formas.

Não havia nada que ela pudesse fazer, não sem se expor — e mesmo assim não poderia salvá-lo.

Então ela estava presa ali, como um fantasma assombrado pelas emoções e preso por uma hera venenosa que crescia com a culpa e o arrependimento, nunca podendo ser livre.

—... certo? Eu quero dizer... — enquanto Blay continuava a falar com ela sobre uma coisa ou outra, ela teve que se forçar a não esfregar os olhos —...no fim da noite quando você esteve aqui em cima com as crianças. O que não quer dizer que você não goste de ficar com eles.

Saiam, ela desejou olhando aos dois machos. *Por favor, vão embora e me deixem sozinha.*

Não é por que ela os quisesse afastados das crianças ou houvesse animosidade entre Lyric, Rhamp e seus pais. Ela só precisava respirar, e cada vez que cada um dos machos a olhava isso se tornava próximo do impossível.

— Isso não soa bem?— Perguntou Qhuinn. — Layla?

— Oh, sim claro — Ela disse sem ter ideia do que estava concordando, mas fez questão de sorrir. — Eu vou dormir agora, eles me fizeram levantar muito durante o dia.

—Eu queria que pudéssemos ajudar mais — Blay franziu o cenho. — Nós estamos a uma porta de distância.

— Vocês lutam a maior parte das noites, precisam dormir.

— O seu também é importante.

Layla moveu os olhos para os berços, e enquanto se lembrava de ninar os pequenos em seus braços e amamentá-los, sentiu-se ainda pior. Eles mereciam uma *mahmem* melhor do que ela, uma descomplicada e sem aquela carga de decisões que ela jamais deveria ter que fazer, uma descontaminada pela fraqueza por um macho da qual nem deveria ter se aproximado... muito menos amado.

— Eu importo pouco em comparação a eles — murmurou suavemente — eles são tudo.

Blay veio e tomou sua mão, seus olhos azuis eram cheios de calor.

— Não, você é tão importante quanto, e mesmo *mahmens* precisam de tempo para si mesmas.

Pra que? Ruminar seus arrependimentos? Não obrigada, ela pensou.

— Eu vou pro meu túmulo sem eles, então aproveitarei lá minha própria companhia — quando notou o quão mórbida havia soado, ela rapidamente emendou. — Além disso eles cresceram muito rápido, vai acontecer antes de nós três nos darmos conta disso.

Houve mais conversa depois disso, mas nada que ela tenha ouvido pelos gritos em sua cabeça. Mas então finalmente ela foi deixada em paz quando o casal vinculado partiu.

O fato que ela ficou tão feliz em vê-los ir era mais uma tristeza para carregar.

Saindo da cama, ela voltou aos berços, seus olhos lacrimejando novamente. Limpou suas bochechas uma e outra vez, tirou um lenço de um bolso escondido e assoou o nariz. As crianças estavam

completamente adormecidas, suas pálpebras fechadas e os rostos virados um para o outro como se estivessem se comunicando telepaticamente em seu sono. Mãozinhas perfeitas e preciosos pezinhos perfeitos, barrigas redondinhas e saudáveis protegidas por lençóis de flanela. Eles eram bons bebês, alegres e risonhos quando acordados, tranquilos e angelicais quando dormiam. Rhampage estava ganhando peso mais rápido que Lyric, mas ela parecia mais corajosa que ele, menos agitada para trocar de roupa ou tomava banho, com olhos mais focados.

Enquanto as lágrimas caíam do rosto de Layla para o carpete a seus pés, ela não sabia mais quanto tempo poderia fazer isso.

Antes que estivesse ciente do movimento, ela foi para o telefone da casa e discou os 4 dígitos.

A *doggen* que ela chamou chegou em um momento e Layla colocou sua máscara social no lugar e sorriu para a empregada com uma serenidade que ela não sentia.

— *Obrigada por tomar conta dos meus preciosos* — ela disse na Língua Antiga.

A babá respondeu com palavras felizes e olhos brilhantes, e isso foi tudo que Layla pode fazer para aguentar aqueles dois ou três segundos de comunicação. Então logo estava fora do quarto e quase corria pelo corredor de estátuas. Quando chegou nas portas na outra extremidade, empurrou-as bem arreganhadas e entrou na ala dos empregados.

Como em todas as mansões de seu tamanho e distinção, a casa da Irmandade exigia uma enorme quantidade de servos, e os quartos dos *doggen* seguiam por vários corredores, separados por idade, sexo e cargos formando uma comunidade dentro de um todo maior. Dentro do labirinto de corredores, Layla escolheu sua direção sem pensar em nada além de achar um quarto sem dono — e encontrou um a três portas de uma curva que ela fez. Entrou no espaço nu e simples e foi até a janela, quebrando-a e fechou os olhos. Seu coração batia forte e sua cabeça girava, mas ela podia respirar fundo o ar fresco e frio...

... ela desmaterializou-se através da fenda que criou se tornando uma com a noite, suas moléculas se precipitando no ar e se afastando da mansão da Irmandade.

Como sempre, a liberdade era temporária.

Mas desesperada como estava, ela aspirou aquilo como o oxigênio para quem sufocava.

TRÊS

Qhuinn era um macho bem macho. E não apenas porque ele era um lutador e tinha um companheiro que era um cara.

Sim, claro, antes que ele tivesse se acertado com seu Blay, gostava de foder fêmeas e mulheres bem o suficiente. Mas aí, seu requisito para parceiros sexuais tinha sido tão baixo que até os aspiradores de pó e os tubos de escape ocasionais tinham sido candidatos.

Mas nada de ovelha. #padrões.

Mas ele não podia dizer que as fêmeas sempre o cativaram ou o interessaram particularmente. Não que houvesse alguma merda errada com elas, ou que ele não as respeitasse da mesma maneira que ele fazia com qualquer coisa mais em relação ao seu trabalho. Simplesmente não eram seu “pé de sapato”, por assim dizer.

Em uma noite como esta, no entanto, lamentava sua falta de experiência. Só por que ele tinha dado algumas voltas com o adversário no saco não significava que ele estava equipado de alguma forma para lidar com o que o estava enfrentando agora.

Quando ele e Blay chegaram aos pés da grande escadaria, ele parou e olhou para seu companheiro. Ao fundo, emanando da sala de bilhar por todo o hall de entrada, os sons de profundas vozes masculinas, o batidão da música, e o gelo batendo nos copos de cristal anunciaram que o torneio da Irmandade já estava em pleno andamento.

Qhuinn sorriu de um jeito que esperava parecer frio.

— Ei, eu te encontro lá, okay? Vou descer e falar com a Doutora Jane sobre o meu ombro por uns dez minutos, tá? Não devo demorar.

— Claro. Quer que eu vá com você?

Por um segundo, Qhuinn se perdeu só olhando para seu macho. Blaylock, filho de Rocke, era tudo o que ele mesmo não era: Blay era impecável com um corpo de Michelângelo, um rosto de morrer, e uma cabeça de cabelo vermelho que era tão grosso e brilhante como o rabo de um pônei; ele era esperto, mas também equilibrado, o que fazia toda a diferença; e era tão firme e confiável como uma montanha de granito, o tipo de cara que nunca vacilava.

De todas as maneiras que importavam, comparado com Blay, Qhuinn era a cuba de plástico para a tigela de porcelana, o conjunto parcial para a dúzia perfeita, o rachado-até-o-meio para o nunca-quebrado.

Porém, por alguma razão, Blay o tinha escolhido. Contra todas as probabilidades, o filho de uma Família Fundadora, o filho ovelha negra de uma Família Fundadora, o viciado por sexo com os olhos descombinados, o com temperamento inflamável, hostil, o rosnador perdido... de alguma forma ganhou o Príncipe Encantado, e merda, isso de alguma forma era quase o suficiente para torná-lo religioso.

Blay era a razão pela qual ele respirava, o lar que ele nunca teve, a luz do sol que alimentava sua terra.

— Qhuinn? — Esses olhos azuis iridescentes se franziram. — Você está bem?

— Desculpe — ele se inclinou e pressionou seus lábios na jugular do macho. — Distraído. Mas você faz isso comigo, não é?

Quando Qhuinn recuou, Blay estava corando, e excitado. E aquele cheiro era uma diversão não facilmente conquistada.

Exceto que ele tinha um problema real com o qual precisava lidar.

— Diga aos irmãos que eu serei rápido — Qhuinn balançou a cabeça na direção da sala de bilhar. — E eu vou chutar a bunda deles.

— Você sempre chuta. Até do Butch.

As palavras eram suaves e apoiadas por uma adoração que fazia Qhuinn contar cada uma de suas bênçãos.

Entregando-se ao instinto, Qhuinn chegou perto novamente e sussurrou no ouvido do cara:

— Você pode querer se alimentar na Última Refeição. Vou mantê-lo ocupado durante o dia inteiro.

Com um rápido lambe na garganta que ele pretendia trabalhar mais tarde, Qhuinn se afastou a passos largos antes que não pudesse deixar seu companheiro.

Dirigindo-se para a base da escada e contornando, ele passou por uma porta escondida e desceu por um sistema de túnel que ligava os componentes da propriedade. O centro de treinamento subterrâneo da Irmandade situava-se a cerca de 600 metros de distância da mansão, e esta passagem subterrânea que ligava os dois era uma ampla extensão em concreto, iluminada por painéis fluorescentes no teto.

Enquanto andava, seus passos ecoavam por todos os lados, como se seus shirkickers estivessem aplaudindo sua iniciativa.

Ele não estava tão certo de que eles estavam certos, porém. Ele não tinha ideia do que estava fazendo aqui.

A porta dando para os fundos do armário de suprimentos abriu sem um som depois que digitou o código correto, e então ele estava passando por prateleiras de blocos de papel jurídicos, papel de impressora, canetas e outras merdas de escritório. O escritório além apresentava a típica escrivaninha-computador-cadeira e arquivos de aço da velha guarda, nada disso particularmente se registrando quando ele socou através da porta de vidro do outro lado e atingiu o corredor além. Com passos largos e impacientes, passou todos os tipos de instalações de nível profissional, desde o enorme e completo ginásio e a sala de pesos digna de Dwayne Johnson, até os vestiários e a primeira das salas de aula.

A parte da clínica do Centro de Treinamento tinha um número de espaços de tratamento, um Centro Cirúrgico, e vários leitos para paciente. A Dra. Jane, a *shellan* de V, e o Dr. Manny Manello, companheiro de Payne, cuidavam de todos os tipos de lesões relacionadas com a guerra deles, bem como todas as escorregadas dos empregados da casa, e até mesmo as gestações e partos de L.W. Bem como de Nalla, Lyric, e Rhampage...

Ele bateu na primeira porta e não teve que esperar mais do que um segundo.

— Entre! — Dra. Jane gritou do outro lado.

A boa doutora estava com uniforme cirúrgico e Crocs¹ sentada no computador do lado mais distante do espaço clínico bem equipado, com os dedos voando sobre as teclas enquanto atualizava o registro de alguém, a cabeça baixa, o curto cabelo loiro se erguendo como se estivesse arrastando a mão por ele durante horas.

— Um segundo... — Ela deu uma batida na tecla *enter* e girou em torno de si mesma. — Oh, ei, papai. Como você está?

— Oh, você sabe, cheio de amor.

— Aqueles seus bebês são incríveis. E eu nem mesmo gosto de crianças.

O sorriso dela era tão despreocupado quanto uma torta de maçã. Seus olhos verdes floresta, por outro lado, eram afiados como um laser.

— Graças a você, eles estão indo muito bem.

Eeeeeee então, o silêncio. Quando a conversa parou, ele perambulou por que não podia ficar quieto, examinando o equipamento brilhante e estéril nos armários inoxidáveis, inspecionando a maca vazia sob a luz de operação, sacudindo seus couros.

A Dra. Jane só sentou ali no seu banquinho, calma e silenciosamente deixando-o bater sua própria cabeça ao redor. E quando o telefone dela tocou, ela o deixou ir para o correio de voz, mesmo sem verificar para ver quem era.

— Provavelmente estou errado — disse ele eventualmente. — Você sabe, mas que merda que eu sei?

Doc Jane sorriu.

— Eu realmente acho que você é um cara muito esperto.

— Não sobre merda como esta — limpando a garganta, ele disse a si mesmo para continuar. Embora a Dra. Jane não parecesse ter pressa, ele estava se irritando. — Olha... eu amo a Layla.

— Claro que você ama.

— E quero o melhor para ela. Ela é a mãe dos meus filhos. Quero dizer, atrás do Blay, ela é minha parceira por causa dessas crianças.

— Absolutamente.

Cruzando os braços acima do peito, ele parou de andar de um lado pro outro e encarou a boa doutora.

— Não estou dizendo que eu sei qualquer coisa sobre mulheres. Tipo, sobre seu humor e merdas assim. Exceto... Layla tem chorado muito. Quero dizer, ela tenta esconder isso de Blay e de mim, mas... toda vez que entramos para vê-la, encontro montes de Kleenex na cesta de lixo, e seus olhos estão brilhantes demais e suas bochechas estão coradas. Ela sorri, mas nunca ultrapassa a superfície. Seus olhos estão... trágicos demais. E... eu não sei o que fazer, eu só sei que isso não está certo.

Dra. Jane assentiu com a cabeça.

— Como ela está com as crianças?

¹ Crocs são sandálias cirúrgicas de borracha.

— Ótima, até onde eu posso ver. Ela é totalmente dedicada a elas, e eles estão progredindo. De fato, a única vez que eu a vejo até meio feliz, é quando ela os está segurando — ele pigarreou. — Então acho que o que eu estou querendo saber... perguntando... o que quer que seja, é, tipo, não podem fêmeas grávidas, uma vez que não estejam grávidas, não podem elas, tipo...

Jesus, ele estava ganhando todos os tipos de prêmios aqui para *autoexpressão*. E os termos técnicos que ele estava atirando na conversa? Ele estava a um passo de ser um PhD como ela.

Porra.

Mas ao menos a Dra. Jane parecia reconhecer que sua conversa de avião estava fora da pista:

— Acho que você está perguntando sobre a depressão pós-parto — quando ele acenou com a cabeça, ela continuou: — E eu posso te dizer que não é incomum nos vampiros e pode ser debilitante. Eu já falei com Havers sobre isso antes, e estou realmente feliz que você esteja levantando a questão. Algumas vezes a nova mãe nem sequer está consciente de que isso se torne um problema.

— Há um teste para o... ou um ... Eu não sei.

— Há algumas maneiras diferentes de avaliar o que está acontecendo, e o comportamento é uma delas. Posso falar com ela, e posso fazer exames de sangue para verificar seus hormônios. E sim, há um monte de coisas que podemos fazer para tratá-la e apoiá-la.

— Não quero que Layla pense que estou atrás dela ou algo assim.

— Totalmente compreensível. E, ei, eu ia subir e vê-la e as crianças, de qualquer maneira. Eu posso enquadrar tudo em termos de avaliações de rotina. Não terei que te trazer na discussão em absoluto.

— Você é a melhor.

Com seu negócio feito, ele supôs que estava na hora de voltar para seu companheiro e o torneio de bilhar. Mas não saiu. Por alguma razão, ele não podia.

— Não é culpa sua — disse a Dra. Jane.

— Eu a engravidei. E se o meu... — Ok, sim, ela era uma médica, mas ele ainda não queria dizer a palavra *esperma* perto dela. O que era loucura. — E se a minha metade é a causa...

A porta se abriu totalmente e Manny colocou a cabeça pra dentro.

— Ei, você está pronta... oh, desculpe.

— Estamos quase terminando aqui — Dra. Jane sorriu. — E você não nos viu juntos.

— Entendido — Manny bateu no batente da porta. — Se houver alguma coisa que eu possa ajudar, só me avisar.

E então o cara se foi como se nunca estivesse ali.

Dra. Jane levantou-se e foi até ele. Ela era menor do que Quinn, e não era construída como um macho de quase cento e trinta e seis quilos. Mas ela parecia se elevar sobre ele, a autoridade em sua voz e seus olhos exatamente o que ele precisava para acalmar seu lado irracional.

Enquanto colocava a mão no antebraço dele, seu olhar fixo era estável.

— Não é sua culpa. Este é o curso da natureza às vezes e com algumas grávidas.

— Eu coloquei aqueles bebês nela.

— Sim, mas supondo que este é um caso dos hormônios dela regulando-se após o nascimento, ninguém tem culpa. Além disso, você fez a coisa certa vindo aqui, e você também pode fazer muito para ajudá-la apenas falando com ela e dando-lhe o tempo e espaço para falar com você em troca. E honestamente, eu já tinha notado que ela não estava vindo para as refeições. Acho que precisamos encorajá-la a juntar-se ao resto de nós para que ela saiba o quanto todos nós estamos ali para ela.

— OK. Sim.

Dra. Jane franziu a testa.

— Posso te dar um pequeno conselho?

— Por favor.

Ela apertou seu braço.

— Não se sinta responsável por algo sobre o qual você não tem controle. É uma receita para o estresse que vai fazer você insanamente miserável. Eu sei que é mais fácil dizer do que fazer, mas tente manter isso em mente? Eu vi você estar com ela a cada passo do caminho durante a gravidez. Não há nada que você não tenha feito ou não faça por ela, e você é um pai fantástico. Só tem coisas boas à frente, eu prometo.

Qhuinn respirou fundo.

— Sim.

Mesmo enquanto sua preocupação persistia, ele se lembrou de que ao longo da gravidez de Layla, havia aprendido que podia confiar na Dra. Jane. A médica o ajudara a caminhar pela estrada da vida e da morte, e ela nunca o abandonou, nunca o deixou seguir pelo mau caminho, nunca lhe mentiu ou ofereceu um mau conselho.

— Tudo vai ficar bem — ela prometeu.

Infelizmente, como isso acabou sendo, a boa médica estava errada.

Mas então ela não tinha controle sobre o destino.

E nem ele.

QUATRO

A criança estava arruinada. Possuindo nada além de uma versão mutante e feia dos traços de Hharm, o lábio superior todo errado, como o de uma lebre.

Hharm deixou o bebê cair no chão sujo da caverna e a coisa não emitiu nenhum som quando aterrissou, braços e pernas mal se mexendo, sua carne azul e cinza, o cordão ainda ligando-o à fêmea. Ele ia morrer, como todos os resultados contra as regras da criação e natureza deveriam, e esse resultado não era motivo para indignação.

O fato de Hharm ter sido enganado, no entanto, era. Ele havia desperdiçado esses dezoito meses, esse número de horas, esse momento de esperança e felicidade em uma monstruosidade que era insustentável. E o que ele sabia com certeza? Não era culpa dele.

— O que você fez? — Ele exigiu da fêmea.

— Um filho! — Ela arqueou para trás, como se estivesse em agonia de novo. — Eu trouxe...

— Uma maldição — Hharm ergueu-se em toda sua altura. — Seu útero é sujo. Corrompeu o dom da minha semente e produziu isso...

— Seu filho...

— Olhe você mesma! Veja com seus olhos! Isso é uma abominação!

A fêmea esforçou-se e ergueu a cabeça.

— Ele é perfeito, ele é...

Hharm empurrou a criança com sua bota, causando uma sacudida em seus minúsculos membros e fazendo com que soltasse um choro fraco.

— Mesmo você não pode negar o que está em plena vista!

Os olhos dela injetados de sangue se fecharam sobre o bebê e então se alargou.

— Isto é...

— Você fez isso — ele anunciou.

Sua falta de argumento era uma inevitável capitulação, pois o defeito era inegável. E então ela gemeu como se ainda estivesse em trabalho de parto, seus dedos ensanguentados agarrando a terra fria, suas pernas tremendo enquanto se separavam mais. Depois de mais um esforço, algo saiu da fêmea e ele pensou que talvez houvesse outro. Na verdade, seu coração se apoderou de otimismo enquanto rezava para que o primeiro fosse o duplo, o maldito de um par de gêmeos.

Infelizmente não, era alguma coisa do interior da mulher, talvez seu estômago ou intestino.

E a criança chorava, seu peito subindo e descendo.

— Você vai morrer aqui e ele também — disse Hharm sem cuidado.

— Eu não vou...

— Suas entranhas estão saindo.

— O bebê está... — ela murmurou. — O bebê...

— É uma abominação da natureza contra a vontade da Virgem Escriba.

A fêmea caiu em silêncio e ficou relaxada como se o processo de expulsão estivesse concluído, e Hharm esperou um ápice final em que sua alma se afastasse de seu corpo. Exceto que ela continuou a respirar e encontrou seu olhar fixo... e existir. Que tipo de trapaça era essa? A ideia de que ela não iria a Dhunhd por isto era um insulto.

— Isto é o que você fez — ele cuspiu na fêmea.

— Como você sabe que não foi sua semente que fez...

Hharm colocou a bota em sua garganta e pressionou, cortando suas palavras. Quando uma maré de raiva fez seu corpo de guerreiro buscar a ação mortal, somente o fato de que esta ocorrência pudesse ser uma punição por coisas que ele tinha feito anteriormente o impediu de esmagar o pescoço dela.

Ela deve pagar, pensou abruptamente. Sim, a culpa era dela, e para a decepção que ela tinha causado, a fêmea tinha de expiar.

Sibilando, ele mostrou suas presas.

— Vou deixá-lo viver de tal forma que você possa criar esta monstruosidade e ser vista com ele. Essa é a sua maldição por me amaldiçoar, ele estará sempre sobre seu pescoço, um amuleto de danação, e se eu descobrir que essa coisa morreu, eu vou caçá-la e matá-la te cortando em pedaços. Então vou matar a sua irmã, toda sua prole, e seus pais.

— O que você está falando!

Hharm inclinou-se para baixo, o rubor que estava atingindo seu rosto e cabeça familiar.

— Você ouviu minhas palavras. Você conhece minha vontade. Desafie-me para se colocar em perigo.

Quando ela se encolheu para trás, ele se afastou e olhou a confusão do parto, a fêmea patética, aquele resultado horrível — e cortou a mão através do ar, varrendo-os de sua vida. Enquanto a tempestade uivava e o fogo morria, ele caminhou para o seu casaco de pele.

— Você arruinou meu filho — disse ele, balançando o peso das peles sobre os ombros. — Sua punição é criar esse horror como uma proclamação de seu fracasso.

— Você não é o Rei — ela contestou fracamente — para mandar em qualquer coisa.

— Este é um serviço social para os meus companheiros machos — apontou um dedo na direção do choroso recém-nascido. — Com isso em seu quadril, ninguém mais vai deitar sobre você e sofrer da mesma forma.

— Você não pode me forçar assim!

— Oh, mas eu posso e devo.

Ela era uma mulher mimada e desafiadora por natureza, e foi isso que primeiro o atraiu para ela — ele teve que ensinar-lhe os erros de seus modos, e a instrução tinha sido bastante intrigante por um tempo. De fato, houve apenas um caso em que ela tentou exercer domínio sobre ele. Uma vez, e nunca mais.

— Não me teste, fêmea. Você fez uma vez e lembre-se do resultado final.

Quando ela empalideceu, ele acenou para ela.

— Sim. Isso.

Ele quase a matou na noite em que teve de lhe mostrar que, embora ele se deitasse com quem quisesse, quando e onde, não lhe seria permitido ficar com outro macho enquanto ela estivesse tangencialmente associada a ele. Pouco tempo depois, decidira que sua única chance de reprimi-lo seria dar-lhe o filho que buscava e, ao mesmo tempo, ele começara a pensar em termos de seu legado.

Infelizmente, ela falhou em seu esforço.

— Eu odeio você — ela gemeu.

Hharm sorriu.

— O sentimento é mútuo. E novamente, eu digo que é melhor para você garantir que esta coisa viva. Se eu descobrir que você o matou, vou descontar a morte dele em sua carne e em sua linhagem inteira.

Com isso, ele cuspiu duas vezes no chão aos pés dela, uma vez por ela e outra pelo bebê. E então ele se afastou enquanto ela chamava por ele, e o bebê esquecido chorava no frio.

Lá fora, a nevasca explodia, redemoinhos de neve cegando-o apenas para ceder como um bando de pássaros espalhando para revelar a paisagem. No vale abaixo, montanhas se erguiam das margens da bacia de um lago, as nevascas sobre a água congelada, como ondas seriam nos meses mais quentes. Tudo estava escuro, frio e sem vida, mas ele se recusou a encontrar um presságio no que via.

Com a mão da adaga coçando e sua hostilidade em seu carregamento interno elevada, ele disse a si mesmo para não se importar com esse resultado.

Ele encontraria outro útero.

Em algum lugar, havia uma mulher que lhe daria o legado que ele merecia e exigia. E ele a encontraria e a faria engordar com sua semente.

Haveria um filho apropriado para ele. Ele não teria isso de outro modo.

CINCO

Quando Tohr se aproximou da boca da caverna sagrada da Irmandade, esgueirou-se no interior úmido e, uma vez dentro, o cheiro de sujeira e uma distante fonte de fogo irritaram suas narinas. Seus olhos se ajustaram imediatamente, e quando continuou, aquietou as pisadas de suas shitkickers. Ele não queria ser ouvido, embora sua presença fosse evidente o suficiente.

O portão estava longe e era feito de velhas barras de ferro grossas como o antebraço de guerreiro e altas como árvores, uma malha de aço soldada sobre eles para impedir a desmaterialização. As tochas sibilavam e tremeluziam de um lado pro outro, e além ele podia ver o início do grande corredor que levava ainda mais para dentro da terra.

Parando na enorme barreira, tirou uma chave de cobre e não sentiu nenhum remorso por ter roubado a coisa da gaveta da ornada mesa de Wrath. Ele pediria desculpas pelo roubo mais tarde.

E também pelo que iria fazer a seguir.

Destrancando o mecanismo, ele puxou o colossal peso abrindo-o, entrou e trancou tudo atrás dele. Andando adiante, ele seguiu o caminho natural que tinha sido aberto com cinzel e força bruta, e depois arrumado com prateleiras de madeira. Nas várias tábuas, centenas e mais centenas de jarras proporcionavam um playground para sombras e luz.

Os vasos eram de todas as formas e tamanhos diferentes, e vinham de eras diferentes, da antiga à moderna, mas o que estava dentro de cada um era o mesmo: o coração de um *lesser*.

Desde o início da guerra com a Sociedade Lesser no Antigo País, a Irmandade vinha marcando suas matanças inimigas, reivindicando os jarros de suas vítimas e trazendo-os aqui para adicionar à coleção.

Parte troféu, parte foda-se para o Ômega, isso era legado. Era orgulho. Era expectativa.

E talvez isso não fosse mais. Os assassinos eram tão poucos e distantes entre as ruas de Caldwell e outros lugares agora, que eles tinham que estar perto do fim.

Tohr não sentiu nenhuma alegria na realização. Mas isso provavelmente era devido ao terrível aniversário desta noite.

Era difícil sentir qualquer coisa além da perda de sua Wellsie no dia que teria sido seu aniversário.

Contornando uma sutil curva, ele parou. À frente, a cena era como algo fora de um filme que não podia se decidir se era *Indiana Jones*, *Grey's Anatomy* ou *Matrix*. No meio de todas as antigas paredes de pedra, tochas acesas e jarros empoeirados, um amontoado de equipamentos médicos bipando e piscando interagiu com um corpo em uma maca. E ao lado do prisioneiro? Dois enormes machos vampiros cobertos da cabeça aos pés em couro preto e armas pretas.

Butch e V eram os *Frick* e *Frack*² da Irmandade, o ex-policial de homicídios humano e filho da Criadora da Raça, o bom rapaz católico; e o depravado sexual, o viciado em guarda-roupa e o czar da tecnologia, unidos por uma devoção comum ao Boston Red Sox e um respeito mútuo e afeição que não conhecia limite.

² Frick e Frack – Usado para duplas inseparáveis. Ex. Carne e unha, Tico e Teco, etc.

V sentiu a presença de Tohr primeiro, o irmão girou ao redor tão rápido que as cinzas voaram da ponta acesa em sua mão.

— Oh, inferno não, de jeito nenhum, porra! Você caia fora daqui!

Essa opinião, independentemente do seu volume, era fácil de ignorar quando Tohr focou no monte de carne em cima da maca. Xcor estava deitado lá, tubos entrando e saindo dele como se estivesse em um motor de carro prestes a ser acelerado, sua respiração regular — espere, não regular.

V deu um passo para Tohr, indo encarar de perto. E na sequência, o irmão tirou seu rifle e a boca da .40 foi apontada diretamente para o rosto de Tohr.

— Estou falando sério, meu irmão.

Tohr olhou por cima daquele ombro pesado para o prisioneiro deles. E encontrou-se sorrindo sombriamente.

— Ele está acordado.

— Não ele não está...

— Sua respiração acabou de mudar — Tohr apontou para aquele peito nu. — Olhe.

Butch franziu o cenho e foi até o cativo.

— Bem, bem, bem... acorda, filho da puta.

V deu meia volta.

— Filho da puta.

Mas aquela arma não se moveu, e nem Tohr. Por mais que quisesse ir pra Xcor, ele levaria uma bala bem no fundo da garganta se desse um passo adiante: V era o menos sentimental dos irmãos e tão paciente quanto uma cascavel.

Naquele momento, os olhos de Xcor piscaram se abrindo. Na luz cintilante das tochas, eles pareciam negros, mas Tohr lembrou-se que eram um tipo de azul. Não que ele se importasse.

V colocou seu rosto no caminho, aqueles olhos de diamante como adagas.

— Este não será o presente de aniversário que você dará a sua *shellan* morta.

Tohr subiu o lábio mostrando as presas.

— Foda-se.

— Não vai rolar. Me chame de toda a merda que você quiser, mas não vai rolar. Você sabe como as coisas devem ser e não é a sua vez ainda.

Butch sorriu para o prisioneiro.

— Nós estivemos esperando por você se juntar à festa. Posso te trazer uma bebida? Talvez algum mix de nozes antes de colocá-lo na posição sentada e decolar? Não há razão pra te mostrar a merda da saída. Você não tem que se preocupar com isso.

— Vamos, Tohr — disse V. — Agora!

Tohrment desnudou as presas, mas não para seu irmão.

— Seu bastardo, eu vou matar...

— Não, não vai — V enganchou um braço ao redor do bíceps de Tohr, só faltando arrastá-lo para uma dança de um pra cá, dois pra lá. — Pra fora...

— Você não é Deus...

— E nem você, e é por isso que você está indo embora.

No fundo de sua mente, Tohr estava ciente que o rato fodido tinha um ponto. Ele nem sequer estava sendo meio racional — e P.S.: Foda-se V por lembrar que noite era.

Sua amada *shellan*, seu primeiro amor, estaria fazendo 226 anos. E ela teria um filho de dois anos em seus braços.

Mas o destino não lhe deu isso.

— Não me faça atirar em você — V disse rudemente. — Vamos, meu irmão. *Por favor.*

O fato de que essas duas palavras saíram da boca de Vishous foi o que fez isso acontecer. A merda foi justo o que chocou e desarmou Tohr das espadas de sua raiva e loucura.

— Vamos, Tohr.

Desta vez, Tohr permitiu-se ser levado para fora, seu grande esquema murchando, as consequências muito quietas de sua loucura fazendo sua pele arrepiar. Que porra ele estava fazendo? Mas que *porra?*

Sim, a ele foi concedido o direito de matar Xcor por proclamação real, mas apenas quando fosse liberado por Wrath para fazê-lo. E isso explicitamente não aconteceu ainda.

Isso poderia ter sido uma bagunça de proporções traiçoeiras.

Falando em troca de lugares. Um traidor morto para um vivo, aquele respirando.

Quando chegaram ao portão que Tohr destrancara para ter acesso, V estendeu a mão enluvada.

— Chave.

Tohr não olhou para o irmão enquanto tirava a coisa da jaqueta de couro e a entregava. Depois de um estalido e um rangido, o caminho estava aberto e Tohr caminhou para frente sem perguntar, mãos nos quadris, shitkickers esmagando o chão de terra, a cabeça pra baixo.

Quando houve outra rodada de metal sobre metal, ele imaginou que estava sendo trancado de fora sozinho. Mas então V estava bem ao lado dele do lado de fora.

— Eu prometo a você — disse o irmão. — Você, e só você o matará.

Isso seria o suficiente, Tohr se perguntou. Alguma coisa seria suficiente?

Antes de chegarem à entrada da caverna, Tohr parou.

— Às vezes... a vida não é justa.

— Não, não é.

— Eu odeio isso. Eu odeio isso pra caralho. Passo por... períodos de tempo, não apenas noites, mas semanas, às vezes até mesmo um mês ou dois... quando me esqueço de tudo. Mas a merda sempre volta, e depois de um tempo você não pode segurá-la mais. Você simplesmente não pode — ele bateu no lado da

cabeça com o punho. — Isto é este verme dentro de mim, e eu sei que matar Xcor não vai me distrair por mais de dez minutos. Mas em uma noite como hoje, eu pegaria até mesmo isso.

Houve um *shhcht* enquanto V acendia um cigarro de enrolar.

— Não sei o que dizer, meu irmão. Eu diria para você rezar sobre isso, mas não há ninguém lá em cima para te ouvir.

— Não tenho certeza se sua mãe sempre esteve ouvindo. Sem ofensa.

— Sem ofensa — V exalou. — Acredite em mim.

Tohr focou na saída da caverna, e enquanto tentava respirar, estava estranhamente exausto.

— Estou cansado de lutar a mesma luta. Desde que Wellsie foi... assassinada... Eu sinto como se um membro meu nunca tivesse curado, e eu não posso levar a dor mais um segundo. Nem por mais um maldito segundo. Mesmo se só migrasse para outro lugar, seria melhor.

Houve um longo silêncio entre eles, apenas o uivo abafado do vento do inverno rompendo o silêncio na caverna.

Eventualmente, V praguejou.

— Gostaria de saber o que te ajudaria, meu irmão. Quero dizer, se você precisar de um abraço tranquilizador... Eu provavelmente posso pagar alguém para lhe dar um.

Tohr balançou a cabeça enquanto seu lábio superior se contraía em um sorriso.

— Isso é quase engraçado.

— É, estou pegando leve — V exalou novamente. — É isso ou eu atiro em você, e odeio preencher as papeladas de Saxton, certo?

— Posso entender o que você quer dizer. — Tohr esfregou seu rosto. — Totalmente...

Os olhos de diamante de V mudaram de posição.

— Apenas saiba que eu sinto muito. Você não merece nada disso — uma mão pesada pousou no ombro de Tohr e apertou. — Se eu pudesse tomar sua dor, eu faria.

Enquanto Tohr piscava rápido, ele pensou que era uma boa coisa que V não fosse *um cara de abraçar*, ou haveria um fodido colapso sério acontecendo em todo o lugar.

O tipo de colapso que um macho não voltaria inteiro.

Mas aí, ele estava realmente inteiro agora?

SHADOWS NIGHTCLUB, CENTRO DE CALDWELL

Trez Latimer sentia-se um pouco como um deus enquanto olhava através da parede de vidro de seu escritório no segundo andar de seu clube. Lá embaixo, no armazém convertido numa vasta área aberta,

uma multidão de humanos excitados estabeleciam padrões de atração e desdém, num tumultuoso mar de lasers púrpura profundos e batidas graves martelando.

Numa grande escala, sua clientela era milenar, essa geração nascida entre os anos 80 e 2000. Definidos pela Internet, pelo iPhone e pela falta de oportunidades econômicas, pelo menos de acordo com a mídia humana, eles eram um perfil demográfico de moralistas perdidos, comprometidos em salvar uns aos outros, preservando os direitos de todos e defendendo uma falsa utopia da responsabilidade do pensamento liberal que fazia o Macartismo³ parecer uma nuance.

Mas eles também eram, na maneira dos jovens, sem esperança.

E como ele os invejava.

Enquanto eles colidiam e batiam um nos outros, ele testemunhava o arrebatamento em seus rostos, o otimismo desenfreado de que eles encontrariam o verdadeiro amor e felicidade naquela mesma noite, apesar de todas as outras noites que tinham chegado ao seu clube e ao amanhecer tinham ido embora com nada além de exaustão, uma nova DST, e uma merda de dúvida-baseada-na-própria-vergonha enquanto se perguntavam exatamente o que tinham feito e com quem.

Ele suspeitava, no entanto, que para a maioria deles a cura para essa angústia eram duas horas de sono, um café *latte* na Starbucks, e uma dose de penicilina.

Quando você ainda era tão jovem, quando ainda tinha de enfrentar desafios que nem sequer conseguia compreender, sua resistência não conhecia limites.

E era ali onde ele queria trocar de lugar com eles.

Era estranho idolatrar humanos em qualquer nível. Como Sombra de mais de 200 anos de idade, Trez tinha visto esses ratos sem rabos como uma desordem inferior e inconveniente no planeta, mais ou menos como formigas em sua cozinha ou ratos no porão. Exceto que você não tinha permissão para exterminar os humanos. Muita bagunça. Melhor tolerá-los do que arriscar uma exposição da espécie assassinando-os apenas para liberar espaço no estacionamento, filas de supermercados e seus feeds no Facebook.

E, ainda assim, aqui estava ele, doendo em seu peito para estar na mesma posição de um deles, mesmo que por uma ou duas horas.

Sem precedentes.

Mas aí, eles não tinham mudado. Ele sim.

Minha rainha, está na hora de você ir? Diga-me se está.

Com as lembranças ameaçando seu cérebro, ele cobriu os olhos e pensou, *oh, Deus, não novamente*. Ele não queria voltar para a clínica da Irmandade... para a cabeceira de sua amada Selenia, para estar morrendo por dentro enquanto ela expirava de fato.

Na verdade, contudo, ele nunca tinha deixado esses acontecimentos, mesmo quando os dias no calendário sugeriam o contrário. Após a passagem de bem mais de um mês, ele ainda podia recordar de cada detalhe da cena, desde sua respiração torturada com o pânico no olhar até as lágrimas que rolavam descendo pelo seu rosto e no dele.

³ Macartismo (em inglês **McCarthyism**) é um termo que se refere à prática de acusar alguém de subversão ou de traição sem respeito pelas evidências.

Sua Selenia tinha sido atingida por uma doença conhecida por raramente afetar membros de sua classe sagrada. Ao longo de gerações de Escolhidas, algumas delas tiveram a “Doença do Aprisionamento”, e era uma maneira horrível de morrer, sua mente deixada viva na concha congelada do seu corpo, nenhuma fuga possível, nenhum tratamento para ajudá-la, ninguém para salvá-la.

Nem mesmo o homem que a amava mais do que a própria vida.

Quando o coração de Trez tropeçou em seu peito, ele deixou as mãos cair, balançou a cabeça e tentou se reconectar com a realidade. Ele esteve lutando recentemente com esses episódios intrusivos, e eles estavam ficando mais frequentes, em vez de menos — algo que o fazia se preocupar com sua sanidade. Ele tinha ouvido esse ditado que “o tempo cura todas as feridas”, e merda, talvez isso fosse verdade para outras pessoas. Para ele? Seu luto tinha se transformado da dor incandescente no início, para uma agonia tão quente que rivalizava com as chamas da pira funerária dela, com essa pista de corridas crônicas de reminiscências que parecia girar cada vez mais rápido em torno do sustentáculo do campo aberto de sua perda.

Sua própria voz ecoava em sua cabeça: *eu entendi você corretamente? Você quer que isso... termine?*

Quando os momentos finais de Selenia chegaram, ela não podia mais falar. Eles tiveram que contar com um sistema de comunicação previamente combinado que pressupunha que ela teria controle sobre suas pálpebras até o fim: uma piscada para não... duas para sim.

Você quer que isso termine...?

Ele sabia qual seria a resposta dela. Tinha lido em seu olhar esgotado, distante e escurecido. Mas essa tinha sido uma dessas vezes na vida em que você queria estar absolutamente, positivamente seguro.

Ela tinha piscado uma vez. E então outra vez.

E ele esteve ao lado dela quando as drogas lhe pararam seu coração e lhe deram o alívio que ela precisava e a levaram embora.

Em todos os seus anos, nunca teria imaginado esse tipo de sofrimento. De ambas as partes. Ele não poderia ter criado uma morte pior de qualquer espécie de pesadelo, e não poderia ter imaginado que teria que dar o aceno à Manny para ministrar a dose, estar gritando em sua cabeça enquanto seu amor desvanecia, para ser deixado sozinho pelo resto de suas noites.

O único conforto era que o sofrimento dela tinha acabado.

A única realidade era que a dele estava apenas começando.

No resultado imediato, ele tinha encontrado consolo no fato de que preferia ter sido aquele a ter que sentir a falta dela, ao contrário dela sentir a dele. Mas quando o tempo tinha continuado, ele havia usado demais a receita, pois era a única que tinha, e agora não funcionava mais.

Então não havia nada para aliviá-lo. Ele tinha tentado beber, mas o álcool só servia para mostrar o frágil aperto que tinha sobre suas lágrimas. Ele não se importava nem um pouco com comida. Sexo estava completamente fora de questão. E ninguém iria deixá-lo lutar, não era como se os Irmãos e iAm não reconhecessem que ele estava abalado.

Então com o que ele ficou? Nada além de se arrastar durante as noites e os dias, e rezar pelo mais básico dos alívios: uma respiração sem impedimentos, um trecho de calma mental, uma hora de sono tranquilo.

Estendendo a mão, tocou na vidraça angular que era sua janela no que ele considerava ser o outro mundo, aquele fora do seu inferno isolado. Engraçado pensar que o que agora considerava “outro”, tinha sido uma vez “real”... e mesmo sem a separação de espécies, idade e este lofty em cima do clube de rixa, ele estava tão distante de todos eles.

Ele tinha a sensação de que sempre estaria à parte de todos.

E honestamente, simplesmente não podia continuar assim.

Este luto acabou com ele, e se não fosse pelo fato de que àqueles que cometessem suicídio eram negados a entrada para o Fade, ele teria colocado uma bala em seu cérebro cerca de 48 horas após a morte dela.

Eu não posso continuar mais uma noite, ele pensou.

— Por favor... Me ajude...

Ele não tinha ideia de com quem estava falando. No lado dos vampiros, a Virgem Escriba não estava mais — e em seu atual estado de espírito, podia totalmente entender por que ela iria querer largar o microfone e sair do palco de sua criação. E então como um Sombra, ele foi criado para adorar sua Rainha — o único problema era que ela tinha se acasalado com seu irmão e rezar pra sua cunhada parecia estranho.

Uma genuína declaração de que todas essas coisas espirituais eram apenas um monte de merda.

E ainda assim, seu sofrimento era tão grande que ele tinha que estender a mão.

Inclinando a cabeça para trás, olhou para o teto negro baixo e derramou seu coração partido em palavras.

— Eu só a quero de volta. Eu só... só quero Selena de volta. Por favor... se há alguém aí em cima, me ajude. Devolva-a para mim. Eu não me importo em que forma ela estiver... Eu simplesmente não posso fazer isso mais. Não posso viver assim por mais uma noite.

Não houve resposta, é claro. E ele se sentiu um idiota total.

Qual é, como se o vasto vazio do espaço fosse jogar qualquer coisa, além de um meteoro de volta para ele?

Além disso, havia até mesmo um Fade? E se ele estivesse apenas alucinando durante a expiação e só tivesse imaginado ver sua Selena? E se ela tivesse apenas morrido? Tipo... simplesmente deixado de existir? E se toda a merda sobre um lugar celestial aonde os entes queridos iam e esperavam por você com paciência era apenas um mecanismo de enfrentamento criado por aqueles deixados para trás no tipo de agonia em que ele estava?

Uma falácia mental para atar uma ferida emocional.

Nivelando a cabeça, ele considerou a multidão humana abaixo...

No vidro, o reflexo de uma enorme figura masculina de pé bem atrás dele o fez girar e ir para a arma que ele mantinha presa enfiada nas costas. Mas então ele reconheceu quem era.

— O que você está fazendo aqui? — Ele exigiu.

SEIS

O prado de cinco acres que se erguia de um terreno plano era como algo criado por um artista com um olho perspicaz, todos os aspectos naturais das colinas e vales aparentemente sujeitos às regras dos padrões visuais agradáveis. E no topo da suave subida coberta de neve, como uma coroa sobre a cabeça de um governante benevolente, uma grande árvore de bordo espalhava seus galhos em um halo tão perfeito, que até mesmo a estéril revelação do inverno não diminuía sua beleza.

Layla tinha se desmaterializado para a base do campo da mansão e fez seu caminho até a árvore a pé, seus chinelos de quarto não combinavam com o chão gelado, o vento frio cortando seu roupão, seu cabelo chicoteando livre de sua trança e voando ao redor.

Quando ela alcançou o topo, ela baixou o olhar para as raízes que aterravam o glorioso tronco dentro da terra.

Esteve aqui, ela pensou.

Aqui, na base deste bordo, tinha vindo a Xcor pela primeira vez convocada por alguém que ela pensava ser um soldado de honra na guerra, um que ela tinha alimentado na clínica da Irmandade... Um que os Irmãos tinham falhado em informar a ela que era de fato inimigo ao invés de amigo.

Quando o macho pediu que ela fornecesse uma veia, ela não pensara em nada além de fazer seu sagrado dever.

Então ela veio aqui... e perdeu um pedaço de si mesma no processo.

Xcor estava à beira da morte, ferido e fraco, e ainda assim ela reconheceu seu poder mesmo em seu estado enfraquecido. Como não poderia? Ele tinha sido um tremendo macho, pescoço e peito largos, membros fortes, corpo poderoso. Ele tinha tentado recusar sua veia — porque, ela queria acreditar, ele a vira como uma inocente no conflito entre o Bando de Bastardos e a Irmandade da Adaga Negra, e queria mantê-la fora disso. Mas no fim ele tinha cedido, garantindo que ambos caíssem presos em um imperativo biológico que não conhecia nenhuma razão.

Respirando fundo, ela olhou para a árvore, vendo através de seus galhos nus para o céu noturno acima.

Depois que a verdadeira identidade de Xcor havia sido exposta, ela havia confessado a Wrath e a Irmandade o que ela fizera, procurando em lágrimas o seu perdão... E foi atestado pelo Rei e pelos homens que o serviam que eles a tinham perdoado por ajudar o inimigo prontamente e sem punição.

Em troca, foi um pobre testamento para ela ter voltado para Xcor depois disso. Vinculado com ele. Ter se tornado emocionalmente ligada.

Sim, houve uma coerção inicial da parte dele na época, mas a verdade era que mesmo que ele não a tivesse forçado? Ela iria querer ter estado com ele. E pior? Quando as coisas entre eles finalmente terminaram, foi ele quem acabou com suas reuniões. Não ela.

De fato, ela ainda o estaria vendo — e o coração partido que ela sentiu pela perda dele era tão incapacitante quanto sua culpa.

E isso foi antes dele ter sido capturado pela Irmandade.

Ela sabia exatamente onde o estavam mantendo por que ela o tinha testemunhado em seu estado ferido naquela caverna... Sabia o que os Irmãos planejavam fazer com ele assim que ele acordasse.

Se apenas houvesse uma maneira de salvá-lo. Ele nunca foi cruel com ela, nunca a machucou... E nunca se aproximou dela sexualmente, apesar da fome dentro dele. Ele tinha sido paciente e gentil... Pelo menos até que eles se separaram.

Mas ele tinha tentado matar Wrath. E essa traição era punível com a morte...

— Layla?

Dando meia volta, ela tropeçou e caiu para o lado — mal se segurando no tronco áspero do bordo. Enquanto a dor queimava em sua palma, ela tentou sacudi-la.

— Qhuinn! — Ela ofegou.

O pai de seus filhos deu um passo à frente.

— Você se machucou?

Com uma maldição, ela limpou os arranhões, escovando a sujeira pra longe. Querida Virgem Escriba, isso doeu.

— Não, não, está tudo bem.

— Aqui — ele tirou algo do bolso de sua jaqueta de couro. — Deixe-me ver.

Ela tremia enquanto Qhuinn verificava sua mão e depois a envolvia com uma bandana preta.

— Acho que você vai viver.

Eu vou? Ela pensou. *Não tenho tanta certeza disso.*

— Você está congelando aqui fora.

— Estou?

Qhuinn tirou sua jaqueta, e ao colocá-la em volta dos seus ombros, ela foi engolida pelo seu tamanho e calor.

— Venha, vamos voltar para a mansão. Você está tremendo...

— Eu não posso fazer isso mais — ela disse. — Eu simplesmente não consigo continuar.

— Eu sei — enquanto ela se encolhia de surpresa, ele balançou a cabeça. — Eu sei o que está errado. Vamos pra casa e podemos conversar sobre isso. Tudo vai ficar bem, eu prometo.

Por um momento, ela não pôde respirar. Como ele podia ter descoberto? Como ele podia não estar zangado com ela?

— Como você... — As lágrimas vieram rápido, a emoção superando tudo. — Eu sinto muito. Eu sinto muito mesmo... Não era suposto ser assim...

Ela não tinha certeza se ele tinha aberto os braços ou ela tinha se agarrado em seu peito, mas Qhuinn a segurava contra ele, protegendo-a do vento.

— Está tudo bem — ele fez grandes círculos em suas costas com a palma da mão, acalmando-a. — Nós só precisamos conversar sobre isso. Há coisas que podemos fazer, medidas que podemos tomar.

Ela virou o rosto para o lado e olhou para o prado.

— Eu me sinto tão horrível.

— Por quê? Está fora do seu controle. Você não pediu por isso.

Ela se afastou.

— Eu juro para você, eu não fiz. E eu nunca quero que você pense nem por um segundo que eu colocaria em risco Lyric ou Rhampage...

— Você está brincando comigo? Sério, Layla, você ama aquelas crianças com tudo em você.

— Eu amo. Eu juro a você isso. E eu te amo e Blay, o Rei, a Irmandade. Vocês são minha família, vocês são tudo que eu tenho.

— Layla, me escute. Você não está sozinha, ok? E como eu disse, tem coisas que nós podemos fazer...

— Mesmo? De verdade?

— Sim. Na verdade, eu estava falando sobre isso antes de vir aqui. Não quero que pense que estou te traindo...

— Oh, Qhuinn! Eu sou a traidora! Eu estou no erro...

— Pare com isso. Você não é... E nós vamos cuidar disso juntos. Todos nós.

Layla levou as mãos ao rosto, aquele que ele tinha enfaixado e aquele que estava nu. E então, pela primeira vez no que parecia ser para sempre, ela soltou seu fôlego, um bálsamo fácil substituindo o fardo horrível que ela tinha carregado.

— Eu tenho que dizer isso — ela olhou para ele. — Por favor, saiba que eu fui comida viva com pesar e tristeza. Juro que nunca quis que isso acontecesse, nada disso. Eu estive tão sozinha, lutando com a culpa...

— A culpa é desnecessária — ele escovou debaixo dos olhos dela com os polegares. — Você só tem que deixar isso ir porque não pode evitar a maneira como você se sente.

— Eu não posso, eu realmente não posso... E Xcor não é mau, ele não é tão ruim quanto você pensa que ele é. Eu juro. Ele sempre me tratou com cuidado e bondade, e eu sei que ele não iria ferir Wrath novamente. Eu só sei disso...

— O quê? — Qhuinn franziu a testa e balançou a cabeça. — Do que você está falando?

— Por favor, não o mate. É exatamente como você disse, há uma maneira de resolver isso. Talvez você possa deixá-lo ir e...

Qhuinn deu tantos passos para trás quando a empurrou para longe. E então ele parecia ter dificuldade em encontrar palavras.

— Layla — ele disse lentamente. — Eu sei que não estou te ouvindo direito, e eu estou tentando... Você pode...

Aproveitando a oportunidade de fazer seu caso, Layla se apressou a falar.

— Ele nunca me machucou. Em todas as noites que eu fui para ele, ele nem uma única vez me feriu. Ele nos trouxe para uma cabana para que eu pudesse estar a salvo, e sempre fomos apenas só nós dois. Eu nunca vi nenhum dos Bastardos...

Ela parou de falar quando sua expressão foi de confusão... para uma reserva fria como gelo que o fez parecer um total estranho.

Quando Qhuinn falou em seguida, sua voz era plana.

— Você tem se encontrado com Xcor?

— Eu me senti terrível...

— Há quanto tempo? — Ele estalou. Mas não a deixou responder. — Você foi vê-lo enquanto carregava meus filhos? Você se vinculou desejosamente e de boa vontade com o inimigo enquanto a porra dos meus filhos estava dentro do seu corpo? — Antes que ela pudesse responder, ele levantou o dedo indicador. — E você realmente precisa pensar muito mesmo sobre sua resposta. Não há como voltar atrás, e é melhor que seja a verdade. Se eu descobrir que você mentiu para mim, eu vou matar você.

Enquanto o coração de Layla trovejava em seu peito e o pânico a deixava tonta, seu único e solitário pensamento era...

Você vai me matar de qualquer maneira.

De volta ao shAdoWs, Trez afastou a arma e tentou voltar à realidade.

— Bem? — Ele incitou. — O que você está fazendo aqui, especialmente sem seu especial poliéster Tony Manero⁴?

Lassiter, o Anjo Caído, sorriu de uma maneira que não incluía seus olhos estranhamente coloridos e sem pupila; a expressão só afetou a parte inferior de seu rosto.

— Oh, você sabe, ternos de lazer são tão semana passada pra mim.

— Indo dos anos 80 para New Age? Eu não tenho nenhum néon para te emprestar.

— Não, eu tenho outro traje novo para usar.

— Bom pra você. Assustador para o resto de nós. Só me diga que você não vai puxar um Borat na praia.

Quando o anjo não respondeu imediatamente, Trez sentiu um conjunto de Freddy Kruegers provocar sua nuca. Normalmente Lassiter era o tipo de cara que era tão otimista que a maioria das pessoas não podia decidir se atiravam nele para tirar todos de sua miséria... ou apenas pegavam algumas pipocas e uma Coca-Cola e assistiam ao show.

Por que mesmo se ele te deixasse puto, era sempre engraçado pra cacete.

Mas não hoje à noite. Aquele olhar fixo bizarro era tão leve e vazio quanto uma laje de granito, e seu corpo enorme estava tão quieto, que nenhum ouro em seus pulsos e sua garganta, em seus dedos e suas orelhas brilhavam sob a luz fraca.

— O que há com a rotina de estátua? — Trez murmurou. — Alguém mexeu na sua coleção de Meu Pequeno Pônei novamente?

Incapaz de suportar o silêncio, Trez fez menção de se sentar atrás de sua mesa e mexer em alguns papéis.

— Você está tentando ler minha aura ou alguma merda?

Não que isso exigisse quaisquer habilidades especiais. Todos na casa sabiam onde ele estava...

— Eu quero que você me encontre para jantar amanhã à noite.

Trez olhou para cima.

⁴ Personagem interpretado por John Travolta no filme Os Embalos de Sábado à Noite.

— Para que diabos?

O anjo tomou seu maldito tempo respondendo, dirigindo-se a passear para as vidraças e olhando para a multidão do lugar exato que Trez esteve de pé. Na luz fraca, o perfil do anjo era o tipo de coisa que as fêmeas iriam amar, todo boas proporções e ângulos retos. Mas essa cara feia...

— Desembucha — exigiu Trez. — Já tive uma vida de más notícias. O que quer que seja, não pode se comparar à merda que eu passei.

Lassiter olhou pra ele e deu de ombros.

— Apenas jantar. Amanhã à noite. Sete em ponto.

— Eu não como.

— Eu sei.

Trez jogou qualquer fatura ou agenda de pessoal ou o que quer que fosse que ele estava ocupado pra cacete não olhando de volta com o resto da porcaria em sua mesa.

— Acho realmente difícil de acreditar que você se interessou pela nutrição.

— Verdade. Esta coisa do glúten-é-o-inimigo é uma besteira total. E não venha me introduzir ao chá kombucha, couve ou qualquer coisa com antioxidantes nele, e essa conversa mole de que a alta frutose da glucose de milho é a raiz de todo o mal.

— Você ouviu que a Kraft Macaroni & Cheese tirou todos os conservantes há meses?

— Sim, e os bastardos também não contaram para ninguém também.

— Por que você quer jantar comigo?

— Só sendo amigável.

— Esse não é o seu estilo.

— Como eu disse, estou mudando as coisas — eeeee lá estava aquele sorriso novamente. — Pensei que eu começaria com um estrondo. Quer dizer, se você está indo virar uma nova página, você deve começar com como você pretende seguir em frente.

— Sem ofensa, mas não estou com humor de passar o tempo com pessoas que eu realmente gosto — ok, isso saiu mal. — Quero dizer, meu irmão é o único que eu posso tolerar agora, e eu não quero ver nem mesmo a ele.

Aquele sorriso que Lassiter estava estalando era algo que Trez estava mais do que pronto pra ver pela última vez, e falando sobre rezas recebendo respostas: o anjo dirigiu-se para a porta.

— Vejo você amanhã à noite.

— Não, obrigado.

— No seu irmão.

— Ah, porra, por quê?

— Porque ele tem a melhor massa bolonhesa em Caldie.

— Você sabe que não é isso que eu estou perguntando.

O anjo apenas deu de ombros.

— Venha e descubra.

— O inferno que eu vou — Trez sacudiu a cabeça. — Olha, eu sei que as pessoas estão preocupadas comigo e aprecio a preocupação. — Na verdade, ele não apreciava. Em absoluto. — E sim, eu perdi peso e eu deveria comer mais. Mas é engraçado como ter seu peito rasgado em dois e seu coração tirado pelo destino não deixa você com muito apetite. Então, se você está procurando adicionar mais um no seu jogo de paciência, por que não começa com alguém que vai realmente comer e dizer mais do que duas palavras? Posso garantir que você e eu teremos uma noite melhor.

— Te vejo amanhã.

Quando o anjo saiu, Trez gritou do outro lado do escritório:

— Foda-se!

Quando a porta simplesmente se fechou, ele pensou: *pelo menos não iremos mais discutir. E Lassiter tiraria a foto quando ele estivesse Bolhonhesando sua massa sozinho.*

Problema resolvido.

SETE

Havia momentos na vida em que a amplitude de sua atenção se estreitava num foco tão apertado que toda a sua consciência descansava numa única pessoa. Qhuinn não estava de todo desfamiliarizado com esse fenômeno: acontecia sempre que ele estava sozinho com Blay. Quando ele segurava seus filhos. Quando ele estava lutando contra o inimigo e tentando se certificar de que ele chegava em casa inteiro, sem vazamentos ou uma concussão.

Estava acontecendo de novo agora.

Em pé na base de uma árvore no estilo Harry Potter, no ápice de um prado ondulante, no vento do inverno, Qhuinn estava ciente de absolutamente nada além do olho direito de Layla. Ele podia contar cada cílio loiro escuro, traçar o círculo perfeito da pupila, medir cada um dos estriamentos verdes pálidos que irradiavam do núcleo negro-azeviche. Podia haver uma nuvem de cogumelos ao longe, uma nave espacial acima da cabeça, uma fileira de palhaços dançando bem ao lado dele... E ele não teria visto, ouvido, reconhecido absolutamente porra nenhuma.

Bem, isso não era inteiramente verdade.

Ele estava vagamente ciente de um rugido entre seus ouvidos, algo que era um cruzamento entre um motor a jato e um daqueles fogos de artifício que assobiavam como uma alma penada e viajavam em um círculo até que se esgotassem.

— Responda-me — disse ele com uma voz que não soava como sua.

Ele a tinha seguido até aqui, a este local isolado, quando sentiu que ela tinha deixado a mansão — e veio aqui falar com ela sobre a depressão pós-parto. Tinha um plano de levá-la de volta para casa, confortá-la diante do fogo, colocá-la em um caminho onde ela pudesse desfrutar do que ela tinha trabalhado tão duro para trazer ao mundo.

Como diabos eles tinham acabado no assunto de Xcor e seu encontro?

Nenhuma fodida pista.

Mas não havia mais mal entendido. E nenhuma retratação vindo. O olhar fixo arregalado de Layla e o pânico silencioso disseram-lhe que por mais que ele esperasse que isto fosse uma falta de comunicação de proporções colossais e risíveis, aquele não era o caso.

— Eu estava segura — ela sussurrou. — Ele nunca me machucou.

— Você está...

Ele se deteve ali mesmo. Simplesmente cortou essa merda imediatamente, como se fosse o detonador de uma bomba.

Antes que fizesse ou dissesse algo que lamentasse, ele se afastou e flexionou os dedos para não se enrolarem em punhos.

— Qhuinn, juro que nunca estive em perigo...

— Estava sozinha com ele — Quando ela não retrucou, ele moeu seus molares. — Você estava.

— Ele nunca me machucou.

— Ok, isso é como dizer que você nunca foi mordida... enquanto você estava usando uma cobra como um cachecol. Inúmeras vezes. Por que esta porra foi regular, não foi? Responda-me!

— Sinto muito, Qhuinn... — Ela parecia tentar se recompor, fungando as lágrimas. Endireitando os ombros. E o jeito que seus olhos imploravam por compreensão o faziam quase violento. — Oh, querida Virgem Escriba...

— Corte a oração! Não há ninguém lá em cima! — Ele estava perdendo. Perdendo totalmente. — E por que diabos você está pedindo perdão! Você conscientemente e desejosamente colocou meus filhos em risco por que queria... — Ele se retraiu. — Jesus Cristo, você teve sexo com ele? Você o fodeu com meus filhos dentro de você?

— Não! Eu nunca estive com ele assim!

— Mentirosa — ele gritou. — Você é uma puta mentirosa.

— Eu sou quase uma virgem! E você sabe bem disso! Além disso, você não me quer. Por que você se importaria?

— Você está dizendo que nunca o beijou — quando ela não respondeu, ele riu áspero. — Não se preocupe em negar. Posso ver na sua cara. E você está certa, eu não queria você, eu nunca quis você... E não distorça isso. Não estou com ciúmes, estou enojado pra cacete. Estou apaixonado por um macho de valor, e eu estive com você por que precisava de uma incubadora para o meu filho e minha filha. Isso e o

fato de você ter se jogado pra mim em sua necessidade foi a *única* razão pela qual eu algum dia ter estado com você.

O rosto de Layla ficou acinzentado, e por mais que isso fizesse dele um idiota, ele estava contente. Ele queria machucá-la por dentro, onde contava, por que por mais louco que estivesse, nunca conseguiria bater numa fêmea.

E esse fato era a única razão pela qual ela ainda estava de pé.

Aqueles bebês, aqueles preciosos e inocentes bebês, foram levados pra dentro da boca de um monstro, na presença do inimigo, expostos a um perigo que o teria deixado se cagando se soubesse o que estava acontecendo.

— Você tem *alguma* ideia do que ele é capaz? — Qhuinn disse severamente. — As atrocidades? Ele esfaqueou seu próprio tenente na barriga apenas para enviar o macho para nossas mãos. E antes no País Antigo? Ele matou vampiros, humanos, *lessers*, qualquer coisa que cruzasse seu caminho, às vezes pela guerra, às vezes apenas por esporte. Ele era o braço direito do Bloodletter. Você tem alguma ideia do que ele fez enquanto esteve nessa terra? Quero dizer, claramente você não está nem aí que ele colocou uma bala na garganta de Wrath... Obviamente isso não significa nada pra você. Esse bastardo poderia tê-la estuprado mil vezes, ter te estripado e te deixado para o sol... com meus filhos dentro de você! Você está até mesmo brincando comigo com isso?

Quanto mais Qhuinn pensava sobre o risco que ela tinha tomado, mais sua cabeça zumbia. Seus amados filhos talvez não existissem por causa da má escolha desta fêmea, que apenas por ordem biológica, teve que abrigá-los até que pudessem respirar sozinhos.

Ela os colocou em risco, colocando-se em risco — sem pensar aparentemente nas consequências ou como ele, o pai de sangue, poderia ter visto o desastre.

Sua fúria, assentada no amor que ele tinha por aqueles bebês, era indefinível. Inegável. Inesgotável.

— Nós dois os queríamos — disse ela rudemente. — Quando nos deitamos juntos, ambos queríamos...

Em uma voz plana, ele a cortou.

— Sim, eu lamento isso. Melhor para eles não terem nascido do que ter metade de você neles.

Layla esticou uma mão para agarrar-se à árvore uma vez mais — e como era a mão que ele tinha envolvido com sua bandana, ele foi atingido por uma necessidade de arrancar o pano barato de sua palma. Em seguida, queimá-lo.

— Eu fiz o melhor que pude — disse ela.

Ele riu duro ao ouvir isso até que sua garganta queimou.

— Você está falando sobre quando estive dormindo com Xcor? Ou quando estive colocando em perigo as vidas dos meus filhos?

De repente ela devolveu a raiva dele com uma explosão da dela.

— Você tem aquele que você ama! Você se deita ao lado dele todos os dias e conseguiu construir uma família com ele! Sua vida tem propósito e significado além do serviço aos outros... Enquanto eu não tenho nada! Passei todas as minhas noites e dias servindo a uma divindade que já não se importa com a raça que ela gerou, e agora sou a *mahmen* de duas crianças a quem amo com todo o meu coração, mesmo que aquela não fosse eu. O que eu tenho pra mostrar por minha vida? Nada!

— Você entendeu bem — ele disse com firmeza. — Porque você não será mais a mãe dos meus filhos. Você está fora do posto.

Ela recuou com indignação.

— O que você está dizendo? Eu sou *mahmen* deles. Eu...

— Não mais, você não é.

Houve um segundo de silêncio, e então a voz dela saiu numa explosão.

— Você não pode... Você não pode tomar Lyric e Rhamp... Você não pode tirá-los de mim! Eu sou a *mahmen* deles! Eu tenho direitos...

— Não, você não tem. Você se associou com o inimigo. Você cometeu traição. E você terá sorte se sair dessa viva... Não que eu dê a mínima se você vive ou morre. A única coisa que me importa é que você nunca veja essas crianças de novo...

A mudança dentro dela foi tão instantânea quanto esgotante.

De repente, Layla passou de zangada para fria e silenciosa como pedra. E a mudança foi tão abrupta que ele se perguntou se ela não teve um derrame.

Mas então o lábio superior dela repuxou pra cima mostrando as presas que tinham descido. E o som que saiu dela foi algo que fez o cabelo na parte de trás do seu pescoço se levantar em alerta.

Sua voz, quando ela falou, foi tão mortal quanto a lâmina de uma adaga.

— Eu não recomendo que você tente me impedir de ver meu filho e filha.

Qhuinn mostrou suas próprias presas.

— Me observe.

O corpo dela se enrolou em uma agachada e o silvo que ela soltou foi o de uma víbora. Exceto que ela não saltou nele para rasgar seu rosto em tiras.

Ela saltou e desmaterializou.

E havia apenas um lugar que ela estava indo.

— Oh, inferno não — ele gritou para a fria e indiferente paisagem de inverno. — Você quer guerra, você vai conseguir, porra!

—...as vezes eu ainda anseio por um — Blay estava dizendo enquanto tomava um gole da beirada do seu copo. — Quero dizer, para os humanos, este é um hábito mortal. Mas vampiros não tem que se preocupar em ter câncer por fumar.

A sala de bilhar da Irmandade estava na maior parte vazia, a competição tinha ficado de lado quando Butch teve que ficar com Xcor, Tohrment tinha implorado pra sair, Rhage tinha sido ferido em campo e Rehv tinha decidido ficar no norte no Grande Acampamento com Ehlena. Mas foi legal. Blay ainda tinha encontrado um jogo com Vishous, eles dois circulando no meio das cinco mesas, um desbancando o outro. As boas notícias? Lassiter estava em algum outro lugar, o que significava que a ESPN estava muda na TV acima da enorme lareira de pedra.

Nenhum filme da Disney com todas aquelas canções ridículas hoje à noite.

Se Blay ouvisse aquela merda de *Frozen* mais uma vez, ele estaria livre estoooooooouuu, certamente.

Enquanto descarregava um pente de balas, diretamente em seu próprio lobo frontal.

No outro lado da mesa, Vishous acendeu outro cigarro enrolado a mão.

— Então por que você parou de fumar?

Blay deu de ombros.

— Qhuinn odeia isso. Seu pai fumava cigarros e cachimbos, então acho que isso o lembra de coisas que ele prefere não pensar.

— Você não deveria ter que mudar por ninguém.

— Fui eu quem escolheu parar. Ele nunca me pediu.

Enquanto o Irmão se inclinava sobre a mesa e alinhava o seu taco, Blay pensava no início dele e de Qhuinn. A coisa toda de fumar de seu lado tinha coincidido com ter que assistir o macho que ele estava apaixonado foder qualquer coisa que se movia. Horrível, esse período. Não, eles não estiveram em um relacionamento — e cada vez que Qhuinn tinha saído com outra pessoa, tinha servido como um lembrete de que eles nunca estariam em um.

Diabos, naquela época, Blay ainda nem tinha saído do armário ainda.

O estresse e a tristeza de tudo isso tinham sido difíceis de lidar, mas houve também um ressentimento irracional e fervilhante do seu lado. Então sim, ele abraçara um mecanismo de enfrentamento do qual ele sabia que Qhuinn não tinha aprovado ou gostado. Tinha sido um troco insignificante e subversivo pelos pecados que o macho não estava na realidade cometendo.

Mas pelo menos deixar de fumar tinha sido simples. Uma vez que os dois tinham conseguido ficar juntos? Ele tinha colocado o Dunhills abaixo e nunca olhou para trás.

Bem... Talvez fosse mais preciso dizer que ele nunca teve uma recaída. Às vezes, quando via Vishous acender e aquela exalação perfumada atingir o ar, ele ansiava por um...

Assim quando V enviou a bola branca quebrando através da exaurida configuração no centro, uma horrível batida soou ali fora no foyer. Alta, repetida, dura o suficiente para balançar, chocalhar e revolver a porta sólida como um carvalho da mansão, soava como se uma horda inteira de *lessers* estivessem tentando invadir a mansão.

Blay puxou sua arma do coldre debaixo do seu braço enquanto ele e V abandonavam seus tacos e saíam correndo da sala de bilhar para a entrada principal.

Bam-bam-bam-bam!

— Mas que porra? — Murmurou V enquanto olhava para o monitor de segurança. — Que diabos há de errado com seu garoto?

— O que?

A pergunta foi respondida quando V liberou a fechadura e Qhuinn explodiu no vestíbulo. O macho estava furioso a ponto de estar possuído, seu rosto todo franzido de raiva, seu corpo quebrando em uma corrida completa, seu estado tal que ele não parecia estar ciente da presença de outra pessoa.

— Qhuinn? — Blay disse enquanto tentava pegar um ombro ou um braço.

Sem efeito. Qhuinn atingiu a grande escadaria e arrancou como um Usain Bolt, os degraus vermelhos acarpetados sendo consumidos aos trancos e barrancos.

— Qhuinn! — Blay decolou no acordar do drama, tentando alcançá-lo. — O que está acontecendo?

No topo das escadas, as shitkickers de Qhuinn escavaram no tapete e só faltaram cantar pneu quando ele foi para a esquerda para o corredor das estátuas. Bem em seus calcanhares, Blay correu atrás dele, e conforme a direção ficava clara, um súbito terror tomou conta.

Layla e as crianças devem estar em perigo...

Na porta do quarto de Layla, Qhuinn agarrou a maçaneta e torceu — só pra bater direto nos painéis trancados.

Enrolando um punho, ele começou a bater na madeira com tanta força que os pedaços de tinta começaram a voar.

— Abra a porra dessa porta! — Qhuinn berrou. — Layla, você abra a porra dessa porta agora mesmo!

— Que diabos você está fazendo! — Blay tentou detê-lo. — Você está louco...

A arma de Qhuinn surgiu do nada, e quando o Irmão se torceu e enfiou o cano na cara do Blay, tornou-se óbvio que esse era algum tipo de pesadelo, o resultado inevitável de um segundo copo de vinho após o cordeiro do jantar de Fritz.

Exceto que não era.

— Fique fora disso — Qhuinn estalou. — Fique fora disso.

Enquanto Blay erguia ambas as mãos e se afastava, Qhuinn virou seu ombro para a porta e empurrou seu corpo na coisa com tanta força que a madeira estilhaçou, os painéis se espalhando sob a força do golpe.

O que foi revelado dentro do belo quarto de cor lavanda era igualmente aterrorizante.

Enquanto Vishous escorregava e parava de chofre ao lado de Blay, Z saiu de sua suíte descendo o corredor, Wrath saiu de seu estúdio no alto da escada, o cérebro de Blay estava para sempre manchado pela visão inescapável e incompreensível de Layla com uma criança debaixo de cada braço, suas presas à mostra em ataque, seu rosto como de um demônio, seu corpo tremendo... mas não de medo.

Ela estava preparada para matar qualquer um que fosse até ela.

Qhuinn apontou a arma diretamente pra ela através do buraco que ele tinha feito.

— Largue-os. Ou eu deixo você cair.

— Mas que *porra* está acontecendo aqui! — A voz de Vishous era tão alta que era como se ele tivesse um megafone. — Vocês enlouqueceram?

Qhuinn estendeu a mão, destrancou o mecanismo e pulou o que restava da porta. Quando entrou, Blay impediu os outros de entrarem.

— Não, deixe-me fazer isso.

Se alguém além dele entrasse lá, balas iriam voar e Layla iria atacar, e as pessoas iriam se machucar... ou pior.

E que *porra* estava acontecendo aqui?

— Largue-os! — Qhuinn vociferou.

— Então me mate! — Layla gritou de volta. — Faça!

Blay colocou seu corpo bem entre os dois, seu tronco bloqueando o caminho de qualquer bala. Enquanto isso, Layla estava respirando com dificuldade e Lyric e Rhamp estavam ambos chorando — merda, ele nunca iria esquecer o som desses gritos.

Enfrentando Qhuinn, ele esticou as palmas das mãos e falou devagar.

— Você vai ter que atirar em mim primeiro.

Ele não se concentrou em nada além dos olhos azuis e verdes de Qhuinn... Como se pudesse de alguma forma se comunicar telepaticamente com o cara e acalmá-lo.

— Saia do caminho — Qhuinn estalou. — Isto não é da sua conta.

Blay piscou perante isso. Mas considerando que estava encarando o cano de uma quarenta, ele percebeu que guardaria aquele insulto por enquanto.

— Qhuinn, o que quer que seja, vamos lidar com isso...

Esse olhar fixo incompatível piscou para ele por apenas uma fração de segundo.

— Oh, nós vamos? Você quer dizer que o fato dela ter estado associada com o inimigo é apenas algo que podemos passar um cloro ou alguma merda? Ótimo, vamos colocar a porra do Fritz nisso. Ideia fodástica.

Enquanto as crianças continuavam a chorar e mais pessoas entraram em cena no corredor, Blay sacudiu a cabeça.

— Do que você está falando?

— Ela levava meus filhos com ela quando transou com ele...

— Desculpa, *o que?*

— Ela esteve com Xcor o tempo todo. Ela não parou de vê-lo. Ela esteve associada com um inimigo conhecido do nosso Rei enquanto estava grávida dos meus filhos. Então sim, está absolutamente dentro dos meus direitos como pai puxar uma arma pra ela.

Subitamente, Blay tomou ciência de um rosnado aumentando atrás dele, e o som horrível disso lembrou-lhe do que tinha ouvido sobre as fêmeas da espécie sendo mais mortais do que o macho. Olhando por cima do ombro, ele pensou... É, Layla estava claramente preparada para proteger seus filhotes até a morte neste universo paralelo fodido que eles de alguma forma foram sugados.

Xcor? Ela esteve vendo Xcor?

Só que ele não podia ser desviado da ameaça imediata.

— Tudo o que me importa é que você abaixe a arma — disse Blay. — Abaixar a arma e me diga o que está acontecendo. Do contrário, se você quiser atirar nela, a bala vai ter que passar por mim.

Qhuinn respirou fundo, como se tivesse que se forçar a não gritar.

— Eu te amo, mas isso não é da sua conta, Blay. Saia do caminho e deixe-me lidar com isso.

— Espere um minuto. Você sempre disse que eu sou o pai dessas crianças também...

— Não quando se trata disso. Agora, fique fora do caminho.

Blay piscou uma vez. Duas vezes. Uma terceira vez. Engraçado, a dor dentro do seu peito fez ele se perguntar se Qhuinn não tinha puxado o gatilho e ele tinha de alguma forma perdido a descarga.

Fique focado, disse a si mesmo.

— Não, eu não vou me mover.

— Saia daqui! — O corpo de Qhuinn começou a tremer. — Apenas saia da porra do meu caminho!

Agora ou nunca, pensou Blay, enquanto se lançava pra frente para o pulso que controlava a arma. Enquanto empurrava aquele antebraço com tudo o que valia, a arma descarregou repetidamente e as balas de chumbo foram voando — mas com um movimento poderoso, ele conseguiu atacar Qhuinn de lado. Os dois caíram com força no chão e ele lutou para dominar seu companheiro, seu movimento girando eles dois pra longe de Layla e das crianças, mantendo a arma apontada para o canto mais distante do quarto.

Blay terminou em cima, mas sabia que Qhuinn ia consertar isso rápido. A arma, ele tinha que manter o controle da...

De repente, era um tempo ártico.

A temperatura dentro do quarto caiu para abaixo de zero tão rápido que as paredes, o chão e o teto rangeram em protesto, a respiração de todo mundo saindo em sopros, a condensação congelando o vidro das janelas e dos espelhos, toda a pele exposta arrepiando.

Um grande rugido foi o próximo.

O som era tão alto que era quase inaudível, nada além de uma dor que atravessava o tímpano e fazia sua cabeça bater como sinos de uma catedral... E isso, ainda mais do que a mudança climática, parou todo mundo dentro da suíte, no hall, na Mansão... talvez no mundo.

O enorme corpo de Wrath escureceu o batente da porta quando ele entrou no quarto, seu cabelo até a cintura, seus óculos de sol pretos, suas coxas vestidas de couro e o corpo superior abaulado, o tipo de coisa que teria parado um trem nos trilhos.

Suas presas eram totalmente descidas e longas como um tigre dente de sabre. Mas não tinha problemas em falar com elas.

— Não na porra da minha casa! — Ele estava falando tão alto que a pintura ao lado dele vibrou na parede de gesso. — Isso *não* está acontecendo na porra da minha casa! Minha *shellan* e meu filho estão aqui... Há crianças debaixo deste telhado. Há crianças na porra deste quarto!

Do outro lado, Layla desmoronou no chão, seus ossos absorvendo a queda com um ruído alto. Porém ela impediu Lyric e Rhamp do dano, embalando-os em seu colo, enquanto abaixava a cabeça e começava a chorar.

Debaixo de Blay, Qhuinn tentou empurrar para livrar seu caminho.

— Não até que você solte a arma — Blay disse entredentes.

Houve um barulho de metal sobre madeira quando a quarenta foi solta e Blay a empurrou para longe. Então Qhuinn se libertou e levantou se levantou em seus shitkickers. Parecia que ele esteve num túnel de vento, seu cabelo preto todo bagunçado, os olhos arregalados, a pele corada em alguns lugares, branca em outros.

— Todo mundo fora daqui — estalou Wrath — exceto pelos três pais.

Bem, pelo menos alguém estava reconhecendo seu papel, Blay pensou amargamente.

Mudando seus olhos de volta para Qhuinn, ele se viu encarando o caos de um macho que pensava que conhecia quase tão bem quanto ele.

No momento, no entanto? Blay estava olhando para um estranho. Um fodido total estranho. Olhos que Blay tinha olhado por horas, lábios que ele tinha beijado, um corpo que ele tinha tocado, acariciado, penetrado e foi penetrado... era como se algum tipo de amnésia tivesse apagado toda a sua união, tornando o que uma vez foi uma realidade íntima em uma hipotética que era tão fraca, era inexistente.

Vishous avançou para dentro do quarto.

— Checar armas primeiro.

Quando o lábio superior de Wrath se torceu, ficou claro que ele não apreciou a interrupção. Porém, não havia como discutir com a lógica.

V foi eficiente com a revista, tirando de Qhuinn primeiro duas facas e outra arma... E então Blay se levantou, ergueu os braços e abriu as pernas, embora soubesse que ninguém estava preocupado com seu dedo no gatilho.

— Feito — V anunciou enquanto se espremeu pelo Rei e voltou para o corredor.

— Diga a eles para irem embora — disse Wrath.

— Entendido.

Ante o comando real, a multidão desapareceu da porta, mas eles não foram longe, suas presenças demorando conforme claramente esperavam por uma réplica ou duas. De qualquer forma, não havia como fechar a porta. A coisa foi estilhaçada em uma peneira.

Virando-se na direção de Qhuinn, Wrath soltou uma maldição e então exigiu:

— Você quer me dizer por que diabos você descarregou uma arma dentro da minha casa?

OITO

Quando Layla levantou o olhar para os três machos, ela tremia tanto que foi difícil manter a parte superior do seu corpo fora do chão. O que lhe dava a pouca força que ela tinha? Lyric e Rhamp estavam em seu colo, as dobras de seu roupão envolvendo-os e protegendo-os do frio no quarto, seus gritos silenciados... por enquanto.

Concentrando-se no Rei, ela queria enxugar seus olhos, mas não estava deixando seus filhos nem por um segundo.

— Ela esteve vendo Xcor — disse Qhuinn, sua respiração vindo em nuvens brancas. — Pelas nossas costas. Todo esse tempo... enquanto estava grávida. Quero que ela seja despojada de seus direitos de ver meus filhos, e quero que ela saia desta casa. Ou por que ela foi sentenciada à morte ou por que foi banida... Isso é você quem decide.

O rosto cruel e aristocrático de Wrath se curvou na direção do Irmão.

— Obrigado por esculpir meu papel nisso, idiota. E se você está falando em banimento, neste exato momento é sobre *você* que estou debatendo isso, não ela.

— Se você descobrisse que Beth esteve dormindo com o líder do Bando de Bastardos enquanto ela está...

— Olha a boca — Wrath rosnou. — Você está andando em uma linha muito fina aqui onde está prestes a cair fora dessa merda. De fato, saia. Quero falar com Layla sozinho.

— Não vou deixar meus filhos.

O Rei olhou para Blay.

— Tire ele daqui. Em uma chave de braço se você tiver que...

— Tenho direitos! — Qhuinn berrou. — Eu tenho...

Wrath se lançou para frente.

— Você só tem o que eu te concedo, porra! Eu sou seu mestre, seu fodido, então cale a porra dessa boca, saia deste quarto e eu vou lidar com você quando eu estiver bem pronto. Eu entendo que você está

com a cabeça cheia. Eu até seria capaz de respeitar isso se você não continuasse se comportando como se fosse executar o mundo. Mas agora, minha única preocupação são seus filhos, porque claramente, eles não estão no seu radar...

— Como diabos você pode dizer isso?

— *Porque você acabou de virar uma arma na mahmen deles!*

Junto a Qhuinn, Blay estava parecendo como se tivesse visto a morte de perto e pessoalmente, sua expressão era de horror e tristeza destilada, suas mãos tremendo enquanto ele as empurrava novamente através de seu cabelo vermelho repetidas vezes.

— Eu sou o Rei, esta é a minha casa. Tire ele daqui, Blay... Esta é uma ordem.

Blay disse algo para Qhuinn que não acompanhou. E então Qhuinn marchou para fora do quarto, seus shிக்கers esmagando através do carpete coberto de gelo. Enquanto ia, Blay ia com ele, como um guarda-costas.

Exceto que Blay estava mais propenso a proteger os outros dele.

Quando estavam apenas Wrath e ela, Layla respirou tão fundo que doeu.

— Permita-me que eu coloque as crianças nos berços deles, meu Senhor?

— Sim, sim. Faça o que você precisa.

Suas pernas pareciam não ter ossos, e sem a fúria, ela temia não ser forte o suficiente para ficar de pé e manter as duas crianças em segurança ao mesmo tempo. Foi uma luta decidir qual deles pôr de lado gentilmente, e por fim, ela cuidadosamente colocou Rhamp no tapete oriental. Agarrando Lyric em ambos os braços, ela lutou para ficar de pé e foi mancando até os berços. Depois de colocar Lyric sobre o ninho macio, ela voltou e pegou Rhamp, que tinha começado a se inquietar com a ausência de sua irmã. Enfiando os cobertores ao redor deles para mantê-los quentes, ela se endireitou e enfrentou o Rei.

— Posso me sentar? — ela sussurrou.

— Sim, o que for melhor pra você.

— Há algo ante seus pés, meu Senhor. Se você desejar vir mais para dentro...

Ele ignorou seus esforços para ajudá-lo em sua cegueira a navegar em uma sala desconhecida.

— Você quer me dizer o que diabos está acontecendo aqui?

Qhuinn não conseguia se lembrar de uma maldita coisa.

Quando entrou na sala de estar do segundo andar do lado oposto da mansão, tentou juntar a série de acontecimentos porque isso lhe dava algo pra fazer além de gritar. Seu último momento de clareza cristalina foi dele quase botando abaixo a porta do vestibulo para entrar na casa. Tudo a partir daquela fração de segundo — até agora, enquanto rondava pelos sofás de seda e mesas laterais — era uma tábua em branco.

E quanto mais ele tentava se lembrar, mais elusiva essa lacuna na realidade se tornava, como se a perseguição tornasse sua presa mais rápida.

Pelo amor de Deus, ele não podia pensar aqui, porra. Ele não podia...

Vagamente, estava ciente de Blay o observando. E então o macho estava falando. Mas tudo que Qhuinn podia fazer era continuar andando de um lado pro outro, indo e vindo, o impulso territorial de proteger seus filhos como uma diretriz principal que exigia toda sua concentração.

O que diabos Wrath ia fazer? Certamente o rei não iria deixar Layla...

Saindo do nada, Blay estava na frente dele, o rosto do macho rígido como pedra.

— Eu não posso fazer isso.

— Fazer o que?

— Estar no mesmo quarto com você por mais um minuto.

Qhuinn piscou.

— Então saia. Estou desarmado, lembra? E há milhões de quilos de irmãos lotando ao redor desse maldito quarto.

Do contrário, sim, ele ainda estaria lá dentro. Com seus filhos.

— Você conseguiu — Blay murmurou. — Estou indo pra casa checar minha *mahmen*.

Enquanto as sílabas atingiam o ar tenso entre eles, levou um minuto antes que a salada de um cérebro de Qhuinn as decifrassem. Casa...? *Mahmen*...

— Oh, certo. O tornozelo dela.

— OK. Sim.

Blay ficou onde estava. E então em voz baixa, ele disse:

— Você se importa se eu voltar antes do amanhecer?

Quando houve um segundo de pausa, o macho deu um passo pra fora do quarto, balançando a cabeça enquanto ele ia para a saída. Qhuinn notou a partida — e uma parte dele sabia que deveria chamar, reconectar... parar a partida. Mas uma parte ainda maior dele estava de volta naquele quarto, tentando retirar fios de recordação do ponto cego branco-intenso que tinha tomado conta dele.

Jesus... Ele realmente descarregou sua arma na mansão? Com seus filhos dentro do quarto...

— Qhuinn.

Ele tornou a focar do outro lado do quarto. Blay estava na entrada, seus olhos estreitados, sua mandíbula enquadrada.

O macho pigarreou.

— Só pra que você e eu sejamos claros, nunca serei capaz de tirar o que você acabou de dizer da minha cabeça. E o mesmo vale para a visão de você com aquela arma em suas mãos.

— Isso faz um de nós — murmurou Qhuinn.

— O que?

— Eu não consigo me lembrar de nada disso.

— Isso é uma merda de fuga — Blay apontou um dedo na direção de Qhuinn. — Você não consegue apagar uma cena como essa alegando que está puxando um espaço em branco.

— Eu não vou discutir com você sobre isso.

— Então nós realmente não temos muito a dizer um ao outro.

Quando Blay apenas olhou para ele, Qhuinn sacudiu a cabeça.

— Olha, sem querer desrespeitar, mas a vida dos meus filhos é a única coisa que eu estou pensando agora. Layla não é quem eu pensei que ela era, e ela...

— Para sua informação, você acabou de me dizer que eu não era um pai — a voz de Blay estava formal, como se ele estivesse tentando manter a dor fora dela. — Você me olhou nos olhos e me disse que aquelas crianças e sua mãe não eram da minha conta.

Um eco distante e profundo no recesso da consciência de Qhuinn surgiu através da raiva ainda quente. Mas era um laço que ele não podia segurar. Tudo o que queria fazer era voltar para aquele quarto e pegar seu filho e filha e sair. Ele não se importava para onde ele iria...

Blay praguejou.

— Não espere acordado por mim. Não vou voltar.

E então Qhuinn estava sozinho.

Fantástico. Agora sua relação também estava na merda.

Inclinando-se para o lado, Qhuinn olhou pela porta aberta, mas foi mais para tentar avaliar se ainda havia Irmãos no corredor de estátuas. Sim, os lutadores estavam se movendo... Mas vamos lá, como qualquer um deles partiria? Mesmo com Wrath mandando-os embora?

Provavelmente dormiriam do lado de fora daquela porra de quarto, protegendo uma mulher que não merecia isso...

A próxima coisa que Qhuinn soube era que havia uma lâmpada em sua mão, e ele estava segurando o vaso oriental convertido como se ele fosse um arremessador da Liga de Baseball. E, huh, vá entender — aparentemente ele decidiu jogá-lo em si mesmo: ele estava de pé na frente de um dos espelhos antigos, seu reflexo distorcido no vidro velho.

Ele parecia um monstro, como uma versão de si mesmo que tinha sido explodido através das engrenagens de um pesadelo, seu rosto como um punho apertado, suas feições comprimidas até que ele mal podia se reconhecer. Olhando pra si mesmo, ele sabia sem dúvida que se enviasse essa lâmpada voando emporcalharia o quarto inteiro, rasgando as pinturas das paredes, quebrando as janelas, pegando os troncos queimando na lareira e jogando-os nos sofás para fazer as chamas adequadas.

E não iria parar por aí.

Ele não iria parar até que alguém o fizesse, quer com extensões de correntes ou talvez com uma bala ou duas.

Estranhamente, seus olhos foram para o fio que estava balançando solto da base da lâmpada, a cauda marrom como a de um cão nervoso implorando perdão e misericórdia por algo que não tinha ideia do que tinha feito.

Todo o corpo de Qhuinn tremia quando ele colocou o vaso com seu tom de seda no chão.

Assim que se endireitou, viu uma janela e, antes que pudesse pensar duas vezes, aproximou-se, abriu-a e fechou os olhos.

Mas não podia se desmaterializar. Ele não tinha um lugar em mente para ir, ele...

Não, espere — ele tinha um destino. Ele com certeza tinha um destino, porra.

De repente, tornou-se calmo e concentrado, e enquanto se desmaterializava pra longe da mansão, desejava ter sido capaz de jogar as coisas de um jeito mais frio. Se tivesse, talvez sua restituição tivesse sido mais óbvia mais cedo.

Enquanto ele tornava a se formar, o cheiro das sempre-vivas era denso no ar do inverno, e o vento se movia rápido através dos galhos de pinheiro, fazendo as árvores gritarem. A caverna pela qual ele veio tinha uma entrada que estava escondida por rochas, mas se você soubesse o que estava procurando não teria problemas em encontrar sua entrada. Em seu interior, avançou rapidamente até os grandes portões da Tumba e quando acionou a divisória de granito para se afastar, ele estava perfeitamente composto conforme ficava de pé junto às barras de ferro, o sorriso fácil no rosto como cal em uma cerca podre.

— Estou aqui para aliviar — ele gritou enquanto sacudia o metal antigo. — Assim como o Alka-Seltzer. Pastilhas. Pepcid⁵. Você entendeu a ideia.

Ele estava rezando para que pelo menos uma vez a conversa não tivesse viajado rápido na Irmandade. Que o irmão de plantão talvez não tivesse checado seu telefone, ou talvez todos lá na casa ainda estivessem tão enrolados no drama que não pensassem em enviar um texto para a pessoa que estava de plantão aqui...

⁵ ALKA SELTZER e PEPCID: marcas de medicamentos de funções antiácidas.

Phury veio descendo pelo corredor das prateleiras aceso por tochas, o som de seus shitkickers no chão de pedra ecoando entre todos os jarros de *lessers*.

— Oh, ei — o Irmão disse. — Como estamos?

Na luz laranja tremulante não havia suspeita, nenhum alarme naquele rosto, nenhum olho estreitado. Nenhuma mão indo para o celular para chamar por apoio. Nenhuma tensão como se aquele corpo guerreiro estivesse preparado para defender sua posição mesmo com os portões no lugar.

— Nós estamos fantásticos — Qhuinn respondeu enquanto tentava não se concentrar em quanto tempo o sujeito estava levando para dar um passo para ele. — Além do fato de eu estar cobrindo Lassiter por hoje.

Phury parou no portão e pôs as mãos nos quadris. O que fez Qhuinn querer gritar.

— Deixe-me adivinhar — disse o outro irmão. — Maratona de *As Super Gatas*⁶.

— Pior. Uma retrospectiva sobre *Maude*⁷. Bea Arthur está gostosa, aparentemente. Então você vai me deixar entrar?

O Primale começou a abrir com a chave de cobre.

— Ele está acordado, a propósito.

O coração de Qhuinn começou a bater forte.

— Xcor?

Como se estivessem falando sobre outra pessoa?

— Não muito comunicativo, mas ele está consciente. Ainda não houve interrogatório. V teve que tirar o Tohr e Butch saiu quando eu cheguei aqui — Phury abriu o caminho e se afastou. — E você conhece a política. Deve haver dois de nós presentes para trabalhar nele... E eu não posso ficar. Tenho de me encontrar com Cormia no Grande Acampamento. Você tem um número dois ou estamos esperando anoitecer para começar a diversão e jogos?

⁶ The Golden Girls (original): série de TV norte-americana (1985 a 1992), que narrava a vida de quatro senhoras, umas divorciadas, outras viúvas, que compartilhavam a mesma casa.

⁷ Maude: série de TV norte-americana (1972 a 1978) interpretada pela atriz Beatrice Arthur.

Irônico, realmente. Todos haviam se preocupado com Tohr sendo desonesto e removendo seu quilo de carne cedo demais.

Mas esse não seria o problema, seria?

Qhuinn soltou um suspiro e se certificou de não se apressar a entrar.

— Blay estava vindo comigo, mas teve que ir ver sua *mahmen*.

Enquanto trocavam de lugar, Phury entregou a chave que quase tinha guardado no bolso.

— Oh, desculpe, você vai precisar disso. Sim, eu ouvi sobre a queda. Como está o tornozelo dela?

Qhuinn estava tão distraído com o que tinha sido posto em sua mão que ele perdeu o fio da conversa. Sobre que diabos eles estavam...

— Melhor — Qhuinn se ouviu dizer enquanto fechava as coisas e colocava a chave de volta na entrada da fechadura. — De qualquer maneira, ele estava indo arranjar cobertura.

— Eu ficaria se pudesse.

Qhuinn assistiu de longe enquanto puxava a maçaneta ornamentada para a esquerda, jogando as trancas de modo que as engrenagens da fechadura se encontrassem e prendessem...

— Qhuinn?

Ele se sacudiu e fez uma demonstração de simular uma expressão agradável — uma coisa que suas feições geralmente não conheciam, independente da crise na qual ele estivesse atualmente.

— Sim?

— Você está bem? Você não parece bem.

Fazendo uma demonstração de escovar a mão pelo cabelo e levantar as jaquetas para cima, ele rodou seus ombros — e quis fazer *bate aqui* com esta parte do seu corpo enquanto ela deixava escapar um forçado estalo!

— Pra ser honesto, este punho rotator está me matando — ele estendeu a mão e massageou a coisa para mostrar. — Doutora Jane acha que pode ter que operar para limpar o encaixe. Mas não se preocupe, é de baixo grau crônico, não agudo, e eu não estou em qualquer medicamento. Se alguma coisa acontecer com o pedaço de carne lá atrás — ele apontou atrás de si mesmo — eu posso lidar com a merda.

Phury amaldiçoou.

— Esteja lá. E eu não estou preocupado com você. Eu sei que você vai cuidar das coisas. Quer que eu passe pela mansão e veja se Z pode vir?

— Não, Blay vai encontrar alguém, mas obrigado.

Pelo amor de tudo o que era ímpio, eles poderiam, *por favor*, parar de falar, porra. A qualquer momento o telefone do Irmão estaria tocando com um texto ou um telefonema para informá-lo que sob nenhuma circunstância Qhuinn deveria estar a menos de trezentos metros de seu prisioneiro...

— Tchau — Phury se afastou e levantou uma mão. — Boa sorte com ele.

— Ele vai precisar dessa porra — Qhuinn sussurrou para o Irmão que recuava.

NOVE

Em sua cegueira, Wrath estava tanto mais isolado quanto mais conectado ao mundo do que aqueles dotados de visão. Isolado, porque a falta de pistas visuais de seu ambiente significava que ele estava flutuando para sempre em uma galáxia de escuridão, e mais conectado porque suas outras faculdades foram amplificadas em seu perpétuo céu noturno interior, estrelas de outras informações que ele se orientava.

Assim, enquanto confrontava Layla e ela lhe contava a história toda, ele pegou e traçou todas as suas nuances, das variações em seu cheiro e tom de voz, a cada pequeno movimento que ela fez, à mudança na pressão do ar entre eles como seu humor alternava entre raiva e tristeza, arrependimento e culpa.

— Então Xcor encontrou o complexo — concluiu Wrath — rastreando seu sangue. Foi assim que ele fez isso?

Houve um leve rangido quando a cama se ajustou a mudança do peso dela.

— Sim — ela disse suavemente. — Eu o tinha alimentado.

— Sim, naquela primeira noite. Quando Throe te enganou para sair até aquele campo. Ou aconteceu de novo depois disso?

— Aconteceu de novo.

— Seu sangue estava dentro dele — repetiu Wrath. — E ele seguiu o sinal até aqui.

— Ele prometeu que se eu continuasse a vê-lo, ele não atacaria o complexo. Eu disse a mim mesma que estava protegendo a todos nós, mas a verdade é que... Eu precisava vê-lo. Queria vê-lo. Foi horrível, estar presa entre meu coração e minha família. Foi... terrível.

Maldição, pensou Wrath. Não haveria uma maneira fácil de sair disso.

— Você cometeu traição.

— Cometi.

Wrath tinha trabalhado duro para reverter muitas Velhas Leis restritivas e punitivas, abolindo coisas como a escravidão de sangue e contratos de servidão, e estabelecendo o devido processo legal para ofensas entre civis. Mas a única coisa que ele tinha se engajado é que trair a coroa ainda era punível com a morte.

— Por favor — ela sussurrou — não me tire dos meus bebês. Não me envie para o Fade.

Ela não era um inimigo do Estado. Mas tinha cometido um crime muito sério, e Deus, sua cabeça estava latejando.

— Por que você precisava ver Xcor? — Ele perguntou.

— Eu me apaixonei por ele — a voz da Escolhida era nivelada e sem vida. — Eu não tive controle sobre isso. Ele sempre foi tão gentil comigo. Tão amável. Ele nunca avançou sobre mim, e quando eu fiz isso, ele me afastou mesmo que estivesse bem óbvio que ele... não era indiferente. Ele só parecia querer estar perto de mim.

— Você tem certeza que ele não estava mentindo.

— Sobre o que?"

— Saber onde estamos.

— Não, ele não estava. Eu o vi na propriedade. Eu o encontrei... na propriedade — agora ela falava mais rapidamente, uma fervorosa súplica entrando em sua voz. — Então ele tem honra, ele poderia ter atacado, mas escolheu não fazer. Ele manteve sua palavra, mesmo depois de me dizer para me afastar e nunca mais vê-lo novamente.

Wrath franziu a testa.

— Você está dizendo que ele terminou tudo entre vocês dois?

— Terminou. Ele me expulsou e abandonou a cabana onde estávamos nos encontrando.

— Houve alguma razão para ele ter feito isso?

Houve uma longa pausa.

— Eu o confrontei sobre seus sentimentos por mim. Eu sabia que ele os tinha, e... mas na verdade, isso foi quando ele me expulsou.

— Há quanto tempo foi isso?

— Foi justo antes de ser capturado. E eu sei por que ele terminou tudo. Ele não queria ser vulnerável comigo.

Wrath franziu o cenho e cruzou os braços na altura do peito.

— Vamos, Layla, não seja ingênua. Você nem mesmo considerou que era mais um caso dele finalmente ter mobilizado tropas suficientes e inteligência para organizar uma ofensiva aqui?

— Desculpe? Eu não entendi.

— Xcor tem trabalhado ativamente com o *glymera* para formar alianças contra mim. Antes e depois dele colocar uma bala na minha garganta — como ela ofegou, ele normalmente teria parado. Mas a realidade foi ignorada acima do perigo. — Se você vai saquear uma fortificação como esta, vai precisar de meses e meses de vigilância e planejamento. Você vai precisar de um exército bem equipado. Você tem que coletar suprimentos e equipamentos. E você está me dizendo que não considerou, nem por um momento, que ele estava continuando a usá-la apenas para ganhar tempo? E talvez ele tenha te afastado por que estava finalmente pronto?

A voz dela se tornou estridente.

— Depois que ele me disse para ir, eu estava confusa e chateada, mas pensei a respeito disso. Sei que o que ele sente por mim é real. Olhei-o nos olhos. Eu vi a emoção.

— Não seja romântica, okay? Não em questões de guerra. Aquele bastardo é um assassino frio como pedra e ele te usou. Você é como todo mundo mais para ele. Você é uma ferramenta para conseguir o que ele quer. Tire suas viseiras, fêmea, e caia na real.

Houve um longo silêncio, e ele podia praticamente ouvi-la pensar com afinco.

E então ela disse em voz baixa.

—Tudo isso de lado... o que você vai fazer comigo?

Quando Xcor escutou as vozes ao longe descendo o corredor, testou seus limites novamente, mesmo sabendo que nada havia mudado e ele estava preso onde estava, preso à maca. E então sentiu o cheiro de um novo macho, ouviu passos pesados se aproximando, sentiu uma agressão que era francamente furiosa.

A hora tinha chegado. A conta estava aqui e ele não iria viver depois disso.

Flexionando seus braços e pernas mais uma vez, ele encontrou sua força em um refluxo. Mas era isso. Talvez isso significasse que ele morreria mais rápido e isso era de benefício limitado.

O rosto que entrou em sua linha de visão era um bem familiar, o olhar azul e verde fixo, desiguais e sem combinar, traços duros e de cabelo preto único que fez Xcor sorrir um pouco.

— Você me acha divertido? — Qhuinn exigiu em uma voz plana como uma lâmina de faca. — Eu tinha pensado que você iria cumprimentar seu assassino com algo diferente de um sorriso.

— Ironia — disse Xcor rudemente.

— Destino, filho da puta.

Qhuinn foi para a banda de aço no tornozelo esquerdo de Xcor, o arranco e o puxão fazendo Xcor franzir a testa, e quando a pressão foi liberada, ele se esforçou para levantar a cabeça. O Irmão foi remover o da direita... e então subiu mais alto até os pulsos.

— O que... fazendo... — Sob nenhuma estrutura poderia ele compreender por que ele seria libertado. — Por quê...

Qhuinn rodeou sua cabeça e destrancou a última das algemas.

— Porque eu quero que esta seja uma luta justa. Sente-se, seu merda.

Xcor começou a mover-se lentamente, dobrando os braços e depois levantando os joelhos. Depois de ter estado deitado de costas por tanto tempo, todos os seus músculos tinham se atrofiado e havia uma rigidez essencial nas articulações que o faziam pensar em galhos de árvores estalando. Mas era incrível como estar à beira de ser atacado fazia você quebrar as barreiras da dor e funcionais.

— Você não vai... — ele grunhiu enquanto se levantava nos cotovelos, suas vértebras estalando ao longo do caminho de sua espinha — mesmo me perguntar...

Qhuinn se estabeleceu em uma posição de combate a cerca de cinco passos de distância, seus punhos levantados, seu peso nas pernas.

— Perguntar o que?

— Onde estão meus soldados?

Desde que sua consciência tinha sido notada por seus captores, todos os fios que haviam corrido entre seu corpo e as máquinas que o tinham mantido vivo foram removidos, exceto o soro em seu braço. Por instinto, ele arrancou isso fora e deixou o buraco sangrando.

— Isto não é sobre seu Bando de Bastardos.

Com isso, o macho se lançou para ele, levando com um gancho de direita que foi tão preciso e violento que era como ser atingido por um carro no lado do rosto. Sem energia, pouca coordenação e um

corpo nu que não respondia a comandos mais complicados do que respirar e piscar, Xcor foi arremessado da maca. No meio do ar, ele estendeu a mão procurando o que poderia agarrar para parar sua queda, e pegou a beirada da maca, puxando-a para baixo em cima de si mesmo.

Qhuinn foi para o escudo, pegou-o, e jogou a coisa por cima do seu ombro como se não pesasse nada mais do que um travesseiro. E o choque, quando isso bateu nas prateleiras e jarros quebrando, foi alto como uma bomba estourando na tocha iluminando o corredor.

— Seu filho da puta! — gritou Qhuinn. — Seu fodido idiota!

Xcor se sentiu arrastado para cima pelo cabelo e suas pernas não tiveram uma chance de falhar — seu corpo foi no caminho da maca, voando pelo ar, batendo em uma nova seção de prateleiras, os jarros sendo tanto um amortecedor quanto cacos.

Quando ele aterrissou em uma pilha, o chão de pedra rachou sua pélvis como vidro, ou pelo menos se sentiu desse modo, e ele rolou de costas na esperança de fornecer alguma proteção defensiva para si mesmo com suas mãos.

Qhuinn saltou em cima dele, uma bota em cada lado de seu torso. Agachando-se, o Irmão gritou:

— Ela estava com os meus bebês! Jesus Cristo, você poderia tê-los matado!

Xcor fechou os olhos contra uma imagem nítida de Layla com seu corpo em mudança, o resultado da descendência de outro homem — a descendência *deste* macho, crescendo dentro dela. E então imagens piores se apresentavam em sua mente... aquela da carne nua dela ao toque de outro homem, seu núcleo precioso penetrado por alguém que não fosse ele, um acasalamento ocorrendo entre ela e outra pessoa.

Vindo do nada, uma onda de energia estimulou seu corpo, inundando de gasolina o que fora um motor seco.

Sem pensamentos conscientes, ele disparou suas presas, os caninos descendo por conta própria, seu cheiro de vinculação flamejando contra um alvo que ele iria matar com suas mãos.

As narinas de Qhuinn se alargaram e ele congelou como se estivesse atordoado.

— Você está brincando comigo porra... você está *vinculado* a ela? — O Irmão começou a rir, jogando a cabeça para trás, mas então abruptamente, ele cortou a leviandade e zombou. — Bem, eu a servi em sua necessidade. Pense nisso, filho da puta. Fui eu quem a tomou e aliviou sua dor do modo que apenas um macho...

A grande parte selvagem de qualquer vampiro macho assumiu Xcor, arrancando o manto claustrofóbico de fraqueza, expondo o guerreiro em seu sangue, o assassino em sua medula.

Xcor saltou e atingiu o Irmão com tudo o que tinha, atacando Qhuinn e enviando os dois em uma dispersão para a parede oposta das prateleiras, suas posições mudando uma pelo outro quando Qhuinn foi empurrado para trás e socos foram lançados. Xcor estava de longe mais desleixado e mais facilmente superado, mas ele tinha a vinculação ao seu lado, sua necessidade de macho de proteger e defender, seu ciúme inato, sua possessividade esmagadora fornecendo-lhe uma vontade vital de atacar até ele subjugar seu concorrente.

Enquanto se mexiam, seus pés foram cortados sobre a cerâmica quebrada, ele sangrava pelo nariz e uma de suas pernas se arrastava como peso morto, mas ele cravou Qhuinn com uma cabeçada e depois jogou toda sua força para empurrar seu oponente. Quando Qhuinn balançou na direção do equipamento

médico, os braços estendidos para uma estabilização que não poderia ser encontrada, Xcor saltou adiante com a intenção de aterrissar sobre o Irmão e o abater deixando-o sem sentido.

Mas como o lutador treinado que era, Qhuinn conseguiu desviar virando-se e caindo em queda livre, e de alguma forma se endireitou a tempo de plantar suas botas e pegar um dos monitores. Lançando-o em um círculo, ele o jogou sobre Xcor como se fosse um pedregulho.

Sem tempo para se abaixar, não com a coordenação tão ruim quanto a de Xcor, o impacto lhe custou a respiração e o equilíbrio, o ar forçado a sair de seus pulmões quando o dispositivo médico o atingiu no lado. Após um mero momento de recuperação, entretanto, lançou-se ele mesmo em um giro defensivo, por que Qhuinn tinha pegado outra peça do equipamento, esta muito maior.

Qhuinn ergueu o ventilador alto, e Xcor percebeu que ele fornecia um alvo muito grande e lento para o Irmão perder.

Então ele correu para o macho em vez de ir para longe dele. E no último segundo Xcor se deixou cair, golpeou as palmas das mãos no chão de pedra e mobilizou todos os músculos que tinha para enviar a parte inferior do corpo em um balanço, suas pernas nuas dando voltas...

Para nocautear Qhuinn dando uma rasteira nele.

Quando o Irmão caiu, o ventilador escorregou de sua posse e caiu em cima dele, a maldição e grunhido e o barulho sugerindo que o contato tinha sido feito em um lugar vulnerável.

Na verdade, ele se curvou em si mesmo como se suas entranhas tivessem sido comprometidas.

Fração de segundo. Xcor tinha uma fração de segundo para cortar sua resposta de macho vinculado e analisar a luta com lógica. Felizmente, não havia muita consideração necessária. Mesmo com a vinculação em suas veias, ele ia perder isso.

E quando se enfrentava um oponente que superava você, se alguém queria sobreviver, devia recuar e pro inferno com o ego.

O Bloodletter tinha lhe ensinado isso. Do jeito mais duro.

Com Qhuinn se contorcendo de quatro e agarrando seu lado, Xcor decolou em seus pés lacerados, tropeçando e caindo sobre a maca destruída e desviando através do campo de detritos de jarros de *lessers* quebrados e os corações putrefatos contidos neles. Ele não podia correr; seus passos largos eram mais dos de um bêbado, lançando-o ao redor, o mundo rodando, embora ele estivesse bastante certo de que as tochas e as estantes estavam estáticas.

O mais rápido que ele podia ir. E então ainda mais rápido.

Ele foi tão rápido como qualquer homem que tinha sido imobilizado por seu inimigo durante semanas e semanas.

O que queria dizer que ele estava tudo menos passeando. Qhuinn, entretanto, tinha sido ferido gravemente. Um rápido olhar por cima do ombro mostrava o Irmão vomitando sangue.

Xcor continuou seguindo, um breve otimismo estimulando-o a seguir. Exceto que então ele confrontou um problema que era de tal magnitude, que sua ineficiência de impulsionar-se adiante foi declarada discutível.

Na luz cintilante das tochas, ele viu os portões pesados à frente que eram feitos de barras de ferro sólidas colocadas na rocha da caverna, e tinham sobre elas uma malha de aço que era tão fina que a desmaterialização seria impossível.

Xcor estava ofegante, sangrando, suando e tremendo enquanto subia e testava com seus braços patéticos a força da barreira. Sólida como as paredes da caverna. Não foi uma surpresa.

Olhando para trás, viu Qhuinn se levantar, balançar a cabeça como se para limpá-la e encontrar um foco súbito.

Como um predador com sua presa.

O fato de que havia sangue escorrendo do queixo do macho e cobrindo o peito parecia um presságio do destino.

Infelizmente, ele não ia sobreviver a isso.

DEZ

Enquanto Layla esperava por Wrath para falar sobre sua punição, ela não podia engolir pelo medo, a vergonha e o arrependimento. Mas sua boca estava tão seca que não havia nada para descer por sua garganta.

Incapaz de ficar quieta, mas incapaz de se levantar da cama, ela desviou o olhar da severa figura de seu Rei — apenas para ver os buracos de bala acima no estuque no canto mais distante. A náusea subiu de sua barriga, uma onda vil e ardente. Com sua raiva exaurida, ela não podia imaginar sua fúria anterior, mas não tinha dúvida de onde esteve emocionalmente. Onde Qhuinn estivera.

Querida Virgem Escriba, ela ia vomitar.

— Eu não vou te matar — anunciou Wrath.

Layla exalou enquanto se deixava cair na cama.

— Oh, obrigada, meu Senhor...

— Mas você não pode ficar aqui.

Ela se endireitou quando seu coração começou a acelerar.

— E os bebês?

— Nós vamos trabalhar algum tipo de visitação ou...

Dando um salto na cama e ficando ereta, ela colocou as mãos na garganta como se estivesse realmente sendo estrangulada.

— Você não pode me separar deles!

O semblante do Rei, tão aristocrático, tão dominante, oferecia compaixão, mas não concessão.

— Você não pode mais ficar aqui. Xcor não vai viver com o que vamos fazer com ele, mas Throe se alimentou de você, e mesmo que já tenha sido há algum tempo, não é seguro. Assumimos que o *mhis* foi forte o suficiente para nos isolar, mas claramente essa é uma lógica falha, e um risco de segurança numa escala catastrófica.

Layla tropeçou e caiu de joelhos aos pés de Wrath, apertando as mãos em oração.

— Eu juro para você, eu nunca quis que nada disso acontecesse. Por favor, eu imploro, não tire meus filhos de mim. Qualquer outra coisa, eu vou obedecer, eu juro!

Lá fora no corredor, ela sabia que os Irmãos estavam perto mais uma vez e estavam ouvindo a uma discreta distância, e não se importava que eles estivessem vendo-a desmoronar. Wrath sim, no entanto. Ele disparou um olhar feio sobre seu ombro.

— Afastem-se! Nós estamos bem aqui — ele vociferou.

Não, nós não estamos, ela pensou. *Não estamos nem um pouco bem aqui.*

Houve uma breve comoção e então não havia mais ninguém no corredor que ela pudesse ver — e Wrath tornou a se concentrar nela, seu profundo inalar flamejando suas narinas.

— Eu posso cheirar suas emoções. Sei que você não está mentindo sobre o que você disse e o que você acredita. Mas há momentos em que a intenção é irrelevante e este é um deles. Você precisa partir agora ou...

— Meus bebês!

—... eu terei você removida.

Enquanto as lágrimas caíam, ela queria chorar compulsivamente, mas não havia nada contra o que argumentar. Ele estava certo. Xcor a encontrara e seguira para casa, e quem diria que Throe não poderia fazer o mesmo? Mesmo que ela tivesse alimentado aquele macho apenas uma vez com seu sangue sendo tão puro, os efeitos de rastreamento poderiam durar anos, décadas, talvez mais. Por que ela não tinha considerado isso? Por que eles não tinham?

— Você está extinguindo meus direitos de mãe? — Ela disse rouca.

O horror de perder seus filhos era tão avassalador que ela mal conseguia colocar seu medo em palavras. Em todos os seus piores pesadelos ela nunca pensara que tudo chegaria a isso. Nunca nem uma vez considerou que as ramificações seriam tão devastadoras.

Mas quando alguém estava enfrentando uma colisão de frente não podia catalogar com total exatidão a extensão dos próximos ferimentos, especialmente se você estivesse em meio a manobras evasivas para tentar evitar o acidente.

O destino a tinha colocado aqui.

Suas próprias escolhas tinham também.

Não havia qualquer negociação também.

— Não — disse Wrath abruptamente. — Não vou cortar seus direitos. Qhuinn vai odiar isso, mas esse não é problema meu.

Layla fechou os olhos, as lágrimas sendo espremidas e se entrelaçando em seus cílios.

— Sua misericórdia não conhece limites.

— Besteira. E agora você tem que ir. Tenho algumas propriedades que são seguras e vou arranjar o transporte. Comece a fazer as malas.

— Mas quem vai ficar com eles? — Ela se virou para os berços. — Meus bebês... oh, querida Virgem Escriba...

— Qhuinn vai. E então vamos fazer arranjos para você vê-los — o Rei pigarreou. — Isto é... como deve ser. Eu tenho que pensar nas outras crianças aqui... inferno, neste exato momento estou querendo saber se não preciso evacuar cada pessoa nesta casa. Jesus, por que eles já não atacaram, eu não sei a porra do por que.

Enquanto ela imaginava não dormir ao lado de Lyric e Rhamp, não alimentá-los durante o dia, não sendo a única a trocá-los e acalmá-los e banhá-los, ela não podia respirar.

— Mas só eu sei o que eles precisam, e eu...

— Diga adeus e então Fritz...

— Que *diabos* está acontecendo aqui?

Enquanto Wrath dava meia volta, Layla fungava e levantava o olhar. O Primale estava parado na porta quebrada, as sobrelhas de Phury baixas sobre seus olhos amarelos, seu corpo todo preso com armas e cheirando a ar livre.

— Está tudo bem com você, Layla? — Ele perguntou com preocupação enquanto entrava e dava uma volta em torno de Wrath. — Querida Virgem Escriba, o que são esses buracos de bala? Quem diabos descarregou uma arma aqui? As crianças estão bem?

— Qhuinn foi aquele com o dedo feliz — Wrath cruzou os braços sobre o peito e sacudiu a cabeça. — As crianças estão bem, mas ela precisa partir. Talvez você possa ajudar a tirá-la daqui?

Phury virou rapidamente em direção a seu líder, seu cabelo multicolorido balançando em seus ombros largos.

— Do que você está falando?

O Rei foi eficiente com a história sobre ela e Xcor e não usou as palavras traição, deslealdade ou *punível com a morte*, mas ele não precisava. Tudo isso e muito mais estava implícito prontamente, embora Wrath não tenha passado pela história inteira.

Phury o interrompeu antes do fim.

— Então foi por isso que ele veio!

— Xcor a estava usando sim...

— Não! Qhuinn! Porra! — Phury colocou os dedos na boca e assobiou tão alto que Layla teve que cobrir seus ouvidos. Então ele começou a falar rápido. — Qhuinn acabou de chegar ao *sanctum sanctorum*! Ele me disse que estava tomando o lugar de Lassiter para o dia e... merda! E disse que estava esperando por apoio. Ele não parecia bem, então pensei no meu caminho para o Grande Acampamento que eu daria uma passada por aqui e ter certeza de quem fosse cobrir Blay fosse lá imediatamente...

— Não! — Layla gritou. — Ele não pode ficar sozinho com ...

— Ele vai matar Xcor — Wrath estalou. — Droga...

Zsadist, o irmão gêmeo idêntico de Phury, deslizou pela porta no processo de puxar um coldre preso no peito.

— O que?

Wrath amaldiçoou.

— Ele está indo matá-lo, porra. Vocês dois, vão agora! Vou pegar Vishous!

Enquanto os Irmãos e o Rei saíam correndo, Layla correu para o corredor atrás deles. Embora não houvesse nada que ela pudesse fazer — nada que devesse fazer — estava envolvida neste pesadelo.

Assim como todos eles estavam.

No grande portão da caverna, Xcor virou as costas para a aproximação claudicante e ensanguentada de Qhuinn, e puxou as barras com força, colocando todo o seu instinto de sobrevivência no puxão. Sem nenhum efeito.

— Estou indo matar você — disse Qhuinn roucamente. — Com minhas mãos nuas. E então vou comer seu coração enquanto ele ainda está quente...

Xcor foi dar meia volta e se preparar para uma defesa contra seu atacante quando algo brilhou na luz do fogo e o congelou onde ele estava. A princípio, não podia acreditar no que chamou sua atenção. Foi tão inesperado que até mesmo a perspectiva de morte certa não foi suficiente para distraí-lo.

Fechando os olhos, sacudiu a cabeça e então abriu as pálpebras, como se isso lhe desse uma visão mais precisa.

No lado oposto de onde estavam as dobradiças do portão... havia uma fechadura. E tão certo como o sol se põe no oeste, parecia haver uma chave saindo da fechadura.

Enquanto o som barulhento da marcha desigual de Qhuinn se tornava cada vez mais próximo, Xcor estendeu uma mão trêmula e deslocou o pesado pedaço de metal velho de um lado, e depois do outro...

A chave rodopiou e de repente o que tinha sido sólido como uma rocha assinalou uma mudança. Xcor puxou o portão e o abriu, saindo tropeçando.

Qhuinn se deu conta imediatamente da brecha de segurança colossal, o Irmão praguejando e correndo para a frente, segurando seu flanco. Mas Xcor agarrou a chave, bateu o peso fechando o portão e descobriu, *sim — sim!* — o mecanismo era uma fechadura de dupla face.

Quando o irmão entrou ao alcance e lançou seu pesado corpo contra as barras de ferro, Xcor enfiou a chave, girou na direção correta e...

Trancou Qhuinn dentro da caverna.

Xcor se empurrou para trás enquanto o Irmão enfurecia e se jogava contra as barras de ferro e malha de aço, um rosnado de horror e de maldição que O Ceifador amargamente negara e mais um pouco.

Caindo em sua bunda nua, Xcor tremia tanto que seus dentes batiam juntos.

—... indo te matar! — Qhuinn gritava enfiando as mãos em garras nas malhas de aço até que comessem a sangrar. — Eu vou matar você, porra!

Xcor olhou por cima do ombro. O ar fresco estava vindo dessa direção e ele sabia que não tinha tempo. Qhuinn com certeza iria chamar apoio assim que parasse de lutar com seu adversário de ferro.

Erguendo-se em pé mancando, trocando os pés com tanta dificuldade que teve que se segurar na parede da caverna.

— Vou deixar a chave aqui.

Sua voz fraca e trêmula cortou a declamação do Irmão, calando brevemente seu oponente.

— Eu não quero nada de você ou da Irmandade — ele se abaixou e pôs a chave no chão. — Eu não desejo nenhum mal, nem quero machucar. Não cobiço mais o trono, nem desejo a guerra. Eu deixo esta chave como testamento das minhas intenções — e juro pela fêmea que eu amo com toda minha alma que eu nunca entrarei em suas instalações aqui ou em qualquer outro lugar novamente.

Ele partiu, arrastando um pé atrás de si. Mas então ele parou e olhou para trás.

Encontrando o olhar selvagem e descombinado de Qhuinn, Xcor falou com clareza.

— Eu amo Layla. E nunca, nem uma vez, reivindiquei seu corpo, nem deveria. Eu nunca vou buscá-la nem colocar meus olhos em cima dela novamente. Quer que eu morra? Bem, eu tenho morrido. Por cada noite que ela vive com você e seus filhos, estou sendo morto por que não estou na presença dela. Então seu objetivo está bem cumprido e realizado.

Com isso, ele fixou em sua partida, rezando para que de alguma forma pudesse se desmaterializar. Quando sua visão começou a vacilar, no entanto, ele tinha pouca fé de que seria esse o caso.

Sua força estava falhando agora que o macho vinculado dentro dele já não estava mais acionado por um rival. Na verdade, parecia haver pouca razão para tentar correr quando ele estava só indo cair de volta nas mesmas mãos em que ele esteve, mas não havia nada a ser feito sobre isso. E se ele tivesse sorte, eles iriam pegá-lo num lugar ermo e atirar nele como num javali.

Mas a sorte raramente estivera do seu lado.

ONZE

De volta à mansão da Irmandade, descendo umas boas quatro portas de onde o drama com a arma havia saído, Tohr deitou-se de costas em cima de sua cama completamente vestido. Enquanto olhava fixamente para o dossel acima, tentava convencer-se de que estava relaxando... E foi uma discussão que ele perdeu. De suas coxas duras como pedras, seus dedos que se contorciam até o modo como seus olhos se moviam ao redor, ele estava tão frio quanto uma corrente elétrica.

Fechando as pálpebras, tudo o que ele podia ver era aquela quarenta balançando ao redor e as balas voando dentro da mansão.

O mundo inteiro parecia fora de controle...

— Eu trouxe um chá pra você.

Antes que pudesse se deter, Tohr foi para a arma presa debaixo do seu braço. Mas instantaneamente quando captou o cheiro de sua fêmea e reconheceu sua voz, ele abaixou a mão e focou em Autumn. Sua amada *shellan* estava de pé na frente dele, sua caneca da YETI na mão dela, seus olhos tristes e sérios.

— Venha aqui — ele disse, estendendo a mão para pegar a dela. — Você é o que eu preciso.

Puxando-a para sentar ao lado dele, ele a agradeceu pelo chá e colocou o Earl Grey de lado. Então com um estremecimento de alívio, ele a acomodou em seu peito, envolveu seus braços ao redor dela e a segurou junto ao seu coração.

— Noite ruim — disse ele em seu cabelo perfumado. — Noite muito ruim.

— Sim. Estou tão feliz por ninguém estar ferido... E também é o aniversário de Wellsie. É uma noite muito, muito ruim.

Tohr ajustou Autumn pra trás um pouco para que ele pudesse olhar o rosto dela. Após o assassinato de sua companheira grávida pelo inimigo, ele esteve convencido de que nunca amaria outra vez. Como poderia depois dessa tragédia? Mas esta gentil, paciente e estável fêmea diante dele abriu seu coração e sua alma, dando-lhe vida onde estava morto, luz em sua escuridão perpétua, sustento em sua fome.

— Como você está com isso? — Ele perguntou, traçando sua bochecha com a ponta dos dedos.

— Com o quê? — Ela estendeu a mão e alisou para trás a faixa branca que tinha se formado na frente de seus cabelos logo após Wellsie ter morrido.

— Você nunca se ressentiu dela ou... — Era difícil para ele reconhecer seu contínuo apego a seus mortos em voz alta para ela. Ele nunca quis fazê-la sentir-se menos. — Ou meus sentimentos por ela.

— Por que eu deveria? Cormia nunca se sentiu frustrada pela falta de um membro do seu macho. Nem Beth pela cegueira de Wrath. Eu te amo como você é, não como você teria sido se você nunca tivesse amado outra, nunca tivesse perdido outra, nunca tivesse sido frustrado da possibilidade de ser pai.

— Só poderia ser você — ele sussurrou, inclinando-se para pressionar seus lábios contra os dela. — Você é a única com quem eu poderia estar.

O sorriso dela era como seu coração, aberto, sem mácula, aceitando.

— Que conveniente que eu sinta o mesmo por você.

Tohr aprofundou o beijo, mas depois interrompeu o contato — e ela entendeu por que ele parou, assim como sempre o entendia: ele não podia deitar com ela nesta noite ou neste dia. Não até meia-noite. Não até o aniversário de Wellsie acabar.

— Não sei onde estaria sem você — Tohr balançou a cabeça, pensando no humor em que ele esteve enquanto ia até a caverna para matar Xcor. — Quero dizer...

Quando Autumn alisou o cenho franzido entre suas sobrancelhas, ele foi ainda mais longe no tempo, quando Lassiter apareceu no meio de uma floresta com um saco cheio de McDonald's e uma insistência pra que Tohr voltasse para seus Irmãos. O anjo caído não tinha ouvido a razão — o início de uma tendência, naturalmente — e eles dois tinham meio que mancado e coxeado de volta aqui para a mansão.

Tohr esteve à beira da morte, tendo sobrevivido com sangue de veado e não muito mais, pelo longo tempo que tinha estado nos bosques sozinho. Tinha um plano naquela época: ao longo daqueles meses, ele tentara se matar por desgaste porque não queria testar a lenda urbana de que as pessoas que cometiam suicídio não iam para o Fade.

Matar a si mesmo de fome tinha parecido, na sua mente confusa, uma morte diferente de pôr uma bala na sua cabeça.

Mas este não tinha sido o seu destino. Assim como retornar a esta casa com aquele anjo caído não tinha sido sua salvação.

Não, ele devia isso a esta fêmea aqui. Ela e apenas ela o tinha virado do avesso, o amor deles o trazendo de volta do inferno. Com Autumn, sua perspectiva de ficar no planeta tinha feito um total 180 graus, e embora ele ainda tivesse noites ruins, como esta noite... ele também tinha noites boas.

Ele tornou a focar em sua fêmea.

— Seu amor me transformou.

Deus, era quase como se Lassiter soubesse como tudo ia acontecer, e estivesse certo de que era então a hora de Tohr retornar e a ressurreição...

Tohr franziu a testa, sentindo uma mudança em sua fêmea.

— Autumn? O que está errado?

— Desculpa. Só estava me perguntando... O que vai acontecer com Layla?

Antes que ele pudesse responder, alguém começou a bater forte na sua porta — e esse tipo de urgência significava somente uma coisa: uma mobilização de armas. O Bando de Bastardos tinha decidido atacar?

Tohr colocou Autumn de lado gentilmente e então pulou pra fora da cama até seu coldre de adagas.

— O que está acontecendo? — Ele vociferou. — Onde estamos indo?

A porta se abriu e Phury parecia um inferno.

— Qhuinn está lá embaixo sozinho na Tumba com Xcor.

Tohr congelou por um segundo, fazendo a matemática e chegando a uma conclusão que significava que ele estava sendo enganado por matar aquele fodido babaca.

— Maldição, ele é meu, não de Qhuinn...

— Você vai ficar aqui. Precisamos de alguém com Wrath. Todo mundo está indo pra lá.

Tohr rangeu os dentes, mas não ficou surpreso. E proteger o próprio Rei não era um rebaixamento.

— Vai me manter informado?

— Sempre.

Com uma maldição, o Irmão se afastou e saiu junto com os outros, juntando-se ao que se transformou em uma debandada de shitkickers pisando forte no corredor de estátuas.

— Vá — disse Autumn. — Procure Wrath. Isso fará com que você se sinta com propósito.

Ele olhou pra ela por cima do ombro.

— Você sempre me conhece, não é?

Sua bela companheira sacudiu sua cabeça loira.

— Você tem mistérios que ainda me cativam.

Quando uma repentina luxúria engrossou seu sangue, Tohr soltou um ronronar.

— Meia-noite. Você é minha, fêmea.

O sorriso dela era tão antigo quanto a espécie e tão duradouro.

— Mal posso esperar.

Tohr estava no corredor um momento depois — e sentindo-se totalmente engaiolado, mesmo que a mansão tivesse quantos quartos? Mas quando ele subiu até a porta aberta do estúdio de Wrath, o Rei quase o cortou ao meio.

—...fodida merda, estou fora daqui — Wrath fechou as portas duplas atrás dele e se dirigiu para o topo da grande escadaria. — Maldição, eu sou um Irmão, estou autorizado a entrar lá...

— Meu Senhor, você não pode ir para Tumba.

Enquanto George, cão guia do rei, choramingava no lado mais distante do estúdio de portas duplas, o último vampiro puro-sangue da terra atingiu as escadas em uma descida pisando duro.

— Wrath — Tohr caiu em uma corrida diretamente nos calcanhares do macho, mas não se incomodou muito com todo aquele volume. — Pare. Não, sério. Pare.

Sim, ele era tão persuasivo quanto um idiota com bandeiras sinalizadoras e dois braços quebrados: ele não estava pulando na frente de seu regente. Ele não estava estendendo a mão, agarrando o sujeito e forçando o Rei a ficar dentro. E ele não estava, finalmente, indo impedir seu governante de sair para a Tumba onde Qhuinn estava.

Onde Xcor estava.

Porque, ei, se estava guardando o Rei, ele tinha que ir com o macho onde quer que fosse, certo? E se apenas acontecesse de levá-lo pra onde aquele Bastardo estava? Beeeem, isso não teria sido culpa dele. Além disso, dado o humor de Wrath? Qualquer discussão sobre ficar seria um fôlego desperdiçado. O Rei era altamente razoável, exceto quando não era. E quando aquele FDP de cabelos pretos com os óculos escuros decidia que ia ou não fazer alguma coisa? Ninguém, mas ninguém o faria mudar de ideia.

Com exceção talvez de Beth — e até mesmo isto não era garantido.

Enquanto ele e Wrath atingiam o vestíbulo e atravessavam a pintura em mosaico de uma macieira em floração, Tohr disse em tom aborrecido:

— Sério. Deixe os outros lidarem com isso. Pare.

Wrath não hesitou e não vacilou. Embora não tendo visão, estava tão familiarizado com a mansão que era capaz de antecipar o número de degraus, a direção, até mesmo a altura da maçaneta enorme que ele estava procurando. As coisas eram mantidas assim, e eles estavam indo para a caverna no lado norte da montanha em um nanosegundo.

Exceto... Quando a entrada do vestíbulo se abriu e o ar frio entrou, Tohr respirou fundo.

E instantaneamente, sua insanidade sumiu.

Espere um minuto, ele pensou. Que diabos ele estava fazendo?

Uma coisa era fugir de lidar com ele mesmo — outra era falhar em seu trabalho como guarda particular e permitir que o Rei se colocasse em uma situação que pudesse pôr em perigo sua vida. E também, P.S., era mentira querer matar Xcor por atirar contra Wrath, enquanto ao mesmo tempo estava disposto a deixar o Rei caminhar para o que poderia ser uma emboscada. O Bando de Bastardos era uma carta mais selvagem do que nunca. E se algo der errado lá embaixo com Qhuinn trapaceando e Xcor de alguma forma ficasse livre? Encontrasse seus rapazes? Atacasse a Irmandade?

Enquanto a pilha de Wrath mergulhava através do vestíbulo e saía para a noite, Tohr voltou ao trabalho.

Agora ele saltou na frente, afastou as mãos, socou o peitoral de seu governante.

Encarando aqueles óculos de sol pretos, ele disse:

— Espera, eu não posso deixar você ir para a Tumba. Por mais que eu realmente queira uma merda de desculpa para chegar lá e lidar com o traseiro do Xcor em meus próprios termos, eu não conseguiria viver comigo mesmo se...

Tchau tchau.

Sem uma única palavra ou hesitação, Wrath se ergueu e desapareceu. O que provava que Tohr esteve certo pra caralho sobre o Rei fazendo o que ele queria — e realmente estúpido pra cacete por não atacar o macho na grande escadaria.

— Merda! — murmurou Tohr, enquanto puxava do coldre suas duas calibre 40.

Sua própria desmaterialização cortou o resto dos xingamentos que estavam correndo em contenda através de seu cérebro inútil. E então ele estava reassumindo sua forma na floresta densa, no lugar que tinha sido forçosamente expulso não mais que uma hora atrás.

Oh... *Deus*.

Sangue. No meio das rajadas de vento frio... ele podia sentir o cheiro do sangue de Xcor.

O filho da puta estava fora? Mas que diabos? Porque aquela merda não estava destilada à distância, era como se estivesse vindo de uma lesão que estivesse no interior da caverna.

Não, estava bem aos seus pés, nas agulhas caídas do pinheiro e na sujeira. Uma trilha.

Uma fuga.

Mesmo que seu instinto de rastrear o macho fosse quase esmagador, Wrath era mais importante. Girando em seus shitkickers, ele correu para seu governante.

— Meu Senhor! — Tohr escrutinou os arredores, procurando por movimento. — Que porra está errado com você! Precisamos tirá-lo daqui!

Wrath o ignorou e se dirigiu até a caverna, onde as vozes dos outros Irmãos ecoavam ao redor e claramente fornecendo-lhe uma orientação. Tohr pensou em deter o macho, mas melhor ali dentro com a Irmandade do que na floresta como um pato sentado.

Cara, mas eles iam conversar depois disso.

Ótima noite para a família. Puta merda.

O cheiro de sangue era mais espesso aqui, e sim, ele sentiu uma pontada de ciúme passar por seu peito. Qhuinn claramente tinha atingido o bastardo. Mas alguma coisa tinha dado muito, muito errado. Havia um rastro de pegadas descalças e sangue que saía da caverna, e Qhuinn também estava vazando. Esse cheiro era igualmente forte.

O Irmão ainda estava vivo? Xcor tinha de alguma forma o dominado e pegado a chave para o portão? Mas como isso teria sido possível? Xcor estava meio morto naquela maca.

Enquanto Tohr e o Rei entravam mais fundo na caverna, a luz das tochas no portão ofereceu um brilho para seguir, e então ele e Wrath chegaram a todos os demais — e Tohr confrontou uma situação que era tão inesperada quanto inexplicável.

Quinn estava no interior dos grandes portões do *sanctum sanctorum* sentado em sua bunda no chão com os cotovelos sobre os joelhos. Ele estava sangrando em vários lugares e respirando de uma forma superficial que sugeria que ele poderia ter algumas costelas quebradas. Suas roupas estavam fora de ordem, e manchadas com sangue que era dele e tinha que ser de Xcor também, e as juntas dos seus dedos estavam estouradas.

Mas isso não era o estranho.

A chave do portão estava do lado de fora. Assentada sobre o chão de terra como se tivesse sido colocada ali deliberadamente.

Três de seus irmãos estavam de pé em torno da coisa como se ela pudesse explodir sobre eles, e em todos os lugares as pessoas estavam falando acima das outras. Toda essa conversa terminou, no entanto, quando a presença de Wrath se registrou no grupo.

— Mas que porra! — Alguém disse.

— Jesus, Maria, José! — Certo, aquele era Butch. — Que diabos?

Mais Irmãos saltaram naquela carreata, mas o Rei não estava nem aí.

— O que eu estou olhando! Alguém me diga o que eu estou olhando!

No silêncio que se seguiu, Tohr esperou por um dos primeiros responderem, para falar, pra fazer o resumo.

Exceto que ninguém parecia querer ser o machão.

Tudo bem, foda-se, pensou Tohr.

— Quinn está consciente, sangrando e trancado dentro da Tumba. A chave — Tohr sacudiu sua cabeça para o portão — está do nosso lado da fechadura. Quinn, Xcor está aí dentro com você ou não?

Mesmo que aquela trilha de sangue ali fora através da floresta fornecesse resposta suficiente.

Quinn abaixou a cabeça e esfregou os cabelos escuros, a palma da mão fazendo círculos lentos no que já estava emaranhado.

— Ele escapou.

Okaaaaaaaaaaaaay, você quer falar sobre bombas-p? Era como se cada um dos Irmãos tivesse um piano caindo em seu pé e estivessem usando a palavra “porra” como um analgésico.

Um sentido de urgência fez Tohr desligar de tudo isso. Virando-se, ele pegou o celular, ligou a lanterna e varreu o feixe ao redor. Rastrear essas pegadas bagunçadas na terra solta e sujeira era fácil, e ele as seguiu de volta até a entrada da caverna. Xcor esteve tropeçando ao invés de caminhar, sua marcha

claramente comprometida tanto pelo mês que ele passou deitado de costas, quanto por tudo o que veio abaixo quando ele e Qhuinn fizeram suas rondas.

Quando Tohr ressurgiu no meio da floresta, agachou e balançou a pequena luz num círculo. Atrás dele, uma discussão enorme estava se desenrolando entre Wrath e a Irmandade, aquelas vozes profundas ecoando em torno da cortesia das paredes rochosas, mas deixou que eles o fizessem. Andando em frente, desligou a lanterna e colocou o celular de volta no bolso traseiro. Ele não tinha levado um casaco ou qualquer coisa com ele quando tinha deixado a mansão, mas a noite de vinte e cinco graus não o incomodou.

Ele estava muito ocupado dando uma de cão de caça, farejando o ar.

Xcor tinha ido para oeste.

Tohr caiu em uma corrida, mas não pôde ir rápido demais. Com o vento indo e vindo em direções diferentes, era difícil manter a trilha.

E então isso só acabou.

Circulando ao redor, Tohr voltou na trilha para que pudesse reconectar com o caminho de sangue... e então... é, ele o perdeu mais uma vez.

— Oh, seu maldito bastardo — ele sibilou na noite.

Como é que a porra daquele pedaço de merda fraco e ferido conseguiu se desmaterializar, Tohr nunca iria compreender. Mas você não podia discordar dos fatos: a única explicação possível para a trilha ser cortada tão abruptamente foi que o bastardo tinha de alguma forma encontrado a força e a vontade para desaparecer.

Se Tohr não odiasse o fodido com tanta paixão... Ele teria quase respeitado o filho da puta.

Enquanto Xcor reassumia sua forma corpórea, estava nu em uma pilha em um arbusto coberto de neve, bem fundo dentro de uma floresta que já não era de pinho, mas de bordo e carvalho. Com a respiração ofegante, obrigou os olhos a trabalhar, e quando a paisagem apareceu abruptamente clara e em foco, ele soube que tinha se completado fora da propriedade da Irmandade. O *mhis*, aquela borra protetora da paisagem que marcava seu território, tinha desaparecido, e seu sentido de direção lhe foi devolvido.

Não que ele tivesse qualquer pista de seus arredores.

Durante sua fuga, ele conseguiu desmaterializar três vezes. Uma vez de cerca de quarenta e cinco metros fora da caverna; na segunda, alguma distância longe disso, talvez uma milha descendo a montanha; e então até aqui, até esta parte plana do bosque, o que sugeria que ele estava bem longe da montanha onde foi mantido.

Rolando de costas, ele bombeou seus pulmões e rezou por força.

A ameaça imediata à sua vida tendo passado, uma fraqueza intransponível veio sobre ele, tão mortal quanto qualquer outro tipo de inimigo. E depois havia o frio que agravava ainda mais o déficit de energia, retardando seus reflexos pobres, assim como sua frequência cardíaca. Mas nada disso era sua maior preocupação.

Virando sua cabeça, ele olhou para o leste.

O horizonte estava caminhando para iniciar o aquecimento da iminente chegada do amanhecer em uma hora. Mesmo em seu estado, ele podia sentir o brilho de aviso através de sua pele nua.

Forçando sua cabeça fora do chão, ele procurou por abrigo, uma caverna talvez, ou uma coleção de pedregulhos... Um tronco podre derrubado que oferecesse um lugar oco no qual ele pudesse se esconder. Tudo o que via eram árvores, galhos debaixo de galhos suspensos, seus ramos nus formando um dossel que não iriam fornecer proteção suficiente do amanhecer.

Ele ficaria em chamas assim que o sol se levantasse completamente.

Mas pelo menos então ele estaria aquecido. E pelo menos então, tudo terminaria.

Certamente, quaisquer que fossem os horrores do holocausto, eles não eram nada em comparação com as torturas que a Irmandade sem dúvida o fariam passar... Torturas que seriam inúteis, supondo que informações sobre seu Bando de Bastardos fossem o que eles estivessem atrás.

Por um lado, seus soldados teriam seguido o protocolo e ido para outro local após seu desaparecimento. Afinal de contas, a morte ou a captura eram as duas únicas explicações para qualquer ausência dele, e não havia raciocínio lógico para apostar em qual poderia ser.

Por outro, ele não teria desistido de seus lutadores, mesmo se estivesse em processo de ser estripado.

O Bloodletter não tinha sido capaz de quebrá-lo. Ninguém mais o faria.

Mas aí, tudo isso era discutível, o agora.

Curvando-se para um lado, ele puxou as pernas para o seu peito, envolveu seus braços em torno de si mesmo e estremeceu. As folhas debaixo dele não eram uma cama macia, suas bordas geladas e enroladas cortando sua pele. E enquanto o vento atravessava a paisagem, um atormentador em busca de vítimas, isso parecia prestar especial atenção a ele, empurrando os restos de floresta em seus recantos, roubando cada vez mais seu calor corporal cada vez menor.

Fechando os olhos, ele encontrou uma parte do passado voltando para ele...

Era dezembro de seu nono ano, e ele estava na frente da cabana em ruínas, com telhado de palha na qual ele e sua babá ficavam. De fato, assim que a noite caía todas as tardes, ele era banido pra cá e acorrentado no lugar pelo pescoço, e tolerado no interior mais uma vez só quando o sol estava ameaçando no leste e os humanos estariam fora. Durante a maior parte das horas solitárias e frias, especialmente durante a temporada de inverno, ele se encolhia contra a parede de fora da sua casa, movendo-se em sua corrente apenas para ficar à espreita do vento.

Seu estômago estava vazio e ficaria assim. Ninguém da raça em sua pequena aldeia iria se aproximar dele para lhe oferecer comida estando morrendo de fome, e sua babá certamente não o alimentaria até que ela tivesse que fazer — e então seriam migalhas após o amanhecer das refeições que ela mesma comia.

Colocando seus dedos sujos na boca, ele sentiu a distorção que corria entre seu lábio superior e a base do nariz. O defeito sempre fora assim, e por causa disso, sua mahmen o havia mandado para fora da sala de parto, lançando-o nas mãos de sua babá. Sem mais ninguém para cuidar dele, tentou fazer o certo pela fêmea, tentou fazê-la feliz, mas nada que ele fez nunca lhe agradou... E ela parecia apreciar lhe dizer repetidamente como sua mahmen biológica o banira de sua vista, como ele fora uma maldição para uma fêmea da raça de alto valor.

Seu melhor curso era sair do caminho da babá, fora de sua vista, fora de sua casa. No entanto, ela não o deixaria fugir. Havia tentado isso algum tempo atrás e chegado até a borda dos campos que cercavam sua aldeia. Assim que sua ausência tinha sido registrada ela veio à sua procura, e o espancou tanto que ele se acovardou e gritou em meio aos seus golpes implorando por perdão, pelo que, ele não sabia.

Foi assim que ele veio a ser acorrentado.

Os elos de metal corriam da coleira áspera em torno de sua garganta até o engate enorme de ferro na esquina da cabana. Não mais vagando, e não mais mudando de posição a menos que tivesse que se aliviar ou se manter abrigado. O couro grosseiro acima de seu pescoço tinha pontos crus gastos em sua pele, e isso nunca era removido, nunca havia cura nas dores que tinha que ser. Mas ele tinha aprendido a aguentar.

Dobrando seus joelhos até seu peito magro, ele uniu seus braços ao redor dos ossos de suas pernas e estremeceu. Suas vestes eram limitadas a uma de suas capas de lã esfarrapadas da babá e a um conjunto de calças masculinas que eram tão grandes que ele podia segurá-las debaixo das axilas com uma corda. Seus pés estavam descalços, mas se os mantivessem debaixo do manto, eles não congelavam.

Enquanto o vento soprava através das árvores nuas, o som que ele fazia era como o uivo de um lobo e seus olhos se arregalavam enquanto procurava na escuridão que mudava, no caso de o que ele ouvia ser realmente de natureza lupina. Estava aterrorizado com os lobos. Se um, ou um bando, viesse atrás dele, ele seria comido, tinha certeza, de modo que sua corrente significava que ele não poderia procurar escapar pra dentro ou subir em qualquer das árvores, nem poderia chegar à porta para a cabana.

E não acreditava que sua babá o salvaria. Às vezes, acreditava que ela o acorrentava com a esperança de que fosse consumido, sua morte pelos elementos ou pela natureza selvagem enquanto a libertava, se isso acontecesse verdadeiramente, não seria exatamente culpa dela.

A quem ela era responsável, porém, ele não sabia. Se sua mahmen o repudiara, quem pagava por seu sustento? Seu pai? O homem nunca tinha se identificado com ele e certamente nunca tinha aparecido...

Quando um estranho som de uivo atravessou a noite, ele se encolheu.

Era o vento. Tinha que ser... apenas o vento.

Buscando alguma coisa para acalmar sua mente, ele olhou para a piscina de luz amarela quente que emanava da janela única da cabana. A iluminação cintilante tocava nos tentáculos torcidos do emplastro morto de framboesa que cercavam a cabana, fazendo os arbustos espinhosos se movimentarem como se

estivessem vivos... E ele tentou não encontrar nada de sinistro na constante mudança. Não, ao invés disso, fixou os olhos no brilho e tentou se imaginar diante da lareira interior aquecendo as mãos e os pés, seus músculos fracos desenrolando-se da sua intumescente autoproteção contra o frio.

Em seu sonho ocioso, ele imaginou a babá sorrindo para ele e o segurando em seus braços, encorajando-o a se aninhar em segurança contra ela. Ele fantasiou que ela acariciava seus cabelos e não se importava que estivesse sujo, oferecendo-lhe comida que estava intocada e inteira. Ele se banharia depois, limpando sua pele e removendo o colar de sua garganta. A pomada acalmaria o que o afligia, e então ela lhe diria que não se importava que ele fosse imperfeito.

Ela o perdoaria pela sua existência, e sussurraria que sua mahmen realmente o amava e iria buscá-lo em breve.

E então ele finalmente iria dormir profundamente, o sofrimento acabaria...

Outro uivo interrompeu suas reflexões, e ele correu de volta em plena consciência procurando mais uma vez a moita e o suporte de árvores esqueléticas.

Foi sempre assim, neste ir e vir entre ele sentindo a necessidade de estar ciente de seu entorno em caso de ataque... E ele procurando abrigo em sua mente para evitar a parte que nada poderia fazer para se salvar.

Enfiando a cabeça dentro do seu ombro, ele apertou os olhos novamente.

Havia outra fantasia que o entretinha, embora não tão frequentemente. Ele fingia que seu pai, sobre quem sua babá nunca tinha falado, mas que Xcor imaginava ser um lutador feroz para a raça, encontrava um cavalo de guerra e o resgatava. Ele imaginava o grande lutador o gritando, convocando e colocando no alto da sela, chamando de "filho" com orgulho. Em um galope poderoso eles se ajustariam com a juba atacando o rosto de Xcor conforme iriam em busca de aventura e de glória.

Na verdade, isso era tão improvável de acontecer quanto ele ser bem recebido no interior da cabana...

Na distância, o bater de cascos de cavalo sinalizava uma aproximação, e por um momento seu coração saltou. Ele havia conjurado sua mahmen? Seu pai? Tinha o impossível finalmente ocorrido...

Não, não a cavalo. Era uma carruagem incrível, uma régia adequada, com um corpo dourado áureo e um par de cavalos brancos. Havia até um lacaios atrás e um cocheiro uniformizado.

Era um membro da glymera, um aristocrata.

E sim, quando um lacaios saltou e atendeu à saída de uma fêmea vestida com arminho, Xcor nunca tinha visto alguém tão bonita ou que cheirasse nem mesmo parcialmente tão perfumada.

Movendo sua posição de modo que pudesse ver ao redor do canto da choupana, ele estremeceu quando o couro áspero cortou de novo sua clavícula.

A grande fêmea não se incomodou em bater, mas teve o lacaios abrindo largamente a porta rangendo.

— Hharm acasalou com ela com o nascimento do macho. Está feito. Você é livre... Ele não vai mais te segurar por isso.

Sua babá franziu o cenho.

— O que você está dizendo?

— É verdade. O pai ajudou com o grande dote que ele exigiu. Nossa prima agora é sua shellan e você está livre.

— Não, isso não pode ser...

Quando as duas mulheres voltaram para a cabana e fecharam o lacaio ali fora, Xcor se levantou e espiou pela janela. Através do espesso vidro cheio de bolhas, ele assistiu enquanto sua babá continuava reagindo com choque e descrença. A outra fêmea, contudo, deve ter aliviado sua contradição, pois houve uma pausa... e então uma grande transformação se apresentou.

De fato, uma alegria tão penetrante inundou sua babá internamente que ela parecia uma fria lareira reavivada, não mais o desgastado esplendor de feiura a que ele estava acostumado, mas algo completamente diferente.

Ela se tornou resplandecente, mesmo com seu traje esfarrapado.

Sua boca se movia, e mesmo que ele não pudesse ouvir sua voz, entendeu exatamente o que ela falou: Estou sou livre... Estou sou livre!

Através do vidro ondulado, observou-a olhar em volta como se estivesse em busca de artigos de importância.

Ela o estava deixando, ele pensou em pânico.

Como se tivesse lido seus pensamentos, sua babá parou e olhou para ele através do vidro, a luz do fogo brincando em seu rosto corado e excitado. Com os olhos trancados, ele colocou a mão na vidraça suja em súplica.

— Leve-me com você — ele sussurrou. — Não me deixe assim...

A outra mulher olhou em sua direção e sua careta sugeriu que a visão dele virou seu estômago. Ela disse algo para sua babá, e aquela que cuidara dele sua vida inteira até agora não respondeu imediatamente. Mas então seu rosto endureceu e ela se endireitou como se estivesse se preparando contra um vendaval inclemente.

Ele começou a bater no vidro.

— Não me deixe! Por favor!

As duas fêmeas viraram-se dele e saíram, e ele correu para pegá-las antes que elas subissem à carruagem.

— Me leve com você!

Quando ele correu para frente, chegou ao final de sua corrente e foi varrido pra fora de seus pés pelo pescoço, caindo com força, sem fôlego.

A fêmea com as roupas finas não se importou quando juntou as saias e abaixou a cabeça para entrar no interior da carruagem. E sua babá se apressou atrás, colocando uma mão em sua têmpora para proteger seus olhos dele.

— Ajude-me! — Ele agarrou a corda, raspando sua carne. — O que será de mim?

Um dos lacaios fechou a escotilha dourada. E o doggen hesitou antes de voltar para o seu posto no topo da retaguarda.

— Há um orfanato não muito longe daqui — disse ele grosseiramente. — Liberte-se e proceda cinquenta acres ao norte. Lá você deve encontrar outros.

— Ajude-me! — Xcor gritou quando o motorista balançou as rédeas e os cavalos saltaram, o cocheiro mergulhando na pista de terra.

Ele continuou a berrar conforme foi deixado para trás, os ruídos da partida cada vez mais fracos à distância... até que eles não estavam mais.

Enquanto o vento soprava sobre ele, as trilhas das lágrimas em seu rosto ficaram geladas e seu coração trovejava em seus ouvidos, tornando impossível ouvir qualquer coisa. Do rubor de sua ansiedade, ele ficou tão quente de sua agitação que deixou de lado o manto e sangue escorreu de sua garganta, cobrindo seu peito nu e aquelas calças enormes.

Cinquenta acres? Um orfanato?

Ele mesmo se livrar?

Tais palavras simples, saindo de uma consciência culpada. Mas de nenhuma ajuda para ele afinal.

Não, pensou. Ele tinha que confiar no agora.

Mesmo que quisesse se enrolar em uma bola e chorar de medo e tristeza, ele sabia que devia se sustentar, pois o abrigo era exigido. E com isso em mente, juntou suas emoções e agarrou a corrente com ambas as mãos. Inclinando-se para trás, puxou com toda sua força, tentando se livrar da amarração, seus elos sibilando ao movimento.

Enquanto ele se esforçava, ele tinha alguma noção de que o cocheiro não poderia estar tão longe. Ele ainda poderia pegá-los se pudesse simplesmente se libertar e correr...

Disse mais a si mesmo que essa não era sua mahmen que havia acabado de sair, tendo mentido para ele o tempo todo. Não, era somente uma babá de uma estação incomum.

Era insuportável pensar nela de outra maneira.

DOZE

Parecia apropriado que Quinn tivesse que olhar fixamente através de barras de ferro para ver seus irmãos — não que ele quisesse olhar para eles. Mas sim, uma separação entre ele e aqueles outros vivos e respirando, marcados por um antigo e impenetrável portão, parecia ser o melhor curso de inatividade.

Ele não estava apto para qualquer tipo de companhia.

E claramente, eles não estavam felizes com ele também.

Enquanto se sentava com o rabo no chão de pedra nua da caverna e as costas contra uma seção das prateleiras de jarras ainda intactas, ele observava a Irmandade rondar e rosnar no outro lado de todo aquele ferro, andando de um lado para o outro e correrem um para o outro enquanto berravam para ele. O bom — e era apenas marginalmente “bom”, ele supunha — era que o som do drama inteiro tinha sido virado de cabeça para baixo, algum truque do universo, ou talvez sua pressão caindo, desligando o interruptor do mundo em volta dele.

Tão bom. Ele já era um especialista em fodonomia. Não havia nada que nem sequer o mais criativo uso das palavras com F deles poderia ensiná-lo a maldizer alguém.

Além disso, considerando que ele era o substantivo em todas essas frases? Quem precisava disso agora? Ele já estava fazendo muitas rodadas de autossacrifício em seu cérebro, muito obrigado.

Deixando a cabeça cair, fechou os olhos. Não foi uma ótima ideia. Seu lado o estava matando, e sem distrações, a dor assumiu as proporções de Jolly Green Giant⁸. Ele deve ter quebrado alguma coisa ali dentro. Talvez rompido o fígado ou um rim ou um...

Quando uma onda de náusea inchou seu estômago, ele abriu as pálpebras e olhou na direção oposta do zoológico da condenação. Falando sobre emporcalhar o lugar... A maca estragada, o equipamento médico quebrado, todas as jarras quebradas e corações pretos gordurosos no chão de pedra... Era como se um furacão tivesse atravessado a caverna.

O segundo lugar que ele tinha destruído. Se você contasse ele atirando no quarto de Layla.

Embora esta confusão, ele lamentasse.

⁸ Jolly Green Giant é o mascote da empresa Green Giant vegetal.

A outra? Sim, ele estava arrependido por aquela também, mas não estava se afastando de sua linha dura com ela e seus filhos.

Com um gemido, esticou uma perna e depois a outra. Havia sangue em seus couros. Em seus shitkickers. Nos nós dos dedos de ambas as mãos. Provavelmente precisaria de atenção médica, mas não queria isso...

Um silêncio abrupto chamou sua atenção e ele olhou para os portões. Oh ótimo. Fodástico.

O Rei estava bem na frente daquelas barras de ferro, parecendo a fúria do inferno em pé em seus shitkickers. E aparentemente, ele queria uma conversa em particular com ele: Vishous tinha dado um passo a frente e estava colocando a chave na fechadura do outro lado, a tranca fazendo um ruído de tinido conforme as engrenagens cediam e permitiam que os portões fossem abertos.

Wrath foi o único quem entrou, e então eles dois foram trancados ali dentro juntos. Seria para impedir que os outros Irmãos atacassem Qhuinn? Ou para impedi-lo de fugir de tudo o que o Rei tinha planejado?

Escolhas, escolhas.

Quando Wrath se aproximou e parou, Qhuinn abaixou seu olhar fixo mesmo apesar do macho ser cego.

— Isso é onde você me despede da Irmandade?

Droga, aquelas eram umas shitkickers fodonas, ele pensou vagamente. De seu ponto de vista quase olho-na-bota, elas pareciam do tamanho de um par de Subarus.

— Estou ficando realmente cansado pra caralho de te encontrar assim — Wrath estalou.

— Eu também.

— Você quer me contar o que aconteceu?

— Não particularmente.

— Deixe-me refazer a frase, filho da puta. Você vai me contar o que aconteceu ou eu vou mantê-lo preso aqui dentro até você morrer de fome até ficar só ossos.

— Sabe, essas modas de dietas nunca funcionam a longo prazo.

— Funcionam se você tomar um suplemento de chumbo junto.

Qhuinn olhou a arma no coldre embaixo do imenso braço esquerdo de Wrath. Mesmo que o Rei não tivesse olhos espreitadores utilizáveis, isso era uma aposta boa pra cacete que ele poderia pôr uma bala onde ele quisesse só de ouvir.

— Fale — disse Wrath. — Eu vou te ajudar. Você pode pular a explicação do por que pensou que era uma boa ideia vir aqui e atacar um prisioneiro meu sem permissão. Eu posso fazer essa matemática bem pra caralho. Por que você não me diz como ele conseguiu te trancar aqui dentro?

Qhuinn esfregou o rosto, mas não por muito tempo. O movimento fez seu estômago rolar ainda mais — ei, ele tinha uma dor de cabeça também. Talvez isso fosse uma concussão?

#CompreUmLeveDois

Ele pigarreou.

— Quando Phury saiu, ele me deu a chave para me trancar com Xcor. E eu fiz.

O qual era o novo protocolo. Anteriormente, quando Xcor foi levado pela primeira vez em custódia, quem estivesse no dever de guarda ficava trancado ali dentro por fora. Ao longo do tempo, no entanto, eles tinham mudado esse procedimento por considerações práticas, com todas as trocas de plantões diferentes, exames médicos e administração de remédios. E sim, talvez eles tivessem ficado um pouco relaxados depois de um mês do bastardo só deitado ali na maca como um pedaço ruim de arte moderna.

— E? — Wrath rosnou.

— Eu estava distraído. Então esqueci de tirar a chave da fechadura.

— Você estava... distraído. Pelo quê? Planos de destruir tudo isso? — Enquanto o Rei fazia um gesto ao redor dos jarros arruinados como se pudesse vê-los, estava claro que o mau cheiro de *lesser* tinha chegado ao seu nariz. Além disso, olá, a turma do Charlie Brown estava reclamando sobre a bagunça. — Mas que porra, Qhuinn. Sério, você perdeu a porra da cabeça?

— Sim, acho que sim — viagem curta. Ha-ha. — Ou isso foi tão retórico que você não precisa de uma resposta? Ei, por que não paramos de falar sobre Xcor para que você possa me dizer o que vai fazer com essa fêmea dele, Layla.

Fale sobre querer vomitar.

No silêncio que se seguiu, Wrath cruzou os braços sobre o peito, os bíceps inchando até ficarem tão grossos que fez The Rock se parecer com o homem graveto.

— Nesse instante, não são os direitos parentais *dela* que eu estou pensando em cortar.

Qhuinn olhou para cima bruscamente e depois teve que tossir seu reflexo de vômito de volta no lugar enquanto sua cabeça trovejava.

— Espere *o que*? Ela comete traição por ajudar e instigar um inimigo nosso...

— E você acaba de deixar uma propriedade da Irmandade ir livremente porque você enlouqueceu. Então vamos deixar cair essa merda da traição, ok? Só vai conseguir deixar suas bolas mais espremidas, confie em mim.

Era meio difícil argumentar com os fatos, pensou Qhuinn. Ainda bem que as emoções dele não davam a mínima para a lógica.

— Só me diga que você vai tirá-la da casa — ele exigiu. — E que meus filhos vão ficar comigo. Isso é tudo que me importa.

Por uma fração de segundo, Qhuinn pensou em Xcor falando coisas sem sentido pouco antes que o bastardo tivesse saído. Jorrando merda sobre Layla. Amor. Não querendo mais um pedaço de Wrath.

Sim, como se ele fosse acreditar nisso.

O Rei encarou por trás de seus óculos de sol.

— O que eu faço ou não faço não é da porra da sua conta.

Espera. Havia mesmo uma possibilidade que...

— Você está falando sério! — Qhuinn fez um movimento para se levantar, mas isso foi um problema. Mesmo enquanto ele grunhia e vomitava para um lado, ele continuou falando através da náusea. — Ela perdeu seus direitos! Ela alimentou o inimigo!

— Se ele é tal inimigo, por que Xcor deixou a chave para trás?

— O que?

Wrath cravou o dedo indicador na direção do portão.

— Xcor bloqueou você aqui dentro, mas deixou a chave ali embaixo. Por que ele fez isso?

— Eu não sei, porra!

— Sim, e nós não podemos perguntar isso a ele agora, podemos? — Wrath estalou.

Qhuinn sacudiu sua cabeça.

— Ele ainda é nosso inimigo. Ele sempre será nosso maldito inimigo. Eu não dou a mínima para o que ele diz.

As sobrancelhas negras de Wrath caíram abaixo das bordas de seus óculos de sol novamente.

— Então, o que ele te disse?

— Nada. Ele não disse merda nenhuma — Qhuinn mostrou suas presas. — E não se preocupe, eu vou buscá-lo de volta. Vou caçar aquele fodido e...

— O inferno que você vai. Estou suspendendo você do serviço ativo imediatamente.

— O quê! — Agora Qhuinn disparou pra cima, mesmo se sentindo como se estivesse indo protagonizar a cena do filme *Exorcista* vomitando a sopa de ervilha toda em cima do Rei. — Isso é besteira!

— Você está fora dos malditos trilhos, e eu não vou aceitar isso. Agora seja um bom pequeno sociopata e cale a boca enquanto é levado para tratamento médico.

Numa onda de raiva nuclear, aquela raiva incandescente ressurgiu, disparando através do cérebro de Qhuinn novamente — e quando sua consciência tomava o banco de trás em todo seu fogo do inferno, ele estava vagamente ciente de sua boca se movendo como se estivesse gritando com o Rei. Mas não tinha ideia do que estava dizendo.

— Você sabe o quê? — Wrath o cortou com um tom entediado. — Nós terminamos aqui, você e eu.

Essa foi a última coisa que Qhuinn ouviu.

A última coisa que ele viu? O enorme punho do Rei voando na direção de sua mandíbula.

Fale sobre fogos de artifício, e então as luzes se apagaram, ninguém partiu pra dentro por ele,, suas pernas caindo debaixo dele, seu peso se espatifando como boliche no chão da caverna.

O último pensamento dele antes de desmaiar?

Duas concussões uma atrás da outra iam fazer maravilhas pra sua saúde mental. É, simplesmente o tipo de merda que ele precisava neste momento.

Em seu quarto na mansão da Irmandade, Layla estava de pé sobre os berços, seus olhos indo e vindo entre seus dois filhos dormindo. Os rostos de Lyric e Rhamp eram de anjos; as bochechas gordas e rosadas, a pele macia, os cílios escuros e fechados, as sobrancelhas arqueadas como asas. Ambos estavam respirando com dificuldade, como se estivessem trabalhando com grande diligência em seu repouso para crescerem e ficarem mais fortes, maiores e mais inteligentes.

Era a procriação trabalhando, a raça da Virgem Escriba se mantendo. Um milagre. Imortalidade para o mortal.

Quando sentiu uma presença atrás dela, ela disse em uma voz áspera e baixa:

— É melhor sacar sua arma.

— Por quê?

Ela olhou por cima do ombro para Vishous. O Irmão estava parado dentro de seu quarto parecendo um precursor do castigo. O que ele era de fato.

— Se quer que eu os deixe, você vai ter que me colocar no Fade.

Não foi surpresa que Wrath tinha enviado Vishous para levá-la embora. V era como lidar com um iceberg, o guerreiro frio, intratável, imutável de qualquer objetivo do qual ele tivesse definido. Os outros machos da casa? Particularmente aqueles com filhos, ou Phury como o Primale, ou Tohr que tinha perdido uma companheira e seu próprio filho? Qualquer um desses Irmãos poderia ter sido persuadido a mudar de rumo e assim permitir que ela ficasse, ou permitisse que levasse seu filho e filha com ela.

Não Vishous.

E no caso dela, talvez não Tohr. Ele queria matar o macho com quem ela havia traído a Irmandade.

Ela olhou para a arma que estava presa debaixo do braço de V.

— Bem?

Vishous só balançou a cabeça.

— Isso não vai ser necessário. Venha, vamos.

Ela virou de volta para seus filhos.

— Qhuinn o matou? Xcor? Ele está morto?

— Fritz está lá fora na frente. Temos caminhos para dirigir. Nós estamos partindo agora.

— Como se eu fosse uma bagagem a ser transportada — não havia lágrimas para ela; o horror do que estava acontecendo era tão grande que estava entorpecida. — Xcor está morto?

Quando Vishous falou em seguida, ele estava bem atrás dela, sua voz na parte de trás de seu pescoço fazendo o cabelo em sua nuca se levantar em advertência.

— Seja lógica a respeito disso...

Ela girou e estreitou os olhos.

— Não se atreva a fazer isso soar como se eu estivesse sendo irracional em não querer deixá-los.

— Então não se esqueça da posição em que você está — ele acariciou seu cavanhaque com a mão enluvada. — Você pode acabar com menos do que nenhum direito sobre eles, independentemente do nascimento deles. Mas se vier comigo agora, eu vou garantir — *garantir* — que eles vão estar de volta com você em breve, talvez ao cair da noite amanhã.

Layla envolveu os braços ao redor de si mesma.

— Você não tem esse tipo de poder.

A sobancelha dele, aquela com as tatuagens ao lado, arqueou.

— Talvez não, mas elas tem.

Quando ele se deu um passo de lado e fez um gesto em direção à porta, ela cobriu a boca com a palma da mão. Uma por uma, as fêmeas da casa encheram o quarto, e mesmo com Vishous como comparação, elas eram um grupo feroz conforme se alinhavam em um semicírculo em torno dela. Até Autumn estava com elas.

Beth, a rainha, falou com voz clara e tranquila para que ela não perturbasse as crianças.

— Vou falar com Wrath. Assim que ele voltar do centro de treinamento. Nós vamos consertar isso. Não dou uma merda pro que aconteceu entre você e Xcor... De mãe pra mãe, eu me importo apenas com você e os bebês. E meu marido vai ver meu ponto de vista. Confie em mim.

Layla só faltou se lançar no abraço da Rainha, e quando Beth a segurou firme, Bella se aproximou e acariciou o cabelo de Layla.

— Nós vamos cuidar deles enquanto você se for — disse a fêmea de Z. — Todas nós. Eles não ficarão sozinhos nem por um segundo, então tente não se preocupar.

Cormia também deu um passo à frente, os olhos verdes pálidos da companheira Escolhida cheios de lágrimas.

— Eu vou ficar aqui dentro do quarto o dia todo — ela apontou para a cama. — Eu não vou deixar o lado deles.

Ehlana, a shellan de Rehv, assentiu com a cabeça.

— Como enfermeira, eu cuidei de centenas de crianças na minha linha de trabalho. Conheço bebês de frente pra trás. Nada vai acontecer a eles, prometo.

As outras murmuravam concordando e uma delas entregou a Layla um lenço. Foi assim que percebeu que estava chorando de novo.

Afastando-se de Beth, ela tentou manter suas fungadas tão suaves quanto podia. Queria dizer algo, queria expressar seu medo e sua gratidão...

A Rainha colocou as mãos nos ombros de Layla.

— Seus direitos de mãe não serão encerrados. Não vai acontecer. E sei exatamente para onde você está indo. É uma casa segura, totalmente protegida... V configurou a segurança e eu mesma fiz a decoração depois que a Irmandade a comprou há um ano.

— Ali é seguro — declarou Vishous. — Como um cofre de banco. E vou passar o dia com você como a porra da sua companheira de quarto.

— Então eu estou sob guarda? — Layla franziu o cenho. — Sou uma prisioneira?

O Irmão apenas deu de ombros.

— Você está protegida. Isso é tudo.

O inferno que era tudo, ela pensou. Mas não havia nada que pudesse fazer. Isso era maior do que ela, e sabia muito bem as razões para isso.

Voltando a Lyric e Rhamp, descobriu que as lágrimas escorriam pelo seu rosto mais rápido do que podia limpá-las com a bagunça encharcada que o tecido tinha se transformado. Na verdade, algo sobre as fêmeas da casa aparecendo e tendo-a de volta tinha descongelado o bloqueio entorpecido no centro de seu peito, e agora suas emoções estavam cruas mais uma vez.

Ela queria pegar cada um de seus filhos no colo e cheirar suas peles doces, mantê-los em seu coração, embalando suas cabeças conforme os beijava. Mas se fizesse qualquer dessas coisas, não seria capaz de deixá-los.

Sua mão tremia enquanto tinha que se contentar em puxar seus cobertores felpudos pra cima mais perto de seus queixos.

— Meu filho — ela sussurrou. — *Mahmen* vai voltar. Eu não estou... deixando você...

Não havia nada mais com seu adeus. Ela engasgou tanto que o discurso ficou impossível.

Sua jornada para ter essas duas preciosas bênçãos tinha começado o que parecia uma vida atrás quando sentiu que sua necessidade estava sobre dela e implorou a Qhuinn para servi-la. E então tinham chegado esses meses intermináveis da gravidez, e o parto de emergência.

Houve tantas impossibilidades ao longo do caminho, tantos desafios que não poderia ter previsto. Mas este era um que ela nunca tinha contemplado: deixar as crianças aos cuidados dos outros, não importa como competentes e amáveis aqueles “outros” fossem, não era nada que ela pudesse antecipar.

Era horrível demais.

— Vamos — disse Vishous com determinação. — Antes que o amanhecer chegue e as coisas fiquem ainda mais complicadas.

Com um olhar final para cada um dos seus filhos, Layla juntou as dobras de seu roupão e saiu do quarto. Como resultado, sentia como se tivesse deixado seu coração e alma para trás.

TREZE

Quando a noite caiu no dia seguinte, Quinn estava alheio ao pôr-do-sol e queimava no horizonte ocidental. Por um lado, ele estava no subterrâneo na clínica do centro de treinamento, de modo que a mudança do gigantesco flamejante corpo celeste em favor da Lua não era nada que ele pudesse olhar pela janela e ver. Por outro, ele estava sob o tipo de drogas que te faziam esquecer o próprio nome, muito menos que horas eram. Mas a razão principal pela qual perdeu o fim do dia?

Mesmo com todas as coisas ruins acontecendo em sua vida, ele estava tendo a melhor fodida alucinação. Tipo, da sua vida.

A parte consciente de seu cérebro — que tinha tomado conta do volante que a merda poderia muito bem ter sido acorrentada em seu porta-malas — estava bem ciente de que o que pensava estar vendo do outro lado do quarto do hospital, não estava absoluta e positivamente acontecendo. Mas aqui estava a coisa. Ele estava tão alto que, como a dor da cirurgia que fizeram nele há seis horas, os acontecimentos da noite anterior foram temporariamente amnesiados, e isso significava que ele estava espetacularmente excitado.

Isto não era uma surpresa. O fato de que ele era um porco cuzão com um tremendo desejo sexual tinha sido provado ao longo do tempo.

E ei, considerando como ele tinha se comportado na noite anterior, tinha tantas outras coisas para estar decepcionado consigo mesmo.

Então sim, como estava deitado aqui nesta cama de hospital, com tubos e fios entrando e saindo dele como se fosse um fodido dublê de Xcor, ele estava vendo Blay sentado naquela cadeira lá no canto, aquela que tinha a cor de creme de trigo, braços arredondados e o recosto baixo.

O zíper do macho estava aberto, seu pau estava pra fora... e o punho de Blay estava envolvido em torno desse comprimento grosso, as veias que corriam pelo seu antebraço musculoso estavam inchadas enquanto ele se acariciava.

— Você quer isso? — O Blay hipotético perguntou em uma voz profunda.

Quinn sibilou e mordeu o lábio inferior — e quer saber, enquanto ele ondulava os quadris, quase não podia sentir a dor da incisão em seu lado.

— Sim, porra, sim, eu quero essa merda.

O *Blay Não de Verdade* deslocou-se mais para baixo no assento para que pudesse estender os joelhos ainda mais. E quando o fez, o jeans preto que estava esticado bem apertando sobre os músculos pesados da coxa e dessa braguilha foram puxados abertos ao seu limite. E... oh, sim, enquanto o lutador trabalhava em si mesmo, seu peitoral desse lado flexionava e liberava juntamente com seu ombro enquanto ele bombeava, agradável e lento.

Com uma engolida áspera, a língua perfurada de Quinn coçava por aquela cabeça, aquele eixo. Ele queria compensar pelo que havia saído de sua boca de forma não explicada quando ele estava furioso, e sexo não era um Band-Aid ruim, realmente não era.

E Aquele Blay que Não era Realmente ia deixar ele fazer isso.

Flutuando em seu pequeno mar de ilusão, Quinn sentiu o falso alívio que veio com um perdão que não existia na vida real. Exceto que, droga, considerando o estado do resto de sua vida, ele estava

continuando com isso. Neste pequeno trecho de fantasia, ele iria pular no trem Blay e rezar para que pudesse de alguma forma conseguir a reconexão com o homem de verdade assim que as drogas desaparecessem.

— O que você quer fazer comigo? — O Quase Blay sussurrou. — Onde você vai com a sua língua?

Sim, chega de falar.

Com um súbito impulso, Qhuinn foi se sentar — porque era isso o que você fazia quando tinha grandes planos: ele tinha toda a intenção de atravessar o quarto do hospital, cair de joelhos e puxar escancarado até que Blay estivesse drenado e seco. E isso só seria um prelúdio para o sexo de reconciliação que eles iriam desfrutar durante nas próximas doze a quinze horas.

Então inferno sim, ele se sacudiu para a vertical, mas isso foi o mais longe que ele conseguiu. Seu estômago puxou o pino de uma granada que ele não tinha consciência que estava em sua posse e, em seguida suas entranhas jogaram essa cadela bem dentro dos seus pulmões, a explosão de dor arremessando-o numa pirueta deite-já que o deixou com ânsias de vômito.

E maldito seja ele, o franco atirador era um purificador terrível, limpando o Blay hipotético com seu pau magnificamente duro pra fora do quarto...

Quando o som de alguém gritando foi registrado, ele colocou a mão na boca para verificar se era ele ou não. Não. Os lábios estavam fechados.

Qhuinn franziu a testa e olhou para a porta fechada.

O que era... então quem estava berrando assim? Não podia ser Xcor. Se a Irmandade de alguma forma tivesse conseguido recuperá-lo, eles nunca trariam o bastardo aqui.

Tanto faz. Não era problema dele.

Olhando de relance para a esquerda, Qhuinn mediu a distância entre ele e o telefone da casa que estava na mesa de cabeceira. Cerca de cento e oitenta metros. Talvez duzentos e trinta.

Então, se ele fosse um jogador de golfe, estaria sem seus tacos e dentro de seu carrinho de golfe.

Com um gemido, ele iniciou o processo de se levantar e esticar o braço o máximo que podia. Bastante perto da meta. Mais perto. Eeeeeee... quase.

Depois de duas vezes passar batido e algumas apalpações com a ponta dos dedos, ele finalmente conseguiu agarrar o antigo receptor do telefone. Até conseguiu colocá-lo em seu peito sem deixar cair a maldita coisa.

Levá-lo até seu ouvido foi moleza também.

Mas oh, uma merda pra discar.

Ele teve que remover seu soro. Bagunçado, mas necessário, o orifício na máquina vazando a merda no chão enquanto seu sangue escorria para fora de onde o tubo tinha sido plugado na curva de seu cotovelo. Quem se importava? Ele iria limpar isso... quando pudesse ficar de pé sem vomitar.

Por um momento, enquanto olhava para os doze botões do telefone em seu pequeno quadrado, não conseguiu se lembrar dos dígitos. Mas o desespero tornou sua memória muito mais acurada do que tinha qualquer direito de ser e ele lembrou o padrão mais do que a ordem dos números.

Um toque. Dois toques. Três...

— Alô? — disse uma voz feminina.

A luz do sol tinha meio que noventa e sete por cento ido do céu quando Blay abriu a porta e saiu para a varanda dos fundos nova de seus pais. Frio, muito frio, o ar tão seco que suas narinas se sentiram com jatos de areia.

Cara, ele odiava dezembro. Não só por que ficava assim gelado, mas porque significava que faltavam mais quatro meses para que o tempo aliviasse e você não sentisse necessidade de usar casaco pesado toda vez que saísse.

Colocando o cigarro entre os lábios, ele acendeu seu isqueiro de ouro Van Cleef & Arpels — aquele dos anos quarenta que Saxton lhe dera quando estavam namorando — e colocou a mão em volta da alegre cor laranja das chamas. A primeira tragada foi...

Bastante terrível.

Um ataque de tosse superou o que deveria ter sido uma feliz reunião entre dois velhos amigos: os pulmões e a nicotina. Mas ele se recuperou rapidamente, e dentro de três tragadas estava de volta no negócio, o formigamento familiar em sua cabeça fazendo-o sentir-se mais leve em seus pés do que ele realmente estava, a fumaça na parte de trás de sua garganta como um traço de massagem sobre seu esôfago, cada exalar algo perto de quiropraxia todo o caminho descendo por sua espinha.

Ele tinha ouvido que fumar era estimulante? E o pequeno zumbido em seu lobo frontal liquidou a ideia. Mas era estranho como tudo sobre o mau hábito o acalmou: o potencial para relaxar tinha começado a se aglutinar no instante em que tinha encontrado o pacote velho e fechado de Dunhill Reds em uma gaveta de cabeceira, em seu quarto no andar de cima, e tinha culminado neste, seu primeiro momento de semipaz desde que ele aparecera aqui doze horas atrás, ostensivamente para checar o tornozelo ruim de sua mãe.

Ele bateu o cigarro sobre o cinzeiro de cristal que ele tinha equilibrado cuidadosamente no peitoril da varanda, e então estava de volta entre os lábios, de volta com o inalar, de volta com a exalar.

Concentrando-se no prado coberto de neve atrás da casa, sentiu pena de sua mãe. Ela teve que deixar a verdadeira casa da família quando os *lessers* tinham atacado o lugar — um episódio que, embora pudesse ter vivido sem ele, tinha provado que até contadores como seu pai, e mulheres civis como sua mãe poderiam ser um pé no saco dos atacantes, se eles precisassem. Mas sim, não ficar mais lá seguindo uma coisa com essa — e depois de ficar por aí se alojando em casa de parentes por um tempo, seus pais finalmente tinham comprado esta casa colonial nova onde as fazendas e os terrenos desocupados da terra estavam.

Sua mãe odiava a casa, embora os aparelhos fossem novos, as se janelas abrissem e fechassem facilmente, e nenhuma das tábuas rangia. Mas aí, talvez tudo isso era o que a fazia não gostar, mas o que se podia fazer... e este não era um lugar ruim. Dez acres com boas árvores, uma ótima varanda ao redor da casa e, pela primeira vez, ar condicionado central.

O que você não precisava no norte de Nova York, exceto, por exemplo, na última semana de julho e na primeira semana de agosto.

E durante aquelas quatorze noites quentes ou mais, você realmente ficava feliz por tê-lo.

Enquanto olhava fixamente para o lago congelado com decks com vara de pesca e rajadas de neve fazendo curva em S, deixou sua mente vagar em todas as sortes de reflexões não polêmicas sobre bens imobiliários, sistemas de ar condicionado e maus hábitos que não eram realmente de todo ruim.

Deus sabia que era um inferno de muito mais fácil do que o que o tinha mantido de pé o dia todo.

Quando chegou na noite passada perto da madrugada, não teve coragem de dizer aos seus pais o que havia acontecido. A coisa era, quando Qhuinn tinha sustentado que ele, Blay, não era um pai para aquelas duas crianças, o cara também tinha apagado todos os direitos de avós que sua mãe e pai pensavam que tinham. Então sim, não, ele não ia explicar por que ele...

O rangido da porta atrás dele o fez virar.

— Oi *Mahmen* — ele disse, colocando o cigarro atrás das costas. Como se fosse um fodido *pretrans* fazendo algo errado.

Ainda assim, bons meninos gostavam de fazer suas mães felizes, e Blay sempre foi um bom menino.

Sua *mahmen* sorriu, mas seus olhos se moveram para o cinzeiro e voltaram, como se ela não pudesse pegar o cheiro no ar? E não era como se ela nunca lhe dissesse para parar, exceto que era como Qhuinn. Ela não era fã, embora não houvesse risco de câncer para se preocupar.

— Tem um telefonema pra você — ela fez um gesto por cima do ombro. — Há uma extensão no estúdio de seu pai se você quiser um pouco de privacidade.

— Quem é?

Ele perguntou para ganhar algum tempo, embora estivesse bem claro quem estava chamando, mas ela não pareceu se importar.

— É Qhuinn. Ele parece... um pouco estranho.

— Aposto que ele está.

Blay voltou a olhar para o lago. De volta a fumar também, por que estava de repente nervoso.

— Eu não queria me meter, Blay. Mas sei que tem que ter alguma coisa acontecendo entre vocês dois, caso contrário ele estaria aqui também. Quer dizer, seu Qhuinn nunca perde a chance de vir comer minha comida.

— Você vai dizer a ele que eu não estou aqui? — Ele bateu no cigarro sobre o cinzeiro novamente embora não tivesse muita cinza na ponta. — Diga a ele que eu acabei de sair. Ou alguma coisa.

— Tarde demais. Eu disse que você estava bem aqui na varanda. Eu sinto muito.

— Está tudo bem — firmando o cinzeiro, ele apagou o Dunhill. — Você se importa se eu deixar isso aqui fora? Vou limpá-lo antes de partir.

— Claro — sua *mahmen* deu um passo ao lado e depois esperou com a porta aberta. Quando ele não veio imediatamente, ela pareceu triste. — Seja o que for, vocês dois podem resolver isso. Sendo pais novos pode mudar as coisas, mas não é nada que vocês não vão se adaptar.

Bem, aparentemente apenas um de nós é um novo pai, então...

Blay atravessou e beijou sua bochecha.

— O estúdio? Tem certeza de que o papai não precisa dele?

— Ele está no sótão. Acho que ele está alfabetizando nossas malas, por mais estranho que pareça.

— Nada é estranho quando se trata de papai e organização. É por cor ou por tipo?

— Tipo primeiro e depois cor. Como quem conheceu aquelas monstruosidades da Samsonite dos anos setenta poderia viver tanto tempo?

— Baratas, Twinkies e Samsonite. Isso será o que restará depois da guerra nuclear.

Estava muito mais quente lá dentro, e quando entrou no espaço de trabalho de seu pai, seu Nike chiou sobre os pisos de pinheiro recém-colocados. Ligando o interruptor, ele foi confrontado por um monte de cada-coisa-em-seu-lugar. A escrivaninha, do outro lado do caminho, não era nada extravagante, apenas uma bela peça do Office Depot com pernas pretas e um tampo marrom mel, e nela havia um telefone e uma calculadora da velha escola com um rolo de fita branca. A cadeira era preta e estofada em couro, e o computador de mesa era um Mac, não um PC.

Melhor não dizer ao V, ele pensou enquanto se fechava dentro.

Havia um número de janelas, todas com cortinas pesadas que ainda estavam fechadas, evidência de que seu pai ainda não tinha entrado na firma de consultoria que ele tinha começado. Teleconferência era uma dádiva de Deus para os vampiros que queriam fazer parte no setor humano, e era particularmente aplicável se você fosse um contador que trabalhava com números para ganhar a vida.

Sentado atrás do quartel general de seu pai, Blay pegou o fone e limpou a garganta.

— Alô?

Houve um clique quando sua mãe desligou na cozinha, ou em sua sala de estar, ou onde ela tinha respondido a chamada. E então não havia nada além de estática na linha.

— Alô...? — ele repetiu.

A voz de Qhuinn era tão rouca que mal se registrava.

— Ei.

Longo silêncio. Nenhuma surpresa. Blay era geralmente aquele que pressionava pela comunicação quando havia um ponto áspero, principalmente porque ele não podia lidar com a distância entre eles, e Qhuinn sempre achou difícil se abrir sobre "sentimentos". Inevitavelmente, entretanto, o macho cederia e conversariam sobre o que quer que fosse como adultos — e então Qhuinn iria querer servi-lo sexualmente durante horas, como se o cara quisesse compensar sua fraqueza de relacionamento interpessoal.

Era um bom Modus operandis. Geralmente funcionava para eles.

Mas não esta noite. Blay não estava jogando esse jogo.

— Eu sinto muito — disse Qhuinn.

— Pelo quê? — A pausa que se seguiu sugeriu que Qhuinn estava pensando "você sabe o que" em sua cabeça. — E sim, eu vou fazer você dizer isso.

— Eu sinto muito pelo que saiu da minha boca quando eu estava chateado. Sobre Lyric e Rhamp e você. Eu realmente sinto muito... Eu me sinto uma merda. Eu estava tão louco que eu não estava pensando direito.

— Eu acredito nisso — Blay correu as pontas dos dedos sobre as teclas da máquina de somar com seus números no centro e seus símbolos ao redor das bordas. — Você estava realmente chateado.

— Eu não podia acreditar que Layla os havia colocado em risco assim. Isso me deixou maluco.

Agora era a dica para Blay concordar, para afirmar que sim, qualquer um teria ficado chateado. E isso não era difícil de fazer.

— Ela arriscou a vida deles. É verdade.

— Quero dizer, você pode imaginar a vida sem esses dois?

Meio que sim. Passei a maior parte do dia fazendo isso.

Quando um nó formou em sua garganta, Blay tossiu em seu punho para limpá-lo.

— Não, eu não posso.

— Eles são a coisa mais importante na minha vida. Os dois e você.

— Eu entendi.

Qhuinn exalou como se estivesse aliviado.

— Estou tão feliz que você entendeu.

— Entendi.

— Você sempre me entende. Sempre.

— Isso é verdade.

Houve outro silêncio. E então Qhuinn disse:

— Quando você vai voltar? Eu preciso ver você.

Blay fechou os olhos contra aquele tom sedutor de voz. Ele sabia exatamente o que estava passando pela mente de Qhuinn. Crise evitada, hora para o sexo — e isso não era um hipotético desagradável no mínimo. Mas vamos lá, Qhuinn era um orgasmo de pé em um par de shitkickers, uma força dominadora, irreprimível da natureza na horizontal, capaz de fazer um macho se sentir como a única coisa mais desejável na terra.

— Blay? Espere, sua *mahmen* está bem? Como está o tornozelo?

— Melhor. Ela está mancando. Dra. Jane disse apenas mais uma noite ou duas e então ela pode tirar a bota. Está curando bem depois da queda.

— Isso é ótimo. Diga a ela que estou feliz por ela estar curando bem.

— Oh, eu vou.

— Então... quando você está vindo para casa?

— Eu não estou.

Longo silêncio.

— Por quê?

Blay correu as pontas dos dedos sobre os números naquele teclado, em ordem correta —primeiro ascendendo, de zero a nove, depois descendo. Ele não pressionou forte o suficiente para qualquer coisa mostrar na seção de iluminação ou para o rolo de papel obter com o seu programa e começar a imprimir.

— Blay, sinceramente sinto muito. Eu me sinto uma merda. Eu nunca quero te machucar, nunca.

— Eu acredito.

— Eu não estava no meu juízo perfeito.

— E esse é o meu problema.

— Olha, não posso acreditar que peguei uma arma e puxei o gatilho. Quero vomitar toda vez que penso nisso. Mas me acalmei agora e Layla está fora da mansão. Foi a primeira coisa que perguntei quando cheguei. Ela está fora e as crianças estão seguras, então estou bem.

— Espere, chegou de onde? Você ficou ferido depois que eu fui embora?

— Eu, ah... é uma longa história. Venha para casa e vou te contar pessoalmente.

— Eles tiraram os direitos de Layla?

— Ainda não. Mas vão. Wrath vai ver o meu lado. Afinal, ele é pai.

Aquele nó na garganta de Blay voltou, mas não tão ruim. Nenhuma tosse necessária.

— Layla ainda deveria ser capaz de ver essas crianças regularmente. Elas precisam de sua *mahmen*, e você goste ou não, ela deve estar na vida deles.

— O que você está dizendo, que ela e Xcor devem levá-los ao McDonald's para comer batatas fritas e uma Coca-Cola?

— Eu não vou discutir com você. Não é da minha conta, lembra?

— Blay — agora veio a impaciência. — O que mais você quer que eu diga?

— Nada. Não há nada para...

— Estou de volta à minha cabeça direita agora. Sei que estava errado ao gritar com você assim, e...

— Pare — Blay foi para o maço de Dunhill, mas depois colocou de volta no bolso de sua camisa. Não era como se ele fosse acender dentro de casa. — O fato de você ter se acalmado? Bom, talvez ajude a ser mais racional quando se trata de Layla. Mas aqui está a coisa: quando as pessoas estão assim loucas, elas falam a verdade. Pode pedir desculpas por estar zangado e gritando comigo e toda essa merda. O que você nunca será capaz de tomar de volta, no entanto, é o fato de que naquele momento, naquela fração de segundo, quando você não tinha a capacidade de adoçar, ou suavizar, ou ser agradável... você pôs ali pra fora, para todos ouvirem, o que você realmente acredita. Que eu não sou um pai para aquelas crianças.

— Você está tão errado. Eu só estava puto com Layla. Não tinha nada a ver com você.

— Suas palavras tinham tudo a ver comigo — e ouça, não é como se eu não entendesse. Você é o pai biológico dessas crianças. Isso é uma coisa que ninguém pode tirar de você ou mudar — isso é sagrado, uma realidade que foi determinada no segundo em que Layla ficou grávida graças a você. E é por isso que a ideia de que você esperar que Wrath finja sobre depois de ontem à noite que Layla não deveria estar na vida deles é besteira. Ela está no sangue deles, assim como você está — e sim, ela fez uma coisa muito ruim quando estava grávida, mas as crianças saíram do outro lado bem, e ela não os deixou por um segundo

desde que deu à luz. Você sabe muito bem como ela é com eles, com qualquer um ou com qualquer outra coisa, e isso inclui Xcor. Você tira dela os seus direitos? Você está apenas fazendo isso para ser cruel porque ela te assustou e você quer lhe ensinar uma lição e fazê-la sofrer. E essa não é uma boa razão para tirá-la de Lyric e Rhamp.

— Ela se juntou com o inimigo, Blay.

— E ele realmente não a machucou, não é? Ou seus filhos — Blay amaldiçoou. — Mas isso não é da minha conta...

— Você vai parar de jogar isso na porra da minha cara!

— Eu não estou dizendo isso para deixar você puto — abruptamente seus olhos começaram a se encher de lágrimas. — Estou dizendo isso porque é a minha nova realidade e estou tentando me acostumar com isso.

Odiava a aspereza em sua voz — especialmente porque Qhuinn o conhecia muito bem para não perceber. E nessa observação...

— Ouça, eu tenho que ir...

— Blay. Pare com isso. Deixe-me ver você...

— Por favor, não.

— O que está acontecendo aqui? — A voz de Qhuinn ficou apertada. — Blay. O que você está fazendo aqui?

Quando Blay recostou-se na poltrona de seu pai, fechou os olhos... e a imagem de Lyric embalada contra seu peito era como uma espada que cortava seu coração. Deus, podia se lembrar de cada coisa sobre ela: seus olhos largos, lindos, míopes que ainda não haviam se assentado em uma cor, suas bochechas rosadas, sua camada de cabelos loiros.

Ele podia se lembrar de sorrir para ela, seu coração tão cheio de amor que seu corpo parecia um glorioso balão, inflado, mas sem correr o risco de explodir.

Tudo tinha parecido mais permanente quando as crianças tinham chegado, como Qhuinn e ele já concretizados, tinha acrescentado cordas de aço em torno um do outro e puxado bem apertado.

Não tinha certeza do que era pior: perder seu lugar na vida das crianças ou não sentir mais a segurança.

— Eu tenho que ir — ele disse abruptamente.

— Blay, qual é...

Quando colocou o receptor no lugar, ele não o bateu. Não pegou a coisa inteira e jogou nas prateleiras precisamente ordenadas de livros sobre economia e regras de contabilidade.

Ele não estava louco.

Ficar com raiva sobre a verdade era apenas estúpido.

Era melhor gastar seu tempo se adaptando a ela.

Muito mais lógico, mesmo que trouxesse lágrimas aos olhos.

QUATORZE

— Sério. Tudo o que vou fazer é tomar um banho e depois olhar para fora da janela um pouco mais. É isso aí.

Quando Vishous não disse nada, Layla se virou na cadeira em que estivera na última hora. Ali também foi onde ele esteve pela última vez nesta cozinha arrumada com ela, encostado na bancada de granito junto ao fogão, fumando silenciosamente. A casa segura em que passaram o dia era um rancho encantador, que era pequeno suficiente para se sentir acolhedor, mas grande bastante para uma família pequena. Tudo nele era feito em variações de cinza pálido, com toques cuidadosamente escolhidos de dourado e azul alegre — então em vez de ser sombrio, parecia leve, arejado e moderno.

Em outras circunstâncias, ela teria amado tudo sobre a casa. Como as coisas estavam, parecia uma prisão.

— Vamos, Vishous. Você acha honestamente que eu vou aparecer na porta da mansão e exigir que me deixem entrar? E não é como se eu tivesse a chave ou qualquer coisa assim — quando ele mesmo assim não respondeu, ela revirou os olhos. — Ou não, você está preocupado que eu esteja procurando outra oportunidade para irritar o nosso Rei. Porque você pode ver como isso está funcionando bem para mim no momento.

Vishous mudou seu peso de um shitkicker para outro. Vestido com couro preto, camisa agarrada no corpo e cerca de vinte e dois quilos de armas e facas, ele era como um fantasma no lugar errado nesta casa perfeita. Ou talvez fosse o lugar certo. Ele certamente foi um prenúncio de condenação desde ontem à noite — e como companheiro de quarto, ele era tão divertido quanto o atual humor dela.

Layla acenou com a cabeça para o telefone celular em sua mão enluvada preta.

— Vá para sua reunião. O texto era sobre isso, não era?

— É rude ler a mente das pessoas — ele murmurou.

— Eu não estou dentro da sua cabeça. Sua expressão simplesmente deixou óbvio que você quer ir e se sente preso aqui comigo. Eu não preciso de uma babá. Não estou indo a lugar nenhum. O Rei tem as minhas crianças debaixo do seu teto, e a menos que eu jogue de acordo com suas regras, eu nunca mais vou vê-los. Se você acha que eu vou bater de frente com ele de qualquer forma, você está louco.

Quando ela se virou de volta para a janela, estava ciente de que estava praguejando e não se importava. Estava preocupada com Lyric e Rhamp, e não estava indo dormir e nem comer.

— Vou enviar outra pessoa — houve um som de teclar enquanto Vishous estava enviando mensagem de volta. — Talvez Lassiter.

— Prefiro ficar sozinha — ela girou novamente. — Estou ficando cansada de chorar na frente de uma audiência.

Vishous abaixou o braço. Seja era porque ele tinha enviado tudo o que esteve digitando ou estava concordando com ela, não sabia — e realmente não se importava.

Entendeu a impotência, ela pensou. Não era assim que isso se chamava? Ela tinha ouvido Marissa e Mary usar o termo quando se referia ao congelamento cerebral que as vítimas de violência doméstica às vezes se encontravam presas.

Embora em seu caso, ela não estava sendo abusada. Ela tinha ganhado este fora de seu controle honestamente.

Voltou a olhar fixamente para a noite, mexendo-se para que pudesse olhar pelas portas deslizantes atrás da mesa. Havia um alpendre no lado mais distante das grandes janelas de vidro, e no brilho da iluminação de segurança, mediu a escassa acumulação de gelo e neve, e seguiu as trilhas de folhas castanhas quebradiças dançando através do palco frio. Durante o dia, quando ela não esteve dormindo lá embaixo no porão, tinha ligado no noticiário local ao meio-dia. Aparentemente, havia uma tempestade bizarra precoce a caminho de Caldwell, e com certeza podia ouvir os caminhões de sal roncando ao longe, estabelecendo trilhas de salmoura nas estradas.

Talvez crianças humanas estivessem fora da escola quando ela chegasse, e isso fez com que ela verificasse as casas nos lados mais afastados da cerca do quintal. Não podia ver muito das casas, apenas o brilho das luzes no segundo andar, e imaginou todos os tipos de crianças humanas aconchegadas nas camas enquanto seus pais assistiam um pouco de TV antes de se retirarem para a noite.

Como ela invejava todos eles.

E com esse pensamento, Deus, ela esperava que V partisse. Iria ficar louca presa com sua presença ameaçadora — embora a ideia de Lassiter como substituto fosse suficiente para torná-la suicida.

— Tudo bem — murmurou Vishous. — Vou estar de volta quando eu souber de alguma coisa.

— Por favor, não envie esse anjo.

— Não. Isso tornaria sua punição cruel e incomum.

Ela soltou a respiração que estava segurando.

— Obrigada.

O Irmão hesitou.

— Layla. Ouça...

— Correndo o risco de te irritar também, não há nada que você possa me dizer que vai fazer isso melhor ou pior. É assim que você sabe que está no inferno, a propósito. Nenhuma esperança e dor é tudo que você pode ver.

O som das botas pesadas de Vishous no piso era alto na pequena cozinha silenciosa e, por algum motivo, pensou no amor do irmão Tohrment pelos filmes de Godzilla. Justo na outra noite, ela desceu para esticar as pernas e encontrou Tohr relaxando no sofá na sala de bilhar, Autumn adormecida em cima de seu corpo, *Godzilla versus Mothra* passando no telão sobre a lareira.

Ela pensou que as coisas fossem complicadas então. Agora? Queria poder voltar para aquelas noites des preocupadas quando tudo o que tinha em mente era culpa e autocondenação.

Quando V parou diante dela, seus ombros se apertaram até que sentiu uma dor na base de seu crânio.

— Sim — ela disse num estalo. — Vou definir o sistema de segurança depois que você sair. E sei como usar os controles remotos. Você me mostrou isso antes, embora eu possa lhe assegurar, eu não me importo nem com *Game of Thrones* neste momento.

Isso era tão diferente dela ser assim uma vadia, mas estava por baixo do proverbial toca do coelho, perdida para quem e o que ela normalmente era.

— Xcor escapou. Noite passada.

Layla recuou tão bruscamente que quase caiu da cadeira. E antes que pudesse perguntar, o Irmão disse:

— Ninguém foi morto no processo. Mas ele acabou trancando Qhuinn na Tumba, que era onde o estávamos mantendo. E ele deixou a chave para trás.

O coração de Layla começou a bater forte, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, ou até mesmo realmente reunir seus pensamentos, Vishous arqueou uma sobrancelha.

— Ainda se sente segura sozinha?

Ela olhou fixamente para ele.

— Você está realmente preocupado com isso?

— Você permanece um membro da família.

— Uh-huh. Certo — ela cruzou os braços sobre o peito. — Bem, ele não virá por mim, se é isso que você está preocupado. Ele acabou comigo. Não há literalmente nada que possa fazer esse macho chegar perto de mim, o que lhe dá algo em comum com Qhuinn, ironicamente.

Vishous não respondeu. Ele apenas agigantou-se sobre ela, seus olhos gelados acompanhando cada nuance de seu corpo, como ela estava abalada, sua própria respiração.

Era meio como estar no palco diante de centenas de milhares de pessoas. Com as luzes do teatro queimando suas retinas.

Exatamente para o que ela estava com humor.

— Você não acha que Xcor gostaria de saber onde você está? — A pergunta foi colocada com um tom tão plano, era impossível adivinhar se era uma investigação real ou uma retórica.

De qualquer maneira, ela sabia a resposta.

— Não. Sem chance.

Ela se virou e se concentrou na escuridão lá fora das portas deslizantes. Seu coração batia forte no peito, mas estava determinada a tentar manter isso para si mesma.

— Você ainda o ama — V disse remotamente. — Não?

— Isso importa?

Enquanto Vishous acendia outro cigarro enrolado à mão, andava de um lado para o outro, voltando ao fogão onde estava. Em seguida, para a porta do porão. E finalmente retornando à mesa onde ela estava sentada.

Em voz baixa, ele disse:

— Não sei ao certo o quanto você sabe sobre Jane e eu, mas tive que limpar suas lembranças de mim uma vez. As circunstâncias não são importantes, e o destino tinha outras ideias, ainda bem... mas sei o que é não estar com a pessoa que você ama. Também sei como é quando nada sobre o relacionamento faz sentido para outra pessoa, apenas para os dois. Quero dizer, eu me apaixonei por uma humana, e ela morreu. Então agora estou apaixonado por uma fantasma, e não em um sentido metafórico. Esta coisa de Xcor? Eu sei que você teria escolhido um caminho diferente se pudesse.

Quando Layla levantou os olhos para o Irmão, podia sentir seus olhos estalando. De todas as coisas que Vishous poderia ter dito? Ela teria ficado menos surpresa se ele tivesse dito que estava comprando ações na Apple.

— Espere... o quê? — Ela exclamou.

— Às vezes, essas merdas do coração não fazem sentido. E você sabe, no final de tudo, Xcor não te machucou. Você o viu por quanto tempo? Ele nunca aterrorizou você ou aquelas crianças. Eu odeio o filho da puta, não me interprete mal, e você se associou com o inimigo. Mas dane-se, ele com certeza não estava agindo como um, pelo menos não quando veio para você, e ele também nunca nos atacou. Todo esse tempo, ele sabia onde estávamos, mas o Bando de Bastardos nunca veio para a propriedade. Não estou dizendo que quero sentar e tomar uma bebida com o filho da puta, ou que você não estava errada. Mas o bom de ser lógico é que você pode julgar a história e o presente com clareza, e eu sou um homem muito lógico.

Os olhos de Layla começaram a se encher de lágrimas. E então, com a voz quebrada, sussurrou:

— Eu me odiava o tempo todo. Mas... eu o amava. E temo que sempre vou.

Os olhos de diamante de Vishous deslocaram-se para baixo, de modo que pareciam descansar em seus shitkickers. Então esticou um braço e agarrou a caneca que estava usando como cinzeiro. Batendo as cinzas, ele deu de ombros.

— Nós não conseguimos escolher por quem nos apaixonamos, e tentar conversar consigo mesmo sobre emoções é uma receita pro fracasso. Você não estava errada em amá-lo, não é verdade? Essa parte ninguém pode culpá-la, porque ele é o que é, e você sofreu bastante. Além do mais, como eu disse... ele nunca machucou você, nunca. Portanto, tem que haver algo nele que não seja mau.

— Eu olhei dentro de seus olhos — ela fungou e enxugou suas bochechas com as costas das mãos. — Eu vi a verdade neles e foi que ele nunca iria me ferir ou alguém que eu amava. E por que nossa relação terminou? Ele não queria me amar mais do que eu queria amá-lo.

Ela estava pronta para falar mais, faminta pelo alívio inesperado que veio com alguém entendendo como ela estava. Mas de repente, a compaixão de V se foi, a máscara impenetrável que costumava usar de volta no rosto, a porta para a conversa fechada como se nunca tivesse sido aberta.

— Aqui — o Irmão colocou seu celular na mesa. — A senha é dez dez. Eu não sei por quanto tempo Wrath vai demorar para decidir que tipo de programa de visitação vai haver, mas você pode assumir que vai estar nesta casa por um tempo. Ligue para mim se precisar da gente. Meu segundo telefone está listado em V dois na lista de contatos.

Layla estendeu a mão e pegou o celular. Ainda estava quente dele o estar segurando.

— Obrigada — ela disse suavemente enquanto segurava a coisa. — E não apenas por isso.

— Qualquer coisa — ele murmurou. — Engraçado como maldições podem vir de todos os tipos de sabores diferentes, não  ? Minha mãe era criativa assim.

No túnel subterrâneo, Qhuinn se dirigiu da clínica médica do centro de treinamento para a mansão como um bêbado, seu passo tão descoordenado como um dado rolando, sua cabeça girando, seu estômago rodando, os pontos do seu lado doendo tanto, que ele parava de vez em quando para levantar sua camisola de hospital e verificar se não tinha um *Allien* saindo da barriga.

Tudo o que queria era ir direto até os gêmeos, uma rota desimpedida da porta escondida debaixo da grande escadaria da casa grande até aquele quarto no segundo andar: nada de olhares preocupados de *doggens*, nem olhares de confrontos de seus irmãos, ninguém tentando alimentá-lo. E, por favor, meu Deus, nada de Lassiter.

Quando saiu debaixo da escada, fez uma pausa antes de ir mais longe para o vestíbulo e ouvir. A Primeira Refeição tinha chegado e estava em vias de acabar, os empregados limpando as coisas na sala de jantar, o tagarelar suave da conversa e o som tranquilo da prataria de lei sendo separada da porcelana sussurrando do arco aberto à frente.

Nada vindo da sala de bilhar.

Ninguém nas escadas acarpetada de vermelho...

Bem na hora — *não* — um estranho conjunto de luzes apareceu diretamente no centro do vasto e resplandecente espaço, como se alguém tivesse esculpido um buraco no teto e um improvável sol do meio do dia estivesse brilhando através do telhado.

Por um segundo, tudo o que Qhuinn podia pensar é que era uma graça de Deus. A segunda vinda humana tinha chegado a tempo de matar todo seu sofrimento de uma vez — e na verdade, uma figura apareceu no meio do feixe de luz. Mas não era o Cristo que Butch orava o tempo todo.

Também não era o Papai Noel com sua barriga de Streusel e seus pôneis com chifres, ou o que quer que fossem — o que dada a temporada de Natal poderia ter sido uma opção.

Não, era o Grande Agitador Imortal: Lassiter, o anjo caído, materializado no meio da grande iluminação sem fonte, e o brilho cintilante se desvaneceu quando ele tomou sua forma como se fosse o sistema de entrega que trouxera de onde quer ele tenha estado.

Ok, as roupas eram estranhas, pensou Qhuinn.

E não no louco fodido bizarro-guarda-roupa normal das listras da zebra e das echarpes de pena. O anjo tinha uma camisa de flanela amarrada ao redor da cintura. Jeans que estavam a uma viagem da lavagem de perder sua integridade estrutural. E uma camisa do Nirvana vindo da apresentação do Salão de St Andrew em Detroit no 11 de outubro de 1991.

Essa música também não era a sua habitual. Lassiter era fã de Fetty Wap quando não estava tendo chilikues por Midler.

As boas notícias? O anjo apenas caminhou saindo da sala de bilhar, nem mesmo percebendo que Qhuinn estava meio nu e enjoado na base das escadas.

Então, se havia alguma graça e misericórdia deixada no mundo, é o que parecia.

Sim, só que depois veio a viagem de Qhuinn até o segundo andar. A subida exigiu o uso da balaustrada e um monte de ranger os dentes, mas depois de vários meses, senão anos, de escalada, Qhuinn conseguiu. No topo, ficou aliviado ao ver que as portas do estúdio de Wrath estavam fechadas. O que não era tão quente? O fato de que havia um monte de vozes de lá pra cá atrás desses painéis.

Ele só podia imaginar qual era o assunto.

Continuando para o corredor de estátuas, ele foi para o quarto que Layla tinha ficado e encontrou-se querendo bater, mesmo apesar de seus filhos estarem ali dentro. Ajeitando-se, ele agarrou a maçaneta da porta nova e torceu tão forte que seu pulso sentiu como se fosse tirar a parte inferior de seu braço.

Quando abriu a porta, ele parou.

Beth estava de costas para ele enquanto se inclinava sobre o berço de Lyric, a Rainha murmurando todos os tipos de coisas adoráveis enquanto colocava a bebê no casulo macio.

Quando sua presença foi registrada, não foi uma surpresa que Beth cruzasse os braços sobre o peito e o esquadrinhasse como se ele fosse o inimigo.

— Obrigado por cuidar deles — disse ele enquanto entrava mancando.

— Você parece com o inferno.

— Eu me sinto pior.

— Bom — quando ele ergueu uma sobrancelha para ela, a Rainha deu de ombros. — O que você quer que eu diga? Que está tudo bem que você chutou Layla pra fora desta casa?

— Ela fez isso pra si mesma, não eu.

Deus, sua cabeça estava latejando, aquela conversa com Blay dando voltas e voltas em seu cérebro como um carro de corrida preso numa pista fechada. Então sim, falar sobre aquela Escolhida era realmente incrível agora.

— Só pra você saber — a Rainha colocou as mãos nos quadris — eu acho que os direitos de Layla devem permanecer, e eu acho que você e ela precisam elaborar um horário de visita onde esses bebês vão ficar com a *mahmen* deles pra passar a noite.

— Eles não vão deixar esta casa. E Layla não pode estar aqui. A situação é o que é.

— Você não está no comando.

— Sim, bem, nem você — ele disse com exaustão. — Então por que não deixamos isso como está?

Beth verificou Rhamp, e depois avançou. Encontrando-o diretamente nos olhos, ela disse:

— Isto não é sobre seu traseiro ferido, Qhuinn. Estas duas crianças precisam de ambos, e isso significa que você é obrigado a agir como um adulto, mesmo quando não se sintam como um. Você não tem que ver Layla, mas eles têm.

Qhuinn aproximou-se da cama e sentou, porque era isso ou ele ia se jogar no tapete a seus pés.

— Traição, Beth. Contra seu companheiro. Este não é um caso de um pai se esquecendo de alimentá-los uma vez, ou tirá-los da sua programação de sono.

— Você não precisa me dizer quem atirou no meu marido — disse Beth bruscamente. — Assim como eu não tenho que te dizer que cabe a Wrath, e não a qualquer outra pessoa, perdoar ou não, punir ou não. Essa porra não é sobre você, Qhuinn. Tire sua cabeça do seu rabo, faça o que é certo para seus filhos, e trabalhe em seu maldito temperamento.

Quando ela saiu marchando do quarto, ele estava absolutamente certo de que, se não fosse por Lyric e Rhamp, ela teria batido a porta nova com força suficiente para que o som ecoasse no Fade.

Colocando a cabeça em suas mãos, ele quase vomitou em seus pés descalços.

Jesus, ele só estava usando uma camisola de hospital.

É, porque com toda essa merda acontecendo, o que ele estava usando era tão grande coisa. Mas aí, quando você estava cercado por coisas que não podia controlar, não podia fazer direito e não queria lidar, o que cobria sua bunda eram umas férias bem-vindas para o seu cérebro do tamanho de uma ervilha.

Deixando os braços caírem, levantou e se aproximou dos berços. Ele pegou Rhamp no colo primeiro, segurando seu filho de sangue nas palmas das mãos e carregando o bebê para a cama enorme. Colocando a criança perto dos travesseiros, ele rapidamente trouxe Lyric e se estendeu com os dois.

Rhamp se inquietou um pouco, mexendo-se. Lyric estava gelada.

Em pouco tempo, ambos estavam adormecidos nas curvas dos braços de Qhuinn. Mas não havia descanso para ele, e não apenas porque seu corpo doía por toda parte.

No entanto, a insônia não fazia maldito sentido. Ele tinha conseguido o que queria: Layla estava fora da mansão, e não importa o que Beth disse, Wrath iria fazer a coisa certa e cortar a Escolhida de seus filhos. Além disso, Blay era obrigado a vir por perto. Passaram por coisas piores e sempre chegaram do outro lado do conflito melhor e mais fortes juntos.

Além disso, ele tinha seus filhos em segurança com ele.

Apesar de tudo isso, no entanto, Qhuinn sentiu como se alguém o houvesse esvaziado por dentro, nada deixado entre as costelas, a pélvis vazia do conteúdo, a pele um saco inútil sem nada realmente a fazer.

Ele fechou os olhos. Dizendo a si mesmo para se acalmar. Relaxar.

Em segundos, suas pálpebras estavam abertas. E enquanto encarava o teto, para os buracos de bala que ele tinha colocado no canto, sentiu dor no lugar onde seu coração deveria ter estado.

Fazia sentido. Esse órgão vital dele estava do outro lado de Caldwell, na casa nova dos pais de Blay, aquela que a *mahmen* do macho não gostava porque tudo nela funcionava e as tábuas do piso não rangiam quando você andava nelas.

Sem seu coração, Qhuinn era um frasco vazio. Mesmo com seus filhos ao lado dele.

Então, sim, isso doía. Ele ficou surpreso com o quanto.

QUINZE

O prédio da Companhia de Seguros de Caldwell tinha setenta andares de altura e estava localizado no distrito financeiro, servindo de marco entre outros arranha-céus mais esguios, porém mais baixos. De acordo com sua pedra angular, isso foi construído em 1927 e, de fato, em comparação com seus vizinhos mais modernos, era uma grande dama gloriosa acompanhada de meretrizes menores. Com conjuntos de gárgulas marcando seus três diferentes estágios de elevação, e uma ornamentada coroa de esculturas e frases latinas em seu topo, o CSC era um monumento à grandeza e longevidade da cidade.

Quando Zypher se formou em seu telhado, o vento chicoteou seus cabelos pra trás do seu rosto e seus olhos lacrimejaram pelo vento frio. Bem abaixo, as luzes da cidade se esparramavam em um halo terrestre que era dividido pelo rio Hudson.

Um a um, os outros do Bando de Bastardos se juntaram a ele: Balthazar, o selvagem; Syphon, o espião; e Syn, quem ficava na periferia como uma fonte do mal esperando passar uma rasteira no destino feliz de alguém.

Família era o que todos eles eram para ele, estes machos com quem ele tinha lutado lado a lado por mais de duzentos anos. Não havia nada que eles não tivessem compartilhado: derramamento de sangue, deles e do inimigo; fêmeas, vampiras e da variedade humana; locais, tanto aqui como no País Antigo.

— Assim é amanhã então — comentou Balthazar ao vento.

— Sim — Zypher rastreou a estrada abaixo com seus olhos, observando os faróis brancos do tráfego que vinham e as luzes traseiras vermelhas dos que iam. — Amanhã à noite nós partimos.

Eles todos estiveram aqui no Novo Mundo apenas por um curto tempo, e não tinham realizado nada do que tinham buscado quando viajaram do outro lado do oceano. Eles tinham vindo originalmente em busca de assassinos quando os números do inimigo lá no Antigo País tinha diminuído até quase zerar, e aterrorizar humanos era divertido apenas até certo ponto. Mas na chegada, eles tinham descoberto uma população igualmente dizimada aqui. Contudo as ambições logo se ampliaram. Xcor queria ser rei, e alianças necessárias foram formadas com aristocratas na *glymera* que queriam que o Conselho assumisse mais poder.

O golpe tinha falhado.

Mesmo que tivessem conseguido colocar uma bala na garganta de Wrath, o Rei não só tinha sobrevivido à tentativa de assassinato, como tinha subido a uma altura ainda maior de poder — e isso tinha colocado o Bando de Bastardos em uma desvantagem crítica.

E então os fundamentos tinham mudado, pelo menos para Xcor.

Uma vez que a Escolhida Layla tinha entrado na vida do líder deles, nada mais parecia importar para o macho — e isso realmente foi visto como um benefício pelo grupo em geral. A natureza de Xcor tinha sido alinhada durante muito tempo com uma crueldade que tinha inspirado tanto o medo quanto o respeito. Depois dessa fêmea? As bordas duras do lutador tinham sido limadas de tal forma que ele se tornou muito mais fácil de lidar — e em troca os Bastardos tinham sido mais produtivos, pois não estavam constantemente monitorando o humor de Xcor.

Exceto então que seu líder tinha sido capturado ou morto.

Nesta noite, eles não sabiam o que era, e Xcor nunca mais foi visto novamente, evidentemente. O destino sabia que haviam tentado encontrá-lo, fossem os restos ou o próprio macho, e acabar com a busca foi difícil. Mas sem mais nada para continuar e com a Irmandade continuando a caçá-los, a melhor escolha era voltar de onde eles vieram.

Abruptamente, uma imagem de Throe veio à mente e Zypher franziu o cenho.

Infelizmente, houve outro quem tinha sido perdido. Throe, o segundo no comando para todos os efeitos, foi expulso do grupo quando suas ambições pelo trono tinham se provado mais duradouras do que a de Xcor. Essa incompatibilidade de objetivo os havia separado — e assim, o homem que de qualquer maneira não deveria ter estado com eles tinha partido, nada além de uma nota de rodapé na história deles. De fato, Throe, um ex-aristocrata que uma vez fora ridicularizado e recrutado para servir como pagamento de uma dívida, mas que depois se provou com o passar do tempo, foi afastado de suas fileiras, talvez morto por *lessers* ou outros de sua posição com quem tinha conspirado. Ou talvez ele ainda vivesse entre os de sangue azul, reconhecido mais uma vez pelo seu rebanho e conspirando novamente.

Entretanto, nenhum deles se preocupava tanto com sua perda quanto com a de Xcor.

Na verdade, enquanto Zypher olhava fixamente ali de cima para a cidade, teria parecido inconcebível quando chegaram nessas paragens que eles partiriam sem os dois que foram parceiros em todos os aspectos que importavam. Mas havia uma obviedade que governava tanto os vivos quanto os mortos: o destino seguia seu próprio curso, sendo a escolha individual, a predileção e a profecia, nove vezes em cada dez, nada de consequência.

— Nosso propósito agora é... — Ele deixou aquilo à deriva.

Balthazar praguejou.

— Encontraremos outro, companheiro. E nós o faremos onde pertencemos.

Sim, Zypher pensou, assim o fariam. Lá no Antigo País eles tinham um castelo que eles possuíam livre e claro, e uma equipe de *doggen* que trabalhava sua terra, fornecendo sustento, mercadorias e produções para vender nas aldeias vizinhas. Os humanos supersticiosos da região ficavam longe deles. Havia mulheres e algumas fêmeas para levar pra cama. Talvez pudessem encontrar alguns assassinos, afinal...

Destino, isso parecia tão horrível. Um passo pra trás em vez de pra frente.

Mas não podiam ficar aqui. A primeira regra de conflito era que se você quisesse viver não se envolvia com um inimigo mais poderoso — e a Irmandade, liderada pelo Rei como eles estavam, tinha tremendos recursos financeiros, instalações e armamentos. Quando houve uma possibilidade de destituir Wrath, foi um cenário diferente. Mas com os Bastardos possuindo apenas quatro lutadores, sem líder evidente e sem agenda?

Não. Isso não estava bom.

— No dia seguinte, então — disse Balthazar. — Nós partimos.

— Sim.

Zypher realmente desejava que eles estivessem trazendo o corpo de Xcor de volta com eles, no entanto.

— Procuraremos por ele uma última vez — anunciou ao vento. — Por isso, em nossa última noite, buscaremos encontrar nosso líder.

Eles fariam mais uma tentativa — e mesmo que o resultado provavelmente não fosse diferente de todos os outros, o esforço iria ajudá-los a fazer a paz com o senso coletivo de que estavam desertando seus mortos.

— Então vamos para a caçada — disse Balthazar.

Um por um, eles desmaterializaram na escuridão fria.

Assim que Vishous saiu da casa segura, Layla respirou fundo — mas o exalar não fez nada por ela.

Ficando de pé onde estava naquela mesa na cozinha, ouviu todo o absolutamente nada durante algum tempo, e então se levantou e caminhou ao redor do primeiro andar, entrando e saindo dos quartos acolhedores. Na parte de trás de sua mente, teve um pensamento de que o rancho era verdadeiramente um pequeno ninho perfeito, o tipo de lugar que uma mulher sozinha podia se sentir segura.

Será que ela teria mesmo a chance de ter os gêmeos vindo aqui?

A ansiedade tornou difícil respirar e ela foi até a porta de vidro que V tinha posto em uso. Puxando-a e abrindo ela saiu, e quando seus chinelos esmagaram a camada de neve crocante na varanda, tentou a coisa toda da respiração profunda novamente.

Desta vez, enquanto soltava o ar, seu fôlego era como uma nuvem que flutuava sobre sua cabeça.

Suas bochechas, cruas de todo o choro e enxugar as lágrimas, queimavam no ar frio e limpo, e ela olhou para o céu acima. Havia uma de nuvem grossa cobrindo e bloqueando as estrelas cintilantes, e mais neve fresca no gramado, sugerindo que o tempo esteve ventando muito, e marcado com rajadas de neve durante o dia.

Envolvendo seus braços ao redor de si mesma, Layla...

Tudo parou para ela. De seu ritmo cardíaco à sua respiração, até mesmo os pensamentos em seu cérebro desarrumado, era como se sua rede elétrica interna soprasse seu fusível e ela se tornasse como o interior da casa atrás dela: completamente imóvel e vazia.

Virando-se para o leste, ela respirou fundo até que suas costelas se esticaram do esforço, mas não estava tentando cheirar nada. Estava tentando manter seus pulmões imóveis dentro do seu peito, e se pudesse parar seu coração e as funções de seus órgãos, ela o teria feito.

O eco de seu próprio sangue era tão fraco, que era difícil determinar se era um erro ou não de sua parte, uma má compreensão do que realmente estava ocorrendo. Mas não... Ela estava de fato pegando um sussurro de sua própria fonte de vida na direção norte... Na verdade, a noroeste.

Agora seu coração trovejava.

— Xcor...? — Ela sussurrou.

O sinal, tal como estava, não estava vindo de onde estava localizado o complexo dos Irmãos. Estava muito longe para isso. Isso era...

Ela olhou de volta para as portas deslizantes de onde saiu. Hesitou. Só então pensou em Vishous e em tudo o que ele dissera.

Sem saber exatamente para onde estava indo, fechou os olhos e desmaterializou a uma curta distância, tornando a se formar num parque infantil que ela tinha avistado quando foi conduzida na noite anterior.

Enquanto estava de pé ao lado dos balanços vazios e do parquinho, ela se acalmou novamente.

Sim, ali...

Atrás dela, um rangido de metal a fez girar. Mas não era nada, exceto o vento empurrando um dos balanços, seus elos da corrente protestando contra a perturbação.

Abaixando suas pálpebras mais uma vez, concentrou-se em seu destino e tentou não chegar à frente de si mesma.

Enquanto voava em uma dispersão de moléculas, ela ouviu a voz de Vishous dentro de sua cabeça.

Nós não conseguimos escolher por quem nos apaixonamos... Você não estava errada em amá-lo, não é verdade? Dessa parte, ninguém pode culpá-la... e você sofreu o bastante.

Ele nunca te machucou. Tem que haver algo nele que não seja mau.

Desta vez, quando ela retomou sua forma, o farol em que estava se aproximando era ainda mais forte e sua trajetória era direta. Então continuou outra meio milha. E em seguida uma distância ainda maior até o último círculo de bairros suburbanos antes da entrada da fazenda. Depois disso? Foi ainda mais longe, penetrando as terras arborizadas que eram o começo do Parque Adirondack.

Sua última légua foi de apenas trezentos metros, e quando ela voltou ao seu corpo estava com um galho de árvore bem em seu rosto.

Empurrando o galho nu pra fora do caminho, ela olhou ao redor. A neve estava mais espessa aqui, a brisa menor, o terreno rochoso. Sombras estavam em toda parte — ou talvez fosse o nervosismo dela fazendo parecer assim.

Perto... tão perto. Mas onde precisamente?

Layla virou lentamente em um círculo. Ninguém estava por perto, e nem os animais da floresta estavam se movendo.

Parecia improvável que Xcor tivesse passado um dia inteiro aqui fora e ainda tivesse sobrevivido... apesar... Houve uma queda de neve e essa grande tempestade estava a caminho. Talvez tivesse tido cobertura de nuvens suficiente? Não era uma aposta que alguém teria tomado a menos que estivesse fora de outras opções mais seguras, mas e se ele estivesse incapacitado de alguma forma?

Afinal, se ele estivesse morto ela não teria captado nada.

Virando a cabeça, ela franziu o cenho quando algo atípico na paisagem chamou sua atenção.

Havia alguma coisa... por ali... à esquerda de um carvalho tão alto e grosso que tinha pelo menos cem anos de idade.

Sim, havia um monte do tipo que parecia fora de lugar no chão da floresta.

Recolhendo seu robe, ela deu um passo... e depois outro...

... em direção ao que quer que fosse.

DEZESSEIS

O restaurante Salvatore era um marco não somente em Caldwell, mas em toda a costa leste, comendo a cena, uma reminiscência de longa data aos dias do Rat Pack⁹ quando os três martinis do meio dia, as amantes e os Don Drapers¹⁰ que sabiam se vestir eram a norma. Na era moderna, muita coisa havia mudado no mundo exterior... Não muito havia mudado debaixo do seu teto. O papel de parede vermelho flocado do hall de entrada ainda estava no lugar, como estava o resto da decoração Poderoso Chefão com toda a madeira pesada esculpida e as toalhas de linho. Ao longo das várias áreas de serviço e atrás do bar, os assentos eram exatamente como foram lá atrás na noite de abertura, e os garçons e garçonetes ainda usavam smoking. No cardápio? Apenas a melhor e autêntica comida italiana do oeste da Sicília, com as receitas preparadas exatamente como deveriam ser e sempre foram.

Houve algumas atualizações, mas elas estavam todas na enorme cozinha. E duas entradas foram adicionadas, o que tinha sido uma coisa — pelo menos até a terceira geração de sua clientela ter tentado os pratos e decidido, sim, isso é bom.

Bem, e havia outra coisa que estava diferente.

Enquanto se sentava atrás da escrivaninha em seu escritório, ele atendeu o telefone e ao mesmo tempo pegou sua mais recente encomenda de carne.

— Vinnie, como você está? — Ele disse enquanto inclinava a cabeça para o lado para manter o receptor em sua orelha. — Sim... Bem. Eu estou bem. Tá, não, preciso de mais vitela do que isso. Sim. E eu quero esse outro fornecedor. A qualidade é...

Seu gerente da casa da frente enfiou a cabeça na porta.

— Ela está aqui. Boa experiência, comportamento agradável. Ela vai servir.

Ele cobriu o fundo do receptor.

— Mande-a entrar.

⁹ Rat Pack: grupo de artistas populares muito ativo entre meados da década de 1950 e 1960.

¹⁰ Personagem fictício interpretado por Jon Hamm, na série Mad Men.

Conforme o representante comercial de carnes e ele continuavam a tratar da encomenda, iAm pensou no passado logo após ele ter conseguido o lugar. Os humanos com quem ele tinha lidado haviam assumido que ele era afro-americano, o que ele não era, mas como um Sombra, estava acostumado a passar no mundo humano como um membro daquela raça. E para um homem negro assumir o historicamente e extremamente orgulhoso restaurante Italiano, tinha sido um choque para todos, desde a equipe de cozinha à frente da casa até os clientes e fornecedores.

Mas o terceiro Salvatore tinha lhe dado suas bênçãos depois de iAm ter cozinhado a merda de um *gato di patate, pasta alla Norma e caponatta* — e então apresentou ao velho o melhor cannolis que o cara já teve. Não que Sal III tivesse tido uma escolha. As dívidas de jogo para Rehv significavam que ele tinha que desistir do que ele amava, e Rehv, por sua vez, passou a empresa para iAm como recompensa pelo bom trabalho.

Mas ainda assim, como o novo dono, iAm queria manter a continuidade — e também os clientes italianos retornando— e o apoio de Sal III garantia ambos. Especialmente quando iAm tinha deixado os odiadores odiarem, e ganhou a cada um dos antigos alunos de volta, seduzindo-os com o seu manjericão e fusilli.

O lugar estava prosperando e o respeito estava fluindo, e estava tudo bem. Ele também encontrara sua companheira... Que aconteceu de ser a Rainha do s'Hisbe. Então sua vida deveria ser perfeita.

Não era.

A situação com seu irmão, Trez, estava acabando com ele. Era tão difícil ver um macho de valor trazido de joelhos pelo destino, a alma do cara curvada pela perda que iAm não podia sequer contemplar sem querer vomitar...

— Me desculpe, o quê? — iAm tornou a se concentrar. — Sim, desculpe, isso é bom. Obrigado, cara... Espera, diga isso novamente. Oh, sim, eu posso fazer isso. Quanto você precisa? Não, você não me paga. Se você fizer isso, ficarei insultado. Eu vou fazer o *manicotti* como um presente para você e sua mãe. Aceite isso e aprecie.

iAm estava sorrindo quando desligou o telefone. Os italianos da velha escola revelavam-se muito parecidos com os Sombras: fechados para estranhos, orgulhosos de suas tradições, suspeitos das pessoas que não conheciam. Mas uma vez que você estava com eles? Uma vez que você se provava e era aceito? Eles eram tão leais e generosos que era quase como se eles não fossem humanos.

De fato, para ele, os próprios italianos se tornaram uma subespécie à parte dos outros ratos sem rabo no planeta.

Aquele *manicotti*? Ele faria para a mãe de Vinnie, a Sra. Giuffrida, e o levaria pessoalmente. E então quando sua encomenda de carne viesse? Haveria costeletas extras ou alguma salsicha ou um corte escolhido de carne de graça. A coisa era, ele teria feito o *manicotti* de qualquer maneira, mesmo se não houvesse nada voltando para ele — porque a Sra. Giuffrida era um amor de primeira ordem que vinha toda primeira sexta-feira de cada mês e sempre pedia a *pasta con le sarde*. E se você fosse gentil com a mãe de Vinnie? Esse homem correria ou morreria por você até o fim de seus dias.

Isso era um ótimo arranjo e...

Subitamente, iAm virou estátua, tudo nele ficando completamente quieto. E engraçado, considerando o que estava na porta aberta do escritório, parecia apropriado que ele tentasse uma versão da Doença do Aprisionamento pela extensão.

A vampira entre a moldura da porta era alta e curvilínea, seu corpo vestido com calças pretas soltas e um suéter preto com um decote largo. Seus cabelos pretos ondulados foram puxados e presos por um clipe, e seu rosto estava livre de maquiagem — não que ela precisasse de qualquer ajuda dos toques da Maybelline. Ela era incrivelmente linda, com lábios e olhos perfeitos que eram quase de anime, e bochechas que estavam rosadas por ter vindo do frio, ou talvez porque estivesse nervosa pela entrevista para a posição de garçonne.

Os componentes individuais dela e do seu guarda-roupa não foram o choque, no entanto. Foi a maldita coisa toda junta que tirou seu fôlego.

Ele levantou lentamente, como se talvez se ele se movesse muito rápido sua cabeça fosse explodir.

— Selena? — ele sussurrou. Exceto que isso não podia ser real... podia?

As sobrancelhas bonitas da fêmea se levantaram.

— Hmm... Não. Meu nome é Therese. Meus amigos me chamam de Tres.

De repente, o mundo girou em seu eixo e iAm caiu de volta em sua cadeira.

A fêmea deu um passo pra dentro, como se estivesse preocupada que precisasse de RCP, mas então parou como se não soubesse o que fazer. O que fazia dois deles.

— Você está bem? — Ela perguntou.

Em uma voz que soava absolutamente, positivamente, exatamente, como o da *shellan* morta de seu irmão.

Ao invés de voltar para a mansão da Irmandade pra passar o dia, Trez tinha ficado em seu clube. Por um lado, como um Sombra, ele não só podia lidar com a luz do sol, mas realmente gostava da coisa — embora não houvesse nada disso para ver por conta das rajadas que haviam caído a manhã e à tarde toda. Mas o propósito, porém, ele ficou onde estava porque às vezes o esmagamento de pessoas em casa era demais para sua cabeça já feita e ele tinha que tomar um respiro e se esconder, mas não se esconder aqui.

Uma vantagem? Sua cadeira era tão acolchoada que era basicamente uma cama de hospital ajustável, apenas sem os trilhos e o saco de soro.

Virando-se para encarar a parede de vidro, olhou lá pra baixo para a pista de dança. As luzes da casa estavam acesas, e todos os arranhões nas tábuas de pinheiro pintadas de preto o irritavam como a porra. O pessoal da limpeza fez um ótimo trabalho, mas não havia nada que eles pudessem fazer para corrigir o dano causado por centenas de pés bêbados. Provavelmente estava na hora de tirar e reformar. Novamente.

É claro, dar um novo polimento foi sem dúvida um desperdício de tempo e dinheiro, porque o chão estava ficando arruinado mais uma vez e, além disso, ninguém podia ver os pontos nus quando os lasers estavam piscando, e o lugar estava escuro como o interior de um chapéu. Mas ele não podia suportar. Sabia que as imperfeições estavam ali e as desprezava.

Ele supôs que a manutenção do piso era o equivalente a cortar seu gramado: você sabia que estava apenas perseguindo um alvo em movimento, mas pelo menos por dez minutos, sua grama pareceria um bom tapete de parede a parede.

Ele verificou o relógio. Sete horas.

Cerca de duas horas atrás, por volta das cinco, ele tomou banho em seu banheiro privado, se barbeou e pôs uma nova versão de seu uniforme de trabalho, que era calça e blusa de seda de botões. Esta noite, a metade superior dele era cinza, a metade inferior era branca, e a merda no meio era comando.

Ele olhou de novo para o relógio. E contou as horas desde que tinha colocado a última comida na boca.

Como se seu estômago soubesse que esta era sua única chance de registrar uma opinião, a maldita coisa rugiu.

Maldito Lassiter. Convite pra Jantar. No Sal.

Mas que porra.

A última coisa que ele queria fazer era sentar em frente a esse anjo e ouvir uma introdução de *Cães de Aluguel* sobre o simbolismo do pau em Deadpool. O problema? Seu irmão, iAm, fazia a melhor bolonhesa de qualquer lugar, e além disso, se Trez não aparecesse? Lassiter teria apenas a cara de cuzão de aparecer aqui em um traje de palhaço e buzinar seu nariz até Trez perder a cabeça.

Viagem curta ultimamente, garantido. Mesmo assim.

Olhou de novo para o relógio. Praguejou. Tomou a decisão.

Ficando de pé, verificou se sua arma estava no lugar no coldre em suas costas, pegou sua carteira e seu telefone celular e pegou seu paletó.

Lá embaixo, Xhex estava fazendo o inventário das bebidas do bar.

— Volto logo — ele disse a sua chefe de segurança. — Você quer que eu te traga alguma coisa do meu irmão pro jantar?

Ela balançou a cabeça enquanto levantava uma caixa de Absolut no balcão como se nada pesasse. Xhex tinha ombros quase tão grandes quanto os de um macho humano, e o resto dela estava tão em forma quanto. Com seus cabelos curtos e seus olhos cinzentos cor de chumbo, ela era o tipo de coisa que até os bêbados reconheciam com que não foder, o que a tornava perfeita para seu trabalho.

— Eu estou bem. Comi em casa — ela arqueou uma sobrancelha. — Senti sua falta na Primeira Refeição.

Isso era o mais longe que ela iria com o *porquê você não veio pra casa ontem à noite*, e ele apreciava. Xhex era como um cara em muitos aspectos: curta, direto ao ponto, e não era enredada com a merda de simpatia.

Francamente, ela era uma das poucas pessoas que ele poderia confiantemente estar por perto. Ultimamente, ele tinha vindo a detestar olhos piedosos, suspiros, abraços longos e significativos que duravam muito tempo. Não que ele não apreciasse o apoio, mas a coisa era... Quando você estava

profundamente de luto, era difícil estar com pessoas que se sentiam mal por você estar se sentindo mal. Vendo a Irmandade e seus companheiros sofrendo em seu benefício? Bem, isso o magoava, e então isso o fazia sentir ainda pior e ainda mais exausto. E um círculo vicioso novamente.

— Eu voltarei às oito —Trez bateu os nós dos dedos duas vezes no granito preto. — Eu tenho o meu celular comigo.

— Entendido.

Caminhando até as portas principais, ele acenou para as funcionárias que estavam acabando de chegar e ainda tinham que trocar suas roupas de rua. Ao passar por elas, pôde sentir as mulheres humanas o encarando, desejando-o, se perguntando a respeito dele. Na verdade, elas sempre estiveram ali pra ele, e houve um tempo em que aceitava suas ofertas. Não mais porém, e sua abstinência aparentemente adicionava o seu fascínio.

Ele nunca contou a ninguém no trabalho os detalhes sobre Selenia. Só Xhex sabia, e ela nunca diria nada a ninguém.

O bom? Depois que ele recusou duas prostitutas duas vezes, a palavra tinha saído e todas tinham parado de vir pra ele. Graças a Deus; fêmeas e mulheres literalmente o deixavam doente. O pensamento de qualquer uma delas tocá-lo, ou mesmo apenas pensando nele sexualmente?

Seu estômago se revirava apenas para o hipotético.

Do lado de fora, o ar era espesso e frio — um prelúdio para a tempestade que estava chegando — e ele precisou respirar fundo algumas vezes para apaziguar a bile que estava na parte de trás de sua garganta.

Náuseas à parte, ele estava totalmente satisfeito de viver o resto de suas noites sozinho. Ele não conseguia entender por um segundo sequer uma realidade em que qualquer outra pudesse entrar em sua vida e causar qualquer impressão nele...

Do nada, sua Selenia voltou para ele, sua voz encheu sua cabeça. *Pode me prometer que deixará as boas coisas acontecerem, mesmo depois que eu me for... Mesmo se estas coisas ocorrerem porque outra fêmea está ao seu lado?*

Trez esfregou o rosto.

— Meu amor. Meu amor... Esse é um destino que você e eu nunca teremos que nos preocupar.

Reagrupando-se, ele olhou de relance na direção de seu BMW. Talvez ele devesse dirigir, pensou. Isso cortaria a refeição por uns bons vinte minutos, considerando que ele "tinha" que estar de volta para o horário de funcionamento.

No final, no entanto, ele apenas desmaterializou cruzando a cidade até o canto mais distante do estacionamento na frente do Sal. O largo trecho de pavimento havia sido arado da pouca neve que tinha caído até agora, e a margem branca em torno das beiradas era como a franja de gelo canalizada em um bolo de folhas. Uma série de carros estavam alinhados, perto assim eles poderiam chegar ao edifício, e luzes brilhavam tanto no topo dos postes de luz da rua quanto nos flancos do restaurante.

Caminhando até o toldo da porta principal, ele pisou com seus mocassins no corredor e caminhou pelo tapete vermelho até os três degraus subindo até a porta.

Quando entrou, era uma pena que ele tivesse de lidar com Lassiter. Caso contrário, poderia ter tido metade da chance de desfrutar do que ele estava indo comer.

— Ei, Sr. Latimer.

— Boa noite.

Trez ergueu a mão para a humana que estava na recepção. Quando os olhos dela fizeram uma rápida varredura dele, seu sorriso era o tipo que sugeria que ela teria adorado terminar a noite com ele. Porém ela manteve sua distância.

Sua reputação de não-senhoras o tinha precedido. Obrigado, iAm.

Dirigindo-se para além da seção de compras para presentes com seus freezers cheios de pratos principais e seus copos de lembrança e colheres decorativas — porque sim, as pessoas viajavam apenas para vir para o Sal's — ele entrou na área do bar.

— Sr. Latimer, como está, beleza?

O garçom era um cara de vinte e tantos anos e de boa aparência que era quase quente o bastante para ser um modelo do anúncio de colônias da Gucci ou Armani: cabelo escuro, queixo forte, olhos azuis brilhantes, ombros grandes, blá blá blá. Ele ia ao shAdoWs em suas noites de folga e fazia um monte de negócios lá com mulheres de sua espécie — e você podia dizer que ele gostava de seu status como Garoto Quente Na Cena Do Clube de Caldie.

Ele deveria aproveitar enquanto durasse.

— Ei, Geo.

Sim, porque um cara com suas perspectivas não poderia passar por seu nome de verdade. Que era George.

— O de sempre? — perguntou Geo. — Vai ficar pra jantar?

— Sim pro jantar, não pra bebida. Mas obrigado.

— O chefe está em seu escritório.

— Entendido.

Trez abriu caminho através das portas de abas acolchoadas ao lado do display de garrafas espelhadas, e entrou na cozinha iluminada pelo sol, com todos os balcões de aço inoxidável e equipamentos de qualidade profissional reluzentes da limpeza regular. O piso de cerâmica era da cor dos telhados de terracota em Siena, e os chefs em togas brancas tradicionais estavam curvados sobre panelas, tábuas de corte e tigelas. Todos os cozinheiros eram homens, e todos eram italianos, mas com o tempo, iAm esperava mudar o primeiro — embora não o último.

Querido Deus, o cheiro delicioso... Cebolas, manjeriço, orégano, tomates e salsicha salteando nos queimadores.

Droga, ele odiava pensar que Lassiter estava certo sobre qualquer coisa. Exceto que merda, ele estava morrendo de fome.

O escritório de iAm era nos fundos e quando Trez virou a esquina, o fato de que havia uma vampira em pé na porta com as costas para ele não se registrou como significando nada. iAm contratava regularmente membros da espécie, particularmente durante os meses de inverno quando escurecia no norte do estado de Nova York a partir das quatro e meia da tarde. E sim, Trez estava vagamente consciente de que seu cheiro era incomum e agradável, mas isso não era nada mais do que ele notaria se andasse por um buquê de flores.

Tudo começou a mudar quando ele deu um passo atrás dela e olhou por cima de sua cabeça para seu irmão.

iAm estava em sua mesa, seu rosto escuro pálido, seus olhos arregalados como antenas parabólicas, sua mandíbula desfeita.

— Você está bem aí? — Disse Trez. — O que está...

iAm começou a sacudir a cabeça, as palmas das mãos levantando-se em um movimento de parada quando ele se levantou. Mas então tudo isso foi esquecido — junto com cada momento do passado, presente e futuro — quando a fêmea se virou.

Trez tropeçou para trás até que bateu na parede — e então ele se viu levantando os braços como se para afastar golpes. Através da trama de seus pulsos, ele avaliou os olhos, os lábios, o nariz... o cabelo... a garganta e os ombros... o corpo...

Selena...

Essa foi a última coisa que ele se lembrou.

DEZESSETE

Algum tempo depois, tendo se esgotado no encalço após a saída de sua babá, Xcor caiu no chão frio e duro do lado de fora da cabana. Não havia mais fôlego em seus pulmões para berrar, não havia mais energia para lutar contra a corrente que o mantinha prisioneiro, nem mais vontade de trilhar contra ser deixado para trás.

Quando uma resignação entorpecida começou a se acomodar no seu peito, trouxe um resfriamento em seu corpo. Não... isso foi o vento. Com a ausência de esforço, sua temperatura estava sendo sifonada pela fúria gelada de dezembro, e ele sabia que tinha que se abrigar ou morrer.

Reunindo seu manto do chão, ele puxou seu peso sujo em torno de si mesmo e permitiu a seu corpo um momento para tremer. Então ele se levantou e se esticando o máximo que pôde contra a sua amarração, olhou ao redor do canto da cabana de palha. A porta ainda estava aberta e ele achava que podia sentir o calor emanando de dentro — mas isso era nada além de uma mentira, uma função da memória, ao invés da realidade, pois o fogo havia morrido há muito tempo.

Seus olhos foram para o horizonte. Através de uma haste de tronco e de um galho macio de pinheiro, viu que o amanhecer chegaria em breve, seu fulgor aderindo no leste para afugentar a escuridão. Haveria pouco calor a ser antecipado pela ascensão do sol... Mas também não haveria preocupação em particular. Como pretrans, ele não tinha que se preocupar em ser consumido pela luz do dia. A fome e a sede, no entanto, eram preocupações cujas necessidades deveriam ser tratadas se ele sobrevivesse. Sem reservas de gordura e uma garganta seca, ele não iria durar muito, especialmente no clima do inverno.

Xcor tentou uma última remoção da coleira de couro em sua garganta, e teve que abortar seus esforços prontamente. Ele havia tentado tantas vezes se libertar que havia sangue fluindo das feridas com garras que ele tinha feito, e puxar mais era muito doloroso.

Ninguém da aldeia iria ajudá-lo. Ninguém tinha feito antes...

Uma sombra se mexendo atraiu seus olhos da luz que ganhava o leste até o bosque de arbustos de framboesa diante dele.

O que quer que tenha se movido, congelou assim que ele se virou para isso. Mas aí veio uma segunda sombra de outra direção.

Lobos.

Querida Virgem Escriba... Os lobos o encontraram.

Com o coração batendo rápido, Xcor olhou ao redor em pânico. Ele esteve esperando que eles viessem até ele, e talvez estivessem se concentrando nele agora que ele finalmente havia ficado em silêncio.

Em vão, procurou alguma arma, algo que pudesse usar para se proteger...

A pedra que capturou seus olhos estaria ao seu alcance se ele se inclinasse na corrente, mas pesava mais do que conseguia facilmente manejar quando tentava levantar a coisa do chão. Grunhindo, esforçando-se, usando as últimas forças, conseguiu se levantar...

Rosnando baixinho das amoreiras, e ele tinha a sensação de que os lobos estavam brincando com ele, dando-lhe o aviso de modo que ele pudesse correr e proporcionar um pouco de diversão antes de ser consumido como uma refeição matutina.

Frenético de medo, ele recuou...

Um galho estalou sob o peso de um dos animais. E depois outro.

Sem chance de conseguir entrar pela porta e se fechar, não havia maneira de subir no telhado ou...

Virando-se, levantou o olhar para a janela suja. Quando os lobos se aproximaram, com sua agressividade crescendo cada vez mais, Xcor apertou os dentes e levantou a pedra acima da sua cabeça. Com uma onda de poder que ele não sabia que possuía, lançou a pedra o mais forte que pôde na única vidraça.

O vidro estilhaçou e ele tornou a se levantar, erguendo o braço para evitar os cacos. Não havia mais tempo para pensar. Inflamados pelo impacto, os predadores que o caçavam se lançaram ao ataque, todos com os olhos amarelos e dentes irregulares e enormes, e os corpos saltando.

Xcor saltou o mais alto que pôde, agarrou a parte inferior da janela e jogou pra dentro da cabana — e tão logo aterrissou em uma pilha de ossos a um mero passo distante de seu catre, os lobos atingiram a parede exterior com pancadas e arranhões, suas mandíbulas estalando e roendo sua escotilha de escape, seus grunhidos agora de frustração.

A porta ainda estava aberta.

Empurrando-se sobre os joelhos, cruzou o chão nu, espalhando tigelas sujas e utensílios...

Sua corda chegou ao fim antes que ele alcançasse sua meta e foi puxado para trás, seus pés continuando adiante, mesmo quando a metade superior dele parou de chofre. E foi então que o líder da matilha apareceu no umbral da porta aberta. O caçador lupino era do tamanho de um cavalo pequeno e seus dentes eram como punhais entrelaçados. Com suas mandíbulas encolhidas para trás e sua baba espumosa molhando suas patas dianteiras, fez os outros dois parecerem filhotes de cachorro.

Sorrindo. Estava sorrindo para ele.

Xcor olhou para a porta que estava angulada para dentro da casa.

E então ele se moveu tão rápido que não estava consciente de tomar a decisão de agir. Ele virou para frente, socou as palmas das mãos sangrando no chão e varreu as pernas em um círculo... Pegando as vidraças abertas com apenas um centímetro de sobra.

A porta se fechou com força e o grosseiro mecanismo de trancar clicou no lugar no segundo que o enorme lobo saltou no ar.

O animal bateu nas ripas de madeira com tanta força que bateram contra as barras de ferro cru que as fixavam no lugar. Mas elas seguraram. Elas se mantiveram firmes.

Tremendo de terror, Xcor se endireitou, segurando os joelhos contra o peito. Trazendo as mãos sangrando para sua cabeça, cobriu as orelhas quando começou a chorar, o som dos lobos ecoando alto em seu crânio...

E foi quando o fantasma chegou.

Ela veio a ele através da parede da cabana, saindo daquilo que era sólido com a mesma facilidade com que alguém podia respirar.

Xcor piscou através de suas lágrimas, observando as vestes brancas e os longos cabelos loiros... e o rosto que era tão bonito quanto um sonho.

Em silêncio, o espectro flutuou para ficar diante dele, mas não teve medo. Como poderia algo tão adorável machucá-lo?

E então percebeu que os lobos não estavam mais ali. Como se ela os tivesse mandado embora.

Estou salvo, pensou para si mesmo. Com ela, e somente ela, estou salvo...

E o maldito Oscar vai para...?

Quando Vishous tornou a se formar na floresta a certa distância de Layla, ele quase acendeu um cigarro enrolado à mão. Ele tinha ficado contra ela no sentido contrário ao vento em cada uma das léguas que ela viajara, e estava tão distraída que duvidava que ela fosse notar qualquer tipo de chama de seu isqueiro ou a ponta do seu cigarro... mas não.

Eles chegaram tão longe... E estavam tão perto de terminar isso, não estavam?

A Escolhida estava à frente uns bons trinta metros ou mais, seu robe branco se destacando na floresta como algum tipo de farol. E sabe o que mais, algo tinha chamado sua atenção e ela estava progredindo lentamente em direção ao que quer que isso fosse, sua cabeça inclinada pra baixo como se estivesse focada no chão da floresta.

Ele sorriu para si mesmo. O truque mais antigo do livro. Pegue uma pessoa da qual você precise de alguma coisa, entre em suas emoções através de seu cérebro, vire um monte de alavancas — e encontre o filho da puta que você está procurando, porque a dita fêmea levará você direito para ele: Xcor escapou e desapareceu. Layla tem seu sangue nas veias dele. Ela está se sentindo culpada, sozinha e com medo, uma vítima alienada das circunstâncias. O trabalho de V? Prestar um ouvido supostamente simpático, oferecer alguma compreensão de uma forma aparentemente sincera, e fornecer-lhe um modelo no qual, quando ela pisasse na varanda da casa segura, e pegasse um eco de si mesma em algum lugar do mundo, ela seguisse seu impulso de ir e ajudar o macho que ela amava.

V tinha total certeza que ela iria ficar em pé na neve e farejar o ar? Não, mas era uma boa e bonita suposição considerando o quão sufocada ela tinha parecido naquela cozinha. Tinha lhe dado o telefone com a esperança de que o guardasse no bolso e o levasse para onde quer que fosse, para que ele pudesse localizar seu GPS em seu outro celular? Sim. Decepcionado por ela ter deixado isso pra trás? Sim. Compensado por isso porque, como um irmão cuja própria mulher não poderia alimentá-lo, ele tinha tomado da veia de Layla antes de sua gravidez para sobreviver e poderia rastreá-la se ele se concentrasse? Sim. Seguiu ela aqui?

#culpado

Não, ele não tinha certeza de que Xcor estava até mesmo vivo. Assim como não esteve cem por cento de que a Escolhida realmente iria para o cara se ela o sentisse. Mas alguns dados valiam a pena rolar.

E parecia que o seu tinha chegado num duplo seis.

À frente, Layla parou. E lentamente afundou sob seus joelhos.

Bingo.

Vishous se desmaterializou mais perto, tomando cobertura atrás de um tronco de carvalho grosso. E enquanto se concentrava na fêmea, enfiou a mão dentro da jaqueta de couro e trancou um aperto na coronha de sua quarenta.

Ela estava inclinada para frente no que parecia ser nada mais que um banco de neve — e V fez o mesmo em sua árvore — o que realmente não o ajudou a ver melhor...

Não era um banco de neve. Não. Essa porra se moveu.

Ei, ei, sabe o que mais? Debaixo da cobertura congelada de neve havia um macho nu quase morto, a neve havia se construído em torno dele conforme o vento tinha soprado contra seu corpo dobrado.

Franzindo o cenho, V olhou para cima e mediu o céu. Como diabos Xcor conseguiu atravessar a luz do dia? Mas aí, qual diferença haveria entre uma nuvem pesada de um jogo de cortinas blackout de veludo sobre uma janela? Qualquer vampiro em seu juízo perfeito teria procurado um telhado e quatro paredes para se abrigar até o meio-dia, mas se já estivesse perto da morte, sem dúvida apenas deitaria onde você desembarcou e rezaria para alguém, qualquer um, que você tivesse sorte.

E claramente, Xcor tinha.

Mas aquela raspadinha de loteria premiada estava acabada, pensou Vishous, enquanto se desmaterializava pra perto, pronto para se livrar e assumir o controle dessa situação.

E foi quando conseguiu visualizar o rosto de Xcor.

Cinza. Estava cinza. Mas os olhos do lutador estavam abertos e ele estava olhando para Layla como se fosse uma aparição... Um milagre vindo a ele do Outro Lado.

Ele estava chorando. Lágrimas rolavam sobre sua pele pálida, e quando ele levantou a mão para tocá-la, neve caiu de seu antebraço nu.

Layla pegou sua mão e a levou ao seu coração. Em uma voz estrangulada, ela sussurrou:

— Você está vivo...

Xcor tentou falar, mas só um coaxar saiu.

E isso pareceu chocá-la.

— Eu tenho que te salvar...

— Não — isso foi falado agudamente. — Deixe-me. Vá...

— Você vai morrer aqui.

— Deixe-me — Layla tentou falar, mas Xcor não deixou, sua voz débil e fina. — Estou feliz agora... Vou levar sua memória comigo... Para o *Dhunhd*...

Layla começou a chorar em cima do macho, cobrindo sua forma coberta de neve.

— Não, podemos salvá-lo, posso salvar você...

Seja o que for, pensou V. Hora de fazer seu trabalho.

O que ele estava encarando agora era apenas besteira emocional, irrelevante para os problemas à mão — o que não tinha mudado apenas porque os dois estavam dando uma de Kate e Leo depois que o fodido barco naufragou.

Cara, graças a essa porra ele estava aqui pra fazer isso direito, porque qualquer outro de seus irmãos poderia ter sido influenciado por essa exibição. Porém ele era de coisas mais duras do que isso, e não, não era que ele estivesse zangado com Layla, ou se sentindo vingativo, ou até mesmo particularmente hostil com Xcor.

Inferno, no estado atual do bastardo, seria como perder tempo odiando um bloco de gelo seco.

Não, estava apenas consertando a confusão fodida de Qhuinn lá na Tumba quando Xcor tinha de alguma forma dominado o irmão, e em seguida trancou o tolo: V ia enviar Layla de volta para a casa segura e então abateria Xcor como um cão aqui e agora.

Porque, realmente, já chega com esta merda. Uma bala no cérebro e esse desperdício de energia e foco estavam indo acabar para a Irmandade. Sim, com certeza, eles poderiam ser capazes de torturar o filho da puta se pudessem recuperá-lo por mais um milagre médico. Mas o Bando de Bastardos não eram

manequins. Tiveram trinta dias para se reagruparem, se mudarem e se distanciarem do líder desaparecido. Xcor não ia ter qualquer informação que valesse a pena seguir, e quanto a Tohr e seu direito de matar o cara? Aquele irmão já estava à beira da loucura. Matar Xcor iria apenas levá-lo ainda mais pra baixo, não elevá-lo de onde ele estava.

Além do mais, a guerra estava caminhando para um ponto de crise. A Sociedade Lessening estava desmoronando, mas o Ômega não estava indo a lugar nenhum, a não ser que alguém o deslocasse pela força — e esse era o trabalho de Butch, pelo menos de acordo com a Profecia *Dhestroyer*: depois de todos esses anos de luta, o fim estava próximo — e a Irmandade precisava retornar à sua função principal de eliminar o verdadeiro inimigo da raça.

Ao contrário de ficar desviado por este também corrido grupo de vigilantes que tinham sido castrados de qualquer maneira.

V estava tomando uma decisão executiva sobre isso.

Hora de fazer tudo isso ir embora, verdade.

Levantando o cano da arma, saiu de trás da árvore.

DEZOITO

Enquanto Layla se debruçava sobre o corpo nu e frio de Xcor, ela estava desesperada para mantê-lo aquecido, tirá-lo do bosque, dar a ele comida e água. Como ele sequer estava vivo? Como ele tinha sobrevivido à passagem de uma hora nessas condições, menos ainda um dia inteiro? Queridíssima Virgem Escriba, ele estava tão frio que estava passando os tremores por seu tronco, braços e pernas congelados na intratabilidade de uma estátua, e seu rosto barbado contorcido de sofrimento.

— Temos que tirá-lo daqui — disse ela com urgência. — Você pode pegar minha veia, e depois que estivermos seguros, nós vamos... Eu não sei, faremos você falar com eles ou...

De repente, ela se lembrou de Vishous dizendo a ela que Xcor tinha deixado a chave do portão pra trás quando ele escapou da Tumba. Certamente isso significava algo? Se ele pretendesse um dano ou uma retaliação, ele a teria levado consigo, certo? E a Irmandade tinha que saber disso, tinha de interpretar isso como um sinal de paz... Certo?

— Nós precisamos...

— Layla — a voz fina de Xcor era urgente. — Layla, olhe para mim...

Ela balançou a cabeça enquanto se sentava atrás dele.

— Não temos tempo! Você está morrendo congelado...

— Shh — seus olhos azuis marinhos se suavizaram. — Eu estou com a minha alma aquecida com você diante de mim. Isso é tudo que eu preciso.

— Por favor, tome minha veia! Por favor...

— É uma ótima maneira de morrer, em seus braços. Uma morte melhor do que a que eu mereço com certeza. — Contra tudo o que era racional, seus lábios cinzentos sorriram. — E eu tenho uma coisa que preciso te dizer...

— Você não vai morrer, eu não vou deixar você...

— Eu te amo.

Layla ficou sem fôlego.

— O que...?

Seu sorriso moribundo tornou-se algo próximo do melancólico. Ou talvez cheio de reverência fosse a melhor palavra.

— *Com todo o meu coração negro e murcha, eu te amo, minha fêmea. Eu não mereço a terra debaixo de seus pés, nem o seu cheiro em meu nariz, e nunca o presente de seu sangue, mas eu... serei sempre grato*

pela mudança que você operou sobre mim. Você me salvou, e a única coisa maior que meu amor por você é minha gratidão.

Ele falou rapidamente no Idioma Antigo, como se estivesse ciente de que estava ficando sem tempo.

— Estou em paz e eu te amo, Layla — Xcor estendeu a mão pra cima, trazendo uma garra imóvel em direção ao rosto dela. Quando ele escovou sua bochecha, ela ofegou com o quão gelada estava sua pele. — E posso ir agora...

— Não, por favor, não...

— Eu posso ir.

Aquele sorriso dele a assombraria pelo resto de sua vida: ele deve ter estado com uma dor excruciante e, contudo, havia paz sobre ele, emanando dele. Do seu lado? Era o oposto. Não havia paz para ela. Se ele sobrevivesse, eles teriam uma luta terrível diante deles. Se ele morresse? Ele estaria levando uma parte dela para o Outro Lado também.

— Xcor, *por favor*...

— É melhor assim.

— Não, não, não é, não me deixe...

— Você vai me deixar ir — seu tom se tornou severo. — Você vai andar a partir deste momento com sua cabeça erguida, sabendo que foi honrada e adorada, mesmo se apenas só por mim. Você me deixará ir e viver sua vida com seus filhos e encontrará alguém digno de você.

— Não diga isso! — Layla enxugou as lágrimas de suas bochechas com impaciência. — E nós podemos consertar isso.

— Não, não podemos. Você deve me deixar ir e então sair desta floresta, limpa do pecado que eu trouxe pra sua vida. A culpa foi, e é, toda minha, Layla. Você nunca fez nada de errado, e deve saber que está mais segura e melhor sem mim.

Ela se inclinou para frente uma vez mais e tirou o cabelo dele embaraçado de sua testa. Pensando na raiva de Qhuinn e nos problemas com seus filhos, era difícil argumentar com essas palavras. Por mais que a matasse perdê-lo, era impossível contradizer o caos que Xcor havia operado em sua vida.

— Jure para mim que você seguirá em frente — ele exigiu. — Não posso estar em paz a menos que você jure.

Ela colocou as mãos no rosto.

— Eu sinto como se estivesse partindo ao meio.

— Não, não, esta é uma noite de alegria. Eu quis contar minha verdade por tanto tempo, mas nunca era certo. Primeiro porque eu neguei, então porque eu lutei contra isso e te mandei para longe de mim. Porém agora que estou partindo dessa espiral mortal, estou livre... Mas, mais importante, você também.

Não houve um bom final para nós, Layla, meu amor. Mas haverá um bom final para você. Você será perdoada pela Irmandade porque eles são justos e corretos, e eles sabem que eu sou mau e você não é. Você deve continuar e será a *mahmen* que você deve ser, e vai encontrar um macho digno de você, eu prometo. Eu sou apenas um obstáculo em seu destino, algo a ser superado e deixado para trás. Você vai continuar, meu amor, e eu cuidarei de você.

Layla abriu a boca para falar, mas então ele tossiu um pouco, gemeu e estremeceu.

— Xcor?

Ele respirou fundo e abaixou as pálpebras.

— Eu te amo...

Quando sua voz se transformou em silêncio, foi como se toda a força de sua vida saísse dele imediatamente, sua forma corpórea esvaziando, sua energia exaurindo.

Quando sua cabeça voltou a cair na neve, ela nem percebeu que a tinha levantado. E então houve outra daquelas respirações trêmulas, e a luz em seus olhos enfraqueceu ainda mais.

Ele permaneceu em paz, no entanto. Ele parecia...

O estalo de um galho bem na frente dela trouxe sua cabeça para cima e ela ofegou.

Em pé diante deles, com as botas plantadas bem afastadas e uma arma na mão... estava o Irmão Vishous.

E seu rosto estava tão sem emoção e composto que era como se ele fosse um carrasco usando uma máscara.

Xcor sentiu como se estivesse debaixo d'água. Seu estado físico, já frágil, tinha se degradado tanto da exposição ao frio e dos elementos, que era como se tivesse que nadar para uma superfície incerta contra uma poderosa ressaca para manter a consciência — e ele não iria durar muito mais tempo. Sua mensagem pra Layla tinha sido o suficiente para lhe dar força extra, mas uma vez que suas palavras tinham sido transmitidas, ele estava desvanecendo rapidamente.

Seu rosto encantador, no entanto. Oh, seu lindo rosto.

Ele estava muito feliz por nunca ter feito amor com ela. Isso teria sido egoísta de sua parte, uma sessão de paixão que a deixaria verdadeiramente manchada pelo resto de sua vida. Melhor que ela continuasse o mais imaculada para o macho que verdadeiramente a reivindicaria como dele.

Embora, querida Virgem Escriba, matava-o pensar nisso.

Mas, infelizmente, ele a amava o suficiente para deixá-la ir e desejar-lhe todo o melhor que a vida tinha para oferecer — e sua clareza em torno disso era, ele supôs, a coisa mais importante e mais amável que ele já tinha feito.

Talvez a única coisa importante e amável.

— Eu te amo — ele sussurrou.

Ele queria que isso saísse mais alto, mas estava perdendo a batalha pra arrastar oxigênio em seus pulmões — e assim, para conservar a força e dar a eles um pouco mais de tempo, parou de tentar falar e contentou-se em olhar fixamente pra ela. Engraçado, a maneira como ele tinha mesclado a chegada dela aqui na floresta com a lembrança de seu passado, seu cérebro embotado inserindo-a como uma salvadora em uma terrível lembrança.

Mas aí, seja na vida real ou na relativa ficção da recordação, ela era sua deusa e seu milagre — de fato, até mesmo sua salvadora, apesar do fato de que não ia viver para passar por isso. E ele teve tanta sorte de ter...

No instante em que os olhos dela mudaram dele para algo que a assustou e depois a amedrontou, ele estava energizado com propósito, seu corpo respondendo como qualquer macho vinculado, sua carne preparada para defender e proteger, mesmo que tudo o que se revelasse fosse nada mais que um gentil cervo correndo precipitadamente.

Porém essa foi a extensão de sua reação, seus instintos procurando mobilizar o que já não podia ser movido. Contudo, ele conseguiu virar a cabeça levemente e mover os olhos.

De tal modo que ele pôde ver seu assassino — assumindo que a natureza não se moveu mais rapidamente do que o Irmão Vishous. E dada essa arma, quais eram as chances disso?

Na visão periférica de Xcor, ele tomou nota quando Layla colocou as palmas das mãos para cima e lentamente se levantou.

— Vishous, por favor, não...

Xcor encontrou sua voz mais uma vez.

— Não na frente dela. Não faça isso na frente dela, se você tiver alguma decência. Mande-a embora e depois me despache.

Layla tornou a se encolher ao lado dele, abrindo os braços para protegê-lo.

— Ele é um bom macho. Por favor, eu te imploro...

Com esforço supremo e dor que quase o fez desmaiar, Xcor se retorceu para encontrar os olhos de diamante do Irmão, e enquanto os dois se olhavam, Layla continuava a implorar por uma vida que não valia a pena ser salva.

— Pare, meu amor — disse Xcor. — E nos deixe agora. Eu estou em paz, e ele fará o que traz paz para a Irmandade. Eu sou culpado de traição e isso vai limpar a minha desonra inteiramente de sua vida e da deles. Minha morte vai te libertar, meu amor. Abrace o presente que o destino nos trouxe a ambos.

Layla limpou as suas bochechas novamente.

— Por favor, Vishous. Você me disse que entendia. Você disse...

— Só não na frente dela — Xcor exigiu. — O último pedido de um criminoso. Uma oportunidade para você se provar como um macho melhor do que eu.

A voz de Vishous era alta como o trovão, comparada com a fraqueza do próprio Xcor.

— Eu já sei que sou melhor do que você, idiota — o Irmão olhou para Layla. — Saia daqui. Agora.

— Vishous, eu te imploro...

— Layla. Eu não vou pedir novamente. Você sabe exatamente o que tem a perder, e eu sugiro que pense naqueles seus filhos. Você tem problemas suficientes por si só agora.

Xcor fechou os olhos com tristeza.

— Eu sinto muito, meu amor. Que eu te atraí para dentro disso.

Houve apenas duas fêmeas de significado em sua vida: sua *mahmen*, que o havia abandonado a cada passo... E sua Escolhida, a quem tinha ferido em muitos níveis para contar.

Ele tinha sido uma maldição para as duas, como se verificou.

— Vishous, por favor — implorou Layla. — Você me disse que ele não era mau. Você disse...

— Eu menti — murmurou o Irmão. — Eu menti, porra. Então vá embora. *Agora*.

DEZENOVE

Trez voltou à consciência para se encontrar olhando para um teto plano que estava pintado de branco. Espera... Não eram todos os tetos planos por definição? Não realmente, ele supôs. Não o tipo texturizado que as pessoas tinham aprimorado nos anos 70, aqueles que pareciam branco gelo à moda antiga. E então havia os tetos das cavernas, ele supôs... um pouco esburacados. Teatros muitas vezes tinham assentos em formato descendente que ajudavam com a acústica...

Espera, qual era a pergunta?

Piscando, ele se deu conta de uma dor de cabeça latejando na parte de trás de seu crânio...

O rosto de seu irmão, tão familiar quanto o dele, entrou em sua linha de visão e cortou o debate do teto.

— Como você está? — iAm perguntou.

— O que aconteceu? Por que eu... — Trez foi sentar-se... mas então parou aquela tolice quando a parte de trás da cabeça latejou. — Dane-se, isso dói.

Sim, e então havia o lugar onde sua arma estava cutucando na parte inferior de sua espinha. Ele deveria realmente começar a enfiar aquela maldita coisa debaixo do braço dele. Mas aí, quando foi a última vez que ele desmaiou?

— Você está bem? — iAm perguntou.

— Não, não estou bem, porra — certo, pelo menos ele sabia que a parte do córtex cerebral que fornecia bombas P ainda estava funcionando corretamente. — Não sei o que me atingiu. Eu dobrei a esquina e...

Assim que ele se lembrou da mulher na porta do escritório de iAm, ele se sentou de um pulo e virou a cabeça ao redor... E lá estava ela, de pé encostada na parede deste corredor estreito, seus braços ao redor de si mesma, seu rosto todo tenso.

O rosto de *Selena* todo tenso.

— Deixe-nos — disse Trez com voz rouca.

Ela se curvou um pouco.

— Sim, é claro, eu...

— Você não. Ele.

iAm colocou seu rosto no caminho para que Trez não pudesse vê-la.

— Escute, precisamos...

— Saia daqui! — Enquanto Trez explodiu, a fêmea se recolheu, e isso foi provavelmente a única coisa que poderia tê-lo esfriado mesmo que um pouco. — Só... deixe-me falar com ela.

A fêmea... sua Selenia... colocou as palmas para fora.

— Eu realmente deveria ir, já me sinto mal o suficiente.

Trez fechou os olhos e balançou. A voz dela. Aquela voz. Era o que o assombrava noite e dia, o tom e a entonação exata, a leve rouquidão...

— Ele vai desmaiar de novo? — Ela perguntou.

— Não — iAm murmurou. — A menos, é claro, que eu bata nele com uma panela. O que é realmente apelativo no momento.

Trez abriu as pálpebras de novo porque estava de repente paranoico.

— Isso é um sonho? Estou sonhando?

A fêmea olhou de um para o outro, entre ele e seu irmão, como se estivesse rezando que iAm estivesse preparado para responder a esta pergunta.

— Só quero falar com você — disse Trez.

— Espere por nós na cozinha por um segundo — iAm disse à mulher. E antes que Trez pudesse subir em seu cavalo alto¹¹ novamente, o cara o cortou: — Ela vai falar com você, mas só se ela quiser. Eu não vou forçá-la, e qualquer que seja o resultado disso, você vai me ouvir primeiro.

A fêmea deu uma última olhada para Trez, então assentiu e saiu.

¹¹ Expressão para pessoa com atitude arrogante, que acredita ser superior aos outros.

— Quem é ela? — Trez perguntou com uma voz quebrada. — De onde ela veio?

— Não é Selenia — iAm ficou de pé e passeou ao redor. O que equivalia a pouco mais de três passos curtos indo, uma volta apertada, e dois de volta para Trez. — Ela *não* é sua fêmea.

— Ela é Selenia...

— Não, de acordo com currículo dela... — iAm mergulhou em seu escritório, debruçou sobre sua mesa e pegou uma única folha de papel. — O nome dela é Therese, e ela acabou de se mudar para Caldwell. Está procurando por um trabalho de garçoneiro, conforme ela colocou aqui nessas fontes.

Enquanto seu irmão segurava a coisa para ele, Trez olhou para os oito-e-meio-por-onze e se perguntou se ele poderia se lembrar de como ler.

— Eu não entendo — ele murmurou. — Ela se parece exatamente com Selenia. E sua voz...

Ele pegou o currículo e seus olhos saltaram ao redor, jogando paintball com as palavras, mal batendo em algumas. Detroit, Michigan. Trinta e quatro anos. Teve uma série de empregos através das décadas, alguns em TI, alguns servindo comida. Nenhuma menção de sua linhagem, mas ela não teria colocado essa coisa se estivesse usando-o para se candidatar a empregos humanos também. Mas claramente, ela tinha que ser uma civil, em oposição a um membro da *glymera*, porque os aristocratas não deixavam suas filhas solteiras se candidatar a empregos de garçoneiro.

Oh, Deus... E se ela estivesse acasalada?

— Ela *não* é Selenia — o rosto de iAm estava severo. — Eu não me importo com quem ela se parece, esta *não* é sua companheira morta voltando pra você.

Therese estava parada de pé dentro da cozinha movimentada e se perguntou se deveria ou não partir.

Ela tinha encontrado a vaga aberta em um grupo fechado no Facebook apenas para vampiros e tinha enviado um e-mail com seu currículo. Ela também se candidatou a dois outros cargos, um em um call center humano no turno da noite, e o outro para uma empresa que precisava de processamento de dados, o que ela poderia fazer de casa. Dos três, essa de garçoneiro tinha sido sua primeira escolha, porque o call

center não tinha renda garantida, e o processamento de dados seria difícil porque a casa geminada em que ela estava hospedada, o que era tudo o que ela tinha sido capaz de se permitir, não tinha Wi-Fi.

Mal tinha água corrente, pelo amor de Deus.

Olhando para o chão, pensou sobre aquele macho gigante desmaiando bem na sua frente, aterrissando onde ela estava parada. Inacreditável. E considerando que o drama asseguraria que ela fosse lembrada pelo dono do restaurante, não era por nenhuma razão que a ajudaria a conseguir o emprego.

Não, a menos que ele estivesse procurando pessoas que inspirassem outras pessoas a perder a consciência.

Franzindo o cenho, ela imaginou o macho que tinha atingido o chão, seu rosto, seus olhos... seu corpo. Ele tinha sido realmente extraordinário. Porém uma atração louca por um cara que não podia ficar de pé não era o porquê de ela ter vindo aqui. Um trabalho. Ela precisava de um emprego para que suas economias, por mais escassas que fossem, não ficassem queimadas antes do fim do mês.

Não havia como voltar de onde ela viera. Não voltaria pra Michigan...

O proprietário dobrou a esquina do corredor e respirou fundo.

— Então, ouça.

— Eu não quero ser um problema ou qualquer coisa — mesmo que ela não soubesse o que tinha feito exatamente. — Eu posso, você sabe, só ir.

O proprietário desviou o olhar, parecendo focar na formação de chefs fazendo ambrosia nos fogões.

— Não é culpa sua. Meu irmão... Ele passou por muita coisa.

— Eu sinto muito.

O proprietário esfregou o topo de sua cabeça, seu cabelo quase raspado não se realinhando nem um pouco. Ele era um Sombra, assim como seu irmão — bem, dá — com aquelas bonitas feições Sombra e aquela pele escura. Mas era o outro que ela queria.

Espera. Não que ela o quisesse.

— Ele vai ficar bem? — Ela disse. — Parece que ele pode precisar de um médico.

— Nós temos um particular a que ele pode ir.

Therese ergueu as sobrancelhas.

— Oh.

— É só, você parece como...

O homem em questão entrou na cozinha. Deus, ele era tão grande, com os ombros pesados de músculos, e um peito cheio de força e pernas compridas e poderosas. Bonito? Sim. Tipo *realmente* bonito, com aqueles lábios, particularmente o inferior, e o rosto com essa pele de cor profunda. Ele estava vestido com calça social branca, uma camisa de seda cinza e um paletó preto, e ele parecia... Caro e sexy — Jesus, aqueles mocassins eram tão finos que tinham que ter custado mais do que o aluguel de seu quarto.

Tipo, metade do ano.

Seus olhos, porém, seus olhos eram o que realmente chamavam sua atenção. Eles eram escuros como a noite, mas quentes como fogo — e ela estava encarando como se ela fosse a única coisa que existia no mundo... O que não fazia muito sentido. Ela não ruim de se olhar, mas não era nenhuma rainha da beleza, e não estava vestida nem nada.

— Posso só... falar com você por um segundo? — Ele disse.

Não uma exigência. De modo algum. De fato, havia uma dor em sua voz que sugeria que ele estava à sua mercê de alguma forma.

— Ah... uma de suas pupilas está de um tamanho diferente — Therese apontou para a esquerda. — Eu acho que você precisa mais de um médico do que falar com alguém por uma posição de limpeza.

— Certo. Você vai me levar para o Havers?

— Quem é ele?

— Nosso curador aqui em Caldwell.

Therese piscou.

— Eu não tenho carro.

— Nós podemos pegar o dele — o homem acenou com a cabeça em direção a seu irmão, e esticou a palma da mão para o cara. — Me dê as chaves.

O proprietário do restaurante revirou os olhos.

— Não, eu vou levá-lo...

— Tudo bem — Therese se viu dizendo. — Eu não tenho planos para esta noite, e de uma forma estranha, eu me sinto meio responsável.

Mais tarde, ela se perguntaria exatamente por que ela se meteu. Afinal de contas, o sujeito poderia ter sido um perseguidor identificando seu próximo alvo, algum tipo de trabalho mentalmente instável batendo em uma cidade onde ela não conhecia ninguém, e não tinha ninguém a quem recorrer se ela se colocasse em apuros.

Mas seus instintos lhe disseram que ela não estava em perigo.

Claro, isso poderia se verificar como uma suposição errada, embora não porque ele apresentasse qualquer ameaça física para ela. Não, foi outro tipo de dano que ele eventualmente trouxe.

Às vezes, porém, para que o destino funcionasse, tinha que se certificar de que você estivesse cego entrando nas coisas. Do contrário, você viraria o volante, pisaria nos freios... e evitar seu destino como a praga.

— Perfeito — disse o homem em voz baixa. — Isso é simplesmente perfeito.

VINTE

Enquanto Vishous ficava de pé sobre Layla e Xcor, ele estava perdendo sua maldita paciência. O que era meio como um ladrão abandonando seus escrúpulos: não muito para jogar fora. Mas, que seja.

— Layla — ele ordenou. — Cai fora daqui. Agora.

Do ponto de vista de Xcor no chão da floresta, o lutador inimigo disse: Saia, meu amor.

— E faça exatamente isso, certo — V não podia acreditar que ele estava apoiando o filho da puta no chão. — Volte para a casa segura. Ele vai saber quanto até onde você foi, e eu vou perguntar a ele.

— Por favor, poupe-o — disse Layla enquanto se levantava. — Por favor...

V cortou sua arma no ar com impaciência.

— Preocupe-se com seus filhos, mulher. Não com os como ele.

No fim, Layla fez o que era certo — porque lá no fundo, ela era uma mulher de valor: depois de um último olhar fixo para o bastardo que ela amava, acenou com a cabeça uma vez e fechou os olhos. Demorou um pouco antes de desmaterializar, mas era de se esperar. As emoções estavam correndo alto. Pelo menos entre dois deles.

V? Duro pra cacete, muito obrigada.

Quando a Escolhida se foi, V concentrou-se no pedaço de merda a seus pés.

— Ela saiu daqui?

Xcor fechou suas pálpebras.

— Sim, ela está longe, a uma grande distância. Ela honrou seu pedido.

— Você mente para mim, e está apenas prejudicando-a.

— A verdade é a única moeda para mim agora.

— Bem, você não é um rico filho da puta.

Enquanto Vishous se ajoelhava, suas botas e sua jaqueta rangeram no frio.

— Estou pronto — murmurou Xcor.

V exibiu as presas.

— Não dou a mínima como você está, babaca. E eu não preciso de sua permissão pra meter uma bala na sua cabeça.

— Sim, você está correto — o macho encontrou inabalável o olhar fixo de V. — Você está no comando aqui.

Com sua mão livre, V tirou um de seus cigarros enrolados à mão e o colocou entre os dentes da frente. E queria acendê-lo. Ele realmente queria. Sim... ele só estava indo acender e, em seguida, colocar uma fodida bala dentro do lóbulo frontal de Xcor numa tragada.

É. Uh-huh ...

É.

Alguns momentos depois — inferno, talvez fosse melhor medido em anos — ele afastou a arma e tirou a luva revestida de chumbo, puxando a coisa pelo dedo. O clarão que sua maldição deixou sair era tão brilhante que ele conseguiu um close-up de Mr. DeMille em Xcor, e o primeiro pensamento de V foi meeeerda, era melhor se apressar se ele quisesse matar o fodido. O bastardo fazia Vincent Price parecer como num cartaz infantil numa franquía de bronzamento.

Levantando sua amiguinha mortal, V acendeu o final do cigarro com seu dedo médio e tragou.

Que merda ele estava fazendo aqui?

Ou não fazendo, como era o caso.

Alô? Ele queria dizer para seu saco. Com certeza, havia somente uma bola ali dentro, mas geralmente agressão não era um problema para ele.

E, no entanto, ali estava ele, completamente envolvido por não atirar no crânio de Xcor.

Ruim, ruim, ruim... isso era ruim.

E então as coisas ficaram piores.

Sem se permitir pensar sobre o que ele estava fazendo, estendeu sua maldição sobre o macho nu e morrendo, e ordenou que a energia fluísse de si mesmo para dentro de Xcor. Em resposta, ondas de calor pulsaram sobre o quase cadáver; a neve derretendo do corpo, mais como desvanecendo, como o papel enrolando sobre a chama aberta.

Xcor gemeu enquanto seu corpo contorcido começou a afundar na lama que foi criada do calor, a camada do chão da floresta indo de congelada à primavera.

Agora o bastardo começou a tremer. À medida que seu sangue começou a fluir com maior facilidade, suas extremidades começaram a inchar e tremer, a intumescência substituída por uma vitalidade que tinha que ser tão dolorosa como conseguir sua pele descascada com uma lâmina enferrujada. Ouvindo os gemidos e olhando fixamente para os movimentos lentos e contorcidos, V lembrou-se de moscas nas janelas. Não uma analogia particularmente original, exceto que, merda, era exata.

— V-v-v-ishous...

— Que?

Os olhos de Xcor estavam vermelhos e lacrimejantes, tão fodidos enquanto olhavam para ele.

— Eu preciso que você... saiba...

— O que?

Passou um tempo até que o bastardo falasse de novo.

— Nunca foi ela. Eu aceito toda a responsabilidade. Ela nunca foi a instigadora, sempre a vítima.

— Você é um verdadeiro cavalheiro, não é?

— De que outra forma alguém como ela poderia estar perto de um homem como eu?

— Bom ponto.

— E no fim, eu a deixei ir. Mandeí-a pra longe de mim.

V espetou seu cigarro na neve.

— Então vou indicá-lo para o Prêmio Nobel da Paz. Está feliz agora?

— Eu tive que deixá-la ir — o macho murmurou. — Único caminho... Eu tive que deixá-la ir.

Vishous franziu o cenho. E então abanou a cabeça. Mas não porque estivesse discordando com o miserável pedaço de merda.

Ele estava tentando tirar uma memória de seu cérebro. Tentando... e finalmente fracassando.

Estava de volta do que parecia uma vida inteira atrás. Ele e Jane estavam em pé na cozinha do condomínio dela, ele na frente do fogão, ela encostada em um balcão. A lembrança era tão cristalina, que V podia ouvir o som do metal sobre metal dele mexendo lentamente uma colher de aço inoxidável em torno de uma panela de aço inoxidável, o chocolate quente ali crescendo cada vez mais perfumado quando o calor foi transferido para cima do queimador.

Quando a temperatura tinha chegado a ser simplesmente a certa, ele tinha enchido uma caneca e dado a Jane, e tinha olhado em seus olhos quando ela segurou o que tinha preparado para ela. Depois ele tinha limpado sua memória de curto prazo, tirando todo o seu conhecimento deles estarem juntos.

Tudo se foi. O sexo que tiveram. A conexão deles. Seu relacionamento.

Limpo tão certamente como se nunca tivesse existido.

Pelo menos do lado dela.

Do seu? Tudo estava enrolado, e ele não teria tido outra maneira. Esteve preparado para suportar todas as saudades, os anos de ausência, a separação da outra metade que o teria aliviado para sempre. Não havia outra opção para eles naquele momento. Ela era uma humana com uma vida. Ele era de uma espécie que seu tipo nem sequer sabia que existia, e estava envolvido em uma guerra que só poderia conseguir que ela fosse morta.

É claro, então, porque sua mãe tinha feito um trabalho árduo, e o destino tinha um senso de humor doentio, havia suplícios ainda mais difíceis para os dois enfrentarem...

Mesmo apesar de lutar contra a maré, sua mente se recusava a ser refutada. De repente, aquela cena da cozinha foi substituída por uma cena ainda pior. Jane baleada, sangrando, morrendo em seus braços. E então ele viu o resultado dele deitado em sua cama enrolado, um pouco como Xcor estava agora, querendo morrer.

Abruptamente, Vishous teve que desviar o olhar do bastardo. E teria se afastado se pudesse.

Em vez disso, apertou os molares e enfiou a mão na jaqueta com a mão que não era capaz de transformar carros em pedaços queimados de escultura moderna. Com um esforço hercúleo, expulsou suas memórias e suas emoções, levando aqueles visitantes indesejados para fora dele, com toda a afabilidade de um leão de chácara limpando a casa antes de fechar.

Tchau-tchau.

Emoções não tinham lugar no esquema maior das coisas. Elas realmente não tinham.

E tampouco recordações do passado.

Enquanto Layla permanecia em pé na sala do pequeno rancho, ficou diante de um relógio gigante que havia sido montado na parede como um elemento decorativo. Com os ponteiros pretos em arabescos que eram tão longos quanto seus próprios braços, e números cursivos como algo saído de um romance de Dickens, era extravagante e elegante — e também funcional.

Ela não estava mais chorando. Mas suas bochechas estavam em carne viva e queimando, da combinação de todas aquelas lágrimas, e o enxugar dela, e o frio terem tirado a primeira camada de sua pele. E sua garganta estava dolorida. E seus dedos todos tinham seus próprios batimentos cardíacos por terem adquirido um tanto de congelamento.

Vishous tinha puxado seu trunfo final e ele tinha razão, como de costume. Se ela quisesse acesso a Lyric e Rhamp, a última coisa que iria trabalhar a seu favor era ela parar a execução de Xcor.

Especialmente se fizesse algo louco... como se jogar na frente de uma bala destinada a ele.

Contudo, o mais importante era que sempre escolheria seus filhos acima de qualquer um e qualquer pessoa, inclusive ela mesma — e até mesmo Xcor. Mas oh, a dor de perder esse macho. Isso era transformador, realmente, essa agonia no peito, o tipo de carga emocional que a fazia sentir que pesava mais e era impedida em seus movimentos...

A princípio, o som de um telefone tocando mal foi registrado. Foi só quando a coisa ficou em silêncio na cozinha e, em seguida, prontamente começou a tocar novamente, que ela franziu a testa e olhou ao redor do arco aberto.

O celular que Vishous havia deixado para ela se calou. E imediatamente começou a tocar mais uma vez.

Talvez fosse alguém tentando achá-lo para poder trazê-la de volta para ver as crianças?

Correndo até a mesa, checkou a tela. Estava acesa... com o próprio nome de Vishous.

Ele estava ligando pra si mesmo? Não era possível. Ele estava neste momento colocando uma bala dentro...

Enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas e ardiavam, ela colocou as mãos no rosto. Iria o Irmão tratar até mesmo os restos de Xcor com respeito? Não podia suportar pensar o contrário...

O toque parou. E quando não retomou prontamente, ela se virou. Devia ser um mau funcionamento, alguma tecla ou batida do botão devido a uma mudança na posição do corpo ou alguma coisa...

O som da campainha tocou pela terceira vez. Ou era a quarta?

Dando meia volta, Layla franziu o cenho e estendeu a mão, pegando o celular. Aceitando a chamada, ela disse...

— Jesus Cristo — Vishous estalou antes que ela pudesse oferecer qualquer coisa verbal. — Demorou muito tempo.

Layla recuou.

— Eu... desculpe?

— Venha aqui.

— O que?

— Você me ouviu. Volte para o bosque.

Layla começou a suspirar, uma combinação de terror e tristeza sufocando-a.

— Como você pode ser tão cruel. Não posso vê-lo morto...

— Então é melhor você sair daí agora e alimentá-lo. Precisamos tirá-lo desta floresta.

— O que?

— Você me ouviu, porra. Agora desmaterialize e volte aqui antes que eu mude a porra da minha ideia.

A conexão foi cortada tão abruptamente que ela teve que se perguntar se ele tinha jogado longe o telefone que ele tinha chamado. Ou talvez atirado nele.

Com o coração batendo forte e a cabeça girando, ela abaixou o celular da orelha e apenas olhou para ele. Mas então jogou a coisa na mesa.

Ela estava fora da porta deslizante antes que o telefone parasse de saltar em toda a superfície de madeira.

Quando se desmaterializou e depois retomou a forma onde esteve de pé sobre Xcor, ela encontrou Vishous a cerca de cinco passos de distância do outro macho, fumando com tanto fervor que era como se o cigarro entre seus dentes fosse sua única fonte de oxigênio. Enquanto isso, Xcor tinha sido transformado por alguma fonte de calor, a neve se foi de cima e em volta dele, o chão debaixo dele encharcado e enlameado, sua carne não mais cinza, mas um vermelho irritado.

Ele estava vivo. E quando ele registrou sua presença, moveu a cabeça um pouco e moveu seus olhos.

— Layla...?

— O quê... por que... — ela gaguejou.

Vishous cortou a mão pelo ar, mas quando falou, foi com exaustão.

— Sem ofensa, mas vocês dois, calem a porra da boca, ok? Sem perguntas. Você... só o alimento. E você... apenas tome a porra da veia e seja rápido nisso. Eu voltarei em vinte minutos, e vocês dois, é melhor estarem prontos para o transporte.

Com aquela pequena alegre explosão de otimismo, o Irmão se afastou, desaparecendo no ar.

Layla piscou e se perguntou se isso seria um sonho. E então ela entrou em ação.

Rezemos para que Vishous tenha um pé de chumbo, pensou enquanto caía de joelhos.

Ela não se incomodou em falar com Xcor. Puxou a manga de seu manto para expor seu pulso, fez uma incisão em sua veia com seus próprios dentes, e então colocou a fonte de força e nutriente na boca de Xcor.

Mas ele se recusou a separar os lábios. Mesmo com a força vital que ele tão desesperadamente precisava molhar sua boca, ele negou sua entrada.

Mudo, ele olhou para ela e balançou a cabeça de um lado para o outro.

Isso lhe lembrava do momento em que o conhecera debaixo da árvore de bordo no Prado. Ele também tentara negá-la.

— Sem ofensa — ela murmurou — mas beba, porra.

Ela não tinha ideia do por que Vishous tinha decidido poupar a vida de seu inimigo. Mas não estava disposta a discutir com o que parecia estar acontecendo — ou tomar o indulto por garantido. Inferno, o Irmão podia muito bem decidir mudar de ideia novamente e voltar com sua arma. Ou sua adaga. Ou reforços.

Quando Xcor mesmo assim a recusou, ela estendeu a mão e apertou o nariz dele com força.

— Se você me ama, salvará a si mesmo agora. Não ponha sua morte tão desejosamente na minha consciência.

Quando ele só ficou deitado ali, aparentemente contente em se sufocar, ela começou a tramar maneiras de abrir os dentes dele. Só que então ele ofegou um pouco — e isso foi tudo o que precisou.

Uma ou duas gotas devem ter entrado em sua boca, porque gemeu de um jeito diferente, seu tronco arqueou, as pernas tremendo como se uma grande necessidade o tivesse atingido.

E então ele soltou um sibilo predatório...

... e a mordeu tão forte que ela teve que conter uma maldição.

Agora ele participava, grandes goles drenando-a tão rápido que ela sabia que tinha que ter muito cuidado. Havia uma boa chance dele matá-la por engano, sua fome capaz de dominar todos os outros instintos dele, inclusive aquele que queria protegê-la.

Querida Virgem Escriba, desejou saber o que Vishous havia planejado para eles — mas às vezes na vida era melhor não olhar muito adiante. Tudo o que tinha a fazer agora era alimentar Xcor e mantê-lo quente, enquanto Vishous voltava com algum tipo de veículo.

E depois disso? Ela não sabia.

Tirando o cabelo de Xcor de sua testa, ela encontrou seus olhos enlouquecidos e foi atingida por uma intensa necessidade de rezar. Cedendo ao reflexo, começou a recitar rezas que tinha conhecido desde seu nascimento no Santuário, as palavras antigas e sagradas marchando por sua cabeça, o ritmo da Velha Língua formando uma batida que reverberava no centro de seu peito.

Que pena que não havia mais ninguém lá em cima para ouvi-los. Mas o que importava? Vishous era o único salvador que ela e Xcor tinham — e Deus sabia que ela tomaria o que conseguisse.

VINTE E UM

— Oh, esqueci — murmurou Trez. — O carro do iAm não é automático.

Quando ele estava do lado de fora da saída do pessoal do Sal's, ele franziu a testa para o BMW M6 e tentou pensar como iria manter essa coisa do *me leve para Havers...*

A fêmea que o fez desmaiar arrebatou a chave controle de suas mãos.

— Sem problema. Eu sou boa com uma embreagem.

Therese desligou o alarme de segurança, abriu o lado do motorista e deslizou para dentro do assento de couro como se fosse a dona do carro esportivo.

— Bem, vamos lá. Não posso colocá-lo no banco do passageiro. Esse é um trabalho que você vai ter que fazer.

Seu sorriso era fácil, mas não simples. De fato, nada a respeito dela era simples para ele, não a maneira como ela se movia, ou o som de sua voz, ou o fato de que ela preenchia aquelas suas calças pretas perfeitamente.

Assim como Selenia faria.

Ah, e sim, o aviso de iAm continuou a incomodá-lo em sua cabeça: *Essa não é sua companheira morta voltando para você.*

Com uma maldição, Trez deu a volta no porta-malas do sedan. Quando entrou, olhou para a fêmea. Deus, seu perfil era...

— Humm, você pode fechar a porta? Este modelo particular tem um mecanismo de segurança. Eu não vou poder ir a qualquer lugar até que feche, vamos encarar isso como uma vantagem, isso é sobre o projeto. Brrr.

Trez ruborizou e puxou a maçaneta. E então tentou parecer relaxado enquanto ela ligava o motor, mudava o ventilador para aquecedor e dava a ré. Com uma curva perfeitamente executada, eles estavam fora se afastando para a parte principal do quarteirão e seguindo para a estrada de quatro pistas.

— Você vai ter que me dizer para onde ir.

Enquanto ela falava parecia tão bonita no brilho acetinado de sua pele, seu nariz reto, aqueles lábios cheios, aquele queixo forte, as coisas que ele esteve tentando recriar em 3-D de suas memórias 2-D.

Ele falou sem querer. Sem pretender.

— Senti sua falta...

Sua voz se quebrou no mesmo momento em que ela lhe lançou um olhar de choque.

— Desculpe? O quê?

Merda, o que acabou de sair de sua boca?

— Ah... sim, uau, eu realmente não estou fazendo sentido aqui — ele deu a ela um sorriso de desculpas, o que era realmente sincero. — Talvez eu realmente precise de um médico.

Quando chegaram à saída do estacionamento, ela sorriu mais uma vez.

— Bem, a questão imediata é: você quer o Google Maps? O sistema de navegação neste carro? Ou você sabe para onde estamos indo?

Trez foi pego olhando para seu rosto novamente, e quando a visão dela ficou ondulada, teve que limpar os olhos no que esperava fosse um movimento rápido que ela não iria notar.

— Você realmente está ferido — ela murmurou. — Precisa de uma ambulância?

E foi quando ela o tocou. Foi, mais uma vez, uma coisa simples que não era nada simples: ela apenas colocou sua palma quente e macia nas costas de sua mão, a que estava descansando sobre sua coxa — e no processo, deu a seu peito o equivalente a um ataque cardíaco.

— Eu deveria dizer para você ir — ele disse com voz rouca.

— Sim, eu concordo. Esquerda ou direita?

Fechando os olhos, disse a si mesmo para pôr sua vida em ordem e ouvir o que seu irmão tinha dito. Essa mulher, quem quer que ela fosse, não era sua Selenia. E isso era grosseiramente injusto para com ela e para seu processo de luto, lançar-se na órbita de uma estranha simplesmente por causa de algum acidente de aparência.

Ela tinha um leve sotaque de Detroit, por deuses, algo que Selenia obviamente nunca teve. E Selenia nunca tinha usado seu cabelo assim, ou tinha roupas assim ...

— Como você disse que seu nome era? — A fêmea perguntou. — Você quer que eu pegue seu irmão? Alô? Você... já desmaiou em cima de mim de novo?

Quando ele finalmente falou, as palavras saíram rápidas e desajeitadas — exatamente do modo que ele se atrapalhava com o mecanismo da porta e saltava do carro:

— Desculpe. Eu tenho que ir. Eu sinto muito. Eu sinto muito...

Quando ele tropeçou para trás da porta, a qual tinha deixado aberta, ele conseguiu escorregar na parte lisa do gelo com o calcanhar...

E cair sobre sua bunda idiota pela segunda vez na presença dela, aterrissando num amontoado.

Mas pelo menos ele manteve a consciência desta vez.

Uhuuu, seu ego cantarolava. Passos de bebê, seu capenga filho da puta, passos de bebê.

A fêmea estava fora e em volta dele mais rápida do que uma respiração, e então ela escorregou e deslizou, e quando aterrissou diretamente sobre ele, Trez quis gritar.

Ele não gritou.

Não. Quando ela caiu em cima dele... ele a abraçou e a beijou pra caralho.

Therese não esperava. De modo nenhum. Quando ela perdeu o equilíbrio e caiu diretamente no peito do cara, seu único pensamento foi quanto tempo ia demorar pra voltar a seus pés e correr para o restaurante para encontrar seu irmão.

Porque, oi! Como um par de vampiros, eles não iam ligar para o 911. A última coisa que precisavam eram médicos humanos aparecendo e o levando para um hospital humano — onde ele seria admitido, e sabendo a sorte deles, queimariam em chamas quando a luz do sol entrasse pela janela para a cama regulável.

Exceto que a ideia inteira de obter o irmão não aconteceu. Enquanto empurrava o peitoral dele para levantar a cabeça, tudo veio a uma intensa parada. Seus olhos se encontraram, suas respirações pararam — e então ele deslizou um braço ao redor de sua cintura, uma mão em sua nuca... e a puxou para sua boca.

Macios. Seus lábios eram tão macios ... e eles tremeram contra os dela, como se não tivesse certeza do que estava fazendo ou talvez afetado por algo monumental. No entanto, seu corpo era qualquer coisa menos fraco. Debaixo dela, ele era grande e estava duro, e ela podia sentir o poder que emanava dele.

Foi só quando sua língua saiu e a lambeu, procurando entrar, que Therese interrompeu o contato.

Mas não foi longe. Ela não queria.

Deus... seus olhos eram incríveis, e eles não eram mais negros. Eles estavam brilhando um verde claro extraordinário, a luz que vinha deles era tão brilhante que teve que piscar.

— Me desculpe — ele sussurrou. — Eu deveria ter feito isso — o macho franziu a testa e balançou a cabeça. — Quero dizer, eu não deveria ter feito isso.

Therese fez uma busca em suas feições se perdendo no redemoinho que estava acontecendo em seu estômago, seu corpo estava hiperconsciente e estranhamente lento ao mesmo tempo.

— Você tem um macho? — Ele perguntou com uma voz áspera.

— Não — ela focou em seus lábios. — Não, não tenho.

As pálpebras dele se fecharam e o alívio em seus traços foi uma surpresa.

— Graças a Deus.

Therese teve que sorrir.

— Então você é um macho de valor.

Só então ela franziu o cenho.

— Você está com alguém?

— Não, não estou...

O soar de uma buzina trouxe ambas as cabeças girando. Uma Mercedes tinha parado atrás deles e o motorista estava saindo.

— Vocês estão bem? — Ele perguntou.

— Muito bem — o macho dela disse. — Desculpe.

Huummm, ok, não que ele fosse dela.

— Sim, estamos bem — ela ecoou. Procurando provar o que parecia uma mentira, Therese agarrou seu braço e ajudou o macho a ficar em pé. — Estamos bem. Obrigada.

Ela fez questão de escoltar o macho para o lado do passageiro e ajudá-lo a entrar. Então caminhou ao redor, ficou atrás do volante e acelerou saindo direto para fora do estacionamento, porque era mais fácil do que cortar quatro pistas de tráfego.

— Eu realmente deveria ir — ele disse enquanto encarava o para-brisa dianteiro.

— Para o médico, eu sei. Então, para onde vamos? Posso dar meia volta no carro.

— Escute, vou ficar bem. Sempre fico. Você pode, por favor, parar?

Ela olhou de relance para ele, e querido Deus, ele estava tenso, suas mãos apertando suas coxas, sua mandíbula apertada. Ele tinha sido o instigador do beijo, mas claramente estava se arrependendo.

— Por favor, pare — ele murmurou.

— OK, claro. Mas ali não há... eu não vejo nada.

O restaurante estava localizado no início de uma faixa de cerca de vinte ou trinta lojas outlets, mas a escolha “certa” dela os levou na direção oposta de tudo isso. Consequentemente, eles estavam entrando em um trecho sem acostamentos e um monte de árvores, nada além de uma rampa de acesso a algum tipo de estrada, e o que parecia ser uma vazia terra inacabada em ambos os lados da rua.

Franzindo o cenho, ela se apoiou no volante. À frente, havia algo no horizonte, subindo na paisagem ... guindastes de construção, talvez? Ou... ela não tinha certeza do que era.

Seja lá o que fosse, um estacionamento se apresentava virando a próxima curva — e dizia sobre uma abundância de riquezas. Pavimentação se abria em ambos os lados da estrada, com espaço suficiente para acomodar centenas de carros. Era um centro de convenção? Embora não pudesse ver qualquer tipo de hotel ou grande instalação. Somente escuridão.

Quando ela deu a seta, o macho enrijeceu.

— Não aqui — disse ele com voz rouca. — Oh Deus... qualquer lugar menos aqui.

— Desculpe?

— *Continue.*

Acelerando novamente, ela passou pelo que acabou por ser — oh, certo, um parque de diversão. Claro. As coisas que ela pensou serem guindastes eram na verdade brinquedos como montanhas-russas e loopings bem altos, tudo no momento apagado porque era inverno e a empresa estava fechada para a temporada.

Ela continuou, indo para uma sorveteria chamada Martha's que era identificada com um galo gigante. Ela também estava fechada para a baixa temporada, mas podia imaginar as filas, e em suas janelas dúzias de crianças correndo ao redor com cones de sorvetes derretendo em seus braços, os pais relaxando, mesmo que eles mantivessem um olho nos pequenos.

Essa fantasia de verão era real para algumas pessoas. Tinha sido real para ela por um tempo.

Tudo isso se foi agora.

— Aqui — disse ele, apontando para o galo. — Entre aqui.

— Um pouco mais adiante.

Ela não queria a sorveteria mais do que ele queria o parque de diversão. Então talvez eles tinham algo em comum. Estraga-prazeres unidos.

A loja de souvenir que passaram até a próxima tinha muitas janelas e muitas coisas pequenas alinhadas numa vitrine, todos os globos de neve, copos de shot, camisetas e canecas de cerveja como soldados esperando para serem chamados para a linha de frente na diversão em família. O estacionamento era o irmãozinho do grande pai que haviam passado, mas vazio como estava, havia muito espaço.

Depois que Therese parou o BMW, ela colocou o câmbio em ponto morto e puxou o freio de mão — e quer saber, ela concordou com o macho sentado ao lado dela. Imperativo para a assistência médica dele de lado, era hora deles se separarem. Em sua mentalidade atual, ela era um vácuo procurando uma distração, uma bagunça oca que só olhando do lado de fora para juntar. Ela tinha vindo a Caldwell em busca de um novo começo, uma nova definição de si mesma... uma fuga de tudo o que tinha vindo antes, todas as mentiras e o engano, a falsidade.

Engraçado como descobrir que você não era quem você pensava que era poderia fazê-la se mudar mais de quinhentas milhas de distância de sua “família”.

Mas o bom sobre estar sozinho?

A menos que você mentisse pra si mesmo, você sabia exatamente onde estava.

Mas o ruim? Você tendia a preencher o vazio que tinha com outras coisas — e ela não precisava de um psiquiatra para lhe dizer que era uma má ideia se perder no que estava acontecendo com esse macho. Ele era sexy, muito distante, e demais para ela lidar com suas defesas todas baixas.

— Você pode desmaterializar para casa? — Ele perguntou.

— Sim, absolutamente. Mas ainda estou preocupada com a sua cabeça.

Mas mesmo enquanto falava, ela desabotoou o cinto de segurança e abriu a porta. Ele fez o mesmo e ambos saíram.

O macho deu a volta enquanto ela saía e eles se encontraram na frente do carro entre os faróis — e enquanto se olhavam ela franziu o cenho, um estranho sentimento vindo sobre ela.

— Vou cuidar disso — disse ele. — Eu me sinto muito melhor.

Enquanto olhava para cima para toda a altura dele, ela piscou... e tentou lembrar o que ele estava falando. Oh, certo, a cabeça dele.

Bem, ele certamente parecia estar firme em seus pés agora e os vampiros curavam rapidamente. Não havia nenhuma pronúncia indistinta em seu discurso, e aqueles olhos, quando brilharam o verde claro da cor do peridoto, pareciam do tamanho igual agora. Além disso, não levaria muito tempo para voltar ao restaurante do irmão. Ela não tinha dirigido mais de uma milha.

— Você vai estar segura? — Ele perguntou. — Indo para casa sozinha, quero dizer.

— Sim — ela levantou o queixo e forçou um sorriso. — Perfeitamente segura.

— Eu deveria te levar de volta. Onde você...

Enquanto pensava naquele beijo, ela levantou a mão.

— Não, prefiro ir sozinha. É melhor assim.

Ele inclinou a cabeça.

— Absolutamente.

— Então ... — Ela estendeu sua palma. — Foi estranho conhecer você.

Ela temperou as palavras com um sorriso honesto. Vinte e quatro horas em Caldwell, e ela estava fazendo machos desmaiar, praticando suas habilidades de entrevista e dirigindo carros sofisticados. Considerando tudo? Poderia ser bem pior.

— O prazer foi meu — disse ele remotamente.

Ela teve a sensação de que ele queria abraçá-la pelo jeito que ele deixou a mão dela pendurada, mas não queria ir contra aquele corpo dele de novo. Ela já estava na posição de ter que esquecer aquele beijo. Mais razões para ter amnésia não era algo que ela precisava.

— Bem, adeus — ela deu um passo atrás. — Ah... tenha uma boa vida.

Com a frase, ela se desmaterializou. E enquanto viajava numa dispersão, ela estava espantada com a forma como alguém que você nunca conheceu antes poderia causar uma enorme impressão sobre você.

Loucura.

Realmente simplesmente loucura.

VINTE E DOIS

E ele ainda não a tinha matado.

De alguma forma, apesar da fome de Xcor, Layla o sentiu soltar seu pulso justo quando ela estava começando a sentir o efeito de sua alimentação, sua pressão arterial começando a cair, sua cabeça se tornando levemente tonta.

Ela podia dizer que a retirada lhe custou caro. Os dentes dele estavam completamente descidos e ele estava lutando consigo mesmo, os músculos de ambos os lados do pescoço se esticando contra sua pele, seus braços e pernas agitando na terra derretida e enlameada debaixo do seu corpo nu.

Ele também estava muito, totalmente... completamente ereto.

Quando foi uma situação de vida ou morte, sua nudez tinha sido fácil de passar por cima. E naquela frente, eles ainda estavam longe de sair da floresta... Naturalmente, como V diria. Mas nessa fração de segundo de alívio, ela se tornou vitalmente ciente do quão completamente masculino ele era.

Xcor era um *phearsom*, com certeza.

No entanto, não havia morada em sua excitação grossa. Por trás deles, luzes começaram a piscar, e então houve o som de um motor de carro poderoso e o estalar de árvores. Layla se levantou e colocou-se entre Xcor e o que quer que fosse...

O Range Rover atravessou a floresta como um touro enfurecido, parando pouco antes de atropelá-la. E quando a porta do lado do motorista se abriu, o coração de Layla pulou pra sua garganta.

Contudo era só Vishous.

Bem, "só" sugeria que o Irmão era uma presença benigna, o que não poderia estar mais longe da verdade. Vishous parecia positivamente furioso, suas sobrancelhas abaixadas, seu cabelo preto todo bagunçado como se ele tivesse passado a mão por ele, as tatuagens em sua têmpora e aquele cavanhaque o fazendo parecer ainda mais sinistro.

— Você terminou? — perguntou o Irmão.

Ele se recusou a olhar para ela, então ela falou enquanto assentia.

— Sim.

— Vou levá-lo para dentro do...

— Não, eu levo.

— Você não é forte o suficiente...

Ela se abaixou, forçou um braço no meio das costas de Xcor e o outro debaixo das coxas dele, a lama se infiltrando em suas mangas e aderindo aos seus antebraços. No entanto, ela não prestou atenção — assim como ignorou o modo como ele lutava contra ela, e os protestos trêmulos deixando sua boca enquanto ela o levantava do chão.

— Abra a porta — ela ordenou a V.

Depois do choque inicial, o Irmão fez como pedido, abrindo o caminho para ela trazer Xcor. Foi uma luta, seus chinelos afundando na neve, os galhos das árvores parecendo agarrar Xcor por despeito, a lama escorrendo pela frente do seu robe — e não teria conseguido se ele não tivesse perdido tanto peso.

Mas a forma como olhava para isso, era que Xcor só tinha a ela para ajudar.

Empurrá-lo no banco traseiro foi um caso desajeitado, e ele a ajudou puxando o corpo dele pra baixo e desabando longitudinalmente de costas. E ela queria entrar ao lado dele, mas mesmo com a perda de peso, ele ainda tinha um tremendo comprimento e não havia espaço pra ela. Mas ela não estava prestes a deixá-lo nu. Tirando o robe, ela o cobriu com ele, enfiando a coisa o melhor que pôde antes de correr para o lado do passageiro.

Com apenas leggings e um top solto agora, o frio atingiu rápido, e ela estava tremendo quando se fechou dentro do carro.

— Coloque o cinto — murmurou V. — Isso vai ser duro.

Não brinca, pensou ela enquanto puxava o cinto cruzando o peito.

Esperava que o Irmão os movesse para frente em um ritmo brusco. Ela não esperava que ele pisasse no acelerador e os enviasse correndo através das árvores, os faróis batendo nos troncos e galhos pouco antes deles, o SUV levando pancada após pancada, enquanto ele saltava, pulava e abria caminho em direção ao que ela esperava ser a estrada.

Mas que poderia muito bem ser a borda da terra.

Esticando-se para virar, ela verificou Xcor e tentou captar seu olhar — o que era difícil porque ela estava indo pra cima e pra baixo, e de um lado pro outro, embora pelo menos Xcor estivesse na mesma programação de movimentos, seu corpo flutuando e batendo no assento do banco traseiro. Ele estava fazendo o que podia para se ancorar, uma mão segurando a parte de trás do seu apoio de cabeça, um pé apoiado contra a porta, e todo o resto agindo como ovos mexidos em uma frigideira.

Quando seus olhares finalmente se encontraram, a questão do *Você está bem?* foi perguntada de ambos os lados silenciosamente... E respondida com um mútuo *Eu não tenho ideia*.

O fim da viagem de ranger os dentes veio tão rapidamente como o início de tudo, o Range Rover explodindo pra fora da linha das árvores como se estivesse jogando fora um manto muito pesado, seus pneus patinando no asfalto, e a grande guinada para se endireitar na pista correta foi a última delas, ela esperava.

E na verdade, à medida que saíam a uma velocidade ainda maior, as coisas estavam muito mais silenciosas, mais civilizadas.

O que só ressaltou o quão duro todo mundo estava respirando.

Voltando a virar, ela tentou ver através do vidro de trás, mas com as janelas escuras não havia muito para continuar. Só podia imaginar os detritos que haviam arrastado pela estrada à sua volta... E nesse meio tempo, Xcor desabou nos assentos, seu corpo relaxado, sua respiração irregular.

Mas ele estava vivo, e levantou o polegar pra cima sinalizando que estava tudo bem.

Quando tornou a focar no caminho à frente, tudo o que conseguiu foi um monte de pavimento, uma linha branca de cada lado e um amarelo duplo no meio. Ah, espere... Havia uma placa de veado pulando, a forma negra sem nuances do animal e seu conjunto de chifres em um diamante reflexivo da cor de uma cabeça de dente-de-leão.

Nenhuma palavra foi dita.

Nenhuma era necessária.

No começo ela não sabia para onde eles estavam indo — e não estava prestes a perguntar. Mas então V fez uma série de voltas que os levou de volta para a cidade. Provavelmente para aquele rancho mais uma vez.

Ela estava certa.

Cerca de vinte minutos depois, ele estacionou na garagem da casa segura e todos esperaram no lugar conforme os painéis rolavam de volta pra baixo.

Vishous saiu primeiro, e Layla não foi senão uma fração de segundo depois assim ela poderia atender Xcor. Abrindo a porta ao lado da cabeça dele, ela tomou seu braço e ajudou enquanto ele lutava para se arrastar e manter o manto enlameado no lugar sobre sua nudez. Quando ele estava de pé, ela enganchou as mangas compridas, amarrou-as em torno da cintura e torceu o caimento branco para que apenas o seu quadril e o lado da coxa e perna estivessem visíveis.

— Incline-se sobre mim — ela exigiu enquanto se enganchava debaixo dele e colocava a mão ao redor da cintura dele.

Vishous já tinha entrado na casa, mas tinha deixado a porta aberta para eles, o aparador de portas no lugar no piso.

— Vou levá-lo lá pra baixo — disse ela. — Tem duas suítes e uma sala lá.

Xcor se inclinou pesadamente sobre ela, especialmente quando subiram os três degraus rasos para dentro da casa. E enquanto considerava a logística, não tinha ideia de como eles iriam fazer a descida para o porão.

— Onde estamos? — Ele perguntou roucamente.

— É uma casa segura.

— Da Irmandade?

— Sim.

Vishous estava na cozinha, descansando contra o balcão e acendendo um cigarro enrolado a mão, e não poupou a eles um olhar enquanto passavam por ele. Ele tinha, no entanto, aberto mais uma vez o caminho para eles, as portas que precisavam atravessar abertas, e a luz acesa para que pudessem fazer seu caminho subterrâneo.

Rapaz, aquela escada era estreita.

Porém Xcor resolveu o problema do abraço apertado, afastando-se dela e se apoiando na grade. Quando ele chegou ao fundo, ele foi direto para o sofá estofado que estava em frente à TV de tela plana.

Quando ele desabou sobre ele, não estava certa do que deixou sair uma exalação maior, ele ou as almofadas.

Havia um cobertor vermelho e preto dobrado nas costas da poltrona que fazia par com o sofá e ela o pegou, removendo o robe sujo da parte de baixo de seu corpo e substituindo-o com algo mais limpo.

Ela levou um momento para respirar. E então estava de volta à ação.

— Vou te trazer alguma comida.

Quando ele não discutiu com ela e apenas afundou ainda mais no sofá, ela se perguntou se a viagem para a cidade não tinha feito o que a Mãe Natureza tinha falhado, e o que V tinha declinado a fazer. Mas não... ele ainda estava respirando.

Layla subiu a escada rapidamente, e quando ela voltou pra cozinha, fechou a porta silenciosamente. Havia coisas que ela e Vishous precisavam dizer um ao outro — e ainda assim, ele não parecia querer conversar. Ele estava completamente autocontido enquanto encarava a ponta acesa do seu cigarro, suas sobrelanceiras baixas, sua expressão tão plana que era como se ele fosse uma representação animada de si mesmo.

Ela se aproximou e colocou a mão em seu braço.

— Vishous, obrigado...

— Não me toque! — Ele se afastou bruscamente dela. — Não me toque, *porra*.

Seus olhos brilharam com raiva enquanto ele apontava seu cigarro pra ela.

— Não misture esta merda. Não estamos "juntos" nisso. Nós não somos coleguinhas de Xcor. Eu *não* estou comprando essa fantasia romântica que você está balançando. O que *eu* estou fazendo é deixá-la aqui com um assassino e linha aberta. Se você estiver viva para fazer este telefonema sobre seus malditos filhos mais tarde, ei, você ganhou na loteria. Se ele decidir assassinar você e depois chamar seus amigos para vir e festejar com o seu cadáver? Desculpe, não lamento. De qualquer maneira, não dou à mínima. Você o quer? Agora você o tem.

V seguiu seu caminho para a mesa e pegou o celular que tinha deixado para trás.

Então ele se foi, saindo pela porta corrediça e desaparecendo na noite.

Depois de um momento, Layla atravessou a cozinha e trancou a porta. Então se virou e começou a mexer nos armários, procurando por latas de sopa.

A primeira coisa que Trez fez quando voltou ao restaurante foi entrar no escritório de iAm e acertar a bagunça em cima da mesa. Ele não precisava trabalhar muito para encontrar pelo que estava procurando. O currículo feminino estava bem no topo, e ele verificou o cabeçalho.

Ele ousaria?

Essa pergunta foi respondida quando ele devolveu o pedaço de papel à pilha de notas e ordens, e saiu pelos fundos do Sal's como um criminoso. Desmaterializando, ele seguiu para uma área não tão quente da cidade, para uma casa geminada que o fez querer gritar. A maldita coisa era de três andares, um quarteirão de comprimento, e tinha pelo menos meia dúzia de janelas que estavam tapadas. Seu trabalho de pintura tinha sido um branco puro lá atrás na década de 70, mas tinha desbotado para um mijo amarelo, e o casal saindo de suas portas duplas de metal parecia mais como sem teto com suas roupas sujas e cabelos engordurados.

Será que ele conseguiu mesmo o endereço certo?

Merda. Sim, ele tinha.

Ela não deveria estar aqui, neste ninho de humanos sujos. Pelos deuses, ela estava ficando na superfície com apenas cortinas entre ela e o sol durante o dia?

O que ela estava pensando?

Enquanto Trez atravessava a rua, ele se preocupou que não fosse uma escolha.

Quando chegou na entrada, olhou através dos painéis de vidro de arame de galinheiro. Era difícil de ver claramente porque as malditas coisas não tinham sido limpas em uma década ou duas, mas no outro lado parecia haver um tipo de "lobby" ordenado com luzes fora dos dispositivos elétricos externos, um tapete que poderia ser contado como azulejo para todos os cochilos, e uma parede de caixas de correio onde a metade das portinholas pequenas foram quebradas, e estavam caídas e pareciam com as línguas de animais mortos.

O edifício era equivalente a um cólon... Úmido, sem janelas, com lodo marrom manchando as paredes.

— Você precisa entrar?

Um macho humano que cheirava a bebida velha e cigarros o empurrou passando por ele, abrindo a porta com um cartão deslizante e mantendo o seu caminho aberto.

Enquanto Trez contemplava sua própria entrada, pensou que seria melhor tanto para ele quanto para Therese se ele deixasse essa merda pra lá. Deixá-la ir.

Mas ele entrou de qualquer maneira.

Havia uns dois caras no canto mais distante, balançando a cabeça como tivessem se injetado recentemente, e seus olhos injetados passaram por cima dele com a marcada falta de entusiasmo característico do vício em heroína. Nada mais de felicidade para eles. Você só tem isso no início durante a parte rosada do seu relacionamento com o ópio.

O elevador estava fora de serviço, uma fita de isolamento de área meio gasta amarrada em vários lugares através de seus painéis fechados, uma placa escrita à mão *enguiçado* presa com um Band-Aid na parede. A visão disso o fez pensar no Otis em *The Big Bang Theory* — e estava disposto a apostar que o menino mau do lugar havia sido quebrado há muito tempo.

Havia apenas um conjunto de escadas e elas eram estreitas e cheiravam a urina. E enquanto subia para o terceiro andar, os ruídos que ouviu ao longo do caminho não eram mais otimistas e alegres do que o resto do lixo: gritos, tosse, música alta de caixas de som ruins, batidas como se alguém estivesse batendo a cabeça repetidamente na parede.

Jesus Cristo.

No último andar, ele olhou para a esquerda e para a direita. Isso sem falar que não havia uma plaquinha dizendo quem morava em cada apartamento. Oh, sim... Claro. Bem na frente dele, a nível dos olhos, havia uma mancha careca na parede rachada onde tinha sido rasgada.

Por que você poderia reorientar algo assim. Para um prato de jantar. Ou um plano para ajudar a cortar suas drogas.

Ela estava no 309, e acabava por ser descendo à esquerda.

Droga, ele odiava o número do apartamento dela. Ele não gostava do três ou nove em sequências. Quatro-zero-dois era um bom número. Oito-zero-quatro. Duzentos-e-vinte-e-quatro.

Ele era um cara divisível por dois. Ele não gostava de três, cinco ou nove.

Sete estava bom, pensou enquanto se aproximava da porta dela, mas só porque os dois juntos igualavam quatorze.

Treze era a praga de sua existência.

— Você está procurando aquela garota?

Trez deu meia volta. Diretamente do outro lado do corredor, um sujeito típico espancador de esposa com um monte de tatuagens estava encostado na porta como se possuísse o lugar, um verdadeiro Rei dos Babacas. Ele tinha um bigode de guidão de bicicleta, bolsas debaixo dos olhos como sacos de lona e uma colônia cortesia do crack que ele estava fumando.

— Você é cafetão dela ou algo assim? — O humano esticou seu pescoço e depois coçou sua jugular.

— Quanto ela custa? Ela é nova...

Trez fechou a curta distância entre eles, agarrou o cara pelo rosto forçando o pedaço de merda de volta para seu antro de autodestruição.

Quando Trez chutou a porta fechada atrás dos dois, o João-ninguém começou a bater os braços como se estivesse tentando voar... E alô, companheiro de quarto no sofá.

Trez usou sua mão livre para retirar a arma e apontar para o outro cara do outro lado da sala.

— Cale a porra da boca.

O drogado ali só colocou as palmas das mãos pra cima e deu de ombros, como se pessoas sendo maltratadas e Glocks disparando fizessem parte de sua vida diária... E ele não estava prestes a se envolver com a merda de ninguém.

Trez empurrou o proponente contra a parede, mantendo uma palma bloqueada naquele rosto.

— Você não vai se chegar perto dela. Se fizer isso, eu vou pegar todas as suas drogas, jogá-las no vaso e dar descarga na sua frente. E então vou te sequestrar e deixar no hospital municipal no centro da cidade, onde eles o manterão contra a sua vontade, enquanto o tribunal vai decidir qual reabilitação você

será mandado. Você me ouviu? Fode com ela e vou injetar seu traseiro desgraçado no sistema... E da próxima vez que ver qualquer tipo de batida será dos noventa miseráveis fodidos dias a partir de agora.

Afinal, você não ameaçaria alguém assim com uma arma. Eles já estavam mortos, pelo amor de Deus.

Nah, você os tortura com o pensamento da sobriedade forçada por terceiros.

E não, Trez não sentia obrigação de ajudar qualquer um desses ratos sem rabo. Matar-se com produtos químicos era um direito dado pelo Deus de ambas as espécies, e ele não estava interessado em interferir no curso da dependência de outra pessoa. Ele estava, contudo, mais do que feliz em usar qualquer fraqueza para sua vantagem.

Ele olhou para o Homem Sofá para se certificar de que o filho da puta também ouvia isso.

— Eu tenho o apartamento dela rastreado. Sei onde ela está a cada segundo do dia — ele sorriu apertado para manter suas presas para si mesmo. — Vocês dois ou alguém próximo se aproximem dela e eu vou saber.

Depois, voltou a focar naquele que ele segurava, apertando as feições com tanta força que o bigode idiota do homem se fundiu com as sobrancelhas, como um Muppet cujo operador estava tendo um espasmo de mão.

Quando Trez finalmente soltou, o rosto do canalha era toda uma máscara de Halloween, inchada e deformada, o bigode fora do ângulo como um óculos que foi quebrado.

Trez olhou para o sofá novamente.

— Sim. Claro — disse o cara ali. — Você conseguiu. Ela não é pra ninguém.

VINTE E TRÊS

Mais cedo ou mais tarde, quando alguém roubava para sobreviver, um roubo daria errado. E Xcor cometeu esse erro em seu vigésimo sexto ano, em um bosque a trezentos e sessenta metros da cabana que primeiro foi de sua babá, e então, depois de algumas idas e vindas, ele mesmo havia abandonado.

Era o destino trabalhando, ele presumiria mais tarde.

O que inicialmente atraiu sua atenção, enquanto ele avançava através da noite sozinho, foi o cheiro do ensopado de carne. De fato, ele estava há muito tempo acostumado a procurar sustento, misturando-se às sombras com tal competência e constância, que tinha começado a pensar em si mesmo como uma. Era melhor assim. Outros olhos sobre nunca caíam bem.

Na verdade, antes de sua transição, teve a esperança de que seu defeito se corrigisse sozinho magicamente. Que de alguma forma a mudança iria reparar a divisão em seu lábio superior, como se sua gestação exigisse aquele último impulso de crescimento antes que ele estivesse em sua adequada arrumação. Infelizmente, não. Sua boca permaneceu como estava, curvada para cima. Arruinado.

Feio.

Então sim, era mais sábio ficar nas sombras, e enquanto agora se escondia atrás do tronco robusto de um carvalho, considerava o brilho de um fogo distante na floresta como uma possível refeição ou fonte de suprimentos.

Ao redor das chamas crepitantes, ele via pessoas — machos — e eles estavam festejando em volta da ondulante luz laranja. E havia cavalos amarrados a uma distância.

A fogueira era grande. Evidentemente, eles não se importavam se fossem descobertos, o que sugeria que eram lutadores e provavelmente fortemente armados. Eram também de sua espécie. Ele podia pegar o cheiro deles na mistura da fumaça, da carne do cavalo, do cheiro de hidromel e mulher.

Ao planejar sua aproximação, estava agradecido pela cobertura pesada de nuvens que mantinha a lua escondida e aprofundava as sombras para um breu. Desde que ele permanecesse fora do alcance dessa iluminação, ele poderia muito bem estar usando um manto de invisibilidade.

Aproximando-se, as chamas o fizeram pensar naquela cabana em que ele tinha ficado nas primeiras duas décadas. Ele tinha partido depois que sua babá o tinha deixado pela primeira vez, encontrando o orfanato que o andarilho falara. Mas não tinha sido capaz de ficar longe por muito tempo, pensando que seu pai possivelmente voltaria a procurá-lo na cabana de novo. Ao longo dos anos, ele partiu novamente por certos períodos, tipicamente nos meses de inverno, quando os lobos estavam com fome; no entanto, ele sempre voltava para lá.

Seu pai nunca veio.

E então o tempo de transição tinha chegado. Na aldeia, havia uma prostituta que atendia regularmente machos da espécie, mas por causa de sua feiura, ele teve que barganhar a cabana e tudo o que havia nela em troca da veia da mulher.

Quando se afastou do local na noite seguinte, com aquelas odiosas moitas de framboesa e a abundante floresta com seus lobos, ele deu um último olhar por cima do ombro. Sua babá nunca havia

voltado para checá-lo, mas não esperava vê-la novamente. E estava mais do que na hora dele parar de fingir que seu pai poderia procurá-lo.

Com Xcor renunciando seu abrigo a outra pessoa, ele se tornou verdadeiramente à deriva no mundo.

Levou apenas uma coisa com ele: a coleira que esteve em torno de seu pescoço até que usou um machado para cortar. Ele teve que trabalhar no couro durante horas, seus braços então jovens, não tinham a força para serem mais eficientes. Mas sua babá tinha deixado para trás apenas água e muito pouca comida, então ele teve que se libertar.

Felizmente, caçar e matar foram habilidades que vieram naturalmente para ele.

Mas roubar também.

Tinha odiado a princípio. Mas não levava mais do que precisava, fosse comida, roupas ou coisas de abrigo. E era incrível o que se podia sacrificar em termos de moral quando se tratava de sobrevivência. Também era incrível como se podiam conceber métodos para evitar o sol em uma floresta cheia de árvores, e ficar à frente de animais selvagens... e encontrar formas de pagar pelas veias de prostitutas.

As florestas do Antigo País se tornaram seu refúgio, seu lar, e ele permaneceu dentro delas, protegendo-se. O que significava que ele se afastava dos lessers que perseguiam através dos pinheiros e cavernas, e evitava os vampiros lutadores que os procuravam e abatiam. Ele ainda se mantinha longe do campo de guerra.

Isso não era lugar para ninguém. Mesmo ele, quem tentava evitar a todos, tinha ouvido fragmentos da depravação ali, e da crueldade do guerreiro que o comandava.

Tornando a focar, fechou os olhos... e desmaterializou lá em cima dentro dos galhos grossos da árvore. E então fez o mesmo até a próxima, também ficando longe do chão, como um macaco.

Quando alguém estava sozinho e sem nenhuma ajuda, adaptava-se com um olho em relação à segurança, e tanto os vampiros quanto os humanos tendiam a se preocupar muito mais com o que estava em seu nível, do que com o que estava acima deles.

Não muito mais adiante, ele observou o acampamento improvisado do ponto de vista de apenas nove metros de distância, e nove metros bem acima. Os vampiros eram de fato guerreiros, bem armados, e de ombros largos, mas estavam bêbados e passando uma mulher humana ao redor como uma caneca de cerveja de propriedade comum. A mulher estava disposta, rindo enquanto se colocava à disposição de cada um se revezando, e Xcor tentava se imaginar participar de tal devassidão.

Não.

Ele não se importava com sexo, pelo menos não desse jeito. Na verdade, ele permanecia virgem, pois as prostitutas sempre exigiram muito mais do que ele podia pagar pelo que estava entre suas coxas — e, além disso, não estava tão interessado em tais campos bem-lavrados.

Olhando em direção ao lugar dos cavalos, ele pensou, sim, invadiria ali. Ele não iria pegar um corcel, não importa quanto fosse valioso no mercado aberto, já que não queria ser responsável por outra coisa viva. Ele tinha dificuldade suficiente em se manter vivo e alimentado. Armas, no entanto, ele poderia usar. Tinha três punhais com ele, e uma arma que ele não usava. Era enorme, e então havia o inconveniente de mantê-la abastecida com balas. A mira era menor também: ele podia jogar uma faca com maior precisão. Ainda assim, parecia sensato ter pelo menos uma com ele.

Talvez pudesse roubar outra boa adaga, uma mais afiada do que a sua mais cega? Alguma carne? Um odre de água?

Sim, isso seria um benefício.

Xcor desmaterializou até o chão, agachado atrás de outro pinheiro. Os corcéis estavam na beira da fogueira, as cabeças dos cavalos — quartos de milha — descansando em repouso, suas selas repletas de coisas necessárias e outras propriedades.

Ele não fez nenhum som enquanto se movia através da vegetação rasteira, as segundas peles de seus mocassins amortecendo seu peso e mascarando ruídos.

Os cavalos levantaram suas orelhas e esticaram seus pescoços grossos para considerar sua presença, um deu um relincho questionando. Ele não estava preocupado. Foi educado durante muito tempo em dispersar na noite mesmo em tempos de pressão e, a além do mais, os lutadores estavam ocupados de outra forma.

Xcor foi rápido e seguro quando atravessou a sela de um ruão que era facilmente uns dezesseis palmos e meio mais alto que ele, lançando as pesadas abas de couro, cavando dentro de sacos e bolsas. Encontrou roupas, grãos, carne defumada. Ele pegou a carne, colocando-a dentro de seu manto, e passou para o próximo corcel. Não havia armas, mas havia uma roupa de mulher com o cheiro de sangue em um saco de estopa.

Perguntou-se se a fêmea teria sobrevivido ao cio. Pensou que talvez não...

A luta ao lado do fogo explodiu sem preâmbulo, tudo bem até que não estava, dois machos pulando e indo um para o outro, trancando a mão na garganta, seus corpos dançando em círculos enquanto cada um tentava forçar o outro a se submeter. E então algo estava pegando fogo, a parte externa de um casaco pegando uma lambida da chama e estourando num calor laranja e amarelo.

O lutador não se importou e nem seu oponente. Os cavalos se assustaram, no entanto, e quando aquele que Xcor estava tentando saquear se esquivou, sua mão ficou dentro de um dos sacos da sela, o movimento e a pressão o deixaram preso.

Assim quando o quarto de milha girou ao redor, então ele o fez também.

À vista de todos eles.

A mudança no acampamento foi instantânea, a mulher jogada de lado em um amontoado, a discussão entre os camaradas esquecida, o intruso um alvo para todos eles. E, ainda assim, Xcor permaneceu unido ao cavalo pisoteando, dançando em volta dos cascos afiados, tentando soltar sua mão.

Os guerreiros resolveram esse problema para ele.

Xcor foi atacado por cima e isso foi suficiente para mudar o ângulo de seu pulso. Seu braço ficou de repente sob seu controle mais uma vez e bem a tempo. Ele foi golpeado no rosto por um punho do tamanho de uma rocha, mas pelo menos isso o enviou numa trajetória longe do corcel agitado.

Infelizmente, ele atravessou diretamente o caminho de outro dos lutadores, e Xcor sabia que tinha que estabelecer o controle ou ser dominado. Entretanto, havia pouca esperança nesse placar — esses machos eram especialistas em conflito, socos e chutes voando muito rápido para ele se esquivar ou revidar, ele ficando sem fôlego de tanto apanhar.

Na verdade, ele tinha experiência de apanhar com os punhos antes disso. Mas isso tinha sido com humanos e vampiros civis. O que encarava agora era um inimigo diferente.

Os golpes continuaram a chover sobre sua cabeça e barriga, chegando mais rápido do que podia desviar deles, mais duros do que podia suportar, quando ele foi passado ao redor como a mulher tinha sido, indo de um para o outro, até o próximo. Sangue voou de seu nariz e sua boca, e sua visão ficou ruim enquanto girava ao redor, tentando proteger seus órgãos vitais e seu crânio.

— Maldito ladrão vagabundo.

— Bastardo

Um punho o golpeou de lado e ele pensou que podia sentir algo rompendo ali dentro. E foi nesse ponto que seus joelhos cederam debaixo dele, e desabou nas folhas e na sujeira.

— Apunhale-o!

— Ainda não acabou — veio um rosnado.

A bota o pegou debaixo das costelas e ele entrou num rolo voador que o levou até o fogo. Ficou tão surpreso que deitou onde parou ali de costas, incapaz de reunir bom senso suficiente para cobrir inclusive o rosto ou se enrolar em uma bola defensiva.

Querida Virgem Escriba, ele ia morrer. E provavelmente nas chamas que já estavam chamuscando seu ombro, mão e quadril através de suas roupas.

Um dos lutadores, que tinha uma barba pesada e cheirava como uma cabra morta, debruçou sobre ele e sorriu, revelando enormes presas.

— Você pensou que poderia roubar de nós. De nós?

Ele agarrou a frente do manto de Xcor e sacudiu seu tórax para fora do chão.

— De nós!

O guerreiro deu um tapa tão forte na cara dele com a palma aberta que foi como esbarrar com uma tábua de madeira.

— Sabe o que fazemos com os ladrões?

Os outros haviam se reunido em um semicírculo, e Xcor pensou nos lobos na floresta quando ele tinha vivido com sua babá. Esses machos eram uma matilha de predadores mortais. Uma terrível força pela qual ser pego e com o qual eles brincarem. Uma rota rápida até o Fade.

— Você sabe? — O guerreiro o sacudiu como uma boneca de pano e depois o deixou cair. — Permita que eu lhe diga. Nós cortamos suas mãos primeiro e então nós...

Xcor não se atreveu a desviar o olhar do rosto que se erguia sobre ele. Mas com sua visão periférica, viu um tronco que estava meio dentro e meio fora das chamas.

Esticando a mão, segurou-o e esperou pelo justo momento quando o macho deu uma olhada para os seus compatriotas com júbilo perverso.

Rápido como um raio, Xcor balançou o tronco com força o pegou o guerreiro na cabeça, nocauteando-o ao lado.

Houve um momento de choque de todos, e Xcor soube que tinha que agir com rapidez. Segurando sua arma, ele agarrou uma das adagas que estavam amarradas no peito da vítima e então ele estava de pé.

Agora ele atacou.

Não houve nenhum grito ensurdecedor de sua boca. Nenhum grunhido. Nenhum rosnado. Nenhuma verdadeira lembrança do que exatamente ele fez. Tudo o que ele sabia, tudo o que estava ciente, era de algo desencadeando dentro dele. O que quer que fosse, ele já teve sugestões disso antes, algum tipo de fonte de energia que não era raiva, nem medo, alimentando seu corpo e mente. E quando isso se levantou dentro dele, de repente, seus membros assumiram sua mente, funcionando de forma independente, sabendo melhor do que a sua consciência onde mirar, o que fazer, como se mover. Seus sentidos também se separaram de seu cérebro, elevando-se a um nível mais alto de acuidade: ouvindo para detectar alguém prestes a pegá-lo por trás, sua visão notando outro vindo da esquerda, o olfato para informá-lo de um novo ataque da direita.

Em meio a tudo isso, sua mente foi totalmente removida. E ainda livre para extrapolar e assim começar a refinar seu desempenho.

Mas ele ainda ia perder. Havia muitos que eram muito peritos: mesmo quando ele os derrubava no chão, eles nunca ficavam por muito tempo, e era uma equação fácil que sua resistência fosse superada pelo número deles.

A solução para a disparidade veio tão inesperadamente quanto esse registro.

A princípio ele não sabia o que fiascou e chamou sua atenção. Mas então viu que havia algum tipo de lâmina enorme no lado distante da fogueira... uma arma maior do que ele já tinha visto encostada em uma pedra enorme.

Justo quando um dos machos ia saltar em cima dele, Xcor deu um pulo e enviou seu corpo voando diretamente sobre as chamas, a cambalhota poupando-lhe o calor, sua aterrissagem tão coordenada como a decolagem tinha sido.

Projetando-se na direção daquela monumental lâmina curvada, agarrou o punho preso a ela e...

Era uma foice. Um dispositivo comum da lavoura, sua lâmina afixada a uma superestrutura de madeira com amarras de couro presas firmemente como o osso em torno da medula. Havia pouco tempo para uma orientação de seus atributos. Mas acabou que não precisou de nenhuma orientação.

Segurando a coisa na posição e pegando sua direção, ele...

Foi atrás de cada um deles.

No começo, eles riram e o provocaram. Mas depois que ele cortou o primeiro quase ao meio, a tática mudou. As armas foram tiradas, balas descarregadas com grande barulho e pouca precisão, as bolas de chumbo voando passando por ele. E então houve uma coordenação entre os guerreiros que os levou em uma formação de ataque.

Não importava. Um a um, ele os matou, livrando-os de braços ou pernas, de intestinos, virilhas, sangue voando na noite escura, cobrindo-o como as roupas o faziam.

Até que havia um guerreiro final — que de fato acabou por ser o barbudo que ele tinha atingido na cabeça com o tronco. E assim que o macho percebeu que seus irmãos estavam mortos ou perto de morrer, ele partiu pelo bosque, correndo o mais rápido que pôde ir.

Os mocassins de Xcor não faziam barulho enquanto ele seguia o lutador sangrando num bom ritmo, ele e o macho ferido esbarrando através dos arbustos e das árvores, andando em ziguezague enquanto o guerreiro tentava chegar aos cavalos. Xcor também estava ferido e sangrando, mas por alguma razão, ele não podia sentir suas deficiências. Estava tanto dormente quanto energizado.

E então tudo estava acabado.

O macho deu de cara com uma rocha que ele não podia escalar, nem podia dar a volta por causa de um penhasco íngreme.

Xcor sabia que tinha que terminar o trabalho.

E isso o afligia.

— Pegue o que você quiser — disse o lutador ofegante enquanto cuspiu para o lado. — Só pegue o que quiser. Tenho armamentos. Aqueles cavalos lá atrás valem muito. Deixe-me e eu vou deixar você.

Xcor desejou que esta pudesse ser a maneira que as coisas terminassem para eles dois. Mas sabia que se deixasse o lutador viver, seria um homem marcado. Era uma testemunha que tinha que ser erradicada para que este lutador não encontrasse reforços e viesse atrás daquele que tinha matado seus companheiros.

— Apenas pegue...

— Perdoe-me pelo que eu devo fazer.

Com isso, Xcor afundou-se em seus calcanhares, pulou e balançou a arma em um círculo, cortando o braço que o macho levantou em defesa e acertando o pescoço de forma limpa.

Pelo resto de suas noites, Xcor lembraria a visão da cabeça girando no tórax e caindo através do ar fino, o sangue fluindo das veias abertas na garganta, vermelho como o vinho.

Enquanto o vento soprava, o corpo veio abaixo como um objeto inanimado que agora era e, abruptamente, a foice se tornou pesada demais para Xcor segurar. O implemento da fazenda que ele havia se transformado em uma arma pousou a seus pés, sua lâmina pingando.

Xcor tentou respirar fundo em seus pulmões queimando, e quando olhou para o céu acima, sua coragem e propósito falharam e lágrimas quentes escaparam dos cantos de seus olhos.

Oh, como o cheiro do sangue que ele tinha derramado se misturava com o cheiro da terra e de grama e musgo e líquen...

Ele não soube o que o atingiu. Em um momento, ele estava contemplando a tristeza do que tinha forjado. No outro, ele estava deitado de costas...

...fixado no lugar pelo vampiro mais aterrorizante que ele já tinha visto.

Enormes, tão grandes eram os ombros, que Xcor não podia ver o céu por mais tempo. E o rosto era indizivelmente mau, as feições torcidas num sorriso perverso que prometia primeiro o sofrimento, depois a morte. E os olhos... sem alma, cheios de uma fria inteligência e um ódio aquecido.

Esse era o lobo líder da matilha, pensou Xcor. Assim como aquele que tinha vindo na porta aberta de sua cabana todas aquelas muitas noites atrás.

— Bem, bem, bem — veio uma voz profunda como trovão, afiada como mil punhais. — E pensar que eles me chamam de Bloodletter...

Com um arquejar, Xcor se sentou na cama em um pulo. Por uma fração de segundo, ele não soube onde estava e olhou ao redor em pânico.

Foram-se as paredes das cavernas, as prateleiras de jarros, a maca e a guarda dos Irmãos. Em lugar disso... uma enorme TV de tela plana que estava no momento preta como um buraco na galáxia.

Sacudindo a cabeça, tudo voltou a ele... a mudança de ideia abrupta de Vishous, Layla voltando para eles na floresta, o presente glorioso da veia da Escolhida. Então esse horrível caminho para fora dos pinheiros até a estrada escorregadia que os tinha levado a este bairro suburbano, nesta casa suburbana.

Layla estava lá em cima. Ele podia ouvir seus passos acima da sua cabeça. E tinha a impressão de que Vishous tinha ido embora.

Movendo suas pernas das almofadas de couro, olhou a trilha de terra que ele tinha deixado descendo as escadas, e através do tapete cinza pálido até onde ele só faltou desmaiar. Havia agulhas de pinheiro e lama no sofá também... e também por todo o robe branco de Layla que estava jogado nas costas de uma cadeira.

O manto que a adornara estava arruinado, manchado de sangue e sujeira.

Um pouco de um tema dele na vida dela, não é?

Rangendo os dentes, levantou-se e espiou por um corredor curto. Havia duas portas abertas, e quando cambaleou para elas, avaliou as duas suítes. Escolheu a que não carregava o cheiro de Layla, e usou a luz que vinha da luminária do corredor para avançar além de uma cama king size e entrar em num banheiro que...

Oh... piso aquecido. Piso em mármore aquecido.

Depois de tanto sofrimento, primeiro da lesão na cabeça e dos derrames que tivera, e depois daquelas geladas 24 horas na floresta, Xcor hesitou quando sentiu um calor agradável emanar das solas nuas de seus pés.

Fechando os olhos, balançou instavelmente na escuridão, cada instinto que ele tinha gritando para se deitar no mármore e descansar. Mas aí pensou no rastro de bagunça que tinha deixado dentro desta casa, toda essa lama e sujeira.

Voltando à atenção, ele ligou o interruptor da luz ao lado da porta do banheiro — e rapidamente amaldiçoou e protegeu seu rosto com seu antebraço. Quando suas retinas se ajustaram, ele teria preferido não olhar para si mesmo no espelho em cima das pias, mas isso era inevitável quando baixou o braço.

— Querido Fade — ele sussurrou.

O macho olhando para ele estava quase irreconhecível. O rosto magro, pálido, barbado, as costelas aparecendo e a barriga encovada, a pele solta que pendia sob sua mandíbula, seus peitorais, seus braços. Seus cabelos estavam irregulares, todo pra cima, espetado, crescendo em estranhos amontoados, e parecia haver sujeira e sangue em cada um de seus poros, em todo o seu corpo.

Destino, quando se estava geralmente limpo, uma toalha de mão rápida aplicada sobre uma pia com muito sabão poderia limpá-lo. Em sua condição atual? Ele precisava de um lava jato comercial. Talvez com uma mangueira industrial.

A ideia de Layla o vendo assim o fez estremecer e ele prontamente se afastou de seu reflexo, abrindo o chuveiro pela porta aberta do box de vidro. A água quente veio rapidamente, mas antes de pisar debaixo dela, abriu um par de armários e gavetas. A escova de dente e a pasta de dentes que encontrou foram muito apreciadas, assim como o sabonete, xampu e condicionador.

Também levou um aparelho de barba novo e creme de barbear para o box com ele.

O simples ato de escovar seus dentes quase o fez chorar. Tinha passado tanto tempo desde que sua boca tinha provado frescor. E em seguida o barbear... livrando-se do crescimento arranhado em sua bochecha, mandíbulas e queixo o fez agradecer à empresa que tinha feito o aparelho de barbear. E depois o xampu. Ele fez isso duas vezes, e deixou o condicionador enquanto esfregava toda a sua pele com sabão.

Não havia nenhum modo de alcançar suas costas completamente, mas fez o melhor que pôde.

Quando finalmente saiu, havia uma nuvem de condensação cobrindo o espelho. Um benefício, na verdade, já que detestava seu reflexo. Secando-se, ele se perguntou onde poderia encontrar alguma roupa, e na verdade as encontrou no armário daquele quarto: calças de nylon preto, longas o suficiente para suas pernas, com um cordão que garantia que elas se encaixassem em sua cintura agora magra e quadris. Uma camiseta preta que era larga o suficiente para os ossos de seus ombros, mas que ensacava todo o resto dele. Uma blusa de moletom que tinha algo escrito na frente.

Ele não encontrou nenhum sapato, mas isso era mais do que ele poderia ter esperado.

Quando saiu do quarto, esperava ter ir lá pra cima.

A viagem foi desnecessária. A Escolhida Layla estava sentada na poltrona acolchoada ao lado do sofá, uma bandeja com sopa fumegante, um prato de biscoitos e um copo de chá gelado na mesa baixa em frente à TV.

Seus olhos foram para os dele, mas não ficou lá. Eles viajaram por ele como se estivesse surpresa que ele tivesse tido a força para tomar banho e se vestir.

— Eu trouxe comida para você — ela disse suavemente. — Você deve estar com tanta fome.

— Sim.

E, no entanto, ele se viu incapaz de se mover. Na verdade, planejava se despedir dela na cozinha.

Não podia ficar aqui com ela. Por mais que ele quisesse.

— Venha se sentar — ela indicou onde ele estava deitado antes. E, é claro, ela tinha arrumado essa bagunça, a sujeira que ele tinha deixado, varrida por algum tipo de esponja ou toalha de papel. — Você tem que comer alguma coisa.

— Eu preciso ir.

Layla curvou a cabeça, e quando o fez, os reflexos em seus cabelos loiros captaram a iluminação da lâmpada acima.

— Eu sei. Mas... antes coma.

Em sua mente, ele ouviu sua voz dizer, *Faça amor comigo*.

— Por favor, coma isso — ela sussurrou.

VINTE E QUATRO

Vishous estava de mau humor quando voltou para a mansão da irmandade, e a maior parte dele só queria ir até o Pit e abrir uma garrafa de Grey Goose. Ou seis. Talvez doze.

Mas quando se materializou no pátio e se manteve no vento frio ao lado da fonte que fora drenada para o inverno, sabia que, tanto quanto queria escapar da situação em que voluntariamente se colocara, não podia cair fora da bagunça que tinha criado.

Avançando, alcançou os degraus de pedra até a grande entrada da mansão, e observou as gárgulas empoleiradas lá no alto na linha do telhado. O que ele não daria para ser um daqueles bastardos inanimados, nada a fazer ou se preocupar, senão ficar sentado lá em cima e ocasionalmente ter uma merda de pombo em sua cabeça.

Na verdade, isso provavelmente era um saco.

Tanto faz.

Empurrando a porta, entrou no vestíbulo e enfiou a rosto na câmera de segurança. Quando Fritz abriu a porta e fez aquela alegre saudação que o mordomo sempre fazia, era tudo que Vishous podia fazer para não morder o pobre *doggen*.

Subiu a grande escadaria. Três de cada vez.

E então estava na frente das portas duplas fechadas do estúdio de Wrath. Mas ao longe do outro lado podia ouvir vozes, realmente uma boa maldita e acalorada conversa, mas desculpe, não, não lamento, o que ele tinha de relatar era fundamental para apenas outra coisa além de Armageddon.

Ele bateu alto e não esperou por uma resposta.

A cabeça de Wrath ergueu-se por trás da antiga escrivaninha que seu pai usara, e mesmo que aqueles olhos cegos não fossem visíveis graças aos óculos escuros, V podia sentir o brilho.

— Você precisa de uma cópia de Emily Post¹² empurrada para baixo de sua garganta? — O Rei estalou. — Você não pode entrar aqui sem um convite, cuzão.

Saxton, o advogado real e especialista em Leis Antigas, ergueu os olhos de sua posição privilegiada no cotovelo de Wrath. Um monte de papelada estava na frente deles dois juntamente com alguns textos antigos. Sax não disse nada, mas dada a forma como o cabelo tipicamente perfeito do cara estava bagunçado, era uma boa dedução que eles estavam tentando resolver os problemas de custódia para Qhuinn e Layla.

E sim, a Rainha estava em cima de um dos sofás franceses, junto à lareira, os braços cruzados no peito e o cenho franzido como uma fenda no meio da testa.

— Eu preciso de um minuto com você — V disse a Wrath em voz baixa.

— Então pode voltar quando eu disser para você fazer, porra.

— Isso não pode esperar.

¹² Emile Post foi uma escritora norte-americana famosa por escrever sobre etiqueta.

Wrath se recostou no enorme trono esculpido que tinha sido do pai do pai e o de seu pai antes disso.

— Você quer me adiantar o assunto?

— Não posso. Sinto muito.

Houve um período de silêncio na elegante sala azul clara, e então Wrath pigarreou e olhou na direção de sua *shellan*.

— *Leelan*? Você pode nos desculpar por um momento?

Ela se levantou.

— Eu não acho que há mais nada a dizer. Você vai dividir a custódia igualmente e Layla pega essas crianças ao pôr-do-sol esta noite. Fico tão feliz quando você e eu estamos de acordo. Isso realmente reduz a tensão.

Com isso, ela saiu do estúdio com a cabeça erguida e os ombros para trás — enquanto, sobre a escrivaninha, o Rei colocou a cabeça em suas mãos como se seu crânio estivesse latejando.

— Não é que eu discorde dela — ele murmurou quando as portas foram fechadas com uma batida forte. — Eu só não estou procurando por mais fodidas armas disparando na porra da minha casa.

Essa última palavra foi dita com um total aumento de volume.

Mas então o Rei deixou cair os braços e olhou para V.

— Meu advogado pode ficar?

— Não, ele não pode.

— Ótimo. Alguma coisa mais para esperar.

Saxton começou a arrumar seus papéis e livros, mas o Rei o deteve.

— Não. Você vai voltar. Espere lá fora.

— Claro, meu Senhor.

Saxton curvou-se, embora o Rei não pudesse vê-lo, mas aquele era o jeito do cara, sempre elegante, sempre correto. E enquanto passava por V, mesmo com a droga da interrupção, ele curvou-se novamente.

Bom macho. Provavelmente ainda apaixonado por Blay, mas o que se poderia fazer.

Com aquele aparte, V pensou em sua conversa com Layla na casa segura e, em seguida, todas aquelas pequenas lembranças felizes que o tinham inundado na floresta. Cara, ele estava realmente cansado pra caralho de romance, amor verdadeiro e todas essas besteiras.

— Então? — Wrath exigiu.

V esperou até que as portas duplas fossem fechadas novamente.

— Eu sei onde está Xcor.

Layla sentou-se na poltrona acolchoada em frente a Xcor enquanto ele comia toda a sopa, todos os biscoitos de água e sal, e depois toda a pizza de pepperoni congelada que ela tinha enfiado no forno, antes que trouxesse a primeira carga de comida aqui para baixo para o porão.

Ele não falou, e sem conversa rolando, ela se viu olhando para ele com uma absorção tão completa que sentiu vontade de pedir desculpas por isso.

Querida Virgem Escriba, ele tinha perdido tanto peso, e mesmo apesar de estar morrendo de fome, usou seus talheres com uma precisão educada — até cortando a pizza com faca e garfo. Ele também enxugava os lábios regularmente com o guardanapo, mastigava com a boca fechada, e não era descuidado com nada disso, mesmo que estivesse consumindo as calorias muito rápido.

Quando ele finalmente terminou, ela disse:

— Tem sorvete de chocolate com hortelã. Um meio galão dele. No andar de cima... você sabe, na geladeira.

O quê, como se eles guardassem isso numa estante?

Ele simplesmente sacudiu a cabeça, dobrou o guardanapo e sentou-se no sofá. Havia uma protuberância grande em seu estômago, e ele exalou como se precisasse abrir espaço para tudo em seu corpo — e o ar era uma mercadoria menos desejável do que a pizza.

— Obrigado — ele disse calmamente.

Quando seus olhos se encontraram, ela estava muito consciente de que os dois estavam sozinhos... e por um momento, teve uma fantasia de que esta era a sua casa, e seus filhos estavam dormindo no andar de cima, e eles estavam prestes a aproveitar algum tempo para si mesmos.

— Eu preciso ir — com isso, ele se levantou e pegou a bandeja junto com ele. — Eu tenho que partir.

Layla levantou e envolveu seus braços ao redor de si mesma.

— Está bem.

Ela esperava segui-lo pelas escadas. E depois o quê? Bem, talvez eles compartilhassem um abraço demorado e depois um adeus que quase a mataria...

Xcor colocou a bandeja de volta para baixo.

Quando ele deu a volta na mesa até ela e estendeu os braços, ela foi para ele correndo. Subindo contra seu corpo, ela segurou nele o mais forte que pôde. Odiava a sensação de seus ossos, o acolchoado de seus músculos sumiu, mas quando virou a cabeça e colocou a orelha no centro do peito dele, sua frequência cardíaca era forte mesmo. Poderosa.

Suas mãos, tão grandes, tão suaves, acariciaram suas costas.

— É mais seguro para você — ele disse em seus cabelos.

Ela se afastou e olhou para ele.

— Me beije. Uma vez antes de ir.

Xcor fechou os olhos como se estivesse sofrendo. Mas então ele tomou o rosto dela em suas palmas e deixou cair sua boca para a dela... quase.

Lentamente apenas a uma distância mínima de seus lábios, ele sussurrou na língua antiga:

— *Meu coração é sempre seu. Onde eu for, estará com você, através da escuridão e na luz, de todas as minhas horas acordado e aquelas em que eu durmo. Sempre com você.*

O beijo, quando veio, foi como a queda da neve, silenciosa e suave, mas era quente, tão quente. E, quando ela se inclinou sobre ele, os braços dele rodearam sua cintura e seus quadris se aproximaram dos dela. Ele ficou instantaneamente excitado — ela podia sentir sua ereção dura contra sua barriga — e ela o quis por tanto tempo que seus olhos se encheram de lágrimas.

Sonhos. Tantos sonhos que ela teve, situações que tinha conjurado em sua mente onde ele finalmente veio para ela e a despiu, e tomando-a sob si mesmo, seu sexo indo profundamente dentro dela. Houve inúmeras fantasias, cada uma mais impossível do que a última, deles fazendo amor no chão do complexo, nos banheiros, na parte de trás de um carro, debaixo da árvore naquele prado.

Sua vida sexual não existia no mundo real. Na sua imaginação, no entanto, tinha florescido.

Mas nada disso poderia ser.

Xcor interrompeu o contato, mesmo que ela pudesse dizer que ele estava lutando contra seu instinto para marcá-la. De fato, um perfume emanava dele, as especiarias escuras ricas em seu nariz, excitando-a tanto quanto a sensação de sua excitação, seu corpo, suas mãos, sua boca.

— Eu não posso ter você — ele disse numa voz rouca. — Já fiz bastante dano a você como está.

— Esta poderia ser nossa única chance — ela se ouviu implorar. — Eu sei... Eu sei que você não vai voltar para mim.

Ele parecia incrivelmente triste enquanto balançava a cabeça.

— Não é pra ser.

— Quem disse?

Agindo em um rompante desesperado, ela agarrou sua nuca e trouxe-o de volta à sua boca — e então o beijou com tudo o que tinha, sua língua entrando nele de tal forma que ele ofegou, seu corpo arqueando no dele, suas coxas abrindo para que ele pudesse chegar ainda mais perto de seu núcleo.

— Layla — ele gemeu. — Queridos destinos... isto não está certo...

Ele estava perfeitamente correto, é claro. Isso não estava nada certo, supondo que eles somavam o resto do mundo. Mas aqui e agora, nesta casa vazia, era...

De repente, ele a afastou dele — e quando ela estava prestes a protestar, ouviu passos lá em cima. Dois conjuntos. Ambos muito, muito pesados.

— Vishous — ela sussurrou.

A voz incorpórea do irmão veio descendo a escada.

— É, e eu vim com um amigo.

Layla colocou-se na frente de Xcor, mas ele não ia aceitar nada disso. Ele a moveu para trás, seu lado protetor claramente se recusando a permitir que ela ficasse diante dele.

O Irmão desceu a escada primeiro, e ele tinha as duas armas pra fora — e a princípio, ela não pôde assimilar quem estava atrás dele. Mas havia apenas um conjunto de pernas que era tão compridas. Apenas um peito que era tão amplo. Apenas um macho vampiro no planeta que tinha cabelos pretos que caíam até os quadris.

O Rei tinha vindo.

E quando Wrath deu o último passo para o porão, ele plantou ambas as shitkickers e respirou profundamente, suas narinas alargando. Querida Virgem Escriba, ele era um homem enorme, e aqueles envolventes óculos escuros que não deixavam ver nada de seus olhos o faziam parecer um legítimo assassino.

O que, ela supunha, ele era.

— Bem, bem, bem, o romance está no ar — ele murmurou. — Não é uma merda?

VINTE E CINCO

Enquanto Xcor olhava fixamente o seu ex-inimigo na cara, ele não sentiu nenhuma animosidade em relação ao macho. Nenhuma raiva, nenhuma cobiça pela posição do Rei. Nenhuma agressividade direcionada ao alvo.

— Então — disse Wrath em uma voz adequada tanto para o aristocrata quanto para o guerreiro que ele era — da última vez que você foi capaz de me olhar nos olhos, eu acabei com uma bala na minha garganta.

Ao lado, o Irmão Vishous praguejou em voz baixa e acendeu um cigarro. Era óbvio que essa visita não era algo que o lutador apoiasse, mas não era difícil imaginar que, se o Rei Cego se decidisse por algo, nada o desautorizaria de seu conceito.

— Devo pedir desculpas? — perguntou Xcor. — O que seria apropriado em situações como esta?

— Sua cabeça em uma lança — V murmurou. — E suas bolas no meu bolso.

Pela maneira como Wrath balançou a cabeça para o Irmão, podia-se imaginar que ele estava revirando os olhos atrás daqueles óculos escuros. E então o Rei tornou a se focar.

— Eu não acho que tenha qualquer maneira de voltar atrás de algo como uma tentativa de assassinato.

Xcor assentiu.

— Creio que você esteja certo. E isso nos deixa exatamente onde?

Wrath olhou para Layla.

— Eu pediria que você nos deixasse, mas tenho a sensação de que não vai.

— Eu preferiria ficar — disse a Escolhida. — Obrigada.

— Certo — os lábios de Wrath afinaram em uma barra de desaprovação, mas ele não forçou o ponto. — Então Xcor, líder do Bando de Bastardos, traidor, assassino, blá blá blá... Inferno de um monte de títulos que você tem sobre você, pra sua informação, você se importa que eu te pergunte quais são seus planos?

— Acho que isso depende de você, não é?

— Sabe o que mais, ele tem cérebro — Wrath riu friamente. — E estávamos esperando por isso, na verdade. Vou te fazer umas perguntas, se não se importar. Ótimo. Obrigado por ser tão complacente.

Xcor quase sorriu um pouco. O Rei era seu tipo de homem de muitas maneiras.

— Quais são suas intenções quando se trata do meu trono?

Enquanto Wrath falava suas narinas alargaram, e Xcor reuniu que o Rei Cego tinha alguma maneira de descobrir a verdade. Felizmente, não havia razão para esconder isso do macho.

— Eu não tenho nenhuma.

— Não tem agora. E seus rapazes?

— Meu Bando de Bastardos me serviu de todas as maneiras. Eles iam onde eu ia, literalmente e figurativamente. Sempre.

— Pretérito. Eles te expulsaram?

— Eles acham que estou morto.

— Você pode encontrá-los para mim?

Xcor franziu o cenho.

— E agora devo te perguntar, quais são suas intenções?

Wrath sorriu novamente, revelando as presas descidas.

— Eles não conseguem um passe só porque a trama do assassinato do qual fizeram parte foi sua brilhante ideia. Traição é como uma gripe. Você espirra em seus amigos e passa a merda pra eles.

— Eu não sei onde eles estão. E essa é a verdade.

As narinas do Rei alargaram mais uma vez.

— Mas você pode encontrá-los para mim.

— Eles não ficarão onde já estivemos. Eles terão se mudado, talvez até tenham voltado para o Antigo País.

— Você está fugindo da minha retórica. Você pode encontrá-los para mim.

Xcor olhou de relance para Layla. Ela estava olhando para ele atentamente, seus olhos verdes arregalados. Ele odiava decepcioná-la, realmente odiava, mas não desistiria de seus lutadores. Nem mesmo por ela.

— Não, eu não vou caçá-los. Não vou trair meus irmãos. Você pode me matar aqui e agora se quiser. Você pode me torturar por informações que nunca virão porque não sei da localização deles. Pode me colocar debaixo do sol. Mas eu não os levaria a eles para que os conduzissem até à morte deles. Eles não são inocentes, é verdade. Mas eles não atacaram você ou seus lutadores. Atacaram?

— Talvez eles não sejam muito bons em seus trabalhos. Eles tentaram me matar, lembra? — O rei bateu com o punho fechado em seu coração. — Ainda chutando.

— Eles não lhe apresentam nenhum mal. Eles são poderosos, mas a ambição era toda minha. Eles estiveram contentes por séculos no Antigo País em lutar e foder, e não tenho nenhuma razão para acreditar que o status não será retomado na minha ausência.

Ao perceber sua sinceridade, dirigiu os olhos para Layla e desejou não ter sido tão grosseiro. No entanto, ela não pareceu incomodada.

Depois de um momento, Wrath meditou:

— O que você acha que vai acontecer depois desta noite?

— Não entendi, desculpa.

O Rei deu de ombros.

— Digamos que eu decida deixar você viver e te libere... — Enquanto Layla ofegava, o macho poderoso lhe disparou um olhar. — Não coloque o carro na frente dos bois, fêmea. Temos milhas para avançar aqui.

A Escolhida abaixou a cabeça em submissão. Mas seus olhos permaneceram arrebatados, queimando com um otimismo que Xcor não compartilhava.

— Então digamos que eu te liberte — continuou Wrath. — O que você fará consigo mesmo?

Agora, Xcor recusou olhar para sua fêmea.

— Na verdade, estou bem ciente de que o Antigo País é favorável nesta época do ano. Muito mais do que Caldwell. Eu tenho propriedade lá e uma fonte de renda que é pacífica. Gostaria de voltar de onde vim.

Wrath o encarou por mais um longo tempo, e Xcor encontrou aqueles óculos de sol mesmo que os olhos por trás daquelas lentes não pudessem vê-lo.

No silêncio, ninguém se moveu. Ele não tinha certeza se alguém estava até mesmo respirando.

E a tristeza que surgiu de Layla era tangível. Ainda assim ela não discutiu.

Ela sabia, pensou Xcor, exatamente como a situação era intratável.

— Ouvi isso também — disse Wrath finalmente. — Sobre o Antigo País. Local agradável. Especialmente se você tem uma posição defensível para cair e os humanos o deixam em paz.

Xcor inclinou a cabeça.

— Sim. Muito mesmo.

— Não estou perdoando ou esquecendo uma maldita coisa aqui — Wrath sacudiu a cabeça. — Essa merda não está na minha natureza. Mas esta fêmea aqui... — ele apontou para Layla — passou por mais do que o suficiente graças a pessoas como você. Eu não preciso provar meu poder a ninguém, e não vou foder com a cabeça dela pelo resto de suas noites simplesmente para ser um durão vingativo. Como você sabe, tudo o que acabou de dizer é verdade, e contanto que você saia da porra de Caldwell, acho que ambos os lados poderão viver com esse arranjo.

Xcor assentiu.

— Sim, ambos os lados, de fato — ele limpou a garganta. — E se isso ajuda a trazer mais paz, eu diria que lamento minhas ações contra você. Eu sinto muito por elas. Havia muita raiva em mim e o efeito era corrosivo. As coisas são... diferentes... agora.

Ele olhou de relance para a Escolhida e rapidamente desviou o olhar dela.

— Eu sou... — Xcor respirou fundo. — Eu não sou como eu era.

Wrath assentiu com a cabeça.

— O amor de uma boa fêmea e tudo isso. Eu mesmo tenho dificuldades com isso.

— Então terminamos aqui? — Vishous estalou como se desaprovasse praticamente tudo.

— Não — disse Wrath sem desviar o olhar de Xcor. — Antes de ficarmos piegas com esta merda, você vai fazer algo para mim, aqui e agora.

O Rei apontou para o tapete a seus pés.

— De joelhos, bastardo.

Claro que Xcor ia ter que partir, Layla pensou enquanto tentava se recompor. Ele não podia ficar em Caldwell. Os outros Irmãos poderiam aceitar o perdão de Wrath superficialmente, mas coisas aconteceram no campo de batalha. Não havia maneira de assegurar que, no calor do conflito, um dos combatentes do Rei não se encontrasse num estado de espírito e numa posição que fosse incompatível com essa distensão.

Especialmente Qhuinn.

E Tohr.

Só que não ia perder tempo pensando em tudo isso. Quando o Rei apontou para o chão na frente dele, seu coração pulou pra sua garganta e ela olhou nervosamente para Vishous.

Wrath estava desprendendo cada indicação de que este era um encontro de mentes, um acordo para viver e deixar viver, em virtude dele proclamá-lo como tal. Mas Vishous a tinha enganado antes, puxando uma ilusão que acabara por ceder, mas que poderia muito facilmente ter sido adotada.

Haveria uma adaga ou um sabre prestes a ser arremetido na garganta de Xcor? Matando-o onde ele estava?

— Para que fim? — perguntou Xcor ao Rei.

— Abaixar-se ali e descobrir.

Xcor olhou de relance para Vishous. Tornou a focar em Wrath. E ficou onde estava.

Wrath sorriu de uma maneira horrível, como um assassino prestes a atacar.

— Bem? E tenha em mente que estou segurando todas as suas cartas.

— Eu curvei minha cabeça uma vez, e apenas uma vez, para outro. Isso quase me matou.

— Bem, se você não o fizer agora, será a sua morte.

Nesse momento, ouviu-se um som de metal sobre metal, e com um choque de alarme, ela descobriu que Vishous tinha desembainhado uma das adagas negras que estava presa meio abaixo do seu peito.

— Coloque essa coisa longe — Wrath disse entredentes. — Isso será voluntariamente ou de jeito nenhum...

— Ele não merece...

Wrath mostrou seus dentes ao Irmão e sibilou.

— Vá lá pra cima. Vá lá pra cima, *porra*, agora. Isso é uma ordem.

A fúria no rosto de Vishous era tamanha que parecia que as tatuagens em sua têmpora se moviam de um lado a outro na sua pele. Mas então ele fez conforme lhe foi dito — o que fez Layla repensar exatamente quanto poder Wrath tinha sobre a Irmandade. No fim do dia, mesmo o filho gerado pela Virgem Escriba recebia claramente as ordens do Rei.

Embora Vishous não estivesse obviamente satisfeito: o som de suas botas subindo a escada era alto como um trovão, e quando ele chegou ao primeiro andar, bateu a porta com tanta força que ela sentiu o golpe em seus dentes.

— Você se divertiu com a moral quando estava no comando? — Wrath murmurou para Xcor.

— O tempo todo. Quanto mais forte o guerreiro...

— Mais dura a cabeça.

—... mais dura a cabeça.

Quando terminaram a frase com as mesmas palavras, e em um tom identicamente exaustos, ela ficou surpresa. E, no entanto, eles tinham enfrentado os mesmos problemas, não tinham? Ambos líderes de grupos de homens que estavam altamente carregados nas melhores situações... E francamente perigosos nas piores.

Enquanto Vishous andava de um lado para outro acima de suas cabeças, seus passos eram um protesto não verbal que claramente estava destinado a ser registrado por aqueles que estavam no porão, Xcor fechou os olhos por um longo tempo.

E então... Ele lentamente afundou em ambos os joelhos.

Por alguma razão, vendo-o assim a levou a lágrimas. Mas então testemunhar um macho orgulhoso se submeter, mesmo sob essas circunstâncias, era emocional.

Wrath estendeu a mão em silêncio, aquela em que descansava o enorme diamante negro que significava sua postura. Na Antiga Língua, o Rei proclamou:

— *Jura tua fidelidade a mim, esta noite e para sempre, não colocando ninguém sobre a terra acima de mim e dos meus.*

A própria mão de Xcor tremeu quando ele estendeu a dele. Segurando a palma de Wrath, ele beijou o anel e então curvou sua testa.

— *Para além disso, eu prometo minha fidelidade a você e aos seus, servindo a nenhum outro.*

Ambos os machos respiraram fundo. E então Wrath colocou a mão sobre a cabeça de Xcor como se dando sua bênção. Olhando para cima, o Rei procurou Layla com seus olhos cegos.

— Você deveria estar orgulhosa de seu macho. Isso não é pouca coisa para um guerreiro.

Ela limpou seus olhos das lágrimas.

— Sim.

Wrath virou à mão, oferecendo a Xcor uma palma com o qual ajudar a se por de pé. E Xcor... depois de um momento... aceitou a ajuda.

Quando os dois lutadores estavam de pé olho no olho, Wrath disse:

— Agora consiga cada um de seus lutadores fazendo isso e estará livre para voltar ao Antigo País. Mas precisarei dessa promessa de todos eles, você entende.

— E se eles já tiverem cruzado o oceano?

— Então você vai trazê-los de volta para mim. Esta é a maneira que vai ser. A Irmandade que me serve terá que comprar isto e este é o único modo de fazê-los parar de caçar vocês.

Xcor esfregou o rosto.

— Sim. Tudo bem então.

— Você ficará aqui enquanto estiver procurando seus rapazes. Este será o nosso local de encontro. Vou ter V deixando um telefone que você vai usar para entrar em contato conosco. Assumindo que seus lutadores ainda estão neste lado do lago, você vai nos ligar quando estiver pronto, e faremos isso um por

um, aqui. Qualquer desvio do nosso acordo será considerado como uma declaração de agressão e tratado de acordo. Você entende isso?

— Sim.

— Estou disposto a ser clemente, mas não vou ser frouxo. Vou eliminar todas e quaisquer ameaças contra mim, você mais do que ninguém entende isso, não é?

— Sim.

— Bom — Wrath sacudiu a cabeça pesadamente. — E merda, você acha que tem problemas? Pelo menos não tem que voltar para casa com isso.

Quando o Rei apontou para o teto, Vishous deixou um passo particularmente pesado cair — como se soubesse que ele era o tema da discussão.

Assim que Wrath estava se virando pra se afastar, Xcor falou.

— Meu Senhor...

O Rei olhou por cima do ombro.

— Você sabe, eu gosto do som disso.

— Certamente — Xcor pigarreou. — Com relação às ameaças contra você, gostaria de informá-lo de um determinado indivíduo que seria sábio você vigiar com cuidado.

Wrath ergueu uma sobrancelha sobre a borda de seus óculos de sol.

— Diga.

VINTE E SEIS

O sacrifício também estava nos olhos do espectador.

Como a beleza, era uma avaliação subjetiva e pessoal, uma análise de custo-benefício que não tinha resposta correta, apenas uma bússola que girava em torno da variante do verdadeiro norte de um indivíduo.

Throe, filho gerado e então abandonado de Throe, puxou seu casaco fino de caxemira mais próximo de seu corpo esbelto conforme ele descia uma calçada rachada. A vizinhança, se pudéssemos nos referir aos prédios sujos e as lojinhas de merda com uma palavra tão acolhedora, era mais uma área desmilitarizada do que algo que se desejasse reivindicar como moradia.

Mas para ele, o sacrifício de contemplar tal decadência e decrepitude valia o que o esperava.

O que *esperançosamente* o aguardava.

Em uma grande avaliação, não podia acreditar no que ele tinha em sua busca atual. Parecia... impróprio... para um cavalheiro de sua estatura. Mas a vida tinha ido em muitas direções que ele não tinha previsto ou escolhido por sua própria vontade, então estava bastante acostumado a essas surpresas... Embora imaginasse, mesmo sob esses prenúncios, que essa tangente ainda estivesse ali fora.

Mesmo para um aristocrata que tinha sido recrutado para o Bando de Bastardos, tornou-se um lutador, tentou derrubar a coroa e, em seguida, foi libertado desse grupo de bandidos para lidar com os ricos e ambiciosos por conta própria... apenas para sobreviver estreitamente sendo queimado vivo quando sua amante foi morta por manter um escravo de sangue em seu porão.

Loucura, na verdade.

E seu estranho destino teve muito efeito sobre ele. Houve um tempo em que ele tinha sido governado por princípios convencionais de lealdade e decoro, quando ele se conduziu como um homem de valor na alta sociedade. Mas então teve que confiar em Xcor para *ahvenge* uma desgraça que, em retrospectiva, deveria ter abordado por conta própria. Uma vez no círculo de lutadores de Xcor, depois de ter se erguido acima de sua tortura de uma maneira que surpreendeu não só aqueles bastardos, mas a ele mesmo, tinha começado a aprender que tinha apenas que confiar em si mesmo.

A ambição, uma vez desprezada por ele como um afeto dos novos ricos, tinha criado raiz e culminado com aquele golpe contra o Rei Cego que quase tinha funcionado. Contudo, Xcor tinha perdido a vontade de seguir adiante com isso.

E Throe tinha descoberto que ele mesmo não tinha.

Wrath pode ter ganhado o voto popular e castrado o Conselho da *glymera*, mas Throe ainda acreditava lá no fundo que havia outro governante muito melhor para a raça.

Ele mesmo, de fato.

Então, com certeza estava indo pressionar sozinho, encontrando alavancas e puxando-as para gerar o resultado que ele queria.

Ou no caso do esforço de hoje à noite? Criando a alavanca, por assim dizer.

Ele parou e olhou em volta. A promessa de neve pesada estava espessa no ar, a noite estava úmida e fria ao mesmo tempo, e as nuvens se acumulavam acima em tal densidade que o teto do céu estava ficando mais e mais baixo até o chão.

Os números em uma rua como esta eram difíceis de verificar, visto que este era um setor de Caldwell onde dificilmente as pessoas cuidavam bem de seus imóveis. Aqui, eles eram mais propensos a invadir os seus vizinhos e roubar do que emprestar xícaras de açúcar ou chaves de fenda. Assim, havia poucos marcadores, e até mesmo as placas de ruas haviam sido retiradas em algumas esquinas.

Mas seu destino deveria estar aqui em algum lugar...

Sim. Lá. Do outro lado da rua.

Throe estreitou os olhos. E então os revirou.

Não podia acreditar que havia realmente um letreiro psíquico piscando na janela. Ao lado da obrigatória placa de uma mão aberta que estava iluminada. Em roxo.

Enquanto esperava um carro passar, e depois ter que colocar os seus sapatos de camurça em um banco de neve para subir o meio-fio, ele decidiu que, sim, os sacrifícios que ele tinha que fazer eram desagradáveis, mas eles eram necessários, coisas que ele tinha de suportar apenas durante o tempo em que era forçado a fazer. Por exemplo, ele não aguentava mais viver de mulheres ricas do modo que tinha feito desde que deixou o Bando de Bastardos. Mas mesmo com o dinheiro que ele conseguira juntar nos

últimos duzentos anos, não podia se manter no padrão que ele merecia. Não, isso exigia capital em milhões de dólares, e não centenas de milhares.

Sacrifícios, porém. Com certeza, ele se transformara em uma puta, fodendo essas fêmeas em troca de abrigo, hospedagem e vestimentas necessárias dignas do venerável legado de sua linhagem. Mas ele tinha lidado com mixarias depois de seus anos abaixo de Xcor.

Se ele nunca visse outro sofá barato de loja de departamento com caixas de pizza vazias nele novamente, seria muito cedo.

Tal como estava agora, sexo era um pequeno preço a pagar por tudo o que recebia em troca... E além disso, tudo valeria a pena quando ele fosse o único no trono.

Alcançando o lado mais distante da estrada, saltou o banco de neve e pisou em seus mocassins livres de lama.

— Mas um psíquico — ele murmurou. — Um psíquico humano.

Aproximando-se da porta, que estava pintada de roxo, ele quase se virou. Tudo isso estava começando a parecer uma brincadeira mal-concebida.

De que outra forma sua presença aqui poderia ser explicada...

Os três machos humanos que dobraram a esquina ao lado dele, eles anunciaram sua chegada de três maneiras diferentes. Primeiro, pegou um cheiro do cigarro, o que estava no meio estava fumando. Então houve a tosse do cara à esquerda. Mas foi o sujeito da direita que realmente selou o negócio.

O cara parou de chofre. E então sorriu, revelando um siso feito de ouro.

— Está perdido?

— Não, obrigado — Throe se virou de costas para a porta e tentou a maçaneta. Estava trancada.

Os três homens se aproximaram, e Deus, eles nunca tinham ouvido falar de loção pós-barba? Colônia? Na verdade, parecia que xampu poderia ser um conceito estranho para o pequeno grupo feliz.

Throe deu um passo para longe da rampa para que pudesse considerar as janelas acima. Elas estavam escurecidas.

Ele deveria ter ligado para uma consulta, decidiu. Como seria com um barbeiro. Ou um contador...

— Você quer saber seu futuro?

Isto foi falado muito perto de seu ouvido, e quando Throe olhou pra cima, descobriu que o trio o tinha fechado, formando um tipo de colar em torno dele.

— Por que você está aqui? — Aquele com o dente de ouro sorriu de novo. — Você é supersticioso ou alguma merda?

Os olhos de Throe passaram por cima deles. Aquele com o cigarro tinha apagado, embora a coisa tivesse sido fumada apenas pela metade. E o candidato a DPOC¹³ não estava mais tossindo. E esse do incisivo de 14k tinha enfiado uma mão dentro de seu casaco de couro.

Throe revirou os olhos novamente.

— Continuem, senhores. Eu não sou pra vocês.

O líder que estava fazendo todas as conversas jogou sua cabeça para trás e riu.

— Senhores? Você é britânico ou alguma merda? Ei, ele é inglês. Você conhece Hugh Grant? Ou aquele cara que finge ser americano em *House*? Qual é o nome dele... babaca.

No *babaca*, o cara puxou o que parecia ser um canivete bem considerável.

— Me dê seu dinheiro. Ou eu vou te cortar.

Throe não podia acreditar. Seus sapatos favoritos de camurça estavam arruinados, ele estava sendo forçado a lidar com seres humanos, e estava de pé na frente de um cortiço mais adequado para o consumo de crack do que qualquer tipo de negócio legítimo.

Certo, esta foi a última vez que ele tomou o conselho de uma coração mole da *glymera* que tinha estado bêbada na época. Sem a defesa daquela fêmea bastante ébria para esse chamado psíquico, ele teria estado, neste momento, no lado direito da via férrea, todo o caminho do outro lado da cidade tomando um xerez.

— Cavalheiros, devo lhes dizer apenas mais uma vez. Eu não sou para vocês. Continuem.

O canivete foi empurrado tão perto do seu rosto que seu nariz estava em perigo de uma amputação.

— Me dê a porra do seu dinheiro e a porra da sua...

¹³ DPOC: Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica.

Oh, humanos.

Throe desceu suas presas, colocou ambas as mãos em garras... e rugiu para eles como se quisesse rasgar as gargantas dos três.

A retirada foi bastante agradável de ver, na verdade, e o alegrou um pouco: esses três idiotas vislumbraram a morte certa e decidiram que suas habilidades sociais duvidosas eram exigidas em outro lugar. Na verdade, eles não poderiam ter encenado uma retirada mais competente e completa se tivessem conscientemente definido suas mentes para tal coisa.

Eles foram, foram, foram, patinando seu caminho de volta ao virar a esquina de onde vieram.

Quando Throe encarou a porta mais uma vez, franziu o cenho.

Estava aberta um centímetro, como se alguém tivesse descido e liberado a fechadura.

Empurrando o peso, ele estava completamente surpreso ao encontrar uma luz negra sobre a cabeça e um conjunto de escadas pintadas de roxo diante dele.

— Olá? — Ele gritou.

Passos estavam subindo, atravessando o patamar acima da cabeça.

— Olá — ele repetiu. Então murmurou: — Esse mistério deliberado é realmente necessário?

Entrando, ele bateu os pés sobre um tapete preto para mais uma vez limpar a neve de seus mocassins. Então seguiu na esteira de quem estava à frente dele, tomando os degraus de dois em dois.

— Eeeeeeeee esse roxo de novo — disse baixinho conforme dava a volta no patamar e foi até a única porta no segundo andar.

Pelo menos sabia que tinha chegado ao seu destino. Uma decoração de uma palma estava sobre os painéis, o esboço preto dos dedos e as linhas da vida feitas com uma mão casual, nada que fosse corretamente estampada ou mesmo feita por um artista.

Queridas Destinos, isso era ridículo. Por que aquela mulher bêbada saberia alguma coisa sobre alcançar o Ômega? Através de um portal humano, nada menos.

E mesmo enquanto hesitava, ele sabia que ia seguir esse encontro até seu provável beco sem saída. Seu problema, é claro, era que estava procurando uma maneira de poder e não encontrar nenhum alívio

particular. Não queria acreditar que a *glymera* era realmente a causa perdida que parecia ser. Afinal, se eles não pudessem lhe fornecer uma plataforma de onde assumir o papel de Wrath, onde mais poderia reunir suprimentos, tropas ou coisas dessa natureza?

Os humanos não eram de grande ajuda. E ele continuava a acreditar que era melhor que outras espécies invasoras não soubessem da existência de vampiros. Eles tinham submetido tudo o mais a seus caprichos e sobrevivência, incluindo o próprio planeta que apoiava suas vidas. Não, eles eram uma colmeia que não devia ser mexida.

Então com o que isso o deixava? A Irmandade era uma conclusão precipitada. O Bando de Bastardos agora não era uma opção. E isso o deixava com apenas outra avenida a explorar.

O Ômega. O Maligno. A terrível balança da Virgem Escriba...

A porta se abriu com um rangido saído direto de uma casa assombrada.

Limpando a garganta, ele pensou: *quem não arrisca, não petisca*. Ou, no seu caso, pelo custo de reposição de seu Ferragamos, que era cerca de mil e quinhentos dólares.

— Olá? — Ele disse.

Quando não houve resposta, ele se inclinou um pouco.

— Olá? Você está aceitando... — Qual era o termo apropriado? Clientes? Trabalho maluco? Perdedores ingênuos? — Você poderia conversar por um momento?

Ele foi colocar a mão no painel e imediatamente franziu a testa, puxando de volta e sacudindo a coisa. Tinha sentido como se uma leve descarga elétrica tivesse entrado em sua palma.

— Olá? — repetiu de novo.

Com uma maldição, Throe entrou no interior mal iluminado... e logo recuou diante do cheiro. Patchouli. Deus, ele odiava patchouli.

Ah, sim, o incenso queimando lá em cima de uma mesa cheia de rochas e pedras. Velas acesas nos cantos. Grandes faixas de panos em cores diferentes e padrões impressos pendurados no teto.

E, claro, ela tinha um pequeno trono com uma mesa circular na frente dele... e uma bola de cristal.

Isso era demais.

— Na verdade, acho que estou no lugar errado — ele se virou. — Se você me desculpar...

O barulho de algo caindo que veio do outro lado do lugar foi alto o suficiente para tocar em seus ouvidos e deixá-lo pulando em sua própria pele.

Dando meia volta, ele gritou:

— Senhora? Você está bem?

Quando não houve resposta, ele foi atingido por uma sensação esmagadora de paranoia. Olhando ao redor, ele pensou... *Saia*. Agora. Arreda-te deste lugar.

Nada aqui estava bem.

Nesse exato momento, a porta pela qual ele entrou bateu se fechando e pareceu se trancar.

Throe se apressou, agarrou a maçaneta e tentou torcê-la de um lado a outro. Ela não se moveu, e nem os painéis cederam quando ele tentou arrancá-los de seu batente. Ele bateu o punho até que doeu...

Throe congelou, os cabelos curtos na parte de trás de seu pescoço picando.

Olhando por cima do ombro, estava preparado para não saber o quê. Mas algo estava dentro desta sala com ele... e não era deste mundo.

VINTE E SETE

No shAdoWs, enquanto Trez estava na beira da pista de dança, seus olhos estavam supostamente na multidão na frente dele. Na realidade, ele não via nada. Não os penetrantes feixes de laser roxos ou as nuvens de fumaça das máquinas. Certamente não os humanos que estavam embalando uns contra os outros como colheres empilhadas em uma gaveta de talheres.

A decisão de sair, quando chegou a ele, seguiu o padrão da noite: chegou do nada e estava impotente contra o imperativo.

Dirigindo-se ao bar, encontrou Xhex com os braços cruzados e seus olhos se estreitaram em um par de estúpidos que estavam exigindo outra rodada, mesmo que eles estivessem bem acima do limite legal... e provavelmente altos também.

— Timing perfeito — ela murmurou acima do barulho da música e do sexo. — Você sabe o quanto gosta de me ver varrendo o chão com humanos.

— Na verdade, tenho que ir. Posso não estar de volta esta noite, está tudo bem?

— Inferno, sim. Eu estive te dizendo para fazer uma pausa há quanto tempo?

— Me chame se precisar de mim?

— Sempre.

De modo pouco característico, Trez pôs a mão no ombro dela e deu-lhe um pequeno aperto... E se o gesto a surpreendeu, Xhex escondeu bem. Então, afastando-se, ele...

Seu chefe de segurança pegou seu pulso e o parou.

— Quer que alguém vá com você?

— Desculpe-me?

Os olhos cinza metálicos dela passaram por seu rosto, e o foco neles o fez sentir como se ela pudesse ver em sua alma. Fodidos *sympaths*. Eles faziam da intuição uma coisa ruim, pelo menos quando se tratava de adivinhar o humor de outras pessoas.

— Sua grade está fora das cartas, Trez. Vamos.

— O que?

A próxima coisa que ele soube, é que ela tinha engatado um domínio sobre seu braço e estava marchando com ele até os fundos, onde as funcionárias se trocavam e as entregas eram recebidas.

— Sinceramente, estou bem.

Mesmo enquanto ele protestava, ela quase o empurrou pra fora da porta dos fundos do clube, e então o telefone dela estava em sua mão e ela estava enviando uma mensagem de texto.

Trez ergueu os braços enquanto fazia a matemática.

— Não incomode iAm... Xhex, sério, você não precisa...

Seu irmão literalmente se materializou apenas um segundo depois que Xhex baixou seu telefone, vestido em seu uniforme branco de chef e sua touca, e um pano de prato na mão.

— Ok, isso é ridículo — Trez pigarreou para que sua voz soasse mais convincente. — Eu sou perfeitamente capaz de me levar onde preciso.

— E onde é isso? — iAm perguntou. — Uma casa geminada no outro lado da cidade? Talvez no terceiro andar? Qual era aquele número de apartamento... e não me diga que você não olhou naquela porra de currículo.

— Vocês querem me contar do que diabos vocês estão falando, meninos? — Xhex olhou entre um e o outro. — E talvez me expliquem por que um homem que estava meio morto de luto nesses últimos meses está repentinamente carregando seu próprio perfume de vinculação?

— Não — Trez interveio. — Não sentimos necessidade de explicar isso.

Um brilho rápido na direção de seu irmão... E Trez se perguntou se teria ou não que jogar aqui. Mas iAm apenas balançou a cabeça.

— Longa história — resmungou o bom cozinheiro. — Vamos, Trez, vamos te levar para casa.

— Eu posso desmaterializar.

— Mas você vai? Essa é a pergunta.

— Você não tem tempo para isso — disse Trez enquanto o cara fazia como se estivesse indo para a BMW de Trez.

O que, sim, era do mesmo modelo e ano que o de seu irmão. Eles tinham conseguido um acordo sobre as cadelas duplas, então os processem.

E oh, esperto, iAm de alguma forma conseguiu se lembrar de trazer a maldita chave. Como ele tinha planejado isso, talvez até com Xhex.

Nota mental: obter esse chaveiro de volta do cara. E se ele não pudesse comprar um fodido carro novo?

— Venha — iAm disse. — Vamos.

Enquanto os dois olhavam para ele como se tivesse crescido um chifre no meio da testa, Trez considerou desmaterializar sozinho, deixando iAm sem ninguém como chofer e Xhex sozinha com suas teorias de saúde mental sobre sua "Grade", o que quer que fosse. Mas algo no fundo de sua mente estava de acordo com eles. Por mais que odiasse admitir.

Então, sim, como o bom idiota que era, ele pegou o banco dianteiro do passageiro e até mesmo colocou o cinto de segurança... E iAm não desperdiçou nenhuma marcha enquanto eles pegavam a Northway e saíam da cidade em uma corrida mortal.

— Você foi até o apartamento dela, não foi?

Mesmo que a cabeça de Trez tivesse começado a martelar, ele sintonizou na SiriusXM. Kid Ink estava cantando "Nasty" e Trez fechou os olhos... e pensou naquele beijo. Ele tinha perdido a porra da cabeça? Sua *shellan* não estava morta há três meses e ele estava saindo com alguma estranha?

E veja, era isso que o incomodava, a razão pela qual ele tinha que deixar o clube. Estar perto de todos aqueles seres humanos chupando rostos na frente dele e fodendo nos banheiros privados que ele tinha construído expressamente para aquele propósito, tinha garantido o que ele tinha feito com Therese estrondoso como um outdoor de Vegas... E a culpa que ele mantinha enrolada em suas entranhas era como ter intoxicação alimentar.

Ele estava totalmente enjoado e inchado, tímido e fraco.

iAm silenciou o rádio.

— Você foi?

Virando a cabeça para longe, Trez mediu os carros na pista lenta... que ele e seu irmão estavam passando como se as malditas coisas estivessem estacionadas nos ombros.

— Sim. Fui. Ela vive em um lixo. Não é seguro. Você vai contratá-la, certo?

— Não, eu não vou contratá-la.

Trez deslocou seu foco do alternado tráfego da meia-noite para os prédios de apartamentos que estavam aninhados na rodovia conforme a cidade fazia sua transição de urbana para suburbana. Em inúmeras janelas, viam-se pessoas andando de quarto em quarto, sentadas em sofás ou lendo na cama.

Neste exato momento, ele teria trocado de lugar com qualquer um deles, mesmo que fossem humanos.

— Não está lhe dando uma oportunidade por minha causa — Trez esfregou os olhos e piscou para limpar os pontos de sua visão. A maldita noite sempre fodia com ele. — Isso não é justo.

Deus, não podia acreditar que tinha beijado outra mulher. Quando ele esteve com Therese, quando ela esteve contra seu corpo e fitando seus olhos, tinha sido fácil se convencer de que ela era Selena reencarnada. Mas com a distância e o tempo veio a lógica: ela era apenas uma estranha que parecia a fêmea que ele tinha perdido.

Merda. Ele colocou sua boca na de outra fêmea.

Trez olhou para seu irmão numa tentativa de parar de pensar no que tinha feito.

— Estou falando sério, iAm. Se ela é qualificada, então lhe dê o trabalho. Ela precisa sair daquele lugar horrível onde está ficando... E eu não vou incomodá-la. Não vou voltar ali.

— Bem, eu não quero que você não venha ao restaurante por causa dela também.

Trez se concentrou na estrada à frente, mas os faróis do lado oposto da estrada fizeram sua cabeça nadar. Esfregando os olhos novamente, sentiu seu estômago rodar.

— Ei, me faz um favor?

iAm olhou de relance.

— Sim, qualquer coisa. O que você precisa?

— Estacione.

— O que...

— Tipo agora.

iAm girou o volante e forçou o ombro, e antes que o carro chegasse a parar, Trez estava irrompendo para a porta — o que desencadeou o mecanismo antirrolagem e garantiu que as rodas travassem completamente.

Assim como a mulher tinha dito.

Inclinando-se o máximo que pôde, Trez vomitou o pouco que havia no estômago, que na verdade não era nada além de bile. E quando ele vomitou e engasgou, e então sentiu outra onda vindo, praguejou ao perceber que os pontos em sua visão estavam se organizando em uma aura.

Enxaqueca. Uma estúpida fodida enxaqueca.

— Dores de cabeça? — iAm perguntou.

Isso não era seguro, pensou Trez enquanto o frio lambia o interior do BMW. Eles deveriam ter tomado uma saída...

Ele respondeu à pergunta de seu irmão vomitando um pouco mais, e então caiu de volta no assento. Sem nenhuma razão aparente, olhou para suas calças brancas e notou que havia marcas de onde ele tinha desmaiado e caído no chão.

Por isso que você não podia sair de *Blanco*.

— O que posso fazer? — iAm perguntou.

— Nada — ele fechou a porta. — Vamos continuar. Vou tentar segurar isso, mas podemos desligar o aquecedor?

Ele não se lembrava muito da viagem de volta para a mansão, seu tempo passou monitorando a evolução da aura da estreita coleção de brilhos no centro de sua visão para o espalhar de asas e o voo além da sua visão periférica. Mas a próxima coisa que ele soube, foi que seu irmão o estava ajudando a sair de seu assento e escoltando como um inválido até a entrada principal da mansão. Uma vez lá dentro, o vestíbulo, com todas as suas colunas coloridas, folhas douradas e malditos candelabros de cristais, foi o suficiente para torná-lo enjoado de novo.

— Acho que vou...

Fritz, o mordomo *doggen*, apresentou-lhe um saco de vômito exatamente no momento certo. Um saco de vômito. Um saco de vômito verde brilhante.

Quando Trez se inclinou e segurou a abertura circular em sua boca, ele pensou algumas coisas: 1) quem diabos ficava por perto com sacos de vômito prontos; 2) o que no inferno era o macho carregando aquele terno de pinguim dele; e 3) por que isso tinha que ser verde bilioso?

Se você fosse fazer algo para as pessoas vomitarem, por que tinha que fazer a maldita coisa da cor da sopa de ervilha?

Um amarelo alegre talvez. Um bom branco caprichoso.

Embora considerando a forma que suas calças estavam...

Quando Trez finalmente se endireitou, aquela intrigante bigorna sentada na metade da sua cabeça começou a chutar, e seus padrões de pensamento haviam começado a assumir a esquisitice convoluta que acompanhava suas enxaquecas.

— Me ajuda lá em cima? — murmurou para ninguém em particular.

Não foi uma surpresa que iAm assumiu o comando e o levou para o novo quarto que ele estava hospedado desde que Rhage, Mary e Bitty tinham tomado as suítes no terceiro andar.

Do outro lado do caminho. Na cama. Deitado de costas.

Como de costume, sair de seus pés ofereceu apenas um ligeiro adiamento, um breve momento em que seu estômago se assentou e sua cabeça tomou um fôlego... E então as coisas voltaram cem vezes pior.

Pelo menos iAm sabia exatamente o que ele precisava. Um a um, os mocassins de Trez foram removidos, mas seu irmão sabia que as meias tinham que permanecer porque as extremidades de Trez perdiam a circulação e ficavam com frio durante as dores de cabeça. Em seguida, o cinto e as calças foram puxados para fora e o edredom foi puxado em volta dele. O terno permaneceu e assim fez a camisa. Tirá-los de seu corpo teria exigido muito deslocamento e provavelmente desencadearia mais vômitos.

Que era exatamente o que você não precisava quando sua cabeça estava latejando, pra começar.

Então veio o desenho das cortinas, embora não houvesse nenhuma lua lá fora hoje à noite. A colocação do cesto de lixo à direita ao lado da cama. E a inevitável depressão do colchão quando iAm colocou uma carga ao lado dele.

Deus, eles fizeram isso tantas vezes.

— Prometa-me — disse Trez da escuridão de suas pálpebras fechadas. — Que lhe dará o trabalho. Eu não vou atrás dela, eu juro. Na verdade, não quero vê-la novamente.

Ele estava muito propenso a fazer algo estúpido novamente...

Quando o gosto dela voltou em sua língua, ele gemeu conforme seu coração doía.

— Eu queria que você tomasse remédios para essas coisas — iAm amaldiçoou suavemente. — Odeio ver você sofrer assim.

— Vai passar. Sempre passa. Contrate a fêmea, iAm. E eu não vou incomodá-la.

Ele esperou que alguma coisa voltasse pra ele de seu irmão, algum tipo de resposta ou argumento, e quando não conseguiu nada, ele abriu os olhos — apenas para estremecer e recuar. Embora a única iluminação no quarto estivesse vindo da porta principal fechada para o corredor, a merda era demasiada para seus olhos hipersensíveis.

— Eu sei que ela não é Selenia — ele murmurou. — Confie em mim. Eu sei *exatamente* o quanto ela não é minha fêmea.

Inferno, as implicações daquele beijo foram a razão dele ter conseguido essa fodida enxaqueca. Seu arrependimento tinha literalmente soprado livremente o topo de sua cabeça: culpa como um evento vascular.

Doutora Jane deveria escrever seu traseiro em uma revista médica.

— Não a puna por um erro que é meu.

Pelo menos, era o que ele pretendia dizer. Não sabia exatamente o que saía de sua boca.

— Só descanse — iAm disse. — Vou fazer com que Manny venha e cheque você.

— Não o incomode — ou algo nesse sentido. — Mas você poderia fazer algo para mim.

— O que seria?

Trez forçou suas pálpebras a abrir e ele levantou a cabeça, embora o mundo girasse.

— Traga-me Lassiter. Traga esse anjo caído aqui.

— Agora, se você não se importa, eu vou ter uma palavrinha com a Escolhida lá em cima.

Enquanto Wrath falava, Layla não foi enganada. Seu tom deixou claro que ele não estava pedindo permissão a Xcor para falar com um de seus próprios súditos.

Se a voz do Rei tivesse sido mais seca, teria deixado poeira em todos os móveis.

Mas na verdade, ela queria falar com ele em privado também, e quando Wrath indicou os degraus, ela acenou com a cabeça. Com um rápido olhar para Xcor, ela se apressou a subir a escada, abrindo a porta no topo e se preparando para encontrar Vishous nos olhos.

Ela não deveria ter se preocupado.

O Irmão se recusou a olhá-la de onde estava ao lado da mesa. Ele apenas pegou a caneca que estava usando como um cinzeiro e saiu pela porta de vidro deslizante.

O Rei se aproximou mais devagar e sentiu-se mal por não ajudá-lo.

— Meu Senhor — ela disse — há uma mesa à direita cerca de quinze pés...

— Bom — Wrath fechou a porta da adega. — Você vai querer se sentar. Vishous está lá fora? Posso sentir o cheiro do ar fresco.

— Ah... — Layla engoliu em seco. — Sim, ele está na varanda. Você... devo convocá-lo para você?

— Não. Isso é entre você e eu.

— Mas é claro — ela se curvou mesmo que ele não pudesse vê-la. — E sim, acredito que vou me sentar.

— Boa decisão.

O Rei permaneceu exatamente onde estava, um pouco próximo da porta que ele tinha fechado... E por um momento, ela tentou imaginar como seria passar pela vida sem nenhuma orientação visual. Poderia

ter havido um fosso aberto diante dele, ou tachinhas espalhadas pelo chão, ou... apenas os céus sabiam o quê.

No entanto, enquanto ela media o conjunto de seu maxilar, ele certamente parecia capaz de resistir tudo e a todos. E como ela o invejava.

— Então, sente-se, por que ainda não o fez?

Como ele sabia? Ela se perguntou enquanto se aproximava e se acomodava em uma das quatro cadeiras.

— Sim, meu senhor?

Wrath continuou a falar em voz calma e uniforme, formulando uma série de frases cheias de palavras que, sob outras circunstâncias, ela teria facilmente compreendido.

Neste caso, no entanto, nada depois de "Os teus filhos estão..." afundou.

—... Todas as outras noites e dias, seguindo seu cronograma de plantão. É justo e igual, e creio que equilibra os interesses de todos. Fritz será responsável por acompanhá-la até...

— Sinto muito — ela disse. — Você poderia... Por favor, você poderia repetir o que acabou de dizer?

O rosto do rei pareceu suavizar.

— Eu quero que você tenha seus filhos a cada noite e dia. OK? Você e Qhuinn dividirão a custódia física meio a meio, e serão co-responsáveis por tomarem todas as decisões relativas ao seu bem-estar.

Layla piscou rapidamente, consciente de que cada parte do seu corpo estava tremendo.

— Então eu não estou cortada.

— Não, não está.

— Oh, meu Senhor, obrigada — ela cobriu a boca com a palma da mão. E então falou em volta da mão dela. — Eu não poderia ter ido sem eles.

— Eu sei. Eu entendo, confie em mim. E o Santuário vai garantir a segurança.

Layla recuou.

— Perdoe-me, o que?

— Você os transportará para o Santuário e ficará com eles no alojamento privado da Virgem Escriba... A merda sabe que ela não os está usando mais. É o lugar mais seguro para vocês três, porque nem sequer está no planeta, e Phury e Cormia me asseguraram que vocês serão capazes de viajar facilmente da forma que uma Escolhida vai e volta com as crianças... Tudo o que você tem que fazer é segurá-los com você e lá você estará — Wrath balançou a cabeça. — Qhuinn vai bater na porra do teto quando eu colocar isso sobre ele, mas não há nenhuma maneira que ele possa discutir sobre o bem-estar deles se eles estiverem lá em cima. E quando eles não estiverem com você... Você está livre para ir aonde quiser, estar com quem quiser, e você pode usar este lugar como seu lar base.

Houve uma pausa e Layla corou.

Porque Wrath sabia exatamente o que ela ia querer fazer e com quem. Pelo menos até Xcor partir para o Antigo País.

— Sim — ela disse lentamente. — Sim, sim, de fato.

— Uma advertência... Você tem que trazê-los de volta quando for a hora de Qhuinn tê-los. Assim como ele vai ter que dar para você quando for a sua noite. A agenda tem que ser honrada pelos dois.

— Absolutamente. Eles precisam do pai deles. Ele é muito importante em suas vidas. Eu não quero fazer nada para impedir isso.

E Wrath estava certo. Agora que ela tinha sido essencialmente perdoada de suas acusações de traição, o principal argumento de Qhuinn contra ela ter contato com as crianças seria que ela não poderia estar na casa da Irmandade com eles, e não havia nenhum outro lugar, nenhuma casa segura, nenhum refúgio, nenhuma estrutura, mesmo se fosse seguramente armado por cem mil Vishous, que iria se aproximar da proteção oferecida naquela mansão.

A solução? Fora do planeta.

Afinal de contas, houve apenas uma invasão no Santuário, uns vinte e cinco anos antes. E isso tinha sido um golpe encenado por descontentes da *glymera* que não estavam mais vivendo.

Ela, Lyric e Rhamp estariam bem e felizes lá também. Todas as flores e a grama verde, a fonte de mármore, os templos. Haveria muito a explorar à medida que ficassem mais velhos e se movessem mais.

— É perfeito — disse ela. — Meu Senhor, é perfeito.

— Estou indo pra casa conversar com Qhuinn agora. Vou colocá-lo no turno amanhã ao anoitecer. Você vem para a mansão e pega as crianças.

Layla abaixou a cabeça.

— Isso é... tanto tempo para esperar.

— É a maneira que vai ser. Qhuinn é altamente instável e não quero você lá quando lhe apresentarmos o horário de visitação ou quando você vier para levar as crianças. Então o timing é o que temos. Mas vou mandar Beth enviar mais algumas fotos.

— Fotos?

— Sim, você não está recebendo-as em seu telefone?

— Eu não trouxe meu celular comigo... Ela tem tirado fotografias?

— Todas elas têm. Há um laço e você está nele, ou assim me disseram. As fêmeas queriam ter certeza de que você não se sentisse como se estivesse perdendo.

— Eles são tão... — Layla respirou fundo. — Isso é muito amável.

— Elas sabem o que você está passando. Ou tenho a sensa o suficiente de que elas estão bastante horrorizadas.

Layla colocou as mãos no rosto. Como se de alguma forma fosse ajudá-la a se recompor.

— Venha aqui.

Quando o Rei fez um gesto para que ela se aproximasse dele, ela saiu da cadeira e correu. Abraçar Wrath era como jogar os braços em torno de um piano de cauda, todo duro e grande demais para acomodar.

Mas o Rei a abraçou, dando-lhe uma tapinha nas costas.

— Me faz um favor?

Ela fungou e olhou para a saliência dura de seu queixo.

— Qualquer coisa.

— Tenha cuidado com Xcor. Mesmo que ele não a mate fisicamente, ele ainda pode arruinar você para toda a vida.

Layla pôde apenas sacudir a cabeça.

— Ele já fez, meu Senhor. O dano, eu receio, já está feito.

VINTE E OITO

Enquanto Throe examinava o escritório ou sala do psíquico ou o que quer que isso se chamasse, iluminado por velas e coberto de tecido, não pôde ouvir nada além da batida de seu próprio coração. Parecia que ele estava sozinho, mas cada instinto nele estava dizendo o contrário. Enfiando sua mão dentro do casaco, ele palmeou o cabo de sua arma e pensou no trio de humanos que ele tinha assustado na rua.

Preferia que estivesse encarando nada mais exótico do que três bandidos e um interruptor.

Olhando ao redor, procurou pela fonte do barulho que tinha ouvido, um gatilho para seus instintos em advertência, um...

Queridos Destinos, o que foi isso?

Nada estava se movendo neste espaço. Nada... mesmo.

Por algum truque... ou ele não sabia o que... As chamas nas velas estavam totalmente estáticas, como se estivessem em uma fotografia, sem cera derretendo, nenhum esboço invisível provocando em suas lambidas douradas do fogo, sem indicadores suaves de fumaça subindo no ar.

Com uma sensação de pavor, levantou o braço, puxou a manga para trás e olhou para seu relógio Audemars Piguet.

As mãos, que tinham sido oh tão funcionais quando ele tinha deixado sua residência atual, também não estavam mais circulando seu mostrador.

Caindo em deambulação... só para provar a si mesmo que podia, marchou até a janela, puxou a cortina e olhou para a rua. Não havia carros indo ou vindo. Mas então não havia nada para ser visto...

Do outro lado da rua, no prédio diretamente oposto ao que ele ocupava, havia dois humanos sentados em poltronas caindo aos pedaços assistindo TV. Suas cabeças estavam de frente uma pra outra, e um estava no processo de trazer uma garrafa de cerveja para sua boca.

Eles não estavam se movendo.

Nem o anúncio da KFC na tela.

— Querida Virgem Escriba... — Ele fechou os olhos e rolou de costas contra a parede. — Que tipo de insanidade é essa?

Pensou no que a fêmea que o tinha enviado aqui lhe dissera. Um centro psíquico. Uma bruxa. Uma bruxa humana que tinha portais para o outro lado.

A conversa tinha começado em torno de uma mesa de jantar cercada de fêmeas da alta sociedade, todas reclamando sobre seus "problemas" e as soluções para tais questões terríveis como os pisos que estavam tingidos muito claros, muito escuros, muito inconsistentemente, e as bolsas Birkins que estavam mostrando desgaste em seus cantos inferiores, e oh, o que mais... Amantes que eram imprudentes, e *hellrens* que não conseguiam entender o imperativo moral que vinha com a nova coleção primavera/verão da Chanel.

Em algum momento, uma das fêmeas tinha trazido à tona os psíquicos e os leitores de cartas de tarô, e como ela tinha sido ajudada por esta mulher aqui. Como tinha sido assustador o que a bruxa humana tinha averiguado. Como a fêmea finalmente parou de ir porque "algo não parecia certo".

Quem sabia que esta seria uma suposição correta.

Provavelmente a única que a querida garota tinha feito ultimamente.

Armando-se para algum tipo de ataque, Throe esperou que alguma aparição fantasmagórica se materializasse num canto escuro, ou um morcego voando em torno de sua cabeça, ou um zumbi arrastando uma perna pelos fundos. E os dois últimos seriam as únicas coisas que sua arma poderia ser eficaz contra.

Quando nada aconteceu, começou a se sentir tolo. Pelo menos até que ele olhou aquelas velas do outro lado.

— Você vai me libertar — disse ele dentro do ar parado. — Vou continuar meus negócios, não te incomodando mais.

Ele não tinha ideia de com quem falava. E quando não houve resposta, ele se motivou, avançando em direção à mesa circular. Fechando-se sobre ela, resistiu a olhar para a bola de cristal e verificou por cima de seu ombro...

Um som de arranhão, como um conjunto de pregos atravessando a madeira nua, atraiu seus olhos para a esquerda.

Havia algo no chão.

Ele foi cauteloso em sua abordagem e manteve sua arma pra cima — e não foi até que estava quase em cima do objeto que ele reconheceu os contornos do que era.

Um livro. Havia um livro no chão, um que parecia ser bem velho com uma capa de couro batida e páginas grossas que tinham bordas ásperas.

Ajoelhando-se, ele franziu o cenho. Um padrão de queimadura circundava a coisa, como se sua presença contivesse calor suficiente para queimar as fibras de madeira sob seu peso.

Era este o barulho que ele tinha ouvido? Ele se perguntou. Sua chegada a este plano de existência fora anunciada com aquele som alto?

Estendendo a mão, ele tocou a capa modelada...

Com um sibilo, ele retraiu a mão, e como fizera na porta quando tentou entrar, sacudiu a palma da mão, tentando livrar-se de uma sensação de formigamento desagradável...

A capa se abriu sem aviso prévio, e Throe se empurrou pra trás, caindo de bunda no chão.

Enquanto um sopro de poeira emanava das páginas de pergaminho, ele estreitou os olhos. O padrão de tinta era horizontal e cheio de caracteres, mas não era uma linguagem que ele pudesse discernir.

Ele se inclinou... apenas para ofegar.

O que tinha sido escrito estava mudando, os sinais e as marcas da tinta se movendo ao redor até que... o texto se tornasse a Língua Antiga.

Sim, era a língua Mãe.

E as passagens pareciam ser sobre...

Throe ergueu os olhos. Olhou ao redor. Então, agindo em um impulso que de repente pareceu tão forte quanto o da própria sobrevivência, fechou a capa e pegou o livro.

A sensação de formigamento não era mais desagradável. Na verdade, o volume parecia estar vivo em sua mão e aprovando o seu titular, mais como um gato se encurvando e ronronando em torno do braço de um proprietário.

E foi quando aconteceu.

De repente, uma sirene distante soou, e enquanto olhava para as janelas, as chamas das velas nos cantos da sala começaram a se mover novamente nos rascunhos.

A porta pela qual entrou, soltou um rangido.

O que estava trancado... estava agora aberto.

Throe segurou o livro no peito e correu para a saída, correndo como se sua vida dependesse disso. E não parou até que estava mais uma vez na rua, na lama e no frio. Por um momento, o medo o perseguiu como um predador, mas isso não durou muito tempo.

Estimulado pelo livro contra seu coração, ele descobriu que estava sorrindo quando se desmaterializou da vizinhança.

VINTE E NOVE

Depois que o Rei partiu, Layla voltou a descer para a adega do rancho, e não se surpreendeu ao encontrar Xcor em pé e andando de um lado pro outro enquanto esperava que ela voltasse.

— Então eles já foram? — Ele perguntou.

— Sim. Eles foram.

— Existe um sistema de segurança aqui? E há alguma arma dentro desta casa?

— O acesso do controle do sistema de segurança está na cozinha e V me disse como acessá-lo.

— Você já fez isso?

Não era que ele estivesse sendo exigente, mas era incrivelmente intenso, como se a única coisa que os separasse de... lobos, ou alguma coisa... fosse sua habilidade de trancá-los e reunir armamentos no caso de um ataque.

— Não.

Xcor sorriu como se quisesse fazer um esforço para não parecer desagradável, mas seus olhos não estavam nada relaxados.

— Como você ativa o alarme?

— Eu, ah, eu vou te mostrar.

Tinha a sensação de que ele não ficaria satisfeito até que entendesse como a coisa funcionava e operava por si mesmo. E ela estava certa. Ele insistiu em percorrer o código e apertar os botões.

Então, evidentemente, estava na hora de checar cada porta e janela no lugar.

Layla o seguiu enquanto ele ia, um por um, através de todos os quartos e banheiros, inspecionando as fechaduras nas janelas, e as travas que estavam nas corrediças, de modo que não pudessem ser levantadas mais do que uma polegada ou duas. Então foi a revisão das trancas. E até mesmo verificou por fora as portas da garagem, embora insistisse que ela permanecesse dentro de casa porque estava frio.

Tornando a entrar na cozinha, ele acenou com a cabeça enquanto ativava o alarme.

— Esta casa é bem segura.

— Vishous cuida dessas coisas.

— Ele fez um bom trabalho.

Xcor passou pelo fogão e começou a abrir as gavetas.

— Estas vão ter que servir.

Uma a uma, ele colocou todas as facas que pôde encontrar: um cutelo, uma lâmina serrilhada, dois tipos pequenos de tornear, e uma de chef. Colocando-as num pano de prato, ele as enrolou em uma toalha e depois estendeu a mão para ela.

— Vamos lá pra baixo.

Layla aproximou-se dele e estremeceu quando suas palmas se uniram. E quando os dois desceram, seu corpo amoleceu.

Quando chegaram no último dos degraus, ele parou e olhou para ela.

Ela lhe deu um momento para falar. Quando ele não o fez, ela sussurrou:

— Sim, por favor.

Ele fechou os olhos e balançou. Depois deixou a cabeça cair.

— Você tem certeza?

— Mais do que tudo na minha vida.

Suas pálpebras se ergueram.

— Vou ser gentil com você.

Estava na ponta da língua dizer-lhe para não se conter: na verdade, a última coisa que queria dele era segurar qualquer coisa de volta, porque essa poderia muito bem ser a única e última vez que eles estivessem juntos.

Mas então sua mente parou de funcionar.

Porque Xcor a estava atraindo contra seu corpo. Com sua mão livre, a que não tinha todas aquelas facas nela, ele acariciou sua bochecha e então escovou seu lábio inferior com o polegar.

A próxima coisa que ela soube, os lábios dele estavam sobre os dela, afagando, pressionando, acariciando.

O beijo era tão suave como uma respiração, e isso era frustrante. Ela queria mais... e no entanto, enquanto se esforçava para conseguir, ele se moveu pra trás sutilmente, mantendo o controle.

Quando ele finalmente se afastou, alisou sua palma descendo os cabelos dela.

— Posso entrar no seu quarto, fêmea?

Seus olhos eram tão bonitos, brilhantes e quentes, o profundo azul marinho quase negro pela luxúria que ele tinha por ela. E para ela, o rosto dele era bonito, tudo aquilo era forte, masculino e poderoso, o defeito no seu lábio superior não era algo que ela notasse ou relativamente contasse. Na verdade, era todo o homem que a atraía, o seu poder e a sua vulnerabilidade, a sua natureza selvagem e o esforço polido que ele estava fazendo, o guerreiro nele e o protetor quem saía por ela.

— Sim — ela sussurrou.

— Eu te carregaria, mas não estou tão forte agora.

Ele pegou a mão dela e juntos entraram no quarto que ela tinha tentado dormir durante o dia. E sabe o que mais? Apesar da falta de descanso, ela se sentiu vitalmente acordada, quase dolorosamente ciente.

Xcor acendeu a lâmpada do cômodo e fechou a porta. Então a levou para a cama, inclinando-se para enfiar o rolo de facas logo abaixo da base da cama Box.

Quando se sentaram, ela se sentiu corar.

Ele sorriu.

— Sua timidez é minha ruína, fêmea. Veja minhas mãos.

Enquanto ele as estendia para ela, o fino tremor estava em desarmonia com as pesadas veias que percorriam seus antebraços e os pulsos.

— Sonhei em tocá-la — murmurou ele. —Tantas vezes...

— Então me toque agora.

Quando ele pareceu congelado, foi ela quem agarrou seus ombros e trouxe sua boca para a dela... E oh, querida Virgem Escriba, quando ela não segurou nada de volta, ele também não. Xcor tinha gosto de sexo e desespero, e não demorou muito para que suas mãos se tornassem ásperas e seu rosnado permeasse o quarto calmo e mal iluminado. Na verdade, ele não estava mais cuidadoso com ela enquanto a montava, seu corpo empurrando o dela para trás para os travesseiros, seu joelho avançando entre suas pernas e os forçando...

Ele parou instantaneamente, e puxou para trás.

— Layla... Meu amor, eu estou à beira de...

— Tome-me. Depressa, oh, apenas me tenha... Já esperei muito tempo.

Xcor desnudou suas presas e sibilou, seus olhos brilhando com um propósito que poderia ter sido profano, mas em seu estado de espírito era exatamente o que ela precisava dele.

— Deixe-me ver você, eu tenho que ver seu corpo — ele gemeu enquanto varria uma mão até a cintura dela.

Layla arqueou quando ele pegou a bainha da camisa dela e começou a puxá-la pra cima do seu estômago...

Xcor ofegou quando seus seios foram expostos.

— Oh, a mais doce fêmea.

Congelado na visão de seus mamilos duros, ela terminou o trabalho, tirando o que tinha coberto seu torso sobre sua cabeça e lançando isto não importa onde. Quando ela se restabeleceu nos travesseiros, Xcor sentou-se em uma posição ajoelhada, escarranchando seus quadris com as pernas dobradas.

As mãos dele realmente tremiam agora enquanto passava as pontas dos dedos sobre a sua clavícula e descendo sobre seus seios.

— Você é muito mais atordoante do que em meus devaneios.

Quando seus olhos reverentes e arrebatadores passaram sobre sua pele nua, Layla percebeu que sentir-se bonita não tinha nada a ver com olhares reais. Era um estado de espírito — e nada colocava uma fêmea ali mais rápido do que o macho que ela queria olhando para ela como Xcor estava fazendo agora.

— Obrigada — ela sussurrou.

— Sou eu quem deveria agradecer pelo presente de sua carne.

Erguendo-se acima dela, Xcor parecia enorme mesmo com a perda de peso, os ombros tão largos, os braços tão pesados naquele suéter. E enquanto se curvava para colocar a boca ao lado de sua garganta, as linhas de junção dele estavam tensas, uma lágrima sutil acontecendo em algum lugar.

Com o coração batendo forte e o calor rugindo através de suas veias, Layla arqueou novamente conforme ele movia seus lábios pra frente e para trás, escovando em sua pele. Enquanto isso, as mãos dele, aquelas mãos incríveis, cobriam o lado externo de seus seios... E então ele estava em seus mamilos, beijando-os, atraindo primeiro um e depois o outro para dentro de sua boca.

Em resposta, seu corpo cedeu a ele até o ponto de ficar sem ossos, sua primeira onda de urgência aliviando um pouco conforme ela ficava encantada pela sensação.

Enquanto ele adorava seus seios, ela teve um pensamento sombrio que, de certa forma, ela tinha completado o círculo. Formada como uma *ehros*, como uma Escolhida cujo único propósito era o prazer do Primale e ter sua cria, ela tinha chegado à sua maturidade e entrou em serviço num momento em que não havia de fato ninguém para servir: o Primale anterior tinha sofrido um fim trágico, e o novo tinha ainda de ser nomeado. E então ela esperara... até que Phury tivesse sido elevado à posição. Ele, no entanto, tinha tomado apenas uma companheira, e não dormiria com nenhuma outra. E assim ela tinha esperado um pouco mais, a vida tomando diferentes contornos quando Phury tinha libertado ela e suas irmãs do Santuário, permitindo as Escolhidas descenderem à terra com uma autonomia sem precedentes.

Mas não havia amor para ela. Nada de sexo também.

Apenas uma breve paixão com Qhuinn, que tinha percebido ser uma ficção comparada ao que esse macho compartilhava com seu companheiro verdadeiro, Blay.

E, no entanto, os dois machos não estiveram juntos, pareciam condenados a levar vidas separadas. Então, quando ela entrou em sua necessidade, tinha pedido a Qhuinn para aliviá-la em sua fertilidade, não porque ele a amava, mas porque estava, naquela época, tão perdido quanto ela. Durante aquelas horas horríveis de seu sofrimento, eles tinham se reunido apenas por causa da concepção e tinha funcionado.

Ela tinha pouca memória dos atos em si, não que quisesse lembrá-los.

Especialmente dada a forma como as coisas estavam agora entre ela e Qhuinn.

Assim, apesar de ter dado à luz, era quase uma virgem, não familiarizada com o toque amoroso, o toque carinhoso... de um parceiro sexual que ela amasse e que a amava em troca.

— Estou tão feliz por ser você — ela disse enquanto observava a língua dele circular seu mamilo.

Os olhos de Xcor passaram rapidamente para os dela, e enquanto eles escureciam com autoaversão, ela desejou poder poupar-lhe a emoção.

— Não — ela colocou as pontas dos dedos nos lábios dele, silenciando-o quando foi falar. — Isso é para eu decidir, não para você julgar. E por favor... não pare.

Xcor sacudiu a cabeça. Mas então ele se moveu até o cós de suas leggings, seus lábios escovando para baixo enquanto ele enganchava os dedos no elástico.

— Tem certeza? — Ele disse com uma voz rouca. — Não há como voltar atrás depois que eu remover isto.

— Não pare. Nunca.

Ele mordeu o lábio inferior com suas presas.

— Minha fêmea...

E então ele tirou as suas leggings junto com a calcinha, desnudando-a para seu olhar quente fixo.

Oh, como seus olhos iam por toda parte, todo sobre suas pernas e seu sexo sem pelos, sua barriga... Voltando para seus seios novamente.

Seu cheiro de vinculação tornou-se tão intenso que era tudo o que ela podia sentir.

Xcor foi cuidadoso agora enquanto se estendia sobre ela, aliviando seu peso suavemente, indo lentamente com seus movimentos. E a sensação da crista dura atrás daquelas calças grossas de moletom fizeram seus quadris se moverem e esfregar seu núcleo nele.

Quando ele a beijou de novo, e a língua dele entrou em sua boca para encontrar a dela, ela marcou suas costas com as unhas. Não podia agüentar mais, seu sexo doía por ele, seu corpo se esforçando para estar tão perto, e ainda não unido com o dele.

— Agora — ela implorou. — *Por favor...*

Uma de suas mãos desapareceu entre eles, e ela gritou enquanto ele deslizava sua palma quente por dentro de sua coxa. E então ele a tocava no centro de seu calor.

Ela estava tão pronta para ele, e ainda assim, a libertação que se abateu sobre ela foi inesperada e uma surpresa, o prazer ricocheteando por dentro dela, fazendo-a flutuar da cama mesmo enquanto ficava onde estava.

Ele a ajudou a cavalgar as ondas de sensação, e então a parte inferior do seu corpo se ergueu do dela. Houve uma série de movimentos abaixo em seus quadris e ela ficou excitada ao sentir a pele dele sobre a sua, conhecer seu sexo sem quaisquer impedimentos.

Exceto que quando a pélvis dele voltou para a dela, ele ainda estava de calça.

Contudo a a excitação dele havia sido liberada. E seus olhos se fecharam quando a cabeça dura roçou contra ela.

— Estou tentando ir devagar — ele disse com os dentes cerrados.

— Não precisa.

Com isso, ela empurrou as mãos para baixo, encontrou seu comprimento grosso e duro, e trouxe até ela justo no lugar certo. Cavando um calcanhar no edredom, ela se moveu para cima...

Ele deslizou dentro dela e o ajuste foi a perfeição. Estava em casa, e isso foi a galáxia inteira ao mesmo tempo, e estava tão sobrecarregada que as lágrimas lhe caíram dos olhos — porque ela sabia que ele estava igualmente afetado: Xcor gozou no segundo em que estava completamente dentro dela, o corpo de seu guerreiro começando a se esvaziar dentro dela... E ainda assim ele se recolheu, sua cabeça saltando para trás, o alarme marcando seu rosto mesmo enquanto seu corpo continuava a liberar.

— Eu te machuquei? — Ele disse horrorizado.

— O que?

— Você está chorando!

— O que... Oh, não, não, não... — Ela tomou o rosto dele nas mãos e o beijou. — Não... Não de dor. Nunca isso.

Ela o beijou novamente e tentou conseguir começar um ritmo entre seus corpos.

Mas ele não teria nada disso.

— Por que você chora? — Ele exigiu, segurando-se.

Layla limpou as lágrimas impacientemente dos seus olhos.

— Por que... nunca pensei que conseguiria ter você assim. Eu não achei... não achei que isso fosse acontecer conosco e estou muito grata. Durou tanto tempo, esta espera, esta dor.

Xcor apoiou-se nos cotovelos.

— Foi o mesmo para mim — ele sussurrou. — No curso da minha vida, aprendi que sonhos não se tornam verdade. São apenas os pesadelos que te encontram na vida real. Eu não tinha nenhuma esperança real disso.

Quando uma luz assombrada entrou em seus olhos, ela se perguntou que horrores ele tinha visto durante toda sua dura vida. Que horrores lhe tinham sido feitos. Seu lábio arruinado não teria sido um defeito fácil de suportar.

Procurando terminar o que tinham começado corretamente, Layla forçou-se a deixar de lado tais pensamentos tristes e reorientou-se indo para a bacia inferior da camisa dele.

Mas quando ela tentou puxá-la para cima, ele a impediu, tirando a mão dela.

— Você não vai se juntar a mim? — Ela disse.

Silenciosamente ele sacudiu a cabeça, e antes que ela pudesse questioná-lo, ele começou a beijá-la novamente, seus quadris se movendo contra ela, sua excitação acariciando para cima e para baixo dentro dela. À medida que as sensações alcançavam mais uma vez, integrando-a em calor e admiração, ela se permitiu se perder.

Era um lugar que ela desejava que eles pudessem ficar juntos para sempre.

No entanto, sabia que era melhor não aspirar a isso.

O destino tinha julgado oportuno dar-lhes uma única pausa, esse curto período de tempo antes que ele tivesse que voltar de onde tinha vindo... E embora ela quisesse estar grata por isso, estava em seu coração ser só gananciosa por mais.

O amor era como a própria vida, ela supôs.

Não importa o quanto você fosse abençoado com isso, quando o fim viesse, nunca sentiria como suficiente.

TRINTA

Quando V retornou à mansão com o Rei, ele já estava farto pra caralho com todo mundo, e isso incluía a si mesmo.

Mas quando o par se materializou lado a lado perto da fonte, ele estava bem ciente de que seu trabalho como guarda pessoal não tinha terminado até que levasse a Porra do Chefe Realmente Grande e Mau através do vestibulo e para o saguão.

Então, e só então, estaria livre para abandonar o navio e ir se embebedar.

Com alguma sorte, as duas garrafas de Grey Goose que Fritz trouxera ainda estariam onde foram deixadas, ou seja, debaixo do balcão da cozinha do Pit.

Depois de uma noite como esta, ele nem precisaria de gelo. Ou um copo.

— Parabéns — disse Wrath.

V segurou o braço que era quase do tamanho de sua própria coxa e começou a andar adiante.

— Pelo quê?

— Você tem outra oportunidade de ser razoável esta noite.

— Sou sempre razoável.

— Na sua cabeça, tenho certeza de que isso é verdade.

— Suba o degrau — V murmurou quando chegaram aos degraus de pedra. — E agora o que estamos fazendo. É melhor ser bom, a propósito. Tenho um encontro com uma garrafa de vodca.

Enquanto o Rei subia, mas se mantendo em silêncio, V quis mostrar suas presas e sibilar. Ao invés disso, ele exigiu:

— Me diga.

Quando chegaram à porta exterior do vestibulo, o Rei parou e olhou para ele.

— Estou pronto para falar com Qhuinn. Sua oportunidade é levar um tiro porque você vai comigo para falar com ele.

— Essa não é uma chance de ser razoável. Isso é chamado de alvo.

— É tudo a mesma coisa. Tanto faz.

— Eu juro, continuo ganhando a loteria perto de você — V abriu o caminho para o vestibulo. — Toda merda de noite, não é verdade?

Wrath fez a obrigação na câmera de segurança, encontrando a lente com a mão e depois colocando o rosto na frente.

— Você é um filho da puta sortudo, com certeza.

Fritz abriu as portas e a luz do glorioso salão foi o suficiente para deixar V piscando enquanto suas retinas ajustavam.

— Meu Senhor! — exclamou o *doggen*. — Majestade! Oh, foi bom que você chegou em casa antes da tempestade! Posso lhe dar uma bebida?

O sorriso de Fritz era como o de um cão basset, com todas as rugas e entusiasmo, e o mordomo tinha uma falta de conceito de tempo do cão, sua alegria como se os dois tivessem partido por cinco anos, não por uma hora.

— Que tal um par de coletes à prova de balas? — Disse V baixinho.

— Mas é claro! Você se importaria com o Point Blank Alpha Elites ou é mais uma ocasião de explosão de bomba que exige os coletes táticos Paracletes?

Como se a escolha fosse nada mais do que ter que escolher gravata branca e caudas sobre sua edição-padrão de smoking.

Você tinha que amar o cara, V pensou de má vontade.

— Isso foi uma piada, meu amigo — Vishous colocou um cigarro enrolado entre os lábios e falou entre os dentes quando acendeu o isqueiro. — Pelo menos, espero que seja.

— Qualquer coisa para vocês dois! Oh, e meu Senhor, tomei a liberdade de permitir que George se aliviasse há uns quinze minutos.

— Obrigado, Fritz. Você fez...

— E o alimentei também. Dei a ele o lombo que sobrou de ontem à noite, mas eu esquentei e servi com cenouras inteiras frescas, purê da abóbora e feijões verdes. Tudo orgânico, é claro.

— Você ama esse cachorro, não é?

O *doggen* se curvou tão baixo que era de se espantar que suas sobrancelhas cinzentas espessas não varressem o assoalho de mosaico.

— Eu amo. Oh, eu amo.

— Bom macho, você é um bom macho.

Wrath parecia como se quisesse bater no ombro do mordomo ou talvez oferecer sua palma para um bate-aqui, mas não fez. Mesmo que ele fosse Rei, havia algumas coisas que você não fazia, e isso era manter contato com um servo da velha escola como Fritz.

O pobre sujeito era propenso a explodir numa nuvem atômica de vergonha.

Em vez disso, Wrath avançou como se fosse o dono do lugar e V seguiu a fila.

— Três passos — disse V quando chegou a hora.

O Rei Cego pisou no n da grão último degrau da grande escadaria com a coordenação de um dançarino de sapateado, batendo a marca perfeitamente, e ele soube quando chegou ao topo também. A primeira parada foi o seu estúdio, onde abriu as portas duplas e foi atacado por George, que claramente não esperava ver seu mestre novamente.

— Vamos garoto, de volta ao trabalho. Guia.

George trotou para a escrivaninha e voltou com sua guia, que Wrath colocou tão rápido, que você juraria que ele podia ver o que estava fazendo. E então o cão e o mestre se reuniram e seguiram em direção ao corredor das estátuas.

Com V se mantendo na retaguarda. Sem dúvida, parecendo o cara mau em um filme da Disney.

Inferno, nem ele queria estar em nenhum lugar perto desse humor negro que ele estava ostentando. Mas é claro, onde quer que se fosse, lá estava você, e toda essa besteira.

Quando chegaram ao quarto em que os bebês estavam, Wrath bateu uma vez e abriu a porta. No brilho de uma luz noturna que era na forma de lua e estrelas, era fácil discernir Qhuinn na cama, seus dois filhos aconchegados firmemente e adormecidos em ambos os lados dele. Mas o Irmão não estava descansando.

— Ei — ele disse suavemente.

— Hora de conversar — anunciou o Rei enquanto George parava e sentava ao seu lado.

— Você se importa se sairmos no corredor?

— Não.

Qhuinn assentiu e lentamente se sentou. Então olhou para um lado e para o outro entre os dois bebês adormecidos ... como se não pudesse decidir qual deles levar para o berço primeiro.

— V, pode me dar uma mão?

Por um momento, Vishous não conseguiu entender com quem o cara estava falando, mesmo que seu nome estivesse na mistura.

Mas então a cabeça de Wrath girou em sua direção, como se o Rei estivesse esperando uma resposta também.

Okay, por que ele não podia estar bebendo agora? Ainda assim, colocar no berço uma dessas máquinas de fazer cocô tinha que ser melhor do que se esquivar de balas.

Certo?

V olhou para o conjunto combinado de viciados em leite. Bem, talvez a avaliação de gu-gu, gaga/Glock fosse mais do que meio-a-meio.

— V? — perguntou Qhuinn.

— Tá. Claro. — *Eu adoraria pra caraaaalho carregar seu DNA. E talvez depois pudéssemos nos revezar fazendo os cabelos um do outro.* — O que eu faço?

As sobrancelhas de Qhuinn estalaram pra cima quando V se aproximou da cama.

— Você pega Rhamp e o leva até ali.

A cabeça. Apoie a cabeça...

— Você precisa apoiar a cabeça — acrescentou Qhuinn.

Viu? V disse a si mesmo. Isso ia ficar bem.

Só então Vishous percebeu que tinha um cigarro aceso na mão.

— Me dê seu cigarro — anunciou Wrath em tom entediado. — Que diabos, V, você não pode trazer isso perto de um bebê.

Quando Qhuinn se levantou com Lyric, V deu o cigarro como se fosse seu último batimento cardíaco. E então estendeu a mão boa, bem como a que estava envolvida em couro preto, ao filho do Irmão. Cara... fora de uma situação médica, sentia-se errado pegar no colo qualquer coisa mais preciosa do que um saco de comida de cachorro com sua maldita mão, mas sabia intelectualmente que nada ia acontecer com o garoto.

Inferno, não era como se a fonte de calor fosse transformar Rhamp no equivalente infantil de um porco-em-um-cobertor ou algo assim. Não realmente. Verdade?

Porra...

Pequeno. Quente. Forte.

Isso era como se sentia. E era totalmente bizarro perceber... que ele estava pegando um bebê no colo fora de um ambiente clínico pela primeira vez na sua vida. Não que ele os tivesse evitado; ele nunca esteve interessado nos fedidos e chorões bastardinhos.

Nem um pouco...

Sem aviso, Rhamp abriu as pálpebras assim que V o estava instalando no berço ao lado de sua irmã.

V recuou. Ok, uau, aqueles olhos eram realmente intensos pra cacete, muito diretos e levemente hostis — como o garoto sabia que aquela feliz pequena transferência era muuuuito acima do grau de pagamento de Vishous e não algo que deveria ter sido sancionada por qualquer tipo de autorespeito de unidade de parentesco.

— Fica frio, meu amigo — murmurou V ao checar o que Papai estava fazendo no outro berço, e então V seguiu o exemplo, puxando o cobertor como Qhuinn fez. — Tá tudo bem. Você está bem, não é?

Qhuinn deu uma olhada.

— Ele é um lutador, com certeza. Já se pode dizer.

V sentou nos calcanhares, cruzou os braços e continuou a olhar para o embrulhinho de vampiro. E sabe? Aquele bebê filho da puta o encarou fixamente.

Vishous começou a sorrir. Não pôde evitar. Você tinha que admirar esse tipo de força — e obviamente vinha da criação. De que outra forma se poderia explicar por que algo que mal tinha mais de um mês de idade estava pronto para encarar um cara adulto que estava fortemente armado e realmente bastante irritadiço?

— Meu amigo — disse V, enquanto levantava a mão boa. — Bate aqui!

Rhamp não sabia o que era bate aqui, mas agarrou o que estava bem na frente de seu rosto, e oh, como ele apertou.

V riu profundamente.

— Sim, você pode lutar comigo no campo quando estiver crescido. E logo que você for grande o bastante para segurar uma adaga... Eu farei uma pra você. Vou forjar eu mesmo. Você vai ser como seu pai, um guerreiro dos infernos. Assim como ele...

Enquanto Vishous parecia encontrar um parceiro no crime hostil com Rhamp, Qhuinn se viu olhando para o Irmão. Por muitas razões.

Primeiro, o fato de que V parecia estar caindo em todos os tipos de encantamento por Rhamp era... bem, era mais provável ver Deus de perto e em pessoa antes de um macho como V mesmo fazer ohhh e ahhh por causa de uma criança. Segundo, Rhamp estava começando a tornar-se receptivo em troca, a resposta do garotinho inicialmente hostil aliviando, seu corpo relaxando a tensão, sua expressão e esses olhos míopes de bebê assumindo uma espécie de carinho.

Tipo como se um tigre encontrasse outro na vida selvagem e o par decidisse sair em vez de tentar comer um ao outro numa tentativa de dominação.

Mas a principal razão pela qual Qhuinn não podia desviar o olhar?

Movendo a cabeça, ele levantou o olhar para o canto mais distante. Para aqueles buracos de bala no teto.

Você vai ser igual ao seu pai.

Assim como ele.

Com um estremecimento, Qhuinn esfregou as têmporas.

— Estamos prontos?

Wrath e George se viraram.

— Porta.

Quando saíram, Qhuinn se perguntou se V ia ficar para trás e ficar com as crianças. Sabe, talvez ler *Goodnight Moon*. Frio com o pequeno *Pat*, o *Coelho*.

Esse tipo de merda.

Mas Vishous veio junto, de modo que eles três e o golden retriever do Rei se reuniram no corredor.

Justo antes que alguém dissesse alguma coisa, Zsadist saiu de sua porta no final do corredor. O Irmão olhou para eles, balançou a cabeça e voltou para sua suíte.

Sim, todos sabiam sobre o que se tratava.

— Então aqui está o modo como vai ser — disse Wrath sem preâmbulo. — Meio a meio. E ela vai levá-los para o Santuário na vez dela. Começa amanhã depois do pôr do sol quando você sai para o campo. Isso não está sujeito a negociação, nem é para sua consideração. Este é decreto real e espero que você se comporte como um homem e não um retardado mental sobre isso.

Qhuinn pôs as palmas das mãos nos lados de cabeça. Como se talvez o apoio extra ajudasse seu cérebro a funcionar. Ou algo assim.

— O Santuário? — perguntou.

— Ela pode viajar como uma Escolhida faz e eles também — Wrath entregou o cigarro de V ao irmão. — A Virgem Escriba não está mais usando seus aposentos, então há um lugar ali onde eles podem dormir quando precisarem.

— Eu acabei de levar mais aves canoras lá pra cima — V meditou enquanto inalava. — E eu aposto que essas crianças gostariam deles. Aqueles fodidinhos são coloridos e soam bem. Você sabe, benefícios para o processamento sensorial foram mostrados como resultado de...

O Irmão recuou e então pareceu irritado, enquanto ambos, Qhuinn e Wrath o encararam como se ele tivesse mudado de seus couros para um vestido rosa e chinelos de quarto.

— O quê? Só estou falando — V revirou os olhos. — Eu não me importo, sabe. De modo nenhum.

— De volta à visita — continuou Wrath. — Estou assumindo que sua maior preocupação sobre Layla tirá-los daqui é a segurança, e não há lugar melhor para ela estar com eles, porque ela não pode ficar aqui.

Qhuinn cruzou os braços e olhou para o tapete. Então ele andou de um lado para o outro, passando pelas estatuas de mármore que foram esculpidas por seres humanos conhecidos como gregos e romanos. As formas masculinas eram poderosas e posicionadas em várias poses, suas mãos vazias agarrando lanças que haviam sido perdidas ao longo dos séculos — e os acessórios de conflito não eram as únicas coisas que estavam faltando. Alguns tinham membros que paravam no cotovelo ou no joelho, algum acidente ou outro despojando-os do que era necessário para completá-los. Um estava até sem cabeça.

Naturalmente, ele pensou na parte essencial dele que havia perdido recentemente.

Seu Blay.

E agora... seus filhos?

Enquanto Qhuinn se virava e voltava devagar, V estendeu a mão sobre a sola de sua shitkicker e enfiou a metade do cigarro no bolso traseiro de sua calça de couro. Então o irmão deslizou furtivamente sua palma sem luva para o cabo de uma calibre quarenta embaixo do braço.

Boa jogada, pensou Qhuinn, porque ele estava ficando com raiva. De fato, até mesmo a hipótese daquela Escolhida levando seus filhos a qualquer lugar estava fazendo essa raiva faiscante começar a vibrar na base de seu crânio.

Exceto então ouviu a voz de V dentro de sua cabeça.

Você vai ser igual ao seu pai.

Enquanto as palavras ricocheteavam de um lado a outro de seu espaço craniano em branco, ele sentia como se estivesse preso entre estar onde estava... e comportar-se como deveria.

No final, a lembrança desses buracos de bala pesou na escala.

Olhando para Vishous, ele disse rudemente:

— Você pode manter sua arma onde está.

— Virando uma nova página de sua vida? — V disse de forma arrastada sem abaixar a mão. — E em tão pouco tempo também. Então você está exausto ou esperando por uma oportunidade melhor.

Qhuinn focalizou os olhos na porta fechada da suíte de seus filhos, vendo através dos painéis para o quarto além. Imaginava os doces momentos como aquela luz noturna, os berços com suas fitas e a pequena letra cursiva *R* acima da cama de Rhamp e o *L* sobre Lyric.

— Nenhum dos dois — ouviu-se dizer depois de um tempo. Embora estivesse cansado até o ponto de zumbi.

— Então você aceita meus termos — Wrath incitou.

— Eu não quero ter que ver Layla — Qhuinn balançou a cabeça. — Nunca mais. Nós terminamos, eu e ela. E quero falar pessoalmente com Amalya, a Directrix. Eu quero ter certeza absoluta de que eles podem ir e voltar bem. Além disso, se Layla tenta mantê-los lá...

— Ela não vai.

— Como você sabe disso? — disse Qhuinn amargamente.

— Ela me disse como é importante para você vê-los.

— E você acreditou nela?

Wrath tocou o lado de seu nariz.

— Você acha que eu não saberia se ela estivesse mentindo? E me dá um tempo. Ela não é a fonte de todo o mal do mundo.

— Esse seria o Ômega — disse V secamente. — No caso de ter esquecido.

— Então está feito — Qhuinn não se incomodou em discordar sobre o assunto da Escolhida com eles.
— Temos de assinar alguma coisa?

O Rei sacudiu a cabeça.

— Não, a menos que você insista. Todos nós sabemos como vai ser.

— Sim. Acho que sim.

Depois que Wrath, George e V foram embora, Qhuinn ficou onde estava, olhando para as estátuas. Estava indeciso de ir até a porta de Z e deixar o irmão saber que a barra estava limpa. Mas no final, ele voltou para dentro do quarto.

Uma rápida checada no relógio e sabia que estaria na hora da mamadeira em cerca de uma hora. Fritz e o *doggen* tinham grande orgulho em entregar o leite prontamente no horário e na temperatura perfeita. Alimentar dois de uma vez ia ser uma coisa, mas ele descobriria.

Deus... Blay adorava fazer a coisa da mamadeira. Amava fraldas, mesmo aquelas que enchiam seus olhos d'água.

Qhuinn voltou para os berços e pensou em Layla levando os dois bebês a outro lugar. Ele literalmente não podia imaginar — e cada osso em seu corpo, cada instinto paternal que ele tinha, gritava para ele parar a loucura. Não se importava que ela os tivesse parido. Não. Não estava nem aí para o que o Rei disse. E discordava completamente do consenso geral de que aquela traidora com uma túnica branca tinha qualquer direito de estar no mesmo CEP que os seus filhos.

Muito menos levá-los para longe dele.

Olhando para Lyric, ele franziu o cenho. Havia tanto de Layla na menina, da forma do rosto às mãos...

As mãos eram realmente estranhas. Uma cópia carbono em miniatura.

Quando suas emoções se agitaram, ele se afastou dela. E focou em Rhamp.

TRINTA E UM

À medida que o amanhecer chegava, pelo menos de acordo com o relógio digital na mesa de cabeceira, Xcor sentiu uma oscilação de dor residual atravessar seu corpo inteiro.

Em pensar onde ele esteve há apenas vinte e quatro horas atrás.

Se algum anjo tivesse vindo até ele e tivesse dito que, na mera mudança de um único dia e noite, ele passaria de estar na porta da morte para deitar ao lado do seu amor em uma casa segura de propriedade da Irmandade? Ele teria chamado impossibilidade em qualquer destino.

Mesmo que tivesse sido proferido pela própria Virgem Escriba.

Ele olhou para Layla. Sua fêmea estava desmoronada em seu peito, esparramada sobre ele como o melhor cobertor que alguém já teve. E parte do que ele tanto amava neste momento? Além do fato de que estava completamente saciado sexualmente, assim como ela?

Ela dormia profundamente. A Escolhida Layla estava completamente relaxada, seu corpo solto e lânguido, sua respiração uniforme, suas pálpebras duramente abaixadas como se tivesse sido há muito, muito tempo desde que ela teve um bom descanso.

Na verdade, a qualidade de seu sono importava para ele por muitas razões, a mais importante era que ela não poderia estar tão em paz se não tivesse fé que ele cuidaria dela. Mantendo-a segura. Protegendo-a contra qualquer ameaça.

Como um macho vinculado, a segurança de sua fêmea era sua fonte final de propósito, sua confiança nele era seu maior ponto de orgulho, seu bem-estar seria colocado diante de qualquer coisa e tudo mais.

Servi-la era o uso mais elevado e melhor de sua vida, e foi com grande tristeza que ele reconheceu que este era um trabalho que não iria desfrutar por muito tempo.

Wrath tinha razão em fazer com que o Bando de Bastardos jurasse sobre aquele diamante negro antes que todos fossem banidos por decreto real para o Antigo País. Os lutadores de Xcor eram ladrões e renegados com muitos princípios — e se ele, Xcor, ordenasse a eles para mudar sua fidelidade ao Rei Cego? Eles fariam isso e manteriam sua palavra, embora não por causa do que teriam jurado a Wrath. Mas por causa de sua lealdade a Xcor.

Apenas por ele dariam suas vidas.

Porém, a Irmandade não compraria tudo isso. Não, eles só seriam persuadidos por um juramento ao soberano deles — e mesmo assim, a paz negociada seria tênue.

Mais uma vez, o Bando de Bastardos teria que deixar o Novo Mundo.

Mas como iria encontrá-los? Caldwell era uma cidade grande se você queria cruzar caminho com alguém que não tinha objeção em ser localizado. Tentar descobrir o paradeiro de um grupo de machos que definiram suas noites e dias por estarem escondidos e ficarem assim?

Quase impossível. E isso assumindo que eles não tivessem decidido voltar a cruzar o oceano.

Com um suave suspiro, Layla se moveu contra ele, reposicionando a cabeça em seu braço. Procurando acalmá-la ainda mais, esfregou as costas dela lentamente com a palma da mão.

Ele sabia que devia fechar os olhos e seguir seu exemplo, mas não havia nenhuma chance disso. Felizmente, estava acostumado a ficar sem dormir.

Deitado no escuro com seu amor, Xcor ficou maravilhado com o modo como ela o transformara. E então voltou ao seu passado.

Era difícil não se perguntar o que teria acontecido se ele tivesse decidido não roubar aquele grupo de lutadores naquela floresta em particular, e naquela noite específica. Mais difícil ainda não lamentar aquela decisão única que tinha levado a tantas outras coisas.

Porque um mal o tinha encontrado...

O Bloodletter.

Querida Virgem Escriba, Xcor pensou enquanto encarava o tremendo vampiro que tinha aparecido da floresta do nada e o jogou no chão. De fato, parecia que Xcor tinha tentado roubar, mas depois teve que matar... um esquadrão de machos do Bloodletter.

Ele iria morrer por isso.

— *Você não tem nada a dizer?* — O grande guerreiro exigiu enquanto estava de pé sobre Xcor. — *Sem desculpas pelo que você tirou de mim?*

No vento agora vivo, o Bloodletter saiu de cima de Xcor e foi pegar a cabeça cortada pelos cabelos, pendurando-a de tal forma que o sangue escorria do pescoço aberto.

— Você tem alguma ideia de quanto tempo leva para treinar um destes? — O tom era mais irritado do que qualquer outra coisa. — Anos. Você, em uma noite... em apenas uma luta... me roubou um vasto investimento de meu tempo e energia.

Com isso, ele jogou a cabeça de lado e Xcor estremeceu quando a cabeça saltou através da vegetação rasteira.

— Você — o Bloodletter apontou para ele — deve me compensar.

— Não.

Por um momento, o Bloodletter pareceu surpreso. Mas então ele sorriu com todos os dentes.

— O que você disse?

— Não haverá reparações — Xcor se levantou. — Nenhuma.

O Bloodletter jogou a cabeça para trás e riu, o som viajando pela noite e afugentando uma coruja acima e cervos em outro lugar.

— Você está louco, então? Foi a insanidade que lhe deu tanta força?

Xcor deslizou lentamente para o lado e recuperou a foice mais uma vez. Suas palmas estavam suando e o aperto era escorregadio, mas ele segurou a arma com toda a força que pôde.

— Eu sei quem você é — disse Xcor suavemente.

— Sim. Diga — mais com aquele sorriso hediondo e sanguinário, enquanto as rajadas apanhavam longos cabelos trançados. — Eu prefiro ouvir minhas proezas saírem das bocas dos outros... Antes de eu matá-los e foder seus cadáveres. Diga, é isso que você já ouviu falar de mim? — O Bloodletter deu um passo adiante. — É isso o que mais o deixa horrorizado? Eu te prometo, você não sentirá nada. A menos que eu decida que quero que você ainda respire. Então... então você saberá a dor da possessão, eu te prometo isso.

Era como se Xcor estivesse sendo confrontado pelo puro mal, um demônio de carne e osso, e colocado sobre a terra para atormentar e torturar almas que de outra forma seriam puras.

— Você e seus homens são ladrões — Xcor seguiu cada contração naquele corpo, desde a ondulação das mãos até a mudança de peso de um pé para o outro. — Vocês são profanadores de mulheres e da própria lei em si, não servindo ao único e verdadeiro Rei.

— Você acha que Wrath está vindo para você agora? Jura? — O Bloodletter fez uma demonstração de olhar ao redor da floresta vazia. — Acha que seu governante benevolente vai aparecer aqui e interceder em seu nome e salvá-lo de mim? Sua lealdade é louvável, suponho, mas não é um escudo contra isso.

O som de metal sobre metal era como um grito na noite, a lâmina do Bloodletter emergia tão longa quanto a da foice.

— Ainda prometendo lealdade, não é? — disse o Bloodletter com voz arrastada — Você está ciente, eu me pergunto, que o Rei está longe de ser encontrado? Que depois do assassinato dos pais dele, ele desapareceu? Então não, eu acho que você não será salvo por pessoas como ele — um rosnado pulsante começou. — Ou qualquer outra pessoa.

— Vou me salvar.

Naquele momento, as nuvens perderam a batalha com os elementos do vento, a cobertura pesada se separando e fornecendo uma fenda através daquele brilhante luar iluminando o céu noturno, brilhante como a luz do dia que Xcor não tinha visto desde antes de sua transição.

O Bloodletter recuou. E então inclinou a cabeça para um lado.

Houve um longo momento de silêncio, durante o qual nada se agitou, exceto pelos galhos de pinheiros e os arbustos.

E então o Bloodletter... embainhou sua adaga.

Xcor não abaixou sua arma. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas estava muito ciente de que não devia confiar no inimigo — e ele se colocara contra esse temido guerreiro por meio de suas ações em legítima defesa.

— Então venha comigo.

No início, Xcor não compreendeu as palavras. E mesmo quando o fez, ele não entendeu.

Ele balançou sua cabeça.

— Vou para o meu túmulo antes que eu vá a qualquer lugar com você. Em todo caso, dá no mesmo.

— Não, você vem comigo. Vou te ensinar os caminhos da guerra e você servirá ao meu lado.

— Por que eu faria isso?

— É o seu destino.

— Você não me conhece.

— Eu sei exatamente quem você é — O Bloodletter acenou com a cabeça para o corpo decapitado. — E isso torna aquilo muito mais compreensível.

Xcor franziu o cenho, um súbito acelerar que não tinha a ver com medo vibrando em suas veias.

— Que mentiras você fala.

— Seu rosto diz tudo. Pensei que você fosse apenas um rumor, uma porção de fofoca. Mas não, não com sua adaga e esse lábio. Você vem comigo e eu vou treiná-lo e colocá-lo para trabalhar contra a Sociedade Lessening.

— Eu sou... um ladrão comum. Não um guerreiro.

— Não conheço qualquer ladrão que possa fazer o que você acabou de fazer. E você percebe isso também. Negue tudo o que quiser, mas você foi criado para esse resultado, perdido no mundo, e agora encontrado.

Xcor sacudiu a cabeça.

— Eu não vou com você, não... Não, eu não vou...

— Você é meu filho.

Agora Xcor abaixou a foice. Lágrimas vieram aos seus olhos e ele piscou, decidido a não mostrar fraqueza.

— Vem comigo — repetiu o Bloodletter. — E vou te ensinar os caminhos da guerra. Eu vou te endurecer como aço temperado pelo fogo, e não me desiludirá.

— Você ainda conhece a minha mahmen? — Perguntou Xcor fracamente. — Onde ela está?

— Ela não quer você. Nunca quis.

Isso era verdade, pensou Xcor. Era o que a babá lhe dissera.

— Então você virá comigo agora, e eu vou pavimentar o caminho para o seu destino. Você vai me suceder... se o treinamento não o matar.

Xcor voltou ao presente abrindo as pálpebras que ele desconhecia ter fechado. O Bloodletter esteve certo sobre algumas coisas e errado sobre outras.

O treinamento no campo de guerra tinha sido muito pior do que Xcor poderia ter imaginado, os combatentes lutando entre si por comida e água escassas, e também quando eram colocados uns contra os outros por esporte e competição. Tinha sido uma existência brutal que, noite após noite, semana após semana, mês entrando e saindo... Durante todo o curso daqueles cinco anos... Fazendo exatamente o que o Bloodletter tinha prometido.

Xcor tinha sido endurecido em aço vivo, sua compaixão e emoções despojadas de si como se nunca tivessem existido, a crueldade sobre crueldade em camadas sobre ele até que sua natureza tinha sido suprimida por tudo o que ele tinha visto primeiramente, e feito logo depois.

Sadismo podia ser treinado em uma pessoa. Ele era a prova viva disso. E também era viral, de tal forma que tinha feito em Throe o que o Bloodletter tinha feito em si mesmo, sujeitando o ex-aristocrata a uma barragem de indignidades, desafios e insultos. O efeito tinha sido semelhante também: Throe também tinha subido para os testes, mas também foi azedado por eles.

Como era, então tinha acabado por ser. Embora diferente de Xcor, Throe parecia não ser mediado por qualquer força abençoada, sua ambição ainda não controlada.

Ou pelo menos tinha sido antes do rapto de Xcor — e havia pouco que sugerisse que qualquer mudança nas proclividades ou ambições do macho pudesse ter acontecido no decorrer do tempo.

Foi por isso que Xcor se esforçou para advertir Wrath sobre o macho.

Xcor acariciou o ombro de Layla e ficou maravilhado com o efeito dela sobre ele, sua habilidade de cortar a armadura de sua agressividade e hostilidade e alcançar o macho abaixo, o real.

Aquele com quem havia perdido contato há muito tempo.

Ela era seu reajuste, o mecanismo de reversão que o levou de volta para quem ele tinha sido antes de seu destino ter cruzado caminho com o Bloodletter.

Uma imagem desse horrível guerreiro veio à sua mente tão claramente como se ele tivesse visto o macho na noite anterior. Tudo, desde aquela testa pesada até aqueles olhos penetrantes, a mandíbula saliente e pescoço grosso, a circunferência e largura daquele corpo maciço. Ele tinha sido um mesomorfo entre os enormes, uma força da natureza que envergonhava a fúria quente das tempestades de verão e a natureza explosiva e fria das nevascas de inverno.

Ele também tinha sido um mentiroso.

Quem quer que fosse o pai de Xcor, não era ele. A verdadeira prole do Bloodletter disse isso a ele.

Xcor balançou a cabeça de um lado para o outro no travesseiro macio tentando limpar seus pensamentos.

Durante tanto tempo ele quis saber quem foram seus pais, algo que ele supunha ser verdade para a maioria dos órfãos do mundo: mesmo que ele fosse indesejado por eles, mesmo que não tivesse nenhuma relação com eles, ele ainda tinha desejo de saber suas identidades.

Era difícil de explicar, mas sempre sentiu que estava sujeito a uma certa falta de gravidade quando se movia pela terra, seu corpo possuía uma leveza essencial que, em retrospecto, o predispôs a cair na ideologia de destruição, caos e morte do Bloodletter.

Quando você não tinha nenhuma bússola própria, qualquer um faria.

E, no seu caso, o mais aviltado, o mal que qualquer um poderia imaginar tinha sido o que ele tinha caído e abraçado.

Deus, ele tinha arrependimentos.

O Bloodletter tinha falado de treinar para a guerra, mas tinha ficado bastante claro que ele serviu a sua própria sede de sangue ao invés de qualquer defesa da espécie... E mesmo assim, Xcor tinha seguido com isso tudo: uma vez que ele teve um gosto do orgulho paternal, mesmo que pervertido, a aprovação se tornara a droga que precisava, o antídoto para o buraco dentro de si mesmo.

Exceto que o paternalismo não passara de uma quimera, como se verificou. Uma mentira que tinha levado uma verdade inesperada a ser descoberta.

Com a perda do macho, Xcor se sentiu como se tivesse sido abandonado pela terceira vez: a primeira foi em seu nascimento. A segunda quando a mulher que foi sua babá... ou alguém para ele... tinha partido.

E então a terceira foi quando a falsidade do Bloodletter, sem dúvida construída para garantir que Xcor fosse com ele para o seu campo de guerra, tinha caído, com a notícia entregue de uma fonte que era inegável.

A irmã de sangue de V, Payne, matou seu verdadeiro pai, o Bloodletter.

Matou a mentira também.

Mas estava tudo bem, pensou Xcor. Ao encontrar seu amor? Todas as suas buscas tinham terminado. Ele estava perseguindo uma família que não existia porque nunca o quiseram. Ele estava procurando mais fontes externas para encher sua cisterna interior. Ele foi feito para assumir qualquer sistema de valores diferente do seu.

E quanto a não mais tentar encontrar o que não existia? Ele descobriu o destino que sempre procurara dentro de si mesmo, e parecia... bom.

Era bom estar completo.

Era bom se oferecer sem reserva ou hesitação a uma fêmea de valor que ele amava com tudo o que tinha nele.

Xcor franziu o cenho. Mas Destinos, como ele iria deixar sua Layla? Destino era o que era, no entanto, e por mais que ele se melhorasse, tão bom como ele estava agora... Não poderia apagar seu passado ou as dívidas que ele tinha que pagar por tudo o que tinha feito. Nada poderia fazer isso.

Na verdade, ele não seria digno dela. Mesmo que o grande Rei Cego não o tivesse mandado para deportação, ele teria se voluntariado de bom grado.

Eles só tinham que fazer o pouco tempo que eles tinham sido deixados juntos contar.

Por uma vida.

TRINTA E DOIS

Na noite seguinte, à medida que a noite chegava sobre Caldwell, Blay tentou sair para a varanda dos fundos para o primeiro cigarro depois de acordar. A configuração era perfeita. Ele tinha sua caneca YETI cheia de café Dunkin Donuts, feito por sua *mahmen* vindo dos pequenos ícones que você podia encomendar online, e seu maço de Dunhills — que ele estava racionando porque tinha apenas seis restantes, e estava usando uma parka da Patagônia que tinha mais plumas do que todos os travesseiros da casa.

É, era um bom plano. Cafeína e nicotina era missão crítica quando você não tinha dormido por mais de quinze minutos se prolongando durante o dia todo, e não queria morder a cabeça de todos ao seu redor.

O problema? Quando ele tentou abrir a porta da varanda, teve que empurrar com o ombro.

E então ele ficou com o rosto cheio de neve.

Recuando, ele amaldiçoou e fechou a porta de volta.

— Puta merda, está ruim lá fora...

O barulho de alguma coisa caindo na cozinha foi alto e envolvia algo que soava como uma panela de aço inoxidável ou talvez uma assadeira pelo menos, pela natureza do tipo címbalo do *claaaaaaaaaaaaaang*.

— Mãe? — Ele gritou.

Esquecendo tudo sobre sua saída química, ele se apressou para o outro cômodo...

...e encontrou sua *mahmen* no chão na frente do fogão, o tornozelo torcido em um ângulo antinatural, o rocambole de noz-pecã que ela esteve colocando no forno no chão, a assadeira estava a um metro de distância dela.

Blay largou o café e o pacote de cigarros no balcão e correu para se ajoelhar ao lado dela.

— *Mahmen*? Você bateu a cabeça? O que aconteceu?

Lyric sentou-se com uma careta, apoiando seu corpo com os cotovelos.

— Eu só queria ter isso pronto antes que seu pai descesse para a Primeira Refeição.

— Sua cabeça, você bateu com a cabeça? — Quando empurrou os cabelos dela de lado, ele rezou para que não fosse encontrar sangue. — Quantos dedos estou mostrando?

Ela afastou a mão dele do caminho.

— Blay, estou bem. Pelo amor de Deus, eu não bati minha cabeça.

Ele se sentou pra trás. A fêmea estava em seus jeans-mamãe padrão, sua camiseta vermelha cereja brilhante gola rolê branca fazendo ela parecer um cruzamento entre a esposa de Papai Noel e a Sra. Taylor do *Home Improvement*. E ela parecia bem, seus olhos o seguindo, sua cor boa, afetada pelo constrangimento, não pelo trauma.

— Blay, eu só escorreguei no tapete. Estou bem.

— Bom, porque isso significa que eu posso gritar com você. Onde diabos está sua bota? Por que não está no seu pé?

Abruptamente, sua *mahmen* fingiu estar aturdida, balançando seus cílios e mexendo suas mãos como se ela não pudesse ver.

— São dez dedos? Doze?

Quando ele a encarou, ela estremeceu encabulada.

— Essa coisa de bota é tão desagradável, e este é um espaço tão apertado. Eu ia colocá-la logo que eu fizesse os ovos.

— Você escorregou... ou virou seu tornozelo?

Quando ela não respondeu, Blay supôs que era o último, e se moveu para baixo até seu pé. No instante em que tentou até mesmo tocar o chinelo que ela usava, ela sibilou e ficou branca como um lençol.

— Está tudo bem — ela disse se fazendo de forte.

Ele focou em seus lábios finos e no modo como suas mãos tremiam.

— Eu acho que você deslocou seu tornozelo de novo. E talvez tenha quebrado algo, eu não sei.

— Vai ficar tudo bem.

— Sabe, essas são minhas três palavras menos favoritas. Quinn diz isso sempre que... — Ele cortou isso e ignorou a maneira como sua mãe olhou para ele. — Você pode se desmaterializar? Porque tenho certeza que a Doutora Jane precisa dar uma olhada nisso. Não, Manny. Ele é o cara dos ossos.

— Oh, isso não é necessário.

— Por que não deixamos papai decidir? — Quando os olhos dela brilharam, ele disse: — Ou você poderia ser razoável e ir comigo sem se queixar.

A expressão de Lyric ficou aborrecida, mas ele sabia que a tinha pegado. Desde as invasões, seu pai tinha sido um pouco superprotetor de sua companheira. Parecia ficar histérico com as coisas mais ridículas — cortes de papel, unha quebrada, o que significava que quando Lyric tinha escorregado no degrau da frente ao ir buscar o jornal umas duas noites antes, o pobre homem tinha acabado de enlouquecer.

E essa lesão foi pior do que a primeira.

— Você pode desmaterializar? — Blay perguntou.

— Acha mesmo que é necessário?

— Você mesma pode responder a isso. Gostaria de tentar se levantar?

Sua mãe olhou para seu pé.

— Gostaria de colocar essa maldita bota.

— Eu também.

Ela franziu a testa.

— Como faço para chegar à clínica do centro de treinamento? Mesmo que eu possa me desmaterializar, eu não sei onde é a sua verdadeira localização.

— Podemos chegar perto e mandar buscá-los — Blay ficou de pé e olhou para o teto. Lá em cima, ele podia ouvir seu pai se movendo, vestindo-se. — Acha que vai ser melhor ou pior irmos sem ele saber?

— Podemos enviar uma mensagem para ele? Diga-lhe que vamos voltar. Diga a ele... que fomos ao supermercado.

Sua mãe detestava mentir, mas odiava chatear mais seu *hellren*. E Blay teve que apoiá-la neste caso raro. Seu pai ia ter um troço sobre isso.

— Vamos — Blay tirou o telefone e começou a enviar um texto para a Doutora Jane. — Você conhece aquele mercado de vegetais à beira da Rota 9? O que está alojado no celeiro?

Exceto que mesmo enquanto falava, pensou em tentar abrir a porta da varanda e se perguntou em que diabos estava pensando. Sua mãe precisava desmaterializar em algum lugar quente e seco com seu tornozelo. Esse celeiro não era aquecido e provavelmente estava trancado. Era melhor do que a porra da floresta, mas realmente?

O que ele estava pensando?

Abaixou o telefone com o texto a meio caminho e olhou para sua *mahmen*. Ela fechou os olhos e encostou a cabeça para trás no azulejo — ea mão que estava em seu estômago tinha se contraído em uma garra.

A outra estava tremendo no chão ao lado dela, suas unhas aparadas batendo.

— Você não pode desmaterializar — disse ele prostrado. — De jeito nenhum.

— Claro que eu posso.

Mas a negação era fraca.

E então seu pai entrou na cozinha, uma gravata a meio nó em volta da sua garganta, seu cabelo ainda molhado e penteado em algo que o Ken da Barbie iria estremecer, cada fio individual bem ordenado e aparentemente congelado no lugar.

—... vídeo conferência com meus clientes e... Lyric! Oh, meu Deus, Lyric! — Enquanto seu pai corria para o lado de sua mãe, Blay olhou para a porta que abria para dentro da garagem. Seus pais começaram a discutir, mas ele cortou tudo isso.

— Pai, faça a minha noite melhor e me diga que seu carro é 4x4.

De volta à mansão da Irmandade, Qhuinn estava fazendo algo que era inconcebível: ele estava enchendo uma bolsa preta cheia de mamadeiras, leite em pó e água destilada. Fraldas. Toalhas. Pomada. Chocalhos e chupetas.

Naturalmente, a rotina inteira do “encher a bolsa” não era grande coisa. Normalmente, porém, seu equipamento era mais da variedade Smith & Wesson ou Glock e Beretta, o tipo de coisa que vinha com balas e mira laser, não Pampers e produtos de bebês.

A outra razão era estranha porque não podia acreditar que estava fazendo as malas para que seus filhos saíssem de casa. Sem ele.

Eles eram tão pequenos. E ele realmente não os queria perto dessa mulher afinal.

Ele se recusava a se referir a Layla como *mahmen* mais, mesmo que fosse apenas na sua cabeça.

Mas era o que era. Ele tinha ido até o Santuário com Amalya, a Directriz das Escolhidas, e ela o havia acompanhado pela paisagem bucólica, mostrando-lhe a piscina refletindo e os templos, o dormitório, os aposentos particulares da Virgem Escriba.

Onde Layla estaria com seus filhos.

Tinha sido impossível discutir com o aparato. A merda era ainda mais segura do que estava sendo a mansão, puta merda, e Amalya tinha assegurado que seus filhos seriam capazes de entrar e voltar sem problema.

E quando pressionada, ela tinha garantido que iria trazer seus filhos de volta pessoalmente. Se Layla causasse algum problema.

Uma batida suave na porta do quarto trouxe sua cabeça pra cima da sacola.

— Sim.

Beth entrou e ela estava muito mais moderada. Mas aí, ela tinha conseguido o que queria.

— Parece que você tem tudo pronto.

Ele olhou para baixo para o que ele tinha embalado.

— Sim.

Houve uma longa pausa.

— Vai ficar tudo bem, Qhuinn. Estou orgulhosa de você por...

— Sem ofensa, mas você pode estar com seu filho 24 horas por dia, porque a pessoa com quem você teve a coisa não é um mentiroso e um traidor. Então você tem que me desculpar se sua versão de “tudo bem” e a minha são ligeiramente diferentes — ele se afastou do pé da cama. — Eu não estou autorizado a ter o meu “tudo bem”, que seria meus filhos ficando aqui neste quarto enquanto eu vou lutar. Meu “tudo bem”, não está acontecendo fora no campo, defendendo a Raça, com a metade da minha mente pensando se Layla iria ou não devolvê-los para mim quando ela deveria. E o meu “tudo bem”, certeza como merda, não envolve aquela fêmea ter qualquer contato com eles nunca mais. Eu não preciso que você esteja orgulhosa de mim e não quero a sua falsa preocupação. Tudo que eu preciso de você é cuidar dos dois enquanto eu saio dessa casa.

Beth cruzou os braços sobre o peito e balançou a cabeça lentamente.

— O que aconteceu com você?

As palavras foram pronunciadas tão calmamente, ficou claro que ela estava falando para si mesma.

— Sério? Você está de verdade perguntando isso.

Qhuinn se afastou dela e foi para os berços.

Ele deu uma olhada para Lyric e então focou apropriadamente em Rhamp, colocando sua chupeta de volta em sua boca.

— Seja corajoso lá em cima, meu garoto — Qhuinn acariciou o tapete de cabelo escuro. — Vejo você em 24 horas. Moleza, certo?

Errado.

Era tão difícil se afastar. Seu peito estava em chamas com uma dor que se afundava em seu DNA... especialmente quando seus olhos passaram por Lyric uma última vez. Ele queria ir até ela, mas simplesmente não podia olhar para aquele rosto.

Não podia vê-lo agora.

Enquanto passava por Beth, manteve os olhos direto adiante. Não confiava em si mesmo para abrir a boca nem sequer para um adeus. Sem dúvida, ele acabaria avançando sobre a Rainha, e isso não iria ajudar ninguém.

Agarrando suas armas e sua jaqueta de couro de uma cadeira, ele saiu e fechou a porta silenciosamente atrás de si mesmo. Ele não sabia exatamente quando Layla iria vir — depois do pôr do sol, claro, mas isso já fazia um tempo. Ela provavelmente estava para chegar a qualquer minuto...

— Você está pronto para a reunião?

Ele olhou por cima do ombro. Z estava saindo de sua suíte, e o irmão estava armado e pronto para lutar, todos os tipos de metal pendurado dele, seus olhos amarelos estreitos e astutos.

Aquela cicatriz em seu rosto, aquela que percorria sua bochecha e distorcia seu lábio superior, fez Qhuinn pensar na carranca fodida de Xcor.

— Nós temos uma reunião? — Qhuinn perguntou enquanto pescava seu celular da jaqueta de couro.

Ele estava checando a maldita coisa apenas para ver se Blay esticou a mão para um telefonema ou um texto. Uma foto. Uma porra de um emoji.

Nada. E ele não tinha prestado atenção em mais nada.

Bem. Quer saber? Um texto de grupo chamando a Irmandade ao estúdio de Wrath. Precisamente a essa hora.

— Acho que temos — ele murmurou enquanto colocava o celular de volta no casaco e seguia Z.

Não houve nenhuma conversa entre eles no caminho para o estúdio, e isso estava bem para Qhuinn. E quando entrou na reunião, ele manteve a cabeça baixa e foi até o canto mais distante do fogo. A última coisa que precisava era reviver a fodida merda colossal que a noite anterior tinha sido. Todos sabiam os fatos, e a merda era que sabia que todos tinham dado a ele um pedaço de suas mentes quando esteve trancado no Tumba.

Nenhuma razão para que eles não pudessem, coletivamente, anotar aquilo como um grande momento tido por todos.

Ainda assim, a coisa toda dele descarregando uma arma na casa tinha algum terreno atrás para cobrir sobre isso. Sempre poderia haver uma reedição sobre aquilo.

Ou talvez houvesse uma porta número três, algo que, abençoadamente, nada tinha a ver com ele.

Wrath estava sentado atrás de sua ornamentada escrivaninha, no trono que tinha sido de seu pai durante tantos anos. E Vishous estava bem ao seu lado com uma das mãos enrolada na luva, seus olhos gélidos percorrendo o grupo. Butch estava no sofá com Rhage, aquela frágil antiguidade francesa que parecia estar bem acima da sua capacidade de peso. Z tinha tomado seu lugar ao lado de Phury junto às estantes. E Rehv estava lá.

Quando John Matthew entrou, o cara olhou ao redor, e quando viu Qhuinn veio em sua direção. Ele não assinalou nada, apenas recostou-se na parede e colocou as mãos nos bolsos de sua calça de couro.

Qhuinn olhou para seu amigo.

— Você e eu éramos suposto fazermos par esta noite.

John assentiu e retirou as mãos. *Não acho que vamos a lugar algum.*

— Eles não vão me deixar ir para o campo?

Não, a tempestade de neve. Queda recorde. Inacreditável para esta época do ano.

Qhuinn deixou sua cabeça cair para trás então bateu no gesso atrás dele. Apenas sua fodida sorte. Não havia como permanecer a noite toda nesta casa enquanto seus filhos estivessem com aquela fêmea, Blay não estava falando com ele, e seus irmãos ainda estavam chateados por toda aquela coisa do Xcor escapando da Tumba.

Foda-se essa merda, ele pensou. Ele não estava numa prisão. Ele não tinha que...

Wrath falou do trono.

— Então vamos acabar logo com isso.

Qhuinn cruzou os braços sobre o peito e se preparou para outra rodada de como ele era horrível.

— Sabemos onde está Xcor — anunciou o rei. — E ele vai trazer os Bastardos para mim.

Instantaneamente a sala explodiu com palavrões e maldições, os Irmãos batendo suas shitkickers, todo mundo em pé — o próprio Qhuinn chocado. O macho estava de novo sob custódia? Certamente alguém teria dito a ele...

Ele pensou na bagunça que tinha feito na Tumba e decidiu... não, a Irmandade já teve muito dele e Xcor por agora.

— Ele é meu! — Tohr berrou acima do barulho. — Ele é meu para matar!

Isso é bastante discutível, pensou Qhuinn, mas guardou para si mesmo. Localizadores, assassinos, e toda essa merda.

Se ele chegasse a esse filho da puta primeiro, ele iria matá-lo e pro inferno...

— Não, ele não é — disse Wrath. — Ele não é de ninguém para matar.

Quando as palavras do Rei caíram, todos se calaram, e V entrou atrás de Tohr como se estivesse preparado para dar uma gravata no irmão.

Espere... disse o que? Pensou Qhuinn.

— Vocês me entenderam — ordenou o rei. — Ninguém vai matá-lo.

E então, como para dirigir o comando da casa, Wrath olhou primeiro para Tohr... e depois diretamente para Qhuinn.

TRINTA E TRÊS

Na casa segura da Irmandade, Xcor estava no chuveiro, o rosto virado para o fluxo de água, seu corpo recuperando mais força a cada minuto. Assim que a noite tinha caído, ele deixara Layla dormindo na cama que tinham compartilhado e subiu para a cozinha, onde tinha localizado todo tipo de calorias e começado a consumi-las. Não importava para ele que as combinações fossem pouco apetitosas: tinha suco de laranja com sorvete de chocolate com pedaços de chocolates e menta, tirou uma lata de chili sem se preocupar em aquecê-la, pão com manteiga, ambos inteiros, todos os cortes de frios e fatias de queijo, e as pizzas do freezer.

As quais ele teve que assar no forno porque não podia mordê-las congeladas.

Ele iria precisar tornar a estocar os suprimentos, embora não soubesse como. Nunca lidou com o dinheiro de seu grupo e, portanto, não tinha acesso a contas bancárias ou recursos financeiros. E ele não era mais um ladrão.

Throe sempre controlou o fundo deles. Ele sempre foi entre eles, o melhor rosto a ser apresentado em contato com o mundo humano quando era necessário.

Xcor sentiu a presença de Layla no momento em que ela apareceu na porta aberta do banheiro, e quando se moveu para olhar para ela, ele quase caiu de joelhos. Ela estava gloriosamente nua, seus seios altos e rosados, seus quadris lindos, as pernas longas e seu sexo perfeitamente nu para ele, e só ele ver.

Seu pau endureceu instantaneamente.

Mas ele protegeu isso dela. Apesar de terem feito amor ao longo do dia, ele dobrou o comprimento para cima em sua barriga e segurou lá com ambas as mãos.

Ela deslizou silenciosamente pelo chão de mármore, abrindo a porta de vidro e se juntando a ele.

Seus olhos se moveram para onde suas palmas estavam.

— Por que você não se mostra para mim?

Na verdade, ele tinha mantido suas roupas postas durante a noite inteira, puxando a camiseta para baixo quando entrou nela, puxando-a até seus quadris quando ele a embalou contra ele depois.

— Xcor? — Ela sussurrou enquanto o vapor ondulava ao redor dela e sua pele brilhava de gotas de umidade. — Por que você não quer que eu te veja?

Sacudindo sua cabeça, ele preferiu não falar. Era difícil demais colocar em palavras como era difícil ela vendo sua carne. Ela nunca tinha parecido incomodada por seu defeito, nunca pareceu notar ou julgá-lo menos por causa disso — mesmo assim, roupas eram uma máscara que ele preferia usar na presença dela. Tinha sido diferente quando quis repeli-la dele, quando tinha procurado desafiá-la com sua feiura na esperança de que ela se afastasse e parasse a tortura para ambos. Mas agora...

Ele havia sido rejeitado por toda sua vida. No entanto, nada disso importaria se ela se afastasse dele...

Layla caiu de joelhos com a graça do luar caindo do céu. E seu primeiro instinto foi ajudá-la a voltar ficar de pé, como não gostasse da ideia dela no azulejo duro. No entanto, quando ele se curvou, ela o deteve.

Inclinou-se em direção às palmas das mãos dele.

Estendeu a língua...

... e lentamente lambeu o dedo médio de sua mão direita.

Sua língua era lisa, lisa como a água, e macia, macia como veludo. E ele desabou contra a parede do chuveiro.

Os olhos de Layla subiram por seu corpo enquanto ela repetia o movimento — e então sugou o dedo em sua boca. Língua rolando, mais quente agora, assim como o interior dela...

— Layla — ele implorou.

Um a um, ela chupou os dedos dele, afrouxando seu aperto em sua própria ereção, tornando-o tão fraco que suas mãos caíram longe de seu sexo, não porque ele quisesse, mas porque não tinha a força em seus braços para fazer qualquer outra coisa.

Livre de constrangimento, seu pênis esticou para fora dos quadris, a água do chuveiro fazendo o comprimento orgulhoso cintilar. Destinos, ele queria que ela fizesse o que estava prestes a fazer, desejava a sensação dos lábios dela em sua cabeça, seu eixo, queria a sucção e a...

— Porra — ele gemeu quando sua boca o capturou.

Ela não tomou tudo o que ele tinha para oferecer. Ela se concentrou na ponta, provocando-o, recuando e, em seguida, retomando-o um pouco mais — e justo quando ele pensou que ia perder a sua amada razão, ela estendeu a língua e a correu pela cabeça lentamente, oh, tão devagar. E o tempo todo, seus olhos verdes olhando para ele, e a água caindo sobre ela também, pingando de seus mamilos, caindo sobre seu estômago, desaparecendo entre suas coxas abertas.

Xcor teve que se agarrar em tudo que podia encontrar para permanecer de pé, suas palmas das mãos rangendo descendo pelo vidro, mas encontrando um repouso na parede de mármore.

— Oh, Deus, Layla... — Ele teve que fechar as pálpebras. — Demais...

Mas ela não parou. Ela finalmente o sugou, tomando-o todo, mesmo que ele tivesse que estar no fundo de sua garganta.

Ele tinha que olhar. E no segundo que viu seus lábios bem esticados ao redor de sua masculinidade, ele começou a gozar.

— Eu estou... ah, *porra*...

Mesmo que tentasse empurrá-la para trás, só no caso dela não saber o que estava acontecendo, ela não o soltou. Encontrou um ritmo com a sucção e aceitou seu orgasmo em sua boca, suas mãos indo entre as pernas dele e pegando suas bolas.

Xcor acabou de bunda no chão. Literalmente.

Seus músculos da coxa desistiram, e era tudo o que ele pôde fazer para não cair em uma pilha e esmagá-la enquanto desabava. E ainda assim, ela lhe deu prazer enquanto se reposicionava com ele, fazendo-o encontrar outra liberação logo após a primeira, com as pernas abertas para acomodá-la, suas mãos indo para os cabelos molhados dela, a cabeça e pescoço dele sendo espremidos no canto do box.

Quando ela terminou, levantou-se e lambeu os lábios. Enquanto isso, tudo o que ele pôde fazer foi apenas recuperar o fôlego e olhá-la fixamente, sua cabeça mole em cima do pescoço, seus braços caídos frouxamente, o chuveiro que o pulverizava com chuva morna como ele fosse uma rocha na floresta.

— Eu quero fazer o mesmo com você — ele disse em uma voz gutural.

Ela se sentou sobre seus calcanhares e sorriu para ele.

— Você quer?

Ele assentiu com a cabeça. Como um idiota.

— Você parece um pouco cansado, guerreiro — ela murmurou. — Esgotei você?

Xcor estava prestes a negar quando ela foi para trás, encaixando seus ombros no canto distante, espelhando sua pose. Quando suas pálpebras caíram, ela levantou os joelhos... e então os espalhou, dando-lhe uma visão deslumbrante.

— O que você faria comigo? — ela disse com voz arrastada — Você me beijaria aqui?

Ela arrastou a mão elegante descendo pelo lado de sua garganta. E quando ele acenou como um estúpido, ela sorriu.

—Aqui...?

Agora seus dedos estavam na clavícula, e ele acenou com a cabeça novamente.

— Que tal... bem aqui?

Enquanto roçava um de seus mamilos, ele triturou seus molares com tanta força que sua mandíbula deixou escapar um som de estalar.

— Bem aqui, guerreiro? Você me beijaria aqui?

Ela provocou seu próprio mamilo, beliscando-o de modo que sibilou e depois esfregando-o como se estivesse acalmando a sensação. E então sua outra mão deslizou sobre seu estômago.

— Que tal... aqui? — Ela sussurrou enquanto acariciava até o topo de sua fenda.

Um grunhido o deixou, e Xcor disse em uma explosão baixa:

— Sim. Bem aí.

— O que você faria com sua boca? — A ponta de um dedo seguiu a parte externa de seu sexo. — Ou... não, você usaria sua língua, não é, guerreiro? A sua língua...

Ela ofegou enquanto se tocava, seus olhos grudando nos dele quando teve que inclinar a cabeça para o lado, as sensações claramente começando a tirar o melhor dela.

— Você colocaria sua língua aqui...

Xcor se lançou para ela, movendo-se tão rápido que não estava ciente de tomar a decisão de chegar nela. E ele foi rude, empurrando a mão para fora do caminho e selando a boca em seu sexo, tomando o que queria, o que ela tinha provocado nele.

Agora ela era quem jogava as mãos para os lados, procurando manter-se em alguma aparente ordem física. Mas ele não estava tendo nada disso. Ele a puxou para baixo no chão, bateu as palmas das mãos no interior de suas coxas e abriu a boca, entrando profundamente com sua língua, consumindo-a.

Ela gozou com toda força contra o rosto dele, suas mãos enrolando em seu cabelo úmido, puxando até que doeu. Não que ele tenha se importado. Tudo o que lhe importava era entrar nela, fazendo-a dizer seu nome, marcando-a com os lábios e a língua.

Isso não foi suficiente.

Até mesmo quando uma liberação a reivindicou e a jogou para cima nos azulejos, seus ombros se projetaram para trás, seus seios se levantaram, a água em sua pele fazendo sua carne brilhar na pouca luz, ele não estava conseguindo o bastante.

Xcor a montou e empurrou seu pau bem fundo, seus dedos cravando nos ossos do quadril dela e segurando quando ele começou a bater. Agora seus seios estavam balançando, seus dentes inferiores batiam nos superiores, e seus braços sacudiam. Mas seus olhos eram como fogo quando o animal nele subjugava o animal nela.

Ele saiu no último minuto, levantando-se acima dela, seus ombros bloqueando o spray do chuveiro. Agarrando sua ereção, ele era ainda mais brutal consigo mesmo do que tinha sido com ela, sacudindo seu sexo, fazendo-se gozar.

De modo que ele a cobrisse.

Era a marcação de um macho vinculado, uma prática feita para que qualquer outro homem em sua presença fosse totalmente advertido de que se ele se aproximasse dela, melhor ter cuidado.

Ela era de outra pessoa.

Não como propriedade. Mas como algo muito precioso demais para os outros brincarem com isso.

No momento em que Xcor estava terminando com ela, o jato caindo do chuveiro começara a perder seu calor — não que Layla se importasse. Ela tinha seu guerreiro entre as pernas, e ele estava fazendo o que um macho fazia quando reivindicava uma fêmea, um antigo instinto criado na espécie para garantir sua sobrevivência. Isso era cru e era belo, era primordial e ainda muito bem-vindo no mundo moderno.

Pelo menos seu mundo moderno.

Quando ele finalmente caiu sobre ela, ela envolveu seus braços em torno dos ombros escorregadios e fechou os olhos com um sorriso.

— Eu peso demais — ele murmurou em seu pescoço.

Antes que pudesse detê-lo e dizer que ela não se importava que seu cóccix estivesse doendo ou que suspeitava que ela tinha um par de manchas preto-azuladas em seu futuro, ele a estava pegando no colo e levantando-se, segurando-a nos braços como se fosse vidro cortado.

Fora do chuveiro, ele pegou uma toalha branca macia e a envolveu. Depois pegou uma segunda e secou o rosto dela antes de se mover para suas costas. Com suaves apertos, ele puxou a toalha pelo longo comprimento de seu cabelo, enrolando as extremidades, tirando a maior parte da água.

O tempo inteiro ela olhou para ele pelo espelho, memorizando os detalhes de sua expressão, seu corpo, seus cabelos ainda molhados e seu poder. Seu rosto era especialmente querido para ela: os planos ferozes e ângulos tinham suavizado — e ela tinha uma sensação de que ele não teria gostado de ver a vulnerabilidade nele.

— Você estará segura esta noite? — Ele disse em voz baixa. — Enquanto vai para aquela casa? E depois para o Santuário?

— Sim. Eu prometo. Eles não vão me machucar.

— E ninguém mais é bem-vindo lá em cima, certo? Ninguém pode chegar até você?

— Não, outros além das Escolhidas têm que pedir acesso. Não sei como funciona, mas sempre foi assim. Somente minhas irmãs e o Primale são permitidos ir e vir como quiser.

— Bom. Isso é bom.

— Pra onde você vai?

Enquanto esperava sua resposta, seu coração batia mais rápido porque odiava a ideia dele lá fora em Caldwell, sozinho — e também porque temia a passagem da noite. Quanto mais cedo ele encontrasse seus homens, mais cedo ele se afastaria dela.

Quando Xcor não respondeu, o silêncio entre eles era um peso palpável.

— Então eu vou ficar lá em cima durante o dia também — ela disse isso mesmo já tendo dito a ele qual era o plano. — Mas ao cair da noite voltarei para esta casa.

— E eu estarei aqui para te receber.

Enquanto exalava aliviada, Xcor colocou a toalha de lado e pegou uma escova. Começando com as pontas, ele continuou a cuidar de seus cabelos, cuidadosamente removendo os nós.

— Vou sentir sua falta — ela sussurrou para sua cabeça curvada.

Parecia absolutamente incongruente que um homem tão endurecido pela guerra como ele pudesse estar sobre ela assim, aquela escova tão pequena em suas mãos, seus ombros tão grandes atrás dela, seu rosto duro usando essa expressão impossivelmente gentil.

— É só um dia e uma noite — ele se moveu para o topo de sua cabeça, aparentemente encantado com a forma como as cerdas pretas passavam por seus cabelos dourados. — Nós estaremos de volta juntos antes de percebermos.

Layla assentiu apenas porque sentia que seu equilíbrio emocional era de vital importância para ele — e queria fingir que estava bem em seu benefício. Mas sua separação de vinte e quatro horas não era o que estava em sua mente. A que iria durar para o resto de suas vidas era.

Fechando os olhos, tentou não pensar nisso. Seu coração tinha acabado de ser aliviado. Não havia razão para apressar um retorno de tristeza.

— Eu te amo — ela disse.

Xcor parou, seus olhos virando para os dela no espelho.

— O que?

Ela se virou e ergueu os olhos para ele. Querida Virgem Escriba, ela nunca ia se cansar de seu rosto, seu cheiro, seu corpo.

Levantando-se na ponta dos pés, colocou os braços ao redor de seu pescoço e, quando seus seios se aproximaram de seu peito, ela sentiu um calor agora familiar entre suas coxas.

— Eu te amo — ela repetiu.

As pálpebras dele se fecharam e ele pareceu balançar.

Mas então ele abriu as mãos e abaixou os braços.

— Shh... — Ele a beijou uma vez, e depois novamente. — Eu tenho que ir e você também.

TRINTA E QUATRO

Tohr disse a si mesmo, enquanto estava no estúdio francês de Wrath e ouviu um grande balde de mijo sobre Xcor, que ele se seguraria. Ele estava apenas dando um tapa na cara do seu chefe do tipo do “sem problema”, e acenar na hora certa, e talvez dar de ombros uma ou duas vezes.

Como se Wrath deixasse um conhecido criminoso andar livremente apenas porque o filho da puta tinha beijado um anel que não significava nada para ele não era grande coisa. Acontecia regularmente. Sem problema.

Ah, e claro, sim, tá, trazer o Bando de Bastardos para fazer o mesmo era uma ideia perfeitamente sã. Sim, um por um, isso ia realmente reduzir o risco.

— Porque não era como se Xcor e seus rapazes pensassem sobre coordenar de um ataque.

Não. Por que eles fariam isso?

—... todos, e eu quero dizer *todos* — Wrath voltou a cabeça em direção a Tohr novamente e então meneou aqueles óculos escuros ao redor para Qhuinn... — estão a bordo com isso. Depois dos juramentos, eles partirão para o Antigo País e nós terminamos com eles.

Na verdade, Tohr pensou, talvez ele devesse apenas comer o fim do cano de um rifle agora. Mais eficiente do que esperar que seu cérebro explodisse nesta solução que tinha uma ideia estúpida estampada toda sobre ela.

Enquanto Wrath caía em silêncio, havia um monte de silêncio dentro da sala — o que indicava que havia um número de pessoas sentadas com firmeza em suas opiniões — e Tohr olhou de relance para Qhuinn. Os olhos do irmão estavam abaixados para o chão como se ele estivesse inspecionando a integridade estrutural dos cordões em seus shitkickers.

Tohr olhou de volta na direção de Wrath. O Rei estava mortalmente sério com esse plano idiota dele, sua mandíbula firme, com efeito dizendo todos os tipos de não bagunce comigo

E sim, mesmo embora o resto dos Irmãos não gostasse disso, eles seguiriam junto com a merda, não porque fossem fracos, mas porque sabiam que Wrath não cederia — e levavam muito a sério seus papéis como guarda particular.

Então eles iriam fazer o seu melhor para manter o macho vivo.

Mesmo quando ele fosse para alguma casa segura e esperasse que o Bando de Bastardos se apoiasse num joelho só como um grupo de futuros noivos humanos.

O problema era que os juramentos dados por homens sem honra não era nada além de um desperdício de sílabas.

— Ótimo — murmurou Wrath. — Estou feliz que vocês estejam todos comigo nisso.

Uns dois Irmãos tossiram e houve alguns pés remexendo. Vishous acendeu um cigarro novamente, e Butch tirou aquela enorme peça de Jesus que usava, esfregando o símbolo de sua fé de um lado para o outro entre o polegar e o indicador. Como se estivesse rezando mentalmente.

Cara esperto.

E então, como tudo estava okay, Wrath voltou-se sobre os assuntos regulares, conversando sobre merda como agenda de turnos, quando a ordem seguinte das armas estavam sendo mantidas, e o que estava acontecendo com o e treinamento.

— Agora sobre esta tempestade — Wrath balançou a cabeça. — Está bastante severa lá fora. Vou cancelar esta noite. É a porra de um dia de neve, babacas.

Houve um murmúrio de concordância. E então era hora da despedida.

Tohr queria ser o primeiro livre da sala, sua raiva sufocando-o, mas ele se conteve, guardando tudo no centro do pacote, demorando-se da maneira que costumava fazer. Não falou porque não confiava em abrir sua boca, embora tentasse fazer parecer que dava uma merda sobre o que quer que os outros estavam planejando.

Torneio de sinuca. Pôquer. Bebidas. Sundae da casa.

O último foi Rhage.

Tohr esperou... até que finalmente o que ele estava procurando se apresentou.

Qhuinn saiu do estúdio por último e ele estava parecendo como se fosse um pugilista profissional em busca de um ringue. Quando ele passou, Tohr colocou-se no caminho do cara assim seus ombros bateram.

Quando Qhuinn olhou para ele, Tohr encarou duro aqueles olhos dispares. E então, com uma voz suave, ele disse:

— Garagem. Dez minutos.

Qhuinn pareceu surpreso, as sobrancelhas arqueadas. Mas se recuperou rapidamente.

O assentimento do Irmão foi quase imperceptível.

Depois disso, seguiram caminhos separados.

No fim do corredor de todos aqueles felizes e alegres no estúdio, Trez acordou em seu quarto e sabia que era melhor não se mover rápido ou ficar animado sobre o fato de que seu estômago parecia finalmente ser um mar calmo. O verdadeiro teste viria quando tentasse se sentar, e depois de ter passado umas boas doze horas deitado de costas sentindo-se meio como um animal atropelado, ele não estava com muita pressa para tentar o destino e ficar na vertical.

Mas não podia ficar assim para sempre.

Enquanto levantava lentamente a parte superior do corpo do colchão, tentou não hiperfocar em todos os pequenos recantos de seu corpo e sua cabeça. Prevendo o futuro de como isso iria ser...

— Que porra é essa?

Trez recuou tão rápido e tão duro que bateu a cabeça na cabeceira da cama e rapidamente teve um flashback do que o dia tinha sido.

Havia alguém sentado em seu quarto, naquela cadeira...

— Você está brincando comigo? — Ele soltou uma maldição e esfregou a parte traseira de seu cérebro. — Sério? Você está brincando comigo, porra?

Do outro lado, como um fodido espantalho de jeans azuis, aquela camiseta do concerto do Nirvana do anjo, a merda de flanela e um par de Nikes estavam cheios de Deus só sabia o que. A cabeça de “Lassiter” foi feita de uma sacola de nylon que tinha batatas, e o cabelo preto e amarelo era uma coleção de meias ¾ sociais — provavelmente do Butch — panos de limpeza amarelos Swiffer que foram presos no lugar.

Em volta do pescoço? Uma placa manuscrita que dizia: o chefe esteve aqui.

— *Filho da puta.*

Movendo as pernas para o lado da cama, Trez deu a sua frequência cardíaca uma chance de ficar abaixo dos 200 batimentos por minuto, e então estava na hora do banheiro. A boa notícia era que a enxaqueca parecia estar solidamente em sua retaguarda, a bigorna que estava no lado direito da cabeça tinha ido, seu estômago roncando por comida.

Depois de um banho, de um barbear e de uma nova muda de roupas, estava pronto para fazer o que deveria, que era se dirigir para shAdoWs e ver o que estava rolando.

Em vez disso, pegou o celular e ligou para o irmão. iAm respondeu no primeiro toque.

— Como você está se sentindo? — O cara perguntou.

— Estou vivo.

— Isso é bom.

— Bem?

— Bem o quê? — Quando Trez não preencheu o óbvio, iAm começou a resmungar coisas que começaram com a palavra P. — Trez, sério, deixe isso, você pode?

— Não vou. Você, por favor, pode contratar aquela fêmea?

Houve um longo período de silêncio — o qual Trez deduziu que era tudo sobre iAm esperando contra a esperança de que ele veria a luz. Mas Trez não se importava. Ele iria esperar, e estava conseguindo o seu intuito, e Therese iria conseguir o emprego no Sal's.

— Certo — iAm expressou desprazer. — Vou dar o emprego pra ela. Está feliz agora?

Não, nem mesmo perto.

— Sim. Obrigado, cara. Você está fazendo a coisa certa.

— Estou? Não sei como deixar você ter contato com essa fêmea vai ajudar um de nós.

Trez fechou os olhos e lembrou-se da sensação dos lábios de Therese, do seu gosto, do cheiro de sua viagem através do ar frio dentro de seu nariz... sua alma.

Uma pontada de náusea limpou tudo isso fora de sua mente.

— Vai ficar tudo bem. Não vou incomodá-la.

— Sim. Certo.

Depois que Trez desligou, ele lançou um olhar sobre a efígie do anjo no canto.

— Lassiter — disse em voz alta. — Qual é, eu sei que você está aqui em algum lugar.

Ele aguardou, esperando que o anjo viesse pela porta. Saindo do closet. Deslizando vindo debaixo da cama. O cara estava sempre por perto, quer você quisesse ou não.

Mas ele deveria ter sabido melhor. Dez minutos, e absolutamente sem anjo mais tarde, parecia meio adequado que a única vez que ele queria que o bastardo aparecesse, o filho da puta brincava de fantasma.

Colocando um paletó limpo, Trez saiu de seu quarto e pegou seu telefone novamente enquanto se dirigia para a grande escadaria. Ele mandou uma mensagem para Xhex enquanto descia, e ficou surpreso quando ele conseguiu um bip de volta rapidamente. Geralmente ela estava verificando a bebida no...

Oh. Entendi. Tempestade de neve, clube fechado, ninguém vai a lugar algum na cidade.

Quando chegou ao saguão, ele cruzou o mosaico retratando uma macieira em plena floração e chegou na sala de bilhar — onde, tipo, três quartos da Irmandade estava se movendo ao redor da mesa de sinuca com bebida nas mãos.

Butch aproximou-se dele, o ex-policial humano parecia afiado como o inferno, como sempre.

— Você vai se juntar a nós? Quer uma bebida?

Antes que ele pudesse responder, Xhex deu a volta por trás do bar.

— É, eu fiz a chamada sobre fechar. Os seguranças estavam me ligando dizendo que não podiam atravessar a cidade, os bartenders também. Nenhuma garota trabalhando. A única coisa que apareceu foi a entrega de bebidas e o DJ, embora este último foi apenas nas instalações, porque ele se estendeu na noite passada e teve uma distensão nas costas.

Trez deu a Butch um “não, obrigado” e virou-se para Xhex.

— Eu não acho que alguma vez estivemos fechados numa noite de quinta-feira.

— As primeiras vezes vêm quando você menos as espera.

— A neve é tão ruim assim?

— Veja por si mesmo.

Enquanto acenava com a cabeça para uma das oito janelas do chão ao teto, Trez usou isso como desculpa para interromper a conversa e começar sua graciosa saída da sala e da casa em geral. Não era que ele não amasse os Irmãos. Era apenas que, nessa tenra zona de pós-enxaqueca, toda a conversa e o riso, o estalido de bolas de bilhar, o J. Cole e Kendrick Lamar, estavam acima do limite.

Escolhendo uma janela que estava mais próxima do arco de volta para o vestibulo, ele moveu a cortina de lado e olhou para o pátio, ou o pouco que podia visualizar dele. A neve estava caindo tão forte que mal podia ver três palmos depois da mansão, e claramente esteve caindo já há algum tempo. Nas luzes de segurança, era como se uma pesada lona branca tivesse sido lançada sobre tudo, os contornos do telhado do Pit, os grandes pinheiros da montanha, os carros estacionados no lado oposto da fonte, preenchidos por uns trinta centímetros do que havia vindo do céu...

A princípio a imagem não registrou, sua veste branca e capuz indistinguíveis no meio da paisagem branca. Mas então ele reconheceu uma abertura no padrão das rajadas de neve, a cascata em redemoinho girando em torno de uma figura.

Quem estava olhando para ele.

Numa corrida fria, todo o sangue deixou sua cabeça.

— Selena? — ele sussurrou. — Essa é...

— É o momento errado do ano para esse tipo de tempestade — Xhex murmurou ao seu lado.

Trez saltou tão alto que quase atingiu o teto. E imediatamente, olhou para trás através do vidro.

A figura tinha desaparecido.

— Trez?

Naquele momento, soou a campainha no vestíbulo. Trez virou-se e saiu correndo da sala de bilhar, abrindo a pesada porta batendo e deixando-a aberta...

A Escolhida Layla se afastou, o capuz branco que ela tinha puxado por cima da cabeça caindo de seus cabelos loiros, sua túnica branca deixando cair todos os tipos de neve a seus pés.

— Sou permitida estar aqui — ela disse enquanto esticava suas palmas para fora como se ele fosse apontar uma arma para ela. — Estou autorizada. Pergunte ao Rei.

Trez caiu em si e fechou os olhos por um segundo.

— Não, sim, não... claro. Entre.

Quando se afastou, ele não sabia por que ela estava tão na defensiva - ou por que ela estaria fora em uma noite como esta. Mas ele não se estendeu sobre nada disso.

Ele estava um pouco distraído com o fato de que quando ele a viu lá fora... ele imediatamente assumiu que era sua Selena, vindo vê-lo, de volta dos mortos.

O que era loucura. Realmente louco da porra.

Não sei como deixar você ter contato com essa fêmea vai ajudar um de nós.

— Oh, cale a boca... — ele murmurou.

— Perdão? — perguntou Layla.

— Merda, desculpe — ele esfregou o rosto. — Estou falando sozinho.

Sim, porque ele não estava ficando louco nem nada. De modo nenhum. Não.

Pelo amor de Deus, ele precisava se recompor antes que se tornasse o mais maluco do planeta.

TRINTA E CINCO

Quando Layla entrou na mansão e olhou ao redor do saguão, ela se maravilhou com a rapidez com o que tinha sido casa agora se sentia pouco familiar: depois de todo o tempo que passara na propriedade da Irmandade, ela conhecia seus quartos e elevações, sua gente e ritmos tão bem quanto fazia com os do Santuário. Agora, no entanto, quando Trez a deixou e ela olhou para o resplandecente vestíbulo com suas colunas multicoloridas, fogo crepitante e brilhantes candelabros de cristal, parecia-lhe como se estivesse em um museu ou num palácio que nunca tinha visitado antes.

Mas aí, casa deixava implícito que você era bem-vinda. E ela realmente não era mais.

— Ei! Você está aqui!

Quando Beth veio do outro lado da sala de jantar e lhe deu um grande abraço, Layla ficou tão feliz ao ver um rosto sorridente.

— Você recebeu minhas fotos? — A Rainha perguntou.

— Eu não tinha meu telefone, mas não posso esperar para vê-las.

O que Layla realmente queria dizer era que não podia esperar para ver seus filhos. Ela não se importava com fotos, queria a coisa real e agora... Exceto que não queria ser rude, e certamente não estaria indo para o segundo andar sem um convite. Só Deus sabia onde Qhuinn estava...

Como se ele tivesse ouvido e o universo estivesse determinado a colocá-los no mesmo espaço, Qhuinn apareceu no alto da escadaria. E querida Virgem Escriba, ele estava vestido para a guerra, seu corpo embrulhado em couro preto, suas armas amarradas em seu peito e quadris, seu rosto magro um estudo de agressividade.

Instantaneamente ele olhou para ela, e seus olhos se estreitaram como se estivesse avaliando um alvo. E então ele desceu os degraus vermelhos acarpetados como se estivesse em uma missão.

Beth se enrijeceu imediatamente e Layla se moveu para trás, caso ele estivesse indo para o ataque, suas costas se chocando contra a madeira esculpida da porta interior do vestíbulo. Mas ao invés de correr para ela, Qhuinn apenas continuou seguindo até entrar na sala de jantar, seus shirkickers socando o chão.

Mesmo depois dele ter partido, era como se tivesse deixado pegadas flamejantes em seu rastro, sua fúria persistente como um mau cheiro.

Isso não era bom para as crianças, Layla pensou enquanto passava uma mão trêmula pelo seu cabelo. Eles dois tinham que fazer algo sobre essa ruptura em seu relacionamento, mas ela temia que, embora gostasse de imaginar Qhuinn suavizando com o tempo, ela tinha a sensação de que ele não iria.

— Vamos — Beth disse calmamente. — Vamos lá para cima.

Layla assentiu e caminhou atrás da Rainha. O fato de estar sendo escoltada até o segundo andar não passou despercebido para ela, mas a cada passo seu coração saltava com a expectativa de que iria ver Rhamp e Lyric. Mas também afundou com tristeza. Conforme um sentimento de alienação a perseguia, ela refletia que outra era de sua vida tinha terminado quase antes de ter começado: não tinha percebido que, mesmo no meio de sua culpa e ansiedade sobre Xcor, ela foi feliz aqui com seus filhos — bem como as expectativas de criá-los com Nalla, L.W. e Bitty.

Tudo isso acabou agora.

Mas, ela lembrou a si mesma, o que restou era o fato de que poderia ao menos ver seus próprios filhos. Isso não tinha sido uma conclusão inevitável antes da decisão de Wrath.

Quando chegaram ao topo, Layla perdeu o passo ao ver as portas fechadas do escritório de Wrath, e teve que se recompor para que pudesse prosseguir para o corredor de estátuas. No meio do corredor ela hesitou novamente, mas desta vez, foi para Beth abrir a porta do quarto que Layla certa vez tinha pensado como seu... E na fração de segundo que levou, ela notou vagamente que no chão havia um pano de lona dobrado, manchado de tinta ao lado de algumas latas de tinta, um balde de gesso e alguns pincéis. Seu estômago se contraiu quando ela adivinhou para o que eles eram.

Os buracos de bala na parede.

Mas então o caminho ficou claro e ela estava correndo para os berços.

— Meus amores! Meus amores! — Com os olhos cheios de lágrimas, não sabia em quem se concentrar primeiro, sua cabeça indo pra lá e pra cá. — *Mahmen* está aqui!

Alguma parte paranoica dela se preocupava que eles já tivessem se esquecido dela ou talvez ficassem zangados, mesmo em seus estados infantis, que ela pudesse tê-los abandonado por vontade própria, o que certamente não tinha feito. No entanto, ela não precisava se preocupar. Ao som de sua voz,

os dois conjuntos de olhos se abriram e os braços começaram a sacudirem. Curvando-se, ela segurou o seu cabelo e deixou seu peso cascatear em torno de Lyric primeiro, e depois Rhamp.

À medida que seus filhos arrulhavam e reagiam ao seu cheiro e voz, ela sentiu alegria correr através dela, seu peito inchando com amor, todas as suas preocupações temporárias cedendo a uma felicidade que era desmembrada de qualquer coisa mundana.

— Eles estão tão felizes de ver sua *mahmen*.

Layla olhou por cima do ombro para a voz feminina.

— Cormia!

Ela estava realmente muito satisfeita em ver a outra Escolhida e as duas se abraçaram fortemente. Então se afastaram e Beth falou.

— Temos tudo preparado lá em cima no Santuário.

Cormia assentiu.

— Acabei de voltar de levar os suprimentos para os aposentos privados e acredito que você vai encontrar tudo o que precisa. Fiquei me perguntando se você gostaria que eu a ajudasse a levar um deles lá para cima para que não tenha que fazer duas viagens?

— Oh, isso seria maravilhoso. Obrigada — Layla teve uma compulsão de alisar seu robe branco, sua confiança na bondade das outras fêmeas fazendo seus olhos se encherem de lágrimas. — Eu... Ah, estou muito grata por sua ajuda. Talvez você possa levar o Rhamp?

— Absolutamente!

Enquanto Cormia pegava seu filho, Layla pegou Lyric no colo e segurou a bebê quente e vital junto ao seu coração.

— Vamos?

Antes de desmaterializar com a outra Escolhida, ela olhou para o canto mais distante da sala... para aqueles buracos de bala tão perto do teto. Estava disposta a apostar que eles teriam ido embora daqui a vinte e quatro horas.

Porém eles não seriam esquecidos.

Fechando os olhos, tentou se lembrar da última vez que subiu ao Santuário. Oh, de fato.

Foi há um mês... Quando descobriu quem era o pai de Xcor.

Eeeeeee ela tinha a essência dele sobre ela também.

Enquanto Qhuinn marchava pela sala de jantar ele ficou furioso, mas ao mesmo tempo, não de todo surpreso: Wrath deu a Xcor um passe livre, e Layla esteve no mundo lá fora por vinte minutos, então sim, claro, eles dois tinham se encontrado. Provavelmente trepado o dia todo.

Enquanto isso, seus filhos estavam aqui sem a mãe deles.

— Espero que você tenha se divertido, querida — murmurou enquanto entrava intempestivamente.

A porta da garagem estava nos fundos da casa, no lado mais distante até mesmo do hall de entrada, e ele tinha que ir como um *doggen* esquivando-se através da cozinha para chegar lá. Estava na metade do caminho quando, ei, ei, adivinha o que, Tohr entrou pela escada auxiliar.

Nenhum deles fez contato visual. Ambos apenas continuaram em frente, caindo em fila e entrando na sala rasa que estava cheia de casacos extras, botas de neve, chapéus e luvas. No lado mais distante, Tohr abriu caminho para a garagem não aquecida, e depois os trancou juntos.

O ar estava frio e seco, e cheirava vagamente a fertilizantes e gasolina. E à medida que as luzes ativadas por movimento se acendiam, havia um monte de coisas perfeitamente arrumadas e concretas seguindo, tambores de sementes de pássaros e pedras de sal todos alinhados, os cortadores de grama estacionados em uma fileira, enxadas e pás penduradas nas racks. No alto, as vigas eram feitas de madeira velha e robustas como a montanha em que a casa fora construída, e ao longo do caminho, dezesseis caixões estavam empilhados uns sobre os outros, como se fossem apenas caixas de mudança da U-Haul¹⁴.

O fato de Tohr se aproximar e ficar bem perto deles parecia apto.

Quando o irmão falou, sua voz era calma, mas profunda como o ponto mais baixo no Inferno.

— Eu não tenho nenhuma intenção de deixar isso ir.

Nenhuma razão para definir *isso*, estava lá.

¹⁴ U-Haul: empresa que aluga caminhões, reboques, carrinhos de carga e contêineres.

Qhuinn balançou a cabeça lentamente.

— Eu também.

— Eu não sei quando Wrath se transformou em um maldito Milenar — Tohr começou a andar de um lado para o outro. — Mas talvez ele deva sair do trono e começar a compartilhar Snapchats sobre como todo mundo precisa perdoar e se dar bem. Jogar uma fodida cara de coelho pra si mesmo e fazer uma meditação guiada na unidade. Isso é uma *loucura*.

O irmão parou e colocou a mão em um dos caixões com a mandíbula moendo duramente e fazendo um buraco na bochecha.

Tohr balançou a cabeça.

— Às vezes você tem que cuidar do Rei, mesmo que ele não queira.

— Concordo.

— Às vezes as questões têm que ser tomadas por mãos diferentes.

— Concordo totalmente.

Os olhos azuis marinhos de Tohr olharam pra cima.

— O campo é um lugar muito perigoso.

Qhuinn flexionou as mãos em punhos.

— As pessoas se machucam lá o tempo todo.

— *Lessers*. Humanos. Eles podem fazer muito dano, mesmo para lutadores treinados.

Quando Qhuinn acenou com a cabeça, ele reconheceu que, embora estivessem vindo de duas perspectivas completamente diferentes, certamente chegaram ao mesmo maldito lugar. Xcor iria morrer lá fora enquanto ele supostamente estava procurando pelos seus rapazes. Se era pela bala de Qhuinn ou pela de Tohr, o filho da puta estaria caindo.

— Mas isso é uma corrida? — Qhuinn perguntou. — Tipo, o primeiro a pegar o bastardo ganha o prêmio de matá-lo?

— Não. Trabalhamos juntos e mantemos isso entre nós. Quem o receber o apresenta como uma refeição a ser consumido comunalmente.

Enquanto Tohr esticava a palma da mão, Qhuinn a agarrou sem hesitar.

— Combinado.

O outro irmão acenou com a cabeça quando soltaram as palmas das mãos e deixavam os braços cair.

— Vamos então — disse Tohr. — Ele estará buscando por seus lutadores mesmo que esteja nevando muito porque vai querer reunir suas tropas o mais rápido possível. Vamos encontrá-lo em algum lugar no campo hoje à noite.

Com o plano no lugar, eles encabeçaram para o hall de entrada e voltaram para cima com parkas branco-no-branco. Então saíram da mansão por uma porta lateral que levava para o jardim dos fundos. Ou tentaram. Na segunda vez que eles abriram os painéis, ambos foram batidos no rosto com o tipo de neve e granizo que faria mortais menores procurarem lareiras e ponches quentes. Mas foda-se o conforto.

Eles cuidariam dessa situação e manteriam a solução para eles mesmos.

Ninguém tinha que saber uma maldita coisa sobre isso.

TRINTA E SEIS

Xcor esperou até que percebeu que Layla tinha desmaterializado completamente do rancho, e então foi numa missão de busca na casinha, movendo-se rapidamente através de todos os armários e gavetas e possíveis esconderijos nos quartos. Sua suposição era de que se os Irmãos ficassem aqui, guardariam armas onde dormissem... Mas, por fim, não encontrou nada.

Frustrante.

No entanto, ele localizou roupas adequadas para si. Havia um closet de casacos no caminho que dava para a porta externa da garagem, e nesse lugar ele encontrou uma parka e calças de neve que eram grandes o suficiente para caber nele, bem como um par de luvas de esqui e um gorro. Infelizmente, eles eram todos pretos, e na neve, eles o fariam se destacar como fogos no breu da escuridão, mas mendigos, batedores, e tudo isso.

Havia, no entanto, algo mais lá dentro que compensou a atração potencialmente perigosa de tudo.

Depois de se preparar, dirigiu-se para a garagem, para o Range Rover no qual o tinham evacuado da floresta na noite anterior. O SUV parecia como se tivesse passado através de um banho de sal, com grandes raias brancas por todos seus lados e até na sua grade dianteira e capô. Não tinha chaves, e ele não estava surpreso. Vishous as teria levado consigo.

Contudo o veículo estava destrancado, e o que ele estava esperando encontrar acabou por estar no seu compartimento traseiro: de uma caixa de emergência, ele pegou três sinalizadores vermelhos e os enfiou na parka, segurando-os pelo zíper na frente da jaqueta acolchoada.

E então voltou para dentro, ativou o sistema de segurança e rapidamente partiu pela porta deslizante na cozinha. Ele não esperava que Layla voltasse durante a noite, mas no caso dela retornar, ele a queria em uma casa que tivesse estado pelo menos nominalmente segura. Além disso, não tinha como trancar o lugar atrás de si, supondo que quisesse voltar e passar o dia aqui.

O que ele não tinha certeza de que seria o caso.

Na varanda, o tempo conspirou uma grande investida contra ele, a neve caindo em bandas pesadas que vieram com ventos violentos, como se houvesse tempestades dentro da tempestade. A visibilidade era pouca, e apostava que haveria poucos humanos lá fora. Isso funcionaria a seu favor.

Fechando os olhos, ele desmaterializou...

... e tornou a se formar em um bairro cerca de quinze milhas a sudoeste.

Quando entrou em sua forma corporal mais uma vez, ele estava em um beco sem saída de casas coloniais de dois andares, as casas a um preço mais caro do que o rancho, mas muito longe do status de mansão. Ao redor havia muitas luzes acesas, fossem nas salas de estar ou nos quartos, nos cantos da garagem ou nas árvores, mas com os flocos de neve espessos, as iluminações eram isoladas, levando não muito longe.

Inclinando-se no vento, ele andou o resto do caminho, suas pesadas botas arrastando pó da neve em seu caminho, sua audição entrando e saindo da acuidade dependendo da direção das rajadas. A propriedade específica que ele estava atrás estava nos fundos, e como as outras, também tinha luzes no interior. Parando na frente, observou através das janelas quando um macho humano esguio, de uns quinze ou dezesseis anos, entrou na sala de estar e disse algo a uma humana de meia idade que estava sentada diante de uma lareira acesa e falando em um celular.

Xcor subiu o caminho, que não era nenhum caminho, a neve caindo com tal densidade que ninguém estava tentando arar ou escavar antes da tempestade cessar. Quando chegou à porta da frente, na qual uma sempre-viva tinha sido fixada, ele estendeu a mão e tentou o puxador de bronze.

Ela estava desbloqueada, portanto abriu a coisa e caminhou diretamente.

Tudo foi em câmera lenta na sala de estar. O jovem olhou por cima do ombro, e então deu um passo atrás, alarmado. A mulher mais velha saltou de pé, qualquer bebida quente que ela estava consumindo na caneca voando.

Xcor fechou a porta quando o filho se escondeu atrás da mãe.

Covarde.

E, no entanto, sentiu uma pontada de alguma emoção que não desejava entreter quando a mãe empurrou o menino para trás dela, embora fosse mais alto que ela e provavelmente um pouco mais forte.

— O... o que... o que você quer? — Ela perguntou.

Quando uma mecha de cabelo castanho caiu em seu rosto, ela soprou dos olhos; suas mãos estavam ocupadas demais segurando seu filho em relativa segurança.

— Ali está... — Sua voz era um guincho. — Minha bolsa está no balcão da cozinha. Pegue o que quiser, ali tem... Tenho joias lá em cima. Só por favor... não nos machuque.

Xcor considerou a cor alta em suas bochechas e sua forma trêmula do que parecia de uma vasta distância. Depois olhou ao redor. Os móveis haviam mudado desde que ele e seus bastardos haviam permanecido debaixo deste teto, o sofá bipartido tinha ido junto com as camadas perpétuas de caixas de pizza e sacolas de viagem, armas e munições, botas e facas.

— Eu não vim pelo seu dinheiro — Xcor disse em voz baixa.

Ela fechou os olhos brevemente, o rosto abruptamente ficando branco.

Xcor levantou a palma da mão porque sabia que ambos se concentrariam nela.

— Eu não sou molestatador de mulheres ou jovens.

Quando os olhos dos humanos se fecharam sobre o que ele havia levantado, entrou em seus cérebros e congelou tudo sobre eles, de tal forma que tudo o que fizeram foi piscar e respirar. Enquanto isso, no chão, o celular que a mãe tinha deixado cair ainda estava ocupado, uma voz em pânico saindo de um minúsculo autofalante e exigindo que alguém respondesse.

Era uma boa suposição que falar com um vampiro não apaziguaria quem quer que fosse de seu medo.

Deixando o humano que tinha ficado trabalhando à noite, Xcor pisou as duas botas no tapete para obter a maior parte da neve fora deles, em seguida subiu as escadas de dois em dois. No topo, entrou na suíte principal, que tinha sido bem redecorada em um elegante esquema branco e azul.

Nada mais de babados e pregas hediondas. E também se foram os botões de rosas que tinham salpicado o banheiro rosa.

Por mais ofensivo ao olho que isso tudo uma vez tinha sido, ele não passou tempo apreciando as melhorias na decoração. Seguiu direto para o armário alto e estreito ao lado do chuveiro, onde as toalhas teriam sido mantidas se ele tivesse alguma quando ele tinha ficado aqui...

Oh, claro, agora as prateleiras estavam cheias de pilhas de panos felpudos brancos dobrados com precisão.

Deixando-se cair de joelhos, puxou os suprimentos de limpeza do fundo, expondo o piso de cerâmica que, abençoadamente, o proprietário tinha deixado como estava. O painel que ele tinha criado anteriormente era de um metro quadrado e indo até o fundo, e ele teve que tirar as luvas para localizar a borda e liberar a coisa com as pontas dos dedos. Depois ele estendeu o braço e mergulhou a mão no espaço oculto.

As duas semiautomáticas calibre 40 estava exatamente onde ele as deixara.

Como também a caixa de munição.

Xcor repôs a tampa do compartimento secreto apenas porque isso fez a quantidade de merda mental que ele teve que arrumar naqueles humanos no andar de baixo um pouco menos.

Saindo do banheiro, passou pela cama e parou na porta. Olhando para trás, pensou no tempo em que ele e seus homens haviam passado na casa.

E ficou surpreso com o quanto queria vê-los novamente.

A descida não demorou e logo voltou ao primeiro andar com a mãe e o filho. Eles ainda estavam de pé juntos, a mulher protegendo o que ela amava, e procurava proteger com o próprio corpo o que ela trouxera para este mundo.

Ele mergulhou em suas mentes mais uma vez.

— Você ouviu um barulho. Você saiu para verificar. Não foi nada. Quando retornou, suas botas molhadas deixaram um rastro de água. Noite estranha. Provavelmente o vento. Ainda bem que não foi nada.

Xcor desmaterializou lá pra fora e ficou parado por um tempo para vê-los despertar, os dois se olhando como se não soubessem por que suas mãos estavam apertadas. E então a mãe alcançou sua têmpora e a esfregou como se sua cabeça doesse, e o jovem olhou ao redor e estalou seu pescoço.

Ambos olharam para a porta.

Quando a mulher inclinou-se e pegou o telefone, Xcor voltou a caminhar.

O Santuário era de fato um lugar sagrado de paz e tranquilidade, e enquanto Layla se sentava junto à fonte da Virgem Escriba com os dois bebês, respirou fundo. Os três estavam dispostos sobre um cobertor macio e grosso, e a temperatura era perfeita, o ar era tão suave e quente quanto a água do banho. Acima, o céu branco leitoso era brilhante, mas não cintilante, e o mármore branco do pátio brilhava como se fosse internamente.

Lyric e Rhamp tinham feito a viagem como campeões, e Cormia como que sentindo que Layla queria algum tempo privado com eles, tinha partido prontamente uma vez que os gêmeos foram estabelecidos aqui fora pela água cintilante e a árvore florescente que estava cheia de novos pássaros.

Enfiando os pés debaixo dela, pendurou uma tulipa amarela sobre um bebê e depois o outro... E então a trouxe de volta para o primeiro.

— Isso não é lindo? Tulipa... isto é uma tulipa.

Na verdade, as pétalas eram como a grama verde e as águas azuis: resplandecentes e misteriosas como joias em sua coloração. Havia uma coisa sobre a luz aqui, a maneira que vinha de parte alguma e caía sem nenhum ângulo particular... Ou talvez houvesse algum tipo de magia sagrada no trabalho.

E isso era engraçado. Ela podia dizer que seus preciosos estavam acumulando força a partir da energia daqui, suas bochechas ficando rosa, seus olhos brilhando com um saudável brilho extra, seus movimentos mais coordenados.

Sim, ela pensou. Eles tinham seu sangue neles, com certeza. Mesmo Rhamp, que parecia muito com Qhuinn era estranho, era obviamente filho dela. Os membros das Escolhidas sempre melhoravam quando vinham aqui para recarregar.

Então talvez isso fosse uma coisa boa...

Uma estranha sensação de que ela estava sendo observada a fez girar. Mas não havia ninguém na colunata, e ninguém no arco aberto em que tinha sido os aposentos privados da Virgem Escriba. Ninguém em qualquer lugar, por assim dizer.

Lembrou-se de quando as coisas haviam sido tão diferentes, quando Escolhidas tinham nascido e criado as próximas gerações de Escolhidas e Irmãos aqui e tinham servido a Virgem Escriba, aderindo ao seu horário de adoração, descanso e celebração. Tinha havido alegria e felicidade, propósito e realização... Apesar de ter havido tais sacrifícios.

E nenhuma cor. Em qualquer parte.

Layla estendeu a mão e acariciou a bochecha suave de Lyric. Por mais que ainda reverenciasse a Virgem Escriba e as tradições que tinham sido tão valorizadas e respeitadas, ela se alegrou que sua filha não fosse forçada a um papel que não tivesse saída, e estivesse unicamente a serviço de outros.

Sim, por mais que sentisse falta dos velhos tempos e dos velhos costumes, e por mais triste que estivesse de ter este lugar maravilhoso tão vazio e sem vida, não tinha arrependimentos.

Ela era da geração que conhecia tanto a servidão quanto a libertação, e esta última certamente não era sem suas dificuldades e tragédias. Mas pelo menos agora tinha um senso de quem ela era como indivíduo, e tinha desejos que eram seus próprios e não legislados por qualquer outra pessoa. Ela também tinha dois filhos que seriam livres para escolher quem eles queriam ser e onde eles queriam ir na vida.

Era sempre melhor seguir um curso acidentado próprio do que uma trilha suave, mas intratável estabelecida por outro.

O primeiro era mais difícil, mas muito mais vital. O último era como uma morte viva... Exceto que você não sabia que estava morrendo porque estava em coma.

TRINTA E SETE

Quando Vishous desceu pisando forte o túnel subterrâneo em direção contrária ao centro de treinamento, ele se aproximou da porta que levava à mansão... e continuou em frente. O Pit, que era a bem conhecida casa anexa onde ele e Butch ficavam com suas *shellans*, ficava a mais de duzentos metros acima, e sua entrada subterrânea era exatamente igual a da casa grande, com todos os tipos de códigos e bloqueios impedindo as pessoas que não eram supostas entrar ou sair de entrar ou sair.

Depois de transpassar a sequência correta no teclado, a trava de segurança saltou em liberdade e em seguida estava no lar doce lar.

O layout não era grande coisa, apenas uma sala de estar na frente com uma cozinha Galley¹⁵ ao lado, e um curto corredor que levava a dois quartos alinhados parede com parede. Ele e Jane tinham o primeiro, Butch, Marissa e o guarda-roupa do policial tinham o segundo — embora não houvesse espaço suficiente para todas aquelas malditas roupas. No corredor apertado, havia araras cheias de ternos e camisas em cabides. Também uma fileira de sapatos na soleira que, tanto quanto V poderia dizer, eram do mesmo fodido padrão, apenas em diferentes couros e forros com equipamentos diferentes.

O filho da puta tinha uma séria luxúria com calçados. Mas aí, o quanto você poderia realmente fazer com um sapato masculino?

Enquanto V fechava a porta atrás dele, ele parou próximo aos cabides de Canali e Tom Ford. Tudo estava em silêncio, Marissa no Lugar Seguro, Butch jogando bilhar lá atrás na casa grande, e Jane...

Com uma maldição, V dirigiu-se à cozinha. As garrafas de Grey Goose estavam bem onde ele gostava que ficassem, debaixo do balcão ao lado da gaveta profunda onde Butch guardava os Fritos, o Parmesão Goldfish e os Milanos.

Aqueles eram os únicos aperitivos que o indivíduo sempre comia.

Engraçado, V não tinha percebido antes, mas Butch era um tipo de cara de rotina. Ele gostava do que gostava, e não estava interessado em inovação.

¹⁵ Cozinhas Galleys são pequenas cozinhas de modelos eficientes se refere a um grupo paralelo de eletrodomésticos, balcões e armários que são comuns em aéreas pequenas e tendem a ser estreitas. A conexão mais comum com cozinha galley é a feita com a sala de jantar.

O FDP provavelmente desmaiaria se você lhe oferecesse umas torradinhas. E esqueça os crackers multi-grãos ou leves torradas.

O policial era da Velha escola, e embora V nunca fosse dizer isso, era parte do porque ele amava seu melhor amigo. Quando você uns dois séculos de idade, aprendia que quanto mais as coisas mudavam, mais elas permaneciam as mesmas. Então sim, claro, você podia perder muito tempo e papilas gustativas tentando recriar uma nova versão do que já estava funcionando, mas isso era extremamente ineficiente: havia literalmente uma quantidade máxima de felicidade que poderia vir de um biscoito snack ou aperitivo. Percorrendo um monte de merda que não conviria boa o suficiente, apenas para que você pudesse voltar para o que gostou em primeiro lugar, seria um movimento humano.

Merda, você podia ver tudo sobre a cultura deles, do "fashion", que era simplesmente um reativo carrossel dos "quinze minutos de fama" da feiura de estação em estação, para o entretenimento onde você acabava com grandes faixas do mesmo, à tecnologia e todas as suas previsíveis obsolescências e inovações desnecessárias.

Que culminou na Apple dizendo que foi "corajoso" acabar com um fone de ouvido. Daquele telefone celular idiota.

Sim, a coisa real do Coração Púrpura ali, rapazes. Medalha Presidencial da Liberdade. Talvez eles estivessem indo se colocar num selo, uma vez que compraram o governo americano.

Abrindo um armário, V tirou um copo, encheu-o de gelo... e então foi até a borda com vodka.

Você quer coragem? Ele pensou. Que tal vocês acabarem consigo mesmos, humanos? Seria um plano.

Não que ele estivesse amargo ou qualquer coisa.

Não.

Em sua mesa, sentou-se em frente a sua bancada de PCs, relaxando em volta ao seu palácio de merda e, um por um, entrou em todos os seus computadores.

Fazia muito tempo que ele teve uma noite para si mesmo, e enquanto checava suas câmeras de segurança e monitorava as várias propriedades da Irmandade dentro e nos arredores de Caldwell, ele se lembrou do por que.

A última coisa no mundo que ele queria fazer era sentar-se aqui como um maldito perdedor com seus Lenovos e sua Goose, todo solitário enquanto todos estavam fazendo suas coisas.

Mas seu cérebro ainda estava revoltado de toda a merda do Xcor. Ele também estava cansado até os ossos... mas não queria dormir. Ele precisava se alimentar... e não tinha interesse em tomar uma veia. Ele tinha que comer... e não estava com fome. Ele queria ficar bêbado... e isso não estava acontecendo rápido o suficiente.

Empurrando-se para trás na cadeira, ele se concentrou em conseguir que o álcool entrasse em sua corrente sanguínea, tomando grandes goles que cantavam em sua garganta e se arrastavam em suas entranhas.

Quando ele começou a fazer progressos em sua meta, pensou em Jane neste exato momento em sua clínica. Como quando ele foi vê-la ela estava enterrada até os joelhos na crise, Assail gritando naquele quarto dele, Manny fazendo a ela perguntas sobre algo, Ehlena vindo até ela com uma questão de dosagem de medicamentos.

V estava na periferia e admirava o propósito de sua companheira. E compromisso. E paixão.

Deus, Assail.

Esses gritos eram outra coisa, um lembrete de que o vício não era nada para se brincar. Claro, você começava a descer uma via química apenas para que pudesse se manter na sua vida. Mas a próxima coisa que você sabia, é que estaria em um quarto acolchoado... literalmente... em restrições por ter tentado arrancar seu próprio rosto com as unhas.

Por sinal, passe a vodka.

Estendendo a mão para o outro lado da escrivaninha, pegou a garrafa e tornou a encher o copo. O gelo estava ficando baixo em seu copo, mas depois desse peso, ele não se importaria se a merda estivesse em temperatura ambiente.

Pelo menos, Assail tinha sua Jane no trabalho e ela com toda certeza estava tentando lhe dar o melhor tratamento que ela poderia em seu retiro. A questão era se a psicose algum dia regrediria. Fazia um mês que o macho tinha empurrado o pó branco no nariz pela última vez, então ele podia ser apenas um desolado no pós-guerra. Às vezes, isso acontecia com vampiros e a cocaína.

Claro, o ex-trafficante provavelmente não sabia disso quando começou a fazer tanto dessa merda. Mas havia muitas vezes na vida quando você estava dançando com o diabo e não fazia ideia de que o mal era seu parceiro. E você não descobria até que fosse tarde demais.

Era assim que o destino funcionava. Maldições também.

Enquanto V tomava outra dose da dormência engarrafada, ele se encontrou pensando novamente no chocolate quente, a coisa que ele tinha servido para Jane lá atrás no princípio. Ou melhor... de volta ao início do começo deles.

Sempre tinha assumido que o último desfecho que eles teriam viria quando ele morresse. Mas enquanto se sentava aqui em uma casa vazia e tentava se lembrar da última vez que eles passaram um significativo grupo de horas juntos... ele teve que se perguntar.

Retribuição era um choramingo, ele supôs. Quando ele e seus irmãos estavam no campo, lutando pela raça, eles não estavam pensando em todos os companheiros e fêmeas que estavam segurando o forte em casa. Estavam apenas tentando fazer seu trabalho e permanecerem vivos.

O mesmo acontecia naquela clínica. Jane não estava pensando nele agora. Estava trabalhando com Manny para salvar o que restava do cérebro de Assail. Ela estava ajudando o irmão de Quinn, Luchas, a recuperar a mobilidade e a saúde mental após terríveis abusos nas mãos da Sociedade Lessening. Todas as noites, ela tratava todos os tipos de feridos, do crônico ao agudo, do Band-Aid à vida ameaçada, com incansável foco e devoção a seus pacientes.

Então não era que ele não entendia.

E não era que ele não a amava. Merda, ela era inteligente. Ela era dura. Ela era... provavelmente a única mulher que ele já conheceu que consideraria sua igual... E não, essa não era uma declaração misógina. Ele também não achava que nenhum macho fosse igual.

O que acontecia quando você era filho de uma divindade, ele supôs.

Ele absolutamente não podia se ver com ninguém além de Jane. O problema era que ele estava dedicado à guerra. Ela estava devotada a seu trabalho. E no início, quando tudo era novo e fresco, e o ímpeto para estar um com o outro tinha sido uma coceira que tinha que ser arranhada ou eles ficariam loucos, eles tinham garantido o tempo.

Agora?

Não muito.

Mas estava bem, pensou enquanto se sentava à frente e se reorientava na programação dos monitores. Nenhum deles estava indo a lugar nenhum.

Era apenas... estava começando a se preocupar que o mesmo fosse verdade com a relação deles.

Uma imagem súbita de Layla colocando seu corpo na frente de Xcor e protegendo sua carne moribunda com tudo o que ela tinha, apareceu na cabeça dele e não saiu. Jesus, naquele momento, ela teria tomado uma bala pelo filho da puta. Um movimento idiota, com certeza, e ela se arrependeu no instante em que pensou sobre seus filhos... Mas naquela fração de segundo, ela tinha sido motivada pelo amor.

E Xcor, em troca, quis dizer o que disse quando implorou que ela fosse enviada antes dele ser morto. Aquele bastardo estava falando sério pra cacete... e realmente apaixonado.

V franziu a testa quando percebeu que aquele filho da puta e ele tinham algo em comum. Ambos passaram pelo campo de guerra do Bloodletter.

Dólares por bolas, eles perderam sua virgindade da mesma maneira.

Então sim, talvez eles devessem conseguir um conjunto de tatuagens de melhores amigos ou alguma merda.

— Pelo amor de Deus...

Mais do Grey Goose... até que ele precisasse de uma segunda recarga. E ele se forçou a sair de sua cabeça e se concentrar nas imagens nas telas à sua frente, todos aqueles lances interiores e exteriores de vários quartos, seja da Casa de Audiências, naquele pequeno rancho onde Layla e Xcor estavam se amando e chacoalhando, as outras três casas que eles possuíam em Caldie, o Restaurante do Sal ou a mansão e seus terrenos.

Apenas a mansão estava mostrando sinais de vida. Os outros lugares estavam fechados por causa da "Nevascagedom", como os repórteres a chamavam.

Enquanto observava seus irmãos brincar e rir, notou que a grande maioria deles tinha suas *shellans* a seus lados. As fêmeas da família tinham todas suas existências separadas e independentes, mas em uma noite como esta, quando seus machos estavam de folga da guerra, elas faziam passar o tempo com seus amores uma prioridade.

— Sim, e estou aqui com a Goose — ele murmurou enquanto tomava outra bebida. — Não é tão ruim...

Infelizmente, sua mente permanecia teimosamente, inaceitavelmente clara. E isso significava que ele estava sendo engatilhado por coisas demais, suas emoções recebendo uma quantidade desproporcional de tempo aéreo.

O que era dizer que eles estavam em sua tela de radar de qualquer modo.

Ele odiava sentir algo, não é verdade?

Tentando envolver sua massa cinzenta em alguma coisa, qualquer outra coisa, ele disparou na Internet e decidiu monitorar alguns dos meios de comunicação humanos. Isso sempre valia a pena rir. A merda que os filhos da puta conseguiam se preocupar era simplesmente incrível — e então inevitavelmente eles acabavam gritando um com outro através de seus computadores.

A verdade tinha nuances. Exceto a histeria sobre qualquer coisa.

Depois de perder tempo no CNN.com, Fox News e TMZ.com, terminou no YouTube assistindo aos vídeos do McKamey Manor, que era uma de suas coisas absolutamente favoritas para fazer, e o que, como de costume o animava um pouco. E foi depois de cerca de meia hora quando uma notificação acendeu no fundo da tela, indicando que um e-mail chegou pra ele.

Com uma careta, ele foi ao Outlook e abriu tudo.

Ora, ora, ora, o bom Damin Stoker publicou algo novo.

V sorriu e engoliu outra carga saudável de Goose enquanto pulava no blog que ele estava seguindo no último mês. Era novo na cena paranormal, escrito por um cara que parecia ser um cruzamento entre um repórter investigativo e um fodido de presas.

Isto é, um humano que estava determinado a provar a existência de vampiros.

Eles eram tão divertidos de assistir quando se torciam e reviraram no final de seu léxico de falsidades, repetindo todos os tipos de mentiras e besteiras que os humanos haviam usado para mitificar o que realmente existia no meio deles.

Bons tempos, bons tempos.

Falando sobre vídeos do YouTube. Havia apenas cerca de cem mil fragmentos, mordidas sonoras e solilóquios na plataforma da Internet que pretendiam mostrar vampiros reais vampirando em seus vampwares. Dirigindo Vamps-carros...

Ok, era possível que o álcool estivesse agindo.

Mas Damn Stoker era diferente, e era por isso que V tinha marcado as divagações não tão divertidas do filho da puta.

Ele realmente tinha os bens.

De alguma forma, o cara tinha recebido o vídeo do confronto na Escola para Garotas Brownswick, onde a Sociedade Lessening e a Irmandade se conheceram e dançaram à luz da lua, por assim dizer. Era a sua típica filmagem nervosa pelo iMerda-foto, mas havia o suficiente para sugerir que algo grande e de outro mundo poderia ter acontecido no campus abandonado.

Felizmente, o Ômega tinha feito um trabalho de limpeza estelar após a luta, e o que a gravação mostrou não era nada que não poderia ter sido gerado no computador de alguém. Sangue *Lesser* no chão, afinal, parecia sombra jogada na grama ou tinta preta ou óleo de motor antigo.

Bom, não era o Smell-O-Vision¹⁶ ou a merda teria deixado as pessoas doentes.

E, é claro, o fato de que não havia nada no terreno era um grande invalidador, aquela casinha de armazenamento que a besta de Rhage tinha comido estava pronta a desabar de qualquer maneira, assim como muitas das instalações lá.

Ainda assim, esse cara que estava escondido atrás de um não-tão-inteligente pseudônimo estava no radar de V. Ele tinha publicado muitos links para outros conteúdos no YouTube, na maior parte blá-blá-blá dos outros humanos que juraram que tiveram contato com vampiros "reais" ou, mais uma vez, mais desses vagabundos clipes de filmagem noturnas de brigas ou figuras movendo-se dentro e fora das portas usando capas. Mas, novamente, era a merda desse campus escolar abandonado que era um marcador — e também o fato de que a gramática do cara era boa, ele não usava letras maiúsculas ou fazia isso (Exclamações)!!!!!!!!!!!!!! no final de suas frases, e havia um profissionalismo geral para tudo.

Nenhum dos quais era o tipo de coisa que a raça precisava.

¹⁶ Smell-O-Vision era um sistema que liberava odor durante a projeção de um filme para que o espectador pudesse "cheirar" o que estava acontecendo no filme.

Humanos ridículos com presas artificiais e bastões com crânios sobre eles? Tudo bem. V ministrou milhões deles. Um normal, do tipo mais-Scully-que-Mulder¹⁷, que pareciam navegar sistematicamente na Internet e desprezar a prática ao isolar esses poucos casos quando algo realmente acontecia?

Não era uma boa notícia para uma espécie que queria continuar se escondendo à vista.

— Outro vídeo... — V murmurou enquanto examinava o novo post. — O que temos hoje à noite, Damn? Temporada errada para Halloween.

V contornou a escrita que dava contexto ao que estava no link, e apenas disparou o assunto.

No começo, ele não tinha certeza do que estava olhando— Oh, tudo bem, imagens da câmera de segurança em preto e branco de um estacionamento à noite. Carro entrando e fazendo a volta... Estacionando, mas não desligando o motor pelo sutil sopro de condensação pela parte de trás.

V tomou outro gole de seu copo e deu uma palmadinha em sua mesa por um cigarro. Sem sorte. Ele precisava...

— Oh... Olá, Sr. Latimer.

À medida que as duas portas se abriram, ele reconheceu o homem que emergiu do lado do passageiro. Era Trez. E ora, ora, ora... Uma mulher saiu do volante, uma com cabelos escuros e roupas civis. Impossível ver o rosto enquanto estava olhando para baixo como se estivesse tentando não escorregar no gelo, mas o corpo estava bem.

Talvez o pobre FDP estivesse afogando suas dores do jeito antigo.

Trez caminhou dando a volta ao carro e encontrou-a na frente. Os dois falaram por um minuto...

— Merda.

V sacudiu a cabeça e depois apertou a ponte do nariz. Então ele apertou o botão de pausa, voltou um pouco e repetiu as coisas.

A fêmea apenas subiu e desapareceu, desmaterializando no ar. E então Trez foi para trás do volante e saiu como se nada tivesse acontecido.

¹⁷ Referencia aos personagens da série Arquivo X, cujos agentes do FBI Fox Mulder (David Duchovny) e Dana Scully (Gillian Anderson) são investigadores de arquivos-X: casos não solucionados envolvendo fenômenos paranormais.

V rolou pra cima e leu o contexto que Damn postara: loja de souvenir local em frente ao Centro Histórico —o que estava, se a memória não falhasse, a apenas meia milha de distância do Restaurante do Sal. A filmagem era propriedade da loja, é claro, mas o proprietário havia encaminhado para Damn com permissão para postar. Nenhuma autoridade havia sido contatada, e havia uma declaração do proprietário, com citações como aquelas de um artigo de jornal, que "Nada foi alterado na gravação".

Vishous assistiu o clipe duas ou três vezes mais e disse a si mesmo para relaxar. Que diabos alguém ia fazer com isso? Ir para a estação local da CBS e levá-los ao ar como uma exposição? Na verdade, não provava nada... Além do fato de que o sexo era um analgésico efetivo e de curto prazo quando se tratava do processo de luto.

Ninguém acreditaria que o vídeo não tinha sido emendado.

Estava tudo bem.

Mas Damn estava começando a ser um pé no saco: duas vezes em um mês algum humano conseguia publicar vídeos que realmente mostravam merda indo abaixo?

Às vezes sim, os teóricos da conspiração conseguiam isso.

E quando eles faziam isso muitas vezes seguidas eles tinham que ser contidos, não é verdade?

TRINTA E OITO

O próximo local que Xcor se materializou não era habitado. Na verdade, o pequeno chalé e a casa da fazenda maior além, era uma propriedade que estava bem do lado fora de Caldwell, e quando tornou a se formar na neve soprando, não ficou surpreso que não houvesse luzes ligadas sem lareiras acesas, nem figuras em nenhuma janela em qualquer uma das duas residências.

Enquanto andava vagarosamente adiante, passou pelo chalé e entrou na linha das árvores, que, abençoadamente, ofereceu-lhe algum alívio do impulso do vento. Ele tinha comprado as duas estruturas e o lote de terra em que elas foram construídas para Layla e ele. Na verdade, ele tinha uma fantasia — uma que nunca tinha falado, nem mesmo reconhecido para si mesmo — que os dois pudessem se abrigar na pequena cabana com o seu charme e aconchego, enquanto seus homens dormiriam na casa da fazenda do outro lado.

Na verdade, ela o visitara aqui algumas vezes, quando estava pesada com seus bebês e tão resplandecentemente bela, e ele tinha achado quase impossível não expressar coisas de que não era da sua conta sentir, muito menos falar. E então ela o chamou exatamente para onde suas emoções haviam evoluído, fornecendo-lhe uma imagem esmagadoramente precisa da fraqueza que ele possuía em favor dela.

Ele a tinha mandado embora naquele momento. Disse coisas cruéis que não queria dizer, porque tinha sido a única maneira de fazê-la deixá-lo em paz. Que guerreiro que ele tinha sido. Mais como um covarde. Mas não tinha sido capaz de ver qualquer futuro para eles, e tinha começado a se preocupar com sua segurança estando tão grávida... e mais do que ambos, ele tinha ficado aterrorizado que ela o lesse tão bem.

Aterrorizado pelo poder que ela tinha sobre ele.

Assim ela tinha partido. E então ele tinha sido capturado.

E agora eles estavam neste pequeno olho do furacão, este pequeno trecho pacífico que iria acabar assim que ele encontrasse o que estava procurando.

A casa da fazenda estava fechada no primeiro andar, todo as janelas cobertas com madeira compensada que tinha sido cravada no lugar com pregos que seus bastardos haviam batido com toda vontade. No entanto, a porta da frente estava destrancada, e enquanto a empurrava, o rangido foi tão alto que sufocou até mesmo o rugido implacável da tempestade.

Eles deliberadamente deixaram as dobradiças não lubrificadas, o sistema de alarme mais barato que havia.

Seus olhos se ajustaram à escuridão. Os cômodos não tinham nada, exceto tábuas e teias de aranha, mas então seus lutadores nunca se importaram com as armadilhas da civilização. Uma vez que alguém sobreviveu ao campo de guerra do Bloodletter, não precisava nem de um teto sobre a cabeça. A falta de uma adaga em sua garganta era suficiente.

Tirando um dos sinalizadores de dentro de sua jaqueta, ele tirou a capa e acendeu, a luz vermelha sibilante iluminando um círculo largo em ao redor dele.

Xcor atravessou os cômodos do andar de baixo, seus passos ecoando na casa vazia e fria. Enquanto progredia, segurava o sinalizador a frente, inspecionando as paredes, batentes e trechos do chão.

Levou a ele três viagens, três circuitos de salão para estudar a sala de jantar até a cozinha e banheiro dos anos 40, antes de ver aquilo.

E ele teve que sorrir um pouco enquanto se agachava no canto mais distante da sala.

O que eventualmente captou sua atenção foi um arranhão nas tábuas do assoalho, algo facilmente esquecido — de fato, ele quase o ignorou. Mas após um exame atento, isso apontava claramente para a direção desta junção oriental de paredes e um acúmulo de poeira, varas e folhas.

Tão modesta esta coleção de lixo — como se alguém tivesse tomado uma vassoura e procurado arrumar as coisas, só para perder o interesse antes de uma pá de lixo ser encontrada.

Abaixando o sinalizador até o chão, ele afastou os detritos e considerou a mensagem que lhe fora deixada.

— Bom macho — murmurou enquanto olhava para as marcas que foram esculpidas na madeira.

Para o olho desconhecido, não passava de uma série aleatória de arranhões e golpes de facas. Para ele... era um mapa de Caldwell que foi construído com uma orientação de bússola, previamente acordada, que não era baseada no norte verdadeiro, e uma variedade de símbolos que não seriam reconhecidos por ninguém, exceto pelo Bando de Bastardos.

Xcor nunca tinha aprendido a ler. Não era uma habilidade que servia a ele no Antigo País nem na guerra, e estava muito pressionado a pensar que ele mesmo estava diminuído por causa de sua falta. Mas ele tinha um desempenho magnífico com direções e também tinha memória fotográfica, algo que tinha se desenvolvido como resultado dele precisando ter certeza de que poderia se lembrar de tantos detalhes quanto pudesse, sempre que fosse relevado ou descrevesse algo.

Não se preocupou em procurar armas. Nunca tinha plantado nenhuma e eles teriam levado tudo o que tinham com eles.

Partindo pela porta rangendo, apagou o fogo, empurrando-o de cabeça para baixo na neve e então fechou os olhos, desmaterializando...

... e se materializando em um túnel de vento.

As rajadas eram tão brutais que ele tinha que se afastar delas, e mesmo de costas para a fonte, era demais para ele suportar. Mas era isso que você obtinha quando estava quase cem andares acima do nível da rua no centro de Caldwell, no topo do edifício da Companhia de Seguros de Caldwell.

Avançando com rapidez, ele se abrigou atrás de alguns ventiladores de ar condicionado central que eram do tamanho de ambulâncias, e de lá foi capaz de reunir sua orientação, que tinha que ser do leste, a fim dele interpretar as instruções adequadamente.

Exceto que havia um problema que rapidamente se tornou evidente. Com tanta neve caindo, não podia ver o padrão de grade das ruas o suficiente para encontrar a localização. Embora houvesse alguns marcos iluminados que davam a ele uma ideia do layout da cidade, não seria capaz de identificar qualquer coisa aqui de cima.

Sua única chance era descer ao nível do chão e trabalhar a partir de lá. O bom? Seus lutadores ficariam em casa numa noite como esta.

Como os humanos, até mesmo os assassinos não se aventurariam a sair nesta confusão. E seus bastardos nunca tinham se importado muito com o frio.

Se ainda estivessem em Caldwell, ele os encontrariam esta noite.

TRINTA E NOVE

— O que há nesse livro?

A voz feminina que veio sobre o ombro de Throe era a de uma criança petulante, mesmo que emergisse dos lábios deliciosos de uma vampira de trinta e seis anos que tinha seios grandes naturais, um estômago tão plano que poderia tê-lo usado como um prato de jantar, e um conjunto de pernas que eram suficientes para embrulhar duas vezes em torno de sua cintura.

Normalmente, ele teria gostado de uma interrupção dessas da parte dela.

—Throe! Eu *não* vou ser ignorada.

Não esta noite.

Quando ele se endireitou da antiga brochura que tinha trazido para casa daquela psíquica, suas costas estalaram, e ficou aborrecido ao descobrir que seu pescoço estava tão rígido que não conseguia olhar por cima do ombro. Em vez disso, teve que girar seu torso inteiro para fazer contato visual.

—Estou estudando — ele se ouviu dizer.

Estranho, pensou. Não sentia como se tivesse tido um pensamento consciente para falar aquelas palavras em particular.

Elas estavam corretas, no entanto. De fato, estava estudando o que estava escrito no pergaminho o dia inteiro e na noite anterior. Sentia-se como se tivesse acabado de se sentar.

—Perdoe-me — ele limpou a garganta. — Mas que horas são?

—Nove horas! Você me prometeu que iríamos sair.

Sim, lembrava-se disso. Ele tinha feito isso para tirá-la de suas costas e colocá-la na cama de seu *hellren* ao amanhecer, a fim de que tivesse privacidade com o livro.

Ou O Livro, como tinha começado a pensar nele.

E ela claramente tinha aceitado sua palavra, seu traje era ao mesmo tempo revelador e caro. Roberto Cavalli, dada a estampa animal. E ela tinha o suficiente de ouro, joias Bulgari para fazer o arquivo dos anos 80 um relatório policial.

—Bem? — Ela exigiu. —Quando você fica pronto?

Throe olhou para si mesmo, uma estranha dissociação se enraizando ao notar que ele estava de calça, camisa e sapatos.

— Estou vestido.

— Com as mesmas roupas que você estava usando ontem à noite!

— De fato.

Throe balançou a cabeça um pouco e olhou ao redor. O quarto de hóspedes ele reconheceu, e isso foi um alívio. Sim, era ali que ele estava ficando desde aquele incêndio que destruiu a mansão do *hellren* de

sua amante anterior. Um mês que ele passara nessa suíte de azul marinho e mogno, com sua grande cama com dossel, suas pinturas de cenas de caça, sua cômoda alta e escrivaninha.

Ele tinha se mudado para cá, e prontamente assumiu um relacionamento sexual com essa fêmea subjugada, da mesma maneira que tinha feito com sua amante anterior. Esta também era acasalada a um homem mais velho que era incapaz de atendê-la na cama. E assim Throe, como um “cavalheiro de fina linhagem”, foi bem recebido na casa, preso na estima e protegido sem nenhuma data de término.

Claramente, eles não sabiam as fofocas de como ele tinha acabado com o Bando de Bastardos. Ou estavam conscientes disso e tinham padrões baixos. Em todo o caso, estava nas entrelinhas que desde que ele cuidasse da *shellan*, poderia esperar que seu quarto, sobrevivência e guarda-roupa precisassem ser bem atendidos, e neste caso — o que não tinha sido verdade na anterior — ele suspeitava que seu companheiro conhecia e aprovava.

Talvez o homem mais velho estivesse ciente de que ela se desviaria e tinha medo que ela o deixasse completamente.

Na *glymera*, isso seria um embaraço que ninguém gostaria de suportar de boa antes do túmulo.

— Você está doente? — Ela perguntou com um cenho franzido.

Ele se virou lentamente. Estava sentado na escrivaninha, entre as duas longas janelas com suas cortinas régias e seu velho vidro martelado. A mansão era grande e confusa, cheia de antiguidades e móveis muito, muito velhos, e distinta para os gostos de sua dona atual. E podia-se suspeitar que ela preferiria estar no Commodore, numa cobertura com vista para o rio, cheia de sofás de couro branco e as reproduções do fotógrafo Mapplethorpe.

Ela gostava de sexo. E era boa nisso...

— Throe. Sério, tipo, qual é o problema aqui?

O que ela havia lhe perguntado anteriormente? Oh... certo. E ele tinha girado nessa direção para se analisar nas portas superiores espelhadas da mesa.

Embora o suporte de mercúrio do velho espelho estivesse marcado e arranhado, havia bastante reflexo para verificar que, sim, ele parecia o mesmo que antes de ir para o covil da psíquica. Ainda com os cabelos espessos e loiros, a mandíbula classicamente bonita, e os olhos com cílios compridos que ele usava com bastante sucesso entre as fêmeas.

No entanto, não se sentia o mesmo.

Algo tinha mudado.

Quando uma onda de ansiedade o atravessou, colocou a palma no livro aberto e instantaneamente se acalmou, com certeza como se a brochura fosse uma droga. Como a fumaça vermelha, talvez. Ou talvez um porto agradável.

O que eles estavam discutindo...

— Seja o que for, eu vou sair sem você — ela virou, afastando-se em desaprovação, seus stilettos seguindo seu caminho sobre o tapete enquanto ia para a saída. — Se você vai ser básico, eu não vou...

Throe piscou e esfregou os olhos. Olhando ao redor, ficou de pé e então caiu desabando quando os músculos das pernas tiveram um espasmo. Na segunda tentativa, ele conseguiu sustentar a verticalidade e

andar, embora este último tivesse um andar claudicante quando ele cruzou o fino tapete oriental até a porta que sua amante tinha acabado de atravessar.

Abrindo a porta, ele não estava muito certo do que iria dizer a ela, mas não havia sentido em propagar um argumento. Ele estava muito necessitado dela agora, esse teto sobre sua cabeça e o sustento em sua barriga necessário para ele ser livre para perseguir suas verdadeiras ambições.

Segurando no batente ornamentado de sua suíte, ele se inclinou para o corredor finamente decorado e olhou para a esquerda e para a direita. Não havia nenhum sinal dela, então desceu quatro portas e bateu suavemente. Quando não houve resposta, verificou novamente para ter certeza de que não havia mais ninguém ao redor, então entrou em seu quarto pêssago e creme.

Havia várias luzes acesas. Algumas roupas espalhadas na cama. Um cheiro persistente de seu perfume.

— Corra? — Ele disse. — Corra, querida, peço desculpas.

Entrou em seu enorme banheiro branco e creme. Sobre a cadeira da penteadeira, havia todo tipo de vidros da Chanel, tubos, potes e pincéis no balcão. Mas nada de Corra.

Throe deixou as coisas como as encontrou e voltou para seu quarto. Então enquanto estava fechando a porta, seus olhos passaram por cima do relógio na mesa — e congelou.

Dez horas. Na verdade, um pouco depois.

Throe franziu o cenho e foi até a obra-prima Ormolu. Mas a proximidade não mudou o fato de que as mãos proclamavam que eram 10 horas.

Mas Corra acabara de dizer que eram nove. Ela não tinha dito?

Throe olhou para O Livro.

Nos recessos de sua mente, notou que era estranho que, embora estivesse lendo por quantas horas agora — Destinos, tinha sido realmente quase vinte e quatro? No entanto, não tinha passado a primeira página que ele tinha virado...

Throe sentiu uma sensação enganadora de vertigem provocar sua mente com a impressão de que o mundo estava girando em torno dele.

Tropeçando até a escrivaninha, voltou a sentar-se na cadeira dura, os joelhos apertados, a cabeça inclinada, os olhos no livro aberto.

Engraçado, não sabia que tinha dado qualquer instrução consciente ao seu corpo para retomar sua posição aqui...

Espere, o que ele tinha feito...

Por que ele estava...

Os pensamentos entravam e saíam de sua mente, movendo-se como nuvens através de um céu vago, nada permanecendo com ele nem encontrando nenhum sentido em tudo. Ele tinha alguma percepção de que estava se esvaziando, que algumas partes dele estavam sendo drenadas, mas estava realmente difícil dizer o que exatamente tinha partido dele ou onde isso levava.

Por um momento, o medo o atingiu e ele desviou o olhar do Livro.

Esfregando os olhos com tanta força que os fez lacrimejar, percebeu que não tinha ideia do que tinha lido. Todas aquelas horas passadas sentado diante do livro aberto... e não tinha ideia do que tinha estava impresso em nenhuma das páginas.

Ele precisava fechar a capa e queimar a coisa.

Sim, era o que ele faria. Ele manteria seus olhos desviados, não consideraria as páginas, e fecharia a capa com força. Depois disso, pegaria o volume maligno e o carregaria lá pra baixo. Havia uma lareira constantemente acesa na biblioteca e ele iria...

Os olhos de Throe voltaram para o pergaminho e a impressão, um par de cães convocados por seu mestre alcançando um calcanhar.

E se concentrou nos símbolos, no texto.

Ele abriu a boca. Fechou. Tentou lembrar por que tinha ido procurar aquela psíquica em primeiro lugar.

À medida que seu medo se aprofundava de novo, tentou se forçar a se concentrar em ficar livre... e de fato lembrou dos sonhos que alguém tinha de vez em quando, onde essa pessoa estava acordada, mas presa num corpo congelado. Um sentido de pânico crescente fazendo essa pessoa lutar para acordar.

Movimentar uma mão ou um pé era muitas vezes suficiente para puxar-se da beira, e ele sentiu que agora, se pudesse ter uma concepção sólida, reivindicando, ele poderia resgatar-se de um perigo que não poderia escapar.

Por que ele tinha ido para a psíquica... qual tinha sido o impulso... o que ele estava procurando...

E então isso veio a ele.

Em uma voz que não soava como a sua, ele disse em voz alta:

— Preciso de um exército. Preciso de um exército para derrotar o Rei.

Algo como um relâmpago estalou acima da sua cabeça, e sim, uma corrente elétrica irrompeu através dele, trazendo consigo uma clareza e um propósito que varreu toda a sua confusão anterior.

— Procuro derrotar o Rei e assumir o poder da minha raça e da raça de todos os humanos. Eu desejo ser senhor e mestre sobre toda a terra e seus habitantes.

De repente, as páginas começaram a virar, o cheiro seco e empoeirado entrando em seu nariz e ameaçando fazê-lo espirrar.

Quando a corrida louca do que fosse se deteve, ele se sentiu curvando para baixo, com certeza como se houvesse uma mão na parte de trás de seu pescoço que estava empurrando seu torso dessa forma.

Repentinamente... as palavras faziam sentido.

E Throe começou a sorrir.

QUARENTA

Qhuinn movia-se através da neve caindo como se fosse um com a tempestade, sua fúria rivalizando com o vento uivante, sua roupa branco sobre branco camuflando-o nas correntes que estavam se formando nos becos do centro da cidade. Ao lado dele, Tohr era o mesmo, um predador para combinar com a paisagem que parecia não mais urbana, mas ártica.

Rajadas de flocos grossos como bombas de fumaça rodavam em torno deles e impediam seu progresso descendo ainda outro quarteirão que estava vazio de pedestres e carros em movimento. Estava tão frio que a neve era leve e macia, mas o volume era tremendo, centímetros e centímetros se somavam aos pés no chão. E ainda assim, a coisa estava feia.

Ele rezava para ver um Bastardo, qualquer Bastardo.

Mas especialmente o que eles procuravam.

Esta era a melhor chance deles pegarem Xcor num ambiente solitário onde eles poderiam fazer o assassinato parecer uma emboscada pelo inimigo... onde poderiam cuidar das coisas apropriadamente. E o filho da puta estava definitivamente aqui fora, procurando os garotos dele, apesar da tempestade.

Enquanto Qhuinn avançava, seus músculos da coxa ardiam, seus dentes da frente batiam de frio, e o calor que seu corpo estava gerando o fazia querer abrir a parka branca. No fundo de sua mente, estava ciente de que estava avançando com este traiçoeiro enredo não apenas por causa de uma justa vingança sobre o Bastardo, mas também por tudo o que ele estava fugindo de casa: Blay se foi, Layla com as crianças, Wrath e ele se estranhando.

Ficar aqui toda a noite na caça era uma opção muito melhor do que ficar preso na casa, especialmente já que ele esteve o dia todo preso olhando para aquele teto. Merda, ele ia ficar louco pra cacete com...

À frente, através da neblina formada pela neve, uma figura negra do tamanho de um guerreiro vampiro foi revelada e, em seguida, obscurecida enquanto uma tormenta rolava através de um cruzamento que eles estavam a cerca de vinte metros de distância.

O que quer que fosse era grande e não fazia parte do ambiente.

E aquilo parou assim que os notou, o vento batendo em suas costas e de Tohr, claramente levando o cheiro deles até aquela coisa.

Naquele momento, como se as coisas estivessem predestinadas, as rajadas mudaram obrigatoriamente... e levaram o cheiro da figura: *Olá, Meu nome é*, para eles.

— Xcor — sussurrou Qhuinn enquanto enfiava a mão no seu casaco e agarrava a coroa de sua quarenta.

— Bem na hora — Tohr também puxou sua arma. — Timing perfeito. Acaba antes que isso comece.

Xcor deu-lhes tempo para se aproximar, e Qhuinn tinha certeza de que o Bastardo sabia quem era.

Mais perto... mais perto do alcance...

O coração de Quinn começou a bater forte, uma excitação fervendo e borbulhando suas emoções, mas não sua cabeça ou seu corpo. Seu braço permaneceu firme e para baixo ao seu lado.

Mais perto...

Assim que ele levantou a arma, seu telefone tocou contra seu peito, a vibração chamando sua atenção, mas não o desviando.

Ele e Tohr puxaram seus gatilhos ao mesmo tempo, justo quando Xcor, não sendo um fodido idiota, caiu no chão.

Com a tempestade furiosa, era uma situação de galinha e ovo, difícil saber o que veio primeiro, o mergulho ou o impacto de uma bala.

Com seu telefone continuando a tocar, Quinn e Tohr entraram em uma corrida, ambos atirando para onde o Bastardo esteve em pé, bem como onde ele tinha caído ou aterrissado enquanto eles se arrastavam para a frente através da neve...

— *Filhodaputa!* — Quinn cuspiu quando chegaram onde Xcor esteve.

O fodido tinha desaparecido. E nenhum cheiro de sangue.

Eles perderam inteiramente?

Ele e Tohr olharam em volta, e então o irmão disse:

— Telhado.

Os dois desmaterializaram do beco para o topo do prédio de dez andares que estava bem em frente ao local onde o tiroteio tinha acontecido. Nada. A visibilidade era tão ruim que nem sequer podiam ver a rua abaixo, e Xcor não estava em lugar algum para ser farejado.

Com o vento rugindo em seus ouvidos até mesmo através do capuz que ele tinha puxado apertado, e seus olhos lacrimejando do frio, Quinn sentiu uma frustração que percorreu todo o caminho até sua medula.

— Ele não pode ter ido longe! — Ele gritou acima do ruído.

— Espalhar. Eu vou...

— Filho da puta! — Quinn sentiu seu telefone tocar uma segunda vez. — Quem está me ligando, *porra?*

Ele baixou o zíper de sua parka com um puxão e enfiou a mão dentro. Puxando o pedaço de merda pra fora, ele...

Imediatamente aceitou a chamada.

— Blay? Blay...?

Ele não podia ouvir nada e apontou para o beco abaixo. Quando Tohr acenou com a cabeça, Quinn tentou se concentrar, e um segundo depois desmaterializou de volta para onde eles estavam.

Colocando sua mão oposta sobre sua orelha livre, ele disse:

— Blay?

A voz de seu companheiro era fina sobre a conexão crepitante.

— ... Ajuda.

— O que?

— ... na Northway? Saída...

— Espera, o quê?

— ... vinte e seis...

— Blay?

E então uma palavra veio através, alto e claro:

— Acidente.

— Estou indo! — Qhuinn olhou para Tohr. — Agora mesmo!

Ele queria manter a conexão aberta, mas havia o risco de que a neve causasse o mau funcionamento do telefone e ele poderia precisar dele.

Tohr falou.

— Vamos nos espalhar, eu vou pro norte...

— Não, não, Blay está em apuros. Eu tenho que ir!

Houve uma fração de segundo em que eles olharam um para o outro. Para Qhuinn, porém, não havia dúvida. Amor versus vingança.

E ele escolheria o amor.

Merda, ele se sentiu terrível que Blay estivesse em um acidente... mas pelo menos o macho ligou para ele: Blay tinha pedido uma mão quando isso contava, e foda-se, Qhuinn iria para onde seu coração estava. Mesmo que Xcor estivesse sangrando de uma ferida no peito e precisasse apenas de uma última bala para colocá-lo no Fade? Qhuinn estava fora daqui.

Tohr, porém, era outra história.

Xcor podia ver os dois Irmãos de seu ponto de vantagem no telhado em frente de onde Qhuinn e Tohr estavam em pé. Mesmo com aquelas parkas brancas, as rajadas, a neve caindo e girando ao redor de seus corpos, e marcando seus contornos.

Houve várias vezes durante o curso da vida de Xcor, quando ele podia jurar que alguma força externa estava determinada a mantê-lo vivo.

Esta noite tinha sido mais uma delas.

Ambas as armas foram apontadas para ele, e eles tinham descarregado ao mesmo tempo, como se aqueles Irmãos compartilhassem um cérebro, ou pelo menos um conjunto de dedos no gatilho. E, no entanto, de alguma forma, ele nem precisava do colete à prova de balas que tinha vestido antes de se colocar na parka preta naquele rancho.

Ele culpou o vento.

Ou acreditava, era mais como isso.

Mesmo com ele vestindo o alvo perfeito com as roupas, e eles não estando a mais de quinze metros de distância, essas balas foram para outro lugar.

E ele não tinha desperdiçado um segundo desmaterializando para longe.

Graças aos Destinos, tendia a ficar mais focado em vez de menos quando era tempo de crise, e também adivinhou certo, pensando que seu movimento seria subir exatamente no telhado que eles estiveram. Era por isso que ele foi para o edifício mais baixo atrás de onde eles tinham tentado derrubá-lo. Mas sua vantagem não ia durar. Eles iriam se espalhar para encontrá-lo para que pudessem terminar o trabalho.

E essa tentativa de assassinato só podia significar duas coisas. Ou os dois estavam se rebelando com o Rei... ou Wrath havia mentido sobre suas próprias intenções e toda a Irmandade estava aqui procurando por ele.

O macho parecia sincero, mas quem poderia dizer?

E quem poderia discutir com aquelas calibre quarenta...

Enquanto Tohr e Qhuinn se desmaterializavam, Xcor se agachava e desmaterializava, com base na teoria de que um alvo em movimento era mais difícil de atingir.

Ele se materializou três quadras a oeste em um prédio de apartamentos.

E quando ele retomou sua forma corporal, ele triangulou sua localização em relação àquele mapa nas tábuas da fazenda. Ele estava perto, tão perto, do local que tinha sido ilustrado.

E não havia lugar melhor para estar do que com seus guerreiros se estivesse sendo caçado.

Viajando de um telhado a outro, lembrou-se de seu tempo nas árvores, bem antes do Bloodletter ter vindo até ele naquela floresta. Na verdade, poderia muito bem ter que cair mais uma vez nas suas habilidades de ladrão, dependendo de como tudo isso fosse ao longo do tempo.

Ele tinha pouca munição e nenhum dinheiro, e esse era um problema que requeria uma solução. Mas estava se antecipando.

Com esse pensamento, fez a transição para um beco estreito e escuro como o interior de seu crânio. O vento não conseguia entrar nessa fenda criada entre os prédios de tijolos, e a neve havia se acumulado em grandes derivações em ambas as extremidades com um vazio no meio. Ele ficou encostado em um lado, agachando-se e se misturando rapidamente, passando as entradas e a ocasional caçamba de lixo.

Ele sabia que tinha a entrada certa quando viu três marcas profundas no canto superior direito do batente da porta, e quando tentou a velha maçaneta, não esperava que ela girasse. Mas girou.

Olhando para a esquerda e direita, e depois verificando acima, ele empurrou seus ombros contra a porta e deslocou seu corpo para dentro.

Quando ele se fechou dentro, não disse uma palavra. Seu cheiro anunciava sua presença —assim como os aromas que saudavam seu nariz lhe diziam que seus homens estiveram aqui muito recentemente. Dentro de horas.

Foi onde eles estavam ficando.

Com janelas fechadas com tábuas e aquela porta fechada, decidiu arriscar e acender o segundo dos sinalizadores. Quando aquela luz vermelha e vibrante explodiu da ponta, moveu a vara lentamente.

Era uma cozinha de um restaurante abandonado, todos os tipos de utensílios e panelas antigas, caixas e baldes de plástico cobertos com uma poeira grossa. Havia sinais de habitação de seus homens, lugares vagos contra as paredes onde grandes corpos tinham se estendido para descansar.

As caixas da Domino's pizza o fizeram sorrir. Eles sempre gostaram daquela pizza.

Depois de percorrer a cozinha inteira e em então se dirigir para o restaurante da frente, encontrando o último igualmente montado, desordenado e vazio, voltou à porta pela qual entrara.

E escorregou de volta para a tempestade.

QUARENTA E UM

Tinha sido um bom plano.

E como com todos os bons planos que eventualmente acabavam virando uma merda, as coisas tinham começado okay: Blay tinha tomado a direção do seu Volvo novo, com seu pai gerindo a espingarda e sua mãe atrás sentada encostada na porta com seu pé machucado ao longo do assento. Sim, claro, eles tinham se divertido um pouco pegando a estrada, mas tinham chegado à estrada principal e até mesmo até a Northway sem problemas.

Agora, naturalmente, a rodovia estava fechada, mas como era o Estado de Nova York, as pessoas tinham fodido isso e criado um conjunto de trilhas paralelas que corriam para baixo no centro das duas faixas em direção ao norte. Tudo que você tinha a fazer era conseguir entrar nelas e manter um ritmo constante enquanto o parabrisas na sua frente se transformava no que Han Solo¹⁸ via cada vez que a Millennium Falcon entrava na velocidade da luz.

Então é, tudo bem no início. Eles haviam ouvido a velha guarda Garrison Keillor e cantado junto com sua versão de "Tell Me Why", e foram quase capazes de esquecer o fato de que estavam se dirigindo para as longas saídas, aquelas que não havia maneira de sair por dez ou quinze, ou mesmo vinte milhas em um trecho.

A virada para o pior veio sem preâmbulo ou um anúncio cortês que talvez eles precisassem chamar Houston com um problema. Eles estavam indo a modestos 35 km/h, comendo faixa, descendo... quando o Volvo bateu num trecho de gelo que não concordou com qualquer um dos seus pneus, controle de tração, ou o 4x4.

Um minuto a coisa estava indo bem e no seguinte, em câmera lenta, eles estavam em uma pirueta... e aterrissando em uma vala.

Tipo, literalmente, uma fodida vala.

De frente para trás.

A boa notícia, Blay supôs, era que ele tinha sido capaz de retardá-los o suficiente para que os airbags não tivessem saído e estourado no rosto dele e de seu pai. A má notícia? A "vala" era mais como uma ravina gigante capaz de engolir carros suecos inteiros.

A primeira coisa que Blay fez foi checar sua mãe, que teve que permanecer sem cinto.

— Como estamos aí atrás?

Ele estava tentando permanecer casual e não respirou até que sua mãe lhe mostrou o polegar para cima.

— Bem, isso foi excitante. E estou bem.

Quando seu pai e *mahmen* começaram a conversar nervosamente, ele olhou para cima, para cima, para cima até onde a estrada estava. Então desligou o motor. Havia uma boa chance de que o escapamento

¹⁸ Personagem de Stars Wars e sua nave Millenium Falcon.

estivesse impactado com a neve, e se o aquecedor continuasse funcionando, eles acordariam em modo morto antes de serem incinerados de manhã pelo sol.

— Alguma chance de que você possa se desmaterializar? — Ele perguntou para sua *mahmen*

— Oh, com certeza, absolutamente. Sem problema.

Dez minutos de olhos se fechando e concentração de sua parte mais tarde, ficou claro que era uma causa perdida, e era óbvio que nem ele nem seu pai deixariam o carro sem ela.

Eeeeeee foi assim que ele acabou chamando Qhuinn.

Agora, essa decisão tinha levado algum tempo.

E com aquele macho vindo ajudar para uma corrida morta, Blay sentou-se com as mãos no volante, apesar do fato de que eles não estavam indo a lugar algum e se perguntou se não deveria ter chamado John Matthew em vez disso.

Ou talvez a Fodida fada Sininho.

— Tudo vai ficar bem — sua *mahmen* disse em suas costas. — Qhuinn estará aqui em breve.

Enquanto Blay olhava pelo espelho retrovisor, notou o modo como ela fechou o zíper de sua parka.

— Sim.

Droga, ele deveria ter mandado Jane ir até a casa de seus pais. Mas tinha pensando em Assail e em qualquer outra pessoa que estivesse realmente ferida. Sentiu-se egoísta em tirar qualquer um dos médicos ou Ehlena longe da clínica.

Além disso, Manny, como humano, não poderia desmaterializar.

Não, e tinha sido melhor ele chamar Qhuinn. Especialmente porque estava tentando manter seus pais calmos sobre o fato de que tinha passado uma, e agora duas noites em casa — e não tinha mencionado os gêmeos mesmo. Estava bem ciente de que não estava enganando nenhum deles, mas não estava tão preparado para falar sobre a situação: *Ah sim, lembra-se daquelas crianças que você tanto gostava? Sim, mãe, incluindo a que recebeu seu nome? Bem, eles não vão ser...*

Saindo da neve soprando, emergiu um fantasma. Um fantasma grande para caralho que estava ostentando um capuz.

— Ah, aqui está ele — sua mãe disse de trás.

E seu alívio foi o tipo de coisa que Blay não podia se dar ao luxo de reconhecer sentir. Exceto sim, ele estava feliz que o Irmão estivesse aqui. Vamos, era sua *mahmen*. Ele precisava levá-la para a mansão e sabia que mesmo uma nevasca não iria impedir que Qhuinn viesse buscar a todos.

É, aparentemente a linha não foi traçada para ventos da força de vendaval ou neve ofuscante.

Dever de fraldas era a divisão.

— Fique aqui — anunciou Blay enquanto tentava abrir a porta.

Ele tinha a intenção de emergir triunfante, um igual para um igual que tinha sido apenas temporariamente vencido por um fracasso de seus pneus radiais Bridgestone. Mas a porta estava presa.

Ele acabou desmaterializando para fora de duas polegadas além na janela.

Maldição, estava frio, ele pensou quando o vento começou a bater em seu rosto e ao redor.

— Ela está ferida! — Ele gritou para o vendaval.

Qhuinn apenas olhou para ele, aqueles olhos alcançando o espaço que os separava, questionando, implorando. Mas então o cara sacudiu-se fora disso.

— Por causa desse acidente?

— Não, antes! Ela escorregou e machucou aquele tornozelo novamente. Não estava usando sua bota. Eu estava tentando levá-los para o centro de treinamento.

— Você deveria ter me ligado antes, eu teria...

Saindo da tempestade, outra figura chegou. Tohr. E quando Qhuinn se ajustou a presença, ele se virou e pareceu surpreso. Então aliviado.

— Ela pode se desmaterializar? — Qhuinn gritou enquanto ele se reorientava.

— Não! E não vamos deixá-la!

Qhuinn acenou com a cabeça.

— Eu preciso voltar e pegar o Hummer!

Eles estavam gritando de um lado para o outro, segurando suas mãos, apoiando seus corpos, e estranhamente, Blay pensou que era muito parecido com a comunicação através dos eventos que haviam acontecido ao redor de Layla e as crianças. Essa tempestade inteira havia explodido entre eles, balançando os dois, criando uma nevasca emocional que tornava a paisagem de sua relação impenetrável e o mau tempo ainda não tinha passado.

Na verdade, ele temia que nunca passaria.

— Eu vou ficar com eles! — Blay disse.

Tohr falou.

— Vou para casa pegar cobertores! E então vou voltar para ajudar na guarda!

Blay teve que virar a cabeça e tirar a neve dos olhos.

— Obrigado!

Quando sentiu a mão de Qhuinn em seu ombro, ele pulou, mas não saiu de seu alcance.

— Vou voltar, está bem? — perguntou o irmão. — Não se preocupe com nada.

Por uma fração de segundo, Blay apenas olhou para aqueles olhos díspares. Algo sobre o aspecto deles, tão preocupados e intensos, fez a dor no centro do seu peito sentir-se fresca como o momento em que tinha sido criada.

Mas isso não era tudo o que ele sentia.

Seu corpo ainda queria o cara. Seu corpo ainda estava pronto... para mais de Qhuinn. Maldição.

Sem outra palavra, Qhuinn se foi e Tohr também.

Blay ficou ali parado na tempestade por um segundo ou dois a mais, girando para que pudesse olhar para a estrada. Oh, checado. Eles tinham conseguido atravessar o trilho lateral.

Antes de voltar para dentro do carro, dirigiu-se ao capô da frente, pôs-se de joelhos e tirou o canivete suíço. Suas mãos não tinham luvas, assim trabalhou rápido, escovando a neve, removendo os dois parafusos que seguravam a placa do carro e quebrando o lacre.

Em seguida, lutou seu caminho através do vento para trás e fez a mesma coisa com a placa traseira, enfiando ambas no interior de sua jaqueta.

Desmaterializando-se no carro, sorriu para seus pais.

— Eles estão voltando. Não será um problema.

Sua *mahmen* assentiu e sorriu.

— Eles são apenas os melhores.

— Uh-huh — ele apontou para o porta-luvas. — Diga, pai, você se importaria...

— Já peguei.

Seu velho lhe deu o documento do carro e o cartão do seguro, os quais V tinha falsificado, e Blay os colocou dentro de sua parka também. O NIV(Número de Identificação do Veículo) foi raspado logo que eles tinham comprado a coisa apenas para esta ocasião — quando você era um vampiro em um mundo humano e seu navio naufragava, um monte de vezes você apenas abandonava e saía, porque o incômodo não valia a recuperação.

Putá que o pariu, ia levar um dia ou dois antes que alguém pudesse até chegar ao sedan, talvez mais, então era melhor simplesmente esquecer tudo.

Enquanto olhava pela janela lateral, Blay sentiu uma ansiedade se enrolando que nada tinha a ver com o apêndice de sua mãe ou a nevasca.

Você não pode ir pra trás, disse a si mesmo. Só pra frente.

— Eu realmente vou sentir falta desse carro — sua mãe murmurou. — Eu estava me acostumando com ele.

— Vamos pegar outro, querida — seu pai disse. — E você pode escolher um.

Sim, que pena que você não podia simplesmente ir para uma “Loja de Relacionamento” e comprar uma nova versão daquele que você tinha quebrado, aquele que talvez tivesse algumas atualizações de tecnologia e melhor suspensão sobre seu parceiro.

Mas a vida não funcionava assim.

QUARENTA E DOIS

Atrás do volante de seu Hummer, Qhuinn sentiu que demorou um mês para conseguir voltar onde o Volvo tinha se afundado ao lado da rodovia. Ele supôs, porém, quando o marcador de milhas que ele esperara para sempre finalmente se apresentasse, ele deveria estar grato que pudesse sair dali afinal. Apesar de seu segundo novo SUV ser apertado como aquele, seus pneus preparados e fortificados com um jogo de correntes de King Kong, sua larga distância entre eixos, e os faróis de milha potente, exatamente o que você necessitava em uma noite como esta.

Quando você estava resgatando o amor de sua vida e seus pais no meio da nevasca.

Mesmo com aquele veículo bom pra caralho, porém a visibilidade estava uma merda, e ele teve que desligar os faróis em favor das luzes do acostamento assim que pegou velocidade na Northway. Com seus olhos afiados, a iluminação ainda era abundante e isso abordava a questão que ele teve com a névoa criada por aqueles filhos das putas de Xenon batendo em todos os flocos de neve.

Ao passar pelo marcador, dirigiu o Hummer para fora da pista central até o acostamento. Estreitando os olhos, mesmo que não melhorasse sua acuidade visual, tentou descobrir exatamente onde eles haviam saído da estrada na direção oposta, no limite norte das várias pistas.

Ele tinha andado cerca de um metro com esse pensamento antes de decidir, foda-se.

Girando o volante para a esquerda, ele cruzou a estrada no meio, atravessando o trânsito, que era inexistente, pelo menos no momento, e seguiu pela Northway indo pela contramão. Ligando o refletor lateral, ele manipulou o feixe poderoso para o lado.

Encontrou o Volvo a cerca de trezentos e vinte metros, e algo sobre ver o sedã em um ângulo, uns dois metros abaixo daquele trilho lateral quebrado o fez querer vomitar. Em vez de ir por essa rota de vítima, no entanto, ele freou, jogando o motor no ponto morto e abriu a porta.

O Volvo tinha perdido a tração na base de uma colina, sua grade indo de cabeça na neve de tal maneira que a porta do motorista não poderia ser aberta. Blay e sua família tinham saído do outro lado, porém seu pai e ele estavam ajudando sua *mahmen* do banco traseiro. Lyric estava fazendo careta de dor enquanto a arrumavam, mas ela não estava reclamando. Ela estava tentando sorrir.

— Olá, Qhuinn — ela gritou dentro da tempestade enquanto ele descia a inclinação até eles.

Isso foi o máximo que ela conseguiu com a conversa. O atropelo estava obviamente matando-a e Qhuinn desejou poder ajudar. Enquanto isso, Tohr estava de pé também, com o cobertor que ele trouxe e uma garrafa térmica em suas mãos. Qhuinn ficou chocado ao ver que o irmão havia aparecido na cena, e cara, tinha sido bom saber que ele estava segurando as coisas enquanto o Hummer era trazido para cá.

— Eu vou levá-la para cima — o pai de Blay anunciou, como qualquer macho vinculado faria.

E por respeito a ele, todos se afastaram enquanto o cara pegava sua companheira nos braços. Blay então foi atrás de seu pai, empurrando seus pais acima da inclinação até o Hummer enquanto Tohr escrutinava a tempestade procurando o inimigo e Qhuinn corria na frente, virava o SUV no acostamento, e abria a porta traseira.

Deus, por favor, não deixe que nenhum humano venha. Especialmente não em uma viatura ou carro da polícia do estado.

Foi outro caso das coisas demorarem muito para que Lyric estivesse segura na parte de trás do veículo, e Qhuinn respirou fundo.

Mas eles ainda tinham que chegar a mansão ilesos.

Quando Blay entrou ao lado dele na frente e o pai do macho deu a volta e sentou-se com Lyric, Tohr veio.

Qhuinn baixou a janela.

— Obrigado... muito obrigado.

O irmão passou-lhe a manta e a garrafa térmica.

— Isso é chocolate quente. Fritz aparentemente tem isso pronto em noites como esta.

— Você vai voltar pra cidade?

Tohr olhou para a neve soprando.

— Vamos juntos, foi o que combinamos.

Qhuinn esticou a palma da mão.

— Amém, irmão.

Depois que eles sacudiram, Tohr recuou.

— Vou te seguir para casa.

— Não precisa. Mas fico feliz que você vá.

Tohr acenou com a cabeça uma vez e depois golpeou o capô.

— Dirija com cuidado.

Qhuinn levantou a janela e acelerou com cautela. O Hummer estava preparado para todos os tipos de terreno, incluindo Porra de Montes de Neve Fodidas, mas ele não ia correr riscos com sua preciosa carga, e então havia o fato de que a mãe de Blay sibilou quando o SUV entrou na pista de neve.

Quando começaram a viagem, a mãe e o pai de Blay conversaram baixinho no banco de trás, o apoio sendo oferecido e aceito, os murmúrios quentes e íntimos.

Sabe, basicamente o oposto do que estava acontecendo na frente do veículo.

Qhuinn olhou de relance para Blay. O macho estava olhando diretamente para frente do parabrisa, seu rosto impassível.

— Então eu vou direto para o centro de treinamento — disse Qhuinn.

Era uma afirmação estúpida, claro. Como ele estivesse indo como Papai Noel levá-los pela chaminé ou algo assim?

— Isso seria ótimo — Blay pigarreou e desabotoou sua parka. — Então a Irmandade estava no campo esta noite?

— O quê?

— Wrath ainda assim enviou todos pra fora nesta tempestade? — Quando Qhuinn continuou a parecer confuso, Blay disse: — Você e Tohr estavam falando sobre estar no campo?

— Oh sim. Não. Todos estão em casa.

— Então o que vocês estavam fazendo no centro da cidade?

— Oh, nada.

Blay tornou a focar no parabrisas.

— Negócio da Fraternidade Privada, hein? Bem, posso sentir o cheiro da pólvora em você.

Quando o Hummer chegou ao centro de treinamento, parando em frente à porta reforçada na base da garagem, Blay foi o primeiro sair do SUV. O passeio para o complexo havia sido marcado por uma série de paradas e começos de conversa estranhas entre ele e Qhuinn, a tal ponto em que era uma disputa se o silêncio tenso era melhor do que toda a limpeza da garganta. E enquanto isso, ao fundo seus pais estavam ouvindo tudo, mesmo enquanto fingiam conversar entre eles.

Nada como desnudar o ponto baixo da sua relação na frente da Mamãe e do Papai.

Era quase tão divertido quanto um tornozelo quebrado.

Justo quando Blay estava abrindo a porta de sua mãe, o Dr. Manello saiu com uma maca, o macho humano sorrindo agradavelmente, mas também fazendo aquela coisa de olho de águia que todos os médicos e cirurgiões faziam ao confrontar um paciente.

— Como estamos, pessoal? — O cara disse enquanto Lyric tentava sair do banco traseiro do Hummer. — Ainda bem que você fez isso num pé só.

A *mahmen* de Blay inclinou a cabeça e sorriu para o curandeiro enquanto se inclinava sobre seu *hellren*.

— Oh, eu fui estúpida.

— Você não estava de bota.

— Não, eu não estava — ela revirou os olhos. — Eu estava apenas tentando fazer a Primeira Refeição. E deu nisso.

O Dr. Manello cumprimentou o pai de Blay com um aperto de mãos, então colocou a mão no ombro de Lyric.

— Bem, nada para se preocupar, eu vou cuidar muito bem de você.

Por alguma razão, aquela declaração simples, juntamente com a total confiança que o sujeito usava como uma aura concedida pelo próprio Deus fez Blay ter que desviar o olhar e piscar rapidamente.

— Você está bem? — Qhuinn perguntou baixinho.

Blay disfarçou e ignorou o comentário enquanto sua mãe era colocada cuidadosamente na maca e Dr. Manello fez um exame rápido, como se ele não pudesse evitar.

— Quando você vai voltar para casa? — Sussurrou Qhuinn.

Quando Blay não respondeu, o homem pressionou:

— Por favor... volte.

Blay caminhou até a maca.

— *Mahmen*, você precisa de um cobertor? Não? Certo, vou abrir a porta.

Objetivamente, ele manteve as portas abertas e ficou de lado enquanto todos ficavam em fila e entravam no centro de treinamento. Depois de ter certeza de que tinha fechado as portas corretamente atrás deles, juntou-se à marcha pelo longo corredor de concreto, passando pelas salas de aula e a sala de descanso usada pela nova turma de recrutas.

Como tudo em Caldwell, as coisas estavam fechadas hoje à noite, sem estudantes ao redor, todos aconchegados em casa.

Bem até que, os gritos... querida Virgem não-mais-Escriba dos gritos.

— O que é isso? — Perguntou a mãe de Blay. — Alguém está morrendo?

O Dr. Manello balançou a cabeça. Embora a assistência médica dos vampiros não tivesse regras sobre Lei de Seguros de Saúde, o médico nunca falava sobre seus pacientes, mesmo quando a informação era de Irmão para Irmão, e Blay sempre admirou isso a respeito do cara. Sobre a Dra. Jane também. Inferno, na mansão todo mundo tendia a conhecer os negócios dos outros. E quando as coisas estavam indo bem? Isso era ótimo. Quando não estavam?

A família amorosa, preocupando-se, xingando no balcão podia começar a ser um pouco demais.

— Então, quando podemos ver aqueles bebês? — Perguntou o pai de Blay enquanto olhava por cima do ombro para Qhuinn. — Eu não segurei meus netos em dez noites. Já faz muito tempo. E sei que a avó deles poderia se alegrar, certo meu amor?

Enquanto Blay sugava uma maldição, certificou-se de não olhar na direção de Qhuinn. Mas pelo menos ele sabia que podia confiar no cara para não entregar...

— Absolutamente. Podemos esperar até amanhã à noite? Porque eu adoraria levá-los para sua casa e ter uma visita adequada em seu lar.

Com licença, Blay pensou. Você está brincando comigo, *porra*?

Enquanto atirava ao macho um olhar feio, a mãe de Blay encheu o silêncio com uma felicidade ofegante.

Virando-se na maca, olhou para Qhuinn.

— De verdade?

O Irmão alegremente ignorou Blay enquanto todos entravam em uma sala de exame.

— Sim. Eu sei que queriam que nós fôssemos ver vocês e acho que agora seria um ótimo momento.

Inacreditável. *Pra caralho*.

Mas ele tinha que dar crédito ao cara por uma carta bem jogada. Lyric tinha querido o rebuliço e assar e tirar fotos das crianças em sua própria casa por um bom tempo, embora ela certamente nunca dissesse nada explícito sobre isso, porque não queria forçar a barra. Sua campanha tinha sido muito mais sutil, nada mais do que deixar cair dicas aqui e ali sobre a possibilidade da noite do pijama, quando eles fossem muito, muito mais velhos, e visitas durante as festas, quando eles fossem muito, muito mais velhos, e noites de cinema, quando eles fossem muito, muito mais velhos.

A ânsia sempre esteve em sua voz, no entanto.

Quando a mãe de Blay estendeu a mão e apertou o antebraço de Qhuinn, Assail escolheu aquele momento para gritar de novo, o que, o que você sabe, era exatamente o que Blay estava fazendo em sua própria cabeça.

— Ok, vamos ver o que temos aqui.

Enquanto o Dr. Manello falava, Blay se perguntou sobre o que diabos o médico estava falando, e então se lembrou, oh, certo, eles estavam em uma sala de exames. Depois que eles saíram da rodovia. No meio da pior tempestade de neve de dezembro já registrada.

PQP, ele realmente só queria bater em Qhuinn com alguma coisa. Um armário cheio de suprimentos médicos ou talvez aquela escrivainha ali.

— Nós vamos precisar de uma radiografia. E então nós vamos...

Quando o médico começou a falar, o pai de Blay ficou sério e concentrado e Blay também queria. Em vez disso, esperou que Qhuinn olhasse de relance.

E então ele mexeu os lábios: *Lá fora no corredor. Agora.*

Mensagem entregue, Blay olhou para seus pais.

— Nós só vamos conversar por um segundo, voltamos logo.

Odiou o modo como sua mãe olhou para ele com aprovação, como se ela esperasse que o que fosse que estivesse errado dissipasse a tempo pela família como Norman Rockwell ao anoitecer de amanhã.

Esse era um presente que ele não estaria dando a ela no Natal.

No segundo que Qhuinn se juntou a ele no corredor, Blay estendeu a mão e fechou a porta atrás deles. E depois de verificar para se certificar de que não havia mais ninguém por perto, ele pegou seu cortador de grama para fora.

— Você está *de sacanagem* comigo. — ele disse baixo. — Você *não* vai lá amanhã à noite.

Qhuinn apenas deu de ombros.

— Seus pais querem ver...

— Sim, aquelas duas crianças que você se certificou de que eu soubesse que não eram meus filhos. Então não, você não está levando seu filho e filha para a casa dos meus pais apenas como uma desculpa para me ver. Não vou deixar você fazer isso.

— Blay, você está levando isso muito longe...

— Disse o cuzão que queria colocar uma bala na cabeça da mãe de seus filhos. Enquanto ela estava de pé sobre os berços deles — ele levantou as mãos. — Qhuinn, possivelmente você não pode ser tão crucialmente egocêntrico.

O macho inclinou-se para a frente em seus quadris.

— Eu não sei quantas vezes posso dizer que sinto muito.

— Nem eu, mas desculpas não vão fazer isso melhor.

Houve uma pausa de silêncio, e então Qhuinn recuou, uma expressão remota descendo sobre suas feições.

— Então é isso — disse ele. — Você está jogando toda a nossa relação por um comentário.

— Não foi um comentário. Foi uma revelação.

E uma que tinha muito bem o matado onde ele estava. Inferno, ele teria tido uma chance melhor de sobrevivência sendo aquele que Qhuinn tinha atirado.

Qhuinn cruzou os braços sobre o peito de uma maneira que fez seu bíceps ficar tão grande que esticou até mesmo as mangas soltas daquela parka branca.

— Você se lembra... — O macho pigarreou. — Você se lembra lá atrás, como um milhão de anos atrás, quando você veio para minha casa depois que meu pai, você sabe, depois que ele me bateu?

Blay olhou para o chão de concreto entre eles.

— Houve muitas noites assim. Qual?

— Justo. Mas você sempre esteve ali para mim, você sabe. Você se esgueirava, nós jogávamos PlayStation e relaxávamos. Você era minha salvação. Você é a única razão pela qual estou vivo agora. Por que essas crianças até mesmo existem.

Blay começou a balançar a cabeça.

— Não faça isso. Não use o passado para tentar me fazer sentir culpado.

— Você sempre me disse que meu pai estava errado por me odiar. Você disse que não podia entender por que ele...

— Olhe, eu paguei minhas dívidas com você — disse Blay. — OK? Eu paguei minhas dívidas. Eu fui seu puxa-saco, seu Band-Aid, seu cobertor de segurança. E você quer saber por quê? Não foi porque você era tão especial. Foi porque você era um galinha que eu não podia ter, e eu tomei sua promiscuidade como minha não sendo o suficiente... e isso me fez querer provar a mim mesmo para você repetidamente. E não vou mais fazer isso. Você me afastou durante todo esse tempo quando estava fodendo outras pessoas, mas vou te dar um desconto por isso, porque eu não tinha colhões para sair e te dizer como me sentia naquela época. Mas quando você me afastou daquele quarto? Você sabia o quanto eu te amo. Não estou voltando para aquilo...

— O que eu *ia* dizer — Qhuinn disse agressivamente — era que você sempre me disse que lamentava que ele não pudesse me perdoar por algo que eu não podia mudar...

— Isso mesmo, seu DNA não é culpa sua. Que diabos isso tem a ver com qualquer coisa entre nós? Você está dizendo que não é responsável pelo que sai da sua boca? — Blay balançou a cabeça e andou de um lado pro outro. — Ou melhor ainda, que não é sua culpa que você me cortou da vida daquelas crianças?

— Eu acabei de me convidar e aquelas crianças para a casa de seus pais amanhã à noite, lembra? Então claramente não estou te cortando — Qhuinn levantou o queixo. — E meu ponto é que eu não entendo como alguém que prega a importância do perdão está se recusando a aceitar minhas desculpas.

Sem pensar nisso, Blay enfiou a mão no casaco e tirou o pacote de Dunhills. E quando ele acendeu um, ele murmurou:

— Sim, estou fumando novamente. Não, não tem nada a ver com você. E quando eu estava falando sobre seu pai, era sobre a cor dos olhos, pelos deuses. Eu não estava pedindo que você se afastasse do que

pensava que eram suas malditas crianças. Aquela era a minha vida, Quinn. Aquelas crianças... eram meu futuro, o que iria ficar de mim quando eu morresse e partisse. Eles iriam ser... — Quando sua voz se quebrou, ele deu uma longa tragada. — Eles iriam levar adiante as tradições de meus pais. Eram marco, felicidade e uma totalidade que nem mesmo você pode me dar. Isso não é nada comparado a um acidente genético que resultou em ter um olho azul e um verde.

— Tanto faz, Blay — Quinn disse sombriamente enquanto passava circulava seu rosto. — Esse defeito foi minha vida inteira e você sabe disso. Meu defeito na casa de meus pais foi *toda* a minha vida. Eu fui cortado de tudo...

— Muito bem, você sabe como me sinto.

Enquanto seus olhares se chocavam, Quinn sacudiu a cabeça.

— Você é tão mau quanto o meu pai foi, sabia? Você realmente é.

Blay apontou seu cigarro aceso para o cara.

— Foda-se. Por isso. Sério.

Quinn olhou fixamente através do ar tenso por um momento. Então ele disse:

— O que está acontecendo aqui? Quero dizer, realmente você só quer nos destruir? Você quer voltar para Saxton ou talvez foder outra pessoa? Você quer jogar isso do modo que eu costumava ser? É por isso que você está fazendo isso?

— Por que estou fazendo, espere, como se eu estivesse tomando esta posição como uma estratégia de saída? Você acha que talvez este seja um discurso para fazer um ponto arbitrário? Você honestamente acredita que estou jogando aqui? — Ele balançou a cabeça enquanto a descrença o deixava tonto. — E não, eu não quero ser como você. Você e eu não somos iguais e nunca fomos.

— É por isso que nós damos certo — abruptamente, a voz de Quinn cresceu. — Você é meu lar, Blay. Sempre foi. Mesmo com Lyric e Rhamp em minha vida, estou perdido sem você, e sim, eu posso ficar irritado no meio de uma conversa como esta, mas ainda sou macho o suficiente para admitir que eu não sou nada se você não está comigo. — Ele limpou a garganta. — E pra sua informação, eu vou lutar por você, por nós, então eu vou perguntar de novo. O que vai precisar? Sangue? Porque o que eu precisar fazer para te recuperar, eu vou fazer.

Enquanto Assail soltava outro grito, Blay fechou os olhos, a exaustão vinda sobre ele como uma mortalha.

— Sim, claro, tudo bem — ele murmurou. — Sangue. Isso vai precisar de sangue. Agora, se você me desculpar, vou cuidar da minha mãe.

— Vou aparecer com as crianças amanhã à noite nos seus pais.

— Não vou estar lá.

— A decisão é sua. E eu vou respeitar. Mas estou falando sério. Não importa o que for preciso, eu vou provar que te amo, preciso de você, quero você, e que essas crianças são suas.

Com isso, o Irmão se virou e saiu descendo pelo corredor de concreto a passos largos com a cabeça erguida, os ombros para trás.

— Filho?

Blay saltou e se virou para o pai.

— Como ela está? O raio X já foi feito?

— Ela está te chamando. O Dr. Manello diz que eles podem ter que operar.

Merda.

— É claro. — Ele passou o braço pelos ombros do pai. — Venha, vamos descobrir isso juntos...

— Você e Quinn estão bem?

— Muito Bem. Simplesmente excelentes — ele disse enquanto empurrava a porta da sala de exames para abrir. — Nada com que se preocupar. Vamos nos focar na mamãe, certo?

QUARENTA E TRÊS

Há muito tempo Throe tinha ouvido que se podia fazer uma bomba com materiais domésticos comuns. Que se poderia facilmente produzir uma unidade altamente explosiva com nada mais do que itens encontrados na maioria das cozinhas.

No entanto, embora isso fosse verdade, enquanto descia pela escada principal da mansão do *hellren* de sua amante, estava quase desapontado com a natureza onipresente do que estava procurando. No entanto, com seu livro debaixo do braço e uma bem-vinda clareza de propósito em sua mente, disse a si mesmo que sua fé seria recompensada, seu propósito servido, seu objetivo alcançado.

Mesmo que isso parecesse um pouco desapontador.

E novamente, pelo menos ele estava focado agora.

Negócio tão estranho aquela confusão anterior tinha sido, pensou enquanto descia ao hall de entrada do primeiro andar, o fogo crepitante na lareira de mármore oferecendo calor e luz, o candelabro de cristal brilhando como se verdadeiros diamantes tivessem sido amarrados no teto. Parando, olhou para a sala de estar e aprovou os sofás de seda e os candelabros, as cortinas penduradas nas janelas longas e estreitas, as cores semelhantes a joias que foram escolhidas por alguém com um olho muito bom e uma carteira muito funda.

No lado oposto do grande espaço aberto, como era tradição, o estúdio do primeiro macho da casa brilhava de poder e distinção, os painéis de madeira e os livros de couro, a escrivaninha ampla com o seu mata-borrão de couro e a cadeira combinando, dando uma impressão tão aristocrática de entrincheiramento que um sentimento de nostalgia aqueceu o centro de seu peito. Tinha passado tantos anos desde que ele tinha vivido assim, tantos casebres no meio. E, além disso, também havia grosseria e vulgaridade, morte e sangue, sexo do tipo mais básico.

Não tinha sido a vida que ele tinha visto uma vez para si mesmo, e de fato, por mais que se sentisse amarrado ao Bando de Bastardos e seu líder, agora acreditava que seu tempo com eles não passara de um sonho ruim, uma tempestade predestinada que tinha passado através de seu destino, em seu caminho, para causar estragos na existência de outros pobres imbecis.

Era aqui que ele pertencia.

De fato, de todos os lugares em que esteve no Novo Mundo, esta mansão combinou melhor com ele. Não era a maior de suas amigas, mas era apontada com os melhores adornos, com um padrão que ele próprio escolheria para sua moradia...

O que em breve *escolheria* para sua moradia, ele se corrigiu, quando ele sobrepujasse à raça...

— Você não vai durar com ela.

Throe girou sobre seu calcanhar. O *hellren* da casa, um vampiro idoso de cerca de oitocentos anos, saiu do lavabo social que ficava fora da biblioteca, o som de um vaso dando descarga anunciando sua presença mais do que seu cheiro escasso ou sua voz fraca.

— Desculpe? — murmurou Throe, embora tivesse ouvido perfeitamente bem.

— Ela não vai durar com você mais do que durou com os outros. Você estará de volta às ruas pelo Ano Novo.

Throe sorriu, particularmente quando observou a bengala que o macho precisava para poder andar. Por um momento, ele se entreteve imaginando que a coisa escorregava sob o domínio daquela mão artrítica e o macho perdia o equilíbrio, caindo no duro chão de mármore.

— Acho que você subestima vastamente meu encanto, velho — Throe deslocou seu apoio Do Livro, trazendo-o ao peito. Engraçado, parecia formigar contra seu coração. — Mas isso não é um assunto para uma conversa polida, é?

Cabelos grisalhos, sobrancelhas espessas, tufo de bigodes crescendo das orelhas... oh, as indignidades da idade, pensou Throe. E a inevitável disfunção erétil e sexual. Afinal, Viagra só podia ajudar um pouco. Mesmo se o pau pudesse endurecer graças aos produtos farmacêuticos, se o resto do corpo fosse tão atraente como uma carcaça podre de veado, o que mais poderia fazer uma fêmea jovem além de tomar um amante mais apetitoso?

— Ela está fora, você sabe — o macho disse com sua voz trêmula.

Porque eles não tinham a bengala equivalente para conversar, Throe se perguntou ociosamente. Um pequeno alto-falante projetaria as coisas melhor? Talvez com um botão para adicionar o grave junto ao volume.

— Ela está, sim — Throe entoeou com um sorriso. — Eu a mandei sair para encontrar outra fêmea para que ela e eu pudéssemos brincar com um brinquedo. Nós já fizemos isso antes, e ela vai voltar e me trazer o que eu quero.

Quando o macho gaguejou como se estivesse chocado, Throe inclinou-se e deixou cair suas palavras num sussurro, como se ele e o *hellren* dela tivessem um segredo juntos.

— Acredito que você vai achar que isso acontece com alguma regularidade de agora em diante. Você deve perceber, amável senhor, que eu não sou como os outros que ela entreteve no passado. Eu digo a ela o que fazer e ela faz. O que nos diferencia também, não é?

O velho recuperou a compostura e abanou a bengala.

— Você vai ver. Ela já fez isso antes. Eu sou o único que ela não pode viver sem porque eu posso apoiá-la. Você, como um vagabundo, um trapaceiro, e um aristocrata caído, certamente não pode.

Bem, Throe refletiu, talvez alguém tenha adivinhado a natureza impassível desse companheiro em particular. Não importa, entretanto.

Throe inclinou a cabeça.

— Acredite no que você quiser. Isso nunca muda a realidade. Boa noite.

Quando ele se dirigiu em direção à despensa, o *hellren* disse um pouco mais alto.

— Você está usando a porta dos criados. Muito apropriado. Você costumava ser um membro da *glymera*, mas isso não é mais verdadeiro, e não tem sido desde que sua família de sangue removeu você de sua propriedade e suas linhas ancestrais. Que pena. A menos que você olhe para isso do ponto de vista deles. As desgraças devem ser extirpadas ou ameaçam a totalidade.

Throe parou. E se virou lentamente.

Estreitando os olhos, sentiu uma raiva familiar enrolar-se em seu estômago, uma víbora que gostava de golpear.

— Cuidado, velho. Vou te dizer mais uma vez, e nunca mais. Não sou como os outros.

— Você é um gigolô. Troca seu corpo por comida e abrigo como qualquer prostituta comum. Um terno fino não muda o fedor da carne sobre a qual ele repousa.

Vagamente Throe estava ciente de que O Livro se tornava quente contra o seu esterno. E sentiu a tentação de ceder à sua raiva como nunca antes.

Mas então se lembrou do porque tinha descido. E o que ele faria em seu quarto quando reunisse o que precisava.

Agora ele sorriu de novo.

— Você tem sorte de eu precisar de você.

— É melhor se lembrar disso. E ela também.

— Nós vamos, prometo. Especialmente enquanto a sua *shellan* gozar por mim — Throe continuou, deixando o *hellren* para o que quer que ele fizesse pelo resto da noite, e qual festa aquilo seria. Devido aos seus problemas de mobilidade, passava a maior parte das noites na biblioteca dos fundos que conduzia ao solário, apoiado como uma estátua cuja base estava quebrada.

Então quando fosse a hora... ele seria fácil de encontrar.

Enquanto isso, era preciso ir até a despensa e recolher os ingredientes.

Localizar a despensa com suas múltiplas prateleiras e suas fileiras de latas, caixas e frascos era bastante simples. Encontrar precisamente o que ele precisava, no entanto, ia levar algum tempo e concentração. Enquanto media a amplitude do que tinha sido comprado para o consumo da casa, ele ficou um pouco sobrecarregado.

Mas algo lhe dizia para não pedir ajuda a qualquer empregado.

O Livro, ele pensaria mais tarde. Sim, o Livro estava se comunicando com ele sem palavras, mas como um animal com quem uma pessoa tinha grande familiaridade poderia “falar” através de uma série de movimentos de olhos e focinho, intangíveis que significavam pouco para todos, exceto os dois envolvidos.

Abrindo a brochura em cima da mesa de madeira de carnes central, Throe sorriu enquanto suas páginas se lançavam para as passagens corretas. E então procurou coletar o que estava listado.

Era um cozido desagradável, de fato.

Angostura¹⁹ amarga. Vinagre de vinho tinto. Gengibre. Alcaçuz preto. Rúcula. Açafraão. Sementes de gergelim.

E então ele precisava de cera de vela preta. E... óleo de motor? De um carro? Por um momento, ele se irritou no esforço que reunir tudo ia requerer, o seu velho modo de ter tudo o que esperava na mão e aos seus pés, subindo em sua cabeça privilegiada. Exceto então O Livro enrugou suas páginas, como em desaprovação.

— Sim — ele disse. — Seguir o que devo fazer.

Pegando um cesto de uma pilha junto à entrada como se de fato fosse uma espécie de loja, ele começou a tirar das prateleiras o que estava indicado.

Ah, e uma panela de cobre. Ele iria encontrar uma daquelas na cozinha, esperava.

¹⁹ Angostura - Bebida amarga, aromática que é usada no preparo de coquetéis clássicos e em algumas receitas de cozinha

Sim, isto era bastante para o ensopado. No entanto, dificilmente o tipo de coisa que você acharia que pudesse fazer trazer um exército, e talvez isso não funcionasse...

O Livro revirou as páginas, como um cão bem nervoso.

Throe sorriu de volta para ele.

— Não seja tão sensível. Eu tenho a minha fé, e minha fé me tem.

Estranho modo de colocar as coisas, mas o refrão configurou-se em seu cérebro e saiu de sua boca em um murmúrio.

— Eu tenho a minha fé, a minha fé me tem, eu-tenho-minha-fé, a-minha-fé-me-tem, aminhafémetemaminhafé...

QUARENTA E QUATRO

Zypher liderou o Bando de Bastardos de volta onde eles tinham procurado abrigo antes do amanhecer se aproximar. A tempestade de neve estava tão ruim, e esteve furiosa durante tanto tempo, que não só os planos de viagem para o Novo Mundo foram encurtados — junto com tantos humanos — mas a cidade de Caldwell e seus bairros vizinhos também se transformaram em cidades fantasmas cobertas de neve. Não havia carros nas estradas inacessíveis, nem pedestres nas inacessíveis calçadas.

Eles tentaram na noite anterior localizar Xcor, o que eles assumiram seria a última vez. Mas quando ficaram presos na Costa Leste, seu voo atravessando o Atlântico atrasado, eles tentaram mais uma vez, e o que certamente seria a última, a hora final, encontrar seu líder.

E como já foi o caso antes, não descobriram nada. Seja por causa da tempestade ou...

Oh, com quem ele estava brincando, pensou Zypher quando virou a esquina em um beco que se tornou bastante familiar. Xcor estava bem e realmente se fora, provavelmente para o seu túmulo. Eles realmente precisavam desistir disso, especialmente porque todos agora não estavam apenas frustrados, mas congelados. Descansar era o melhor, pois ao cair da escuridão no dia seguinte, eles teriam que começar a batalha para encontrar um voo diferente ou talvez até um caminho diferente para voltar para casa.

Uma coisa que ele estava ansioso? Retornar para suas acomodações no castelo.

O restaurante abandonado em que estavam hospedados era melhor do que alguns lugares que haviam acampado ao longo dos séculos, mas isso não chegava aos pés de sua pilha de pedra bem educada lá no Antigo País. Contudo, fizeram o melhor daquilo que haviam tomado como residência, entrando em túnel no prédio ao lado para proporcionar uma fuga adicional e monitorando os outros prédios vazios, no caso dos humanos fazerem um ressurgimento no bairro degradado.

Sim, ficaria feliz em partir, mesmo quando lamentava o que tiveram que deixar para trás.

Zypher chegou à porta primeiro, e como era protocolo, ficou de um lado e guardou seus colegas guerreiros enquanto abriam as portas e entravam no interior — não que existisse alguma coisa para se proteger.

Poderiam essas tempestades acontecerem mais constantemente, ele pensou, para que os humanos fossem levados para seus abrigos todas as noites.

Syn foi o último através da porta aberta, e então Zypher verificou mais uma vez o beco cheio de neve, e os edifícios vazios e mortos do outro lado do beco. Então ele também desapareceu no interior, que não era mais quente, mas ventava muito menos do que nas ruas.

Era um alívio não ter a neve voando nos olhos e abafando a audição.

O som do grupo deles pisoteando a neve com suas botas e sacudindo gorros e luvas lembrou-o de um rebanho pisoteando, acompanhado de pássaros. Não que ele realmente tivesse visto uma coisa dessas, mas ele imaginava que seria...

— Algo cheira errado.

—Alguém esteve aqui.

À medida que a presença de um intruso se registrava em todos eles de uma só vez, ficaram na defensiva, agachados nas pernas, tirando as armas. Mas não foi...

— Pólvora? — Disse um deles. — Um sinalizador, talvez...

Naquele momento, a porta se abriu logo atrás dele...

E o cheiro que entrou com o frio parou tudo. O cheiro... e o tamanho do homem que preenchia os batentes da porta... e a aura de poder que o acompanhava...

A porta foi fechada lentamente. E ainda ninguém se moveu.

Essa voz, a qual Zypher desistiu de ouvir novamente, falou claramente.

— Nenhuma saudação para o seu líder? Fiquei tanto tempo longe?

Zypher deu um passo à frente na escuridão. E outro.

Então, com uma mão tremendo, ele tirou o casaco e ligou uma tocha alimentada por bateria.

Era Xcor. Uma versão mais magra e de aparência mais velha de Xcor, mas o guerreiro, no entanto.

Zypher estendeu a mão e tocou o ombro pesado. Então sim, tocou o rosto.

— Você vive — ele suspirou.

— Sim — Xcor sussurrou de volta. — Mal. Mas sim.

Ele não sabia quem se estendeu primeiro, ele ou seu líder. Mas os braços estavam embrulhados, e eles se juntaram peito com peito, o presente se realinhando com um passado que sempre incluiu o homem que milagrosamente estava diante dele.

— Meu irmão, pensei que esta noite não viria — Zypher fechou os olhos. — Eu tinha perdido a minha esperança.

— E eu também — Xcor disse roucamente. — Eu também.

Quando Zypher recuou, Balthazar surgiu, assim como os outros. Um a um, os abraços foram trocados, quilos fortes sendo compartilhados sobre os ombros. Se lágrimas se formaram nos olhos, elas não foram derramadas, mas nenhuma voz era capaz de qualquer tipo de discurso — mesmo Syn entrou num breve aperto, o pior de todos eles afetado também.

A missão deles de tentar encontrar Xcor vivo tinha decaído em uma decisão tácita que talvez se pudessem descobrir o que aconteceu, ou talvez localizar alguns restos para dispor corretamente, talvez pudessem viver em paz com isso. Mas há muito tempo perderam a concepção de que esta reunião pudesse ser o destino de todos eles, esse retorno vital um presente no qual eles não tinham ousado aspirar.

— Foi a Irmandade? — Exigiu Balthazar. — Eles o levaram?

— Sim.

Instantaneamente, os grunhidos bombearam através do ar frio e seco, uma matilha de lobos ganhava vida, uma promessa de dor em troca do erro que havia sido feito para um entre eles.

— Não — disse Xcor. — É mais complicado do que isso.

Xcor esteve do outro lado da rua escondido observando a entrada do restaurante abandonado, esperando para ver se algum de seus homens chegava ao espaço desocupado antes do amanhecer.

Ele preferia passar a noite assim, ao contrário de no interior sombrio, dado que Qhuinn e Tohr, e possivelmente outros, estavam caçando: tinha medo de ficar preso e abatido.

Então se curvou em um modo que oferecia visibilidade e era bastante simples para desmaterializar se ouvisse até mesmo um assobio do vento que não gostasse.

E à medida que o tempo passava, seus pensamentos se desviavam frequentemente para Layla, o que tinha sido benéfico, pois as imagens em sua mente dela nua aqueceram seu corpo e o mantiveram alerta numa fadiga não costumeira. Com o amanhecer chegando cada vez mais perto, não tinha um plano sólido sobre o que fazer na chegada, sua única conclusão de que ele não voltaria para a casa do rancho.

Pelo menos com a ascensão do sol, não teria que se preocupar com os Irmãos ainda procurando por ele.

Os problemas com a luz do meio dia os afetariam igualmente.

Exceto que seus homens tinham chegado se materializando fora da tempestade como fantasmas entrando para um pouso em um cemitério, seus grandes corpos aparecendo no meio da neve caindo, um a um. Tão feliz que tinha ficado em vê-los que abriu a boca para chamar de seu poleiro na janela. No entanto, anos de treinamento na guerra o silenciaram antes de ter emitido uma sílaba de saudação.

Tinha levado tudo o que tinha para esperar por um tempo, apenas para ter certeza de que eles não foram seguidos.

E quando ele entrou no covil, estava inseguro de suas boas-vindas, preocupado com o fato de a estrutura de poder que ele uma vez criara e executara tão brutalmente tinha causado um motim irreversível.

Em vez disso, foi bem-vindo como um irmão. Um cuja morte presumida tinha sido tristemente lamentada.

Ah, como queria que eles pudessem ficar um pouco mais nesse clima de camaradagem, esse encontro emocional. Mas tinha pouco tempo, e quanto mais ele estivesse com eles, menos seguro eles estavam.

— Então você escapou da Irmandade — alguém sorriu com orgulho. — Quantos deles você matou?

Ele pensou em Qhuinn tentando abrir o caminho através daqueles portões naquela caverna.

— Não matei nenhum deles. E não estou livre.

— O que isso significa? — Perguntou Zypher.

No brilho constante da tocha elétrica do macho, Xcor cruzou os braços sobre o peito e olhou cada um de seus bastardos nos olhos.

— Eu dei o meu juramento ao Rei Cego. Jurei minha fidelidade ao trono.

O silêncio que veio após o pronunciamento dele era esperado.

— Você foi coagido então? — Disse Zypher. — Pelo preço da sua liberdade, você concedeu a Wrath sua promessa?

— Não, concordei com ele depois que eu fiquei livre.

Balthazar balançou a cabeça.

— A Escolhida, então.

— Não, o Rei então — Xcor falou de forma lenta e clara, confiando em seus longos anos de sobrevivência no campo de batalha para dar às suas palavras o peso de sua plena convicção. — Cheguei a Wrath, filho de Wrath, por minha própria vontade, independentemente da Escolhida Layla, e não como forma de corrigir minhas ações anteriores.

— Você se subjugou? — Perguntou Zypher.

— Sim. E digo a todos vocês, o Rei também procura seus juramentos também.

— Isso é uma ordem sua? — Perguntou Zypher.

— Não — Xcor voltou a encontrar os olhos de seus lutadores. — Ele busca isso em troca de suas liberdades de uma sentença de morte. Ele deve libertar cada um de vocês da sua traição e manter um retorno seguro para vocês ao Antigo País, se vocês forem a ele e jurarem sua lealdade.

— Mas você não está nos mandando fazer isso?

— Devo lutar lado a lado com qualquer um de vocês até a noite que eu morrer. Mas nunca forcerei vocês a inclinar suas cabeças perante um líder. Respeito muito vocês para isso e, além disso, suspeito que Wrath saberia disso. Com toda a sua cegueira... ele vê as coisas com uma ótima clareza.

Houve murmúrios entre o grupo. E então uma voz profunda disse:

—O que eles fizeram com você?

Era Syn, e não era uma pergunta.

— Eles me mantiveram vivo.

— Um traidor para eles — disse o bastardo enquanto se afastava. — Um traidor para o Rei e eles te mantiveram vivo?

— Fui ferido no campo. Eles me levaram e me mantiveram vivo.

Zypher balançou a cabeça.

— Wrath não é conhecido por sua fraqueza mais do que você é. Isso não faz sentido.

— É a verdade — Xcor ofereceu as duas mãos ao céu, levantando-as. — Não ofereço nada a vocês além do que aconteceu. Fui ferido no campo, eles me levaram e garantiram que eu sobrevivesse. — Para que eles pudessem torturá-lo, é verdade. Mas se quisesse a paz entre a Irmandade e os Bastardos, ele iria reescrever isso. — Eu escapei e agora venho até vocês.

— Isso não faz sentido — Syn ecoou em sua voz baixa e má. — Você escapou, mas então como você fez um juramento a Wrath? Você foi mantido por uma facção da Irmandade desconhecida para o Rei?

— Os detalhes não são importantes.

— O inferno não são. E não entendo esse juramento. Não é da sua natureza estar debaixo de outro.

Xcor sorriu friamente.

— Não acredito que ouvi você falar tanto em muito tempo, nosso Syn.

— Se houver alguma causa de conversa, seria isto. E então eu digo a você novamente, isso não faz sentido e não compreendo a inclinação de sua cabeça para outro.

— Meu pensamento evoluiu.

— Ou seu pau.

Antes que Xcor pudesse pensar duas vezes, ele voou no rosto de Syn ainda que o outro lutador tivesse um peso considerável.

Mostrando suas presas, Xcor disse:

— Não continue. Estou com bom humor, mas isso pode acabar.

Os dois permaneceram olho a olho, peito a peito por algum tempo, os outros se afastando no caso do conflito explodir.

— Por causa de uma mulher, então — Syn falou arrastado.

— Sobre o amor da minha vida. E lembre bem disso, bastardo.

Quando Xcor falou, seu cheiro de vinculação surgiu, e isso recebeu a atenção do outro homem, as sobancelhas de Syn elevadas, seu recuo sutil, mas bem perceptível para quem o conhecia até a medula — e Xcor o conhecia.

Depois de um momento, a inclinação da cabeça de Syn foi leve, mas indiscutível.

— Desculpa.

— Aceitas. E ela não tem nada a ver com isso — O grupo respirou fundo coletivamente quando a agressão se dissipou, mas Xcor não lhes deu tempo para relaxar. — Como eu disse, em troca de seus juramentos, Wrath irá libertar todos vocês de uma punição, mas vocês devem retornar ao Antigo País. Como eu.

Zypher riu um pouco.

— De fato, é aí que tínhamos planos de estar agora. Nós estávamos no processo de partida, mas depois dessa nevasca? Isso nos impediu certamente como se essa reunião fosse preordenada pela Virgem Escriba.

— Fortuito, com certeza.

O bando ficou calado, e Xcor permitiu tempo suficiente para estudá-los e pensar sobre o que ele havia dito.

Mas não poderia demorar entre eles por muito mais tempo.

Ele já havia sido baleado naquela noite. Não queria trazer os Irmãos para eles.

— Então é o que está na mesa — disse ele. — E devo deixar isso para suas considerações. Se vocês optarem por não cumprir, há uma chance razoável de que, se vocês retornarem para a Pátria Mãe, estarão seguros por algum tempo. Mas será uma existência com a qual eu pessoalmente estou bem cansado. Vocês nunca vão deixar de olhar por cima do ombro e não se enganem, Wrath irá até vocês. Vai demorar um

pouco, pois há outras prioridades que captam sua atenção agora. Mas no fim, sua vingança irá encontrá-los. Ele é um homem de paz, mas não de castração.

— Espere — interveio Balthazar. — Se você está com o Rei, por que não é seguro para nós estarmos perto de você? Presumo que é por isso que você está partindo.

Xcor hesitou e então concluiu que certas informações eram devidas.

— Há alguns entre a Irmandade que não estão aceitando meu juramento.

— O pai das crianças da Escolhida, então — disse um de seus guerreiros. Xcor deixou isso de pé, pois era tanto uma conclusão lógica quanto da conta de ninguém. Ele nunca negou que Layla estava com as crianças, mas nunca comentou sobre isso — e certamente não estava prestes a discutir sua vida privada agora ou nunca com ninguém.

Xcor voltou para a saída.

— Devo deixar vocês no momento. Há muito para refletirem entre vocês. Eu os encontrarei vinte e quatro horas a partir de agora no nosso local de encontro. Vocês devem me dar suas respostas então.

Ele suspeitava que eles todos já sabiam o que iam fazer. Mas precisava de tempo para garantir que se ele os levassem para Wrath, seus machos estariam seguros.

— Onde você vai? — Perguntou Zypher.

— Vejo vocês às quatro amanhã à tarde — Xcor se virou. E então, antes de abrir a porta, olhou por cima do ombro. — Nunca pensei que os veria novamente.

O fato de sua voz se quebrar não era nada que ele pudesse mudar. E também era a prova do quanto *ele* havia mudado.

E não era que ele fosse um novo macho, refletiu enquanto se aprumava e voltava a entrar no frio e na neve.

Não, era mais como ele havia retomado quem ele tinha sido originalmente, a transformação de retorno ao macho que a ambição e a crueldade haviam eclipsado. E ele achava que o retorno era tão bem vindo quanto a visão desses guerreiros que eram a única família que conhecera, os únicos que o aceitaram quando todos os outros, tanto de sangue como os estranhos, o afastaram.

À medida que a neve atingia o rosto e o vento atravessava a roupa exterior que ele havia emprestado, rezava para que pudesse negociar uma verdadeira paz com o Rei que ele tentara derrubar, de modo que seus soldados pudessem estar seguros.

Se ele não pudesse estar com a fêmea que tinha seu coração e alma? Pelo menos, poderia cuidar dos guerreiros que o haviam servido tão bem por tanto tempo.

Ele tinha muito para compensar.

QUARENTA E CINCO

Na noite seguinte, Layla acordou e imediatamente estendeu a mão para seus filhos —, mas não havia necessidade de preocupação. Rhamp e Lyric estavam bem ao lado dela na plataforma da cama nos aposentos privados da Virgem Escriba, seus preciosos cílios pra baixo, suas respirações profundas e expressões de concentração evidenciavam o esforço que levava pra crescer grandes e fortes.

Enquanto ela rolava de costas, teve a sensação de que a noite estava descendo na terra. Sempre era assim, alguma transmutação na mudança de luz para escuridão, de estação a estação, reverberando até o Santuário.

Movendo-se cuidadosamente para não atrapalhar as crianças, ela se levantou e olhou para aqueles doces rostos. Foi um tempo adorável, este interlúdio privado, cada momento saboreado, cada toque e sorriso, cada abraço e afago, algo com o qual ela encheu seu coração.

Como os deixaria?

Seria tão difícil, um corte no que havia curado durante essas horas calmas e emocionantes.

Para se poupar das lágrimas, afastou-se e andou pelo chão de mármore branco. O pensamento de que ela tinha dormido no espaço pessoal da Virgem Escriba com seus bebês era quase muito bizarro para compreender, mas então não poderia ter imaginado uma noite em que a mãe da Raça desapareceria e havia um horário de visitas no local para ela e Qhuinn.

Infelizmente, no entanto, a mudança vinha a você quando isso acontecia, e às vezes tudo o que você podia fazer era se render e fazer o melhor disso.

E, além disso, os aposentos foram os mais confortáveis, a roupa de cama tão macia, os pisos de mármore branco, paredes e armários, calmantes, o...

Layla franziu a testa. Do outro lado, uma das portas do armário estava sempre aberta levemente. Os bancos de painéis de mármore com seus puxadores quase invisíveis foram totalmente nivelados quando ela entrou aqui para descansar.

Avaliando, estava nervosa por nenhuma boa razão. Não era como se a Virgem Escriba estivesse escondida ou algo assim.

Enganchando um dedo no puxador, abriu as portas sem saber o que esperar...

— Nossa!

Leggings com estampa de zebra. Uma jaqueta de couro preto. Botas tão grandes como a sua cabeça, um boá de plumas cor de rosa, calça jeans, camiseta Hanes em branco e preto...

— Tentei não acordá-la.

Layla deu meia volta para a voz masculina e bateu a mão em cima da boca para que não acordasse os bebês.

Mas quando viu quem era, deixou cair o braço e franziu a testa em confusão... e depois com bastante choque.

Não, não podia ser...

Lassiter, o Anjo Caído, sorriu e foi até ela, seus cabelos loiros e pretos balançavam até os quadris, seus piercings e as correntes de ouro fazendo-o brilhar.

Ou talvez ele brilhasse agora por outro motivo.

Layla limpou a garganta quando as implicações se empilharam uma sobre a outra e sobre a outra.

— Você é... ela é... ela fez... o que é...

— Eu sei que você está balbuciando porque está tão excitada — disse ele — que ficou sem palavras.

Layla sacudiu a cabeça — então rapidamente assentiu para não ofender.

— É só... quero dizer... *você?*

— É, eu. A Virgem Escriba me escolheu eu, eu, eu. — Ele fez um show de saltar em volta como uma criança chata de seis anos batendo os pezinhos. Exceto que ele cortou o ato e ficou mortalmente sério, olhando-a nos olhos com uma expressão dura. — Ainda não disse a ninguém e nem você pode. Eu só imaginei que se você vai ficar aqui com os piralhos, descobriria mais cedo ou mais tarde, porque vou me mudar.

Ela olhou para a cama com alarme, mas ele levantou as palmas das mãos.

— Oh, não vou estar aqui quando você estiver. Eu sei que você quer sua privacidade e respeito isso. Eu também quero ajudá-la. Você passou por um mal pedaço, não é?

A compaixão e a compreensão de Lassiter eram tão inesperadas que a rasgou em pedaços.

— Oh, querido Virgem Escriba, eu estou tão... — Ela se deteve quando percebeu que esse tratamento particular não mais se aplicava. — Humm...

— É, eu não sou virgem e odeio escrever. Então você vai ter que usar um fraseado diferente. Eu estava pensando em Grande Enaltecido Mestre, mas acredito que os humanos já têm um, maldição.

— Ah... — Enquanto ela hesitava, estava tão chocada que não podia pensar em nada para dizer. — Bem, tenho certeza que você vai encontrar alguma coisa.

Só Deus sabia o que seria, no entanto.

— E quanto a essas dependências — disse ela — eu não quero te incomodar. Vou nos mudar para o dormitório ...

— Não, eu não durmo aqui. Só coloquei algumas roupas ali dentro para ver como ficaria, é tudo. A promoção também foi um ajuste para mim, você sabe, tentando descobrir quais os poderes que tenho — ele se inclinou conspiradoramente. — Isto é, com o quanto eu posso fugir. Ei! Você sabia que eu posso fazer neve?

— O que?

— Neve — ele fez uma demonstração de algo caindo mexendo as pontas dos dedos. — Eu posso fazer um monte de neve. E você sabe o que vai ser ainda mais divertido? Observar os cientistas humanos tentando descobrir por que a tempestade aconteceu. Eles vão começar a falar sobre alterações climáticas e clima, mas eu tive que ajudar o seu namorado.

— Xcor? Desculpe... não entendo.

— Longa história. De qualquer forma, como você está? Como estão as crianças?

Sabe, como se mais nada estivesse acontecendo.

— Perdoe-me, ah, hã...

— Vamos tentar Sua Excelência.

Layla piscou.

— Tudo bem. Perdoe-me, Sua Excelência, mas como você ajudou a Xcor?

— Precisava manter seus guerreiros no litoral norte. Então, alllloouuu nevasca.

— Então ele os encontrou!

— Você sabe, o destino é muito trabalhoso para alguém como eu — ele deu de ombros. — Quem imaginava que precisava tanto esforço para dar às pessoas a chance de exercer o livre arbítrio. É como se o mundo fosse um tabuleiro de xadrez para cada pessoa por quem eu sou responsável. Então estou, tipo, jogando centenas de milhares de jogos diferentes de uma só vez.

— Uauuu.

— Eu sei, certo? Graças a Deus pelo déficit de atenção! — Ele sorriu e depois franziu a testa. — Na verdade, acho que é mais graças a mim por isso.

Layla teve que sorrir.

— Você certamente será uma mudança, Sua Excelência — Lassiter contorceu nos ombros. — Não, isso é estranho. Vamos tentar *Eminência*. Eu tenho que conseguir algo com o qual eu fique confortável aqui.

— Tudo bem, Eminência.

Ele estalou o pescoço.

— Não. Também não. Vamos ter que trabalhar com essa coisa de título. Ah! O Anjo Caído... hãã... chefe de tudo... humm — saltou como se tivesse sido empurrado de lado. — Okay, então eu tenho que ir. Se cuida e você sabe o que tem que fazer em seguida.

— Eu sei?

— Sim. Você tem uma carta para jogar, uma peça para se mover, por assim dizer. Você sabe o que é isso. E lembre-se—ele colocou o dedo indicador em seus lábios — Shhhhhhh. Meu novo trabalho é nosso segredinho até o anúncio.

— Oh, mas é claro...

— Te vejo depois!

Com isso, Lassiter subiu e desapareceu, uma queda de faíscas brilhando no chão — quando nesse momento, Cormia apareceu na porta aberta para os aposentos privados.

— Chegaram bem? — Perguntou a mulher.

Ah, ele partiu para que não fosse visto, pensou Layla.

Com uma sacudida, ela se arrumou.

— Oh, ah, muito bem. Muito bem, obrigada.

A outra Escolhida caminhou até os bebês.

— Oi pessoal. Vocês estão acordando? Bem, olá aí.

Discretamente, Layla passou e fechou a porta do armário para que a estampa de zebra não fosse mostrada — e então tentou sorrir como se não soubesse o que tinha ouvido.

— Eles ficaram tão bem. Eu continuei com os horários, é claro. Deixe-me apenas reunir nosso lixo e vamos voltar para baixo.

Ela aproximou-se da mochila que guardara as fraldas usadas e colocou a coisa no ombro. Então se aproximou da cama.

— Tenho certeza de que Qhuinn estará ansioso para vê-los. Eu sei que estava quando eu... de qualquer forma, fico feliz que você tenha vindo ajudar novamente com o transporte. Obrigada.

Os olhos de Cormia estavam tristes, mas sua voz estava firme e deliberadamente alegre.

— Claro! Qual você gostaria de levar?

— Rhamp, já que eu trouxe Lyric no caminho para cima — acertou a mochila, pendurou-a nas costas, então dirigiu-se a seu filho. — Tenho que dividir meu tempo. Justo é justo, afinal.

Ela olhou enquanto Cormia pegava Lyric. Não pôde evitar. Não era que ela pensasse que a Escolhida não soubesse o que estava fazendo... mas era uma coisa *mahmen*.

Uma coisa de mãe, como Beth teria dito.

— Alguma coisa emocionante aconteceu? — Cormia perguntou enquanto levava Lyric em seus braços. — Humm? Alguma notícia de destaque?

— Não — murmurou Layla. — De modo algum.

— Eu consegui o emprego, eu conseguiii iiiiii o empregooooooo...

Therese continuou a falar consigo mesma no espelho enquanto passava um pouco de maquiagem nos olhos e alisava os cabelos com a chapinha. Ela iria puxar as mechas para trás, de modo que ficasse fora do rosto e parecesse arrumada, mas se não acalmasse as coisas um pouco primeiro, sempre teria um “tutum” disparando na parte de trás da cabeça.

Engraçado, sempre assumiu que puxou todas essas ondas de sua mãe. Provou que era um grande e gordo não.

Desligando a chapinha, verificou se não havia exagerado com a base e o blush. Depois acenou com a cabeça para si mesma.

— Você conseguiu.

Justo quando foi apagar a luz, uma barata correu pela frente da banheira manchada e ela teve que se segurar se não pisava nela — ainda não estava de sapatos. Isso teria sido muito desagradável.

— Não posso *esperar* para sair deste lixo.

Entrando no quarto/sala/cozinha que parecia muito melhor do que a sombria realidade de tudo, ela pegou seu casaco, seu celular e sua bolsa, e por impulso uma echarpe. Na porta, levou um momento para baixar a cabeça e dizer uma oração à Virgem Escriba para proteção.

Que não era sobre o trabalho ou a viagem ao trabalho. Era sobre descer a escada para a porta da frente e sair na rua de uma só vez.

O que era muito triste saber que você estava mais segura no escuro em uma parte ruim da cidade do que em seu próprio prédio.

Mas pelo menos ela tinha uma melhor estratégia: na semana e meia desde que se mudara com sua mala, mochila e seus setecentos dólares em dinheiro, ela criou um procedimento para a saída. Primeiro? Ouvido na porta.

Fechando os olhos, ela se concentrou no que estava acontecendo no corredor. Nada parecia incomum. Apenas o grito normal de todos os dias, música alta, surda e abafada.

— Ótimo! Agora vamos passar para o segundo passo.

Ela deslocou a corrente de segurança, destrancou o bloqueio da barra que corria verticalmente em frente de batente a batente, e afastou a tranca. Então saiu rapidamente e trancou a porta. Era um lance de azar se ela estivesse em maior perigo caminhando no corredor ou sendo obrigada a voltar ao seu quarto. Claro, como uma vampira, ela era muito mais forte do que a maioria dos homens humanos. Mas o que ela sempre se preocupava era o que aconteceria se um deles chegasse com uma arma. Uma faca ela provavelmente poderia controlar, dominando-os, mas uma bala era...

Perfeito. Assustador. Tempo certo.

Como se a estivesse aguardando, o verme do outro lado do corredor saiu exatamente quando ela saiu. Comparado a ela, ele era muito mais blasé em relação à sua saída, aproveitando seu tempo porque, primeiro, ele provavelmente estava alto como uma pipa, e segundo, ela sabia, por sua interação limitada com ele, que ele tipo estava no comando do lugar.

Ele certamente sempre olhava para ela como se ela fosse uma refeição para ser consumida.

Verme.

Preparando-se para o tipo de comportamento que ele iria jogar sobre ela, ela...

— Oh, porra! — Ele murmurou quando a viu.

Então voltou e começou a mexer com a maçaneta da porta. Como se estivesse tentando voltar para seu apartamento.

Therese olhou subindo e descendo para o corredor. Ninguém estava por perto. Talvez ele estivesse tendo uma ilusão paranoica ou algo assim? Seja como for, certo como o inferno, ela não iria perguntar se ele estava bem — ou argumentar com o fato de que de repente ele parecia querer evitá-la.

Apressando-se, desceu os degraus, voando sobre eles. Sabia que provavelmente deveria simplesmente desmaterializar, mas todas as janelas de todo o edifício estavam cobertas com telas de aço e nenhum deles abria. E embora fosse um bom palpite de que o concreto ou o tijolo ou o que quer que fosse provavelmente não fosse fortificado com nada, não podia correr esse risco. Ela tinha ouvido as histórias de horror do que acontecia quando os vampiros adivinhavam errado o que eles tentavam fantasiar.

Como ela estava no mundo sozinha, era mais um risco que não podia se dar ao luxo de tomar.

Therese estava a meio caminho pela escada e dobrando uma esquina quando dois homens que estavam subindo viraram no patamar ao mesmo tempo em que o fazia.

Reconhecendo-os do saguão, ela baixou os olhos e enfiou as mãos no casaco para levar sua bolsa mais perto de seu corpo...

Ambos saltaram para trás e bateram no outro, antes de se achatarem contra a parede da escada para que ela pudesse passar por eles.

Quando algo parecido aconteceu quando saiu da porta principal, outro humano que ela tinha visto em volta do prédio ficando fora do seu caminho, decidiu que talvez ela tivesse uma doença transmissível que só aquela outra espécie pudesse sentir.

Mas aí... droga, talvez eles tenham descoberto que ela era uma vampira? Não tinha ideia do que pudesse ter feito para dar nisso, mas por que outras pessoas a estariam tratando como se ela fosse uma banana de dinamite?

Porque, qual é, com certeza todos estavam drogados, mas uma psicose comum contra mulheres com cabelos escuros era improvável.

Ainda assim, por que argumentar com isso se a mantinha segura? A menos que, é claro, fosse sobre a identidade de sua espécie, caso em que ela poderia estar com problemas reais. Então, novamente, que tipo de credibilidade essas pessoas tinham? Os viciados frequentemente tinham delírios, certo?

Do lado de fora, ela teve que parar por um momento.

Okay, uau. Neve. Em todos os lugares... neve. Tinha que ter pelo menos um metro de altura em todo lugar, e o vento que a manteve acordada até tarde durante o dia tinha empurrado as coisas para dentro.

Enquanto ia pra fora, não ficou surpresa de que frente da calçada, tal como estava, não estivesse limpa. O que estava preocupada era o fato de que suas botas Merrells que eram à prova d'água e confortáveis, iam apenas até tornozelos. Meias molhadas iam estar na moda hoje à noite, ela temia.

Quando saiu para a calçada, descobriu que, claro, o asfalto também não tinha sido limpo. Olhando para a esquerda e para a direita, discutiu se apenas dava um foda-se e desmaterializava-se ali mesmo, mas não. O sol estava baixo, mas estava apenas escurecendo, o brilho ambiente da cidade refletindo e magnificando graças a todo o pó branco.

Ela poderia ser notada, então precisava encontrar um lugar mais escondido.

Descendo dois quarteirões, levantou a gola do casaco e realmente não gostou da sensação de seus ouvidos queimando do frio. Pelo menos o pescoço estava quente e as mãos enfiadas nos bolsos profundos e acolchoados. Virando à esquerda, ela entrou em um beco que era muito mais escuro do que a rua além, e fechando os olhos, ela...

... desmaterializou para o fundo do Restaurante do Sal.

Ao tornar a se formar, viu alguns carros entrarem e estacionarem pela entrada de serviço. Um humano e depois duas humanas saíram de seus veículos, na verdade não falaram muito quando correram para a porta dos funcionários como se estivessem atrasados ou com frio. Talvez ambos.

Therese seguiu seu exemplo, pegando o painel pesado antes de fechar completamente e depois estampando seus sapatos cheios de neve na esteira de borracha texturizada lá dentro.

— Ei.

Quando olhou para cima, foi para olhar um humano surpreendentemente atraente. Ele tinha cabelos loiros escuros, olhos azuis como caneta Magic Marker e um queixo que era bastante quadrado.

— Você é a nova contratada? — Perguntou ele.

— Sim, sou eu.

Uma mão bastante grande estendeu-se para ela.

— Eu sou Emile.

— Therese. Tres.

— E você tem sotaque. Como eu. Bem, não francês como eu tenho.

Ela sorriu.

— Não, não sou da França.

Não houve um velho *SNL*²⁰ que era algo assim? ela pensou. Talvez ela fosse uma vampira e ele fosse um alien.

— Venha, vamos para a sala da equipe? — Ele indicou o caminho a seguir. — Sim?

Ela assentiu com a cabeça e entrou com ele, desenrolando a echarpe e abrindo os botões do casaco.

— Eu fui garçõete antes. Mas ainda estou nervosa.

— Enzo, o gerente da casa? Você fez entrevista com ele? Ele é muito legal. Muito bom. Ele vai te dar uma chance justa.

— Recebi uma cópia do menu. Passei o dia inteiro memorizando.

Quando eles entraram na cozinha, havia uma antessala com armários onde as pessoas podiam colocar suas coisas, e ela olhou para os humanos que estavam trabalhando nela. Os homens e as mulheres pareciam estar no início dos vinte anos, claramente ralando para começar na vida e se tornarem independentes de suas famílias — o que era exatamente o que ela estava tentando fazer. E alguns deles olharam para ela, mas todos estavam principalmente concentrados em preparar o serviço de jantar.

O gerente, Enzo Angelini, entrou e dirigiu-se a ela e depois aos outros.

— Bom, você está aqui. Todo mundo, essa é Therese. Therese, você vai aprender os nomes na ativa. Venha comigo assinar sua papelada, e eu tenho seu smoking pronto.

Havia algo reconfortante sobre cair em uma rotina e um conjunto de procedimentos. Depois de ter saído de casa, tudo tinha sido livre de restrições, mas também um sentimento muito leve e de natureza selvagem sem um mapa.

Isso seria uma coisa boa.

A única coisa não-tão-quente que estava acontecendo? Ela não conseguia tirar os pensamentos acerca daquele homem da noite anterior de sua cabeça. As imagens dele eram como uma ressaca sem que ela tivesse bebido, a cabeça latejando, o estômago virando quando se lembrava desse beijo.

Ele estava decidido a deixá-la em paz.

²⁰ Saturday Night Live – Programa de TV Norte Americano

E isso ainda parecia um bom plano.

Porém era estranho sentir falta de alguém que você não conhecia, alguém que era um completo estranho. Mas seu coração doía um pouco com a ideia de que nunca mais o veria.

Mas tanto faz. Provavelmente eram apenas os hormônios dela. Ou talvez a tristeza em relação a tudo que tinha ido por água abaixo quando deixara Michigan estava sangrando em outras áreas de sua vida.

Sim, era isso.

Porque, como era possível lamentar alguém que você não tinha conhecido por mais de vinte minutos?

QUARENTA E SEIS

Assim que Qhuinn entrou no quarto dos gêmeos, estava pronto para ficar sozinho com seus bebês e prepará-los para irem à casa dos pais de Blay... mas Cormia estava sobre seus berços, ajeitando-os. A boa notícia? Pelo menos Layla não estava por perto, embora ele pegasse seu aroma no ar — e esse insulto piorou quando foi até os berços e as crianças tinham o cheiro dela.

Ignorando a *shellan* de Phury, ele imediatamente entrou no banheiro, colocou as duas banheiras azuis no par de pias profundas e conseguiu que a água quente estivesse correndo.

Quando voltou, Cormia olhou para ele com uma franqueza que ele não apreciou.

— Você gostaria de ajuda com os banhos? — Perguntou ela.

Como se ele não pudesse fazê-lo ele mesmo.

— Obrigado, mas não.

A Escolhida hesitou, ainda em pé entre os berços.

— Ouça, eu sei que isso é realmente difícil agora.

Na verdade, você realmente não sabe, ele pensou.

— Mas — continuou a mulher — Layla adorou estar com eles e você pode ver que eles ficaram bem.

Seus filhos ainda estavam respirando, pelo menos. Isso era verdade.

— Eu realmente acho que você...

Qhuinn ergueu a mão.

— Muito obrigado por toda sua ajuda e preocupação. Quero dizer, na verdade você é ótima. Não posso dizer o quanto estou agradecido.

Ele gentilmente, mas com firmeza, pegou o cotovelo e a levou até a porta.

— Quero dizer, realmente, simplesmente ótimo.

Assim que ela saiu no corredor de estátuas, ele fechou a porta e trancou-a, então se preocupou com esses banhos, certificando-se de que a água estava na temperatura certa, pegando Rhamp primeiro, porque seu filho era mais fácil de lidar em tantos níveis, e depois rapidamente ensaboando e enxaguando Lyric.

Quando ele conseguiu os dois de volta nos berços, todos rosados e aconchegados, ele pensou, porra, teria que vesti-los para a sua emocionante viagem para fora da mansão.

Ele entrou no closet, onde duas cômodas que foram montadas lado a lado. E quando puxou as gavetas, ele se maravilhou com todas as roupinhas, os macacões e as camisas pequenas, as “calças” e “saías”. Por um segundo, ele se perguntou quanto tempo demorou para lavar todas essas coisas, dobrá-las, E certificar-se de que estava no lugar certo, tudo rosa de um lado, e estampa camuflada e azul-marinho do outro.

Layla gostava de vestir Lyric com coisas bonitas.

Então colocou sua filha em um par de pequeninas calças jeans e uma camiseta polo vermelha do irmão. Então, ele meteu Rhamp no menor terno com gravata borboleta que alguém já tinha visto desse lado fora um boneco Ken.

Ele checou o relógio, pensando que pudesse tomar banho, mas essa merda sagrada do decorrer do tempo. Ele teve a ideia de estar na casa dos pais de Blay bem antes que a Primeira Refeição fosse posta na mesa. A razão disso estar acontecendo? Ele teria sorte em conseguir essas duas crianças lá antes deles estarem dirigindo. E isso foi antes que ele tivesse que enfrentar os sapatinhos e depois os minúsculos casaquinhos — e foda-se ele indo e voltando umas duzentas vezes até conseguir colocar os dois nas malditas cadeirinhas.

Quando finalmente tinha ambos os filhos com fraldas completamente vestidos, encasacados, enluvados e encapuzados — e tinha encurralado os inocentes como se estivessem em perigo de fazer a dança do break nessas cadeirinhas? Ele realmente olhou para a cama e pensou que talvez precisasse de um cochilo.

E qual é, seu trabalho noturno era lutar contra *lessers*. Os quais estavam tentando matá-lo.

Não era como se sua base para a comparação fosse um fodido trabalho de escritório.

— Ok — ele disse para aqueles dois rostos olhando para ele. — Estão prontos? Vamos fazer isso...

Naquele instante, um fedor que era um cruzamento entre uma bomba fedorenta, um lagarto morto e algum tipo de casca de fruta podre golpeou a merda de suas narinas.

Jesus Cristo. Foi o tipo de coisa que fez seus olhos lacrimejarem e seu nariz ameaçou arrumar as malas e deixá-lo com apenas um par de buracos negros no meio do rosto.

— Vocês estão de sacanagem?

Por uma fração de segundo, debateu simplesmente em seguir com isso. Afinal, poderia abrir as janelas do seu Hummer, ligar o aquecedor e, com oxigênio suplementar, poderia simplesmente atravessar a cidade.

Mas não podia presentear a mãe de Blay com esse tipo de coisa. Ela já tinha um tornozelo quebrado. Uma fungada daquela nuvem verde mortal e ela era susceptível de chutar o pé bom através de uma parede.

Inclinando-se, tornou-se amplamente claro que Rhamp tinha implantado a bomba quente. E Qhuinn teve que admitir, quando ele desfez a fita adesiva e recuperou o garoto, ele meio que respeitava o esforço, de homem para homem.

É, nada de carga fraquinha para seu filho. O garoto tinha dado uma senhora cagada.

Hummm... literalmente. É.

De volta ao trocador. Mais uma vez com o botão e o zíper sobre a miniatura de calça em que davam câibras nas mãos de Qhuinn. E depois...

—Oh... uau — Qhuinn murmurou quando teve que virar a cabeça para tomar pouco de ar fresco.

Quem imaginava que você poderia ver Deus sem sair do planeta?

E a limpeza exigiria uma retroescavadeira e um traje para material perigoso. Enquanto isso, Rhamp apenas deitava-se lá, olhando para ele com os pequenos punhos batendo como se estivesse esperando um “bate aqui” ou algo assim.

Dado que o foco e a coordenação não foram afetados, só se poderia deduzir que, enquanto o vampiro bebê amadurecia muito mais rápido em seus estágios iniciais do que os bebês humanos, claramente seu sentido de olfato não entrava em ação até mais tarde. Caso contrário, o filho não estaria sorrindo.

Enquanto Qhuinn começava a trabalhar nas abas da fralda, ele teve que balançar a cabeça.

— Você é um verdadeiro cagão, você sabe disso...

Uma batida na porta deu uma desculpa para virar a cabeça novamente e respirar fundo.

— Sim?

Saxton, o procurador do Rei e o primo de Qhuinn, colocou sua perfeita cabeça loira dentro do quarto.

— Eu tenho esses documentos que você ...

O recuo teria sido cômico se Qhuinn não estivesse até os cotovelos no cocô de bebê.

O advogado soltou uma tosse. Ou talvez isso fosse um engasgo.

— Querida Virgem Escriba, o que é que você os está alimentando?

— Fórmula Enfamil²¹.

— E isso é legal?

— Na maior parte sim. Embora, dependendo do trato digestivo em que isso entre, claramente há aplicações militares.

— Com certeza — o macho balançou a cabeça como se estivesse tentando reformular seu cérebro longe de seus requisitos respiratórios. — Ah, eu tenho o que você pediu.

— Ótimo. Obrigado. Coloca isso na cadeirinha do Rhamp? Não, espere, na verdade, no saco de fraldas. Como você pode ver, eu tenho minhas mãos cheias aqui.

— Sim, acredito que ninguém nesta casa desejaria que sua atenção fosse desviada. Faça isso pela Costa Leste.

Enquanto Qhuinn dobrava a fralda suja debaixo da bunda do seu filho e começava a retirar os lenços umedecidos como se estivesse fazendo um paraquedas, ele se perguntou o que faria com aquela Pampers. Talvez queimar no quintal?

Provavelmente seria verde flamejante. Com essa teoria, ele deveria desligar as luzes e ver se brilhava no escuro.

— Qhuinn.

— Sim, cara?

Quando o cara não disse nada mais, Qhuinn olhou por cima do ombro para o advogado vestido de forma precisa.

— O que?

²¹Fórmula infantil com ferro para lactentes de 0 a 12 meses de idade

— Você está certo? Sobre isso?

— Sim, estou absolutamente positivo que essa fralda precisa ser trocada. E obrigado, você tem sido muito prestativo. Quero dizer, ótimo. Realmente muito bom.

Adivinha qual era o seu novo adeus. Elogiar o que ele honestamente sentia e queria dizer, mas isso era projetado para acabar com a conversa e mover as pessoas para longe dele.

E mais uma vez funcionou.

Saxton não demorou muito mais tempo, e Qhuinn estava prendendo seu filho na cadeirinha, jogando a mochila no ombro e pegando o conjunto combinado de dispositivos de “baby delivery”.

Imediatamente, ele os colocou de volta pra baixo. Abriu a porta que Saxton tinha fechado atrás de si. E então tentou novamente com todo carregamento para fora do quarto.

Porque era meio difícil trabalhar com a porra da maçaneta quando você não tinha uma mão livre.

Ao percorrer todas as estátuas de mármore, sentiu uma persistente exaustão e pensou que poderia ser uma das inúmeras coisas. Ele não dormiu o dia inteiro, sua mente consumida com pensamentos sobre Blay, raiva de Layla e ansiedade sobre o que Rhamp e Lyric estavam fazendo. Além da coisa com Xcor. E então houve as Olimpíadas Infantis de preparar as crianças para sair agora.

Inferno, talvez também tivesse uma depressão antecipada sobre a perspectiva de ter que levar as malditas cadeirinhas para as bases que ele tinha amarrado na parte de trás do Hummer. Ele tinha feito uma simulação ao anoitecer e quase perdeu seu QI tentando obter as peças plásticas alinhadas onde elas tinham que clicar — o que tinha sido realmente sem ter Rhamp e Lyric em suas cadeirinhas.

Por que os idiotas humanos que fizeram essas coisas não conseguiram construí-las para que as duas partes não fossem um problema de Sherlock Holmes? Você deduziria que se aqueles ratos sem rabo podiam colocar um filho da puta em um traje espacial na lua, eles poderiam fazer com que os pais não tivessem que lutar com os assentos de carro.

Isso era realmente assim simples.

Quando chegou na grande escadaria, deixou sua mente continuar em suas várias discussões, dando a sua massa cinzenta todo tipo de margem sobre a puta manobra dos acessórios de bebês.

Era melhor do que se preocupar com o fato de Blay estar ou não estar na casa dos seus pais. Ou se eles iriam passar por isso. Ou não.

Muito melhor.

Quando Layla se materializou na varanda dos fundos da fazenda, ela disparou os detectores de movimento, as luzes acendendo e iluminando-a. Mas isso era bom. Nenhum dos humanos a teria visto chegar do nada, porque ela se materializara em um profundo bolsão de sombras da cerca.

Dirigindo-se para a porta de vidro deslizante, atravessou a neve espessa a triturando, a tristeza de deixar seus bebês para trás, e sua preocupação de que Qhuinn pudesse fazer algo louco como sequestrá-los, sendo substituída pela ansiedade sobre se Xcor estaria esperando por ela. Sua mente estava tão dispersa que quase não conseguiu desmaterializar, e não conseguia senti-lo no local.

No teclado, entrou com um código, ouviu o desligamento do bloqueio e abriu a porta.

O calor a cumprimentou, e então o silêncio.

Ela deixou a luz acesa em cima do fogão e também uma na sala ao lado da porta da frente. Tudo parecia em ordem — não, espere, o lixo havia sido esvaziado.

— Xcor?

Ela fechou a porta de vidro e ouviu. Respirou profundamente.

Um desapontamento penetrante ardeu em seu peito quando não teve resposta e não sentiu seu cheiro. Curiosa sobre quem tinha esvaziado o lixo da cozinha, ela atravessou e verificou a geladeira. Tinha sido completamente reabastecida... e estava disposta a apostar que o quarto no andar de baixo também tinha sido limpo.

Claramente, a equipe de *doggens* esteve limpando depois que Xcor partiu à noite. E, além disso, o macho obviamente não passou o dia debaixo deste teto.

Sentada na mesa redonda, colocou as mãos na parte superior polida e afastou os dedos. Então os fechou. E espalhou-os novamente uma vez mais.

Tinha presumido que ele estaria aqui quando ela retornasse. Eles não tinham feito esse plano? Talvez isso tivesse sido apenas do lado dela. Não conseguia se lembrar.

Oh, Deus, e se ele tivesse sido morto durante a noite ou no dia anterior? Mas não, aquilo era a paranoia falando... certo? Ou... ele tinha encontrado seus machos? Eles já levaram seus juramentos para Wrath e partiram sem Xcor dizer adeus?

Enquanto ouvia o silêncio da casa, a calma quebrada por nada, exceto os sons do ar quente que assobiavam para fora das aberturas do aquecedor e a queda ocasional de gelo caindo dentro do congelador, seu coração pulsava tanto de tristeza quanto de medo.

E então, com o passar do tempo, ficou impressionada com o fato de que, como no rancho, sua vida também era muito, muito vazia. Sem os bebês a serem cuidados, sem Xcor para desfrutar, o que ela tinha?

Considerando que ele iria partir muito em breve — assumindo que já não tivesse ido — e também que havia poucas chances de que ela voltasse a viver na mansão novamente, percebeu que era hora de encontrar algo para si mesma, algo que não estivesse ligado a ser uma *mahmen* ou uma companheira. Quando ela se ocupava como uma Escolhida, tinha muito para preencher sua mente e seu tempo, todos os tipos de tarefas a desempenhar. Mas aqui, no mundo exterior? Na era pós-Virgem Escriba?

Com a liberdade veio a obrigação da autodescoberta, ela supôs. Afinal, como se pode exercer sua escolha se não se tem ideia de quem você é? As etiquetas não iriam fazer isso, títulos como "*mahmen*" ou "*shellan*" não iriam ajudá-la. Você precisava cavar dentro de si mesma e descobrir como preencher suas horas com atividades que eram úteis para você e por você, como pessoa, individualmente.

Que pena que o que deveria ter sido visto como uma aventura de exploração e iluminação a atingiu como um fardo.

Quando seu estômago roncou, ela olhou para a porta da geladeira. Havia todos os tipos de coisas ali dentro, mas pouco que a interessasse o suficiente para até mesmo atravessar o piso, e muito menos pegar potes e panelas. E pedir para entregar? Ela tinha ouvido falar disso, mas não tinha dinheiro, nenhum cartão de crédito e nenhum interesse em se envolver com humanos...

Toc Toc toc...

Layla saltou e se virou para a porta deslizante. E então sorriu. Sorriu largo.

Sorriu enormemente.

Saltando da cadeira, ergueu a fechadura na porta de vidro e ergueu os olhos, subindo para o rosto que esteve em sua mente durante as últimas vinte e quatro horas.

— Você voltou — ela suspirou quando Xcor entrou e os trancou juntos.

Os olhos dele se estreitaram em sua boca.

— Onde mais eu iria?

Layla estava tentada a fazê-lo jurar que ele não iria para o Antigo País sem um adeus apropriado, mas agora que ele estava na frente dela, não queria permitir um segundo do seu tempo juntos com pensamentos sobre a separação que estava por vir.

Levantando na ponta dos pés, inclinou para frente até que estava sem equilíbrio, com certeza que ele a pegaria — e ele fez, seus braços sólidos e fortes em torno dela.

— Diga-me — ele disse antes de beijá-la. — Os bebês estão bem? Está tudo bem com eles? Com você?

Por um momento, ela fechou os olhos. A ideia de que ele perguntaria sobre a prole de um macho que não lhe pagara com honra era uma coisa tão gentil e generosa.

— Layla? — Ele se afastou. — Está tudo bem?

Ela piscou rapidamente.

— Sim, sim, muito bem. Tivemos uma noite e um dia adoráveis. Eles são uma visão maravilhosa de se ver. Uma verdadeira bênção.

Por um momento, entreteve a fantasia sobre ele encontrando Lyric e Rhamp, dele os segurando e conhecendo-os. Mas isso nunca aconteceria, e não só porque a Xcor retornaria ao Antigo País.

— E você? — Ela disse. — Você está bem?

— Estou agora.

Seus lábios encontraram os dela, seus braços se enrolaram ao redor dela e ele a pegou, segurando sua carne contra seu corpo poderoso. Moldando suas bocas, moveu-a contra a parede e colocou-a com os pés levantados do chão.

Com um gemido, ela colocou as pernas em volta da cintura dele, inclinou a cabeça para um lado... e o beijou toda entregue. Toda sua inquietação, toda sua preocupação e ansiedade sobre ele, os bebês, Qhuinn... seu estresse simplesmente saiu pela janela, enquanto o sabor e o cheiro dele se tornaram a única coisa que conhecia.

Logo Xcor se afastou para trás, seus olhos azuis passeando por seus cabelos, seus ombros. Ele estava vendo-a nua, pensou enquanto a encarava. Estava lembrando exatamente como ela parecia com nada além de pele nua e paixão vestindo-a...

— Quando você comeu pela última vez? — Ele perguntou.

Okaaaaay, então talvez ele estivesse pensando em outras coisas.

— Eu não sei — ela moveu suas mãos dos ombros dele até a nuca. — Beije-me novamente... oh, me beije...

— Vamos alimentá-la agora.

Com isso, ele a colocou em uma cadeira como se ela não pesasse mais do que uma boneca. E justo quando ela ia apontar que haveria tempo depois de fazer amor para se incomodar com toda a coisa calórica, ele se livrou da parka preta que estava vestindo.

Que foi um movimento na direção certa...

— Isso é um colete à prova de balas? — Ela exigiu.

Ele olhou para o seu peito.

— Sim.

Ela fechou os olhos por um momento, e não apenas de alívio que ele usasse um. Foi também porque desejou que a guerra não existisse. Que ninguém do seu Bando tivesse tentado atirar em Wrath. Que não houvesse nenhuma razão para ele ter que se preocupar com armas ou facas ou qualquer outro tipo de arma chegando a ele.

— O que você gostaria? — Ele perguntou quando colocou a parka de lado e começou a trabalhar nas tiras do colete. — E tenha em mente, não sou um excelente chef. Mas eu queria poder te prover um cardápio bastante sofisticado.

Princeps ou um mendigo, chef ou não, ela pensou, não me importo. Especialmente se você continuar tirando o seu...

— Espere, você está ferido? — Ela disse enquanto se levantava.

— O que?

— Você está ferido.

Quando ele tirou o colete, ela apontou o sangue seco do seu lado. E antes que ele pudesse minimizar, ela entrou bem ali, puxando a camiseta para cima e ofegando pela ferida.

— Você foi baleado — afinal, o que mais poderia ter feito esse tipo de sulco? Não é uma faca, certamente. — O que aconteceu?

Ele deu de ombros.

— Eu não senti isso.

Ela afastou as mãos dele enquanto ele tentava se cobrir.

— Para o banheiro. Agora mesmo. Vamos.

Quando ele não pareceu disposto a obedecer a ordem, ela pegou sua mão e o puxou junto com ela, forçando-o a descer até a adega e entrar no quarto que tinham compartilhado.

No banheiro, ela abriu a água quente na pia, tirou o sabão e uma toalha, e então começou a remover a camisa.

— Layla...

— Xcor — ela murmurou, imitando seu tom entediado. — E sim, eu sei que nem adianta pedir para você ir ver Havers ou me deixar trazer Dra. Jane. Então, em troca da minha natureza sensata, vai me deixar limpar a ferida.

— Está curado.

— Está? — Ela molhou a toalha e colocou um pouco de sabão nela. — É por isso que agora está sangrando novamente depois que você tirou o colete? Agora remova essa camiseta ou vou pegar uma tesoura.

Xcor começou a resmungar, mas pelo menos fez o que lhe disse — e então sibilou quando ela começou a esfregar suavemente o sulco de carne inflamada e rasgada. Quando ela pôde ver a coisa melhor, parecia que a bala acabara de rasgá-lo, pegando seu tronco na abertura do colete que não tinha as inserções protetoras neles, talvez porque ele estivesse pulando ou correndo na hora. O colete então havia voltado ao lugar e selou a ferida, apertando-a até que o mesmo fosse removido.

Ou, pelo menos, essa era sua conclusão bastante leiga.

— Então, o que aconteceu? — Ela perguntou enquanto enxaguava a toalha e começava a limpar para tirar o sabão. — Bem?

Quando levantou o olhar de seu trabalho, ficou com a visão da mandíbula de ferro de Xcor e a forma como seus molares estavam apertados. Da mesma forma, ele cruzou os braços em cima do peito, uma verdadeira imagem de desaprovação.

— Você encontrou seus homens? — Perguntou ela.

— Não — ele cortou. — Não.

Bem, pelo menos, não tinha sido um deles irritado com ele por seu voto ao rei.

— Isso foi um *lesser*?

Depois de um longo momento, quando estava começando a se perguntar se teria que arrancar com um gancho a explicação dele, ele relutantemente assentiu com a cabeça.

Layla fechou os olhos.

— Eu odeio essa guerra. Realmente odeio.

Querido Virgem... hummm, Queridíssimo O-Mais-Definitivamente-Não-Uma-Virgem Lassiter, ela odiava pensar o que aconteceria lá naquela tempestade se ele tivesse sido atingido em qualquer outro lugar, como a cabeça...

— Estou bem — ele disse gentilmente.

Concentrando-se nele, descobriu que ele tinha deixado cair os braços e estava olhando para ela com suavidade em seus olhos.

— Não chore, meu amor.

— Eu estou? — Ela sussurrou.

— Sim — com cuidado, ele limpou as bochechas dela com os polegares. — Nunca chore por mim.

Ele urgiu que ela se endireitasse e subisse contra seu corpo.

—Além disso, estou bem o suficiente. Me assista aqui e agora.

Com isso, ele a beijou longamente e devagar, seus lábios provocando e tomando, a língua lambendo e acariciando, e logo ela se derreteu, todos os pensamentos de cuidar da ferida dele deixando sua cabeça. O que era, sem dúvida, o seu plano — e, no entanto, não podia deixar de ceder a ele.

— Você é o grande apagador — disse ela contra sua boca.

— Desculpe?

Balançando a cabeça, ela se inclinou para ele ainda mais — e então soltou uma maldição enquanto ele se afastava fora de seu alcance.

— Comida — ele anunciou. — Agora!

Quando ela começou a protestar, ele ergueu uma sobrancelha.

— Eu deixo você cuidar de mim. Então vou cuidar de você.

Com isso, ele agarrou sua mão e a levou de volta para a escada. Quando passaram pela cama, ela murmurou:

— Você percebe que tem um colchão bem ali? Beeeemm ali.

— E vai estar nos esperando quando acabarmos de alimentá-la, minha fêmea.

QUARENTA E SETE

Quando Qhuinn estacionou o Hummer na entrada da casa dos pais de Blay, ele verificou todas as janelas da casa.

Havia muitas delas iluminadas e procurou um corpo grande específico movendo-se, um grande e maravilhosamente construído...

A porta da frente foi escancarada, e com certeza a *mahmen* do homem em questão veio com suas muletas e seu pessoal de apoio, cheia de intenções e propósitos, como se fosse descer a calçada, embora estivesse coberta de gelo e neve.

Em pânico, Qhuinn pegou na maçaneta da porta, preparando-se para se desmaterializar em seu caminho e detê-la, mas o pai de Blay correu para fora e disse alguma coisa.

Por um momento, Qhuinn apenas observou suas expressões enquanto discutiam, a ternura e o amor que eles tinham um pelo outro transformando o conflito em uma negociação entre as partes razoáveis.

Alguma coisa pelo qual trabalhar, pensou ele.

— Vocês estão prontos, pessoal? — perguntou enquanto olhava pelo espelho retrovisor. — Hora de ver a *Grandmahmen* e Vovô.

Desligando o motor e saindo, acenou para a varanda.

— Boa Noite!

— Estou tão animada! — Gritou Lyric.

— Ela está cozinhando — disse o pai de Blay com uma sacudida da cabeça. — Ela está cozinhando, embora esteja com ordens do médico para ficar com o pé para cima e aqueles dois bebês estão na mamadeira.

— Mas eu tenho nosso Qhuinn para alimentar! — Lyric estava borbulhando positivamente com entusiasmo, saltando pra cima e pra baixo. — E além disso, a casa vai cheirar bem para os bebês. Eles apreciarão a canela e o tempero no ar.

Ou talvez não, Qhuinn pensou quando deu a volta para tirar Rhamp primeiro. Era bem possível que o olfato do filho estivesse estragado.

Depois de lutar com o cinto do carro, conseguiu livrar a cadeirinha e, em seguida, lutou para carregar ele mesmo e seu menino até a calçada.

— Cuida de um? — Ele disse ao pai de Blay.

— Ah, você não faz ideia — o macho respondeu quando aceitou a transferência. Quando Qhuinn estava prestes a se afastar, ele pegou uma série de expressões enquanto olhavam para o bebê, e ele quase se despedaçou. Os dois vampiros mais velhos estavam arrebatados de amor, seus olhos brilhando, os olhos piscando, os rostos vermelhos.

Isso o fez pensar sobre o que Blay havia dito sobre não torturá-los com crianças que não eram suas.

Bem, ele ia consertar isso.

Tentando ser discreto, ele se inclinou para um lado e olhou para o salão da frente. Nada de Blay. E também nada de Blay descendo as escadas. Ou emergindo dos fundos da casa. E Qhuinn estava muito disperso para poder sentir o cara.

Humm, como colocar isso em palavras...

— Blay está aqui?

Enquanto sua boca se abria e as sílabas saíam, os pais do macho congelaram.

O pai de Blay franziu a testa e olhou para a Grande Lyric.

— Ele está apenas na varanda dos fundos. Onde mais ele estaria?

Lyric, por outro lado, sabia claramente o que estava acontecendo.

— Por que você não vai buscá-lo? — Então ela olhou para o *hellren*. — Querido, tira Lyric daquele pesadelo enorme de emissão de gás carbônico?

Quando o pai de Blay pulou nesse dever, Qhuinn sentiu como se abraçasse a fêmea. Então ele fez — e o fato de que ela aceitou seu abraço tão facilmente lhe deu esperança.

— Vá agora — ela sussurrou em seu ouvido. — Vocês dois resolverão o que quer que seja. Nós olharemos os bebês.

Quando Qhuinn se endireitou, algo do que estava sentindo deve ter mostrado em sua expressão, porque ela estendeu a mão e acariciou seu rosto.

— Eu te amo, mesmo que sua escolha de automóvel me deixe horrorizada. Isso faz, o que, talvez, 1 km por litro? Na estrada?

O pai de Blay entrou enquanto voltava com a pequena Lyric.

— Isso nos levou com segurança até o centro de treinamento na noite passada. Seu Toyota Prius? Essa coisa não teria saído da estrada.

Como o macho sabia que ela estenderia o assunto o mais longe que pudesse, Rocke piscou para Qhuinn, sorriu com amor para sua *shellan* e entrou na casa com ambas as cadeirinhas, como se estivesse sendo perseguido por uma cópia enrolada de *Mother Jones*²².

— Vocês podem demorar — disse a mãe de Blay. — Vou ler alguns artigos de mudança climática para seus bebês. Talvez os faça assistir *Inovação Zero* de Bill Gates! Palestra de tecnologia, entretenimento e design.

Qhuinn a ajudou a voltar pra dentro de casa, mesmo que ela tentasse resistir à mão no cotovelo e ela estava certa: a canela e as especiarias cheiravam muito bem, e o calor do fogo na sala de estar era perfeito em uma noite fria. E tudo parecia brilhar com amor.

Revigorando-se, passou pela cozinha e foi até a porta da varanda nos fundos. Antes de abrir a porta, verificou para se certificar de que o botão do colarinho estava onde precisava estar e que seu casaco de lã estava, tipo, de maneira adequada, o que quer que fosse isso. Também fez uma rápida revisão de Desitin²³ caso tivesse isso em qualquer coisa sobre ele.

²² Revista norte americana de jornalismo investigativo

²³ Pomada para assadura de bebês.

E depois...

Através das vidraças na parte superior da porta, viu Blay de pé no frio, com nada além de uma camiseta, olhando pela paisagem coberta de neve para um lago congelado. Quando o macho tragou seu cigarro, a ponta flamejou laranja, e então uma nuvem de fumaça flutuou sobre sua cabeça ruiva.

Ele parecia régio em sua reserva, os ombros para trás, seus olhos se estreitaram em algum ponto distante, os pés plantados na varanda vazia.

Algo disse à Qhuinn que batesse antes de sair.

Quando fez, Blay não se virou. Ele apenas deu de ombros um pouco. Mendigos não podiam escolher, pensou Qhuinn quando abriu a porta e entrou no início da noite de inverno.

E, merda, sabia que estava mais do que disposto a implorar.

— Mais torrada?

Quando Xcor fez o inquérito do outro lado da mesa, Layla balançou a cabeça, enxugou a boca com uma toalha de papel e recostou-se.

— Sabe, acho que estou bastante satisfeita, obrigada. — Tradução: Engoli dois pedaços de torrada, dois ovos e uma caneca de chá. Podemos terminar agora e descer as escadas pra fazer amor?

— Vou pegar uma fatia mais. Que tal mais chá? — Enquanto ele se levantava da mesa, ela podia dizer pelo conjunto de seus ombros e a desaprovação em seu rosto, que ele de alguma forma sabia que ela mentira sobre estar satisfeita... e ele não tinha intenção de ser desviado do objetivo de alimentá-la adequadamente.

— Sim, por favor.

O tom dela estava mais perto de “foda-se” do que “obrigada pelo seu adicional chá em meu benefício”, mas era isso que a frustração sexual fazia com uma mulher.

— Que tal nós pegarmos isso e levá-los lá pra baixo? — Ela sugeriu, pensando que desse modo estariam mais perto da cama, e mexeriam com o diabo. — Na verdade, simplesmente vou lá pra baixo agora.

Ao lado da torradeira, Xcor colocou outras duas fatias de pão de forma e empurrou para baixo a alavanca.

— Eu vou levar tudo. Vá e coloque os pés pra cima, deixe sua caneca comigo.

Dirigindo-se para a porta da adega, ela fez uma pausa e olhou por cima do ombro. A cozinha cinza e branca era pequena, e o corpo de Xcor diminuía o espaço com certeza, como se um pastor alemão tivesse entrado em uma casa de bonecas. E era tão incongruente que este guerreiro estava observando a torradeira para monitorar cuidadosamente seu processo de tostar.

Nem muito claro, nem muito escuro.

Depois, havia a manteiga. Ele atacou a vasilha de manteiga passando sobre uma superfície de pão crocante com a seriedade e atenção de um cirurgião cardíaco.

Era exatamente como sempre desejara que o macho que ela amasse a tratasse, e não era sobre se era a Primeira ou a Última Refeição, dia ou noite lá fora, inverno ou verão. O foco e a preocupação de Xcor simplesmente mostravam que ela importava para ele.

Que ele a *via*.

Depois de uma vida de ser uma de muitas para alguém divino, era um presente raro ser a única para alguém mortal.

Mas droga, por que eles não podiam estar fazendo sexo agora?

Descendo para o porão, diminuiu as luzes e ligou a TV, esperando encontrar um dos filmes românticos que Beth e Marissa gostavam de assistir na TV a cabo. Notícia. Notícia. Comercial. Comercial...

O que estava levando tanto tempo, pensou enquanto olhava para a escada. Comercial. Comercial...

Oh, isso era bom. *Enquanto você Dormia*.

Mas onde estava Xcor?

Finalmente, depois do que parecia ser cem anos, ela o ouviu descer as escadas.

— Liguei o sistema de segurança — disse ele.

Ela silenciou o volume com Sandra Bullock tentando puxar uma árvore de Natal para o apartamento através de uma janela aberta, e então tentou arrumar a ela e seu manto de uma maneira apropriada no sofá. O manto foi frustrante. Quando os *doggens* tinham arrumado a casa, eles haviam entregado vários mantos de Escolhida para ela, sem saber que ela não os usava mais. Que pena que não era lingerie. Com as dobras soltas que engoliam os contornos de seu corpo, ela não era material de rainha de beleza.

Embora seu macho parecesse preferi-la nua.

Quando ele não a estava enchendo com comida...

— Oh! — ela disse enquanto dava uma olhada na bandeja que ele tinha trazido. Xcor poderia muito bem ter arrastado a mesa da cozinha até a adega. Ele tinha tostado o resto do pão, fez mais ovos mexidos e um bule cheio de chá quente. Também incluiu creme, apesar dela não ter usado, e o pote de mel, que ela tinha.

— Bem, isso é... simplesmente adorável — ela disse, enquanto colocava tudo na mesa baixa.

Sentado ao lado dela, ele tirou um pedaço de torrada da pilha e começou o processo de passar manteiga.

— Eu posso fazer isso — ela murmurou.

— Eu gostaria de servir você.

Então abaixe suas calças, ela pensou enquanto olhava as coxas enormes que esticavam as costuras do abrigo de nylon preto que ele usava. E então havia a maneira como o alto da manga de sua camiseta lutava para segurar a espessa circunferência de seu bíceps. E a sombra do crescimento da barba que escurecia sua mandíbula.

Afundando as unhas nos joelhos, ela olhou para sua boca.

— Xcor.

— Humm? — Ele perguntou enquanto movia uma camada matematicamente precisa sobre a torrada com uma faca.

— Basta com a comida.

— Eu quase terminei aqui.

E eu totalmente acabei aqui, ela pensou.

Sentada para frente, Layla tentou se distrair despejando um pouco de chá, mas era uma causa perdida. No entanto, notou que as lapelas de seu manto se afrouxaram.

Tire isso, corra com isso.

Colocando as mãos no cinto em sua cintura, soltou o nó e separou as duas partes, expondo a bainha translúcida que era a roupa íntima tradicional das Escolhidas. Ok, aquilo tinha que ir, também — e pra você saber, enquanto deslizava os pequenos botões de pérolas livres de suas casas, eles seguiram a inspiração com uma facilidade que sugeria que eles estavam determinados a ajudar o seu esforço.

Tirando sua mão deles, ela então se afastou de tudo o que a cobria e se deitou no ninho do manto.

Contudo, ele ainda estava com a fodida torrada.

Quando ele se recostou um pouco e contemplou o trabalho de manteiga que havia feito, ela pensou que embora a coisa de macho-vinculado-alimentando-sua-mulher claramente tivesse suas vantagens evolutivas, isso era ridículo.

O que ele ia fazer a seguir? Obter uma régua para verificar a verticalidade?

— Sabe o que seria bom nas torradas? — Ele disse quando alisava novamente com a ponta da faca.

Sim, porque já havia um milímetro na borda superior esquerda que estava mal servida.

— O que?

— Mel — ele murmurou. — Acho que seria bastante bom — Layla olhou para o pote de mel. — Eu acredito que você está certo. — Se debruçando, ela pegou o pote e arqueou as costas. — Mel é bom em muitas coisas.

Rodando a concha, tirou o objeto e segurou-o sobre o peito e, enquanto o mel enrolava e caía, seu mamilo pegou a doçura. As cócegas fizeram com que ela mordesse o lábio e, em seguida, mais do brilho âmbar gotejava em sua pele, um rio descendo até o abdômen.

— Xcor...?

— Sim...

Quando ele olhou para ela, voltou e olhou de novo — e deixou cair a torrada na bandeja. O que foi um alívio, porque na verdade se não conseguisse vencer uma competição com carboidratos por sua atenção, estava com sérios problemas.

Seus olhos azuis marinhos estavam instantaneamente quentes, e muito, muito fixos no caminho do mel lentamente atingindo o seio, gota por gota deslizando para baixo... para baixo.

— Eu me pergunto — ela disse com uma voz rouca — se o mel é mais doce que eu?

Com isso, ela levantou um joelho e mostrou seu núcleo para ele.

Seu macho empurrou essa bandeja pra longe tão rápido que era como se o prato tivesse dito algo ruim sobre seus lutadores.

O rosnado bombeado que saiu dele era mais parecido com isso, e também a visão das pontas de suas presas crescendo com pressa. E então ele estava se erguendo sobre ela, grandes braços se curvando acima de seu corpo, sua tremenda força quase sem controle enquanto sua língua se estendia logo abaixo do mamilo... para pegar uma gota.

Com um gemido, seus lábios mornos e lisos capturaram e sugaram, lamberam e beijaram. A cabeça de Layla caiu para trás, mas ela virou para o lado para que pudesse observar seu enorme macho. As sensações eram tão eróticas que podia sentir um orgasmo se aproximando, mas não queria isso. Estando impaciente para estar com ele, agora queria saborear cada segundo que estivessem juntos.

— Xcor... olhe para mim.

Quando os olhos dele se voltaram para ela, segurou a concha sobre sua boca e deixou que a última gota de mel pousasse na língua. E então se contorceu sobre si mesma antes de sugar o bico do seio e puxá-lo... sugando-o e puxando para fora...

— Você ainda será a minha morte, fêmea — Xcor praguejou.

Com uma jogada hábil, ele tirou a concha dela e devolveu ao pote, assim como o corpo dela se tornou o que ela tinha derramado sobre si mesma, seus ossos se derreteram, seus músculos ficaram relaxados. À medida que suas pernas ficaram ainda mais abertas, ele tomou sua boca com força, ambos os lábios se agarrando na viscosidade, a excitação dele pressionando seu núcleo através da calça.

Isso não durou.

Com mãos ásperas, ele libertou seu sexo e então estava dentro dela, bombeando enquanto ele a beijava, seus corpos acharam um ritmo tão rude que o próprio sofá balançou e bateu contra a parede.

Mais duro, mais rápido, mais profundo, até que eles não puderam mais manter suas bocas juntas. Alcançando-o, ela segurou seus ombros maciços, os músculos sob sua pele lisa como um oceano que estava tempestuoso...

O prazer quebrou como um relâmpago, mas também a tomou toda — e então ele encontrou sua própria libertação, se afundando nela.

E Xcor não parou.

Ou desacelerou.

QUARENTA E OITO

O coração do Blay dançou sapateado quando a porta da varanda se abriu atrás dele e o cheiro de seu primeiro e único precedeu o cara vindo para a grade.

O bom sobre fumar era que isso lhe dava algo o que fazer com suas mãos. A coisa ruim sobre fumar era que quando você decidia bater sua cinza como ocupação, se estivesse tremendo isso aparecia.

— Oi.

Blay tossiu um pouco.

— Ei.

— Estou feliz que você esteja aqui — pausa. — Eu não pensei que estivesse. — Por um momento, Blay só quis gritar, *Nem eu, filho da puta!* Mas pareceu melhor guardar isso para si mesmo se ele quisesse parecer forte, ser forte... ficar forte.

Deus, por que Qhuinn tinha que cheirar tão bem?

— Eu trouxe Rhamp — murmurou Qhuinn.

— Esse era o seu plano — exceto que ele franziu a testa. — Onde está Lyric...

— Oh, ela também está aqui. Sim.

Quando uma brisa suave veio do sul, Blay pensou em uma bailarina que girava com as piruetas controladas sobre a paisagem matizada de azul da neve. Não havia mais folhas para girar com ela, tudo coberto com esse manto branco, mas nos limites da propriedade, os galhos verdes que estavam dobrados sob o peso do que havia caído neles obtiveram algum alívio quando os redemoinhos de neve derrubaram seu fardo.

Em sua visão periférica, através das janelas atrás de Qhuinn, podia ver seus pais se movendo na doce luz amarela da cozinha. Sua *mahmen* insistiu em cozinhar durante seis horas seguidas, sua excitação e felicidade revigorando-a depois de uma noite e dia difíceis. Tão maravilhosa era sua alegria, que era difícil lembrar que tiveram que consertar aquele osso. Que havia pontos debaixo de sua bota. Que ela teria que voltar na noite seguinte para que o Dr. Manello checasse tudo.

Pelo menos, Fritz os tinha trazido de volta para cá no furgão com vidros escuros, apesar de já ser de dia quando Lyric foi liberada da clínica. Seus pais realmente queriam chegar em casa depois da provação, e Blay com certeza não tinha discutido sobre isso...

— Eu tenho algo para você — disse Qhuinn.

Quando o macho alcançou seu casaco, Blay balançou a cabeça e apagou seu cigarro pela metade.

— Vamos entrar? Estou com frio.

Ele não esperou nenhum reconhecimento e não estava interessado no que quer que fosse.

Voltando para a casa, foi atingido por uma morna parede de aromas que o lembrou de família e o fez querer vomitar. Especialmente quando Qhuinn o seguiu até a cozinha, a presença do macho não diminuiu, embora ele não estivesse na linha de visão de Blay.

Talvez até tenha ampliado.

— Como posso ajudar? — Blay perguntou enquanto sorria para sua mãe.

A Lyric mais velha estava sentada em um banquinho na frente do fogão a gás, fritando bacon e ovos e torrada francesa.

— Você pode dizer olá para seus filhos — ela jogou sobre o ombro. — E arrume a mesa.

Engolindo uma explosão de dor em seu peito, como se alguém o tivesse chutado no esterno, Blay colocou o Dunhills ao lado do telefone, foi lavar as mãos e tentou se preparar para ver as crianças.

Não, ele pensou enquanto secava o que tinha esfregado. Ele ainda não podia olhar aquelas cadeirinhas ainda. Precisava se segurar antes ou seria responsável por desmoronar.

Ocupado na gaveta onde os talheres eram guardados. Ocupado reunindo guardanapos vermelhos e brancos. Ocupado pegando quatro pratos.

Na ilha que preenchia todo o meio da cozinha, Qhuinn e seu pai estavam falando sobre a guerra, sobre a política humana, sobre as finais de futebol Universitário (NCAA) e o início da conferência da NCAA no basquete.

Os olhos de Qhuinn estavam em Blay o tempo todo.

E o macho era inteligente. Ele sabia que se dissesse alguma coisa sobre Blay ir até as crianças, que tinham adormecido em suas cadeirinhas na mesa, isso daria pra trás.

Maldição, pensou Blay finalmente. Não podia continuar evitando as crianças. Preparando-se, fez uma pilha de guardanapos e garfos, facas e outras coisas e andou até lá.

Tentou não olhar. Falhou.

E no instante em que seus olhos se espalharam sobre as crianças, foi despojado de sua autoproteção: todos aqueles discursos sobre como precisava permanecer como um terceiro desinteressado para eles então não se machucaria mais uma vez, saiu pela janela.

Como se percebendo sua presença, os dois acordaram, olharam para ele e instantaneamente fizeram aquela coisa tipo cata-vento com seus braços e pernas, seus rostinhos atormentados se tornando animados, ruídos suaves saindo das bocas. Eles claramente o reconheceram.

Talvez até mesmo sentissem falta dele.

Abaixando lentamente qualquer inferno que estava carregando — isso poderia ter coisas para comer em cima ou dentro, ou talvez uma torradeira, uma pá de neve ou uma televisão — ele se inclinou para baixo.

Abriu a boca para falar, mas nada saiu. Sua garganta havia fechado.

Então teria que confiar no toque para se comunicar. O que estava bem. Eles também não podiam conversar.

Ele foi até Lyric primeiro, acariciando sua bochecha, fazendo cócegas no pescoço macio. E poderia ter jurado que ela riu.

— Como está minha garota? — Ele sussurrou numa voz quebrada.

Mas então percebeu o pronome que ele usou e apertou os olhos. *Não* são meus filhos, ele se corrigiu. Estes *não* são meus filhos.

Sim, claro, Qhuinn estava de volta ao trem da família. Exceto, por quanto tempo isso duraria? Quando ele seria desencadeado pela coisa com Layla novamente e sairia dos trilhos? A coisa inteligente a fazer era levar o golpe de uma vez, curar a ferida firmemente, então a dor nunca mais tinha que acontecer de novo, e nunca olhar para trás.

Nessa nota, ele focou em Rhamp. Tão pequeno, um carinha tão duro. Blay acreditava mesmo que o papel tradicional do sexo era uma besteira e que, se Lyric quisesse ser durona como Payne ou Xhex, ele estava a bordo com isso. E, da mesma forma, se Rhamp decidisse ser médico ou advogado e ficar fora do campo, também estava bem. Mas cara, eles eram tão obviamente diferentes — embora fosse crítico que isso não os definisse. Ele acreditava que era de vital importância que as crianças fossem livres...

Merda. Estava fazendo isso de novo. Esquecendo os limites. Ao som de garfos e facas tocando um no outro levantou a cabeça. Qhuinn assumira a coisa de colocação de pratos, fazendo o melhor com os guardanapos e os talheres, sua cabeça inclinada, seu rosto sombrio.

Blay limpou a garganta.

— Eu posso fazer isso.

— Está bem. Eu faço.

Naquele momento, Rhamp soltou uma bomba de fedor que foi suficiente para fazer com que os olhos de um homem lacrimejassem.

— Oh... uau.

— Sim — disse Qhuinn. — Você devia ter cheirado ele antes de chegar aqui. É por isso que eu estava atrasado. Você me faria um favor e o verificaria? Talvez tenhamos sorte e seja apenas gás.

Blay rangeu os dentes. Estava na ponta da língua dizer ao cara que fizesse ele mesmo, mas pareceria grosseiro. Além disso, em seu coração, queria segurar o menino e seus pais estavam lá, observando enquanto tentavam não assistir.

Enquanto tudo pareceu congelar no lugar, ele sentiu abruptamente como se toda a vida e seu conceito de família se reduzissem a esse momento, e era estranho como a vida vinha a você assim. Você avançava, criando laços ou quebrando-os, avançando ou retrocedendo em relacionamentos, cavalgando o mar de suas emoções e as emoções dos outros, mas na maior parte, era o tipo de coisa da árvore na floresta, um pouco fragmentado, o tipo de dança de um pra lá, dois pra cá, de escolhas e decisões, mais uma trilha do que marcas, direção mais aleatória do que bússola.

Exceto que então, de repente a abertura da câmera se abria tão rápido que você conseguia uma chicotada existencial e era forçado a olhar para tudo e seguir, ok, uau, então eu estou *aqui*.

Sobre toda uma criança que tinha precisado encher as calças de merda e com quem ele iria lidar.

Qhuinn apareceu e colocou-se bem na frente de Blay. Numa voz baixa, o macho disse:

— Sinto sua falta. Eles sentem sua falta.

— Eu sou um tio — Blay se ouviu dizer. — OK? Apenas um tio.

Com as mãos tremendo, soltou as tiras e pegou Rhamp. Segurando o bebê no alto, ele colocou o nariz bem ali e respirou fundo.

— Estamos bem, Houston — disse ele grosseiramente. — Repito, essa foi uma nuvem de gás. Não houve violação do campo de força.

Transferindo o filho de Qhuinn para a curva de seu braço, Blay sentou-se e brincou com dedos na frente dos olhos do garoto.

— Quem está com fome? — Disse sua mãe alegremente. Como se tivesse decidido que tudo ficaria bem só porque ele estava segurando um bebê.

— Olhe para esses reflexos — seu pai observou enquanto as mãos de Rhamp se moviam de um lado para o outro e agarravam-se com uma precisão surpreendente. — Qhuinn, esse é seu filho, não é?

— Sim — Blay falou. — Ele realmente é.

Layla perdeu a conta de quantas vezes eles fizeram amor. Duas vezes no sofá. Então no chuveiro. Mais três vezes na cama?

Quando se deitou lado a lado com seu macho, acariciando seu ombro maciço, sentindo-o respirar em seu pescoço, sorriu na escuridão. A insaciabilidade era um trunfo quando se tratava de ter um amante em sua vida.

E Xcor era um macho com muita, muita fome.

O interior de suas coxas doía. Seu núcleo estava sensível por causa da fricção. E seu cheiro estava sobre ela, por dentro e por fora.

Ela não mudaria nada.

Bem, talvez uma coisa.

— O que te aflige? — Ele perguntou quando a cabeça dele se ergueu.

— O quê?

— O que está errado?

Ela não deveria ter ficado surpresa por ele poder ler seu humor até meio adormecido e na total escuridão. Estava incrivelmente sintonizado com ela, e não apenas sexualmente.

— Layla — ele perguntou.

— Eu simplesmente não quero que você vá — ela sussurrou. — Não posso suportar a ideia de não...

Quando a voz dela quebrou, a cabeça dele baixou de volta à posição e ele beijou o lado de sua garganta. Quando ele não disse nada, ela não ficou surpresa. Que palavras cabiam ali? Ela tinha seus bebês, e por mais que amasse Xcor, ela não iria levá-los para o Antigo País. Eles precisavam de seu pai.

E Qhuinn nunca permitiria isso também.

— Não pense nisso, minha fêmea.

Ele estava tão certo. Ela tinha o resto de sua vida para sentir falta dele. Por que começar agora quando ele ainda estava com ela?

— Eu sei tão pouco sobre você — ela murmurou. — Como você cresceu. Onde viajou. Como veio parar aqui.

— Não há nada para contar.

— Ou é isso que não quer que eu saiba.

O silêncio dele respondeu a essa pergunta. Mas não era como se ela não pudesse extrapolar o que tinha lido dele no Santuário. Na verdade, sua tristeza com a crueldade mostrada para ele era uma dor que atravessava sua alma, especialmente quando pensava em Rhamp. A ideia de que um pai pudesse decidir se afastar de uma criança inocente simplesmente porque ele tinha um defeito não feito por si mesmo?

Não suportava pensar, e ainda assim não conseguiu parar.

— Não temos muito tempo restante — disse ela suavemente, apesar de ter prometido a si mesma não se preocupar com a partida. — Assim que você encontrar seus homens, você os trará para Wrath e eles farão seus juramentos... e então você irá. Preciso viver toda uma vida nessas noites que temos.

— Você vai continuar.

— E você também — ela respondeu. — Só que não juntos. Então, por favor, deixe-me entrar. Enquanto nós temos esse tempo... não poupe nada da bondade e do mal, de modo que eu conheça tudo sobre você.

— Se você não quer perder tempo, não vamos falar.

Exceto quando tentou beijá-la, ela o segurou para trás.

— Não tenho medo do seu passado.

Sua voz caiu.

— Deveria ter.

— Você nunca foi prejudicial a mim.

— Isso não é verdade e sabe disso.

Enquanto ela se lembrava de como a mandou embora, ele se sentou, acendeu a luz e tirou os pés dos lençóis. Ele não foi embora, porém.

Ela queria tocá-lo, alisar a mão na sua coluna, aliviá-lo enquanto ele colocava a cabeça nas mãos. Ela entendia bem, no entanto.

— Eu posso sentir seus arrependimentos — ela sussurrou.

Xcor ficou quieto por um longo tempo, e então disse:

— Uma pessoa pode ser influenciada em direções que... — De repente, ele balançou a cabeça. — Não, eu fiz o que fiz. Ninguém me obrigou a isso. Eu segui um macho mau e me comportei de maneiras maldosas, e me responsabilizo agora por tudo isso.

— Diga-me — ela incentivou.

— Não.

— Vou te amar de qualquer forma.

Xcor enrijeceu e depois se virou lentamente para ela. Seu rosto estava marcado por sombras ásperas que não eram nada comparadas as de seus olhos.

— Você não sabe o que diz.

— Eu amo você — ela colocou a mão no braço dele e manteve o olhar firme, desafiando-o a negar o que ela sentia. — Você me ouviu? *Eu te amo*.

Ele balançou a cabeça e desviou o olhar.

— Você não me conhece.

— Então, ajude-me a fazer isso.

— E correr o risco de você me chutar? Você diz que quer passar o tempo que temos juntos. Garanto que isso não acontecerá se me conhecer melhor do que me conhece agora.

— Eu nunca o chutaria.

— Minha *mahmen* já fez isso. Por que você seria diferente? — Ele balançou a cabeça novamente. — Talvez ela soubesse o rumo que eu tomaria. Talvez... não tenha sido por causa do lábio.

Layla estava bem ciente de que ela tinha que pisar com cuidado.

— Sua mãe te renegou?

— Fui colocado com uma babá... alguém... até que ela me deixou também.

— E seu pai? — Perguntou tensa. Mesmo sabendo algo sobre aquilo.

— Eu pensei que fosse o Bloodletter. Esse homem me disse que era meu pai, mas depois soube que não era o caso.

— Você nunca... tentou descobrir quem é seu pai? — Xcor flexionou suas mãos e as curvou com força.

— Acredito que a biologia é menos indicativa da família do que a escolha. Meus homens, meus soldados, eles me escolheram. Escolheram me seguir. Eles são minha família. Dois indivíduos que me conceberam e depois me desertaram quando eu era incapaz de sobreviver por conta própria? Não preciso saber suas identidades, nem seu paradeiro.

Puro medo cortou o coração de Layla quando ela o imaginou primeiro como um jovem recém-nascido, e então como um menino incapaz de se defender, e finalmente, um pré-trans através da mudança desassistido.

— No entanto, você sobreviveu? — Ela suspirou.

— Eu fiz o que tinha que fazer. E lutei. Sempre fui bom em lutar. Esse é o único legado que meus pais me deram que tem sido de valor.

— Como foi sua transição... como você conseguiu atravessar a mudança? — Esta era uma pergunta honesta, pois não havia sido incluída no volume escrito sobre ele.

— Eu dei para prostituta que me serviu a cabana em que eu ficava. Tive que pagá-la ou ela não teria me permitido tomar sua veia. Parecia uma transação justa, minha vida pelo meu abrigo. Achei que poderia encontrar outro lugar para viver, e eu fiz.

Layla sentou-se e puxou os lençóis até o queixo.

— Eu não poderia fazer isso com meus filhos. Eu simplesmente não poderia.

— E é por isso que você é uma mulher de valor — ele deu de ombros. — Além disso, eu fui uma concepção falha. Tenho certeza de que ambos prefeririam que eu tivesse morrido no útero ou no parto, provavelmente, mesmo que matasse minha *mahmen*. É melhor ter um bebê morto do que trazer um tipo como eu para a existência.

— Isso é errado.

— Isso é a vida, e você sabe bem disso.

— E então você entrou no campo de guerra.

Xcor olhou para ela, sua expressão firme.

— Você está determinada a arrancar isso de mim, não está?

— Não tem que se esconder comigo.

— Quer saber como perdi minha virgindade então? — Ele falou. — Quer?

Ela fechou os olhos brevemente.

— Sim.

— Oh espere. Talvez eu devesse ser mais específico. Gostaria de saber quando trepei com uma mulher pela primeira vez ou quando fiz sexo pela primeira vez? Porque não são a mesma coisa. O primeiro me custou dez vezes mais caro com uma prostituta no Antigo País, e a primeira coisa que ela fez depois foi ir para o rio se limpar de mim. Eu realmente me perguntei se ela iria se afogar, ela bateu naquela água com tanta força.

Layla piscou de volta as lágrimas.

— E... o outro?

Seu rosto ficou escuro com raiva.

— Fui fodido por um soldado. Em frente ao campo de guerra. Porque perdi para ele em uma luta. Eu sangrei por horas depois.

Fechando os olhos, ela encontrou-se fazendo uma oração.

— Ainda me quer agora? — Ele disse.

— Sim — ela abriu as pálpebras e olhou para ele. — Você não é imundo para mim. E não é menos um macho.

O sorriso em seu rosto a assustou, pois era tão frio e distante.

— Eu fiz isso com os outros, a propósito. Quando eu os vencia.

A tristeza que ela sentiu foi tão profunda e permanente, estava além das lágrimas. E sabia exatamente o que estava fazendo. Ele a empurrava de novo, desafiando-a a deixar para que ela não dissesse para ele ir. Ele tinha feito isso antes, e o que mais você poderia esperar de um homem que havia sido evitado sua vida inteira?

— Ainda quer isso? Ainda acha que ama isso? — Quando ela não respondeu, ele indicou seu rosto e depois seu corpo como se pertencessem a outra pessoa. — Bem, fêmea, o que você diz?

QUARENTA E NOVE

Vishous deixou a mansão da Irmandade sozinho, e não disse a ninguém para onde estava indo. Não que ele estivesse escondendo alguma coisa, era apenas que Butch estava no campo com Rhage, John Matthew e Tohr, e Wrath estava na Casa de Audiência com Phury e Z, e blá blá blá.

Ah, e Jane estava na clínica.

O que estava bem.

Então, sim, não tinha ninguém para contar e ninguém cujo radar estava treinado em seu paradeiro. Isso era bom.

A tempestade de neve da noite anterior tinha deixado um problema de limpeza em seu rastro, e enquanto V se desmaterializava para a fronteira externa do centro urbano de Caldwell, viu todos os tipos de coisas que ele esperava: algum progresso de remoção, mas mesmo assim, ainda um monte de coisas brancas cobrindo todos os tipos de carros estacionados e prédios de apartamentos, as principais estradas nas duas pistas, os becos intransponíveis, as calçadas não identificadas.

O endereço onde se materializou era um prédio vitoriano de três andares que tinha sido dividido em um trio de apartamentos. As luzes estavam acesas em cada um dos andares, e os humanos dentro estavam relaxando, retornando do trabalho.

Ou... no caso do apartamento que ele estava interessado, vazio.

Mudando sua posição até o telhado do prédio do outro lado da rua, acendeu um cigarro e observou. E esperou. O humano em particular que estava aguardando ainda não estava em casa e ele sabia disso, porque havia feito alguma pesquisa sobre o bom e velho Damn Stoker.

Descobriu que “ele” era uma mulher. A Srta. Jo Early, que passou a trabalhar no *Caldwell Courier Journal*.

O fato dela ser mulher meio que o impressionou. Ele supôs que a clareza da voz não emocional na apresentação de fatos nesse blog, significava que um conjunto de dedos masculinos estava fazendo o trabalho, mas por favor. Como se sua *shellan* não fosse do mesmo jeito?

Jane era tão dura quanto, e de pensamento mais claro que ele.

Como, por exemplo, estava bastante certo de que Jane não estava mal sobre o status do acasalamento deles. Não, ela estava trabalhando em sua função, salvando vidas. Ele era o único que estava fazendo a besteira do Dr. Phil Papo Furado...

Okaaaaaaaaay, vamos tentar não fazer tudo sobre nós mesmos, nós não devemos, pensou ele.

Enquanto ele fumava e tentava tirar a cabeça de seu relacionamento, sua massa cinzenta realmente o levava em outra direção. Que pena, não era uma grande melhoria. Supondo que ele quisesse um pouco de paz.

Quando estava sentado em sua mesa durante o dia e verificando vídeos do YouTube e páginas do Facebook e as contas do Insta para avistamentos de vampiros por humanos, foi tentado por um e-mail antigo, um que ele abandonara assim que a Dra Jane tinha entrado em sua vida.

Bem, na verdade, ele parou de usar isso praticamente depois de conhecer Butch.

O controlador, que era um pseudônimo de sua conta associada do Gmail, era um que ele havia registrado em sites onde subs estavam implorando por Doms, tanto dentro como fora da espécie.

Sempre havia voluntários para ele no passado. Fêmeas e machos, homens e mulheres, todos os quais procuravam um certo tipo de experiência, e V teve uma rotina que seguia com eles. Primeiro, ele os encontrava nos clubes ou através de referências e fotos, selecionando e escolhendo os mais atraentes, ou aqueles que ele achava que seria um bom programa. Então os levava para a sua cobertura no topo do Commodore e brincava com eles até que ficava entediado. Sempre que terminava, ele os expulsava.

Uns poucos ele via mais de uma vez. A grande maioria era uma e acabou.

Havia apenas três regulares.

Naquela época, tinha sido tudo sobre ultrapassar seus limites, temperando seu lado escuro, deslizando o interruptor em seus impulsos.

Ele entrou na conta hoje.

Por volta do meio-dia.

Logo depois de ter recebido um texto de Jane dizendo-lhe que a mãe de Blay tinha passado pela operação bem, mas queria ir para casa, então Jane tinha que ficar na clínica e tentar falar com a mulher para não sair. A mensagem rápida tinha sido passada cerca de duas horas depois dela ter dito que tinha terminado na Sala de Cirurgia e a caminho do Pit, tudo o que tinha que fazer era ter certeza de que a velha Lyric saísse da anestesia. A qual tinha sido precedida duas horas antes disso com um texto falando sobre Assail.

Havia quase duzentos e-mails na conta.

E ele havia lido cada um deles. Alguns eram curtos, nada além de dados essenciais, talvez com uma foto como anexo. Outros eram longos e divertidos, fluxos de consciência sobre o que eles queriam que fosse feito com eles. Havia também dois parágrafos que imploravam para ele reconsiderar, reconectar, retomar. E frases introdutórias com números de telefone. E declamações irritadas que ele não podia simplesmente esquecê-los, não, não, ele não podia, não poderiam ficar sem isso, eles iriam encontrá-lo e fazê-lo perceber como eles eram os melhores para ele...

Era como uma escavação arqueológica nas relíquias de uma cidade que ele havia construído uma vez, assumiu residência e dominou.

Abaixo, na rua apertada e cheia de neve, um Honda parou no prédio de apartamentos. Quem estava nele falou por um minuto, a porta do lado do passageiro se abriu e uma fêmea esguia de cabelos ruivos saiu.

— Falamos amanhã então? — Ela disse dentro do carro. — OK. Sim, estou nessa, sim, vou informar isso no site do CCJ amanhã, a primeira coisa que vou fazer. Dick pode botar areia.

Com um tchau final, ela fechou a porta e contornou o capô do carro. Esticando ambos os braços para o lado se equilibrar, ela atravessou um banco de neve nas pegadas predeterminadas que muitas pessoas fizeram, então patinou na calçada e verificou a caixa de correio ao lado direito das duas portas.

Alguns minutos depois, ele a viu caminhar pela sala da frente do segundo andar e conversar com os caras que estavam passando um cachimbo de um lado para outro enquanto se sentavam no sofá em frente à TV.

Ela parecia chateada, pensou V, quando colocou uma mão no quadril e sacudiu uma pilha do que parecia contas na direção deles.

Então entrou no quarto da frente e fechou a porta.

Ele desviou o olhar quando ela começou a se despir, mas não precisou se incomodar. Quando acabou, ela tirou o casaco e terminou o resto em um banheiro que tinha uma janela cheia de gelo.

Ela terminou em sua mesa, na frente de seu produto POS Apple, golpeando a internet.

Enquanto V acendia outro cigarro, ele debatia se apenas colocava uma bala na cabeça dela, mas depois decidiu que estava apenas irritado. Além dos vídeos e da merda que ela postou, uma checada superficial de sua história não levantou nenhuma bandeira vermelha. Ela foi adotada criança por pessoas ricas. Recém trabalhando no CCJ no conteúdo da Internet. Anteriormente tinha sido recepcionista em uma empresa imobiliária. Um bom currículo escolar, mas como muitos jovens, não tinha feito merda nenhuma com isso.

A menos que contasse usar gramática adequada ao falar sobre vampiros.

Então sim, tudo o que ele precisava fazer era apagá-la e poderia voltar para o Pit.

Tragando, soltou a fumaça e a observou flutuar no ar na maior parte do tempo.

Ao longe, ouviu uma sirene.

Ambulância, pensou. Aquilo era uma ambulância.

No alto, no cristalino céu azul escuro, apenas as estrelas mais brilhantes apareciam por causa das luzes do centro, mas os aviões apareciam bem o suficiente, seus padrões de voo em torno das vias invisíveis concentradas do Aeroporto Internacional de Caldwell.

Como se Deus talvez estivesse usando um marcador para circular a cidade para algum tipo de acompanhamento.

Depois de um momento encarando a humana, ele se perguntou novamente por que não estava seguindo com o que veio aqui fazer. Hackeando o site dela e assumindo o controle, e depois apagando o conteúdo do YouTube, ele poderia voltar para casa.

Tinha que fazer, era isso.

A Internet, afinal, era como uma placa de Petri em um laboratório. Se você quisesse fazer crescer uma certa cultura, criava apenas as condições certas e deixava o tempo fazer o serviço. Bastante conversa e discussão sobre vampiros, apoiado por imagens suficientes, e, mais cedo ou mais tarde, isso aconteceria, porque os seres humanos gostavam de merda assustadora, especialmente se achassem sexy.

Bocejo.

Por outro lado, se você tivesse que matar uma ideia? Você apenas fazia isso desaparecer, e logo, o ruído branco²⁴ do drama humano substituíria isso por outra coisa.

A habilidade dos humanos de se distrair era, além de sua mortalidade relativamente fácil de extinguir, sua melhor característica.

²⁴ Sinal sonoro que contém todas as frequências na mesma potência.

Porque, realmente, quando se tratava de vampiros, quem precisava de Ellen entrevistando o Ômega sobre suas tradições de férias favoritas ou um livro póstumo sobre Lash, atingindo a lista de best-sellers do New York Times, não é verdade?

Ou pior, e todos os gracejos de lado, os filhos da puta indo caçar a Raça.

Aqueles ratos sem rabo não conseguiam se dar bem uns com os outros. De repente, eles se encontram coexistindo com outra espécie no nível em que os vampiros estariam ombro a ombro com eles?

Você poderia limpar a coisa do co e do existir, direto do seu vocabulário.

Então sim, ele teria que arrumar essa pequena bagunça na Net, além de ter uma “conversa” com a Srta. Jo Early também. Supondo que ela tenha sido uma amante de vampiros a vida inteira, esse tipo de cognição não seria reversível, mas ele certamente poderia mexer na sua massa cinzenta e redirecioná-la do seu blog.

Sim, pensou ele. Era hora de agir como fantasma dentro quarto dela, descobrir o que estava acontecendo naquele cérebro, e em seguida voltar para usar sua vassoura virtual na Internet.

Uh-huh.

Yeaaaaah.

E, no entanto, V permaneceu onde estava, derrubando a neve que cobria o telhado, deslocando seu peso de um lado para o outro sempre que suas pernas se cansavam, esticando as costas de vez em quando.

A razão pela qual ele não partiu não tinha nada a ver com aquela mulher.

Não, ele ficou pelo mesmo motivo que ele havia saído.

Quando você estava pensando em enganar sua companheira, não era fácil na consciência. E não é algo que você queria fazer na casa que dividia com ela.

CINQUENTA

Enquanto Xcor esperava que Layla dissesse que queria que ele fosse embora, seu sangue estava furioso nas veias e sua cabeça estava espumando de lembranças. Nunca falou com ninguém sobre o que lhe foi feito ou o que havia feito no acampamento de guerra. Mesmo porque ninguém perguntou. Seus guerreiros haviam feito tudo isso também ou fizeram isso com eles, e não era um assunto de conversa entre o grupo. Algo que se lembrava porque provocava sentimentos calorosos e felizes. E fora seus guerreiros, Xcor nunca tinha encontrado alguém que quisesse conhecê-lo.

— Bem — ele exigiu. — O que você diz, fêmea?

Não era uma pergunta. Pois sabia o que ela ia...

Layla olhou diretamente nos olhos dele e, enquanto falava, sua voz era completamente plana.

— Eu digo que a sobrevivência é horrível, às vezes um esforço trágico. E se você espera que eu sinta qualquer coisa além de tristeza e arrependimento em seu favor, vai ter que esperar muito.

Xcor foi quem interrompeu o contato visual. E enquanto o silêncio esticava entre eles, não tinha ideia do que estava sentindo.

Contudo, enquanto olhava suas mãos de uma grande distância, parecia que ele estava tremendo.

— Você nunca se perguntou o que aconteceu com seus pais? — Perguntou ela. — Queria encontrar um irmão ou uma irmã, talvez?

Pelo menos, era o que pensou que ela disse. Sua mente não estava processando tudo tão bem.

— Desculpe — ele disse abafado — o quê?

A cama se moveu quando ela se arrastou e sentou-se ao lado dele com os pés pendurados, enquanto os seus chegavam ao chão porque suas pernas eram mais longas que as dela. Depois de um momento, ele sentiu algo cair sobre seus ombros nus. Um cobertor. Ela o cobriu com o cobertor que havia sido dobrado na base do edredom.

Isso cheirava a ela.

Estava quente, como ela.

— Xcor?

Quando ele não respondeu, ela virou o rosto dele para o dela. Quando olhou para ela, quis fechar os olhos. Ela era muito adorável para ele e seu passado. Era tudo o que era bom, e ele já custara muito a ela: sua casa, sua paz com suas crianças, sua...

— O amor é uma questão entre as almas — ela disse enquanto colocava a mão no centro do peito dele. — Nosso amor é entre minha alma e a sua. Nada vai mudar isso, nem seu passado, nosso presente... ou qualquer futuro que possamos encontrar separados. Pelo menos não do meu lado.

Ele respirou fundo.

— Quero acreditar em você.

— Não sou aquela a acreditar ou não acreditar. Isso é uma lei do universo. Discuta se quiser, ou pode simplesmente aceitar a bênção pelo que é.

— Mas e se ela estava certa?

— Quem? Quem estava certa?

Xcor desviou o olhar, concentrando-se em seus pés descalços.

— Minha babá sempre me disse que eu era amaldiçoado. Eu era mau. Quando ela... — Ele parou por aí, não querendo entrar nos espancamentos. — Ela me disse que eu era podre. Que meu rosto era apenas o que mostrava a podridão dentro de mim. Que a verdadeira podridão estava dentro.

Layla balançou a cabeça.

— Ela estava falando sobre ela mesma então. Estava revelando a verdade sobre si mesma. Para dizer essas coisas a uma criança inocente? Para deformar sua mente e aterrorizá-lo assim? Se houver outra definição de maldade e podridão, não sei o que é.

— Você vê muito do bom em mim.

— Mas isso é o que você me mostrou. Você sempre foi bom para mim.

Sua mão pegou a dele de onde a apoiava no joelho, e enquanto ela apertava a palma da mão dele, ele lutou para processar sua lealdade e bondade. Na verdade, ela nunca entenderia a extensão de suas atrocidades e talvez isso também acontecesse. Isso a pouparia de se sentir mal pelo julgamento errado que fazia dele.

— Eu preciso te contar uma coisa.

Quando ele ouviu a tensão em sua voz, olhou para cima.

— O quê?

Agora, ele pensou, agora ela diria a ele para ir.

— Eu lhe devo uma desculpa — Liberando o aperto que ela deu nele, ela trancou suas próprias mãos e pareceu ter dificuldade em encontrar as palavras. — Fiz algo que talvez não deveria ter feito e que eu definitivamente deveria ter contado antes disso agora. E minha consciência está me matando.

— Que coisa éessa?

Quando a angústia dela pareceu se intensificar, era fácil e um alívio mudar as engrenagens e se concentrar naquilo que a incomodava.

— Layla, não há nada que você possa fazer para me chatear.

Ela precipitou-se através das palavras, falando as sílabas rapidamente, mas com clareza.

— Lá no Santuário, onde as Escolhidas habitam, existe uma ótima biblioteca de vidas. E dentro dessas pilhas, desses volumes, os detalhes de todos os machos e fêmeas das espécies são mantidos, as passagens escritas pelas escribas sagradas depois de testemunharem o que vêem nas bacias todos os eventos, bons e maus, que já aconteceram sobre a terra. É uma crônica inteira da raça, das batalhas e das celebrações, das festas e da escassez, da tristeza e da alegria... as mortes e os nascimentos.

Quando ela fez uma pausa, ele estava ciente de que seu coração começou a bater mais rápido.

— Continue.

Layla respirou fundo.

— Eu estava procurando saber mais. Sobre você.

— Você procurou pelo meu registro.

— Procurei.

Xcor deixou de lado o cobertor que ela tinha envolvido sobre ele e se levantou, andando de um lado pro outro.

— Por que se deu ao trabalho de me perguntar sobre o meu passado, então? Por que me forçar a dizer...

— Nem tudo está nele.

— Você acabou de dizer que estava.

— Não sentimentos. Não são seus pensamentos. E eu não sabia... — Ela limpou a garganta. — Eu sabia que você esteve no acampamento de guerra, mas o que exatamente aconteceu lá não foi gravado.

Ele parou e se virou para ela. Estava deliciosamente nua, o corpo dela deslumbrante despido para seus olhos no quarto quente, apenas seus longos e lindos cabelos loiros cobrindo-a. Ela estava nervosa, mas não encolhida, e mais uma vez, ele se perguntou por que diabos alguém como ela teria algo a ver com um homem como ele.

O que havia de errado com ela? ele se perguntou.

— Então, o que leu sobre mim? — Ele exigiu.

— Eu sei quem é seu pai...

— Pare — Ao colocar a palma da mão à frente, o suor explodiu no lábio superior e em sua sobancelha. — Você deve parar por aí.

— Sinto muito — ela disse enquanto pegava o cobertor descartado e se cobria. — Eu deveria ter dito a você. Eu simplesmente...

— Eu não estou bravo.

— Não está?

Ele balançou a cabeça e estava falando sério.

— Não.

Depois de um momento, ele se debruçou sobre a calça que tinha pegado emprestada e a vestiu. Então fez o mesmo com a camiseta que estava vestindo quando foi baleado. Movendo a bainha ao redor, ele inspecionou o buraco no tecido onde a bala pegou de raspão e então verificou sua pele.

Curado.

O resultado do sangue de Escolhida da Layla.

— Eu sei o que você vai perguntar — ele disse distante.

— Bem, você quer saber?

Seus pés descalços começaram a andar de novo, levando-o de um lado para outro e de volta uma vez mais.

— Sabe, eu tive essa fantasia... quando era menino. Bem, tive várias delas. Costumava conjurá-las quando a babá me mantinha acorrentado fora da casa durante a noite...

— Acorrentado? — Layla disse fracamente.

— ... pra passar o tempo. Uma das minhas favoritas era imaginar quem era meu pai. Imaginei que ele era um grande guerreiro em um corcel feroz, e naquela noite ele saía do bosque e me levava na parte de trás da sela. No meu sonho sem valor, ele era forte e orgulhoso de mim, e nós éramos gentis, buscando nada além de honra e bondade para as espécies. Grandes guerreiros, lado a lado.

Ele podia sentir seus olhos penetrantes nele, e não gostou disso. Sentia-se suficientemente vulnerável. Mas como se removendo uma bala alojada na pele, tinha que terminar o trabalho.

— Isso me manteve seguindo. A tal ponto que, mesmo depois de me entregar em vários orfanatos, nunca podia ficar neles porque sempre me preocupava que ele pudesse chegar naquela casa e descobrir que eu não estava lá. Mais tarde, quando meu caminho cruzou com o Bloodletter e ele me disse aquela mentira para me juntar a ele? Que ele era meu pai? Eu estava tão desesperado que me reformulei para me encaixar naquele macho mau e cometi um dos maiores erros da minha vida — ele balançou a cabeça. — E quando descobri a falsidade? Eu me senti traído, mas também foi um retorno para onde estive quando criança. Vivi com a rejeição de meus pais toda a minha vida. Eles tiveram um século ou dois para repensar o que fizeram e tentar me encontrar, mas escolheram não fazê-lo. Descobrir agora qual é o nome deles, ou o que aconteceu com eles, ou onde vivem? Isso não mudará nada, pra eles ou pra mim.

Os lindos olhos de Layla estavam brilhando com lágrimas, e ele podia dizer que ela estava tentando ser forte por ele.

Ele desejou não ter mais uma vez a colocado naquela posição.

— Não estou bravo com você — disse quando se aproximou e se ajoelhou diante dela. — Nunca.

Ele colocou as mãos nas coxas dela e forçou um sorriso. Queria tranquilizá-la, aliviar a consciência e a mente dela, mas suas próprias emoções estavam em uma grande revolta. De fato, conversar com ela abriu a caixa de Pandora do passado, e todas as formas de imagens estavam faiscando por seu cérebro, lembranças da infância, e então o acampamento de guerra, e ainda depois com seus guerreiros, aglomerando como invasores em um portão, ameaçando vir como um rolo compressor em cima dele.

Era por isso que o passado devia permanecer enterrado, ele decidiu, e por que as verdades que não foram reveladas deviam permanecer como tal. Trazê-las não resolvia nada e criava apenas uma tempestade de poeira que levaria muito tempo para baixar.

O bom? Ele disse a seus homens que os encontraria às quatro da manhã, e isso lhe dava uma desculpa para acabar firmemente com essa conversa. E daí se era apenas depois das duas. Ele ia precisar de algum tempo sozinho para se recompor.

— Preciso ir.

— Para encontrar seus guerreiros.

— Sim.

Ela pareceu respirar devagar.

— Você vai colocar seu colete à prova de balas? Em caso de mais assassinos?

Quando Xcor levantou-se, fez um movimento desdenhoso com a mão para tranquilizá-la.

— Sim, mas não se preocupe. Eles são quase inexistentes agora. Não me lembro da última vez que vi um.

A Primeira Refeição com os pais de Blay era, pelo menos na superfície, uma cena de café da manhã perfeita: você tinha um casal apaixonado, dois filhos lindos e um par de avós em uma cozinha que tinha saído de uma revista de senhoras da velha guarda.

A realidade, no entanto, não chegava nem perto da perfeição.

Quando Qhuinn voltou a se sentar na cadeira, levou sua caneca de café com ele e a colocou no seu estômago. Não era uma boa ideia, dado o que estava acontecendo dentro da sua barriga. Para tornar feliz a Lyric mais velha e pagar respeito a todo seu trabalho duro, ele engoliu quatro ovos, seis pedaços de torrada francesa, três xícaras de café e um suco de laranja. Ah, e três *After Eights* congelados.

O que havia sido ingerido era igual a Teoria light do Monty Python²⁵ de menta. Então sim, era perfeitamente possível que ele fosse explodir por toda essa bela cozinha, com seus painéis de bordo, seu piso de madeira e as panelas de cobre que pendiam como decoração sobre aquela ilha.

— Mais torradas francesas? — Lyric perguntou com um sorriso.

Quando ela segurou o prato para ele, seu refluxo de comida atingiu o botão de retorno e ele quase reembolsou toda aquela comida boa que ela havia cozinhado diretamente sobre o que sobrou.

— Acho que vou respirar antes do segundo.

Ou isso era mais como o oitavo?

— Você certamente empurrou isso, filho — disse o pai de Blay quando ele também se recostou. — Já passou um tempo desde que teve uma boa refeição? Com o que Fritz está alimentando vocês por lá, couve e tofu?

— Oh, você sabe — realmente, tem sido um pouco difícil comer, já que meu companheiro se mudou essencialmente. — Muito ocupado.

— Você trabalha demais — disse Lyric enquanto reposicionava sua xará em seus braços. — Não é? Seu pai trabalha demais.

A pequena Lyric soltou um arrulho que estaria perfeitamente sincronizado se o objetivo da filha fosse derreter sua avó.

— Ela parece muito com Layla — Lyric olhou para seu *hellren*. — Não é? Ela vai ser tão linda quando crescer.

Rocke assentiu e brindou Qhuinn e Blay com a caneca.

— Que bom que vocês sabem lidar com uma arma.

Blay falou.

— Ela vai aprender autodefesa. Então pode cuidar de si mesma e...

²⁵ Refere-se a personagem de um filme de Monty Python, monstruosamente obeso que come excessivamente e vomita e volta a comer.

Quando ele parou abruptamente e olhou através das janelas, Qhuinn murmurou:

— Isso está certo. E você vai ensiná-la. Não vai Blay?

Quando o macho não respondeu, Lyric olhou para Qhuinn.

— Estou monopolizando sua filha, não estou? Você não a segurou a noite inteira.

A fêmea se virou para entregar a criança, e quando Qhuinn viu aquelas feições que eram uma imagem cuspida de sua *mahmen*, ele recuou e se recuperou rápido.

— Na verdade estou bem. Mas obrigado.

Ele fez uma demonstração de inclinar para longe e conversar com Rhamp, que estava nos braços do pai de Blay.

— E nós vamos te ensinar a lutar também. Não está certo, grandão?

— Você realmente vai colocá-lo na guerra? — Disse Lyric. — Quero dizer, talvez ele possa encontrar outro caminho neste mundo.

— Ele é o filho de um Irmão — Blay cortou enquanto se levantava. — Então ele vai ser o que seu pai é.

O macho pegou seu prato e de sua *mahmen* e dirigiu-se para a pia.

— Ah, aqui Qhuinn, pegue-a — disse a mulher.

Qhuinn sacudiu a cabeça.

— Você se importaria de colocá-la em sua cadeirinha? Vou ajudar com os pratos.

— E você — o pai de Blay murmurou para sua mãe — precisa levantar esse pé. Já para a cama. Vamos.

— Eu preciso arrumar tudo.

— Não — disse Blay com firmeza. — Você cozinha, eu limpo, lembra?

— Ouça seu filho, Lyric.

Quando outra das discussões gentis e respeitosas do casal começou, Qhuinn começou a tentar desesperadamente capturar o olhar de Blay enquanto eles moviam pratos e canecas para a ilha.

Blay não estava dando nada disso. Na verdade, o cara parecia lívido por algum motivo, embora escondesse isso bem enquanto seus pais se preparavam para levar e arrumar Lyric na cama.

Quando a mãe de Blay deu um abraço no Qhuinn, ele mais do que devolveu o favor.

— Vou voltar em breve.

— Acho bom. E traga meus netinhos, muito obrigada.

O pai de Blay a pegou em seus braços.

— Vou descer aqui para ajudar em um minuto, meninos.

— Ou — disse Lyric — você pode assistir um pouco de televisão com sua companheira.

— Esta bagunça precisa...

— Eles são machos crescidos. Vão cuidar disso muito bem. Venha, há um show na próxima extinção em massa que eu queria assistir com você.

— Justo o que eu queria — disse o pai de Blay com afetada secura.

Quando os dois foram para a escada, Qhuinn poderia jurar que Lyric lhe deu um aceno de *Eu entendi. Leve seu tempo...*

— Quer me dizer o que diabos está acontecendo aqui?

Qhuinn recuou e parou no processo de voltar para a mesa para pegar os guardanapos.

— Desculpe?

Blay encostou-se na pia e cruzou os braços sobre o peito.

— Você não olhou para ela a noite toda. Não toca nela. O que diabos está acontecendo?

Balançando a cabeça, Qhuinn disse.

— Desculpe, não estou entendendo...

Blay apontou os dedos para as cadeirinhas.

— Lyric.

— Eu não sei do que você está falando.

— Mentira.

Quando Blay olhou para ele, Qhuinn sentiu sua exaustão retornar dez vezes.

— Olha, eu não estou...

— Eu sei que não sou o pai dela, mas...

— Oh, Deus, não isso de novo — ele deixou sua cabeça cair para trás e olhou para o teto de lambri.
— Por favor, não novamente...

— Eu não vou ficar aqui e deixar você ignorá-la apenas porque ela se parece com Layla e você não aguenta a Escolhida. Eu não vou, Qhuinn. Não é justo com a sua filha.

Estava na ponta da língua de Qhuinn dizer ao cara que ele não tinha entendido, mas sim, não. Ele não ia por esse caminho.

Blay apontou um dedo para o outro lado.

— Ela é uma boa menina, e desde que você não foda os próximos vinte e cinco anos ou mais, ela se transformará em uma mulher espetacular. E não me importo se eu não estiver nos aniversários e não tenho direito a eles...

— Sem ofensa, mas chega disso. Já não aguento mais.

Quando os olhos de Blay se estreitaram como se estivesse pronto para se enfurecer, Qhuinn alcançou a bolsa de fraldas e colocou um maço de papéis na bancada de granito.

Empurrando-os para o cara, ele disse:

— Cuidei de tudo isso.

— O que?

Exalando longa e lentamente, Qhuinn se arrastou para a mesa e jogou seu peso em uma cadeira. Mexendo com um guardanapo amassado, ele acenou com a cabeça para os documentos.

— Apenas leia.

Blay estava claramente com vontade de discutir, mas algo deve tê-lo alcançado, algum tipo de vibração ou talvez fosse a expressão de Qhuinn.

— Por quê? — O cara exigiu.

— Você entenderá.

Quando o outro macho pegou os papéis e os desdobrou, Qhuinn rastreou todas as nuances desse rosto bonito e familiar, as contrações da testa, o apertar, e depois o afrouxar da boca e do maxilar, o choque e a incredulidade absoluta que substituiu a raiva.

— O que você fez? — Blay perguntou quando ele eventualmente olhou para cima.

— Acho que é bastante autoexplicativo.

Quando Blay voltou a reler, Qhuinn olhou para as duas cadeirinhas, para os bebês nelas, nos dois conjuntos de olhos que estavam começando a fechar.

— Eu não posso deixar você fazer isso — Blay disse finalmente.

— Tarde demais. Esse é o selo do rei aí embaixo.

Blay veio do outro lado da mesa e pareceu cair na cadeira em que a mãe esteve sentada.

— Isto é...

— Você tem meus direitos parentais. Você agora é legalmente pai deles.

— Qhuinn, você não precisa fazer isso.

— O inferno que não preciso. Eu faço o que acredito — ele apontou para a papelada. — Eu me declarei incompetente e impróprio, e você sabe, quando descarrega uma arma no quarto de seus filhos, é uma discussão fácil de ganhar. E Saxton fez a pesquisa de jurisprudência. Nós levamos a Wrath e ele aprovou.

Não facilmente, claro. Mas no final da noite, o que o Rei podia fazer? Especialmente quando Qhuinn explicou o ponto disso tudo.

— Eu não posso acreditar... — Blay balançou a cabeça novamente. — O que Layla tem a dizer sobre isso?

— Nada. Não tem nada a ver com ela.

— Ela é a *mahmen* deles.

— E agora você é pai deles. Diga a ela se você quiser ou não. Não me importo — quando Blay franziu a testa, Qhuinn jogou o guardanapo e sentou-se para a frente. — Olha, eu sou pai deles para sempre. Meu sangue está nas veias deles. Nada e ninguém mudará isso. Não estou negando o fato de que eu os tive ou a realidade que eu sempre estarei em suas vidas. O que estou fazendo é dar-lhe uma declaração legal, então.

Quando eu perdi a porra da minha cabeça naquele maldito quarto? Aquilo foi emoção — ele apontou os documentos novamente. — Isso é realidade.

Blay apenas encarou a papelada.

— Eu realmente não posso acreditar que você fez isso.

Qhuinn levantou-se e começou a prender as crianças, Rhamp primeiro. Quando se virou para Lyric, ele tentou ser rápido. Tentou não olhar para o rosto dela.

Quando uma emoção perturbadora permeou através dele, ele a sacudiu.

— Tenho que deixar Layla levá-los ao amanhecer. Eu deveria estar no campo e você também, eu verifiquei o cronograma. Então, a menos que queira mudar isso, vou vê-lo na mansão amanhã à noite antes de todos nós saímos.

Ele fez uma pausa antes de pegar as cadeirinhas.

— A menos que você queira vir comigo agora.

Quando Blay balançou a cabeça, ele não ficou surpreso.

— Tudo bem, espero ver você amanhã. Venha mais cedo se quiser ficar com seus filhos antes dela levá-los.

Ele sabia que era melhor do que sugerir que Blay gostaria de vê-lo.

Com um rápido levantamento dos gêmeos, Qhuinn virou o calcanhar e dirigiu-se para a saída da frente. Enquanto ele estava no corredor, esperava que Blay pudesse ter uma epifânia repentina e vir correndo para a frente da casa.

Quando isso não aconteceu, ele abriu a porta e saiu.

CINQUENTA E UM

Os atrasos eram inaceitáveis. Insondáveis. Inadmissíveis. Quando Throe se extraiu dos braços de sua amante, estava pronto para gritar. Em primeiro lugar, ele foi incapaz de encontrar todos os ingredientes para o feitiço ou o que estava fazendo na despensa na noite anterior. Isso significava que ele tinha que sair, no inferno do Bentley da casa, não menos, para a cidade para tentar encontrar alcaçuz preto e açafão e velas pretas.

Tentar localizar essas velas em Caldwell às duas da manhã o deixou louco.

Foi a três supermercados abertos a noite toda e não encontrou nenhuma dessas coisas. E ele tentou uma loja virtual. Duas delas, na verdade. Nada. E então, quando voltou, “A Pequena Miss Marca Louboutins e Biquinho” continuou com uma total bebedeira de histerias.

Ele quase se afastou dela. Mas estava chegando perto do amanhecer naquela hora e, além disso, ainda precisava das malditas velas e do óleo de motor.

Depois de vê-la transformar um relacionamento em arte de performance por pelo menos duas horas, ele teve que fodê-la três ou quatro vezes. Então vieram os ataques de choro e os esquecidos arrependimentos e as recriminações. Seguido por declarações de amor que ele não comprou nem por um segundo.

No momento em que conseguiu se libertar e procurar um *doggen* para dar alguma diretriz, eram quatro da tarde.

O *doggen* não voltou até seis, e a Primeira Refeição foi interminavelmente longa — e agora, finalmente, depois de outra rodada de sexo, ele estava livre: ela estava desligada como uma lâmpada e ficaria assim porque ele tinha deslizado sete Valiums do vidro de prescrição que ela guardava no banheiro.

As pílulas tinham sido bastante indetectáveis no café expresso que ela tomou no que os humanos teriam chamado de café da manhã.

Ficando em pé e se movendo rapidamente no quarto escuro dela, ele encontrou seu robe de seda, cobriu-se e correu para a porta. No caminho do corredor, seus passos saltaram com uma expectativa de que ele normalmente tinha apenas quando se aproximava de uma nova amante.

E de fato, quando finalmente estava de volta em sua própria suíte, correu para a cama, afastou os travesseiros e trouxe seu livro para o coração.

Quando isso esquentou com o contato, ele sorriu.

— Sim, passou muito tempo. Sim. Mas aqui estamos. Vamos trabalhar agora.

Parecia apropriado manter as luzes apagadas, já que sentia como se estivesse fazendo algo em segredo, algo sagrado ou talvez aquelas fossem as palavras erradas.

Ele não se importava muito com as certas. Vagamente, no fundo da mente, sabia que essas coisas eram do mal. E realmente, quando se sentou no canto mais ao sul do quarto e colocou o livro sobre o tapete, parecia que tudo estava escuro e cheio de sombra.

No entanto, não pensaria nisso. Focaria apenas em seu objetivo.

— Eu tenho minha fé e minha fé me tem — ele murmurou quando O Livro se abriu e as páginas começaram a virar. — Eu tenho minha fé e minha fé me tem...

Quando encontrou seu lugar apropriado, as páginas começaram a brilhar como se percebessem que seus olhos precisavam de ajuda.

— Que gentil de sua parte — ele disse com uma carícia na lombada.

No pergaminho, os símbolos da Linguagem Antiga apareceram, e ele realizou uma rápida análise da tarefa que se seguiu. Certo, os ingredientes. Ele precisava do...

Um ruído saiu debaixo da cama. E depois também do armário.

As coisas que ele tinha recolhido da despensa e do mercado, da cozinha e da garagem, migraram por vontade própria através do tapete oriental, a mistura de pacotes de especiarias, aquela garrafa de vinagre de vinho tinto, o recipiente plástico de Coca que ele havia preenchido com óleo de motor da Jaguar vintage e todas as outras provisões, movendo-se pulando e despreocupadamente em sua direção. As velas pretas estavam no último dos pacotes, e a meio caminho elas se libertaram de suas caixas e avançaram para ele como toras, claramente preferindo a liberdade sobre a contenção.

Tudo isso formou um círculo em volta dele como se fossem alunos ansiosos para serem convocados.

— Bem, tão conveniente é isso...

Um ruído distorcido fez sua cabeça virar. Alguma coisa estava fazendo barulho na gaveta da mesa, toc-toc-toc, como uma batida.

Com uma careta, Throe levantou-se e foi até a mesa. Quando abriu a gaveta apropriada, viu que uma das adagas dele, de sua antiga vida, implorava por sair.

— E você também.

Quando agarrou o cabo e sentiu o punho contra a palma da mão, pensou em seus colegas guerreiros. Pensou em Xcor.

A tristeza desencadeada que ele sentiu foi inesperada, mas não desconhecida. Quando concebeu pela primeira vez o plano de derrubar Wrath, ele se espantou com sua ousadia e ficou meio convencido de que era uma loucura. Mas então, ele havia entrado dentro da *glymera* e encontrou apoio, compromissos e recursos para lutar de novo com as “melhorias” que o Rei Cego estava fazendo.

Nenhuma das quais servia à aristocracia.

Cavalgando naquela onda de alienação e insatisfação, e depois manipulando-a para inflamar ainda mais a *glymera* de acordo com sua vontade, ficou viciado com o senso de poder. Na verdade, ele tinha gostado daquela coisa antes, antes de tudo ter se afastado com a tragédia de sua irmã e ele acabando com Xcor e o Bando de Bastardos. No Antigo País, antes de seu destino com esse grupo de guerreiros renegados, ele era um homem famoso e de valor — não um servo de ninguém, e percebia agora que todo seu ânimo contra Wrath veio de querer retornar de onde havia caído.

Um pouco de uma super-correção para tentar garantir o trono pra si mesmo, supunha. Mas uma pessoa não podia ser culpada por alcançar as estrelas, não?

Voltando ao seu livro, Throe releu as instruções. Duas vezes. E então pegou a panela de cobre e fez uma pasta das especiarias, do vinagre e daquele óleo nela. O cheiro era desagradável, mas necessário e tudo aquilo, e quando ficou pronto, ele pegou uma das velas e a cobriu, garantindo que toda ela, exceto o

pavio, havia sido coberta. Então manuseou o que restava, virou a panela e fez uma pilha no fundo. Colocando a vela em pé no montículo que ele tinha criado, terminou rolando o tapete, transferindo sua estranha escultura direto no chão, e fazendo uma pequena trilha da pasta ao lado e fora de cerca de seis centímetros da panela.

Com uma análise rápida, verificou que tinha feito tudo corretamente até agora.

O sangue era requisitado a seguir, e ele providenciou isso estriando a lâmina da adaga de aço em sua palma. A dor foi doce e o fluxo do sangue perfumou seu nariz. Segurando o ferimento em cima da vela, permitiu que o sangue escorresse pelo eixo, mas teve o cuidado de deixar o pavio seco. Mais foi requerido na mancha sobre as tábuas do chão.

Com uma lambida na palma para deter o sangramento, pegou um isqueiro de ouro e abriu a tampa, golpeando o sílex com um puxão de polegar. Então acendeu a vela.

A chama que se apoderou era bonita em sua simplicidade perfeita, a luz amarela translúcida deixando a forma de lágrima na cabeça do pavio.

Hipnotizante, na verdade.

Throe a observou por um tempo e viu em sua dança sinuosa os movimentos de uma mulher erótica.

Uma voz entrou em sua cabeça, de onde ele não sabia: *estou esperando por você, meu amor.*

Agitando-se, esfregou os olhos e sentiu seu medo se renovar. Mas não havia volta, nem queria abandonar esse ritual, ou seja lá o que for. Ele iria voltar para quem e o que ele tinha sido, e iria comandar a raça com um exército que o seguisse e somente a ele.

Inclinando-se, colocou a palma na trilha de pasta.

— Eu tenho minha fé e minha fé me tem...

Com uma punhalada decisiva, dirigiu o ponto da lâmina nas costas da mão perfurando a carne, cortando o osso, enterrando a ponta nas tábuas do chão.

Ofegando através da dor, trincou os dentes para se impedir de berrar enquanto sua visão escurecia.

Quando voltou, ele piscou e olhou para a adaga. Olhou a chama. Olhou para...

Não aconteceu nada de especial. Nenhuma maldita coisa.

Esperou um pouco mais e depois começou a xingar. Que merda foi isso?

— Você me prometeu — ele falou para o livro. — Você me disse que isso...

Throe deixou a sentença à deriva quando algo chamou sua atenção.

Ele esteve procurando no lugar errado. Não era a vela, nem a chama, nem a palma nem a faca, onde ele achou o que tinha criado.

Não, estava na sombra que o punho e o eixo da adaga lançavam da iluminação da vela que estava a coisa. Do esboço preto lançado sobre as tábuas do chão, algo estava fervendo, tomando forma... emergindo.

Throe esqueceu tudo sobre o cheiro e a dor enquanto observava uma entidade emergir diante dele, os contornos fluidos como água, seu corpo sem forma e sem rosto, e transparente à medida que ele se levantava das sombras lançadas, crescendo cada vez maior...

Na verdade, aquilo *era* uma sombra.

E parecia estar olhando para ele, esperando por um comando.

Seu tamanho deixou de aumentar quando atingiu as dimensões de um macho totalmente adulto, e ondulou suavemente de um lado para o outro, como a chama da vela, como se estivesse preso ao chão... amarrado no local onde o ponto do punhal perfurou através da própria carne de Throe. Com uma careta, Throe tirou a faca e puxou a mão para trás.

Em resposta, a entidade flutuou acerca de um pé do chão, um balão em uma corda invisível.

Caindo para trás de bunda no chão, ele se sentou e olhou para aquilo. Então pegou a lâmina ensanguentada da adaga pela ponta... e a atirou para que a arma atingisse primeiro o ponto da sombra.

Houve um silvo e um chiado, mas a faca pousou no chão além como se tivesse passado por nada além de ar.

Limpando a garganta, Throe ordenou:

— Pegue a adaga.

A sombra girou e a arma foi recuperada do chão, agarrada por uma ramificação do conjunto maior que era um tipo de braço. E então a entidade simplesmente esperou, como se estivesse preparada para outro comando.

— Apunhale aquele travesseiro.

Quando Throe apontou para a cama, a coisa se moveu com a velocidade relâmpago, tão rápido que os olhos mal conseguiram seguir, seu corpo alongando e em seguida estalando como um elástico.

E esfaqueou o preciso travesseiro em que Throe se concentrara, embora houvesse oito alinhados contra a cabeceira da cama.

Então a entidade simplesmente esperou à beira do leito, fazendo aquela coisa de balão onde ondulava suavemente acima de sua base.

— Venha aqui — sussurrou Throe.

A obediência foi mágica. O poder inegável. As possibilidades...

— Um exército — Throe disse com um sorriso que fez crescer as presas. — Sim, um exército destes vai fazer muito bem.

CINQUENTA E DOIS

De pé na sala de funcionários do Sal's, Therese estava cansada, mas satisfeita pelo fim da noite. À medida que uma da manhã chegou, e ela tinha suas mesas arrumadas e suas gorjetas coletadas e uma troca de smoking para levar para casa, estava feliz com a forma como as coisas caminharam. Ela havia ferrado três pedidos, mas não totalmente. Uma parte estava incorreta, uma fatia de carne assada tinha sido passada em vez de ao ponto, e ela confundiu um semifreddo com um tiramisu.

Ela tinha oito mesas de quatro pessoas, uma de seis e três de casais. O que deu uma incrível quantidade de gorjetas. Se isso continuasse ela iria sair daquele alojamento até meados de janeiro. Tudo o que precisava fazer era economizar para um depósito de segurança e aluguel do primeiro mês para algo meio decente, e ela era boa de mudar— sem despesas de mudança; não possuía muito.

— Então isso está feito.

Quando Emile veio até ela, sorriu para ele.

— Sim, e ainda estou de pé.

— Você foi bem — ele sorriu de volta. — Estamos saindo. Gostaria de se juntar a nós?

— Oh, obrigado, mas estou exausta. Talvez na próxima vez?

Ele tirou as coisas do seu armário, o casaco de flanela e o cachecol simples, mas de boa qualidade.

— É um encontro, quero dizer, não é um encontro. Você sabe.

Ela assentiu com alívio.

— Eu sei. E isso é perfeito.

— Até amanhã então, Therese.

Emile disse seu nome do jeito francês, e em sua língua parecia exótico e extravagante. E ela tomou um minuto para observar a cor de seus olhos. Tão azul.

— Você está pronto, E?

A humana que falou da porta estava em seus vinte e poucos anos e tinha uma borda em sua voz, seu olhar, seu corpo. Liza? Lisa? Algo parecido. Ela tinha o cabelo escuro nos ombros, olhos escuros que tinham cílios naturais invejáveis, e pernas que faziam esse conjunto de jeans que ela havia trocado uma obra de arte.

Ela não tinha mostrado muito interesse em Therese, mas ficou claro quem estava procurando.

— Bem?

Emile assentiu.

— Pronto. Tchau, Therese.

Liza/Lisa/quem quer que seja apenas se afastou.

— Tchau, Emile.

Enquanto Therese fechava o armário, deixou o smoking de reposição cair sobre o antebraço. Estava com aquele que ela tinha servido e colocou a própria roupa na mochila porque estava cansada demais para se trocar. Tudo o que ela queria fazer era ir para a cama e fechar os olhos, porque se havia uma coisa que ela sabia sobre ser garçonete, era que o próximo turno chegaria mais rápido do que seus pés parariam de latejar se ela não descansasse.

Ela tinha que admirar aqueles humanos que saíram para se divertir.

Virando-se para ir embora, ela...

Congelou.

— É você — ela sussurrou enquanto olhava para cima, subindo para o rosto do homem que esteve em sua mente constantemente desde a noite anterior.

Trez, o Sombra, o irmão do dono, a... fantasia em carne e osso devastadoramente atraente com quem ela se manteve ocupada, preenchia a porta como nenhum dos humanos poderia ter, seus ombros largos ocupando todo o espaço vazio, sua altura incrível trazendo a cabeça quase ao topo da porta. Ele estava vestido com um terno cinza escuro que exaltava a cor profunda de sua pele e uma ofuscante camisa branca que parecia brilhar azul como o luar na neve.

Seu rosto era mais bonito do que se lembrava. E isso fez com que se perguntasse se aquele lábio inferior dele era ainda mais macio do que ela lembrava.

— Tentei ficar longe — ele disse em voz baixa. — Faz mais de vinte e quatro horas.

Ela lentamente baixou a mochila para o banco.

— Bem... Oi.

Trez mudou de peso e colocou as mãos nos bolsos.

— Você tem alguma coisa pra comer?

— Ah não. Quero dizer, tentei os pratos no início da noite, mas... não.

— Quer comer uma refeição rápida comigo?

— Sim.

O fato dela não ter hesitado provavelmente a fez parecer desesperada. No entanto, realmente não se importava: quando se estava deliberadamente priorizando o que era bom para você, não queria deixar muito tempo para a introspecção.

— Venha — ele assentiu sobre o ombro. — Eu trouxe meu carro.

Enquanto caminhavam pela cozinha, ela manteve a cabeça baixa. Tinha a sensação de que o irmão dele, o dono do Sal, não iria apreciar isso — e o cara estava cozinhando bem ali no fogão. Mas aí, com os olhos erguidos ou abaixados, não havia como serem discretos.

Quando chegaram à porta dos fundos, Trez a segurou aberta para ela, e não ficou surpresa que houvesse um BMW idêntico estacionado na saída — apenas uma cor diferente. Também não se surpreendeu com o fato dele vir ajudá-la a entrar no banco do passageiro.

Quando ele entrou, o interior do carro pareceu muito menor e ela não se importou com isso. Deus, esse corpo. E caramba, ele cheirava bem, o cheiro de sua colônia, ou talvez fosse só ele, tentando seu nariz.

— Onde gostaria de ir? — Ele perguntou enquanto ligava o motor e dava a ré.

Sirius/XM²⁶ estava no Canal Heat²⁷, e ela sorriu.

— Nós gostamos da mesma música.

— Gostamos? — Ele disse enquanto manobrava no estacionamento.

— Sim. Ah, eu amo Kent Jones.

— Eu também — ele parou na estrada principal que eles tentaram entrar na noite anterior. — Ei, eu conheço um excelente restaurante que ficava aberto a noite toda. Não é nada extravagante...

— Não sou do tipo extravagante de mulher. Básico é bom pra mim.

— Você não é básica.

Engraçado como essa declaração, vindo de um homem que estava vestido daquele jeito, quem parecia desse jeito, quem estava lidando com este automóvel fino como ele fazia, sentia-se bem como se tivesse recebido a coroa da Miss América, um Prêmio Nobel da Paz e as chaves para o Palácio de Buckingham ao mesmo tempo.

Tudo bem, talvez isso fosse uma hipérbole, mas seu peito de repente estava cantando e sua cabeça estava borbulhante como uma taça de champanhe.

— Então, como foi sua primeira noite no trabalho? — Ele perguntou como se quisesse preencher o silêncio.

Limpando a garganta, Therese começou a responder a pergunta superficialmente, iniciando com seus três erros, mas ele era tão fácil de conversar, que logo ela estava indo mais fundo que isso.

— Estava tão preocupada que não fosse boa o suficiente. Eu realmente preciso do trabalho, e os outros dois que eu estava olhando não pagavam tão bem

— Você precisa de um adiantamento ou algo assim? Eu poderia te emprestar...

— Não — ela disse bruscamente. — Obrigada mesmo assim. Eu vim para o mundo sozinha e vou lidar com meus problemas sozinha.

Quando ele virou a cabeça para ela bruscamente, ela devolveu.

— Quero dizer, não quero ser um fardo para ninguém.

Oh, besteira. A verdade era que ela não iria se deixar vulnerável a mais ninguém por qualquer motivo. Mas isso soaria como defensivo e estranho no contexto atual.

— Então, que tal esse jogo do Syracuse? — disse ela — Estávamos checando nossos celulares na cozinha enquanto estávamos esperando o serviço.

— Oh, meu Deus, eu também fiquei colado no meu celular. Essa defesa de área estava *insana*...

E ele estava por dentro do basquete universitário, ela pensou com espanto. Este homem era seriamente tipo, um unicórnio.

²⁶Radio online

²⁷Canal de música Rhythm and Blues

O jantar acabou sendo muito incrível, a parte da frente do estabelecimento era um vagão de trem convertido, a parte de trás um adequado restaurante com mesas. A vibe era muito Nova York, com as garçonetes que você poderia ter visto em *Seinfeld* todas vestidas de forma semelhante, bem-humoradas com atitudes como se você tivesse entrado em suas casas e defecado nos sofás da sala de estar.

Fantástico.

— Então, as especialidades aqui são tortas, café e as batatas rústicas — disse Trez enquanto sentavam atrás ao lado de uma placa de saída. — E batatas fritas. Eles também fazem um bom hambúrguer. Ah, e o chili é ótimo.

Quando ele abriu o menu, seus olhos vagaram ao redor.

— Eu esqueci, eles também fazem um Reuben médio. Também carne assada.

Therese embalou o menu no peito e apenas sorriu.

— Alguma chance de você ter perdido a Primeira Refeição?

Seus olhos negros viraram para ela.

— O que? Ah, ah sim, eu estava abrindo esta noite.

— Você possui um restaurante?

— Não, um clube. Bem, dois.

Inclinando a cabeça, ela assentiu com a cabeça.

— Sabe, eu posso ver isso. Você parece elegante e sofisticado.

A garçonzete se arrastou até a mesa com um par de águas que ela quase jogou para eles.

— O que vocês querem comer.

Trez a indicou.

— Therese?

— O Reuben. Definitivamente o Reuben. Não tenho que olhar para o menu.

— Fritas ou chips — veio a exigência chata.

— Fritas, por favor. Obrigada.

A garçonzete olhou para Trez.

— Você.

Nenhuma das declarações da mulher eram perguntas. Era mais como o que um assaltante diria quando colocasse uma arma nas suas costas e quisesse sua carteira.

Trez colocou o menu de lado.

— X-Burger. Americano. Médio. Fritas. Duas tortas de maçãs, duas Coca-Colas e uma recarga no refrigerante antes da sobremesa. A conta, por favor, vou pagar em dinheiro e você fica com o troco.

A empregada apertou os olhos em sua direção. Então assentiu com a cabeça, como se estivesse batendo um nó na cabeça.

— É disso que estou falando.

Quando a mulher se afastou, Therese riu.

— Claramente, você conhece seu caminho em torno das fêmeas.

— Pelo menos as humanas que servem as duas da manhã e têm mais quatro horas antes de irem para casa, de qualquer forma.

Eles conversaram até que a mulher voltou com as Coca-Colas e então não demorou um segundo, já ficaram sozinhos novamente.

— Ah sim, sempre fui fã do basquete universitário. Spartans sempre. Enorme fã do Izzo — Therese tomou um gole de teste de seu refrigerante e teve que se sentar com um gemido. Oh, o gelo frio, o doce e o gás. — Esta é a melhor Coca-Cola que já tomei.

— Longa noite, provavelmente com sede — ele sorriu. — Perspectiva é tudo.

Verdade. E então também havia o fato de que esse cara incrível estava sentado na mesa dela.

— Como você não está acasalado? — ela disse.

Quando os olhos dele arregalaram, ela pensou, oh, droga. Ela disse isso em voz alta?

De repente, aquele olhar sombrio foi para outro lado, vagando pelo interior cheio de mesas e cadeiras vazias. Havia apenas dois outros casais no lugar, ambos no balcão na frente, e Therese estava quase certa de que, se não estivessem dentro do campo de visão dele, ele teria se levantado para ir andar de um lado pro outro.

— Desculpe — ela murmurou. — Isso não é da minha conta.

— Isso é, ah, está tudo bem. Sim, acho que você pode dizer que o amor simplesmente não funcionou para mim.

— Não consigo imaginar por que uma mulher deixaria de gostar de você — com uma careta, ela fechou os olhos e balançou a cabeça. — Tudo bem, vou parar de falar agora. Continuo enfiando os pés pelas mãos.

Quando ele se recostou, aquele sorriso voltou por um segundo.

— Acho sua sinceridade refrescante, e quanto a isso?

— Ei, eu tenho uma ideia. Gosto de ser proativa sobre as coisas, então podemos apenas riscar essa refeição inteira por eu estar exausta? Você sabe, desculpar tudo o que sai da minha boca com antecedência? Eu acho que ambos nos sentiremos melhor a este respeito quando isso acabar.

— Você não tem nada para se envergonhar.

— Espere por isso. A comida ainda nem chegou.

— Eu gosto de honestidade.

— Gosta? Bem, você está com sorte. Meus pais sempre disseram...

Quando ela deixou isso à deriva, ele murmurou.

— O quê?

Therese deu de ombros.

— Oh, você sabe, eu não tenho filtro.

— Eles estão lá em Michigan?

— Não.

— Eles morreram? — Ele perguntou franzindo o cenho.

Como responder a isso?

— Sim — disse ela. — Minha *mahmen* e meu pai estão mortos.

— Oh Deus, sinto muito — ele parecia tão sincero, seus lábios afinando, suas sobrancelhas caindo. — Isso deve ser tão difícil.

— É por isso que vim para Caldwell.

— Novo começo? — Quando ela assentiu, ele fez um movimento como se estivesse indo colocar a mão sobre a dela. Mas então se deteve. — Pode ser difícil continuar quando você é a única que restou aqui.

— Vamos falar sobre algo alegre — ela estalou o pescoço e depois sorriu com determinação. — Você sabe, qualquer outra coisa menos família e amores passados que não funcionaram.

Ele devolveu o sorriso dela.

— Isso nos deixa com um monte de possibilidades.

— Não só isso.

— Ei, escuta, me faz um favor?

— Com certeza.

— Me deixa encontrar um lugar diferente daquele quarto para você ficar? — Ele levantou as mãos. — Eu sei, não é da minha conta, mas aquela é uma parte muito sombria da cidade, e não estou dizendo que você não pode cuidar de si mesma. É claro que você é uma pessoa inteligente e perfeitamente capaz, que pode lidar com sua própria vida. Mas sim, realmente. Aquilo é perigoso.

— Você é doce.

— Não tenho certeza de que essa seja a descrição que a maioria das pessoas aplicaria a mim.

— Ok, então, o que eles diriam?

Sim, ela estava tentando mudar de assunto, mas não porque estivesse assustada com sua oferta. Mais porque ela tinha uma forte sensação de aceitar.

— Boa virada.

— Desculpe? — Ela disse.

— Essa é uma maneira muito hábil de me dizer para cuidar da minha vida.

Naquele momento, a garçonete veio e deslizou os pratos no lugar. Puta merda, pensou Therese enquanto olhava para o Reuben. A última vez que ela viu fatias de pão tão grandes foi em uma caixa. E tinha que haver metade de uma vaca de carne enlatada entre os pães de centeio.

— Esta é a coisa mais bonita que já vi — disse ela.

— Eu te disse — Trez concordou.

A garçonete apenas grunhiu, mas Therese supôs que tinham sorte de não esvaziar os pratos de batatas fritas na cabeça deles.

— Diga-me — disse Trez quando a mulher saiu — você é uma garota de ketchup?

— Eu sou, eu sou.

Ele abriu a tampa da garrafa Heinz e entregou a ela. Quando ela terminou, ele voltou para seu cheeseburger com as coisas.

— Então, a respeito da minha oferta de te ajudar.

Therese pegou cuidadosamente a metade de seu sanduíche.

— Não sei, vou estar fora de lá até meados de janeiro enquanto eu puder manter o emprego no Sal's. Isso não é muito mais tempo.

— Olha, eu tenho alguns amigos que têm um monte de imóveis na cidade. Membros da espécie, você sabe. Os apartamentos estão em bons bairros e são monitoradas por... bem, coisas de última geração. Eles têm bons sistemas de segurança e o bônus adicional de não ter nenhum viciado em heroína no saguão.

— Mas quanto vai custar algo assim? — Ela balançou a cabeça. — Eu não tenho dinheiro de depósito guardado e não vou poder pagar...

Ele fez um gesto com a mão.

— Não se preocupe com isso.

— Desculpe, mas preciso. Estou cuidando de mim mesma, lembre-se.

Nessa nota, Therese esticou a boca e deu uma mordida. Oh, siiiiimmm, falando sobre o seu céu. E o centeio era macio como pão de forma, mas com sabor para rivalizar com o chucrute.

Quando gemeu, Trez assentiu.

— Bom, certo? Fico feliz.

Enquanto ele comia seu hambúrguer, ela ficou impressionada com seus modos à mesa. Nada despreocupado ou apressado, e muita limpeza de guardanapo. Ele também conseguiu não derramar nada naquele paletó, o que era seriamente impressionante.

— Isso é seda? — Ela disse enquanto acenava com a cabeça para o tronco.

— O terno ou a camisa?

— Hmm... ambos?

— Sim.

— Bem, eles são lindos — *E eu aposto que o que está embaixo dessa camisa é ainda melhor...*

Abruptamente, as pálpebras dele abaixaram.

— Não tenho certeza do que dizer disso.

Therese abaixou o sanduíche e caiu no encosto.

— Oh! Meu Deus.

— Está tudo bem — os olhos dele foram até a sua boca. — Não se preocupe com isso.

Colocando pra baixo o que restava da primeira metade do seu Reuben, ela enxugou as mãos no guardanapo de papel.

— Você sabe o que, acho que talvez eu devesse ir.

— Não fale besteira.

— Isso é aparentemente tudo o que posso fazer esta noite.

— Diga que sim — ele murmurou. — Faça isso por mim. Fique em um dos lugares dos meus amigos para não ter que me sentir culpado se algo de ruim acontecer com você.

— Por que se sentiria culpado? Não sou problema seu.

— Qualquer macho, qualquer pessoa, que não ajude quando alguém precisa de ajuda está fazendo algo errado.

— Mas e quanto ao depósito de segurança e aluguel do primeiro e último mês e...

— Eles irão elaborar um cronograma para você. Você sabe, para pagamentos — ele deu de ombros. — Olha, isso é apenas membros das espécies cuidando uns dos outros. Temos que ficar juntos neste mundo. Entre os humanos e os *lessers*, estamos em menor número.

A garçonete voltou, substituiu as Coca-colas por novas, e lançou dois pratos de sobremesas com gigantescas fatias de torta de maçã sobre eles. À moda. Então tirou o velho bloco de pedidos e rasgou a conta, como se aquilo tivesse insultado sua mãe.

Ela bateu com a conta na mesa.

— Torta por conta da casa — ela acenou com a cabeça para o smoking de Teresa. — Você trabalha no Sal's?

As sobrancelhas de Therese subiram.

— Sim, trabalho.

— Cortesia profissional. Boa noite.

A mulher marchou como se estivesse em uma campanha para fechar a cozinha.

— Uau — disse Therese. — Isso foi legal da parte dela.

— Eu não tenho nenhum problema com pessoas que estão aborrecidas porque estão ganhando dinheiro honesto pelo trabalho numa mudança honesta de turno.

— Nem eu. E eu queria agradecê-la...

— Mas você estava preocupada que ela colocasse uma arma na sua cabeça? Boa ideia.

Ambos ficaram em silêncio enquanto Therese pensava em voltar para aquela choça.

— Quando eu poderia me mudar? — Ela soltou.

Trez olhou para ela e sorriu lentamente.

— Deixe-me dar alguns telefonemas e vou descobrir.

Ela abaixou os olhos.

— Obrigada — e então imediatamente levantou os olhos para ele. — Mas eu mesma pago por tudo. Não quero nenhum desconto ou qualquer coisa. Isso é como qualquer outro inquilino, ok? Eu preferiria ficar exatamente onde estou e ser atacada do que...

Trez colocou a palma para cima.

— Entendido. Completamente entendido. Você estará se mudando para um lugar onde não precisa provar a sua independência sendo esfaqueada.

— Certo — ela se esticou e agarrou a conta. — E só pra constar, estou pagando por esta refeição e você vai me deixar, graciosamente.

Quando ele abriu a boca, ela fingiu colocar uma mão sobre o coração.

— Oh, de nada. Realmente, o prazer foi meu, e foi uma ótima maneira de pagar sua gentileza. E sabe, eu posso dizer, adoro um homem seguro que pode deixar que uma mulher seja igual a ele. É realmente sexy.

Ele fechou a boca. Recostou-se. Inclinou-se para a frente.

— Uau — ele disse eventualmente.

—O quê?

Trez pigarreou e endireitou o colarinho aberto de sua camisa. Que estava perfeitamente correto.

— Esse é um ótimo cheeseburger. Ah sim. Realmente... boa batata frita também.

Therese começou a sorrir.

— Espere até chegar na torta. Eu acho que ambos vamos adorar.

CINQUENTA E TRÊS

Na hora marcada, às quatro horas, Xcor transferiu sua forma corpórea para o topo do edifício da Companhia de Seguros de Caldwell. Quando se materializou nas duras rajadas de vento que varriam o espaço alto da cidade, ele tomou uma profunda e revigorante respiração.

E quando olhou por cima do ombro, um por um, seus rapazes apareceram: Zypher, Balthazar, Syphon e Syn. Quando eles estavam todos de pé diante dele, sentiu um momento de orgulho por ele os ter reunido por escolha, escolhido a dedo entre todos no acampamento de guerra, aqueles que sentiu que eram os melhores dos melhores. Este grupo de guerreiros o tinham seguido em batalhas incontáveis, e juntos eles haviam superado tantos *lessers*, suas mortes seriam impossíveis de contar...

De repente, a imagem de todos aqueles jarros naquela caverna da Irmandade voltou a ele. De verdade, se os dois grupos fossem capazes de trabalhar juntos? Talvez a guerra estivesse terminada agora.

Zypher deu um passo a frente, preparado para fazer claramente algum tipo de declaração por todos.

— O que quer que você diga — disse Xcor contra o vento — eu aceito e...

O grande guerreiro caiu de joelhos e encarou Xcor em silêncio.

Quando o vento rodou em torno deles e os cabelos de ambas as cabeças soprou pra longe e aquilo explodiu junto com suas roupas de inverno, Xcor viu-se piscando rapidamente.

E então ele enfiou a mão dentro do casaco e retirou uma faca que tinha trazido da cozinha da casa segura e manteve dentro das dobras do casaco preto que usava. Fechando sua mão da adaga em punho ao redor da lâmina de dois gumes, ele apertou forte... e quando tirou a arma do aperto, o sangue escorreu.

Xcor ofereceu a palma ensanguentada ao soldado e Zypher abaixou a boca e bebeu do que brotava. Então ele passou a boca no antebraço e se levantou. Depois se curvou e deu um passo atrás.

Um a um, os outros machos repetiram o voto de fidelidade, uma cerimônia que eles fizeram há muitos e muitos anos, lá atrás numa floresta no Antigo País. Syn foi o último a vir, assim como foi no primeiro juramento — e depois que participou e ficou em pé mais uma vez, ele tirou algo de suas costas.

Quando Xcor viu o que era, ficou momentaneamente mudo. Mas então correu sua própria língua pela ferida na palma da mão para selá-la... e estendeu a mão para o que lhe era oferecido.

Era sua foice. Aquela que o protegeu contra os machos do Bloodletter naquela floresta. Aquela que ele havia reivindicado e usado como sua há vários séculos. Aquela que fazia parte dele como seus braços ou pernas.

— Onde você a encontrou? — Ele sussurrou enquanto aceitava os apertos de mão.

Era como voltar para casa.

Zypher olhou para os outros e depois falou.

— Na Escola Brownswick para Moças. Foi a única coisa remanescente que encontramos de você.

Xcor mudou o peso para trás e balançou a grande lâmina ao redor. Era um velho hábito alegremente renovado, e com a forma como se movia sob seu poder... era prova de que a água não era a única coisa que poderia existir em diferentes estados.

Uma lâmina na mão direita também pode ser um sólido e um líquido.

Exceto que então ele parou.

— Não vou usar isso contra a Irmandade. Vocês entendem a minha posição.

Zypher olhou de relance para o grupo. E então, através do vento frio e vigoroso, ele disse:

— Estamos preparados para seguir você. E se você seguir Wrath, então estamos preparados para seguir Wrath.

— Ele está esperando que vocês lhes jurem fidelidade. Por suas vidas, para que vocês possam permanecer vivos.

— Nós seguimos você. Se você seguir Wrath, estamos preparados para seguir Wrath.

Xcor olhou para Balthazar.

— O que você diz?

— O mesmo — disse o homem.

— E você? — Xcor perguntou ao próximo. Quando houve um aceno de cabeça, perguntou ao próximo.

Este não era o acordo que o Rei Cego procurava.

— Se isto custa a vocês suas vidas — Xcor entoou. — Se isso faz vocês caçados, o que vocês dizem então?

— Nós somos guerreiros — Zypher falou. — Nós vivemos e morremos pela adaga e já somos caçados. Nada será diferente para nos salvar a integridade do nosso serviço de longa data ao nosso único e verdadeiro Senhor. Estamos em paz com nossa posição desta maneira. Em qualquer outra, nós não estamos.

Eles tinham claramente discutido o assunto durante algum tempo... e chegaram a uma posição que era unificada e firme, não sujeita a negociação ou alteração.

Xcor sentiu seu coração inchar e seguiu o instinto de se curvar.

— Devo apresentar isto ao Rei e vamos ver o que ele diz.

Como uma unidade, eles se inclinaram para ele.

— Amanhã à meia-noite — anunciou Xcor. — Devo apresentar a vocês a conclusão de tudo isso.

— E depois iremos para casa — Zypher admitiu. Como se isso fosse outra posição inalterável.

— Sim — disse Xcor ao vento. — Vamos para casa.

Layla deixou o rancho pela porta corrediça, deslizando pra fora no frio e empurrando-se no casaco que tinha tirado do armário. Ao fechar os olhos para se desmaterializar, seu coração estava acelerado e ela conheceu uma raiva que era quase pecaminosa.

Quando depois se materializou, estava em uma península que subia no Rio Hudson, a cerca de quinze milhas de distância e atravessava a ponte sobre o rio de onde tinha passado umas boas duas horas andando de cá pra lá. A cabana de caça que era seu destino era pequena, e tão modesta e duradoura como um sapato antigo bem consertado, situada de tal forma que encarava a cidade em seu litoral. Mais adiante, a mansão de vidro de grande tamanho e elegância assentava-se como um museu que exibia sua riqueza, isso brilhava atingindo tudo ao redor enquanto o brilho do sol fortificava o sistema solar.

Mas essa outra estrutura não era da sua conta nem problema seu.

Destinos sabiam que ela tinha o suficiente para lutar com seus problemas.

Enquanto marchava através da neve em direção à porta dos fundos da cabana, suas pegadas eram as primeiras a incomodar a imaculada cobertura branca. Mas havia um habitante dentro da cabana, e ele abriu a porta antes que ela pudesse bater.

O enorme corpo do Irmão Tohrment foi mostrado em silhueta pela luz atrás dele.

— Ei! Isso é uma surpresa! Desculpe, demorou um pouco para conseguir voltar pra você, eu...

— Qual de vocês fez isso? — Ela falou rispidamente. — Qual de vocês atirou nele?

Quando o irmão parou de falar, ela não lhe deu uma chance de responder. Passou por ele para entrar no calor do interior e prontamente começou a andar pelo espaço mínimo, esparsamente decorado.

Ela manteve os olhos nele enquanto ele fechava a porta e recostava-se contra ela.

— Bem — ela exigiu. — E não me diga que estou errada, porra. Ele disse que foi um *lesser*, e então me disse que não tinha visto um bem antes de seu bando de monstros o sequestrarem...

— *Monstros*? — Tohr disparou de volta. — Você está nos chamando de monstros? Depois daquele pedaço de merda colocar uma bala no seu Rei?

Layla parou na frente dele e colocou um dedo na cara dele, pontuando suas palavras com ele.

— Esse “pedaço de merda” desistiu da oportunidade de afundar seu traseiro no fundo do rio. Então, veja como você o chama.

Tohr empurrou para frente em seus quadris.

— Não o faça um herói, Layla. Isso não ajudou você antes, e tão certo quanto o inferno não vai melhorar as coisas para você agora.

— Para sua informação, não ouvi você negar que foi você. Quinn estava contigo ou você decidiu sair atrás dele sozinho? E antes que me diga para ser uma boa femeazinha e cuidar da minha maldita vida, eu estava lá quando Xcor se curvou e beijou o anel do Rei. Eu o vi fazer o juramento, e sei muito bem que Wrath disse a todos vocês para ter certeza de que ele estaria seguro. Mas você não ouviu, não foi? Você acha que é mais importante do que isso...

— Isso não é da sua conta, Layla.

— Foda-se que não é. Eu o amo...

Tohr levantou as mãos.

— Oh! Certo, certo, certo, você se apaixonou por um assassino, um ladrão e um traidor, e de repente toda essa mancha é limpa, todos esses pequenos detalhes felizes fazem poof! porque você tem um caso de paixonite! Ok, bom saber, vou simplesmente apagar o fato de que Wrath quase morreu na minha frente porque você quer chupar o pau de um macho...

Ela bateu na cara dele com tanta força que sentiu a dor por todo o caminho até o antebraço. E não sentiu nenhum arrependimento no final.

— Vou lembrá-lo da minha posição — disse ela. — Você gostando ou não, eu fui uma Escolhida e você *não* vai me desrespeitar. Eu ganhei o direito durante meus anos de serviço para ser tratada melhor do que isso.

Tohr nem mesmo pareceu notar que ela bateu nele. Simplesmente se inclinou para frente e mostrou suas presas.

— E posso lembrar a *você* de que é meu fodido trabalho proteger o Rei. Sua vida amorosa não me interessa no mínimo um boa noite. Quando isso entra em conflito comigo, mantendo vivo um macho de valor como Wrath? Vou cortar você e seus preciosos delírios mais rápido do que um sangramento arterial irá resolver esse problema.

— Você — ela apontou seu dedo novamente — é quem será um assassino se o matar, e Qhuinn também.

Ela esperou que ele negasse que Qhuinn estava envolvido. E não ficou surpresa quando ele não negou.

Tohr apenas deu de ombros.

— Eu tenho uma ordem executiva que diz que posso ser quem o colocará no túmulo.

— O que claramente foi revogada — ela balançou a cabeça e colocou as mãos nos quadris. — Eu não sei o que você está fazendo, mas isso não tem nada a ver com Xcor...

— Uma porra que não tem!

— Besteira! Wrath seguiu em frente. Wrath foi quem quase morreu. Você é a pessoa agarrada no que aconteceu, e é por isso que tem que haver outra agenda no trabalho aqui. Se fosse realmente sobre Xcor e o que ele fez para Wrath, estaria acabado para você como está para ele.

Tohr desnudou suas presas para ela.

— Ouça-me e me escute bem, porque só vou dizer isso uma vez. Você pode ser uma Escolhida, e pode passear em suas vestes brancas e sua mais-sagrada-atitude que quiser, mas não está nesta guerra. Você nunca esteve e você nunca estará. Então vá pra casa e sente-se em seu maldito tufo e coma sua coalhada e soro de leite, porque nada que você possa me dizer vai me fazer mudar de ideia ou meu curso. Você não é tão importante para mim, mulher, e mais ao ponto, esse papel que você exige respeito não é significativo quando se trata da sobrevivência da raça.

Uma fúria de alta voltagem atravessou as veias dela.

— Você é um *porco chauvinista* explícito. Uau. Autumn sabe como condescendente você pode ser? Ou você isso esconde dela, então ela ainda vai dormir ao seu lado durante o dia?

— Chame isso do que quiser. Rotule como você fez. Mas entre você e eu, há apenas um de nós que sabe do que está falando.

Layla piscou uma vez. E depois duas vezes. E depois uma terceira vez.

Ela tinha uma ideia de que, onde ela estava prestes a ir, provavelmente não era a melhor ideia. Mas foi ele quem trouxe um “pau” para esse confronto.

— Eu sei como era sua primeira *shellan* — enquanto o sangue fugia do rosto dele, ela continuou. — Enquanto está me colocando em uma caixa por causa dos meus ovários, você pode considerar, apenas por um momento, como a Wellsie teria reagido a você dizer qualquer coisa dessas a uma fêmea. Tenho certeza de que ela não ficaria impressionada.

À medida que as palavras caíram, o Irmão parecia se inchar na frente de seus próprios olhos, seu corpo aumentando de tamanho, força e massa para o de um monstro mortal.

Os punhos de Tohr se enrolaram e enquanto os levantava, seu rosto se tornou uma máscara de violência absoluta. Com uma voz que tremia, ele disse:

— Você precisa ir. Precisa sair agora. Nunca bati numa mulher antes e não vou começar esta noite.

— Não tenho medo de você. Não tenho medo de nada — ela levantou o queixo. — Quando se trata de proteger as vidas dos meus filhos e do macho que amo, vou colocar a minha vida no caminho do destino, e se você me matar por causa disso, vou me levantar da morte e te assombrar ao ponto da insanidade. Não há nada que você possa fazer comigo que me fará recuar. *Nada*.

Por um momento, o Irmão parecia tão atordoado que não podia falar. E ela supôs que poderia entender o porquê. Aqui estava ela, enfrentando o tipo de homem mais temível que a espécie tinha para oferecer, um assassino treinado que estava armado e tinha pelo menos noventa quilos a mais que ela... e ela nem estava tremendo.

Sim, pensou. Aquela que sempre se sentiu um pouco perdida tinha encontrado o seu equilíbrio e a sua voz.

E resultou que ambos eram os de um leão.

Tohr balançou a cabeça.

— Você é louca. Você está realmente... totalmente fora de si, você sabe disso. Está disposta a sacrificar seus filhos, sua família de Escolhidas, seu lar, seu relacionamento com Qhuinn e Blay, seu Rei, qualquer um que esteve lá para você, tudo por um homem que cometeu um crime de guerra que provavelmente foi aquele menos ofensivo de todas as coisas que ele fez ao longo de sua vida. Então, bem, quer saber o que minha Wellsie diria sobre isso? Eu vou te dizer. Ela diria que você é uma traidora, e que nunca mais deveria ver seus filhos porque a primeira coisa que você faz com crianças é protegê-las de danos.

Okay. Ela tinha acabado de discutir o hipotético aqui.

— Estou te avisando agora, Tohrment, você precisa se perguntar o que realmente está fazendo aqui — Layla balançou a cabeça novamente. — Porque você está ficando louco. Quer falar sobre traição? Tenho certeza de que Wrath voltou e contou à toda a Irmandade o que ele estava fazendo com Xcor e o Bando de Bastardos, e o que ele espera alcançar. E você não está seguindo ordens, não é? Isso também faz de você um traidor? Penso que sim. Então talvez você e eu devêssemos combinar braceletes de melhores amigos ou algo assim.

— Foda-se, Layla. Espero que você aproveite sua vida com esse seu babaca. Quero dizer, eu só posso adivinhar depois de toda esta postura que você está indo com ele para o Antigo País, se ele viver o suficiente para fazer a viagem. Sim, fêmeas como você deixam as crianças para trás e simplesmente se afastam com seu amante. E sabe de uma coisa? Sem dúvida, será a única vez na minha vida quando penso que a deserção dos filhos por uma pessoa é uma ótima ideia.

— Fique longe de Xcor.

— Você não está em posição de dar ordens, fêmea — ele riu com uma forte explosão. — Jesus Cristo, não posso acreditar que isso tudo seja sobre alguém como ele. De qualquer forma, quem inferno é aquele pedaço de merda...

— Ele é a porra do seu *irmão* — ela estalou. — Isso é quem ele é.

CINQUENTA E QUATRO

Havia momentos na vida em que você podia estar em um acidente de carro sem sequer estar atrás do volante. Ou numa estrada. Ou em qualquer tipo de transporte motorizado.

Quando as palavras de Layla deixaram sua boca e entraram no cérebro de Tohr para serem processadas, ele sentiu uma sensação de estar fora de controle, e então sim, houve um choque de impacto quando ele percebeu, sim, ela acabara de dizer isso. Sim, ela apenas quis dizer isso. Sim... ela ainda estava olhando para ele nos olhos.

Ele é a porra do seu irmão.

— Você mente — ele se ouviu dizer.

— Não minto. Isso está na biblioteca do Santuário. Vá ler isso você mesmo.

— Eu li meu livro. Não há menção de um irmão...

— Está no volume do seu pai. Xcor é o filho de sangue do Irmão da Adaga Negra Hharm. Assim como você é.

Tohr tropeçou no velho sofá em frente a lareira fria e caiu sobre as almofadas duras.

— Não.

— Como eu disse, vá lá e leia isso você mesmo. E em seguida, processe o fato de que não só você está indo contra uma das ordens diretas de Wrath, como também estará matando seu parente de sangue mais próximo.

Ele não tinha ideia de quanto tempo sentou ali. Estava muito ocupado examinando sua antiga vida antes de ter vindo para o Novo Mundo para qualquer fragmento ou sinal indicador, qualquer pista... ou... qualquer coisa.

— Como eu pude não saber? — Ele balançou a cabeça. — Como algo assim pôde ter sido mantido em silêncio?

— Xcor foi rejeitado por sua *mahmen* no nascimento. O pai dele, seu pai, fez o mesmo.

— Por causa do lábio.

— Sim. Pelo que entendi, ele morava com uma babá que odiava olhar para ele e o tratava terrivelmente até ela o deixar — houve uma pausa. — Ele me disse que ficava acorrentado fora da casa onde ele morava. Como um cachorro.

Tohr fechou seus olhos.

E como se Layla percebesse o humor dele mudando, sua voz ficou menos estridente, menos irritada.

— Ele não sabe sobre você. Pelo que sei, ninguém sabe.

Tohr levantou o olhar bruscamente.

— Você está guardando isso dele?

— Não, ele sabe que eu tenho a informação. Mas diz que não quer. Que isso não muda o passado e não afetará seu futuro.

— Isso... não altera o que ele fez.

— Não, mas espero que isso vá alterar o que você faz.

Tohr ficou em silêncio. E enquanto olhava fixamente para o espaço, era difícil categorizar suas emoções em pacotes organizados, como choque, tristeza, raiva, pesar. Inferno, choque era até mesmo uma emoção? E merda, ele não podia nem mesmo descobrir por que sentia alguma coisa. Não era como se ele tivesse sido todo pai e filho unido com Hharm, então por que descobrir que seu pai tinha outro filho importava? E quanto a Xcor? Não era como se houvesse alguma conexão lá.

Além da proclamação que ele tinha que matar o bastardo.

O que Layla estava certa, tinha sido rescindida.

Levantando a cabeça, ele se concentrou na Escolhida. Layla o encarava ao lado da porta, seu rosto tão composto como um retrato, mesmo que seus olhos estivessem um pouco brilhantes pela discussão.

Pela luta que ela ganhou por nocaute.

— Desculpe — ele disse remotamente. — Pelo que acabou de acontecer entre você e eu.

Ela balançou bruscamente a cabeça.

— Não vou me desculpar por quem eu amo. De fato, sou grata que esse destino seja meu. Se eu tivesse me apaixonado por outro, não teria sido forçada a ser tão forte, e não há nada de errado neste mundo ou no próximo em descobrir seu próprio poder.

Amém a isso, ele pensou.

— Faça a coisa certa, Tohr — disse ela. — Você me ouviu? Faça isso certo e se certifique de que Xcor não se machuque lá fora.

— Não posso controlar o mundo inteiro.

— Não, mas você pode se controlar. É uma lição que acabei de aprender.

Layla retornou ao rancho imediatamente. Quando passou através da porta deslizante, ela se trancou e escutou. Xcor ainda não tinha voltado e isso era bom. Ela não queria que ele soubesse o que tinha deduzido sobre quem atirara nele, ou que ele soubesse que havia confrontado um Irmão em seu nome.

E então havia a coisa toda sobre ela revelando a informação sobre seu pai.

Querida Virgem — humm Super Sexy Lassiter — ela esperava que Tohr ficasse com a boca fechada. Mas tinha feito o que tinha que fazer para conseguir um cessar fogo do Irmão.

Um homem que conhecia a dor de perder sua *shellan* e filho não nascido não mataria seu irmão de sangue. Ele simplesmente não faria.

Descendo até o porão, ela entrou no banheiro com a ideia de tomar banho. Mas parou quando se viu no espelho em cima da pia. Ela ainda estava vestida com o manto de Escolhida que colocara depois que Xcor a deixou, as dobras brancas eram familiares para ela como seus próprios cabelos, seu próprio corpo.

Levando as mãos até o cinto, afrouxou a faixa, separou as duas metades e sacudiu o peso de seus braços e ombros.

Enquanto segurava o manto na frente dela, pensou nos muitos anos que passara vestindo o uniforme. Mesmo após Phury ter libertado todas elas, ainda usava as vestes mais do que roupas comuns. Elas eram convenientes, fáceis de se mover e reconfortantes da maneira como uma criança pode se apegar a um brinquedo ou cômodo favorito.

Também eram um símbolo.

Não apenas do passado da raça, mas dela mesma.

Layla foi cuidadosa enquanto dobrava a coisa, respeitosa com as mãos. E então colocou no balcão de mármore e deu um passo atrás.

Em seu coração, sabia que nunca mais iria colocar um. Haveria outras indumentárias artísticas, ela tinha certeza que lembraria a eles: vestidos longos, casacos longos, até um cobertor enrolado em torno do tronco e arrastando pelas pernas.

Mas não era mais uma Escolhida, e não apenas porque a própria Virgem Escriba não existia mais.

A coisa era, quando você servia a outro, quando vivia um papel determinado a outra pessoa... você não poderia voltar a essa situação quando descobria quem você realmente era.

Ela era uma *mahmen*. Era uma amante. Uma fêmea orgulhosa, uma fêmea forte, que sabe diferenciar o certo do errado, família de estranho, bem do mal. Ela tinha vivido dois partos e se levantara contra um Irmão agora, e assumiria o Rei se tivesse que fazer. Ela era falível e poderia ficar confusa e poderia muito bem afundar de vez em quando.

Mas sobreviveria. Aquilo era o que o forte fazia.

Encontrando seus olhos no espelho, olhou para seu rosto como se fosse a primeira vez. Ela passou todos esses anos esperando no Santuário para ser convocada para o seu papel como *ehros*, sua existência ao mesmo tempo totalmente ditada e infundada, pois não havia Primale para dar prazer. E então ela tropeçou e saltou na terra depois que ela e suas irmãs foram libertadas, timidamente das pontas dos pés nos caminhos desconhecidos da vida moderna. Houve a necessidade desesperada com Qhuinn, e depois a ansiedade enquanto os bebês cresciam dentro dela, durante o tempo que sua vida havia sido dividida pela metade com Xcor. Seguindo aquilo? O nascimento que quase a matou, e agora a agonia da desintegração da unidade familiar... e a pendente perda de Xcor.

No entanto, ela ainda estava viva e estava aqui. Olhando para si mesma no espelho.

E pela primeira vez em sua vida, ela respeitou o que viu.

Inclinando-se para seu reflexo, ela disse suavemente.

— Prazer em conhecê-la.

CINQUENTA E CINCO

Eeeeeee tchau-tchau.

Quando Vishous eliminou outro vídeo do YouTube, ele pensou, sim, como atirar em peixe num barril. E se fosse ainda mais fácil invadir essas contas, você conseguiria pipoca e Milk Duds gratuitamente com seus esforços. Próximo. E o próximo. E o próximo.

De certa forma, ele tinha Jo Early, mais conhecida como Damn Stoker, para agradecer a eficiência de tudo isso. Sua seção de links era um tesouro de conteúdo em múltiplos destinos postados por uma boa dúzia de pessoas. Então, depois que terminasse com sua varredura no universo do YouTube, ele atacaria o Instagram e depois o Facebook.

A caixinha de areia de Zuckerberg seria um pouco mais difícil de hackear e, como nos outros dois, havia várias contas na plataforma, mas ele passaria por elas.

E a próxima. E a próxima...

Cara, esse usuário, *vamp9120*, era um tipo de cara de volume pesado. Muito conteúdo estava ligado a ele.

V realmente deveria ter ficado em cima desta merda melhor. Mas aí, ele esteve ocupado vivendo a vida em vez de sublimando seus problemas através dos esportes e da Internet.

Quando Bruno Mars veio pelo satélite, ele mudou o canal para Shade45. Não era que ele não pensasse que “24K” fosse mágico, mas a merda do clube inteiro otimista não estava na sua playlist esta noite. Jeezy/Bankroll Fresh “All There”. Perfeito pra caralho. E enquanto isso batia nos alto-falantes, ele pegou outra dose de seu Grey Goose e gelo, e debateu em fazer uma pausa para que pudesse enrolar um pouco mais do tabaco turco. Depois disso, pegaria outra garrafa da meia dúzia que havia encomendado a Fritz. E então, voltar aqui para...

— Que porra é essa? — Ele vociferou.

Inclinando-se em direção à tela, ele franziu a testa para a imagem que estava sobre ela.

— Espera, eu me lembro disso, não é verdade?

Sim, ele estava falando consigo mesmo. Era o que você fazia quando o seu companheiro de quarto estava fora de rotação como você, estava transando com sua fêmea descendo o corredor — e você era um burro coxo em uma cadeira de escritório na frente da casa.

Rebobinando o vídeo, V assistiu novamente à medida que a ação se desenrolava. As filmagens foram tiradas de um ponto de vista relativamente alto em um prédio no centro da cidade, como se o bundão com o telefone celular estivesse olhando de um terceiro — ou talvez do quarto andar de um apartamento. O ponto focal estava em um beco abaixo, e uma figura estava caminhando para a frente.

Em direção a uma chuva de balas.

A figura era Tohrment. As balas vinham de um *lesser* que estava desmoronado no canto mais distante. E a cena era francamente suicida.

V não esteve ali para testemunhar a pura estupidez de primeira mão, mas certo como a merda, ele tinha ouvido sobre isso de vários guerreiros. Isso aconteceu quando Tohr tinha perdido a cabeça e estava decidido a mostrar a todos exatamente o quanto tinha desejo de morrer. Sim, ele estava atirando de volta

para o *lesser*, sua arma levantada, todos os tipos de chumbo saindo de seu cano... mas ele não tinha nenhum colete, nada sobre ele e doze tipos diferentes de órgãos vitais que deveriam ter sido atingidos.

Putá merda, se ele quisesse ser baleado, a única maneira que ele poderia ter sido mais bem sucedido era se tivesse virado sua própria arma pra si mesmo e puxado o gatilho.

E, no entanto, ele sobreviveu...

— Espere... o que é isso?

De repente, Vishous esfregou os olhos. Inclinou-se ainda mais perto do monitor. Perguntando-se se a filmagem não era no campo gramado.

Ajustando o contraste em sua tela, rodou a merda novamente. E mais uma vez.

Alguém mais estava atirando do prédio do outro lado. Sim... havia uma figura lá em cima no telhado e eles ... uh-huh, eles estavam inclinados para a direita e plantando um monte de balas naquele *lesser* que estava tentando matar Tohr.

Não tinha sido um irmão, com certeza. V poderia discernir seus próprios guerreiros no meio de um nevoeiro a uma milha de distância, e era fácil isolá-los neste caso, mesmo que a filmagem ficasse um pouco granulada. Além disso, não havia nenhuma maneira deles terem estado em qualquer lugar se não fosse direto no chão com o irmão.

Então quem diabos estava lá em cima? Não um humano. Não havia nenhuma maneira de um desses ratos sem rabo ter se envolvido nesse tipo de negócio, nesse tipo de assunto. Nenhuma participação no resultado, então por que arriscar a prisão? Eles eram mais propensos a ligar para o 911 e ter cobertura...

Quando seu celular tocou V saltou, e merda, não conseguia se lembrar da última vez que fez isso. Especialmente por causa de uma chamada.

Mas, considerando as engrenagens que ele colocou em movimento...

Ele observou enquanto sua mão alcançava o celular.

Colocou-o deitado na mesa e virou a tela tomando certo grau de coragem.

Quando viu quem era, saltou direto ao modo todo negócios.

— Meu Senhor — disse com alívio enquanto respondeu. — O que posso fazer por você?

Wrath foi ao ponto, mais uma razão para gostar do cara.

— Eu preciso de você. Agora.

— Entendido. Onde você está?

— Estarei no vestíbulo em cinco minutos.

— Diga-me que não vamos a Disney World e eu estarei lá.

— Não, não são férias.

— Bom.

Quando V desligou, ele foi excluir a filmagem e fechar, mas algo lhe disse para salvar essa merda, então ele fez. Não era como se não tivesse espaço no disco rígido.

Maldição, ele estava tão aliviado por ter algo para fazer.

Assim como no início da noite, não disse a ninguém que estava saindo, mas desta vez era porque Butch e Marissa estavam ocupados transando. Mas mandou ao seu melhor amigo uma mensagem, e então pensou em enviar uma mensagem para Jane.

Mas no final, ele simplesmente guardou o celular, armou-se e partiu.

Xcor estava pendurando o telefone da casa e começando a tirar sua parka emprestada quando Layla subiu do porão.

No instante em que viu a tensão em no rosto dela, ele se arrependeu.

— Desculpe — disse ele. — Eu sei que estou atrasado.

Ela pareceu surpresa, e então simplesmente sacudiu a cabeça quando chegou até ele.

— Estou feliz que você voltou. Eu estava preocupada.

Quando seus olhos se ergueram para os dele, ele odiou a tristeza neles, especialmente porque sabia que ele era a causa — e não pela primeira vez que a deixou mais cedo, ele se desprezou e a posição em que a colocou.

— Venha aqui — ele sussurrou enquanto a atraiu contra ele.

Colocando-a no peito dele contra o coração, apoiou o queixo no topo da sua cabeça. E se contentaria em ficar assim para sempre, mas tinha coisas que precisava dizer a ela.

— Meu amor — ele disse — Wrath está...

Naquele instante, a porta deslizante se abriu e o ar frio se apressou para dentro da pequena cozinha. O Rei Cego foi o primeiro a atravessar a porta, e Vishous estava bem em seus calcanhares.

— Você ligou — disse Wrath secamente. — E oi, Escolhida.

— Apenas Layla, por favor — quando Layla falou, todos olharam para ela.

— O quê? — Perguntou o Rei.

— Apenas Layla, por favor, meu Senhor.

O Rei deu de ombros.

— O que você quiser. Então Xcor, você tem uma resposta para mim?

— Sim — Xcor olhou para Vishous, que observava cada movimento que ele fazia com aqueles olhos de diamante. — E receio que você não vá gostar disso.

— Eles disseram não, hein? Pena — agora o Rei olhou para o irmão. — Acho que isto significa que vamos pra guerra.

Isso foi pronunciado casualmente, como se não fosse nada importante, e Xcor tinha que respeitar a atitude. Guerreiros lutavam. Era para isso que foram criados e treinados. Se a Irmandade pensasse que o conflito com um bando de cinco soldados era de alguma menção especial, eles precisavam aposentar suas adagas.

— Não — interrompeu Xcor. — Eles não disseram não. Mas não vão fazer o juramento a você.

Vishous falou, sua voz baixa e agressiva.

— O que diabos isso significa?

Xcor se dirigiu a Wrath.

— Eles fizeram seus juramentos a mim. Eu fiz os meus a você. Eles irão segui-lo, mas só porque foi onde eu coloquei minha fidelidade. Eles não serão liderados por ninguém além de mim. Esse é o caminho.

— Não é bom o suficiente — disse o Irmão Vishous. — Não pela metade, babaca.

Xcor tirou a luva e levantou a palma da mão.

— Foi um juramento de sangue. E esses homens morrerão por você, Wrath. Sob minhas ordens.

— Isso está malditamente certo. — Vishous vociferou. — Quando trucidarmos...

— *Chega* — Wrath cortou.

Houve um silêncio tenso e Xcor pôde sentir Layla enrijecer ao lado dele. Contudo, ele não tentaria dizer a ela para ir. Ela não se afastaria dele mais do que os soldados dele.

Em pé diante do Rei, Xcor encontrou Wrath diretamente nos olhos, embora o macho fosse cego. Na verdade, ele não tinha nada a esconder, nenhuma luta para apresentar neste caso, nenhum subterfúgio ou agenda para produzir. E não importa o resultado desta noite ou qualquer outra, isso estava bom. Não temia a morte; Bloodletter lhe ensinou isso. Ele também descobriu o que era o amor, e ela estava ao lado dele. Assim, estava preparado para avançar com calma resolução, de acordo com um destino que estava fora de seu controle.

Então, isso era como a paz se sentia, pensou quando tirou a outra luva. Quando alcançou a mão de Layla, parecia apto que não era como aquela que usava uma adaga.

— Você acredita nisso — observou Wrath. — Você honestamente acredita.

— Sim. Fui para a guerra com esses meus guerreiros. Eles me seguiram do outro do oceano...

— Eles estão preparados para acompanhá-lo de volta? — Murmurou Vishous. — Em sacos para cadáveres?

— Sim, estão — Xcor olhou para o Irmão. — Mas eles não têm uma guerra com você se eu não tiver nenhuma.

Wrath cruzou os braços em cima do peito, e Xcor teve que respeitar o tamanho e a musculatura do macho. Ele era enorme e mortal, e no entanto seu cérebro o civilizava.

Ele veria a lógica nisso, pensou Xcor.

E com certeza, um momento depois o Rei assentiu uma vez.

— Então que assim seja — Wrath disse com um aceno de cabeça. — Isso é bom o suficiente para mim...

— Você está *de sacanagem* comigo...

A mão do Rei disparou tão rápido que o olho mal conseguiu seguir, e de alguma forma, mesmo sem visão, ele conseguiu a trajetória correta, apertando a garganta de seu guerreiro. Ele nem sequer olhou na direção de Vishous, seu foco permanecendo em Xcor.

Em resposta, Vishous não se defendeu, mesmo quando foi obrigado a tentar respirar, sua mandíbula caindo aberta.

— Você não ama quando as pessoas conhecem seus lugares? — Wrath disse a Xcor com força. — Quando entendem aqueles momentos em que precisam manter suas fodidas bocas fechadas?

Xcor teve que sorrir. Wrath e ele tinham um parentesco de algumas maneiras, não tinham?

— Sim, meu Senhor — ele murmurou.

Wrath deixou cair seu aperto.

— Como eu dizia, isso é suficiente para mim. Mas, como você pode dizer, meus rapazes vão exigir uma maior prova de conceito — O Rei tocou o lado do seu nariz. — Eu posso cheirar você. Eu sei que isso é o que você acredita, e colocando nossos conflitos passados de lado, não acho que você seja um maldito imbecil, nem acredito por um instante que você colocaria seus homens no caminho da morte.

— Ele fez uma vez antes — disse Vishous com um sorriso despreocupado. — Foi assim que Throe acabou conosco.

— Parece que ele se livrou do certo, porém.

Xcor assentiu.

— Sim. Foi por isso que eu o avisei sobre ele.

Wrath inclinou a cabeça.

— Isso foi muito apreciado. E vamos lidar com ele depois que resolvermos isso com seu pessoal.

— Você não vai ter um problema com isso, vai? — Vishous exigiu de Xcor.

— Não — ele deu de ombros. — Aquele homem segue seu próprio caminho e é incompatível com o de vocês e, portanto, com o meu. Como escolhem administrar isso é com vocês.

— Então isso também está resolvido — Wrath sorriu, revelando suas tremendas presas. — Mas, como eu dizia, meus rapazes vão exigir algumas provas. Então vamos ter uma boa cerimônia à moda antiga de juramento com testemunhas.

— Eu pensei que você iria fazer isso um por um — disse Vishous em voz baixa, enquanto se afastava de um estrangulamento.

— O Bando de Bastardos não vai nos atacar — Wrath balançou a cabeça. — Não vai acontecer. Ele segura suas correntes, posso sentir o poder nele. Um homem como ele não tem esta calma por nenhuma boa razão, não é verdade, Xcor?

— Sim. Eles não levantaram uma arma contra qualquer um na Irmandade. Eu vou reuni-los à meia-noite de amanhã e trazê-los para você onde quer que você ordene. No entanto, não pode ser antes, pois não tenho como alcançá-los até esse momento. Estamos fora de comunicação para segurança deles, caso... — olhou para Vishous — as coisas corram erradas. Você entende.

Wrath gargalhou um pouco.

— Sim, eu sinto você. Então está feito...

— E sobre a sua segurança, Xcor? — Disse Layla com raiva. — Como *você* estará seguro?

O Rei respondeu àquilo, falando gentilmente.

— Ele vai ficar bem, não se preocupe...

Layla se virou para Xcor.

— Por que não diz a ele sobre como foi baleado na noite passada. E por quem.

Quando sua fêmea interrompeu seu governante, Xcor deliberadamente não mudou sua expressão.

— Eu lhe disse, meu amor, foi um *lesser*...

— Não, não foi — seus olhos varreram para Wrath. — Eles atiram nele na noite passada.

— Não — contestou Xcor enquanto apertava a mão dela, tentando silenciá-la. — Não foi nada além de um *lesser*.

Do outro lado da cozinha arrumada, as sobancelhas de Wrath caíram atrás de seus óculos de sol envoltos, um gelo atingindo o ar. E então ele disse.

— Eu vou te perguntar uma vez, e é melhor você ser honesto pra cacete. Um dos meus rapazes levantou uma arma para você em qualquer momento desde que me deu seu juramento?

Xcor encontrou o olhar cego do Rei e projetou confiança.

— Não, eles não levantaram.

Nessa altura, ele estava agarrando a mão de Layla com tanta força que estava certo que deveria estar machucando-a, então afrouxou o aperto. Mas rezou para ela ficar quieta.

As narinas de Wrath se alargaram. E então ele inclinou a cabeça uma vez.

— Que assim seja. Meia-noite, amanhã. Você nos encontrará no centro da cidade, Décima quinta e Mercado. Existe um armazém vazio. Você não pode errar.

— Nós estaremos lá às meia-noite e quinze. Eu os encontrarei à meia-noite e devemos ir até você.

Wrath avançou e colocou a mão da adaga no ar.

— Você e seus homens têm minha palavra. Desde que não ofereçam ameaça aos meus rapazes, ninguém vai se machucar.

Xcor tomou o que era oferecido e eles apertaram as mãos vigorosamente.

— *Até amanhã* — ele disse ao Rei na língua antiga.

— *Até amanhã* — repetiu Wrath.

Quando Wrath e Vishous se despediram partindo pela porta deslizante, Xcor só podia esperar que aquela promessa que lhe fora dada fosse uma que o Rei pudesse manter.

— Eles vão matá-lo — disse Layla com uma voz morta. — Você não vai viver para atravessar aquela reunião.

Xcor olhou para ela. Odiou o medo em seu rosto pálido, o tremor em seu corpo. No silêncio da casa segura, ele queria mentir para ela. Queria saber como descobriu a verdade. Ele queria... ficar com ela para sempre.

Mas o destino já havia respondido a este último.

Alcançando com sua mão da adaga, não de guerra, ele tocou sua bochecha suave. Escovou o lábio inferior com o polegar. Acariciou a veia vital que corria pelo lado subindo por sua garganta.

— Ele não pode garantir sua segurança — com uma maldição desesperada, ela virou o rosto para a palma da mão dele e beijou a pele endurecida pela guerra. — Não quando se trata de Tohrment ou Qhuinn. E bem, você sabe disso.

— Como? — Ele suspirou. — Como você soube?

— Isso importa?

Não, ele supôs, não importava.

— Por que não disse alguma coisa? — ela implorou. — Por que não contou a Wrath?

— Porque, em última análise, isso não importa. Segurança em tempos de conflito é uma ilusão que só pode ser vendida, nunca prometida. Ele e eu sabemos disso. Se um deles decidir resolver um problema que não existe de forma independente, ninguém será capaz de parar isso. O livre arbítrio é uma verdade universal, assim como a gravidade.

— Mas não é justo. Não está certo.

— E é por isso que devo me proteger e esperar que ninguém, nem mesmo o grande Rei Cego, faça isso por mim.

— Xcor, você precisa...

— Shh — ele disse enquanto colocava o dedo indicador em seus lábios. — Não vamos mais falar de guerra. Há coisas muito melhores que devemos fazer com o nosso tempo.

Quando a trouxe contra ele, ele revirou os quadris provando sua excitação, mesmo que ela sem dúvida pudesse cheirar isso.

— Deixe-me estar dentro de você — ele disse enquanto a beijava. — Eu preciso de você o agora.

Ela não respondeu imediatamente e ele lhe deu o tempo necessário para resolver a diferença entre o que era a esperança e o que era a realidade, o que era princípio e o que era fato. Ela era uma fêmea inteligente, não versada nos caminhos da luta, mas não ingênua.

E no final da noite, ela sabia que, se ele vivesse ou morresse na noite seguinte, o futuro deles não era juntos. Se sobrevivesse, ele voltaria para o Antigo País e ela ficaria em Caldwell. Se ele morresse? Bem, ele estava completamente acabado, provavelmente no *Dhunhd*.

— Eu amo você — ela sussurrou quando finalmente inclinou a cabeça para trás para mais do seu beijo. — Sempre.

Xcor acariciou seu cabelo loiro trás.

— Você é mais do que eu mereço e tudo o que eu sempre quis.

Com isso, ele selou suas bocas e tentou esquecer que o tempo acabava para eles. Era difícil não lembrar, no entanto.

E sabia que era o mesmo para ela.

CINQUENTA E SEIS

Quando Vishous e Wrath chegaram no pátio da Irmandade, V balançava a cabeça. Ah, isso seria um momento divertido. Sim, bem ali sendo destruído enquanto você ainda estava vivo.

O Rei virou-se e ficou tão furioso que havia fumaça saindo daquelas orelhas dele.

— Diga para aquele *filho da puta* para ir ao meu estúdio.

— Você quer dizer todo mundo ou só...

— Tohrment. Ache aquele babaca agora e traga-o para mim! Que porra ele estava pensando?

Wrath virou e se dirigiu para os degraus de pedra até a entrada da mansão, claramente tão irritado que havia esquecido que não podia enxergar. E sim, por um segundo, V foi tentado a deixar o Sr. Personalidade aprender da maneira mais difícil que ele ainda era cego.

Ele cedeu, saltando para frente e pegando o braço do Rei.

— Cale a boca, porra — ele murmurou antes que Wrath pudesse afastá-los. — Você quer uma lesão na cabeça em cima de toda essa merda?

Era como se aconchegar com gelo seco, o humor do Rei estava tão ruim que ele deixava o ar ao redor dele ainda mais ártico. Mas pelo menos V foi capaz de levar o sujeito para dentro do vestíbulo e do outro lado do saguão. Ele sabia se manter bem depois disso.

Deixando cair o controle sobre aquele bíceps grosso, ele pegou o celular reserva e socou o número de Tohr enquanto Wrath saía pisando duro atravessando o mosaico da representação da macieira em plena floração, contando com a memória e a contagem de passos para encontrar o primeiro degrau...

Um toque soou. E não apenas na orelha de V.

Estava emanando do alto acima do saguão.

Vishous abaixou o celular enquanto Wrath subia as escadas de dois em dois.

— *Timing* perfeito — V murmurou enquanto se apressava para subir.

Com certeza, Tohrment estava sentado em uma das cadeiras do lado de fora do estúdio de Wrath, como se tivesse visto o futuro e soubesse que ele iria buscar seu traseiro mordido por ter atirado em Xcor. E, claramente, o cara não estava se sentindo muito bem com as coisas, embora fosse porque tinha desobedecido uma ordem direta por capricho ou estava prestes a ouvir merda, era difícil saber. Em todo caso, o irmão estava de cabeça baixa, os ombros caídos, seu corpo de maneira incomum contido.

— Não há razão para atender sua ligação, meu irmão — disse o cara enquanto guardava o celular. — Estou bem aqui.

Wrath desnudou suas presas e sibilou.

— Entre lá. Não vamos fazer essa merda em público.

Quando Tohr levantou-se e cumpriu a ordem, V não pediu permissão para se juntar aos dois. Ele caminhou logo atrás de Wrath, fechou as portas e recostou-se, segurando as maçanetas juntas.

Wrath não perdeu um maldito segundo.

— Você está fora.

Tohr sacudiu sua cabeça.

— O que?

— Você está fora da Irmandade. Fora. Estou removendo você, imediatamente.

Okaaaaaaaaaaaaay. Essa não era a forma como isso deveria ocorrer, pensou V.

Não, veja, Tohr era a cola que mantinha a Irmandade unida. Salvo pelo tempo logo depois que Wellsie foi morta, ele sempre foi aquele que estável e seguro, a força silenciosa que tinha mantido a cabeça das pessoas juntas.

— E você cale a porra da boca.

Demorou um minuto para perceber que Wrath estava se dirigindo a ele. Não houve tempo para responder, porém porque Tohr agarrou o microfone.

— Ele está certo, V. Desobedeci uma ordem direta. Eu atirei no Xcor ontem à noite quando o vi na cidade. Tem que haver consequências.

Wrath pareceu um pouco surpreso com a facilidade do consentimento.

Tohr apenas deu de ombros.

— Foi a coisa errada a fazer. Isso estava em conflito direto com sua posição e com o que você esperava concretizar. Acho que ser um traidor corre na minha família.

— O quê? — Disse V de forma cortante.

O irmão acenou com uma mão desdenhosamente.

— Não importa. Autumn e eu vamos mudar amanhã. A menos que você queira que a gente saia esta noite.

Wrath franziu a testa. E então foi até a mesa, contornando os sofás e encontrando o trono.

Enquanto se abaixava no assento do pai, ele pareceu completamente exausto, e com certeza, levantou os óculos escuros e esfregou os olhos.

— Por quê? — Ele disse. — Qual o grande problema com Xcor? Por que não pode deixar essa merda ir?

— Vou deixar agora. Isso é tudo que importa. Não tenho... nenhum interesse em perseguir o assassinato.

— O que mudou?

Tohr apenas balançou a cabeça.

— Nada tenha importância no esquema maior das coisas.

Algo apitou na parte de trás da cabeça de V, mas ele não especificar exatamente o que era, e cara, aquilo realmente era irritante pra cacete. Mas estava cansado, e não só porque seu corpo estava exausto por falta de sono.

Wrath chegou para a frente na cadeira.

— Escute-me. A guerra está desgastante, estamos tão perto de acabar com isso. Não quero a distração para vocês. Não quero um monte de idiotas cabeça dura perseguindo cinco otários só porque eles já tiveram uma agenda política que incluía minha cabeça numa bandeja. Xcor sabe onde vivemos. Ele não fez merda com isso. Ele ficou com Layla durante as últimas quarenta e oito horas e sinto a conexão deles. Ele também está totalmente comprometido com esta paz negociada e cair fora de Caldwell. Não há mais conflito, e não só porque eu disse isso.

— Eu sei — Tohr caminhou até a lareira e olhou para as chamas. — Eu, ah, minha Welsie faria 226 anos três noites atrás. O filho que ela carregava teria dois anos e meio de idade. Eu acho que é isso que está acontecendo comigo.

— Porra! — o Rei suspirou. — Eu tinha esquecido.

O Irmão deu de ombros.

— Isso não desculpa minhas ações. O que fiz não é digno de você ou de mim mesmo. Mas vou dizer isso... — Ele limpou a garganta. — Estive em busca de algum tipo de vingança por um bom tempo e achei nisso um objetivo inapropriado. O verdadeiro alvo da minha ira é o destino, e isso não é nada que você possa esfaquear ou atirar. É apenas... em algumas noites, é mais difícil de aceitar do que em outras.

Wrath tornou a se recostar no seu trono e deixou a cabeça encostar no espaldar alto esculpido da grande cadeira. Depois de um momento, ele apontou para a porta.

— Deixe-me. Vocês dois. Minha cabeça está prestes a explodir e eu não quero a conta da limpeza a seco por suas malditas camisas.

Tohr curvou-se.

— Como quiser, meu Senhor. E Autumn e eu vamos partir...

— Sem ofensa — murmurou Wrath — mas pare de falar, ok? Apenas me deixe. Vejo você na primeira hora amanhã à noite, e traga o resto dos irmãos com você. *Vão. Vão!*

Saindo do estúdio do Rei, Tohr fez uma pausa quando seu irmão V fechou as portas e olhou para ele com olhos duros.

— Pra sua informação — disse o macho — Xcor negou.

Tohr franziu a testa.

— Desculpe, o quê?

V acendeu um cigarro e tragou como se fosse uma maldição.

— Eu estava exatamente lá quando Wrath perguntou quem atirou nele, e ele se recusou a dedurar você. Ele sabia que era você?

— Sim.

— Quem mais estava lá com você? — Quando Tohr não respondeu imediatamente, o irmão se inclinou e apontou com seu cigarro enrolado a mão. — Eu sabia. E diga a Qhuinn para cortar essa merda ou eu vou. Eu não tenho amor por Xcor, não estou nem aí pra ele e o Bando de Bastardos. Mate-os, deixe-os respirando, não me importo. Mas Wrath está certo. Nós lutamos um milênio para entregar a *Profecia do*

Dhestroyer diretamente na bunda do Ômega, e o tempo está acabando. Sem distrações, não é verdade? Chega com essa merda mesquinha.

— Eu não posso controlar Qhuinn. Ninguém pode. Todos nós vimos isso algumas noites atrás, não nós podemos.

— Esse filho da puta. Ele precisa se controlar.

Quando V olhou para o corredor como se quisesse ir até o cara, Tohr colocou-se no caminho.

— Vou conversar com ele. Posso estar fora da Irmandade, mas sua entrega é uma merda.

— Não sou tão mau.

— Comparado a uma motosserra, isso provavelmente é verdade. Mas não precisamos de mais sangue quente agora. Todo mundo está prestes a explodir.

V usou a ponta do cigarro como apontador.

— Você conserta essa merda, Tohr. Ou eu vou.

— Você é a segunda pessoa que me disse isso essa noite.

— Então, continue com isso.

Nessa nota, V virou e desceu a grande escadaria como se tivesse um trabalho a fazer, o que envolvia estrangular alguém que o aborrecia.

Quando Tohr teve certeza de que não havia ninguém por perto, foi ao salão de estátuas e desceu a passos largos, passando pelas representações contornadas de humanos em poses de guerra. Na terceira porta, ele bateu baixinho, e quando uma resposta veio, olhou para ambos os lados mais uma vez.

Deslizando dentro do quarto de Qhuinn, ou melhor, no que Layla tinha ficado, fechou a porta rapidamente e quase a trancou.

Qhuinn estava sobre os berços dos bebês, fazendo algo com uma mamadeira.

— Ei — ele disse sem levantar o olhar.

— Nós precisamos conversar.

— Nós? — O irmão olhou por cima. — Você o matou?

— Não, mas acabei de ser expulso da Irmandade.

Qhuinn endireitou-se e se virou.

— O quê?

— Wrath estava certo em fazer isso.

— Espera, então Xcor correu como um fodido covardinho para o Rei e...

— Ele mentiu. Por você e por mim. Recusou-se a dizer à Wrath o que fizemos.

— Bem, se ele não é um fodido herói — Qhuinn franziu a testa. — Mas se ele não cuspiu, quem foi?

— Layla descobriu. Ela veio até a mim, viu que ele foi baleado e não acreditou nele quando disse que foi um *lesser*. Não neguei isso a ela.

— Ah sim, a Escolhida modelo — Qhuinn voltou a se concentrar nos bebês. — Quão perfeita ela é, hein? Sempre disposta a manter seu macho. Que pena que esse tipo de lealdade não corra em nossa direção.

Tohr balançou a cabeça.

— Não faça isso, Qhuinn. Eu posso estar fora, mas você estará lá amanhã à noite.

— Amanhã à noite? O que está acontecendo?

— A Irmandade e o Bando de Bastardos estarão se encontrando. Você vai ouvir sobre isso na primeira hora depois do pôr do sol amanhã. Wrath vai reunir os Irmãos e levar a todos para se encontrar com eles, para que vocês possam testemunhar seu juramento para Xcor.

— Por que porra eu me importaria com isso? — O irmão levou a mamadeira ao banheiro e voltou enxugando as mãos com uma toalha. — Os garotos do Xcor querem circular com aquele bastardo, não é da minha conta.

Tohr sacudiu a cabeça e sentiu como se estivesse entrando no trem da cabeça explodindo de Wrath no espaço de cerca de trinta minutos, ele quase tinha batido em uma fêmea pela primeira vez em sua vida, descobriu que tinha um irmão há muito perdido, e foi expulso da Irmandade.

Era demais para compreender, demais para processar.

Tudo o que queria fazer era encontrar Autumn e conversar com ela, dizer-lhe que estava arrependido... mas com a cortesia de sua pobre tomada de decisão no calor do momento, eles teriam que encontrar outro lugar pra viver.

Jesus, era essa sua vida?

— Não faça isso — ele se ouviu dizer. — Por favor, eu deixei isso ir. Você precisa também.

— Eu não tenho que fazer merda nenhuma — o irmão apontou para os berços. — Exceto cuidar desses dois e tentar convencer Blay para que venha pra casa de volta para mim e para eles. Isso é tudo que eu devo a qualquer um.

— Incluindo Wrath? A Irmandade? As pessoas nesta casa?

Quando Qhuinn ficou em silêncio, Tohr apontou para o canto onde os buracos de bala estavam, a evidência do temperamento de Qhuinn obviamente tendo sido reconstituído e pintado.

— Todos enlouqueceram ultimamente. E é isso que acontece quando as emoções funcionam bem e a lógica sai pela janela e o estresse domina a noite. Você está certo, tem que cuidar de seus dois filhos. Então faça isso não sendo morto. Você descarrega uma arma em Xcor antes, durante ou depois dessa reunião e pessoas vão morrer. Talvez a maior parte seja de Bastardos, talvez você mate até Xcor, mas os coletes à prova de balas apenas protegem o coração, e se você quiser fazer certo por aquelas duas crianças, faça isso para que você chegue em casa ao amanhecer. Porque eu te garanto que também perderemos alguns dos nossos, e uma dessas baixas pode ser você mesmo.

Qhuinn virou de volta para os berços, e parecia incongruente, inapropriado, quase de todo ruim que eles estavam tendo esse tipo de conversa em qualquer lugar perto de tais inocentes.

— Isso não é um monte de civis — apontou Tohr. — Você não está se encontrando com os Bastardos em uma sala de desenho amanhã à noite e negociando papelada pra lá e pra cá. Vou dizer novamente, pessoas irão morrer se você decidir tomar as coisas em suas próprias mãos. E se isso acontecer, e isso vai,

você terá que olhar essas duas crianças nos olhos quando eles forem mais velhos com essas mortes em sua consciência. Você transformará o pai deles em um assassino, e vai colocar Wrath em uma posição horrível, novamente assumindo que vocês dois sobrevivam. Pense nisso. Pergunte a si mesmo se a vingança vale o preço.

Tohr virou-se para sair, mas depois parou.

— Eu quase fui pai uma vez. Este era um trabalho que eu esperava, rezava. Faria quase qualquer coisa para estar onde você está agora inclinado sobre os seus bebês. Sacrifício é relativo... e você tem muito a perder sobre o macho que realmente não é importante para sua vida maior. Não seja um idiota sobre isso, meu Irmão, simplesmente não seja.

CINQUENTA E SETE

— Bem, isso resolve as coisas, não é?

Enquanto Throe ficava de pé sobre a cama ensanguentada, olhou para o seu balão, como ele veio a pensar na sua sombra e sorriu.

— Você é eficiente, não é?

A coisa ondulou um pouco de sua amarração acima do tapete, e alguém podia imaginar que estava satisfeito com o elogio. Ou talvez não. Mas o que importava? Sua sombra não se negou quando ele ordenou que matasse o companheiro de sua amante, e tinha sido bem sucedido na tarefa. A entidade prontamente pegou o punhal que Throe havia fornecido, seguiu-o pelo corredor como um cão atrás de seu mestre, e então, quando Throe abriu a porta e apontou para o velho homem recostado na cabeceira da cama, a morte tinha acontecido mais rápido do que a batida de um coração.

O que era algo que aquele *hellren* não tinha mais.

— O que você fez?

Quando um grito estridente soou atrás dele, Throe girou sobre seu chinelo de veludo.

— Oh, olá, querida. Você acordou cedo.

Antes que sua amante pudesse responder, Throe avançou e a pegou pelo pescoço. Quando ele começou a apertar, os olhos dela se abriram e aquela boca talentosa dela abriu em um grito que não tinha som.

Arrastando-a para dentro do quarto, ele fechou a porta enquanto ela agarrava as mãos dele e ficava boquiaberta como um peixe.

A entidade aproximou-se do lado como se estivesse investigando e Throe sorriu novamente.

— Oh, quanta gentileza sua. Mas eu faço isso.

Trocando seu aperto para o rosto dela, deu uma rápida torção e estalou o pescoço dela. Então, para evitar fazer barulho, acompanhou-a suavemente até o chão acarpetado.

De pé acima dela, ele notou que ela estava naquela camisola estilo babydoll que ele gostava, aquela com o corpete de renda e a saia de babados que chegava logo abaixo da calcinha.

— Uma pena, realmente. Ela era um pouco divertida.

Throe endireitou seu roupão de seda. Ele tinha escapado de um de seus chinelos e corrigiu esse problema, pisando no corpo frio da fêmea e puxando o pé para trás, onde pertencia.

— Bom, isso está bem — ele olhou em volta da suíte muito bem equipada. — Sabe, acho que vou me mudar para cá. Uma vez que nos livramos deste colchão.

Exceto que ele pensou nos *doggens* dentro da casa.

Havia no mínimo catorze deles.

Levaria algum tempo para eliminar esse lote e parecia um desperdício. Bons ajudantes eram muito difíceis de encontrar.

E então havia questões de segurança e finanças que precisavam ser abordadas. Felizmente, ele colocou a identidade roubada em movimento semanas atrás, entrando no computador do *hellren* no andar de baixo, colocando rastreadores em coisas, ganhando acesso pouco a pouco a contas, dados e permissões.

Considerou brevemente dar aos funcionários a opção de ficar. Mas então olhou para a bagunça na cama. Se seu amigo das sombras podia matar assim?

Era um bom palpite que isso poderia trabalhar como um fodido aspirador.

Eles iriam precisar de mais deles, no entanto. Throe tinha verificado O Livro para ver se havia algum tipo de reprodução que pudesse ser trazida para suportar as sombras, mas parecia que se Throe quisesse um exército, ele teria que fazê-los um por um. Do jeito difícil.

Muito inconveniente. E sua mão ainda estava se recuperando da ferida da punção.

Ele exigiria mais suprimentos. E tempo. E...

Infelizmente, isso parecia maldoso, na verdade ingrato, desesperar-se de tudo. Ele tinha dinheiro. Tinha uma casa que ele gostava. E tinha uma arma melhor que qualquer arma, faca ou punho.

— Meu destino — ele murmurou para a sala silenciosa — está ao meu alcance.

Throe ergueu as palmas das mãos, mas quando quase as esfregou, ele se deteve. Ninguém queria se transformar em uma caricatura de um vilão. Era bastante indecente.

— Venha — ele disse para o seu balão. — Preciso me vestir e você deve me ajudar. E então precisamos sair.

Testar seu brinquedo contra um *lesser* seria importante e não havia motivo para esperar. A coisa tinha funcionado admiravelmente bem agora, mas isso tinha sido contra um velho caquético quase incapacitado. Se fosse enfrentar os Irmãos e os lutadores do Ômega, mesmo o Bando de Bastardos, teria que se apresentar em um nível muito alto.

Assim que Throe pisou no corredor, ele ouviu a enceradeira funcionando lá embaixo. Se algum dos funcionários encontrasse esses corpos, haveria pandemônio. E com o Rei aceitando audiências agora, a Irmandade poderia saber antes dele estar preparado para eles e arruinar tudo.

Destinos, ele odiava esses atrasos. Mas um estrategista adequado reconhecia que havia sequências necessárias para as coisas acontecerem.

Como no xadrez, era um movimento de cada vez.

— Vamos — ele disse com uma voz entediada para a sombra. — Nós temos que limpar a casa primeiro. E devo insistir que você faça isso com uma certa reserva desta vez. Não quero arruinar nenhum objeto de arte ou tapetes. Além disso, qualquer bagunça que você faça, vai ter que arrumar.

Com isso, os dois se dirigiram juntos em direção às escadas e ao *doggen* que estava fazendo seu trabalho no andar de baixo.

A carta de demissão que estava prestes a ser entregue a eles iria doer.

CINQUENTA E OITO

Quando o sol se pôs e a escuridão cobriu Caldwell, Layla agitou-se na cama que ela e Xcor haviam usado de forma tão gloriosa durante o dia. Contra suas costas, seu guerreiro estava aninhado tão perto como sua própria pele, seu corpo buscando o dela mesmo enquanto dormia.

— Não pense nisso, meu amor — ele murmurou.

Virando-se em seu abraço, ela acariciou seus cabelos. O rosto dele. Seus ombros.

— Como você sempre sabe?

Ele não respondeu a isso, apenas beijou sua garganta.

— Me conte uma coisa.

— O quê?

— Se eu tivesse sido outro macho, se meu rosto fosse diferente, se o curso da minha vida estivesse em outro caminho, você...

— Eu o quê?

Demorou muito para ele responder.

— Você teria se acasalado comigo corretamente? E moraria no mesmo teto comigo... e teria meus filhos e os criaria comigo? Se eu fosse um sapateiro ou um fazendeiro, um criador de cavalos ou um fabricante de hidromel, você ficaria ao meu lado e seria minha *shellan*?

Ela tocou seu lábio superior.

— Eu sou sua *shellan* agora.

Enquanto ele exalava, os olhos dele se fecharam.

— Eu queria que tudo tivesse sido diferente. Desejaria que uma noite, há muito tempo, eu tivesse escolhido outra fogueira para visitar, outra floresta para atravessar.

— Eu não. Pois se você não tivesse ido lá, onde quer que fosse, nunca nos encontraríamos.

— Talvez esse tivesse tido o melhor caminho.

— Não — ela disse com firmeza. — Tudo é como deveria ser.

Exceto pela parte que ele a estava deixando.

— Talvez no futuro — ela sussurrou — depois que Lyric e Rhamp estiverem crescidos e por conta própria, eu possa ir encontrá-lo? Depois que suas transições acabarem e...

— Eles sempre precisarão de sua *mahmen*. E sua vida estará sempre aqui no Novo Mundo.

Mesmo que quisesse discutir com ele, sabia que estava certo. Passariam décadas antes que seus filhos fossem verdadeiramente independentes, e quem sabe como seria a situação da guerra? Se Rhamp

seguisse os passos de seu pai e se tornasse um Irmão, Layla não descansaria enquanto ele estivesse em ronda, mesmo que estivesse em Caldwell. Além de um oceano inteiro? Ela não poderia lidar com isso.

E se Lyric quisesse lutar? Havia mulheres no programa do Centro de Treinamento. Lyric poderia muito bem decidir pegar uma adaga.

Ela poderia ter dois filhos lá fora na guerra.

— Há graça em não lutar com o que não pode ser mudado — ele disse enquanto beijava a clavícula dela. — Deixe isso. Deixe-me ir quando chegar a hora.

— Mas talvez haja outra solução — embora não pudesse imaginar o que pudesse ser. — E se...

— Qhuinn nunca me aceitará perto dos seus filhos. Mesmo que a Irmandade e o seu Rei abraçassem a mim e aos meus homens, o pai de seu filho e sua filha nunca me aceitaria perto deles, e se eu não estiver em sua vida, as coisas entre você e ele irão aliviar. Ou, pelo menos, essa é a minha esperança e minha oração fervorosa, que algum dia ele a aceitará de volta à sua vida.

Mas isso nunca vai acontecer, ela pensou. A fúria de Qhuinn não conhecia fronteiras nem limite de tempo. Algumas coisas, como tinta em pergaminho, eram indelévels.

— Faz amor comigo? — Ela sussurrou.

Com uma onda de poder agora familiar, Xcor se moveu sobre ela, seus corpos tão à vontade um com o outro agora, que seu sexo entrou no dela sem posicionamento, apenas um deslizamento suave.

Quando ele começou a empurrar dentro dela, ela pensou no sexo que eles tiveram durante as horas do dia. Seu treinamento de *ehros* tinha chegado à tona de maneiras que o chocaram, excitaram e o surpreenderam, e ele não se queixou. Mas não era para dizer que tinha sido um momento feliz. Para ambos, as horas tinham mantido um desespero, uma pressa para tocar, beijar e penetrar, como se alguém consumisse rapidamente o que estava em um prato prestes a ser levado.

E ainda agora, quando Xcor encontrou seu ritmo e ela ecoou isso com o seu próprio, este era um tipo diferente de fazer amor. Isso não era nem mesmo sobre sexo, por si só.

Isto era o mais próximo que suas almas podiam se fundir, as partes do corpo secundárias aos seus corações se juntando.

Pouco antes de encontrar uma liberação agridoce, ela sussurrou no ouvido dele.

— Você ficará a salvo lá hoje à noite?

Quando ele não respondeu, ela não tinha certeza se era porque ele tinha começado o orgasmo... ou porque sabia que não poderia prometer isso e não queria mentir para ela.

No Pit, Vishous sentou-se na cadeira acolchoada e olhou para a imagem no monitor do computador. A combinação de pixels, da luz e obscuridade, do cinza, do verde e do azul profundo preencheu, ohhhhhh, oito horas para isolar e processar até o ponto em que você pudesse ver muito disso.

E enquanto olhava para o rosto do atirador misterioso, aquele que havia salvado a vida de Tohr naquele beco há algum tempo, tudo o que podia fazer era balançar a cabeça.

— Tão estranho, porra.

As feições eram bastante claras agora, mas sim, aquele lábio superior distorcido de Xcor era a prova. Sem isso, poderia ser difícil dizer quem era, como todos os lutadores com cabelos curtos, sobrancelhas pesadas e maxilares duros eram como moedas em uma gaveta de meia.

Bastante indistinguível.

Mas não, você adiciona aquele lábio leporino e se conseguia um traidor. Quem realmente não era muito um traidor como se apresentou...

— Oi.

Quando V ouviu uma voz estranha, ele levantou a cabeça. Jane estava parada na frente dele, alisava o jaleco enrugado, os Crocs manchados de sangue, os cabelos em pé como se estivessem tentando se afastar de seu cérebro. Ela parecia exausta, desgastada, arrastada de um buraco de ratos.

Ele abriu a boca para dizer algo a ela, mas então seu telefone tocou.

Quando viu quem o estava chamando, sentiu o sangue sair da cabeça dele.

— Você pode atender — ela disse com um bocejo. — Eu espero.

V silenciou o toque e não ouviu nada além do coração dele batendo forte.

— Não é nada importante.

Jane aproximou-se do sofá de couro e desabou no seu canto distante de almofadas.

— Eu não sei o que fazer sobre Assail. É uma ruptura psicótica completa. Nunca vi nada parecido e nunca mais quero — ela esfregou o rosto. — E eu não posso ajudá-lo. Não posso trazê-lo de volta. Fui até Havers centenas de vezes vasculhando seus casos lá atrás, conversando com sua equipe e com ele. Manny procurou as pessoas no mundo humano. Tudo que estamos chegando é beco sem saída e isso está me matando.

Ela estava olhando para o espaço enquanto falava, seus olhos arregalados como se estivesse recordando conversas na sua cabeça, procurando um ângulo ou uma resposta que pudesse ter perdido.

Jane esfregou suas têmporas sem sentir dor.

— Não posso dizer o quanto isso é difícil. Ver o sofrimento e não poder fazer nada a respeito disso.

Quando o celular de V tocou novamente, ele quase jogou a coisa no chão quando o colocou no silencioso.

— Tem certeza de que não quer atender? — Jane disse. — Parece urgente.

— O que posso fazer para ajudá-la? — Perguntou ele.

— Nada. Só me deixe dormir. Não consigo me lembrar da última vez que descansi — ela olhou para ele. — Até mesmo os fantasmas precisam de uma recarga, como está parecendo.

Justo quando ela disse essas palavras, sua forma corpórea começou a desaparecer, as cores de seus olhos e sua pele, até as roupas que se aqueciam para sua temperatura corporal imortal, desaparecendo.

Desaparecendo diante dos seus próprios olhos.

Ela disse algumas outras coisas e ele também, nada de balançar a terra, tudo logístico, tipo quando ele estava saindo quando ela estava voltando.

E então ela estava de novo em pé e embaralhando sobre ele. Quando ele ergueu o olhar da cadeira, viu os lábios dela se mexendo e ele mandou os dele sorrirem em resposta, apesar de não ter ideia do que tinha saído da boca de Jane.

— Bem? — Ela perguntou.

— O quê?

— Você está bem? Parece desligado.

— Muita coisa acontecendo agora. Você sabe, na guerra.

— Sim, eu ouvi. Payne e Manny estavam falando sobre isso.

— É melhor você se deitar antes de cair.

— Você está tão certo.

Mas ao invés de sair, ela estendeu a mão para ele e passou a mão fantasmagórica através do cabelo dele — e ela enquanto fazia isso, ele pensou que havia uma razão pela qual não gostava de ser tocado.

E isso era verdade em níveis além do literal.

— Eu amo você — disse ela. — Desculpe, nós não conseguimos passar muito tempo juntos ultimamente.

— Isso não importa.

— Eu acho que sim.

Vishous estendeu sua mão enluvada e tirou a mão dela. Forçando outro sorriso, ele disse.

— Você tem seu trabalho. Eu tenho o meu.

— É verdade, e não estamos indo a lugar nenhum.

Ele estava bem ciente de que ela quis dizer isso de forma reconfortante, tipo uma forma de “nossa relação é sólida”, e quando ele assentiu, também estava bem ciente de que ela tomaria sua aparente afirmação na mesma linha.

Mas enquanto ela vagava para o quarto deles sozinha, ele sabia que estava concordando com a declaração de uma maneira completamente diferente.

E isso deveria tê-lo deixado triste.

Mas não sentiu nada

CINQUENTA E NOVE

Quando alguém bateu na porta do quarto de Qhuinn, ele não estava pronto pra se levantar da cama atender a quem procurava atenção. Ele tinha mais uma hora antes de ir à reunião no estúdio de Wrath e, mais provavelmente, conseguir uma mordida na bunda — talvez também ser expulso da Irmandade como Tohr tinha sido — e além dele ter dado um jeito pra tomar banho e se vestir, estava muito pirado para fazer qualquer outra coisa.

Tipo, você sabe, tentar um discurso civilizado. Ou fazer qualquer outra coisa além de respirar.

A batida ficou mais alta.

Enquanto erguia a cabeça e desnudava as presas, abriu a boca para sibilar um cai fora...

Mas em vez disso, pulou de pé.

Apressando-se, puxou a porta escancarada como se houvesse escoteiras com de pedidos de biscoitos do outro lado.

Blay estava de pé ali no corredor parecendo tão comestível que era quase ilegal, seu corpo coberto de couro e armas, que era a roupa favorita de Qhuinn no cara. Além de ficar nu.

— Se importa se eu entrar? — Ele disse.

— Sim. Quero dizer, não, merda, por favor. Sim, entre.

Cara, se ele fosse mais suave, seria um Bombril.

Blay fechou a porta e aqueles lindos olhos dele foram até os berços.

— Você quer vê-los? — Qhuinn disse se afastando, mesmo que não estivesse no caminho.

— Sim, quero.

Blay caminhou para lá, e apesar dele estar de costas, Qhuinn podia sentir o sorriso no rosto do cara enquanto cumprimentava um e depois o outro.

Mas quando se virou de novo, ele era todo negócios.

Aí vem, pensou Qhuinn quando ele atravessou e sentou-se na cama. A resposta para o resto de sua vida. E ele sabia sem ter consciência dos detalhes específicos de que isso ia doer.

Blay alcançou dentro de sua jaqueta de couro.

— Eu não quero isso.

Quando ele tirou os documentos que Saxton tinha preparado, Qhuinn sentiu o coração cair. Ele não tinha muito a oferecer, além de seus próprios malditos filhos. Se Lyric e Rhamp não pudessem trazer o macho de volta, nada traria...

— Eu amo você — disse Blay. — E te perdoo.

Por uma fração de segundo, Qhuinn não conseguiu decifrar as palavras. E então, quando elas se aprofundaram, teve certeza de que devia ter ouvido mal.

— Vou dizer novamente. Eu te amo... e eu te perdoo.

Qhuinn saltou e cruzou a distância entre eles mais rápido do que um relâmpago. Mas foi reprimido antes que pudesse beijar o cara.

— Espere — respondeu Blay. — Eu tenho algumas coisas para dizer.

— Seja o que for, concordo com tudo. Qualquer coisa, tudo, estou dentro.

— Bom. Então você vai fazer isso certo com Layla — Qhuinn deu um passo atrás. E outro.

Blay bateu nos documentos com a mão aberta.

— Você me ouviu. Não preciso que nenhum direito parental seja legalmente concedido. Você não tem que fazer uma besteira espalhafatosa como essa, embora aprecie o sentimento e honestidade, isso me convenceu de que falou muito sério sobre o que disse. Mas você me disse que faria qualquer coisa, e estou tomando você como homem de palavra. Você não vai estar acertado comigo até se acertar com a Layla.

— Não sei se posso fazer isso, Blay — Qhuinn colocou as palmas pra cima. — Não estou sendo um idiota aqui. Eu realmente não estou. É só... eu me conheço. E depois que ela os colocou em perigo assim, e mentiu por tanto tempo para encobrir isso? Eu não posso voltar atrás nisso, nem mesmo por você.

— Eu acho que você precisa focar mais em quem Xcor é, e não no que ela fez.

— Eu sei quem ele é. Essa é a questão.

— Bem, acabei de falar com Tohr, que me contou tudo...

Qhuinn levantou suas mãos e caminhou ao redor.

— Ah qual é...

— E realmente acho que você precisa reformular as coisas.

— Não vou esquecer o que aconteceu, Blay. Não posso.

— Ninguém está te pedindo pra fazer isso.

Enquanto Qhuinn andava de um lado pro outro, ele decidiu que essas conversas sobre aquele Bastardo estavam transformando as coisas num fodido *Feitiço do Tempo*. Sem Bill Murray. Então sim, isso era uma droga.

— Olha, não quero discutir com você — ele disse enquanto parava e olhava através do quarto para Blay.

— Também não quero isso. E não estamos debatendo porque não vou mais discutir isso. Faça a coisa certa com a Layla ou não vou voltar.

— Mas que infernos, Blay, como pode fazer isso conosco por causa dela?

— Estou fazendo isso por essa família. Pelos dois — ele apontou para os berços — e nós três. Somos uma família, mas apenas se nos juntamos. O sangue significa muito, e depois da merda que seus pais fizeram, você conhece isso de primeira mão. Se não pudermos... se *você* não pode perdoar, amar e seguir em frente, então você e eu não vamos durar, porque não vou me sentar e fingir que estou bem com você magoando essa sua pobre filha, só porque ela se parece com sua *mahmen*. Ou esperando até que eu faça algo que você não pode superar. Você me desafiou a perdoá-lo pelo que você fez, e eu perdoei. Agora espero que você faça o mesmo por Layla.

Blay voltou para a porta.

— Eu amo você com tudo que tenho, e quando você e Layla tiveram essas crianças? Você me deu uma família completa. E quero minha família de volta, toda ela, e isso inclui Layla.

— Blay, por favor...

— Essa é a minha condição. E vou insistir nisso. Vejo você na ronda.

Quando Xcor se preparou para sair da fazenda pouco antes da meia-noite, ele deixou sua *shellan* verificar os fechos no colete à prova de balas. Ela era muito minuciosa, a tal ponto onde teve a sensação que se ela pudesse se amarrar em seu peito, ela teria.

Capturando as mãos dela, ele beijou a ponta dos dedos um a um.

— Sou um homem de sorte, para ser cuidado assim.

Destinos, ele odiava a angústia dela. Teria feito tudo o que podia para substituir isso com alegria, especialmente porque temia que apenas mais tristeza estivesse adiante dela. Se ele vivesse para atravessar esta noite, se a Irmandade fosse verdadeira com o que Wrath queria, eles ainda estariam fora de estrada na jornada deles.

— Temo que não posso deixar você sair — ela disse através de um sorriso vacilante. — Temo... que não posso suportar você ir.

Quando sua voz quebrou, ele fechou os olhos.

— Eu voltarei para casa logo em breve.

Ele a beijou para que não pudessem mais falar sobre isso e, quando ela devolveu seu abraço, ele tentou se lembrar de todos os detalhes sobre a forma como ela se moldava contra ele, e como era o sabor de seus lábios, e como que era ter o cheiro dela no seu nariz.

Quando finalmente recuou um pouco, ele encarou dentro daqueles olhos verdes pálidos. Que se tornou sua cor favorita. Quem sabia que ele tinha uma?

Então se afastou e não olhou para trás. Ele não se atreveu.

Andando para a porta deslizante, ele podia cheirar suas lágrimas, mas novamente não parou em seu caminho. Não havia como parar nada disso agora.

A porta não fez nenhum som quando ele abriu e atravessou, e teve o cuidado de não se virar enquanto a fechava atrás de si.

Avançando para o brilho das luzes de segurança da varanda, ele passou pela esquina mais distante da garagem. Havia um antigo galpão lá, um que era grande o suficiente para um cortador de grama, e alto o suficiente para as alças de enxadas e pás.

Quando abriu a porta frágil, suas dobradiças soltaram um rangido de protesto.

Entrando na escuridão, recuperou sua foice e virou-a nas costas, prendendo-a com um simples laço de corda que atravessava seu peito. Não queria trazê-la para casa com Layla. Isso simplesmente tinha parecido errado.

Com as facas e as armas que já tinha sobre ele, estava pronto para a guerra, não importa quem a traria, seja *lesser* ou Irmão.

Quando fechou os olhos e preparou-se para desmaterializar para encontrar seus homens, ele rezou por duas coisas.

Uma, que ele voltasse aqui para ver Layla mais uma vez antes de partir.

E duas, que Wrath tivesse tanto controle como ele parecia pensar que tinha sobre a Irmandade.

Engraçado como as duas coisas estavam intimamente ligadas.

SESSENTA

Quando se Tohr sentou sozinho no quarto que compartilhava com o Autumn, ele segurou uma adaga negra nas mãos. A lâmina tinha sido modelada e feita por Vishous, a arma mantida constantemente afiada, seu cabo perfeitamente ajustado para a pegada de Tohr, e somente para Tohr.

Era incomensurável pensar que ele nunca mais a manejaria.

Quando contou à sua *shellan* o que havia acontecido e o porquê, ela tinha ficado entristecida. Foi a primeira vez que ele percebeu que realmente a decepcionou, e dado que ele ainda era apenas meio macho por causa de toda a merda de Wellsie? Isso realmente dizia algo.

Pelo menos os dois tinham um lugar para ir. Xhex iria deixá-los ficar nas próximas duas noites naquela cabana de caça dela, aquela em que ele e Layla tiveram seu confronto.

Ele estava tãaaaao feliz por voltar lá.

Virando a adaga, inclinou a lâmina preta para que a luz da mesa de cabeceira atingisse os pequenos cortes nas bordas afiadas. Estava prestes a sugerir que V fizesse um pequeno trabalho de polimento nela, não era como se Tohr tivesse permissão de fazer. Esse Irmão trabalhara tão duro criando as armas que ele atacaria se alguém tentasse polir isso.

Mas acho que tudo era discutível agora...

Ok, por que diabos a porra do Simon e Garfunkel passava pela sua fodida cabeça? *HeIIIIIIloooooo darrrrrknesssss myyyy olIIIIld friiiiend...*

— Caralho.

Difícil saber o que era pior. Aquela música horrível dos anos sessenta com aquele refrão através de seus neurônios, ou o fato de ter sido demitido do único trabalho que já havia feito, sempre quis fazer, sempre foi bom nisso.

Embora convenhamos, quanto difícil poderia ser trabalhar numa fritadeira? Tinha que esperar ansiosamente.

E enquanto isso, sua bela fêmea estava no porão com Fritz tentando encontrar caixas para as merdas deles...

A batida em sua porta foi uma bem-vinda diversão. A essa altura, ele acabaria no Prozac e M&M's para lidar com a depressão que estava embalando.

— Entra! — talvez fosse um *doggen* com um monte de caixas. — Oi? Entra!

Quando não houve resposta, ele franziu a testa e levantou-se para ir até a porta. Colocou seus couros e shitkickers quando se vestiu porque era exatamente o que ele fazia. Talvez agora os trocasse por um monte de cardigãs e roupas caquis frouxas de vovô que se enrugavam na bunda e ficavam no lugar graças a suspensórios.

Sim, porque aquilo era hot...

Quando abriu a porta, ficou sem palavras.

Wrath estava parado ali parecendo o Rei que ele era, todo vestido de preto com aqueles óculos escuros envolventes.

Atrás dele em um semicírculo, a Irmandade, e Blay e John Matthew, estavam como uma guerra à espera de acontecer, todos esses machos armados e prontos para lutar.

— Oi, meu velho amigo — disse Wrath enquanto oferecia sua mão. — Quer vir para a festa?

Tohr engoliu em seco.

— O que, ah... hum... me desculpe?

Wrath apenas deu de ombros.

— Saxton está enchendo o saco sobre políticas de recursos humanos e procedimentos. Aparentemente, nestes tempos precisa avisar alguém antes de trazê-los pra dentro. Você sabe, oferecer reciclagem, treinamento, limpar os traseiros para eles, você sabe, esse tipo de coisa. Antes de demiti-los.

Rhage emendou.

— Além disso, encare. Você é o mais razoável neste grupo.

— O mais foda de todos — alguém falou. — Em vez de meio foda como o resto de nós.

— Um quarto de foda no caso de Rhage.

Hollywood virou-se e olhou para V.

— Ok, foda-se...

— Com o quê?

Wrath pôs uma mão sobre o rosto.

— Jesus, querem parar, pessoal! — Deixando o braço cair, ele disse com exaustão. — Então vamos só colocar sua bunda em provação, tudo bem? Ótimo. Estou tão feliz que possamos seguir com isso.

O Rei o agarrou e puxou para a frente em um forte abraço.

— Agora vamos resolver esta coisa do Xcor do jeito certo, ok? E Beth já foi contar para Autumn. Não há tempo para você ir, temos que sair agora.

Atordado, mas ficando menos confuso a cada segundo, Tohr abaixou os olhos e os enxugou virilmente. Há muito, muito tempo, ele tinha sido escolhido para se juntar à Irmandade, e nunca nem uma vez antes lhe ocorreu que, fora a morte, ele se encontraria olhando do lado de fora. Mas certamente merecia isso e muito mais pelo que ele havia feito.

E embora não conseguisse colocar esse indulto a meio de perder sua companheira e filho? Era uma lembrança de que o destino não era totalmente cruel.

Com uma voz rouca, ele disse.

— Sim, tudo bem. Vamos fazer isso.

Houve uma torcida geral, e alguns sérios tapas nas costas. E sim, queria ir encontrar sua companheira e falar com ela, mas o relógio do vovô no corredor começou a tocar.

Não havia mais tempo. Era meia-noite.

A Irmandade e o Bando de Bastardos tinham que tentar fazer as pazes. E ele tinha que ir olhar seu irmão na cara.

Quando V se materializou na frente do armazém abandonado, ele testou o ar com o nariz e deu aos seus instintos o máximo de espaço pra respirar que desejavam.

Nada.

Quinze com Mercado era um bom cenário para esta reunião histórica e potencialmente perigosa, ele decidiu, o antigo prédio do celeiro adequadamente deserto, com painéis quebrados suficientes em sua versão capitalista de claraboias que, se tivessem que cair fora depois que entrassem, isso era uma rápida viagem por várias saídas.

Avançando, ele tinha Rhage à direita e Butch à sua esquerda, e isso parecia bastante impressionante estar em um possível conflito. Ele realmente queria lutar contra algo, e deduziu que se os Bastardos não provassem ser idiotas totais, então depois que isso tiver acabado, ele e seus Irmãos poderiam encontrar alguns *lessers*.

Ou talvez saísse sozinho e fizesse alguma outra coisa.

Seja o que for, sabia que não precisava voltar para casa por umas boas seis horas e faria uso do tempo.

Porra, ele estava realmente indo para...

Tanto faz, ele pensou enquanto fechava sua bolsa de ataques mentais. Você não tinha que ser um gênio como ele para saber era que se fosse para uma luta distraído não teria que se preocupar com nada, porque acordaria morto na manhã seguinte.

O armazém era sua gaiola de pássaros deserta de quarenta e cinco metros quadrados padrão, não muito sobrando além do seu exoesqueleto podre e enferrujado e um telhado de metal caído que era um capacete contra alguém com desejo de morrer. Havia várias portas, e depois que o trio caminhou pelo lado do prédio que foram designados, eles esperaram o sinal para entrar depois que a varredura dentro fosse completada por Phury e Z.

De costas esmagadas contra o tapume do edifício, e suas armas para fora e para cima, V escaneou a área. A visibilidade era fantástica sem árvores para bloquear a sua visão, nada além de edifícios mais desocupados, escombros e pavimentos por quadras e quadras e quadras, o bairro era um deserto da era industrial que havia sustentado essa parte da cidade há tanto tempo...

Assim quando o celular de todo mundo tocou anunciando que estava limpo no interior, cinco figuras apareceram, um a um, no terreno vazio do outro lado da rua.

V tirou o celular e enviou um áudio: *Nós os temos. Indo nos aproximar.*

Ele não precisava contar a Rhage e Butch o que diabos fazer, e era por isso que os amava. Os três apenas avançaram, atravessando a neve com crosta antes de subir no banco de neve e caminhar até o centro da estrada. Como se o Bando de Bastardos tivesse o mesmo manual de jogo, eles também vieram da sua posição, seus grandes corpos se movendo em uníssono, suas armas para fora, mas não para cima, Xcor no centro.

Os dois grupos se encontraram no meio da estrada.

Vishous falou primeiro.

— Boa noite, rapazes. Como estamos?

Não sentiu nem ódio nem amor vindo dos outros lutadores. Bem, exceto pelo cara no final: aquele na extrema esquerda estava deixando uma vibração como se quisesse ficar agressivo, mas V tinha a impressão de que essa era sua vibe normal e não qualquer coisa específica para essa situação.

V não abaixou suas armas, mas não exigiu que eles se desarmassem também, mesmo que isso o deixasse ansioso como a merda. O baixe-suas-armas iria acontecer lá dentro.

— Estamos preparados para seguir vocês — disse Xcor em tons claramente enunciados.

— Bom — V encontrou os olhos de cada um deles. — Aqui está o modo como vamos fazer isso, verdade? Vamos escotar vocês pra dentro. Vão conhecer todo mundo, e teremos um pequeno coquetel com petiscos e bebidas. Então vamos ver um show, e vamos cobrir a noite de folga com uma série de compras na Saks e uma rodada de manicure e pedicure. Tudo bem? Ótimo. Andando, filhos da puta.

Xcor não hesitou, e V tomou isso como um bom sinal.

E os outros estavam bem em seus calcanhares.

Isso ele tomou como um sinal ainda melhor: se esses garotos estavam dispostos a mostrar suas costas, havia algum tipo de confiança acontecendo aqui.

Caindo na fila atrás do Bando de Bastardos, V seguiu voltando para o banco de neve baixo através desse “gramado” de neve e gelo e até a porta.

V juntou os lábios e soltou um curto assobiou. Assim que o fez, o painel de metal abriu e John Matthew o manteve aberto.

Você quer falar sobre tensão? O Bando de Bastardos quando entraram no ventilado interior, estavam tão relaxados quanto prisioneiros indo para a cadeira elétrica. Mas eles mantiveram sua posição enquanto olhavam em volta, e ninguém começou a atirar enquanto continuavam a avançar.

V estava disposto a apostar que eles avaliaram as mesmas saídas no espaço aberto que a Irmandade avaliou. As mesmas portas. As mesmas vigas. Os mesmos painéis de janela vazios.

— Parem aqui — disse ele. E eles pararam.

Hora do show, pensou V quando deu a volta para ficar na frente da formação.

— Agora, cavalheiros, antes de trazer o Rei para dentro, receio ter que deixar vocês pelados — ele apontou para o chão de concreto. — Todas as suas armas aqui. Comportem-se e vão tê-las de volta. Não se comportem, e vamos deixá-los sangrando sobre elas.

SESSENTA E UM

O coração de Tohr estava batendo forte quando deu um passo de onde estava de pé contra a parede do armazém. Ele deveria manter sua posição por esta porta ocidental, mas não podia ficar. Seus pés o levaram inexoravelmente para a frente, seus olhos em Xcor.

— Onde você está indo? — Blay sibilou atrás dele.

— Apenas um pouco mais perto. Fique aí.

Um pouco mais perto, sua bunda. Ele percorreu todo o caminho até onde o Bando de Bastardos se alinhara no centro do armazém deserto.

V estava dirigindo-se a eles, a voz do Irmão ecoando pelo alto teto.

— Bem aqui — ele repetiu enquanto apontava para os pés.

Na parte de trás de sua mente, Tohr sabia que isso ia contar muito. Se os Bastardos se recusassem ao desarmamento ou ficassem examinando, então era uma boa aposta que isto era uma emboscada das proporções do cavalo de Tróia. Mas se eles...

Um a um, cada um dos guerreiros de Xcor cumpriu a ordem, jogando armas e facas na laje de concreto e chutando-as na direção de Vishous. Até Xcor tirou a enorme foice dele das costas e enviou-a para V.

— Você quer ajudar a revistá-los? — Disse V. — Ou veio aqui para me dar uma outra camada de brilho labial?

Demorou um momento para descobrir que Vishous estava falando com ele.

— Vou revistar.

Quando o Irmão assentiu, e Butch e Rhage olharam para os Bastardos como se os machos fossem granadas com pinos, Tohr caminhou até Xcor e o encarou nos olhos.

Deus, por que não havia notado antes? Eles eram da cor exata dos dele.

—Tohr? — V disse bruscamente. — O que você está fazendo, cara?

E aquela mandíbula. Era igual a dele. O cabelo escuro.

Esse lábio era uma distração que fazia você não considerar o resto, mas agora que ele olhara para além disso?

Tohr sentiu uma mão pesada pousar no ombro dele. E então a voz de V estava alto em sua orelha.

— Eu realmente preferiria que, se alguém fizesse algo estúpido, fosse um deles. Não será um de nós, verdade?

Xcor encarou de volta para ele calmamente, sem medo ou agressão: ele era um macho que se resignava ao seu destino, sem medo do que estivesse diante dele, e você tinha que respeitar isso.

— Tohr. Lembra-se de toda coisa do indulto?

Tohr assentiu distraidamente, não ouvindo nada de verdade. A coisa era, ele se perguntara, desde que Wellsie morreu com seu filho ainda no ventre, o que seria olhar nos olhos de um parente de sangue. A perda dessa possibilidade havia sido mais uma coisa para lamentar.

Nunca tinha considerado que alguma noite ele conhecesse o olhar de seu irmão.

Xcor falou suavemente.

— O que você vai fazer?

Foi quando Tohr percebeu que não havia posto as armas no chão. Mas antes que pudesse corrigir isso, V disse:

— Pra sua informação, você só está vivo hoje por causa dele.

Isso chamou a atenção de Tohr e ele olhou para Vishous.

— Desculpe?

— Encontrei um pequeno vídeo deste filho da puta bem aqui, defendendo você contra um *lessen*. É um verdadeiro clássico. Eu assisti repetidamente por horas hoje.

— Espere, o quê?

— Você se lembra quando estava tentando se transformar em uma peneira entrando em uma chuva de balas? Bons tempos — V revirou os olhos. — Ei, eu tenho uma ideia. Por que não fica amigo dele no Facebook, e então pode esperar o dia em que receber um post de memórias com ele. Grande coisa. Então apenas “curta”. Agora, desarme-o ou volte à porra da posição.

Tohr sabia exatamente a que loucura V se referia, lembrou-se precisamente no momento em que ele ignorou sua própria mortalidade e todas as leis da física e entrou na linha de fogo do inimigo.

Franzindo o cenho, ele disse a Xcor.

— Isso é verdade?

Quando o Bastardo assentiu uma vez, Tohr exalou.

— Por quê?

— Não é importante agora — respondeu o Bastardo.

— Não, é tudo. *Por quê?*

Xcor olhou para V como se tentasse sentir se o Irmão ia perder a paciência com tudo isso.

Tarde demais para isso, pensou Tohr. Mas foda-se, ele nunca mais teria essa chance novamente.

— Por quê? — Ele exigiu novamente. — Nós éramos inimigos.

Quando Xcor finalmente respondeu, sua voz estava firme e fortemente acentuada.

— Você foi tão corajoso. Saiu para aquele tiroteio sem medo. Independentemente de nossas posições na época, eu não queria que um guerreiro dessa coragem fosse morto dessa maneira. Em um conflito honesto, sim. Mas não assim, um alvo fácil. Então atirei no atirador.

Tohr piscou e pensou em tudo o que ele teria perdido se tivesse morrido naquela noite. Autumn. A chance de fazer parte dessa paz negociada. O futuro.

Pelo canto do olho, viu algo se movendo...

Não, era apenas Lassiter. O anjo caído havia chegado e isso não era surpresa. Ele era como o vizinho intrometido que estava olhando em cima da cerca sempre que havia drama.

Tohr focou novamente naqueles olhos azuis marinhos, assim como os seus. E então abaixou uma das armas e colocou a outra de volta no coldre.

Levantando a mão da adaga, ele ofereceu a palma da mão.

Xcor olhou para ele.

Depois de um longo momento, o Bastardo aceitou o gesto... e dois irmãos apertaram a mão pela primeira vez.

Embora apenas um deles soubesse disso.

Do ponto de vista de Qhuinn no canto mais distante do armazém, ele observava as coisas se desenrolarem. O Bando dos Bastardos entrando no prédio abandonado, parando no meio, ouvindo V e se desarmando ao seu comando. Tudo isso estava planejado. Mas então Tohr avançou.

Quando o shitkicker do Irmão fazia o seu caminho até o centro, todos os outros na porra daquele lugar inteiro prenderam a respiração, mas Qhuinn não. O Irmão não seria estúpido. Não estava em sua natureza, além do mais ele tinha honra...

— *Disse o quê?* — Qhuinn gaguejou quando V começou a falar e acabou em algo sobre Xcor ter salvado a vida de Tohr.

Oh, ele testemunhou de primeira mão esse pequeno interlúdio suicida, essa insanidade. Era uma daquelas histórias sobre as quais a Irmandade sussurrava quando estavam bêbados e eram três da tarde e ninguém mais estava por perto, uma entrada no catálogo do passado que fazia o custo do trauma da guerra tão real.

Mas que diabos? Como V conseguiu o vídeo? Uma câmera de segurança? Algum humano à margem?

O que importava...

Quando uma figura se materializou do nada bem do lado dele, Qhuinn quase puxou o gatilho, mas a cabeça loira e preta era inconfundível.

— Você quer ser baleado? — Exigiu Qhuinn.

Numa voz de Darth Vader, o anjo disparou:

— Suas armas não são nada contra mim.

— Pelo amor de Deus...

De repente, o rosto de Lassiter estava bem na frente dele e não havia absolutamente nenhuma diversão naqueles estranhos olhos coloridos.

— Prepare-se.

— Para quê?

Naquele momento, Wrath se materializou no centro do armazém à direita de Vishous. E foi por isso que escolheram o vasto espaço vazio. Por causa da cegueira do Rei, não havia nada para atrapalhar em seu caminho, nada para tropeçar, nada para esbarrar ou parecer fraco ao ter que confiar nos Irmãos para levá-lo por aí.

Cara, pensou Qhuinn enquanto media os grandes corpos dos bastardos. Realmente não gostava deles tão perto do Rei, mesmo que estivessem desarmados.

— Então, isso realmente vai acontecer, hein? — Qhuinn sacudiu a cabeça para os Bastardos e a Irmandade em pé, tão próximos e juntos. — Nunca pensei que chegaria esta noite, te digo isso.

Quando Lassiter não respondeu, ele olhou em volta. O anjo caído tinha desaparecido.

Qhuinn tornou a focar e ouviu, o que não era difícil. A voz de Wrath se elevava como um órgão de igreja.

— Eu entendo que o juramento que vocês têm é para com o seu líder. Isso é bom. Mas ele jurou lealdade a mim, e como tal, isso liga todos vocês. Há alguma dissidência aqui?

Um a um, os Bastardos falaram um ressonante não, e era óbvio que o nariz de Wrath estava alargando e que o Rei estava testando seus aromas.

— Bom — disse Wrath. Então ele mudou para a Língua Antiga. — *Eu, desse modo ordeno a essa assembleia que prometam seu juramento ao seu líder na presença do Rei ao qual ele mesmo jurou. Prossigam agora com o joelho dobrado com a cabeça curvada e coração fiel.*

Sem conversa ou hesitação, um por um, o Bando de Bastardos se ajoelhou diante de Xcor, abaixando a cabeça e beijando os dedos de sua mão da adaga. E o tempo todo, Wrath estava ao lado deles, testando o ar, procurando, mas evidentemente não encontrando nenhum subterfúgio.

Quando terminou, Xcor virou-se para Wrath.

O coração de Qhuinn bateu forte quando olhou para o rosto do macho. Embora houvesse uma certa distância entre eles, ele rastreou essas feições, esses ombros, esse corpo. Lembrou-se de que eles trocaram socos naquelas rodadas no túmulo.

Pensou em Layla grávida de Lyric e Rhamp.

E então ouviu Blay dizendo-lhe para fazer o certo com a Escolhida para que eles pudessem estar acertados. Então sua família podia ser completa. Assim o passado poderia ser visto com lógica, não emoção.

Foi com a imagem de seus filhos diretamente em sua mente que ele observou como Xcor caiu de joelho na frente de Wrath.

Wrath colocou o diamante preto, o símbolo do trono, o anel que tinha sido do pai dele e do pai de seu pai antes disso.

O anel que talvez L.W. usasse algum dia.

— *Incline sua cabeça diante de mim* — Wrath comandou na Língua Antiga. — *Jure-me seu serviço a partir desta noite em diante. Não haverá conflito entre nós.*

Qhuinn respirou fundo.

E então soltou enquanto Xcor abaixava a cabeça, beijava a pedra e dizia, alto e claro:

— *A você, eu prometo minha vida e meu sangue. Não haverá nenhum conflito entre nós até o meu túmulo reivindicar a minha carne mortal. Este é o meu juramento solene.*

Qhuinn fechou os olhos e abaixou a cabeça.

Justo quando *lessers* atravessaram todas as portas que havia.

SESSENTA E DOIS

As portas do armazém se abriram em rápida sucessão, Bam! Bam! Bam! E os *lessers* pipocaram movimentando-se rapidamente.

Esse era o pior pesadelo de Vishous.

E a primeira coisa que ele fez foi ir para Wrath. Com uma guinada rápida, ele agarrou o Rei e o cobriu com seu corpo.

O que acabou por ser como manter um touro mecânico no chão.

— Você vai deitar, porra! — Vishous sibilou quando a luta estourou.

— Me dê uma arma! Me dê a porra de uma arma!

Tiros. Maldição. Facas cortando. Quando todos os Irmãos contra-atacaram e os Bastardos mergulharam em seus armamentos para ajudar.

— Não me faça te derrubar! — V rosnou quando ele abraçou a parte superior do corpo de Wrath e tentou se tornar mais pesado. — Puta que pariu!

Indo na teoria de que você não poderia manter um bom guerreiro no chão — mesmo que a vida do filho da puta dependesse disso — Wrath realmente ficou com os dois pés no chão e se levantou, apesar do fato de que V estava cobrindo sua cabeça e pescoço como um cachecol, em suas costas, pernas chutando na frente.

Era um inferno ser carregado como por um bombeiro e tão imprevisível como um Jeep atravessando um leito de rio.

O bom? Acho que eles estavam testando os vínculos de todos esses juramentos fodidos hoje à noite, e a merda estava segurando: os Bastardos estavam lutando contra os *lessers* lado a lado com a Irmandade, e sim, uau, eles eram alguns FDPs letais com certeza.

Mas V não estava prestes a ser um Dana White²⁸ neste octógono improvisado. Ele tinha o Rei idiota para manter vivo...

Quando uma bala passou raspando bem ao lado de sua cabeça rodando e sacudindo, Vishous se perdeu.

— Você vai sair desta porra...

— Perdoe-me, meu Senhor.

Hã? Quando V olhou para trás, viu Xcor agachado ao lado deles.

— Mas isso não é seguro para você — nessa nota, o líder dos Bastardos deu uma de linerback²⁹ sobre o Rei de todos os Vampiros, pegando as coxas de Wrath em um abraço de urso e empilhando o macho até o concreto. O que significava que V caiu direto junto com ele...

²⁸Presidente do UFC - MMA

... e aterrissou com tanta força em sua cabeça que ouviu o som algo quebrando e sentiu uma dormência apavorante irradiar descendo por seu corpo.

Com um gemido de dor, V sentiu seus braços se soltarem por conta própria; mesmo quando ele ordenou que seus músculos se contraíssem, eles ficaram inúteis no concreto.

O rosto de Xcor apareceu por cima dele.

— Muito ruim?

— Isso foi vingança — V ofegou uma respiração — por bater na sua cabeça naquela escola preparatória, não é?

Xcor sorriu um pouco e depois abaixou a cabeça quando outra bala passou voando.

— Foi você então, parceiro?

— É, fui eu.

— Ah, você tem um bom golpe, então — Xcor ficou sério. — Eu preciso te mover.

— Wrath?

— Tohrment o levou. O Irmão Tohrment.

— Bom — V engoliu em seco. — Escute-me, estou prestes a perder a consciência. Não me mova. Eu poderia ter as costas quebradas e não quero mais dano espinhal do que já posso ter.

Ele lutou contra a maré que o reivindicava, sua visão indo e voltando.

— Diga a Jane... Me desculpe.

— Essa é sua companheira então?

— Sim, as pessoas saberão quem ela é. Apenas diga a ela... Eu não sei. Eu a amo, eu acho. Não sei.

Uma onda incrível de tristeza o levou para a total escuridão, os sons da luta, a dor, o pânico de baixo nível que veio dele pensando, Oh, merda, eu realmente fiz isso agora, recuando para um vazio profundo de coisa nenhuma.

No final, V não perdeu muito a vontade de lutar... enquanto colocava a espada abaixo para se manter vivo.

Quando outra onda do inimigo entrou através das portas, Qhuinn acabou com seu quarto pente de balas, e quando sua semiautomática começou a clicar em vez de disparar, ele amaldiçoou e se bateu de volta contra a parede do armazém.

Chutando o vazio, colocou o último pente e, em seguida, ajustou-se para a porta que ele estava cobrindo, escolhendo três assassinos rápido, um logo após o outro, os corpos fedorentos se contorcendo e empurrando obrigatoriamente para um obstáculo, os outros tendo que diminuir para ultrapassar.

Mas ficou sem balas novamente muito rápido e jogou a arma longe. Estava ficando muito perigoso para as balas de qualquer maneira, a Irmandade lutando em todos os lugares com os Bastardos, o vazio do

²⁹ Jogador defensivo no futebol americano

armazém agora um problema, pois não havia cobertura para se ter... A lâmina da faca veio do nada, mas atingiu o lugar certo.

Seu ombro ruim. Dentro da carne.

— Filho da puta...

Justo quando estava prestes a tentar avançar para o *lesser* que jogara de volta naquele buraco quadrado, um dos maiores e mais malvados vampiros que já tinha visto desceu do ar e prendeu o *lesser* na parede. E então...

Oh! Meuuuuu.

Para o canal do George Takei.³⁰

O Bastardo em questão abriu as presas e mordeu fora parte do rosto do *lesser*. Tipo, literalmente, apenas Hannibal Lecter faria, arrancando o nariz e a maior parte de uma bochecha do osso. E depois de cuspir isso fora, ele rasgou o que restava até que houvesse flashes de branco mostrando através do sangue e músculo preto.

Então o macho jogou a coisa de lado como você jogaria um miolo de maçã.

Quando o Bastardo se virou para Qhuinn, havia uma mancha preta escorrendo pelo queixo e no peito, e o cara estava sorrindo como se tivesse ganhado um concurso Nathan's Famous³¹.

— Você precisa de ajuda para tirar essa faca de sua carne aí?

Parecia ridículo que o cara estivesse perguntando algo tão incrivelmente civilizado.

Qhuinn agarrou o cabo, apertou os dentes e arrancou a lâmina de seu ombro. À medida que a dor o fazia querer vomitar, ele disse sufocado:

— Na verdade, eu ia te oferecer um bom Chianti.

— O quê?

— Cuidado!

Enquanto um *lesser* vinha por trás do Bastardo, Qhuinn entrou em ação, saltando e trocando a faca de sua mão dominante, que estava amarrada agora pelo ombro realmente fodido. Felizmente, ele era ambidestro.

Qhuinn cravou essa lâmina diretamente na entrada do olho do *lesser* atacante, e então torceu o punho com tanta força que a coisa quebrou e ficou em sua nova e agradável casa acolhedora.

Ele e o *lesser* pousaram em um amontoado, justo quando o ombro de Qhuinn anunciou que teve mais do suficiente. Quando ele se virou e vomitou, fez isso na linha de visão de um enorme par de botas de combate.

O *lesser* voou de cima dele como um cata-vento zumbi, não pesando mais do que uma tira de elástico. E então aquele Bastardo enorme se agachou.

— Eu vou te mover então — disse com um forte sotaque.

³⁰ Documentário do ator George Takei que interpretou Hikaru Sulu em Star Trek

³¹ Nathan's Famous hot dogs and restaurants

Qhuinn foi jogado sobre um ombro que era do tamanho de uma casa, e então houve uma viagem acidentada para só Deus sabia onde.

Enquanto ele e seu novo melhor amigo faziam um passeio, deu uma boa olhada no que estava acontecendo, embora de uma perspectiva de cabeça pra baixo. Irmãos, Bastardos ajudando um ao outro, trabalhando como num concerto, lutando contra um inimigo comum.

E lá estava Xcor, bem no meio...

Lágrimas surgiram nos olhos de Qhuinn ao perceber que o lutador, aquele líder dos Bastardos, estava lado a lado com o único ruivo do lugar.

Os dois estavam de costas um para o outro movendo-se em um círculo lento, trocando punhaladas e socos com o enxame de *lessers*. Blay estava tão espetacular quanto sempre, e o Bastardo mais do que apenas acompanhando.

— Vou desmaiar agora — disse Qhuinn a ninguém em particular.

E quando ele falou, essa imagem do amor de sua vida e do macho que ele tinha feito seu inimigo permaneceu, cruzando a barreira entre realidade e sonho.

SESENTA E TRÊS

Layla estava caminhando ao redor da fonte na Virgem Escriba... não, dos aposentos privados do *Lassiter*, quando de repente ela não estava sozinha, e não apenas porque seus bebês estavam dormindo em cobertores macios debaixo da árvore cheia de pássaros.

Quando o anjo caído, agora a Deidade-no-comando, materializou-se do nada, seu primeiro pensamento foi que ele era portador de terríveis notícias.

Ao longo do tempo que ela o conheceu, ele nunca tinha parecido tão mal, sua pele tão pálida estava cinza, sua aura diminuiu, de modo que ele não era mais que uma sombra si mesmo.

Layla correu para ele e mal chegou a tempo quando ele caiu de joelhos no mármore branco.

— O que o aflige? Você está ferido?

Ele tinha ido ao encontro da Irmandade e dos Bastardos? Alguma coisa saiu errado...

— *Lassiter* — ela gritou quando afundou com ele. — *Lassiter*...

Ele não respondeu. Apenas colocou a cabeça entre as mãos e então caiu prostrado no mármore branco como se tivesse perdido a consciência.

Ela olhou em volta, perguntando o que fazer. Talvez chamar Amalya...

Exceto que ele rolou de costas e ela ficou espantada ao ver lágrimas prateadas deixarem seus olhos e caírem como diamantes na pedra debaixo dele.

— Não posso fazer isso... Não posso fazer este trabalho... não sou eu...

— O que está acontecendo? — Ela suspirou com terror. — O que você fez lá embaixo?

Em resposta, as palavras que saíram deles foram murmuradas, tão indistintas que ela teve que se inclinar mais para tentar decifrá-las.

— A guerra deve terminar. E há apenas uma maneira de destruir o Ômega. Ioi anunciado. A profecia deve ser realizada e isso pode acontecer apenas de uma maneira.

Quando seus olhos se encontraram com os dela, o medo a congelou.

— O que você fez?

— Os *lessers* devem ser eliminados. Eles têm que matá-los e depois eliminar o Ômega. A guerra deve terminar.

— O que você fez?

— Eles são minha família — o anjo caído engasgou enquanto cobria o rosto com as mãos. — Eles são minha família...

Quando um horrível pensamento lhe veio, ela disse:

— Diga-me que você não...

— Os *lessers* devem ser eliminados. Cada um deles. Só então eles podem ir atrás do Ômega...

Layla caiu para trás de bunda no chão e colocou as mãos nas bochechas. Os Irmãos e os Bastardos em um só lugar. Um juramento de lealdade é dado e aceito.

De modo que, se a Sociedade dos *Lessers* aparecesse, os dois lados anteriormente opostos combateriam seu inimigo comum.

— Algum deles vai morrer? — Ela exigiu do anjo. — Quem vai morrer?

— Não sei — ele disse com uma voz quebrada. — Isso eu não posso ver...

— Por que você teve que fazer isso? — Embora ele já tivesse compartilhado o raciocínio. — *Por quê?*

Quando os olhos dela começaram a lacrimejar, pensou em ir para a Terra. Mas não podia se afastar das crianças.

— Porque agora?

Lassiter parou de murmurar, seus olhos fixando-se no branco leitoso do céu acima deles, ao ponto em que ela se perguntou se ele não podia ver o que estava acontecendo lá embaixo.

Deixando-o como ele estava, ela se arrastou para onde Lyric e Rhamp estavam profundamente adormecidos, totalmente inconscientes do que poderia mudar o curso de suas vidas para sempre.

Deitando com eles nos cobertores macios que ela tinha dobrado para que ficassem aquecidos e confortáveis, ela deixou suas lágrimas fazer o que queriam.

Ela teria rezado.

Mas o salvador da Raça não tinha nenhum tipo de condição de ouvir os pedidos. Além disso, estava claro que ele já sabia o que ela teria implorado — e compartilhado seus medos.

Também era óbvio que de todos os dons que ele poderia garantir e poderes que tinha, assegurar que nenhum Irmão ou Bastardo morresse na luta não estava entre eles.

SESSENTA E QUATRO

No final, a batalha no armazém provou que as guerras estavam definitivamente sujeitas às mesmas regras sobre os começos, meios e finais como tudo o mais no resto do planeta.

O indicador de que tinha acabado não foi o silêncio. Não, nada estava em silêncio na fria caverna feita pelo homem. Havia tantos gemidos e barulho de arrastar pelo chão de concreto, o campo de batalha cheio de corpos se movendo ou não, o ar cheio de fumaça e sangue.

— Está acabado?

Quando Wrath falou, Tohr afrouxou um pouco seu abraço sobre o Rei. Mas não muito. Ele tinha os braços e as pernas enrolados em torno do enorme corpo do outro macho, os dois encaixados em um canto formado graças ao único lugar delineado no enorme espaço vazio. As costas do Rei estavam na junção das paredes, e Tohr era um escudo mortal protegendo seus órgãos vitais, embora Wrath estivesse usando um colete à prova de balas.

Eles não sempre faziam o truque, afinal.

E a vida de Wrath não era nada com que alguém estivesse preparado para apostar.

— Está? — Wrath exigiu. — Eu não ouço mais nenhuma luta.

A cabeça de Tohr estava virada de lado, e quando ele a endireitou um pouco, seu pescoço estalou. Olhando em volta, tentou identificar corpos, mas não havia sentido numa carnificina. Havia vinte e cinco mortos, talvez mais, no chão de concreto frio, e havia sangue preto e vermelho em todos os lugares.

Ele realmente temeu que houvessem ocorrido baixas na Irmandade...

Do meio das massas de corpos, uma figura solitária se levantou.

Estava coberto de sangue e movendo-se mal. E tinha uma arma. Mas as coisas estavam muito esfumaçadas para dizer se era um *lesser* ou um Irmão ou um Bastardo.

— Porra — Tohr respirou.

Ele não queria se levantar para lutar e deixar Wrath indefeso, porque o cara estava só estúpido e puto o suficiente com a emboscada que ele poderia muito bem tentar tomar as armas novamente...

O assobio que ecoou foi como uma bênção.

E Tohr assobiou de volta.

Vishous virou-se no meio do campo de batalha e começou a mancar. Seu andar era ruim e um braço pendia em um ângulo horrível. Mas ele era mais duro do que tudo isso, e determinado a chegar ao seu Rei...

Não era Vishous.

À medida que a figura se aproximava, Tohr percebeu... era Xcor. Era Xcor quem vinha até eles.

Quando o Bastardo estava ao alcance, ficou óbvio que ele estava gravemente ferido, todo tipo de coisa vermelha vazando de ferimentos que pareciam afetar quase todas as partes de seu corpo.

— Nós devemos tirar o Rei — o Bastardo sussurrou numa voz rouca. — Eu vou como batedor.

— Espera — Tohr disse enquanto agarrava o braço do macho. — Você está ferido.

— E você é o escudo do nosso Rei. É muito perigoso para ele ser deixado sem vigilância. Se eu morrer, não será importante. Se ele morrer, toda a esperança será perdida e o Ômega vencerá.

Tohr olhou dentro dos olhos de seu irmão de sangue.

— Se puder chegar lá fora, há ajuda. Quatro quarteirões a oeste. Foi dito que não viessem a menos que alguém os chamasse. Não queríamos sacrificar os médicos.

Xcor assentiu.

— Eu vou voltar.

E em seguida, em uma amostra inacreditável de força de vontade, o macho desapareceu no ar. Apesar de ter sido brutalmente ferido.

— Vamos ter que comprar para esse filho da puta um relógio de ouro ou algo assim — murmurou Wrath.

— Não é o que você ganha quando se aposenta?

— Você acha que ele vai lutar novamente depois dessa merda?

Tohr esperou. E esperou. E esperou. E tentou conter seu pânico de que as pessoas que ele amava estavam mortas ou morrendo ao seu redor e ele não estava cuidando de nenhuma delas.

Disse a si mesmo que, contanto que não ouvisse nenhuma bala ou qualquer coisa, Xcor poderia ter chegado ao...

O som começou bem fraco, um grunhido à distância. E então ficou cada vez mais e mais alto... e mais alto ainda até o rugido estar tão perto que sacudiu as frágeis paredes do armazém...

O Mercedes preto S600 explodiu no interior a cerca de seis metros de onde Tohr e Wrath estavam encolhidos, detritos por todos os lugares, folhas de metal golpeando Tohr na cabeça e nos ombros.

Quando Xcor irrompeu do banco traseiro, Fritz abaixou a janela lateral do motorista, seu rosto enrugado e flácido cheio de preocupação.

— Meus Senhores, pulem para dentro. Temo que a polícia humana venha em breve.

Tohr foi se levantar, mas os joelhos dobraram de câimbras.

Xcor foi quem agarrou o Rei e sem menos o jogou no banco de trás.

— Estou ficando realmente cansado de ser manejado assim! — Wrath gritou.

Tohr foi o próximo na lista de Xcor, o Bastardo o segurando com uma força surpreendente e arremessando-o como uma lança.

Mas Tohr não ia aceitar isso. Sabia exatamente o que estava vindo a seguir.

Agarrando o braço do Bastardo, arrastou o macho com eles e gritou:

— Acelera, Fritz!

O *doggen* com o pé pesado de líder da NASCAR afundou o acelerador, puxou o volante e, com os pneus cantando, girou-os para que a porta se fechasse. E então eles estavam saindo através de um painel diferente, indo todos *Velozes e Furiosos* quando a Mercedes atravessou a parede exterior do armazém novamente e atingiu a neve no lado oposto, como se tivesse sendo perseguida.

Os olhos de Xcor estavam arregalados pelo choque enquanto eles pulavam no banco traseiro.

— Você não precisava me salvar.

Tohr pensou nas coisas por um segundo. E depois decidiu, Foda-se. Quem sabe quantos estavam mortos lá atrás e se Xcor até mesmo ia viver, levando em conta suas lesões? Se Fritz poderia ser capaz de tirá-los do centro da cidade até a segurança?

— Eu não estava pronto pra deixar meu irmão para trás.

A princípio, Xcor estava determinado a reinterpretar as palavras que lhe foram ditas. Certamente houve algum problema de tradução, embora isso certamente tenha parecido que o inglês havia sido proferido.

— Desculpa... o que você disse?

Wrath também se inclinou pra frente, de modo que Tohr, espremido entre os dois, era o único encostado no assento.

— Sim — disse Rei enquanto o motor rugia e eles eram jogados de um lado para o outro. — O que foi isso?

O Irmão olhou diretamente dentro dos olhos de Xcor.

— Eu sou filho de Hharm. Você também. Nós somos irmãos pelo sangue.

O coração de Xcor começou a bater tão forte que a cabeça doeu. E então ele sentiu seu olhar fixo estreitar por sua própria vontade no rosto de Tohr.

— São os olhos — disse o Irmão. — Você vai ver isso nos olhos. E não, eu realmente não o conhecia também. Soube que ele não era um bom macho.

— Hharm? — Murmurou Wrath. — Não, ele não era. E isso é tudo o que vou dizer sobre isso.

Xcor engoliu com dificuldade através da garganta apertada.

— Você é meu irmão?

E a confirmação ainda era verdadeiramente necessária? Tohrment estava certo, aqueles olhos... eram da mesma forma e cor que os seus.

— Sou — Tohr afirmou asperamente. — Sou seu parente de sangue.

Todos os tipos de coisas passaram pela mente de Xcor, trechos de imagens, ecos de tristeza e memórias de solidão. No final, quando a Mercedes chegou a uma velocidade de cruzeiro que sugeriu que eles estavam em uma rodovia, ele só pôde abaixar seu olhar e cair em silêncio.

Quando se concedia algo secretamente ansiado e totalmente inesperado, quando uma revelação súbita parecia condenar um buraco dentro da vida de alguém, muitas vezes a resposta era de um choque não diferente de quando esse alguém estava gravemente ferido.

Ou talvez fosse apenas isso. Ferido gravemente e perdendo a função mental.

Eles ficaram em silêncio durante o resto da viagem para onde estavam viajando, Xcor passou o tempo observando a janela escurecida enquanto sangrava sobre si mesmo, o assento e o seu... irmão.

Algun tempo depois, uma vida ao que parecia, eles começaram a parar e andar, parar e andar, parar e andar. E, eventualmente, chegaram a uma parada definitiva. Wrath abriu sua porta imediatamente, como se o Rei soubesse onde eles estavam seguros, e Tohr seguiu atrás dele.

Xcor procurou sua própria porta...

Sua mão flutuou inutilmente no trinco. Mesmo na segunda tentativa.

Tohr abriu o caminho para ele e se inclinou para dentro.

— Vamos conseguir que você seja tratado. Vamos.

Quando o Irmão, e seu irmão, estendeu sua mão, Xcor ordenou que seu corpo se movesse. Mas se rebelou. Ele parecia ter...

Uma tontura crescente fez com que sentisse que perderia o controle de seu estômago, mas balançou a cabeça para limpá-la e exigiu que sua carne lhe obedecesse. E assim aconteceu desta vez. Seu quebrado, golpeado, baleado corpo, conseguiu se levantar do encosto e deambular.

Por um passo.

Quando ele desabou, braços fortes trancaram em torno dele e uma poderosa força impediu que ele parasse no chão do que parecia ser uma garagem.

Tohrment aceitou seu peso facilmente.

— Eu tenho você — veio a afirmação áspera.

Com uma série interrompida de movimentos desagradáveis, Xcor segurou os ombros do macho e empurrou-se um pouco para trás.

Encontrando os olhos de Tohrment, ele sussurrou.

— Meu irmão.

— Sim — o macho disse com voz rouca, um brilho de lágrimas fazendo com que esse olhar azul brilhasse como um par de safiras. — Eu sou seu irmão.

Era difícil dizer quem abraçou quem, mas de repente eles estavam ambos se abraçando, um sobre o outro, guerreiro para guerreiro.

Houve muitas consequências da noite que Xcor tinha contemplado, muitas contingências e probabilidades que ele, como qualquer bom líder, tinha avaliado e reavaliado.

Encontrar família nunca esteve em sua previsão.

E embora seu pai não tivesse provado ser o valente guerreiro a cavalo vindo em seu resgate... seu irmão de sangue certamente preenchia os requisitos perfeitamente.

SESSENTA E CINCO

Quando Cormia apareceu no pátio, Layla ficou de pé num instante.

— Conte-me.

Lassiter tinha partido há muito tempo, desaparecendo em um banho de faíscas douradas, deixando-a sozinha com seu terror.

A Escolhida estava frenética.

— Você deve descer agora. Eles precisam de sangue e eu dei tudo o que pude. Vou ficar com os bebês.

As duas se abraçaram e, em seguida Layla decolou, viajando entre os dois reinos com pressa e se materializando novamente fora da mansão, pois não conseguia entrar no interior da malha de aço.

Ela não percebeu o frio enquanto corria pelos degraus da frente, puxou com força a porta pesada do vestíbulo e mostrou o rosto na câmera de segurança, e enquanto esperava, queria gritar.

Foi Beth quem abriu a porta.

— Oh, graças a Deus — exclamou a Rainha com um forte abraço. — Vá, vá agora para o Centro de Treinamento. É lá que todos estão.

Layla começou a correr e então gritou por cima do ombro.

— Alguém morreu?

— Ainda não. Mas, oh... apenas vá. Eu tenho que esperar por Wrath e depois levá-lo para baixo novamente.

Layla atravessou o túnel subterrâneo e, do outro lado, entrou no Centro de Treinamento em tempo recorde, mas logo que entrou no salão, ela parou de chofre.

O cheiro de sangue era esmagador, e também o número de machos no chão em vários estágios de lesões e cuidados com feridas.

Não eram apenas Irmãos. Na verdade... o que ela assumiu que eram todos os lutadores de Xcor alinhados ombro a ombro com a Irmandade, Ehlena, a enfermeira e todas as outras Escolhidas cuidando deles.

Enquanto Manny e a Dra Jane estavam sem dúvida em cirurgia.

— Estou aqui — disse ela para ninguém e a todos.

Na sua cabeça, estava gritando com todos eles, exigindo saber o que aconteceu com Xcor, pois não o via, nem o sentia e isso a aterrorizava.

No entanto, ela foi ao primeiro dos feridos, arrancando a manga pra cima e puxando o pulso para fora.

Ela reconheceu o homem. Era um dos machos de Xcor.

Zypher sacudiu a cabeça para ela.

— Estou honrado, sagrada Escolhida. Mas não posso tomar sua veia.

— Você deve — ela exalou.

— Eu não posso. Você é a fêmea do meu líder. Vou morrer antes de conhecer o sabor do seu sangue.

Uma de suas irmãs apareceu.

— Eu devo alimentá-lo. Vá até Rhage.

E Layla foi oferecendo sua veia a ele. Quando o Irmão tomou o que precisava e agradeceu, ela foi ao próximo homem na fila.

Mas ele era um Bastardo e ele também sacudiu a cabeça e recusou-se a tomar dela.

— Eu não posso conhecer seu sangue. Você é a fêmea do meu líder.

E assim foi assim o tempo todo, até que ela se concentrou apenas na Irmandade e nem tentou com os outros.

Muitas feridas, algumas tão profundas que ela podia ver a anatomia que a aterrorizava. E o tempo todo, ela se preocupava com Xcor e em pânico sobre o que Lassiter tinha feito e rezou para que ninguém morresse.

Estava prestes a seguir em frente para Phury, que precisava de outra veia, tão grave que eram seus ferimentos, quando sentiu que seu cotovelo foi preso.

Ao olhar para cima, o rosto de Tohr estava sombrio.

— Xcor precisa de você. Agora.

Layla levantou-se tão rápido que ficou tonta e Tohr teve que ajudá-la pelo corredor.

— Você teria ficado orgulhosa dele — disse Tohr quando chegaram à porta fechada do segundo Centro Cirúrgico. — Ele foi incrivelmente corajoso, e foi quem tirou Wrath de lá.

— Foi ele?

— Sim. E ele sabe. Sobre ele e eu. Eu contei a ele por que... por que diabos não depois de uma fodida noite como esta?

Tohr abriu o caminho e Layla ofegou. Xcor estava na mesa de operação, seu estômago aberto, seus intestinos aparecendo, e ainda assim ele estava consciente.

Ele virou a cabeça e tentou sorrir.

— Meu amor.

Sua voz era tão linda, e oh, sua coloração era ruim. E, no entanto, ele ainda tentou se sentar.

O tom de Manny foi agudo.

— Ok, isso não está funcionando para mim. Não enquanto estou costurando seu intestino.

— Não olhe — Xcor ordenou a ela. — Não olhe para o meu corpo.

Em um flashback vívido, lembrou-se dele não querendo tirar as roupas perto dela.

Layla correu para ele e segurou seu pulso na boca dele.

— Beba. Tome de mim.

— Nós fizemos isso uma vez... — ele estremeceu e tossiu —... uma vez antes, quando eu estava morrendo. Não fizemos?

— Duas vezes, na verdade. E ambas as vezes estava mais frio — disse ela através das lágrimas. — Oh, Deus, não morra em cima de mim. Não essa noite. Nem nunca.

— Você é a coisa mais linda que eu já vi — seus olhos estavam desbotando, a luz apagando. — Eu compartilhei meu corpo com outros, mas eu fui como um virgem com você, pois minha alma não havia sido dada a ninguém. Só você... só você me tem...

Uma máquina começou a apitar.

— Melhor alguém começar o RCP³² aqui!

Tohr veio num instante, e enquanto formava um punho com as duas mãos, ele disse.

— Respire por ele! Respire por ele!

Embora o coração de Layla estivesse martelando fora de controle e ela sentiu como se não pudesse suportar, selou os lábios de Xcor com os seus e soprou uma grande respiração de oxigênio do fundo de seus pulmões. Então Tohr começou a bombear.

— Respirar! Agora!

Ela mergulhou novamente e exalou tudo o que tinha.

E mesmo assim os alarmes continuavam a disparar...

— De novo! — Gritou Manny enquanto suas mãos enluvadas e ensanguentadas trabalhavam rapidamente com suturas e uma agulha.

³² Ressuscitação Cárdio-pulmonar.

SESENTA E SEIS

Quando Qhuinn voltou a si, por um minuto pensou que tinha retornado ao início do pesadelo, aquela fantasia de Blay sentado em um quarto de hospital em uma cadeira dando a si mesmo de presente mais uma vez.

— Oh! Graças a Deus.

— O quê? — Qhuinn murmurou.

Blay saltou e correu, mesmo apesar dele ter um braço numa tipoia e estar mancando como se alguém tivesse jogado uma caixa de ferramentas no seu pé.

Qhuinn estava prestes a perguntar se o macho estava bem quando aqueles lindos lábios estavam nos seus, e aquele aroma de vinculação familiar estava no seu nariz, e ai, *porra*, isso era muito melhor do que essa fantasia...

— Ai!

Quando Qhuinn soltou o grito de dor, seu braço caiu de volta em cima da cama e a dor, ofuscante, quente e profunda como um oceano, queimou todo seu lado direito.

Blay se afastou e sorriu.

— Olha pra isto deste modo. Você finalmente consertou esse ombro. Quando suturaram a ferida da faca, entraram e cuidaram de sua bursite.

Assim que pôde, Qhuinn devolveu o sorriso.

— Dois por um.

— Compre um, leve outro de graça.

Mas então ele ficou sério.

— Perdemos alguém?

— Não dos nossos, mas temos um monte de cura pra fazer. Isso foi quase um massacre.

— E do deles? Os Bastardos.

Blay desviou o olhar.

— Xcor não está indo tão bem. E se você tem alguma coisa a dizer sobre isso, é melhor manter pra você. Foi ele quem tirou Tohr e Wrath de lá. E pra sua informação, Layla está no corredor alimentando as pessoas, e eu também não quero ouvir a esse respeito. Isto é uma emergência.

Qhuinn fechou os olhos.

— Estou tão feliz que você conseguiu — sussurrou Blay. — Eu teria morrido junto com você se não tivesse.

Levantando as pálpebras, Qhuinn falou.

— Me desculpe.

— Pelo quê?

— Eu não sei — ele acenou com a cabeça para um equipamento ao lado da cama. — Isso é uma bomba de morfina?

— É.

— Acho que estou falando besteira então.

— Está bem. Fale quanta besteira quiser.

Blay sentou-se na beirada da cama com cautela, e quando Qhuinn sentiu a mão dele pegar na sua, ele apertou.

Ficaram assim por muito tempo, apenas olhando um para o outro. E sim, os olhos estavam molhados e as gargantas estavam arranhadas... mas os corações estavam cheios, oh tão cheios.

— Eu nunca mais quero estar sem você — disse Qhuinn. — Nada vale a pena.

O sorriso de Blay era assustadoramente precioso.

— Eu não poderia concordar mais.

O macho se inclinou novamente e eles roçaram os lábios uma vez. Duas vezes.

— Hummm, sabe o que eu não posso esperar? — Qhuinn murmurou.

— Fazer xixi sem um cateter?

— Sexo de reconciliação — Qhuinn abaixou as pálpebras. — Eu quero estar dentro de você agora mesmo, de fato.

O rubor que atingiu o rosto de Blay era um ataque criminoso quando você estava ligado a um dispenser de ópio.

— Então descanse — o macho falou arrastado. — E pegue todos os fluidos que puder. Vai precisar deles.

Vishous abriu as pálpebras e se perguntou por um momento onde estava. O teto branco acima dele não dava muita pista e...

O rosto de Jane, bem acima dele, foi uma surpresa tão grande que ele caiu de volta nos travesseiros.

— Oi — ela disse com uma voz vacilante. — Você voltou.

— Onde eu fui... — Maldição, sua garganta doía. Eles o entubaram? — O que aconteceu?

E assim que ele perguntou, aquela cena fodida no armazém voltou... ele caindo e batendo a cabeça, e então ficando paralisado à medida que as armas continuavam a explodir. Dada a distribuição da dor em todo o corpo, concluiu algumas coisas: um, ele não estava de fato paralisado; dois, ele foi baleado em alguns lugares, sendo claramente capturado em algum fogo cruzado; e três...

— Nós quase perdemos você — Jane disse, seus olhos verdes floresta brilhando de lágrimas. — Eu estive neste quarto durante as últimas duas horas rezando para que você pudesse recobrar a consciência.

— Duas horas?

Ela assentiu.

— Assim que terminei de operar, eu vim... — ela franziu a testa. — O que está errado? Você está com dor? Precisa de mais morfina?

— Por quê...

Quando ela limpou os olhos dele, ele percebeu que estava chorando, e no momento que registrou aquilo, engoliu suas emoções e bateu nelas até a submissão, dominando-as. Sem chorar. Não. Ele não ia por esse caminho.

— Aqui, deixe-me chamar Ehlena.

Jane estava do outro lado do quarto e na porta, inclinando-se mais rápido do que seu coração estava batendo, o que realmente não dizia muito. E quando a ouviu exigir mais medicamentos para ele e depois começou a responder perguntas sobre outras pessoas, todas as suas dores foram embora.

Com exceção daquela em seu esterno.

E essa foi a única que, sim, não iria responder a nenhum tipo de droga.

Ele a observou inclinando-se ainda mais e acenando para alguém, e depois saiu do quarto. Justo quando a porta se fechava, ela olhou por cima do ombro com os olhos cheios de preocupação.

— Eu volto já.

Não, ele pensou, eu não acho que você vai voltar.

E com certeza, cinco minutos depois, Ehlena veio apressada com uma seringa e uma agulha para o soro.

— Ei — ela disse com um sorriso caloroso. — Jane está apenas checando algumas pendências. Ela não queria que você tivesse que esperar por ela.

— Está tudo bem, e não preciso disso.

— Ela disse que você está com muita dor.

Com um grunhido, Vishous sentou-se e balançou as pernas para o lado. Quando começou a remover seu soro, Ehlena se encolheu.

— O que está fazendo?

— Estou me checando. Mas não se preocupe, não é rebeldia contra médicos ou qualquer coisa, porque sou bastante treinado neste ponto. Agora eu gostaria de alguma privacidade, se não se importa. A menos que queira me ver tirar meu cateter?

— Que tal eu buscar Jane?

Quando a fêmea começou a se dirigir para a porta, ele disse:

— Há mais pacientes aí do que vocês podem lidar, então acho que você poderia usar essa cama. E meus sinais vitais estão estáveis, eu já estou curando, então alguma Escolhida deve ter passado e me alimentado. Eu realmente acho que você precisa ser crítica ao encaminhar seu tempo, em vez de desperdiçar seu tempo tentando falar comigo ou me deixar sair, ou incomodando Jane quando ela precisa estar com pacientes mais importantes.

Bem na hora, Manny botou a cabeça dentro do quarto.

— Ei! Vejo que já está quase de pé. Escuta Ehlena, preciso de você agora.

V deu a fêmea um olhar de “eu te disse”. E então entendeu pelo seu praguejar e desaparecimento, que ela aceitou a lógica inatacável dele.

Tirar o cateter foi uma cadela. Seu pênis não tinha sido usado muito ultimamente, e realmente não apreciou o desrespeito quando finalmente o tocou novamente.

Deslizando pra fora da cama do hospital e ficando em pé, ele segurou a camisola do hospital junto nas costas e saiu.

Todos os Bastardos estavam no corredor e todos estavam feridos. Ele não viu nenhum de seus Irmãos, mas conseguiu pegar os aromas persistentes de seus sangues e deduziu que eles tinham subido à mansão para se recuperar.

Ou pelo menos aqueles que não estavam em camas de hospital.

Jane não estava em lugar nenhum para ser encontrada.

Quando começou a andar, acenou com a cabeça para os Bastardos, apertando as mãos que foram oferecidas e batendo os nódulos, a batalha que todos compartilharam os alinhava mais do que qualquer juramento formal ou a merda dobrada no joelho jamais poderia.

Engraçado, ele se maravilhava, era assim que se fazia aço. Você pegava o ferro, aplicava tremendo calor e limpava todas as impurezas. O que restava era uma força pura e não diluída.

Como quando dois grupos de combatentes eliminavam o conflito desnecessário e se uniam para formar uma unidade contra o inimigo, eram capazes de muito mais do que jamais poderiam ter realizado separadamente.

Continuando, ele pensou ouvir a voz de Jane atrás dele. E ouviu. Ela estava conversando com Manny, trocando informações.

V pensou por um momento que ela notaria que ele estava se afastando e seguiria atrás dele. Mas ela não o fez.

E novamente, pensou enquanto mancava até o escritório e se dirigia para o túnel sozinho, ele não ficou surpreso.

SESSENTA E SETE

— Acorda, meu amor.

Quando uma voz profunda entrou em seus ouvidos, os olhos de Layla se abriram num estalo e ela sentou-se em uma cadeira, o que a colocou cara a cara com Xcor.

— Você está vivo! — Exclamou. Exceto que então ela olhou para todos os fios e as tubos de soro que foram desconectados e estavam soltos dele. — O que diabos você está fazendo fora da cama?

— Shh — disse ele. — Vamos.

— O que?

— Nós estamos saindo.

— O quê...

Ele acenou com a cabeça e se endireitou. Estava coberto de ataduras, ainda em uma camisola de hospital e pálido como um fantasma, mas o olhar dentro de seus olhos lhe dizia que não iria ouvir nada que ela tivesse a dizer.

Na verdade, estavam saindo.

— Para onde vamos? — Ela perguntou enquanto se levantava.

— Para a casinha no rancho. Há um carro esperando por nós.

— Mas você não deveria ficar aqui onde há médicos?

— Eu só quero ficar sozinho com você. Você é tudo o que eu preciso.

Quando ele a encarou, um sentimento de amor se espalhou pelo seu corpo.

— Não posso acreditar que você está vivo.

— É por sua causa. Em tantos níveis.

Um breve flashback dela e Tohr dando-lhe massagem cardíaca e o ressuscitando lhe roubaram as palavras. Mas não tirou a capacidade de abraçar seu macho e ajudá-lo na porta.

O corredor estava vazio, com nada além de um *doggen* com um esfregão e um balde livrando as manchas de sangue que atestavam os feridos.

— Onde seus soldados foram? — Ela perguntou quando se dirigiam para o estacionamento. — Por quanto tempo estive dormindo?

— Horas, meu amor. E todos foram tratados e liberados. O amanhecer está acerca de trinta minutos pra chegar.

— Eles vão ficar bem?

— Sim. Todos, e todos os Irmãos também. A equipe médica aqui é incrível.

— Oh, obrigada Las... — Ela se deteve. — Obrigada Deuses. Destinos. Tudo.

Foi então que ela notou uma figura em pé descendo o corredor ao lado da saída, e quando eles se aproximaram, percebeu que era Tohr.

Quando finalmente pararam na frente do Irmão, os dois machos só olharam um pro outro. E foi quando as semelhanças entre eles se tornaram verdadeiramente evidentes para ela.

A mesma altura, a mesma estrutura física, o mesmo queixo... e aqueles olhos.

— Obrigado por salvar minha vida naquele beco — disse Tohr firme.

— E obrigado por salvar a minha na mesa de operação — entendeu Xcor.

Os dois sorriram um pouco e depois ficaram sérios. Foi então que um arrepio passou por ela, um que se intensificou quando Xcor soltou-se de seu braço e se inclinou para o Irmão.

Quando os machos se abraçaram, ela percebeu com medo... era isso. Este seria o último dia de Xcor e dela. Era por isso que ele estava tão determinado a sair da clínica, e era por isso que Tohr os estava ajudando.

Também por que o Irmão olhou para ela com tanta compaixão quando os dois machos se afastaram um do outro.

Tohr saiu da frente e esperou de lado.

Ninguém disse nada enquanto ela e Xcor seguiam para o Mercedes de Fritz. Até o mordomo estava sério quando saiu e veio abrir a porta.

Layla abaixou-se e deslizou pelo assento, então Xcor seguiu o exemplo e Fritz os fechou.

Xcor abaixou a janela escurecida ao lado dele e ergueu a mão da adaga quando o carro entrou em movimento, e Tohr rdevolveu o gesto quando eles saíram, o adeus tão permanente quanto a tinta em um dos volumes das Escritas Sagradas do Santuário.

Não tem que ser assim, ela gritou dentro de sua cabeça. Podemos fazer isso funcionar. De alguma forma, podemos...

Mas sabia que estava lutando por uma batalha que havia sido perdida noites atrás quando Xcor deu seu juramento a Wrath, e o acordo para o retorno ao Antigo País tinha sido definido.

Olhando para suas mãos, porque não se atrevia a enfrentar o rosto dele, ela sussurrou.

— Eu ouvi que você foi muito corajoso.

— Na verdade não.

— Foi isso o que Tohr disse.

— Ele está sendo generoso. Mas vou te dizer, meus homens lutaram com grande honra, e sem eles, a Irmandade teria se perdido. Disso tenho certeza.

Ela assentiu e se viu mordendo o lábio.

— Meu amor — ele sussurrou — não esconda seus olhos de mim.

— Se eu olhar para você, vou quebrar.

— Então me permita ser forte por você quando sentir que não é. Venha aqui.

Apesar de seus ferimentos, ele a puxou para o seu colo e envolveu seus braços ao redor dela. E então ele estava beijando sua clavícula. E sua garganta... e seus lábios.

Aquele calor agora familiar aumentou de novo, e quando a puxou para o seu colo e sobre seus quadris, ela abriu as coxas para montá-lo e ficou contente que o vidro divisório estava erguido para a privacidade deles.

Deslocando-se desajeitadamente, ela puxou um lado de suas leggings pra baixo, e afastou sua calcinha para o lado enquanto ele puxava pra cima a bainha da camisola do hospital.

— Eu vou ter cuidado — ela disse quando ele fez uma careta de dor.

— Não sentirei nada além de você.

Xcor ergueu a ereção com a mão e ela lentamente deslizou sobre isso.

— Meu amor — ele suspirou quando sua cabeça caiu para trás e seus olhos fecharam. — Oh, você me faz completo.

Com uma gentileza dolorida, suas mãos deslizaram sob a camisa dela e tomaram seus seios, e ela começou um ritmo sobre ele, envolvendo seus braços ao redor do apoio para a cabeça, colocando seus lábios nos dele.

Enquanto o carro parava e voltava a andar através do sistema de portões, um doce e triste orgasmo rolou através do corpo dela... e levou seu coração junto com ele.

Parecia que o fim deles tinha chegado justo como o começo.

SESSENTA E OITO

Na noite seguinte, enquanto Layla subia do porão do rancho, sentia que tinha uma idade de cem anos a cada passo da subida.

Xcor já estava no fogão fazendo ovos, bacon e novamente, passando outro pão inteiro na torradeira.

Ele olhou para ela. E pelo modo como seus olhos examinaram os cabelos dela ainda molhados e a camiseta e os jeans que ela encontrara na cômoda, soube que ele estava memorizando cada detalhe sobre ela.

— Queria estar usando um vestido de baile — ela disse com voz rouca.

— Por quê? — Ele disse. — Você parece incrível agora.

Ela levantou a bainha do suéter e leu as letras no peito SUNY³³ Caldwell.

— Um pouco bagunçada, realmente.

Xcor balançou lentamente a cabeça.

— Eu não vejo suas roupas, nunca vejo, e um vestido elegante não mudaria isso. Não vejo os cabelos molhados, sinto os fios entre os dedos. Não vejo bochechas pálidas, estou saboreando seus lábios na minha mente. Você me oferece todos os meus sentidos ao mesmo tempo, minha mulher. Você é muito mais do que qualquer coisa te cobrindo.

Ela piscou suas lágrimas e foi até o armário. Tentando não perder a mão, ela disse.

— Vamos precisar de pratos, garfos e facas?

Eles descobriram que não precisavam de nada disso.

Depois que ele terminou de preparar a comida, eles a trouxeram para a mesa... mas isso apenas ficou intocado, foi ficando frio e sem gosto. E ela soube quando realmente estavam começando a ficar sem tempo quando ele começou a verificar continuamente o relógio.

Então isso acabou.

— Eu tenho que ir — disse ele roucamente.

Quando seus olhos se encontraram, ele alcançou do outro lado da mesa e pegou sua mão. Seu olhar fixo era luminoso, para ele era tão emocional também, seus olhos azul marinho brilhavam com tristeza e amor.

— Quero que você lembre de uma coisa — ele sussurrou.

Layla fungou e tentou ser tão forte quanto ele.

— O quê?

³³ SUNY são as siglas para Universidade Estadual de Nova York.

Na Antiga Língua, ele disse:

— *Onde quer que eu vá, você nunca deve estar longe de mim. Onde dormir, você estará ao meu lado. O que eu comer, compartilharei com você, e quando eu sonhar, estaremos juntos mais uma vez. Meu amor, você não sairá de mim nunca, e não tomarei outra. Até a noite em que eu morrer.*

Estava na ponta da sua língua lhe dizer que isso era impossível.

Mas como se soubesse o que estava pensando, como de costume ele apenas sacudiu a cabeça.

— Como eu poderia estar com alguém além de você?

Ela se levantou trêmula e desorganizada, e quando ela foi até ele, ele abriu os joelhos para que ela pudesse ficar entre eles.

Quando se curvou para beijá-lo pela última vez, suas lágrimas caíram sobre suas bochechas.

— Eu amo...

Ela não conseguiu deixar sair a última palavra. Sua garganta havia fechado.

As mãos de Xcor se levantaram de seu corpo até agarrar seu rosto.

— Valeu a pena.

— O quê? — Ela estava engasgada.

— Tudo o que veio antes deste momento em que sou amado por você. Mesmo que devamos nos separar, posso dizer que o que sinto por você fez com que tudo valesse a pena.

E então, com um último beijo... ele se foi.

SESSENTA E NOVE

Uma hora mais tarde, Layla foi para a mansão da Irmandade. Ela sentia-se leve demais sobre seus pés, como se seu interior estivesse vazio de seus órgãos vitais, e supôs que isso fosse verdade. Já não havia muito mais dela.

Engraçado encontrar-se e se perder em tão curto período de tempo.

E, no entanto, ao subir os degraus de pedra da mansão e aproximar-se da grande porta no vestíbulo, sabia que aquilo era apenas papo de luto.

Ou pelo menos, esperava que fosse.

Se ia ser assim por todas as noites para o resto de sua vida? Ela estava em um mundo de dor. Literalmente.

Abrindo as coisas, ela colocou o rosto no monitor e esperou que alguém atendesse o chamado. Tecnicamente, era a noite de Qhuinn cuidar das crianças, mas ele ainda estava numa cama de hospital, então ela foi informada por Beth às cinco da tarde que poderia tê-las se quisesse.

Como se ela dissesse não.

De acordo com o que lhe foi dito, Rhamp e Lyric foram trazidos do Santuário por Cormia há algumas horas atrás, então eles estavam lá em cima — a esperança era, é claro, que Qhuinn estivesse mais adiantado em sua recuperação. Mas aparentemente não.

Ela não perguntou quais eram os ferimentos dele. Não era realmente da sua conta, e isso a deixava triste. Mas o que se podia fazer?

— Oh, boa noite, Escolhida.

Enquanto a voz alegre de Fritz a cumprimentava, percebeu que nem sequer tinha notado que ele tinha aberto a porta.

— Olá, Fritz. Como você está?

— Muito bem. Estou tão feliz que tudo está bem.

— Sim — ela disse entorpecida. — Eu também.

— Tem alguma coisa que eu possa fazer por você?

Bem, você poderia virar o avião que o amor da minha vida está agora e trazê-lo de volta para mim. Faça-o ficar aqui comigo. Traga-o...

Ela limpou a garganta.

— Não, obrigada. Eu vou subir e pegar as crianças.

O mordomo curvou-se e Layla caminhou lentamente em direção à grande escadaria. Quando ela levantou o pé para o primeiro degrau, lembrou sua viagem do porão daquela casinha encantadora... e preocupada se esta era a sua nova porção na vida.

Rasgando-se em pedaços toda vez que ela subisse um conjunto de escadas.

E ainda assim se arrumou pra continuar.

Isso era, afinal, o que você tinha que fazer, mesmo que seu coração estivesse quebrando. Queridos destinos, ela não tinha ideia do que faria consigo mesma nas noites em que não tivesse Lyric e Rhamp, mas teria que encontrar algo. Deixada com seus esquemas atuais, ela era susceptível de ficar inundada por sua tristeza por Xcor...

Parou a meio caminho quando um macho entrou no alto da escada.

Colocando suas palmas para a frente na defensiva, ela disse a Blay.

— Eu tenho permissão para levá-los. Beth me disse. Não estou aqui sem permissão.

Parecia como se fosse uma eternidade desde que tinha visto o macho, e odiava a distância necessária entre eles. Mas de que outra maneira eles iriam proceder? E oh, Deus, e se ele não lhe desse as crianças? E se Qhuinn tivesse ouvido que ela estava recebendo uma noite extra e mandara, de sua cama de hospital, que ela não ganhasse o tempo?

Esta noite, de todas as noites, ela precisava de uma lembrança visceral do que estava acontecendo...

Antes que Blay pudesse dizer qualquer coisa, a campainha tocou com outra pessoa que havia chegado à entrada da mansão. Mas Layla não prestou atenção nisso. Por que deveria? Ela não morava mais aqui...

Layla deu meia volta.

E piscou para o impossível.

Qhuinn estava vindo do vestíbulo... com Xcor ao seu lado.

Layla piscou novamente e esfregou os olhos, seu cérebro incapaz de compreender o que estava olhando. Certamente Qhuinn, de todas as pessoas, não poderia... não iria...

Espere, por que seu macho não estava em um avião?

Xcor levantou seu olhar para ela e deu um passo à frente... e depois outro. Ele não focou em nada além dela, toda a grandeza e a cor do vestíbulo pareceu não significar nada para ele.

Que se dane os porquês e os comos, pensou Layla quando explodiu em ação, lançando-se em direção a ele, imaginando que se isso fosse uma invenção de sua imaginação, poderia muito bem descobrir agora.

E se ela afundasse o rosto no chão de mosaico?

Ela não estaria em mais dor do que já estava.

— Meu amor — disse Xcor enquanto pegava todo seu peso e a segurava do chão.

Quando começou a chorar em total confusão e algum tipo de alegria hesitante, ela olhou por cima do ombro dele.

Qhuinn estava encarando os dois. E então ele moveu o olhar azul e verde até onde Blay estava de pé no alto da escada e começou a sorrir.

Layla aliviou-se do aperto de Xcor. Aproximando-se do pai de seus filhos, teve que limpar a garganta e enxugar o rosto.

— Qhuinn...

— Me desculpe — ele disse para ela com uma voz rouca. — Eu realmente... peço desculpas.

Tudo o que ela pôde fazer foi olhar para ele em choque.

Com outro rápido olhar para Blay, Qhuinn respirou fundo.

— Olha, você fez o melhor que pôde e isso foi difícil para todos. Me desculpe eu reagir como eu fiz... estava além de mim. Mas eu simplesmente... eu amo os nossos filhos, e a ideia de que eles poderiam estar em perigo? Me aterrorizou até a insanidade. Eu sei que seu perdão não pode vir imediatamente e...

Layla saltou para ele e colocou seus braços ao redor do pai de seus filhos, e enquanto ela se segurava nele tão apertado que ela não podia respirar, suspeitou que nem ele poderia.

— Desculpe também, oh Deus, Qhuinn, sinto muito...

Desculpas bagunçadas e cheias de lágrimas eram as melhores, especialmente quando eram aceitas com corações abertos de ambos os lados.

Quando eles finalmente se separaram, ela se encaixou sob o braço de Xcor, e Qhuinn estendeu a mão para o outro macho.

— Como eu disse a você no carro vindo para cá — disse ele — não que você precise ou queira, mas vocês dois têm minha benção. Cem por cento.

Xcor sorriu e apertou o que foi oferecido.

— Por seu apoio, estou mais honrado nesta noite do que qualquer outra.

— Ótimo. Isso é muito bom — Qhuinn inclinou-se para Layla. — Acontece que ele não é um cara tão mau, afinal. Vai entender.

Enquanto ela ria, Qhuinn bateu no ombro do macho. — Então venha, hora de conhecer as crianças. E ver onde você vai ficar.

O mundo ficou cambaleante para Layla novamente e ela olhou entre Qhuinn e Xcor.

— Espera, o que é... o que vocês...

— Se vocês dois estiverem adequadamente acasalados... — o Irmão levantou o dedo indicador — e eu digo que sou um macho antiquado, então eu quero que a mãe dos meus filhos seja adequadamente acasalada, ele tem que viver aqui.

Naquele momento, a campainha tocou novamente, e Fritz, que estava limpando os olhos com um lenço branco, voltou para a porta.

O mordomo deixou Tohr entrar, o que não era uma surpresa, e em seguida, todos os Bastardos entraram no vestíbulo também. Cada um deles.

Ela olhou Xcor e Qhuinn em estado de choque.

— Eles também estão vindo morar aqui?

— Tipo de pacote fechado — disse Qhuinn com um sorriso. — Além do mais, ouvi que eles são ótimos juntos, então é um bônus. Peguem suas merdas, garotos. Este é Fritz. Vocês aprenderão a amá-lo, especialmente quando ele engoma suas meias.

Layla estava em um deslumbramento absoluto quando os guerreiros começaram a trazer todos os tipos de mochilas. E então ela foi escoltada até o topo da escada por dois dos três homens mais importantes da sua vida.

Blay, o terceiro, sorriu para ela e deu um grande abraço. E então o trio deles foi passando pelo estúdio de Wrath em direção ao corredor das estátuas.

O que a fez perguntar:

— E Wrath está bem com isso?

Qhuinn assentiu quando Blay respondeu:

— Mais guerreiros é sempre melhor. E Deus sabe que temos quartos. Além disso, Fritz estará no céu, mais para cozinhar, mais para limpar depois.

— E, maldição, esses machos são bons no campo — Qhuinn olhou para ela. — Na noite passada? Teria sido uma tragédia para os livros de história sem o seu macho.

Xcor não mostrou reação ao elogio. Bem, a menos que você contasse o tom de vermelho que atingia suas bochechas. — Bem, o mesmo pode ser dito para os Irmãos.

Quando chegaram à suíte onde estavam as crianças, foi Qhuinn quem deu um passo à frente e abriu a porta.

Blay entrou primeiro e Xcor hesitou... antes de colocar um pé vacilante sobre o limiar. E depois outro. Como se talvez estivesse assustado, como se houvesse um monstro debaixo da cama ou algo assim.

Layla olhou para Qhuinn. E então ela pegou sua mão.

— Obrigada. Por isso.

Qhuinn curvou-se tão baixo que foi quase paralelo ao chão. Quando se endireitou, ele colocou um beijo em sua testa e murmurou:

— E obrigado, pelos nossos filhos.

Layla deu um apertão no antebraço dele e depois entrou.

Xcor parou no centro do quarto e ficou olhando para os berçários como se estivesse aterrorizado.

— Está tudo bem — disse ela, exortando-o. — Eles não vão morder.

Ela o levou para Rhamp primeiro, e enquanto Xcor olhava com admiração para a criança, ele enrugou a testa em resposta.

Xcor riu num ímpeto.

— Querido destino, isso é um guerreiro bem aqui.

Qhuinn e Blay se aproximaram de mãos dadas e Qhuinn disse:

— Certo? É isso exatamente o que eu penso. Ele é durão, você não é, Rhamp? Também despeja resíduos tóxicos. Você aprenderá mais tarde.

As sobrancelhas de Xcor dispararam.

— Tóxicos...

— Figura de linguagem. Mas espere até cheirar. Põe cabelo no peito, e vampiros não têm isso.

— E essa é Lyric — disse Layla.

Xcor fez uma expressão perplexa quando foi olhar para o outro berço, mas então tudo nele mudou.

Seus olhos se encheram de lágrimas, e desta vez elas caíram de seus olhos. Olhando para Layla, ele disse.

— Ela parece... exatamente como você.

Enquanto Xcor lutava para se recompor, Blay e Qhuinn vieram atrás dele.

— Ela não é linda? — Qhuinn disse com uma voz rouca. — Assim como a nossa Layla.

Layla observou os três enormes guerreiros inclinados sobre a minúscula fêmea ... e foi dominada por uma sensação de amor e plenitude. Foi uma longa e dura estrada, e muitas vezes tudo poderia ter sido perdido. E, no entanto, aqui estavam, juntos, como uma família de sangue... e escolha.

Naquele momento, ela percebeu que Lassiter estava de pé na entrada do quarto.

Colocando o dedo indicador em seus lábios, ele fez um show de Shhhhhhhhhh. E então piscou para ela e silenciosamente desapareceu.

Ela sorriu para as faíscas que caíram de seu rastro.

— Esse anjo pode ser mais adequado para o trabalho do que ele imagina.

— O quê? — Perguntou Xcor.

— Nada — murmurou enquanto se inclinava e o beijava.

Ou talvez fosse tudo. Quem poderia dizer?

— Quer segurá-la? — Perguntou Qhuinn.

Xcor recuou como se alguém tivesse perguntado se ele gostaria de um ferro em brasa nas suas mãos. Então ele se recuperou, balançando a cabeça enquanto fazia um show de esfregar suas lágrimas, como se tivesse um marcador permanente em suas bochechas.

— Eu não acho que estou bem preparado para isso. Ela parece... tão delicada.

— Ela é forte, no entanto. Também tem o sangue de sua *mahmen* nela — Qhuinn olhou para Blay. — E tem bons pais. Ambos são. Estamos juntos nisso, gente, três pais e uma mãe, dois filhos. Pronto!

A voz de Xcor ficou baixa.

— Um pai...? — Ele riu suavemente. — Eu fui de não ter família, a ter uma companheira, um irmão e agora ...

Qhuinn assentiu.

— Um filho e uma filha. Enquanto você for o *hellren* de Layla, você também é pai deles.

O sorriso de Xcor foi transformador, tão largo que esticava o rosto em algo que nunca tinha visto.

— Um filho e uma filha.

— Isso é certo — sussurrou Layla com alegria.

Mas então, instantaneamente essa expressão em seu rosto desapareceu, seus lábios afinando e suas sobrancelhas caíram como se ele estivesse pronto para atacar.

— Ela *nunca* vai namorar. Não me importo quem ele seja...

— Certo! — Qhuinn esticou a palma da mão para um “bate aqui”. — É disso que estou falando!

— Agora calma — Blay interveio enquanto batiam as mãos. — Ela tem todo o direito de viver sua vida como ela escolher.

— Sim, vamos lá — acrescentou Layla. — Esta coisa de dois pesos, duas medidas é ridícula. Ela vai ser permitida...

Quando a discussão começou, ela e Blay caíram um ao lado do outro, e Qhuinn e Xcor se alinharam ombro a ombro, seus enormes antebraços atravessaram seus peitos.

— Sou bom com uma arma — disse Xcor como se fosse o fim do assunto.

— E eu posso lidar com a pá — disse Qhuinn. — Eles nunca encontrarão o corpo.

Os dois batiam os nós dos dedos e pareciam tão sérios que Layla teve que revirar os olhos. Mas então ela estava sorrindo.

— Vocês querem saber de uma coisa? — Ela disse aos três. — Eu realmente acredito... que tudo vai ficar bem. Nós vamos resolver isso juntos porque isso é o que as famílias fazem.

Quando ela se levantou na ponta dos pés e beijou seu macho, ela disse:

— O amor tem um modo de consertar tudo... até mesmo sua filhinha começar a namorar.

— O que não vai acontecer — replicou Xcor. — Nunca.

— Meu amigo — disse Qhuinn, apoiando-o. — Eu sabia que gostava de você...

— Oh, pelo amor — murmurou Layla à medida que o debate continuava, e Blay começou a rir e Qhuinn e Xcor continuaram unidos.

Mas isso mostrou que ela estava certa.

Tudo resolvia exatamente como era suposto, e o amor triunfava em todos os tipos de desafios. E anos e anos e anos depois... Lyric realmente namoraria alguém.

Exceto que esta é outra história, para outra hora.